MAPPA
DE
PORTUGAL
ANTIGO, E MODERNO

PELO PADRE

JOAÕ BAUTISTA DE CASTRO,

Beneficiado na Santa Basilica Patriarcal de Lisboa.

TOMO TERCEIRO.

PARTE V.

Nesta segunda ediçaõ revisto, e augmentado pelo seu mesmo Author; e recopila em Taboas Topograficas as Povoações principaes da Extremadura, com a descripçaõ exacta da Cidade de Lisboa, e seu Termo, antes e depois do terremoto; a que se ajunta o Roteiro terreste do mesmo Reino, com as derrotas por travessia.

LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LXIII

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

ADVERTENCIA.

NEste terceiro Tomo diſtribuo as preciſas noticias, que já dey a ler na quinta Parte do Mappa, mas com alguns retoques, poſto que poucos; porque a inconſtancia continua, em que nos deixou o terremoto paſſado, tem feito produzir a cada paſſo tranſmutações differentes, donde ſerá deſculpavel, ſe olhando para o eſtado actual de algumas couſas obſervarem aqui os Leitores ſemblante diverſo.

Naõ pertendo tambem meter aos curioſos na eſperança da continuaçaõ da Obra: A vida, e o Author della, ſaõ os que verdadeiramente podem ſegurar o deſempenho: farey por naõ deſtruir, nem deſmerecer ao menos com a ocioſidade o habito da applicaçaõ, adquirido por tantos annos; e unido ao eſpecial affecto que conſervo à Patria.

Na pag. 416. do primeiro tomo ſe emmende o lugar da ſepultura do Senhor Infante D. Antonio, o qual eſtá ſepultado na Igreja de S. Vicente de Fóra.

LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

POdem-se reimprimir os cinco tomos, de que se faz mençaõ, e depois voltaráõ conferidos para se dar licença que corraõ, sem a qual naõ correráõ. Lisboa, 23 de Abril de 1762.

Trigoso. Lima.

Do Ordinario.

POde-se reimprimir os tomos de que trata a petiçaõ, e depois tornem para se dar licença para correr. Lisboa, 23 de Abril de 1762.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

Do Desembargo do Paço.

QUe se possaõ reimprimir, e depois de impressos tornaráõ conferidos para as licenças de correr. Lisboa, 24 de Abril de 1762.

Com quatro Rubricas.

POdem correr. Lisboa, 10 de Mayo de 1763.
Trigoso. Carvalho. Mello.

POdem correr. Lisboa, 16 de Mayo de 1763.
Costa.

QUe possaõ correr, e taixaõ o primeiro e segundo tomo em quinhentos reis cada hum, e o terceiro em seis tostões. Lisboa, 16 de Mayo de 1763.
Com tres Rubricas.

MAP-

MAPPA DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

Explicaçaõ das Taboas Topograficas, em que ſe comprehendem as principaes Povoações da Provincia da Eſtremadura.

1 AS quatro precedentes Partes do noſſo Mappa temos dado huma informaçaõ generica, e methodica de todo o Reino de Portugal; agora parece naõ ſó juſto, mas util para a Hiſtoria do meſmo Reino, penetrarmos o interior de ſeu Continente, examinando, e deſcrevendo com alguma miudeza as Povoações mais notaveis, de que elle ſe compoem.

2 Para iſſo começamos pela Provincia da Eſtremadura, naõ ſó por ſer a capital do Reino, mas

por vermos nella a diſtincta vantagem, que logra, além de outras, em ſer o aſſento Regio, onde reſide a Mageſtade do ſeu Soberano com toda a pompa, e grandeza da ſua Corte.

3 Das Povoações mais inſignes, iſto he, Cidades, e Villas, de que conſta eſta Provincia, deſenhámos primeiro que tudo as Taboas Topograficas, para que em breve eſpaço, e a huma viſta ſe viſſe com facilidade o mais eſſencial de cada huma por eſta fórma.

4 Na primeira columna, que ſerve como de indice das outras, ſe aſſinaõ os pontos preciſos de cada Povoaçaõ, e eſtas vaõ collocadas por ordem alfabetica nas cabeceiras das outras columnas, e por iſſo diz o ſeu primeiro titulo: *Povoações principaes da Eſtremadura.*

5 *Comarca.* Eſte he o ſegundo titulo da primeira columna, que aponta a Povoaçaõ cabeça de Comarca, a que eſtá ſubordinada civilmente a dita terra. V. g. *Abiul* eſtá ſujeita à Comarca, ou juriſdiçaõ do Corregedor de Thomar; porém quando a tal Villa he a propria cabeça de Comarca, como v. g. *Abrantes*, entaõ ſe denota a ſua iſençaõ com eſte final. *

6 *Dieceſe.* Indica eſte titulo o dominio Eccleſiaſtico, a quem deve obediencia a dita Povoaçaõ, v. g. *Abiul* eſtá no territorio ſubordinado ao Biſpo de Coimbra. Eſcolhemos a palavra *Dieceſe*, por ſer tranſcendente, e propria a explicar a ordinaria juriſdiçaõ Eccleſiaſtica, aſſim Epiſcopal, como Metropolitana, e Patriarcal; mas ſe a dita Povoaçaõ he onde reſide a Igreja Cathedral, ſe diſtingue com eſta nota. †

7 *Altura do Polo.* Moſtra com os numeros, que aponta, os gráos, e minutos de latitude, e longitude Geografica, iſto he, a diſtancia, que as taes Povoações tem da Equinocial para o Polo, e eſta ſe indica nos primeiros numeros; e os que eſtaõ por bai-

baixo immediatamente na ſegunda regra moſtraõ tambem os gráos, e minutos, que diſtaõ as Povoações de Leſte a Oeſte, ou quanto ſe afaſtaõ do primeiro Meridiano. He de advertir, que para determinarmos a ſituaçaõ dos taes lugares, nos valemos da Carta Geografica de Joaõ Bautiſta Hommanu, impreſſa no anno de 1736, por ſer, como já temos dito em outra parte, a que melhor ſe ajuſta às computações mais exactas, e tambem para aſſim ſeguirmos hum calculo igual; pois, como ſabem os doutos, ſaõ diverſiſſimos os ſyſtemas dos Geografos na arrumaçaõ das terras.

8 *Diſtancia de Lisboa.* Manifeſta as legoas, que diſta a tal Povoaçaõ da Corte, a qual fizemos centro de todas as mais terras, conformando-nos com o noſſo Roteiro, e orientando-as, para ſe ſaber em que parte eſtaõ ſituadas.

9 *Foral.* Declara quem deu foral ao dito Lugar, ou quem reformou o antigo, iſto he, quem lhe impoz, ou reformou as primeiras leys municipaes, tributos, ou privilegios. Para iſto examinámos com diligencia os grandes cinco Tomos dos Foraes, que exiſtem no Archivo authentico chamado *Torre do Tombo*, feitos pelo ſeu Guarda mór Fernaõ de Pina em tempo do Senhor Rey D. Manoel, os quaes com urbanidade, e franqueza nos fez ver o ſeu Guarda mór Joaõ Couceiro de Abreu logo nos principios, que emprendémos eſte trabalho.

10 *Paroquias.* Eſte titulo moſtra as Paroquias, que ha no territorio da Povoaçaõ; com advertencia, que o primeiro numero indica as que ha dentro da Villa, e o ſegundo numero correſpondente, e dentro da meſma columna declara as que ha no ſeu Termo, v. g. *Abiul* tem huma Freguezia dentro da Villa, e duas no Termo.

11 *Conventos*, e *Moſteiros.* Neſtes dous titulos ſeparados ſe aſſinaõ os Conventos de Religioſos, e Moſteiros de Religioſas, que exiſtem ou dentro, ou

no Termo da Povoaçaõ. Fazemos differença de Convento a Mosteiro para mayor clareza, e nisto imitamos ao Padre Chronista Fr. Manoel da Esperança, que na 1. *part. da Historia Serafica num.* 12. *das Declarações Proemiaes* assim o observa.

12 *Ermidas.* Expoem as Igrejas, que ha na Povoaçaõ, ou no seu Termo, com a mesma expressaõ dos dous numeros respectivos.

13 *Fogos.* Neste ponto se assina o numero das familias de cada Povoaçaõ; e por naõ ser facil a averiguaçaõ exacta de todas, as demarcamos ordinariamente com o numero redondo.

14 *Donatario.* Mostra quem he o senhor da terra, ou a quem pertence o dominio della.

15 *Feira.* Diz em que tempo ha mercado publico livre, ou pensionado nas taes Povoações.

16 Estes parecem ser os pontos mais precisos, que entendemos se deviaõ demarcar em as abbreviadas Taboas do nosso Mappa, reservando porém sempre o mais, que lhe pertence para os outros Capitulos, que se haõ de seguir, onde diremos tambem o mais essencial de cada Villa. E porque, segundo o nosso methodo, devia seguirse primeiramente a descripçaõ de *Abiul*, todavia deve preferir a todas as mais Povoações a Cidade de *Lisboa*, como capital naõ só da Provincia, mas do Reino todo.

17 A mesma preferencia devia seguir a Cidade de *Leiria*, se acaso as memorias, que pedimos, nos chegassem a tempo de as podermos coordenar neste Tomo; porém a pouca applicaçaõ, e diligencia, que até agora temos experimentado em quem se offereceo a communicarnolas, nos obrigará a collocalla no lugar natural da ordem progressiva alfabetica, e aproveitarnos do que a nossa unica diligencia, e trabalho tem adquirido, desejando em tudo conformarnos com a verdade, pondo, e applicando para esse effeito todo o cuidado, que entendemos ser preciso para semelhante empreza. Passemos à projecçaõ das Taboas.

TA-

TABOAS TOPOGRAFICAS

DAS

PRINCIPAES POVOAÇÕES,

que comprehende a Provincia

DA

ESTREMADURA.

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Abiul.*		*Abrantes.*	
Comarca.	Thomar.		*	
Dieceſe.	Coimbra.		Guarda.	
Altura do Polo.	39 9	54 51	39 10	24 22
Diſt. de Lisboa.	25. para o Nort.		23. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Manoel reformou o ſeu Foral a 14 de Julho de 1515.		ElRey D. Affonſo Henriques lhe deu Foral, e ElRey D. Manoel o reformou no primeiro de Junho de 1510.	
Paroquias.	1.	2.	4.	14.
Conventos.			2.	
Moſteiros.			2.	
Ermidas.	1.	9.	13.	10.
Fogos.	50.	370.	1000.	1900.
Donatario.	Foy do Duque de Aveiro, hoje he da Coroa.		He cabeça de Marquezado.	
Feiras.	No 1. Domingo de Agoſto.		Em 24 de Fevereiro ſeis dias.	

Aguas

Aguas bellas.	*Aguda.*	*Alanquer.*
Thomar.	Thomar.	*
Coimbra.	Coimbra.	Lisboa.
39 37 10 9		39 8 9 28
20. para o Nord.	23. para o Nort.	7. e meya Nort.
ElRey D. Joaõ I. lhe deu Foral no anno 1390, e ElRey D. Manoel o reformou no anno 1513.		A Infanta Dona Sancha lhe deu Foral, que confirmou D. Manoel no anno de 1510.
1.	1.	5. 13.
		2. 5.
		1.
1. 4.	1.	6. 21.
30. 150.	20. 120.	500. 1500.
De Duarte Sodré.	Do Senhor Infante D. Pedro.	He das Sereniſsimas Rainhas.
Em 27 de Agoſto franca.	Em 28 de Out. e a 13 de Dez. no Term. da Vil.	

Povoaç. princ. da Estremadura.	Alcacer do Sal.		Alcanede.	
Comarca.	Setubal.		Santarem.	
Diecese.	Evora.		Lisboa.	
Altura do Polo.	38 9	19 50	39 9	24 35
Dist. de Lisboa.	14. para Leste.		16. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Affonso II. a mandou povoar no anno de 1217.		ElRey D. Affonso I. a mandou povoar no anno 1163, e ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.	
Paroquias.	2.	9.	1.	8.
Conventos.	1.			
Mosteiros.	1.			
Ermidas.	11.	5.	17	18.
Fogos.	630.	800.	300.	800.
Donatario.	Do Mestrado de Santiago.		Do Mestrado de Avís.	
Feiras.	Na Dominga do Bom Pastor tres dias franca.			

Al-

Alcobaça.		*Alcoentre.*		*Alcouchete.*	
Leiria.		Santarem.		Setubal.	
Lisboa.		Lisboa.		Lisboa.	
39	42	39	10	38	45
9	17	9	10	9	30
18. para o Nort.		11. para o Nort.		3. para o Sueste.	
ElRey D. Affonso I. a fundou no ann. de 1148, e ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1513.		ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral antigo no anno de 1513.		ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1515.	
1.	1.	1.	1.	1.	1.
1.	1.				1.
3.	2.	4.	3.	3.	
420.	130.	150.	60.	280.	90.
Do D. Abbade de Alcobaça.		Do Conde de Vimieiro.		He do Mestrado de Santiago.	
Em 20 de Agosto, e em 30 de Novembro.					

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Aldêa Gallega.*	*Aldêa Gallega da Merciana.*
Comarca.	Setubal.	Alanquer.
Diecese.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	38 41 9 21	39 5 9 10
Dist. de Lisboa.	3. para o Sueste.	9. para o Norte.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1513.
Paroquias.	1. 1.	1. 1.
Conventos.	1. 1.	1. 1.
Mosteiros.		
Ermidas.	2. 3.	3. 7.
Fogos.	450. 200.	130. 200.
Donatario.	He do Mestrado de Santiago.	He das Serenissimas Rainhas.
Feiras.		A 25 de Março, e no Doming. da SS. Trindade.

Al-

Alfeizirão.		*Alhandra.*		*Alhos-Vedros.*	
Leiria.		Torres-Vedras.		Setubal.	
Lisboa.		Lisboa.		Lisboa.	
39 9	28 11	38 9	55 11	38 9	37 22
17. para o Nort.		5. para o Nord.		3. para o Sueste.	
ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1513.		D. Soeiro I. Bispo de Lisboa lhe deu Foral no anno de 1203.		ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1514.	
1.		1.	2.	1.	
			1.		2.
2.		4.	1.	3.	1.
60.	100.	400.	500.	200.	100.
Do D. Abbade de Alcobaça.		He dos Eminentissimos Patriarcas de Lisboa.		He do Mestrado de Santiago.	
Em dia de Santo Amaro tres dias.		Em 15 de Agosto franca.			

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Aljubarrota.*	*Almada.*
Comarca.	Leiria.	Setubal.
Diecese.	Leiria.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 30 9 20	38 44 9 13
Dist. de Lisboa.	18. para o Nort.	meya para o Sul.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1514.	ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral no anno de 1187.
Paroquias.	2.	2. 4.
Conventos.		1. 3.
Mosteiros.		
Ermidas.	5.	4. 16.
Fogos.	400.	700. 800.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He da Coroa.
Feiras.		

Almeirim.	*Alpedriz.*	*Alváres.*
Santarem.	Leiria.	Thomar.
Lisboa.	Leiria.	Coimbra.
39 10 9 45	39 35 9 20	39 56 10 21
14. para o Nord.	15. para o Nort.	7. para o Nord.
ElRey D. Joaõ I. a fundou no anno de 1411.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno 1515.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1514.
1.	1.	1.
1.		
3.	4.	3. 9.
300.	200.	40. 260.
He da Coroa.	He da Ordem Militar de Avís.	

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Alvaro.*		*Alverca.*	
Comarca.	Thomar.		Torres-Vedras.	
Diecese.	*Nullius Diœcesis.*		Lisboa.	
Altura do Polo.	39 10	38 8	38 9	55 10
Dist. de Lisboa.	32. para o Nord.		4. para o Norte.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1514.			
Paroquias.	1.	1	1.	1.
Conventos.			2.	
Mosteiros.				
Ermidas.	6.	13.	3.	
Fogos.	90.	370.	350.	100.
Donatario.	He do Marquez de Marialva.		Do Proved. das Capell. delRey D. Affonso IV.	
Feiras.			Em 15 de Julho tres dias franca.	

Alvorninha.		*Amendoa.*		*Aréga.*	
Leiria.		Thomar.		Thomar.	
Lisboa.		Guarda.		Coimbra.	
39	30	39	35	39	54
9	22	10	15	10	50
13. para o Nort.		20. para o Nord.		27. para o Nord.	
ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1513.				ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1513.	
1.	1.	1.		1.	
5.	13.	3.		2.	3.
500.	200.	140.	60.	230.	200.
Do D. Abbade de Alcobaça.		He da Coroa.		He do Duque de Cadaval.	

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Arruda.*		*Assinceira.*	
Comarca.	Torres-Vedras.		Thomar.	
Diecese.	Lisboa.		Lisboa.	
Altura do Polo.	39 9	3 12	39 10	34 0
Dist. de Lisboa.	6. para o Norte.		21. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1517.		ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315, e Filippe II. o reformou no anno de 1591.	
Paroquias.	1.	1.	1.	
Conventos.			1.	
Mosteiros.				
Ermidas.	2.	9.	1.	
Fogos.	260.	50.	150.	
Donatario.	He do Mestrado de Santiago.		He do Conde de Atalaya.	
Feiras.	Em 24 de Junho tres dias franca.			

Ata-

Atalaya.	*Atouguia.*	*Aveiras debaixo.*
Thomar.	Leiria.	Santarem.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 31 10 9	39 12 9 0	39 7 9 31
20. para o Nord.	10. para Noroest	9. para o Nord.
ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315.	Guilherme La corni a povoou no ann. de 1165, e ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral.
1.	1.	1.
	1	1.
4. 3.	6. 3.	2.
350. 250.	100. 120.	200.
He do Conde de Atalaya, hoje Marq. de Tanc.	Foy do Conde de Atouguia, hoje he da Coroa.	He do Conde de Aveiras.
A 20 de Janeiro tres dias franca.		Em 8 de Setembro no Lugar das Virtudes.

Povoaç. princ. da Estremadura.	Aveiras de cima.	Avelar.
Comarca.	Santarem.	Ourem.
Diecese.	Lisboa.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 8 9 32	
Dist. de Lisboa.	9. para o Nord.	25. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel reformou o seu Foral no anno de 1513.	
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Mosteiros.		
Ermidas.	2. 1.	2.
Fogos.	100. 50.	50. 200.
Donatario.	He das Cõmendadeiras de Santos de Lisboa.	He da Casa do Infantado.
Feiras.		

Azam-

Azambuja.	*Azambujeira.*	*Azeitaõ limite.*
Santarem.	Santarem.	Setubal.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 5 9 22	39 18 9 21	38 30 9 18
10. para o Nort.	15. para o Nort.	7. para o Sueste.
ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1513.	ElRey D. Joaõ IV. a fez Villa no anno de 1654.	ElRey D. Pedro I. lhe confirmou seus privilegios.
1.	1.	2.
		1. 1.
4. 3.	2.	14.
700. 200.	40. 110.	200. 100.
De D. Antonio Rolim de Moura.	He do Conde de Soure.	Foy da Casa de Aveiro, hoje he da Coroa.
No ultimo Domingo de Outubro.		

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Batalha.*		*Barreiro.*	
Comarca.	Leiria.		Setubal.	
Diecese.	Leiria.		Lisboa.	
Altura do Polo.	39 19	34 31	38 9	36 12
Dist. de Lisboa.	19. para o Nort.		2. para o Sul.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1504.			
Paroquias.	1.		1.	
Conventos.	1.			1.
Mosteiros.				
Ermidas.	1.	9.	3.	
Fogos.	200.	300.	300.	
Donatario.			Foy da Casa de Aveiro, hoje he da Coroa.	
Feiras.	Em 15 de Agost. oito dias franca.			

Bel-

Bellas.	*Cabrella.*	*Cadaval.*
Torres-Vedras.	Setubal.	Torres-Vedras.
Lisboa.	Evora.	Lisboa.
38 50 9 0	38 32 9 51	39 13 9 12
1. e meya Nort.	12. para Suefte.	12. para o Nort.
	O Venerav. Rey D. Affonfo I. lhe deu Foral, e D. Manoel a fez Villa no anno de 1517.	ElRey D. Fernando a fez Villa no anno de 1371.
1.	1. 1.	1. 8. 1.
2. 7.	3. 1.	4. 17.
100. 300.	300.	120. 900.
He do Conde de Pombeiro.	He do Meftrado de Santiago.	He cabeça de Ducado.
		Em 8 de Dezembro.

Po-

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Caldas.*	*Ç,amora Correa.*
Comarca.	Alanquer.	Setubal.
Diecese.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 26 9 11	38 50 9 30
Dist. de Lisboa.	14. para o Nort.	7. para o Leste.
Foral.	A Rainha Dona Leonor a mandou povoar no anno de 1488.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1510.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Mosteiros.		
Ermidas.	5.	1.
Fogos.	300.	160.
Donatario.	He das Serenissimas Rainhas.	Foy da Casa de Aveiro, hoje he da Coroa.
Feiras.	A 14 de Agosto tres dias franca.	

Ca-

Canha.	*Caſcaes.*	*Caſtanheira.*
Setubal.	Torres-Vedras.	Torres-Vedras.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 43 9 38	38 49 8 54	38 56 9 30
9. para o Leſte.	5. para o Oeſte.	7. para o Nord.
O Venerav. Rey D. Affonſo I. lhe deu Foral.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1510.
1.	2. 4.	1.
	2.	1.
		1.
2.	13. 9.	2.
200. 150.	900. 800.	500.
He do Meſtrado de Santiago.	He cabeça de Marquezado.	He da Caſa do Infantado.

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Santa Catharina.*		*Cella.*	
Comarca.	Leiria.		Leiria.	
Diecese.	Lisboa.		Lisboa.	
Altura do Polo.	39 9	24 19	39 9	26 11
Dist. de Lisboa.	16. para o Nort.		19. para o Nort.	
Foral.	Dom Fr. Joaõ Martins, Geral de Alcobaça.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral, e a fez Villa.	
Paroquias.	1.	3.	1.	
Conventos.				
Mosteiros.				
Ermidas.	3.	7.	2.	3.
Fogos.	180.	390	130.	80.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.		Do D. Abbade de Alcobaça.	
Feiras.	A 25 de Novembro 2. dias franca.			

Ce-

Cezimbra.		*Chaõ do Couce.*		*Chamuſca.*	
Setubal.		Thomar.		Alanquer.	
Lisboa.		Coimbra.		Lisboa.	
38	27	39	55	38	16
9	6	10	0	9	52
6. para o Sul.		24. para o Nord.		17. para o Nord.	
ElRey D. Sancho I. a mandou povoar no anno de 1200.				ElRey D. Sebaſtiaõ lhe deu Foral no anno de 1561, e a fez Villa.	
2.	2.	1.	1	1.	
					1.
2.	2.		1.	5.	
500.	780.	30.	60.	630.	
Foy da Caſa de Aveiro, hoje he da Coroa.		He da Caſa do Infantado.		He das Sereniſſimas Rainhas.	
				A 13 de Fevereiro tres dias.	

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Chileiros.*		*Cintra.*	
Comarca.	Torres-Vedras.		Alanquer.	
Diecese.	Lisboa.		Lisboa.	
Altura do Polo.	38 9	56 6	38 8	54 57
Dist. de Lisboa.	4 para Noroest.		5 para Noroest.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral antigo no anno de 1516.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1519.	
Paroquias.	1.	1.	4.	6.
Conventos.				
Mosteiros.			3.	
Ermidas.	3.	2.	5.	16.
Fogos.	100.		560.	2000.
Donatario.	He da Casa do Infantado.		He das Serenissimas Rainhas.	
Feiras.				

Coi-

Coina.	*Collares.*	*Cós.*
Setubal.	Torres-Vedras.	Leiria.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 35. 9 21	38 55. 8 46	39 30. 9 21
3. e meya Sueſt.	6. para Noroeſt.	19. para o Nort.
ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1516.	ElRey D. Diniz lhe deu Foral, e D. Manoel o reformou no anno de 1516.	Dom Fr. Pedro Gonçalves, Geral de Alcobaça.
1.	1.	1.
	1.	
		1.
2.	3. 6.	2. 7.
170.	100. 250.	100. 150.
He das Cõmendadeiras de Santos.	He da Coroa.	Do D. Abbade de Alcobaça.

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Dornes.*		*Ega.*	
Comarca.	Thomar.		Leiria.	
Diecese.	Coimbra.		Coimbra.	
Altura do Polo.	39 10	45 11	39 9	59 46
Dist. de Lisboa.	26. para o Nord.		30. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.		ElRey D. Manoel lhe confirmou o Foral no anno de 1514.	
Paroquias.	1.	2.	1.	1.
Conventos.		1		
Mosteiros.				
Ermidas.	5.	16.	2.	12.
Fogos.	130.	280.	100.	140.
Donatario.	He do Mestrado de Christo.		He do Mestrado de Christo.	
Feiras.			A 3 de Fevereiro, e a 11 de Novembro.	

Enxara dos Cavalleiros.		*Ericeira.*		*Erra.*	
Torres-Vedras.		Torres-Vedras.		Santarem.	
Lisboa.		Lisboa.		Lisboa.	
38	56	39	3	39	0
9	10	8	49	10	10
5. para o Norte.		7. para Noroeſt.		14. para o Leſte.	
ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral em 20 de Novembr. de 1519.		ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral em 30 de Agoſto de 1513.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.	
1.		1.		1.	1.
				1.	
1.	2.	4.			
70.	80.	250.		200.	
He dos Viſcond. de Villa-Nova de Cerveira.		He Cabeça de Condado.		He do Conde de Atalaya.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Evora de Alcobaça.*	*Ferreira.*
Comarca.	Leiria.	Thomar.
Diccese.	Lisboa.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 25 9 22	39 33 10 20
Diſt. de Lisboa.	19. para o Nort.	28. para o Nord.
Foral.	D. Fr. Martinho II. Geral de Alcobaça.	
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.	3.	3.
Fogos.	250.	18. 170.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He do Meſtrado de Chriſto.
Feiras.		

Fi-

Figueiró dos Vinhos.	*Golegã.*	*Grandola.*
Thomar.	Santarem.	Setubal.
Coimbra.	Lisboa.	Evora.
39 55 10 10	39 25 9 58	38 10 9 40
28. para o Nord.	18. para o Nord.	16. para o Sul.
ElRey D. Sancho I. a fez Villa no anno de 1187.		ElRey D. Joaõ III. lhe deu Foral no anno de 1543.
1.	1.	1. 2.
1.	1.	
1.		
5.	4. 3.	5.
500.	600.	250. 550.
He do Conde de Redondo.	He da Coroa.	He do Duque de Cadaval.
Em 27 de Julho tres dias franca.	Em 11 de Novembro 3. dias	

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Lamarosa.*	*Lavradio.*
Comarca.	Santarem.	Setubal.
Diecese.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 1 10 0	38 36 9 12
Dist. de Lisboa.	15. para o Nord.	2. para o Sul.
Foral.		
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		1.
Mosteiros.		
Ermidas.	3.	
Fogos.	50.	140.
Donatario.	He de Manoel Telles de Menezes.	He cabeça de Condado.
Feiras.		

Lei-

Leiria Cidade.		*Lisboa Cidade, e Corte.*		*Lourinhã.*	
*		*		Torres-Vedras.	
†		✠		Lisboa.	
39	47	38	48		
9	36	9	15		
21. para o Nort.				10. para o Nort.	
ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral no ann. de 1195, e D. Joaõ III. a fez Cidade no anno de 1545.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral em 7 de Agosto de 1500.		ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1512.	
2.	24.	41.	37.	1.	2.
3.		40.	15.	1.	
1.		24.	8.		
10.	84.	136.	152.	5.	
1070.	8000.	400U000.		200.	450.
He da Coroa.				He do Conde de Monsanto.	
		Todas as terças feiras da semana.		Em 16 de Agosto.	

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Maçaõ.*	*Maçãs de Caminho.*
Comarca.	Thomar.	Thomar.
Diecese.	Guarda.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 27 10 25	39 46 10 12
Diſt. de Lisboa.	27. para o Nord.	26. para o Nord.
Foral.		
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Moſteiros.		
Ermidas.		1.
Fogos.	450.	40.
Donatario.	He do Meſtrado de Chriſto.	He da Coroa.
Feiras.		

Ma-

Maçãs de Dona Maria.		*Mafra.*		*S. Martinho.*	
Ourem.		Torres-Vedras.		Leiria.	
Coimbra.		Lisboa.		Lisboa.	
39	46	39	3	39	25
10	13	9	5	9	10
27. para o Nord.		6. para Noroest.		17. e meya Nort.	
		ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1304, e D. Manoel o reformou no anno de 1513.		D. Fr. Estevaõ Martins, Geral de Alcobaça.	
1.		1.	1.	1.	
		1.			
		2.		3.	1.
40.	350.	400.	200.	100.	60.
He da Coroa.		He dos Viscond. de Villa-Nova de Cerveira.		Do D. Abbade de Alcobaça.	
		Em 30 de Novembro.			

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Mayorga.*	*Moita.*
Comarca.	Leiria.	Setubal.
Diecese.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 24 9 25	38 39 9 21
Dist. de Lisboa.	18. para o Nort.	3. para o Sul.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.	ElRey D. Pedro II. a fez Villa.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		—
Mosteiros.		—
Ermidas.	3. 5.	4.
Fogos.	140. 50.	170.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He do Conde de Alvor.
Feiras.		

Mon-

Montargil.	*Mugem.*	*Obidos.*
Santarem.	Santarem.	Alanquer.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
38 58 10 5	39 5 9 43	39 20 9 18
15. para o Nord.	12. para o Nord.	13. para o Nort.
ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1315.	ElRey D. Diniz lhe deu Foral no anno de 1304.	
1.	1.	4. 16.
		2.
		5. 50.
320. 100.	200.	1000. 2800.
Era de D. Joaõ Rolim de Moura. Passou para hum filho segũdo do Conde de Val de Reys.	He do Duque de Cadaval.	He Cabeça de Condado. Em 13 de Setembro tres dias franca.

Povoaç. princ. da Estremadura.	Oeiras.		Ourem.	
Comarca.			*	
Diecese.	Lisboa.		Leiria.	
Altura do Polo.	38 9	50 0	39 9	42 50
Dist. de Lisboa.	3. para o Poente.		22. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Joseph I. a fez Villa no anno de 17...		ElRey D. Pedro II. lhe reformou o seu Foral no anno de 1695.	
Paroquias.	1.	1.	1.	4.
Conventos.	1.		1.	
Mosteiros.				
Ermidas.	20.		3.	50.
Fogos.	500.		900.	2000.
Donatario.	He Cabeça de Condado.		He da Serenissima Casa de Bragança.	
Feiras.				

Pal-

Palmella.		*Pampilhoſa.*		*Payo de Pelle.*	
Setubal.		Thomar.		Thomar.	
Lisboa.		Guarda.		*Nullius Diœceſis.*	
38	13	40	0	39	25
9	21	10	40	10	5
5. para o Sueſte.		34. para o Nord.		20. para o Nord.	
				ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno de 1519.	
2.	2.	1.		1.	
1.	2.				1.
5.	3.	1.	1.	1.	2.
900.	300.	400.		40.	100.
He do Meſtrado de Santiago.		He da Coroa.		He do Meſtrado de Chriſto.	
Em 8 de Dezembro franca.					

Po-

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Pederneira.*	*Pedrogaõ grande.*
Comarca.	Leiria.	Thomar.
Diecese.	Lisboa.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 36 9 11	40 0 10 25
Dist. de Lisboa.	18. para o Nort.	33. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1513.	D. Pedro Affonso, filho de D. Affonso I. lhe deu Foral, que confirmou ElRey D. Affonso III.
Paroquias.	1. 1.	1. 4.
Conventos.		1.
Mosteiros.		
Ermidas.	3. 3.	7. 3.
Fogos.	250. 400.	420. 680.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	He do Conde de Redondo.
Feiras.		

Pe-

Peniche	*Pias.*	*Pombal.*
Leiria.	Thomar.	Leiria.
Lisboa.	*Nullius Diœcesis.*	Coimbra.
39 16 9 0	39 38 10 1	39 50 9 50
12. ao Nornord.	24. para o Nord.	28. para o Nort.
		ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral.
3.	1. 2.	1. 2.
1.		
6.	2. 30.	3. 30.
900.	130. 660.	800. 600.
Foy do Conde de Atouguia, hoje he da Coroa.	He do Mestrado de Christo.	He do Mestrado de Christo.

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Ponte de Sor.*		*Porto de Mós.*	
Comarca.	Thomar.		Ourem.	
Diecese.	Portalegre.		Leiria.	
Altura do Polo.	39 10	9 25	39 09	39 31
Dist. de Lisboa.	23. para o Nord.		19. para o Nort.	
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1514.			
Paroquias.	1.	1.	3.	6.
Conventos.			1.	
Mosteiros.				
Ermidas.	2.		2.	27.
Fogos.	160.	120.	900.	1400.
Donatario.			He da Serenissima Casa de Bragança.	
Feiras.	A 4 de Outubro.		Dia do Espir. S. A 7 de Agosto. A 13 de Dezẽb.	

Pó-

Póvos.	*Pousa-Flores.*	*Punhete.*
Torres-Vedras.	Ourem.	Thomar.
Lisboa.	Leiria.	*Nullius Diœcesis.*
38 58 9 20		39 25 10 10
7. para o Norte.	26. para o Nord.	21. para o Nord.
ElRey D. Sancho I. pelos annos de 1194.		ElRey D. Sebastiaõ a fez Villa.
1.	1.	1.
3.		4. 2.
300.	300.	350. 100.
He da Casa do Infantado.	He da Casa do Infantado.	
		A 5 de Agosto.

Po-

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Pussos.*	*Redinha.*
Comarca.	Thomar.	Leiria.
Diecese.	Coimbra.	Coimbra.
Altura do Polo.	39 50 09 50	39 55 09 50
Dist. de Lisboa.	25. para o Nord.	28. para o Nort.
Foral.		D. Galdim Paes lhe deu o seu Foral.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Mosteiros.		
Ermidas.	1. 6.	2. 1.
Fogos.	150. 40.	400. 160.
Donatario.	He da Coroa.	He do Mestrado de Christo.
Feiras.		

Sa-

Salir do Mato.	*Salir do Porto.*	*Salvaterra de Magos.*
Leiria.	Alanquer.	Santarem.
Lisboa.	Lisboa.	Lisboa.
39 22 9 10	39 25 9 9	39 0 9 40
18. para o Nort.	12. para o Nort.	7. para o Leste.
D. Fr. Martinho III. Geral de Alcobaça.	ElRey D. Affonso Henriques lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1517.
1.	1.	1.
3. 3.	2.	3.
150.	70.	300.
Do D. Abbade de Alcobaça.		He da Coroa.

Po-

Povoaç. princ. da Eſtremadura.	*Santarem.*		*Sardoal.*	
Comarca.	*		Thomar.	
Dieceſe.	Lisboa.		Guarda.	
Altura do Polo.	39 9	19 40	39 10	25 23
Diſt. de Lisboa.	14. para o Nord.		24. para o Nord.	
Foral.	ElRey D. Affonſo III. reformou o ſeu Foral no anno de 1254.			
Paroquias.	13.	33.	1.	4.
Conventos.	13.	2.	1.	
Moſteiros.	2.	2.		
Ermidas.	20.	30.	5.	9.
Fogos.	2160.	8000.	600.	200.
Donatario.	He da Coroa.		He do Marquez de Fontes.	
Feiras.	Em Domingo da Paſcoela, e a 11 de Outubro.		A 28 de Outubro.	

Setubal.	*Sobral de Monte Agraço.*	*Sovereira Formosa.*
*	Torres-Vedras.	Thomar.
Lisboa.	Lisboa.	Guarda.
38 28 9 18		39 44 10 31
6. para o Sul.	6. para o Norte.	28. para o Nord.
ElRey D. Sancho I. lhe deu o Foral.		D. Gil Sanches lhe deu Foral no anno de 1213.
4.	1. 1.	1.
9.		
2.		
3. 2.		
3000.	100. 420.	300.
He do Meftrado de Santiago.		He do Conde de Sarzedas.
A 25 de Julho.		

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Soure.*	*Tancos.*
Comarca.	Leiria.	Thomar.
Diecese.	Coimbra.	Lisboa.
Altura do Polo.	40 0 39 42	39 27 10 5
Dist. de Lisboa.	29. para o Nort.	19. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de 1513.	ElRey D. Manoel lhe deu Foral no anno de
Paroquias.	1. 1.	1.
Conventos.		
Mosteiros.		
Ermidas.	5.	3. 1.
Fogos.	600. 400:	400.
Donatario.	He cabeça de Condado.	He do Conde de Atalaya, hoje titulo de Marquezado.
Feiras.	Em dia de S. Martinho.	

Tho-

Thomar.	*Torres-Novas.*	*Torres-Vedras.*
*	Santarem.	*
Nullius Diœcesis.	Lisboa.	Lisboa.
39 40 10 0	39 32 9 52	39 10 9 3
22. para o Nord.	19. para o Nord.	7. para o Norte.
ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1510.	ElRey D. Sancho I. lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o seu Foral no anno de 1510.
2. 12.	4. 7.	4. 19.
3. 1.	2.	2. 2.
1.	1.	
15. 56.	8. 4.	7. 4.
1100. 2700.	1200. 1000.	600. 2800.
He do Mestrado de Christo.	Foy do Duque de Aveiro, hoje he da Coroa.	He da Coroa.
Em 20 de Outubro.	A 12 de Março.	

Povoaç. princ. da Estremadura.	*Turquel.*	*Villa Franca de Xira.*
Comarca.	Leiria.	Torres-Vedras.
Diecese.	Lisboa.	Lisboa.
Altura do Polo.	39 27 9 21	38 57 9 20
Dist. de Lisboa.	16. para o Nort.	6. para o Nord.
Foral.	ElRey D. Affonso Henriques lhe deu Foral.	ElRey D. Manoel lhe reformou o Foral no anno de 1510.
Paroquias.	1.	1.
Conventos.		
Mosteiros.		
Ermidas.	2.	7.
Fogos.	200.	950.
Donatario.	Do D. Abbade de Alcobaça.	
Feiras.		No 1. Domingo de Outubro 3 dias franca.

Villa de Rey.	*Villa-Verde.*	*Ulme.*
Thomar.	Torres-Vedras.	Alanquer.
Guarda.	Lisboa.	Lisboa.
39 32 10 21	39 12 9 20	39 14 9 9
27.para o Nord.	9. para o Norte.	16.para o Nord.
ElRey D.Diniz lhe deu Foral no anno 1285.	ElRey D. Manoel lhe reformou o ſeu Foral no anno 1513.	ElRey D. Sebaſtiaõ lhe deu Foral no anno de 1561.
1. 2.	1.	1.
	1.	
3.	3.	2.
460. 280.	350.	120.
He do Meſtrado de Chriſto.	He Cabeça de Condado.	He das Sereniſſimas Rainhas.

CAPITULO II.

Da Cidade de Lisboa.

1 SEndo Lisboa a Corte, e Cidade principaliſſima de Portugal, que já de ſeculos anteriores competia com as mais nobres Povoações da Europa, (1) e que em attençaõ à ditoſa mageſtade de ſeu ſitio, o Imperador Julio Ceſar a condecorara com o glorioſo nome de *Felicitas Julia.* (2) Tendo ultimamente chegado em noſſos dias ao auge da mayor grandeza, quiz a adverſidade dos tempos, ou permittio a inexcrutavel providencia do Altiſſimo, que ficaſſe ſua magnificencia desfigurada com o formidavel flagello do terremoto, e vehementiſſimo incendio, acontecido no dia fatal do primeiro de Novembro de 1755 pelas nove horas, e tres quartos da manhã, pouco mais, ou menos.

2 Foy aquelle dia taõ infauſto, que para lembrança funeſta dos vindouros deve ficar aſſinalado com pedra negra, como faziaõ os antigos: e que ſem embargo de o ter conſagrado a Igreja para o feſtivo culto de todos os Santos, naõ foy baſtante para que elles interpozeſſem as ſuas multiplicadas rogativas diante de Deos, a fim de obviar tamanha ruina, e deſtroço; porque parece naõ foy aquelle dia o tempo opportuno, em que os Santos ſó rogaõ o digno ao Omnipotente, como diſſe o Profeta. (3)

3 Naõ

[1] Luiz Vartomano, lib 7. cap. 4. das ſuas Navegações Marin. Sicul. de reb. Hiſpan. lib. 2. Vaſæus Chron. Hiſpan. c 20. Medin Grandez. de Heſpanh. liv. 2 c. 57. Serra Apparat. Synonim p. 11 S. Barezzo Barezzi Propin. Hiſt. Geograf. p. 378. Far ſobre a eſt. 57. do cant 3. de Cam. [2] Plin. lib. 4. c. 22. Gruter. Inſcript. p. 252, e 261. Brito Monarch. Luſit. liv. 4. c. 20. [3] Pſalm. 31. verſ. 6.

3 Naõ obſtante com tudo a laſtimoſa decadencia, a que ſe reduziraõ as ſuas fabricas, e edificios, de que a ſeu tempo faremos mençaõ com grande magoa noſſa, convem referir primeiro pelas memorias, que ainda conſervamos, o eſtado florente, em que ſe achava a Cidade, cuja vaſta extenſaõ no parecer de alguns, (1) valendo tanto como o reſtante do mais Reino, obriga-nos a notar em pontos diſtinctos as ſuas mais conſideraveis prerogativas.

§. I.

Sitio, Clima, e Origem.

3 EStá Lisboa fundada nas margens do rio Tejo, duas legoas ao Norte da ſua foz, e na parte onde o mar Oceano entrando pela barra dentro Leſte-Oeſte, conſtitûe em eſpecie de agradavel bahia huma enſeada immenſamente eſpaçoſa. Nella ſe fórma o mais famoſo porto entre os melhores do mundo, naõ ſó pelo ſeguro abrigo, que com as montanhas circumviſinhas ſobranceiras ao rio dá ao innumeravel genero de embarcações miudas, e groſſas, que nelle ſurgem; mas por ſervir de frequente, e importante eſcala ao commercio das nações, e ter ſido aquelle notavel centro donde ſe tiraraõ linhas de glorioſas conquiſtas para toda a circumferencia do Univerſo. Affaſta-ſe da Equinocial para o Norte 38. gr. e 48. min. E do primeiro Meridiano 9. gr. e 15. min. (2)

4 He muito deſigual, e quebrado o ſeu terreno,

---

[1] Gil Gonçalv. de Avila no Theatr. de las grandez. de Madrid, p. 502. Botero nas Relaç. univ. part. 1. liv. 1. pag. 15. Davity Deſcr. da Europ. tom. 1. p. 188. [2] Seguimos eſte calculo, por entendermos que he o mais exacto, naõ ignorando o que diz o Padre Ricciolo, lib. 7. c. 19. ſer tanta a diverſidade de opiniões, que tem havido ſobre a latitude de Lisboa, que naõ ſe atrevia a aſſinalla; porém com bons fundamentos ſempre elegeo, e ſeguio a que expomos.

no, por ſer compoſto de montes, e valles; o que obrigou a Cadaval Gravio darlhe o attributo de *Acròpolis*, que quer dizer montuoſa. (1) Eſta irregular ſituaçaõ embaraça o poderle ver perfeitamente de parte alguma o corpo todo da Cidade; porém olhando do alto de algum dos ſete montes, em que eſtá edificada, baſta a agradavel viſta da marinha para compenſar todo o deſcommodo.

5 Prolonga-ſe pela parte Boreal do rio deſde o Convento de Belem até o de Xabregas, em que ha duas legoas de extendida, e povoada praya; e por eſta face ainda he mais deleitavel aos olhos a ſua formoſa perſpectiva, a qual produz com a nova erecçaõ de palacios, e jardins melhor figura, e ſemblante, que no tempo antigo. (2) Pelo certaõ occupa de fundo o eſpaço de meya legoa, e fórma pela banda oppoſta a ſemelhança de hum imperfeito ſemicirculo, ou arco tortuoſo.

6 Em todo eſte ambito ſe hia Lisboa engroſſando com tanto exceſſo, que os ſeus ſete montes parece, que gemendo ao pezo da grande povoaçaõ, a obrigaraõ paſſar aos campos, e arrebaldes viſinhos, nos quaes vemos fabricarſe continuamente de novo bairros inteiros com eſpaçoſas, e nobiliſſimas caſas; emendando-ſe ao meſmo tempo, quanto he poſſivel, a deſigualdade do terreno, e eſtreiteza das ruas, que ſe via nas primitivas fabricas da Cidade.

7 In-

---

[1] Grav. apud Poyares no Diccionar. Geografic. p. 252. [2] Damiaõ de Goes, que no ann. de 1542 fez huma Deſcripçaõ Latina de Lisboa, diz, que quem olhaſſe da Villa de Almada para eſta Cidade, ſe lhe repreſentaria a figura de huma bexiga, ou buxo de peixe. *Siquis ex oppido Almada rectis, immotiſque oculis urbis ſitum, figuratumque vellit contemplari, illam certè veram veſica piſcis effigiem referre comperiet.* Porém iſto era em tempo, que a Cidade ſó ſe extendia deſde as portas da Cruz até Santos o velho, como ſe poderá obſervar nas plantas antigas de Lisboa, que traz Jorge Braunio no *tom.* 1. *Civit. Orb. terrar.* impreſſas no anno de 1572, e tambem Abrahaõ Ortelio.

7 Incluía-ſe a mais antiga ſituaçaõ della deſde o monte do Caſtello, com tudo o que corre entre as portas do Sol, e Ferro até à Ribeira com os ſuburbios do Oriente, e Occidente. (1) Pouco a pouco ſe foy alargando, em fórma que no anno de 1500 já a ſua grandeza podia competir com as melhores Cidades do mundo; (2) e no anno de 1550 pareceo taõ exceſſiva a ſua vantagem, que excitou ao Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos mandar fazer huma Deſcripçaõ pelo ſeu Guarda-Roupa Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, (3) para que ſe viſſe o augmento da Cidade, e com tudo ſegundo conſta da meſma Relaçaõ naõ tinha Lisboa naquelle tempo mais que tres mil e cem paſſos de comprido, e mil e quinhentos de largo.

8 Aſſim foy nobremente creſcendo o territorio até o tempo delRey D. Sebaſtiaõ, o qual pela infeliz jornada de Africa, deixando Lisboa deſerta, começou eſta capital a experimentar huma notavel deterioridade; e ſobrevindo-lhe baſtantes oppreſſões, e calamidades (4) com o deſabrigo, e remota aſſiſtencia de alheyo Soberano, ſe vio ſenſivelmente opprimida a ſua opulencia, e grandeza. (5) Porém aſſim como o Reino felizmente reſuſcitou na reſtituiçaõ de Reys proprios, aſſim em Lisboa renaſceo o eſplendor antigo, e neſte augmento hia continuando florente com a cultura de edificios inſignes, e com a excellencia de ſua populoſa extenſaõ, a qual ha-

---

[1] Brand. Monarq Luſitan. lib. 10. cap. 26. [2] Goes na Olyſſipo. [3] Suppoſto que eſta obra intitulada: *Summario de algumas couſas aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, que ha na Cidade de Liboa*, ſahio impreſſa no anno de 1551 na Officina de Germaõ Galharde em nome de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, Guarda-Roupa do ſobredito Arcebiſpo: com tudo o Biſpo de Targa D. Fr. Thomé de Faria na Decad. 1. liv. 9 c. 6., attribue a ſua compoſiçaõ ao proprio Arcebiſpo D. Fernando [4] Luiz de Torres nos Succeſſos de Portug part 1 c. 2. e 6. [5] Sever. de Faria diſcurſ. 1. *Sobre o muito que importa para a conſervaçao, e augmento da Monarquia Portugueza aſſiſtir Sua Mageſtade com ſua Corte em Lisboa.*

havia ſubido àquelle ponto, que tinha premeditado hum noſſo Poeta. (1)

9 O clima he o melhor de toda Heſpanha, temperadiſſimo, de ares puros, e ſaudaveis; pois ordinariamente em todas as eſtações do anno ſe moſtraõ os Aſtros benevolos ao ſeu terreno: parece que ſe vive aqui em huma continuada Primavera. (2) Eſta celeſtial clemencia quer Luiz Mendes de Vaſconcellos, (3) que ſeja communicada por influxos do ſigno de Aries; ſe bem o Doutor Manoel Bocarro (4) aſſenta fixamente, que o ſigno de Libra he o que predomina mais directo neſta Cidade, ſobre a qual eſtá perpendicular em rigor Geometrico, ſegundo a computaçaõ de Tico Brahe.

10 A ſua primeva, e originaria fundaçaõ he muito controverſa, e entre os varios pareceres, em que ſe dividem os Geografos, e Hiſtoriadores, naõ ha hum, que em taõ remota antiguidade poſſa aquietar o animo inteiramente. Recolheremos todavia em curto eſpaço quanto ſe encontra ſemeado ſobre o aſſumpto. O primeiro parecer affirma, que Ulyſſes famoſo Capitaõ Grego, depois de conquiſtar Troya, e reduzilla a cinzas, viera fundar na ultima coſta de Heſpanha a Cidade de Lisboa, a quem dera o nome de Ulyſſea. Affirmaõ que fora Eſtrabo o

---

[1] Gabr. Pereir. no Poema de Lisboa Edificada, cant. 10. eſt 137.

Aqui, famoſo Alcides Luſitano,
Vereis hum mundo numa ſó Cidade,
A quem de prata, e d'ouro o Tejo uſano
Banha em ſinal de eterna mageſtade.

[2] Neufville, Hiſtoir. gener. de Portug. tom. 1. p. 35. Pivati, Nuovo Dizionar. ſcientific. e curioſ. tom. 6. p. 244. Brand. na Monarch. Luſit. tom 3. liv. 10. cap. 26. Sever. de Far. Diſcurſ. 1. Politic. p. 18. v. Maced. Flor. de Heſp. cap. 1. [3] Vaſconcel no Sitio de Lisboa, p. 105., a quem ſegue Oliveir. Grandez. de Lisb. fol. 136. Marinh. de Azevedo, Fundaçaõ de Lisb. liv. 1 c. 26. [4] Bocarro, Annotaç. Aſtrolog. ao 1. Anacephal. da Monarq. Port. eſt. 67.

o Author desta opiniaõ, (1) o qual por fé de Possidonio, Artemidoro, e Asclepiades Mirliano, pretende mostrar por infallivel a navegaçaõ de Ulysses a estas partes, segundo varios monumentos nauticos, que existiaõ suspensos em hum Templo, que à Deosa Minerva havia alli erecto aquelle Capitaõ Grego. (2) A esta decantada sentença se aggregaraõ outros muitos Escritores. (3)

11 Porém contra isto militaõ algumas razões urgentes, e indispensaveis à evidencia da verdade; porque do contexto de Estrabo naõ se infere a verdadeira situaçaõ local de Lisboa, que vemos fundada à borda do Tejo; antes claramente falla o Au-

---

[1] *Dehinc Abdera, Phænicum ipsa etiam edificium. Superiora regioni: montane loca, Ulyxeam ostentant, in qua est Minerve templum, ut autor est Possidonius, & Artemidorus, & Asclepiades Myrleanus: qui in Turdetania litterarum Ludimagister extitit... Is monumenta quadam de Ulyxis errore in Minervæ templo esse commemorat. Parmas suspensas. Aplustria: rostraque navalia.* Strabo liv. 3. da impressaõ de Roma no anno de 1470. [2] O Capitaõ Luiz Marinho no liv. 2. c.17. da Fundaçaõ de Lisboa, diz, que este Templo fora fundado no Castello de Lisboa junto da torre, que chamaõ de Ulysses. O Padre Antonio Vieira na Palavra do Pregad. empenh. p.246., diz, que o dito sumptuoso Templo fora o que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chelas; porém cada hum falla ao seu arbitrio sem exhibir documento solido, que acredite o seu dito; e em semelhantes materias só testemunho antigo dá authoridade. [3] Solin. cap. 26. Marin Sicul. lib. 2. de reb. Hisp c.3 S. Isidor. de Origin. lib. 25 cap.1. Nebris. de reb. Hisp. ad Lector. Vasæus Chron. Hisp. c.10. Luc. Tudens. Chron. mund. ætat.3. Luiz Nun. in Hisp. c.35. Franc Taraph. de reb Hisp. tratando de Gorgoris. Carrilho Annal. Chronol. ad an.2820. Garibai tom. 1. liv.4. cap.29. Fr. Juan de la Puente Conveniencia de las dos Monarquias tom. 1. l.3. c.4. §.4. Salazar de Mendoz. Origen de las Dignid. seglar. de Castilla l.1 c.2. Rodrig. Mend. Poblacion gener de Esp. pag. mihi 146. Monçon Espejo de Princip l.1. c 90. Colmenar. Histor. de Segovia c.2.§ 1. Quintana Histor. de Madrid l 1. c.4. Goes na Olisipo. Brito Monarch. Lusit. liv. 1. c.22. Oliv. Grandez. de Lisboa trat. 2. c. 2. Estaço Antiguid. de Port. c. 7. Marinho liv 2. cap. 16. da Fundaçaõ de Lisboa. Duarte Nun. Orig da ling. Port. p 9 Cam. c. 3. est. 57. Mousinho de Quevedo no Aff. African. cant. 3. est. 42. Gabr. Pereir. na Ulysséa cant. 7. est. 46. Macedo na Ulyssipo p. 182.

thor da regiaõ, e montanhas de Granada, onde ſitúa Abdéra, que hoje querem huns ſeja *Almeria*, outros *Adra*: e perſuadirnos, que viſto naõ ſe achar a Cidade de Ulyſſéa no lugar onde a colloca Eſtrabo, e nella o Templo de Minerva, ſeja a noſſa Lisboa a meſma de que falla aquelle antiquiſſimo Geografo, he argumento muito violento, como pretende provar Gaſpar Eſtaço, a quem ſegue o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo.

12 Além de que affirma Paulo Merula, Coſmografo inſigne, (1) que naõ paſſara Ulyſſes do eſtreito de Gibraltar; e ſobre tudo aſſevera o grande Herodoto, Pay, e Principe da Hiſtoria Grega, (2) ſerem os Focenſes os primeiros Gregos, que uſaraõ largas navegações, e que impellidos da violencia dos ventos vieraõ por acaſo inveſtigar as ultimas coſtas do Oceano Athlantico; ſendo eſte primeiro acceſſo, ou arribada quaſi ſeis ſeculos poſterior às ruinas de Troya. (3) Donde ſó por eſte fundamento bem ſe podia convencer de fabuloſa a Colonia, ou Fundaçaõ de Lisboa, attribuida a Ulyſſes.

13 E he certo, que das ſuas occidentaes peregrinações já como fantaſticas, deſconfiaraõ, e duvidaraõ muito Aulo Gelio, Seneca, Cornelio Tacito, (4) e poſitivamente, quanto à fundaçaõ de Lisboa, nos deſenganaõ os illuſtres Filologos Chriſtovaõ Collero, Juſto Lipſio, Gerardo Joaõ Voſſio, Lourenço Valla, Mariana, D. Joaõ de Ferreras, e os

---

[1] *Urbis nomen ab Ulyſſe (quod ex Myrliani verbis conatur facere Strabo) derivare, abſurdiſſimum; quum is extra fretum Herculeum nunquam navigarit.* Paul. Merul part 2. Coſmograph. lib 2. cap 26. [2] *Hi Phocenſes primi Græcorum longinquis navigationibus uſi ſunt. Adriam ſimul, & Tyrrhenum, Iberiam, atque Tarteſum oſtenderunt.* Herodot. na Clio lib. 1., ſegundo a verſaõ de Henrique Eſtefano, e Friderico Sylburgio. [3] Vide Petav. tom. 2. de Doctrin. tempor. p. 291. [4] A. Gel. Noct. Actic. lib. 14. cap. 6. Seneca ep. 88. Tacit. de morib. & popul. Germanor.

e os erudítos Geografos Samuel Bochart, Christovaõ Cellario, e outros. (1)

14 Reconhece a segunda opiniaõ ainda mayor antiguidade a Lisboa; porque lhe dá por fundador a Elisa, filho de Javan, e bisneto do Patriarca Noé, confirmando alguns o credito deste partido com a vulgar tradiçaõ, que ainda entre nós permanece, de chamarmos aos campos visinhos de Lisboa, por onde corre o Tejo *Lizirias*, nome derivado com facil corrupçaõ de Elisa. (2) He o corifeo desta sentença Joaõ Goropio Becano, Medico Brabantino, de agudo, e singular engenho, que na sua *Hermathèna*, ou estatua de Mercurio, e Minerva (3) foy o primeiro que descobrio taõ gloriosos principios a esta inclyta Cidade, por cujo invento pretende jactanciosamente o mesmo Author, e he justo, que os Lisbonenses lhe sejamos agradecidos. Seguem-no bastantes. (4)

---

[1] Colero Specileg. ad Cornel. Tacit. pag. mihi 595. n. 2. Just. Lips. nas Notas que fez a Tacito allegado nota 14. Vossio tom. 5. lib. 1. de Origin. Idolatr. c. 33. *Æque vanum de Olisipone condita ab Ulysse.* Valla tract. de reb. à Ferdinand. Aragon. rege gestis lib. 1. p. 1008. na Collecçaõ de Roberto Bello Marian. Histor. de Esp. tom. 1. liv. 1. cap. 12. fin. Ferreir. part. 1. Synops. Histor. p. 60. Bochart. Geograph sacr. tom. 2. lib. 1. cap. 35. *Jam quæ ad Tagum est, Lusitaniæ hodie metropolis, Olisippo, frustra ab Ulysse deducitur, cum sit Phœnicium* alis ubbo, *id est, amœnus sinus.* Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. §. 8. *Sed nugæ sunt, quæ de Ulysse conditore adferuntur.* Colmenar. Delices de Portug. tom. 4. p. 748. [2] D. Fr. Manoel na Cart. 62. da centur. 3. [3] *Lisbonam igitur non ab Ulysse vel dictam, vel conditam fuisse existimo, sed multo esse antiquiorem... Nobis è sacra Historia liquet Elisa fratrem Tarsis fuisse; quo fit ut credam, Tarsesium quidem prius Tartesum condidisse, atque inde Elisam partim fratris vicinia, partim locorum clementia allectum ad ostium Tagi urbem statuisse, & de nomine suo* Elis-mon *vocasse, unde* Elisbon, *ac deinde* Lisbon *fuerit nuncupata, duplici digamma in Beta commutatio. Quis non videt quanto hæc nomenclatura propius accedat ad Urbis nomen, quod hactenus sibi servavit, licet Græci ambitiose illud conati sint ad Ulyssipolin detorquere?* Joan. Gorop. in Hermathen. lib 9. p. 229., e na Hispanica lib. 4. p. 53. [4] Covarruv. Thesor. de la lengua Castellan. verbo *Lisbona.* Brand. Monarq. Lusit. lib. 10. cap 26. Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part. 1. cap 2 §. 7. Sever. de Far. Not. de Port. disc. 5. §. 2. Salgad. de Araujo Mart. Lus. p. 83. Fons. Evor. glor. n. 9.

15 Sem duvida he desculpavel o assenso, que os nossos Escritores tributaõ a esta illustre sentença, ou já pelo respeito, e decoro, que nos communica taõ nobre, e antigo Fundador, ou pela difficuldade, que ha em conhecermos quanto nos lisongea o amor da patria; porém a fallar seriamente a verdade, e examinando imparcial a força da dita opiniaõ, nella naõ se encontra mais que huma engenhosa violencia, ou conjectura, e como lhe chama em caso identico o insigne Escriturario Bento Pereira (1) adevinhaçaõ dos cap. 10. do *Genesis*, e 27. de *Ezechiel*, em que se firma (2) corroborada unicamente com a singular etymologia de huma raiz Hollandeza, segundo pretende o mesmo Goropio, que por interesse de vangloria se quiz fazer celebre na invençaõ de opiniões extravagantes, como dizem Justo Lipsio, Scaligero, e Isaac Bullart. (3)

16 Abraçando as duas precedentes opiniões, determina a terceira coordenallas em melhor chronologia, affirmando que Lisboa fora primeiramente edificada por Elisa aos 278 annos depois do Diluvio; e que passados 900 annos viera Ulysses amplialla. He esta sentença muito plausivel pela qualidade dos Authores, que a approvaõ, e seguem. (4)

17 Sustenta, e qualifica a quarta opiniaõ, que Lisboa fora sem duvida fundada por Gregos, ou fossem huns, ou outros, os quaes como costumavaõ impor os nomes às suas novas colonias deduzidos,

---

[1] Pereir. in Genes. c. 10. lib. 15. [2] Pined. de reb. Salom. lib. 4. cap. 14. p. 208 Pinto in Ezech. c 27. Bochart. Geogr sacr. tit 2 lib. 3. c. 4 Kircher de Arca Noe p. 223. [3] J. Lips. cent 3. epist 44 Scalig. apud Card. Bona in notitia Author., que vem no fim da Divina Psalmodia. Bullart Academie des Sciences tom. 2. p. 177. [4] Marinh. de Azeved. Fundaç. de Lisboa liv. 2. cap. 10. Vieira Palavra de Deos empenhada p. 245. Joaõ Salgado Marte Lusitan. certam. 1. art. 4. Cardos Agiol. Lusit. a 13 de Junho. Carv. Corograf. Port tom. 3. trat. 8. cap. 2. Santa Maria Ceo aberto liv. 1. cap. 5. Soar. Memor. delRey D. Joaõ I. liv. 3. n. 1203. Garcez Ferr. sobre o cant. 8. de Cam. est. 3. n. 9. Lima Geogr. Histor. tom. 2. cap. 12.

dos, e indicativos da mayor fertilidade, em que os ſitios ſe ſingulariſavaõ, vendo diſcorrer pelas ribeiras do Tejo grande numero de velozes ginetes, e fecundiſſimas egoas, lhe chamaraõ *Olis hippon*, como ſe lê em Ptolomeu, iſto he, *Olios equile*, ou *equorum*, ſegundo vertem Joaõ Noviamago nas Taboas do meſmo Ptolomeu, e Nono Pinciano nas Caſtigações de Pomponio Mela; (1) donde os Romanos conformando-ſe com a alluſaõ, ou etymologia dos Gregos, deduziraõ depois o nome *Oliſipo*, que deraõ a eſta Cidade, conforme entende Lourenço Valla, (2) e parece o quiz dizer tambem Plinio, (3) a quem ſegue Paulo Merula, (4) e o noſſo Juriſconſulto Joaõ de Barros na Deſcripçaõ do Minho.

18 Omittindo outras opiniões menos recebidas, ou extrahidas de monumentos fabuloſos, (5) concluimos dizendo: que a averiguaçaõ deſte ponto he ſummamente ardua, e que naõ permitte deciſaõ abſoluta pelo remoto da ſua antiguidade, em que naõ ha documento ſolido, que o determine, (6) conſtituindo ſem duvida eſta meſma incerteza huma das veneraveis excellencias, que condecoraõ Liſboa; pois ninguem poderá dizer della rectamente quando naõ foy, nem taõ pouco affirmar quando começou a ſer.

§. II.

---

[1] Noviomag. in lib. 2. Ptolom. tabul 1. Geogr. Non. Pincian. in lib 3. Pompon. Mel. cap 1. [2] *In Portugallia Oliſippona. Quod nomen ab iis corrumpitur, qui velut ab Ulyſſe Ulyxbonam dicunt, neſcientes Ulyſſis illius viri nomen, ſed ſic à Latinis eſſe corruptum; præterea Ulyſſem illuc non navigaſſe: poſtremo hanc vocem, ſi Græcam originem ſectari libet, ab equis ductam.* L. Valla ſupra allegado. [3] *A tago in ora Oliſippo: equorum à Favonio vento conceptu nobilis.* Plin. l. 4. c. 24. da impreſ de Veneza do an. de 1469 na Officina de Joaõ Spira. [4] *Oliſippo enim meo quidem judicio, quaſi olis ippon; quo innuitur totum illum Hiſpaniæ tractum, tanquam equorum quoddam fuiſſe ſtabulum, ob incredibilem equarum iis in locis fæcunditatem.* Merula ſupra allegad [5] Vide Barreir. Corograf. p. 153. Marinh. de Azevedo liv. 2. c. 12. [6] *Oliſiponem igitur quis primum condiderit, in tanta ſeculorum vetuſtate, pro certo nos affirmare non audemus.* Goes in Deſcript. Oliſip.

§. II.

Nações varias, que a dominaraõ.

1 OS primeiros habitadores, que occuparaõ Lisboa, conforme a noſſa Geografia, foraõ os póvos a quem Plinio chama Turdulos antigos, (1) donde ſe propagaraõ os Turdulos modernos da Andaluzia, e Turdetanos do Algarve. Era eſta gente a mais bem entendida, e valeroſa de toda Heſpanha, e deraõ provas baſtantes do ſeu valor em varios recontros, que tiveraõ com os Celtas, Barbaros da Arrabida, e Sarrios da Beira.

2 Naõ menos experimentaraõ a ſua boa politica os Fenices, os Gregos, e particularmente os Carthaginezes, de quem ha memorias mais verdadeiras. Confederaraõ-ſe eſtes com os noſſos eſtreitiſſimamente, ſervindo-lhes a noſſa amiſade, riquezas, e outros bens com que a natureza dotou Liſboa, para que naõ contentes com os intereſſes do commercio, deixaſſem de ſe levantar com a terra, e ſubjugalla a ſeu imperio.

3 As meſmas qualidades de paiz taõ fertil, taõ ameno, taõ benigno, ſerviraõ de incentivo em grande parte à ambiçaõ dos Romanos, cujo poder prevalecendo contra os Carthaginezes triunfou das ſuas armas; e introduzindo-ſe abſolutos na Luſitania, fizeraõ ſua a Cidade de Lisboa entre as mais Povoações, que ſujeitaraõ, cuſtando-lhe todavia naõ pouca perda de ſeus exercitos, derrotados pela noſſa gente. (2) Aqui poderamos fazer mençaõ de muitos ſucceſſos memoraveis dos Lisbonenſes antigos,

[1] Plin. lib. 4. cap. 21. Monarq Luſitan. liv. 10. c 26. Vide o noſſo Mappa tom 1 part 2. cap 1. n. 49. [2] Livio lib. 35. cap. 1. lib 36. c. 46. lib. 39. c. 31. Oroſio lib. 5. cap. 4. Moral. Pineda, e outros apud Fr. Bern. de B ito na Monarq. Luſitan. liv. 2. c. 27. 28. Reſend. de Antiq. Luſitan. lib. 1. & 3.

gos, principalmente dos celebres, e valerosos Capitães *Cesaron*, *Cancheno*, *Viriato*, e outros, se este fora o nosso principal assumpto, contentando-nos, por nos conformar com o systema, que seguimos, referir o sufficiente.

4 Concluida finalmente a famosa batalha de Munda contra os filhos de Pompeyo, se vio a nossa Provincia pacificada com a presença do Imperador Julio Cesar, a quem Lisboa, já naquelle tempo de grande nome, pela conducta benefica do Imperador, lhe deu homenagem. Tanto estimou Cesar este lance de obediencia, que para premio da Cidade, e expressaõ do seu gosto, ou para melhor perpetuar sua fama, mandou que dalli por diante Lisboa se denominasse *Felicitas Julia*, isto he, Felicidade de Julio Cesar, e que seus Cidadãos gozassem o foro municipal, que consistia em poderem militar nas Legiões Romanas, gozando alli das honras que merecessem: e que pelos Magistrados obtidos nas suas patrias tinhaõ ingresso para os de Roma, podendo pedillos, e participallos, e juntamente governarse pelas suas leys particulares, e gozarem de outras muitas prerogativas. (1)

5 Além de varios Authores, que referem ter dado Julio Cesar a Lisboa o honorifico tiulo de *Felicitas Julia*, e o privativo de municipio, (2) se acha elle acreditado em varias Inscripções aqui descobertas, que se podem ver em D. Rodrigo da Cunha. (3) Nós accrescentaremos mais huma que se manifestou no anno de 1749, extrahindo-se dos alicerses de humas casas fronteiras à esquina da Paroquial Igreja da Magdalena no principio da travessa, que vay para as Pedras Negras. Por naõ se perder esta memoria, persuadimos, que se collocasse esta bem conservada, e moldurada lapida, com outras mais Ins-

[1] Panvin. lib. 2. de Imper. Rom. [2] Apud Brito na Monarq. Lusit. liv. 4. cap. 20. [3] Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 1. cap. 4.

Inſcripções Romanas, que alli ſe deſcobriraõ, na face collateral da parede das ditas caſas reedificadas, e tem a em que agora reparamos quaſi doze palmos de comprido, e quatro e meyo de largo em hum perfeito rectangulo. Diz a Inſcripçaõ gravada na pedra deſta fórma:

L. Caecilio L. F. Celeri RecTo
Quaeſt. Provinc. Baet.
Trib. Pleb. Praetori
Fel. Iul. Oliſipo.

6 He o ſentido deſta Inſcripçaõ: *Que a Cidade de Lisboa, ou Felicidade Julia, chamada em outro tempo Oliſipo, dedicara aquella memoria a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer Rectiſſimo Queſtor da Provincia Betica, Tribuno da Plebe, e Pretor.* De cujo monumento ſe infere, que Lisboa conſervava o dictado de *Felicitas Julia* em tempo do Imperador Domiciano, em cujo Imperio veyo governar na Betica o ſobredito Pretor Cecilio Celer, que foy perto dos annos 88 de Chriſto, ſegundo a Chronologia do P. M. Fr. Henrique Flores na bem trabalhada, e erudita obra de *Heſpanha ſagrada.* (1) Deſte Pretor ſe lembra Marcial, (2) louvando muito o ſeu governo: o motivo porém que houve para os noſſos Lisbonenſes lhe dedicarem aquella memoria, ignoramos. De outras Inſcripções Romanas, que confirmaõ iſto, trataõ largamente os Authores que allegamos. (3) Advertindo, que até o anno 245 de Chriſto ha memoria de permanecer ainda Lisboa com o meſmo titulo, ſegundo conſta da Inſcripçaõ, que traz Grutéro, pag. 273. dedicada ao Imperador Filippe.

7 Foy

---

[1] Flor. Heſpanha ſagrad. tom. 1. cap. 16. p. 237. [2] Mart. lib. 7. epigr. 51.

Ille meas gentes, & Celtas rexit Iberos,
Nec fuit in noſtro certior orbe fides.

[3] Brito na Monarq. Luſit liv. 5. Luiz Marinho nas Antiguidad. de Lisb, liv. 3. Reſend. de Antiquit. Cunha nos Biſpos de Lisboa.

7 Foy proſeguindo o dominio Romano em noſſas terras até o anno de 409, em cujo tempo ſuccedendo a invaſaõ dos Alanos, Vandalos, e Suevos em todo eſte Continente, (1) ſe vio arruinada a Monarquia Imperial. Os barbaros Septentrionaes diſcordes, e divididos em bandos, cauſavaõ mutuas hoſtilidades nas Provincias: determinaraõ ſortealllas, e cahio a ſorte da Luſitania aos Alanos, ſegundo refere Idacio no ſeu *Chronicon* ſobre o anno de 411.

8 Pouco tempo durou a reſidencia dos orgulhoſos Alanos neſta Provincia, e Cidade; porque vindo os Godos com ſeu Rey *Theodorico*, os derrotou, e ſubmetteo a ſeu imperio. Succederaõ logo varias alterações, e com ellas ſentio Lisboa os eſtragos, e os roubos, que lhe fulminaraõ os Suevos, capitaneados por *Maldras*, que com ſinal de paz a invadiraõ fraudulentos, conforme expreſſa o meſmo Idacio ſobre os annos de 457. Durou eſte governo em varios Reys Godos até expirar o ſeu dominio em D. Rodrigo com a cruel entrada dos Sarracenos.

9 Apoderados os Arabes de Heſpanha pelos annos de 714, padeceo Lisboa a ſua conquiſta nos de 716, entregando-ſe todavia por capitulações ao inimigo *Abdalariz*, a quem ſe ſujeitou com a liberdade de Religiaõ; até que paſſados 38. annos, o Rey Arabe *Abderraman* com poderoſo exercito a conquiſtou, e debaixo deſte cativeiro ſopportaraõ os Lisbonenſes rigoroſos effeitos de hum jugo tyranno. (2) Por eſte meyo tempo he crivel, que os Mouros corrompeſſem o nome antigo da Cidade chamando-a *Liſibo*, por naõ terem no ſeu idioma uſo da letra P. Depois diſſeraõ *Liſiboa*, e ultimamente *Lisboa*, que hoje permanece. (3)

---

[1] Petav. Doctrin. tempor. tom.2. pag.mihi 440. [2] Brito na Monarq. Luſit. liv.7. cap.6. [3] Barreir na Corografia, p.63. Herbelot na Bibliot. Oriental, diz, que os Arabes pronunciaõ Lisboa deſta ſorte: *Aſchbounah*; e que ha nella huma rua, ou bairro chamado *Harat al Magrourin*, que quer dizer: Rua dos atrevidos.

10 Começavaõ-se já a ouvir os vitoriosos clamores, e felices progressos da restauraçaõ de Hespanha, quando no anno de 798 D. Affonso o *Casto*, já Rey acclamado de Galliza, e Asturias com o soccorro de Carlos Magno, invadindo Portugal, cercou estreitamente Lisboa; e vencendo-a por assalto, poz tudo a saque, e em miseravel fuga ao Capitaõ *Mugahit*, que a governava. (1) Logrou porém a Cidade pouco tempo a pacifica residencia dos Christãos; porque no anno de 811 a tornaraõ a usurpar os Mouros pelo Rey de Cordova *Aliantan*, posto que à custa de huma dilatada resistencia; e nesta sujeiçaõ barbara permaneceo até o anno de 951, em que ElRey de Leaõ D. Ordonho III. a veyo recobrar à força de rigido combate. (2)

11 Correraõ alguns annos, e devia outra vez sacudirse da obediencia dos Christãos; porque consta da Historia dos Godos, (3) que a 6 de Mayo de 1093 a conquistara ElRey D. Affonso VI. de Castella, e ficaraõ sendo os Mouros seus tributarios. Foy continuando na mesma sujeiçaõ até o nosso Conde D. Henrique, a quem seu sogro D. Affonso VI. havia dado em dote todas as terras conquistadas em Portugal; mas porque o numero da guarniçaõ Christã foy muito menor do que era preciso para manter firme o presidio, succedeo rebelarem-se os infieis contra o Conde; e assim se tornou a perder Lisboa, e reduzirse totalmente ao aspero senhorio dos Arabes. Vamos referindo estes varios conflictos na fé do nosso diligentissimo Chronista Brandaõ, naõ ignorando haver Author, (4) que se inclina, a que Lisboa naõ fora tirada aos Mouros desde o seu primeiro dominio, senaõ pelo santo Rey D. Affonso Henriques.

12 Em

---

[1] Monarq. Lusit. liv. 7. c. 11. Huerta Anales de Galiza tom. 2. p. 304.
[2] Sampiro apud Monarq. Lusit liv. 7. cap. 22. [3] Ibid. liv. 8. cap. 6.
[4] Sousa na Histor. Geneal. tom. 1. pag. 59.

12 Em fim chegou o anno de 1147, e com elle a occasiaõ feliz de ser Lisboa ultimamente resgatada por este gloriosissimo Principe, de cujo grande espirito, e valor sempre a fama publicara maravilhosos effeitos. Era ardua a empreza, e se fazia difficultosa a conquista, por ser a Cidade huma das mais formidaveis Praças da Estremadura, fortalecida com robustas muralhas, e guarnecida com hum innumeravel presidio de Mouros; motivos que já no anno de 1140 haviaõ frustrado ao mesmo Heróe semelhante projecto.

13 Agora porém auxiliado com o poder de huma famosa expediçaõ de duzentas náos, que das partes do Norte havia sahido para a conquista da Terra santa, e compellida de huma furiosa tempestade, viera demandar o abrigo das nossas Costas, determinou ElRey D. Affonso pôr em ultima execuçaõ os seus santos designios.

14 Será justo darmos aqui noticia desta armada, e de algumas circunstancias notaveis succedidas no cerco de Lisboa, valendo-nos para isto com especialidade de hum documento coetaneo, e authentico até agora incognito aos nossos Escritores. He huma Carta Latina, que Arnulfo, pessoa distincta, que vinha na dita armada, escreveo no anno de 1147 ao Bispo de Terona em França, chamado Milon, dando-lhe conta da dita expediçaõ, e seu progresso, a qual Carta extrahida dos manuscritos das insignes Bibliothecas Aquicinetense, e Gemblacense Abbadias de França, descobrimos no tom. 1. *Veterum monumentorum*, a pag. 800. da Collecçaõ de Martene, e Durand, Monges Benedictinos de S. Mauro, impressa em Pariz no anno de 1724. Diz assim conforme a nossa versaõ, deixando outras antecedencias da dita Carta.

15 „ Na segunda feira depois do Espirito Santo entrando pela barra do rio Douro, arribámos ao Porto, onde achámos o Bispo daquella Cida-

,, de, que com antecipada ordem delRey eſperava
,, alvoraçado a noſſa vinda. Alli nos demorámos on-
,, ze dias aguardando pelo Conde Arnoldo de Ar-
,, deſcot, e o Condeſtavel, que ſe haviaõ ſepara-
,, do de nós por cauſa da tempeſtade, e em todo
,, eſte tempo experimentámos no bom commodo
,, dos viveres com outras delicias, e refeſcos do paiz
,, a benevolencia do Rey. (1)

16 ,, Chegados o Conde, e o Condeſtavel, fo-
,, mos continuando a noſſa viagem, e ao ſegundo
,, dia da jornada entrando pela foz do Tejo na Vi-
,, gilia dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, démos
,, fundo em Lisboa, cuja Cidade, conforme a tra-
,, diçaõ das Hiſtorias dos Sarracenos, foy edificada
,, por Ulyſſes depois da deſtruiçaõ de Troya; e eſ-
,, tá ella fundada com admiravel extructura de mu-
,, ros, e torres ſobre hum monte inſuperavel às for-
,, ças humanas. (2)

17 ,, Aſſim que pozémos pés em terra armámos
,, barracas; e ajudados do favor Divino em o pri-
,, meiro de Julho, tomámos os arrebaldes da Cida-
,, de. Depois de varios aſſaltos contra as muralhas,
,, naõ ſem grande prejuizo de parte a parte, gaſtá-
,, mos em preparar maquinas até o primeiro de A-
,, goſto. (3)

18 ,, Jun-

---

[1] ,, Secunda feria ad Portugallim per alveum fluminis, qui Do-
,, rius dicitur, applicuimus, ubi Epiſcopum civitatis ejuſdem adven-
,, tum noſtrum cum magno gaudio juxta præceptum Regis præſto-
,, lantem reperimus. Ubi per dies XI. adventum Comitis Arnoldi de
,, Ardeſcot, nec non Chriſtiani Conſtabularii, qui à nobis prædi-
,, cta tempeſtate diviſi erant expectantes, æquam venditionem tam
,, vini, quàm cæterarum deliciarum ex benevolentia Regis habuimus.
[2] ,, Exinde Comite Arnoldo, ſimulque Stabulario receptis, navi-
,, gantes, ſecunda die apud Ulixisbonam in Vigilia Apoſtolorum Pe-
,, tri, & Pauli appulimus. Quæ civitas, ſicut tradunt hiſtoriæ Sarra-
,, cenorum, ab Ulyxe poſt excidium Troiæ condita, mirabili ſtru-
,, ctura tam murorum, quàm turrium ſuper montem humanis vi-
,, ribus inſuperàbilis, fundata eſt. [3] ,, Circa quam figentes tento-
,, ria Kalendis Julii ſuburbana ejus Divina virtute adjuti, cepimus.
,, Poſt

18 ,, Junto da praya fabricámos duas ſumptuo-
,, ſas torres, huma para a parte do Oriente, onde
,, ſe tinhaõ aquartelado os Flamengos, outra na
,, parte Occidental, onde eſtavaõ alojados os In-
,, glezes, e fizemos tambem varias pontes para nos
,, facilitar a entrada da Cidade por cima dos ſeus
,, muros. (1)

19 ,, No dia da Invençaõ do Protomartyr San-
,, to Eſtevaõ ſe começaraõ a mover para a bateria
,, as maquinas, e as náos; porém rebatidas naõ ſó
,, do vento contrario, mas dos inſtrumentos belli-
,, cos, com que nos ſacudiaõ, nos retirámos com
,, algum damno; e no tempo que os noſſos pugna-
,, vaõ com os Sarracenos, defendendo os Ingle-
,, zes com menos vigilancia a ſua torre, naõ a po-
,, deraõ livrar do improviſo incendio, que a abra-
,, zou. (2)

20 ,, Logo com certa maquina começámos a
,, romper a muralha; o que vendo os Mouros,
,, lançando por cima della fogo oleoginoſo, a redu-
,, ziraõ a cinzas, experimentando-ſe entaõ de par-
,, te a parte innumeravel mortandade, que cauſa-
,, vaõ os arremeços das ſettas, e os tiros de outras
,, armas offenſivas. Quebrantados algum tanto os
,, noſſos com a derrota da maquina, e da gente, ſe
,, applicaraõ a fazer novos reparos, e engenhoſos
,, ar-

,, Poſt hæc aſſultus varios circa muros non ſine magno noſtrorum,
,, & illorum detrimento facientes, uſque ad Kalendas Auguſti in ma-
,, chinis faciendis tempus protraximus. [1] ,, Siquidem duas turres
,, juxta littus, unam in Orientali parte, ubi Flandrigenæ conſederant,
,, alteram in Occidentali, ubi Angli caſtra locaverant, magno ſumptu
,, conſtruximus. Pontes etiam quatuor in navibus, ſex per quos no-
,, bis aditus ſuper Urbis muros paterent, conſtruximus. [2] ,, Hæc
,, in Inventione B. Stephani Protomartyris admoventes, vento con-
,, trario repulſi, necnon & magnellis quodammodo læſi naves retra-
,, ximus. Deinde nobis ex noſtra parte pugnantibus cum Saracenis,
,, Anglici minus cautè ſuam turrim cuſtodientes, hanc ex improviſo
,, igne ſuccenſam extinguere non potuerunt.

„ artificios, esperando sempre da misericordia de „ Deos. (1)

21 „ Padeciaõ nesta occasiaõ os Sarracenos den- „ tro da Cidade os effeitos de falta de viveres; „ porque supposto, que alguns se achavaõ com „ abundancia de mantimentos, se fecharaõ com el- „ les de modo, que muitos dos miseraveis paizanos „ morriaõ à fome, outros sem horror algum traga- „ vaõ cães, e gatos. A mayor parte destes misera- „ veis se passavaõ aos Christãos pedindo, que os „ bautizassem. Taes houve, que desfalecidos sobre „ os muros já com as mãos cortadas, eraõ apedre- „ jados pelos proprios. Outros muitos successos „ prosperos, e adversos nos aconteceraõ, segundo „ permittem os varios movimentos da guerra, os „ quaes deixamos de referir por evitar prolixida- „ de. (2)

22 „ Era dia da Natividade de Maria Santissi- „ ma, quando certo Italiano, natural de Pisa, ho- „ mem de grande industria, começou a edificar hu- „ ma altissima torre de madeira no mesmo sitio, „ onde se tinha queimado a dos Inglezes, para cu- „ jo complemento concorrendo dispendio Regio, „ e diligencia do Exercito, se gastou todo o mea- „ do de Outubro. Com igual actividade outro En- „ ge-

[1] „ Interim nos quadam machina murum efodere cœpimus. „ Quod videntes Saraceni, igne oleo admixto, eandem machinam in „ favillam redegerunt; præterea mortes innumeras tam magnellis, „ quam sagittis, nostris inferentes, ipsi quoque à nostris puniti sunt. „ Nostri de fractura machinarum, & suorum contritione aliquantis „ perfracti, in misericordia Dei sperantes, ingenia, & machinas „ reparare cœperunt. [2] „ Interea Saraceni Civitatis, qui alimentis „ abundabant, suis concivibus egentibus alimenta adeo subtrahebant, „ ut quamplurimi eorum fame morerentur: quidam autem eorum „ canes, & cattos non abhorrebant devorare. Horum pars plurima „ Christianis se obtulit, & Baptismi Sacramenta suscepit. Quidam „ autem illorum, truncatis manibus ad murum remissi, à suis con- „ civibus lapidati sunt. Multa nobis adversa, seu prospera secundum „ quod varius eventus est belli, acciderunt, quæ propter prolixita- „ tem vitandam silentio transivimus.

,, genheiro fez grandes cavas por debaixo dos mu-
,, ros, cuja operaçaõ mal soffrendo os Mouros, fa-
,, zendo occultamente huma sahida, pelejaraõ com
,, os nossos sobre a cava a peito descoberto desde
,, as dez horas da manhã até a tarde em o dia festi-
,, vo do Arcanjo S. Miguel. (1)

23 ,, Porém os nossos amparados com alguns
,, frecheiros, que lhes resistiaõ, de tal sorte entu-
,, piraõ as passagens, que aõ recolherse os Mouros
,, apenas escapou algum delles sem golpe, ou feri-
,, da; e continuando em abrir, e fundar a mina de
,, dia, e de noite, a acabaraõ de encher de madei-
,, ros no dia proprio, em que ElRey juntamente
,, com os Inglezes vinha encostar aos muros a sua
,, torre. Pondo-se entaõ fogo à mina em a noite de
,, S. Gallo Abbade, ardendo á fachina, rebentou
,, hum lanço da muralha, cahindo della quanto oc-
,, cupava o espaço de duzentos pés. (2)

24 ,, Ao estrondo da ruina, acordando os nos-
,, sos, pegaraõ em armas, e acomettendo com gran-
,, des alaridos a brecha, esperavaõ que fugissem os
,, que vigiavaõ, e guarneciaõ os muros; porém
,, acodindo os Arabes em grande numero, se po-
,, zeraõ em defeza na parte, em que a eminencia
,, de

---

[1] ,, Tandem quidam Pisanus natione vir magnæ industriæ circa
,, Nativitatem S. Mariæ turrim ligneam miræ altitudinis in ea parte,
,, qua prius Anglorum turris destructa fuerat, coaptavit, & opus lau-
,, dabile tam ex regio sumptu, quam ex totius exercitus labore circa
,, medium Octobris consumavit. Similiter quidam sub muro Civi-
,, tatis ingentes cavationes suo ingenio, & multorum auxilio fecit,
,, quod Saraceni moleste ferentes in festo S. Michaelis circa horam
,, tertiam latenter exeuntes, nobiscum usque ad vesperam super fo-
,, veam pugnam continuabant. [2] Nos autem, sagitariis eis oppo-
,, sitis, vias per quas redire sperabant, adeo vallavimus, ut vel nul-
,, lus, vel vix aliquis eorum sine plaga evaderet. Hinc nostri die, no-
,, ctuque laborantes, opus subterraneum lignis levigatis impletum
,, eadem die consumaverunt, qua Rex cum Anglicis muris turrem
,, suam applicabat. Siquidem in ipsa nocte Sancti Galli Abbatis, igne
,, fossæ imposito, lignisque ardentibus, corruit murus spatio ducen-
,, torum pedum.

,, de hum monte fazia difficil a entrada, continu-
,, ando todavia o combate desde a meya noite até
,, à hora nona do outro dia, em que finalmente os
,, nossos fatigados, e bastantemente feridos, foraõ
,, desamparando a peleja a tempo, que a torre se
,, hia apropinquando, de que o povo barbaro an-
,, dava pelas ruas tumultuosamente vexado. (1)

25 ,, Chegou a torre guarnecida de bellicosos
,, soldados a sobreentestar com a muralha, quando
,, dado sinal, se vio ao mesmo tempo investir con-
,, tra os Mouros com maravilhoso assalto o Exer-
,, cito da nossa parte, e os Lorenezes na cortadu-
,, ra dos muros. A soldadesca delRey, que peleja-
,, va na fortaleza da torre atormentada com as des-
,, cargas dos Sarracenos, se mostrou entaõ com me-
,, nos alento, de tal fórma, que os Mouros, que
,, sahiraõ fóra dos muros, queimariaõ sem duvida
,, a torre, se alguns dos nossos, que por acaso ti-
,, nhaõ alli vindo, os naõ embaraçassem. (2)

26 ,, Como a noticia deste perigo chegasse aos
,, ouvidos do nosso Exercito, se despediraõ prom-
,, ptamente os melhores batalhões delle para defen-
,, der a torre, por se naõ frustar na perda della a
,, nossa esperança. Vendo entaõ os Sarracenos o
,, gran-

---

[1] ,, Nostri de tanta ruina somno expergefacti, sumptis armis
,, cum magno clamore assiliebant, sperantes vigiles custodes muro-
,, rum fugisse. Ad ruinam autem cum venissent, mons aditu diffici-
,, lis superiminebat, & turba Saracenorum parata stabat in defensio-
,, ne. Nihilominus autem nostri assiliebant, nec à pugna media no-
,, cte inchoata usque ad diei horam nonam cessabant. Tandem va-
,, riis percussionibus attriti, pugnæ se subtrahebant, quousque com-
,, municatio turris admoveretur, & sic Saracenorum populus hinc
,, inde vexaretur. [2] ,, Et ecce turris viris bellicosis impleta muro
,, superiminebat. Eadem hora exercitus nostræ partis, Lotharingis
,, ad fracturam murorum inditio pugnantibus, Saracenos mirabili
,, assultu impetebant Interim milites Regis, qui in arce turris pu-
,, gnabant, magnellis Saracenorum territi, minus viriliter pugna-
,, bant, usque adeo, quod Saraceni exeuntes, turrim concremas-
,, sent, siquidam de nostris, qui casu ad eos venerant, non obstitis-
,, set.

,, grande valor, com que os Lorenezes, e Flamen-
,, gos subiraõ para a fortaleza da torre, ficaraõ taõ
,, preoccupados de medo, que arremeçando os al-
,, fanges aos pés, mostravaõ as mãos desarmadas
,, por final da paz que pediaõ. (1)

27 ,, Com effeito o Alcaide mór, ou o Gover-
,, nador do Castello dispondo-se a partido com os
,, nossos, pacteou em que recebessemos todas as al-
,, fayas preciosas de ouro, e prata que possuíaõ, e
,, que ElRey tomasse posse da Cidade, e seus mo-
,, radores com toda a mais terra, que lhe perten-
,, ce; e assim se concluío esta victoria mais divi-
,, na, que humana com a perda de duzentos mil e
,, quinhentos Mouros em dia das Onze mil Vir-
,, gens. (2)

28 Toda esta relaçaõ he hum documento, e singular anedocto, que mostra grande authoridade, naõ só por ser authentica, mas pelo arreglado, e conforme que se acha com as nossas Historias, e outros Escritores veridicos, e coetaneos. No dia da chegada da armada a Lisboa concorda com o livro intitulado: *Fortalitium Fidei*, que allega o nosso Chronista Frey Antonio Brandaõ, (3) e com o que escreveo o Abbade Dodechino. (4) Em o numero das náos, de que constava a armada, combina com o

[1] ,, Hæc periculi fama cum ad nostras venisset aures, meliores ,, exercitus nostræ partis ad defendendam turrim, ne nostra spes in ,, ea adnullaretur, transmissimus. Videntes autem Saraceni Lotharingos, & Flamingos tanto fervore in arcem turris ascendentes, ,, tanta formidine territi sunt, ut arma submitterent, & dextras sibi in signum pacis dari peterent. [2] ,, Unde factum est, ut Alchaida princeps eorum hoc pacto nobiscum conveniret: ut noster ,, exercitus omnem supelectilem eorum cum auro, & argento acciperet, Rex autem Civitatem cum nudis Saracenis, & tota terra ,, obtineret. Consummata est autem hæc divina non humana victoria in ducentis millibus & quingentis viris Saracenorum in festo ,, undecim millium Virginum. [3] Fortal. Fidei apud Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 31. [4] Dodechin. apud Marinh. de Azeved. liv. 4. c. 23.

o que disse Auberto Miréo, e o mesmo Dodechino. (1) No anno da tomada de Lisboa coincide com a Historia dos Godos, que transcreve o mesmo Brandaõ, e com outros muitos Escritores. (2) No dia da victoria convem com o que cantou Soeiro Gosuino, Poeta nobilissimo, e muito chegado àquelles tempos. (3) Finalmente em tudo mais que expressa esta Carta, se qualifica de legitima a sua narraçaõ, e de summamente veneravel a sua authoridade.

29 Passado algum tempo, segundo refere Rodolfo de Diceto, (4) emprenderaõ os Mouros recuperar outra vez Lisboa com suas industrias. Entraraõ pela barra dentro infinitas galeras comboyando huma náo de mayor vulto chamada *Dromund*, em que vinha huma tal maquina com que intentavaõ entrar armados dentro da Cidade. Inspirou Deos no animo de hum nosso valeroso soldado, que lançando-se às ondas deu hum furo na náo, e fazendo-a ir ao fundo, varou com a maquina em terra, e a suspendeo sobre os muros. Pela manhã foy vista dos Sarracenos, que envergonhados, e raivosos de verem desvanecida a sua idéa, fugiraõ, mas atrevidamente vingativos foraõ cativando quantos Christãos encontravaõ pelas prayas.

30 Destruida a Mourisma começou o Imperio Lu-

---

[1] Miræus Rer. Belgicar. Chron. ad an. 1147. *Belgæ eodem zelo moti, cum in Lusitaniam appulissent, Olisiponem Saracenis eripuerunt, & Alphonso Portugalliæ Regi tradiderunt. Dodechinus, & Robertus de Monte referunt ducentas fere naves Flandricas, & Anglicas huic expeditioni interfuisse.* [2] Brand. na Monarq. Lus. tom. 3. fin. Document. 1. Duarte Galv. Chron. delRey D. Aff. Henriq cap. 30. p. 42. Cunh. Histor. Eccles. de Lisb. part. 1. cap. 33. n 4. Faria e Sousa Europ. Portug. tom. 2. p. 1. cap. 4. n. 15. Cardos. Agiolog. Lus. tom. 3. p. 674. Mariana Histor. gener. de Esp. tom. 1. liv. 10. cap. 19. [3] Gosuino apud Brand. allegado, e Cunha nos Bisp. de Lisboa part. 2. cap. 25. n. 5. [4] Rudolfo de Diceto no liv. intitulad. *Imagines Historiarum* p. 614. o qual vem no livro *Historiæ Anglicanæ Scriptores antiqui*, impresso em Londres no anno de 1652.

Lusitano, e continuando pelo espaço de mais de quatrocentos annos até à morte do Cardeal Rey D. Henrique, se vio entaõ alterado, e interrompido pelo poder de Filippe II. Rey de Hespanha, que no anno de 1580 se fez senhor do Reino, decidindo à força de armas na ponte de Alcantara o direito à Coroa, que por justiça lhe naõ tocava.

31 Desta sorte permaneceo sessenta annos o dominio Hespanhol até Filippe IV., cujo governo fazendo-se asperissimo por via de Ministros severos, que manejavaõ os negocios de Portugal, despertou a alguns Cavalheiros, e Prelados do Reino, para que se resolvessem a comprar a todo o risco a liberdade da patria.

32 Para executarem huma acçaõ taõ justa, escolheraõ o primeiro dia de Dezembro do anno 1640, sempre memoravel em todos os seculos, e nelle acclamaraõ em Lisboa por legitimo, e verdadeiro Rey dos Portuguezes ao Serenissimo Senhor D. Joaõ IV. Duque VIII. de Bragança, a quem direitamente competia o throno, e a Coroa. Nesta Serenissima Casa, e descendencia continúa o Imperio Lusitano, e hoje no Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joseph I. felizmente reinante, e o XXV. na dignidade Real desde a gloriosa estirpe do santo Rey D. Affonso Henriques.

§. III.

Fortificaçaõ antiga, e moderna.

1 A Fortificaçaõ que defende esta Cidade se tem reedificado, e augmentado por varias vezes, segundo requer ou a damnificaçaõ dos tempos, ou o mayor numero de seus habitadores. Desde o inclyto D. Affonso Henriques até ElRey D. Fernando, consistia unicamente, como já dissemos;

mos, (1) na antiga fortaleza do Castello, com tudo o que corria desde as portas do Sol até à Ribeira, donde subiaõ as muralhas a fechar outra vez no mesmo Castello. (2) Ficando tudo mais que era do dito Castello até S. Vicente, e da porta do Ferro até as portas de Santa Catharina; e tudo o que toma do Castello até às portas da Mouraria, e de Santo Antaõ, em arrebaldes. (3)

2 Todo este pequeno recinto guarneciaõ para boa serventia doze portas com os nomes seguintes.

I. *Porta do Ferro.* Chamava-se o arco da Consolaçaõ, e estava junto da Igreja de Santo Antonio.

II. *Porta do Mar antiga*, hoje chamado postigo da rua das Canastras, que fica fronteiro à porta travessa da Igreja da Misericordia.

III. *Porta do Mar.* Defronte do Cáes de Santarem, a que chamaõ o arco de Jesus. Por esta porta foy invadida a Cidade pelo exercito Alemaõ, que auxiliou a ElRey D. Affonso Henriques.

IV. *Postigo do Conde de Linhares.* Ficava onde hoje está a porta principal do palacio do Conde de Coculim para a banda do mar.

V. *Porta do Chafariz delRey.* Ficava no sitio da parede do mesmo chafariz.

VI. *Porta de Alfama.* Está defronte da porta principal da Igreja de S. Pedro.

VII. *Porta do Sol.* Fica junto da Igreja de S. Braz. No adro desta Igreja se vê ainda em cima de huma sepultura huma grande bala de pedra, que foy atirada aos nossos pelos Mouros com os seus canhões pedreiros, de que usavaõ na ultima defensa desta Cidade.

VIII. *Porta de Alfofa.* Está no fim da calçada de S. Crispim da parte de cima.

IX. *Porta de S. Jorge.* He por onde se entra para

---

[1] Mappa de Portug. tom. 2. part 4. c. 3 § 3 num. 17. [2] Galv. Chron. delRey D. Affonso Henriq. cap 30. Monarq. Lusit. liv. 10. c. 26. [3] Oliveira Grandezas de Lisboa, pag. 45.

ra o Caſtello, e reſidia o corpo da guarda antes do terremoto.

X. *Porta de D. Fradique.* Era huma porta no Caſtello, que hoje ſe acha tapada de pedra, e cal, e nella ſe abrio hum cano para extracçaõ das aguas do Hoſpital dos Soldados.

XI. *Porta do Muniz.* Eſta porta fica dentro do Caſtello, e no fim da rua direita da Paroquial de Santa Cruz. Chama-ſe do Muniz em memoria do illuſtre Capitaõ Martim Muniz, que para facilitar aos noſſos a entrada deſta porta, quando conquiſtavamos a Cidade aos Mouros, ſe deixou cahir atraveſſando-ſe nella; por cima do qual paſſaraõ os Chriſtãos contra toda a violencia dos Arabes. Para eterna lembrança deſta acçaõ ſe mandou collocar ſobre a meſma porta huma cabeça de pedra, que ainda hoje dura. (1) O Conde de Caſtel-Melhor Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos e Souſa ſeu decimoquarto neto no anno de 1656 lhe mandou no meſmo lugar abrir huma Inſcripçaõ, que refere tudo. (2)

XII. *Porta da Traiçaõ.* Fica para a parte da muralha, em que eſtá a porta do Muniz, e por hum dos ſeus poſtigos ha ſerventia, que vem dar ao caminho da coſta do Caſtello.

3 Depois de paſſarem dous ſeculos, governando ElRey D. Fernando, e vendo a neceſſidade, que padecia Lisboa de fortificaçaõ, damnificada pelos prejuizos, que pouco antes lhe haviaõ feito os Caſtelhanos, por conſelho de Joaõ Annes de Almada, Védor da Fazenda, a mandou cercar de novos muros, e altas torres no anno de 1373, ordenando, que para mayor expediçaõ, e adiantamento da obra trabalhaſſem da parte do mar os moradores de Alma-

---

[1] Brand. Monarq. Luſ. liv. 10. cap. 28. e Franciſco Botelho de Moraes no Poema *Alphonſo*, liv. 12. eſt. 20. da primeira impreſſaõ, dá a entender, que eſta porta era a chamada do Sol: e na impreſſaõ de Salamanca liv. 10. eſt. 11. chama-lhe a porta do Norte. [2] Vide Demonſtr. Hiſtor. de Fr. Apollinario da Conceiçaõ, p. 190.

mada, Cezimbra, Palmella, Setubal, Coina, Benavente, e toda a mais gente de Riba-Tejo: e da parte da terra, os de Cintra, Cafcaes, Torres-Vedras, Mafra, Alanquer, Arruda, Atouguia, Lourinhã, Chileiros, Póvos, Villa-Franca, e Aldêa-Gallega. (1)

4 Com tanta diligencia fe operou nefta reedificaçaõ, que fe concluío no anno de 1375 a nova cerca, ou muros novos, dando-fe de terreno à nova planta fete mil paffos de circumferencia, e accrefcentando-fe nas muralhas de mais as portas feguintes.

I. *Porta de S. Lourenço.* Ficava no cimo da calçada da Rofa, e junto onde hoje exifte o palacio do Vifconde de Villa-Nova da Cerveira. Efta porta fe demolio no anno de 1700.

II. *Porta da Mouraria.* Exifte ainda hoje junto ao palacio do Marquez de Alegrete.

III. *Porta da rua da Palma.* Permanece na mefma rua, que lhe dá o nome.

IV. *Porta da rua da Pella.* He onde chamaõ o arco da Graça, pelo qual fe vay para o Collegio de Santo Antaõ.

V. *Porta de Santa Anna.* Ficava para baixo da Paroquial de Noffa Senhora da Pena, e no fitio onde fe vê hoje huma Ermidinha chegada ao muro das Religiofas Commendadeiras de S. Bento de Avís.

VI. *Porta de Santo Antaõ.* Exifte junto da Igreja de S. Luiz dos Francezes. Por ella fe faz tranfito para a praça do Rocio. Ainda nos lembramos ver aqui collocadas nas fuas couceiras as portas com que fe fechava, chapeadas de ferro, as quaes no anno de 1727 fe tiraraõ para dar mayor defafogo à publica, e mageftofa entrada, que fez em 6 de Janeiro de

[1] Duart. Nun. Chronic. delRey D. Fernand. p 238. Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. 45. Cunha nos Bifpos de Lisboa part. 2. cap. 103. num. 4.

de 1728 o Marquez de los Balbazes, Embaixador extraordinario de Hefpanha.

VII. *Porta das eftrivarias delRey.* Ficava entre a Inquifiçaõ, e as cafas do Duque de Cadaval, fazendo frontaria para o Rocio.

VIII. *Porta do Condeftavel*, ou poftigo do Carmo. Chama-fe hoje *Poftigo de S. Roque*, por confervar em cima do arco huma Imagem do Santo. Junto delle, para a parte da Igreja de S. Roque, exiftia ainda hum alto torreaõ, que com o terremoto paffado defabou, e entupio a paffagem para o palacio do Marquez de Niza, onde affiftia o Eminentiffimo Cardeal Patriarca, em que morreraõ dous feus gentis-homens.

IX. *Porta, ou poftigo da Trindade.* Ficava junto defte Convento na traveffa por onde fe fahe para a rua larga de S. Roque.

X. *Porta de Santa Catharina.* Exiftia junto da Igreja do Loreto, e atraveffava o largo da rua até enteftar com as cavalharices delRey, que agora fe arruinaraõ com o terremoto. Derrubou-fe efta porta no anno de 1702.

XI. *Porta do Duque de Bragança.* Eftava no fitio onde fe fez o palacio do Marquez de Valença, que tambem fe confumio com o terremoto, e incendio.

XII. *Porta de Catequefarás.* Chama-fe hoje *Poftigo do Corpo Santo*, e eftava junto da Ermida de Noffa Senhora da Graça.

XIII. *Porta dos Cubertos.* Por ella fe fazia tranfito para a praça da Corte-Real, ou para o largo do Corpo Santo.

XIV. *Poftigo do Carvaõ.* Chamou-fe arco do Efpinho, e fe entrava por elle da Tanoaria para a Fundiçaõ. Com o magnifico edificio do theatro Regio fe demolio no anno de 1754, e no feguinte com o terremoto, e incendio, que o arruinou, fe acabou de confundir o fitio de todo.

XV.

XV. *Porta da Oura*, chamado o arco do Ouro. Ficava fronteira ao arco debaixo de Palacio, e fazia paſſagem da Tanoaria para o largo da Patriarcal. Tambem ſe demolio com a erecçaõ do edificio do theatro Regio.

XVI. *Porta dos Armazens.* Ficava por baixo do novo quarto de Palacio, e por ella ſe fazia paſſagem do Real theatro para o largo do Relogio.

XVII. *Porta do arco das Pazes.* Era por onde ſe hia do largo das tendas da Capella para o Terreiro do Paço. Depois do terremoto, e em Agoſto do anno de 1757, ſe mandou demolir com baſtante parte do Palacio.

XVIII. *Porta da Moeda.* Exiſtia por baixo do quarto, que ultimamente occupou a Sereniſſima Rainha Dona Maria Anna de Auſtria, e olhava para o Terreiro do Paço. Hoje ſe acha tambem confundida.

XIX. *Porta, ou arco dos Pregos.* Fazia frente para o Terreiro do Paço, e lhe correſpondia da parte do mar o Forte chamado do meſmo Terreiro. Arruinou-ſe totalmente com o fogo.

XX. *Porta dos Barretes.* Chamava-ſe antes do terremoto, e incendio, Arco do Açougue. Hoje eſtá o ſeu ſitio perturbadiſſimo.

XXI. *Porta da Ribeira.* Ficava junto à eſcada de pedra, que eſtava entre o Veropezo, e a traveſſa do Açougue. Mandou-a demolir o Senado no anno de 1619.

XXII. *Porta da Portagem.* Confinava com a parede da rua do Principe.

XXIII. *Porta nova do Mar.* Era da parte da Ribeira chegada à caſa chamada dos Bicos.

XXIV. *Porta da Judiaria, ou do Roſario.* He por donde ſe vinha da Paroquial de S. Pedro ſahir à Ribeira.

XXV. *Poſtigo de Alfama*, a que alguns chamaõ das Alcaçarias. Fica defronte do campo da lã.

XXVI.

XXVI. *Porta do Chafariz de dentro.* Fica-lhe fronteiro da parte do mar o chafariz da praya.

XXVII. *Porta, ou postigo da polvora.* Era a ultima da banda da marinha, contigua à antiga cadêa das galés, junto à Ermida de Nossa Senhora do Rosario.

XXVIII. *Porta da Cruz.* Està fronteira à Igreja do Paraiso. Damiaõ de Goes na Descripçaõ de Lisboa chama a esta a primeira porta da Cidade.

XXIX. *Postigo do Arcebispo.* Ficava antes de chegar ao Convento de S. Vicente de Fóra.

XXX. *Porta de S. Vicente.* Ficava no sitio onde se vê hoje o passadiço para a cerca do Convento.

XXXI. *Postigo de Nossa Senhora da Graça.* Existia hum pouco affastado do Convento Graciano, e se mandou demolir no anno de 1700.

XXXII. *Postigo do caracol da Graça.* Tambem se derrubou no mesmo anno, e existia no cimo da declividade do monte, que vem dar ás Ollarias.

XXXIII. *Porta de Santo André.* Esta era a ultima porta aberta na cortina da muralha, que hia fechar no Castello.

4 No anno de 1650, reinando o Senhor Rey D. Joaõ IV., se traçou nova fortificaçaõ a Lisboa, recommendando-se a execuçaõ da nova planta, em que trabalharaõ os insignes Engenheiros Mr. Legarte Francez, Joaõ Gilot Hollandez, e Joaõ Cosmander Jesuita, natural de Brusellas, à diligencia, e actividade do Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes: (1) este a fez erigir com trinta

---

[1] *Omnem Tagi ripam, qua Ulyssiponem alluit, perpetuo militari sepimento circumdedit, & maritima loca urbi vicina, munimentis sibi invicem opitulantibus ita complexus est, ut nullibi sine hostium pernicie fieri possit in terram excensio. Opus quoque immensi & laboris, & moliminis aggressus est, Joanne Rege ei dante negotium, ut Urbem Ulyssiponensem propugnaculis cingeret, quorum inchoata multa, & multa absoluta non sine stupore cernuntur.* Aleixo Collotes de Jantillet Horæ successivæ, pag. 150.

e dous baluartes, e grande extenſaõ de muralhas, que deſcrevemos no *tom.* 2. *part.* 4. *deſte Mappa*, *cap.* 3. §. 3. *n.* 19.

5 Começada, e creſcida a obra, pareceo demaſiadamente grande o recinto, que ſe havia tomado, e aſſim ficou ſuſpenſa, e imperfeita, mas ſempre moſtrando a mageſtade, e grandeza da idéa: e ſem embargo, que depois ſe intentou remediar alguns defeitos da dita fortificaçaõ, mandando-ſe para eſſe fim chamar a eſta Corte ao noſſo Engenheiro Manoel Mexia, eſte achando mayores difficuldades no remedio, naõ quiz alterar a fortificaçaõ executada.

6 Joaõ Gilot achando-ſe em Lisboa no anno de 1652, querendo cingir em menor circumferencia o exceſſo da dita fortificaçaõ, apreſentou ao Principe D. Theodoſio, que governava as armas, huma nova planta, que conſervamos, cujo deſenho era começar o reducto pela lombada, que fica hum pouco fóra do ſitio de S. Joaõ de Deos, e pela quinta de Filippe Jacome até Noſſa Senhora da Eſtrella, onde ſe juntava com a ladeira, que vem do Sacramento, e dahi atraveſſando a quinta de Franciſco Soares, e ſeguindo aquelles oiteiros, paſſava pela cerca do Noviciado da Companhia, deſcia à rua de S. Joſeph, donde ſubia ao oiteiro dos Capuchos, e rodeando a quinta do Ramires, caminhava por linha recta ao pé do oiteiro, que eſtá junto a Noſſa Senhora do Monte, e dahi correndo direito ao mar, acabava hum pouco mais para dentro de Santa Apollonia; aſſentando neſta traça ametade dos baluartes, que moſtrava o primeiro deſenho.

7 Eſta planta naõ ſe poz em operaçaõ; e ſuppoſto que a primeira incompletamente erecta, e já hoje em muita parte deſtruida, e turbada, pareceo entaõ demaſiadamente grande, o tempo foy moſtrando que o ſeu ambito naõ era improprio ao augmento da povoaçaõ. Agora porém que vemos, naõ ſem laſtima noſſa, huma grande parte da Cidade arrui-

ruinada, e os seus arrebaldes, e baldios occupados com casas, e barracas, que tudo tem confundido, e se espera nova planta para a sua renovaçaõ, he justo que tambem se intente o fortificalla de novo, para ficar naõ só regular, quanto for possivel, mas forte, e inexpugnavel.

8 He bem verdade, que sendo o territorio, e a situaçaõ de Lisboa forte por natureza; naõ necessita ser muito fortificada por arte; nem tem o receyo, como já ponderaraõ Luiz Mendes de Vasconcellos, e Severim de Faria, (1) de poder ser acomettida improvisamente; ,, porque considerada ,, pela marinha, della à foz do rio Tejo ha tres le-,, goas; e voltando sobre o seu terreno, quasi tu-,, do he costa brava, tendo muito poucos, e ruins ,, surgidouros, e faceis de defender; sendo o que ,, lhe fica mais perto o de Cascaes, que está cinco ,, legoas desta Cidade, e he praça bem presidiada. E ,, se o inimigo desembarcar em Peniche, quando a ,, nossa negligencia o deixar fazer, a pouco cus-,, to se poderá desbaratar pela aspereza do cami-,, nho, e pelo difficultoso passo da cabeça de Mon-,, tachique.

9 ,, Pela barra dentro quasi que he impossivel a ,, invasaõ, por causa dos cachopos, torres de S. ,, Juliaõ, e mais fortes, e fortalezas, que por alli ,, ha: e a sahida ainda he muito mais trabalhosa; ,, porque só com especiaes ventos, e marés se exe-,, cuta; e nenhum General será taõ imprudente, ,, que se meta com huma Armada dentro de hum ,, porto, onde a retirada lhe naõ seja segura, e ,, prompta.

10 ,, Naõ tem Lisboa menos segurança por ,, terra; porque pelo Alentejo he difficil vir a ella ,, exercito algum, se se quizer impedir; porque

---

(1) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisboa, p. 220. Sever de Far. nos Discurs. var. Polit. disc. 1. p. 15. v.

,, ſahindo das terras cultivadas, ſe dá na charneca, a
,, qual pelo mais breve caminho tem onze legoas,
,, onde ſó com o fogo que nella ſe pegue, ſe póde
,, embaraçar, e deſtruir as tropas; e quando iſto
,, ſe naõ faça, e o exercito chegar ao rio, naõ po-
,, derá vadeallo taõ facilmente.

11 ,, Vindo pela Beira o inimigo, ou ha de vir
,, dar a Sacavem, onde o ſeu rio he taõ fundo co-
,, mo o de Lisboa, ou ha de vir por Vialonga, que
,, he a eſtrada mais livre que póde ter; mas defen-
,, dendo nós a paſſagem do Lumiar, e as mais da-
,, quelles montes, que correndo para Noſſa Senho-
,, ra da Luz, e Sacavem, fazem por beneficio da
,, natureza hum muro fortiſſimo a eſta Cidade, naõ
,, poderá ſer expugnada ſem muito trabalho, e pe-
,, rigo. De ſorte, que ſendo Lisboa por ſi taõ de-
fenſavel, lhe baſtará qualquer fortificaçaõ para fi-
car ſeguriſſima.

§. IV.

Multidaõ de ſeus Habitadores.

1 NAõ he muito facil formar calculo certo ao grande numero dos moradores, que habitaõ, e compoem eſta nobiliſſima Cidade; porque ſó a multidaõ dos eſtrangeiros proteſtantes, que francamente aqui aſſiſtem para o commercio, e naõ ſe aliſtaõ no rol annual dos Parocos, difficulta muito eſta diligencia: todavia por naõ defraudarmos totalmente aos deſejoſos de huma das principaes noticias deſte aſſumpto, referiremos ao menos por curioſidade chronologicamente os exames, e averiguaçóes, que em varios tempos ſe fizeraõ ſobre eſta computaçaõ.

2 No anno de 1528 Henrique da Mota, Eſcrivaõ da Camera delRey D. Joaõ III. tirando por ordem do meſmo Senhor huma Relaçaõ exacta do po-

povo, que havia em Lisboa, e ſeus arrebaldes, achou o ſeguinte. (1)

Fogos na Cidade, e arrebaldes	14U014
No Termo	4U034
A ſaber:	
Viuvas	4U305
Clerigos moradores	U720
Bairro dos Eſcolares de Alfama	1U734
Alcaçova com a cerca velha	1U127
Povoaçaõ dos muros a dentro, e Ribeira	8U025
Arrebaldes, Catequefarás até Alcantara	U554
Villa-Nova de Andrade	U408
Santo Antaõ com hortas	U200
Mouraria, e povoaçaõ de S. Lazaro	U745
Porta da Cruz, e Enxobregas	U080
Quintas nos limites de Santa Juſta, Martyres, e Santo Eſtevaõ	U150
Somma	18U048

3 No anno de 1551 Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, Guarda-Roupa do Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos no Tratado, ou Summario, que fez por ordem do meſmo Arcebiſpo de algumas couſas aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, que havia na Cidade de Lisboa, achou ter, além da Corte (2)

Viſinhos	18U000
Almas	100U000
Eſcravos	9U950

4 No anno de 1552 em huma Relaçaõ m. ſ. que vimos, feita com muita miudeza, das grandezas de Lisboa, diz, que havia na Cidade duzentos e trinta e cinco officios, em que ſe occupaõ

Ho-

[1] Refere Cunha na Hiſtor. m. ſ. dos Arcebiſp. de Lisboa, ſendo que Gaſpar Barreiros na Corografia, pag. 54. aſſina menor numero.
[2] Rodr. de Oliv. Summar, pag. 118. da impreſſaõ moderna.

Homens	39U000
Mulheres	11U500
Havia mais Orfãos	3U000
Meninos de Escola	4U000
Mulheres solteiras	5U000

5 No anno de 1561 Gaspar Barreiros, Conego da Sé de Evora, diz, que no seu tempo era julgada commummente Lisboa por huma povoação de trinta mil visinhos, sendo que elle a computava por dezasete mil. (1)

6 No anno de 1600 João Botero Benese, Abbade de S. Miguel nas suas noticiosas *Relações Universaes*, (2) achou ter Lisboa vinte mil casas, e povo infinito.

7 No anno de 1608 Luiz Mendes de Vasconcellos diz, que no seu juizo era incomprehensivel o numero da gente, que então vivia em Lisboa; pois só em hum pequeno bairro della, chamado a Lapa, havia cinco mil casas. (3)

8 No anno de 1620 Fr. Nicoláo de Oliveira, Religioso Trinitario, no livro, que compoz das *Grandezas de Lisboa*, lhe assina vinte e sete mil visinhos, e cento e onze mil pessoas. (4)

9 No mesmo anno D. Francisco de Herrera e Maldonado na vida, que escreveo do Veneravel Bernardino de Obregon, diz, que por computo certissimo se achavão na povoação de Lisboa cento e quinze mil fogos. (5)

10 No anno de 1623 Gil Gonçalves de Avila no *Theatro das Grandezas de Madrid*, affirma que nunca se pode ajustar o numero dos habitadores de Lisboa; porém que os mais curiosos lhe numeravão quinhentas mil pessoas. (6)

11 No

[1] Barreir. Corograf p. 54. [2] Botero Relazioni Universali part. 1. lib 1. pag. 16. [3] Vasconcel. Sitio de Lisboa pag. 162. [4] Oliveir. Grandezas de Lisboa pag. [5] Herrer. Vida do Ven. Obregon p. 141. [6] Avila Theatr. de Madrid, pag. 502.

11 No anno de 1624 Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora, nos *Difcurfos Politicos* (1) diz, que o numero da gente em Lisboa era taõ grande, que fe tinha no feu tempo pelo mayor povo da Europa.

12 No anno de 1642 o Illuftriffimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebifpo de Lisboa, na *Hiftoria Ecclefiaftica* defta Cidade, lhe affinou cincoenta mil vifinhos. (2)

13 No anno de 1645 Rodrigo Mendes da Silva na *Poblacion general de Efpaña* (3) lhe attribuío mais de cincoenta mil vifinhos.

14 No anno de 1652 o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo, efpecial indagador das grandezas de Lisboa, efcreve, que teria efta Cidade no feu tempo vinte oito mil e duzentos vifinhos; porém que os mais curiofos reputavaõ comprehender oitocentas mil peffoas. (4)

15 No anno de 1660 Pedro Davity na *Defcripçaõ geral da Europa* lhe affinou mais de cento e vinte mil habitadores. (5)

16 No anno de 1668 Monf. de Ivigné no *Diccionario Theologico-Hiftorico*, naõ lhe affinou mais que o numero de vinte mil cafas, trasladando o que diffe Damiaõ de Goes. (6)

17 No anno de 1704 pelas Relações dos Parocos mandadas ao Arcebifpo D. Joaõ de Soufa, que nós vimos, numerava entaõ Lisboa, excepto os eftrangeiros, noventa mil fogos.

18 No anno de 1707 D. Joaõ Alvares de Colmenares, efcrevendo as *Delicias de Portugal*, deu a Lisboa o numero de trinta mil cafas. (7)

19 No mefmo anno o Padre Antonio Maria Bonuc-

---

[1] Sever. Difcurf 1. pag. 15. v. [2] Cunh. Catalog. dos Bifp. de Lisb. part 1. cap. 5. n. 1. [3] Silv. Defcripcion de Portug. c. 2. [4] Marinh. de Azeved. Antiguid. de Lisb. part. 1. liv. 1. c. 29. [5] Davity tom. 1. p. 185. [6] Ivignè Diction. Theol. verb. Lisboa. [7] Colmenar. Delic. de Port. tom. 4. p. 749.

nucci no Sermaõ das Exequias do Sereniſſimo Rey D. Pedro II. prégado em Roma, a pag 10, e 14 diz, que em Lisboa ſe contava naquelle tempo mais de quinhentas mil peſſoas.

20 No anno de 1712 o Padre Antonio Carvalho da Coſta na *Corografia Portugueza*, conforme a ſomma extrahida dos fogos, que elle aſſina às Freguezias, reſulta mais de vinte mil fogos. (1)

21 No anno de 1716 o Papa Clemente XI. em Conſiſtorio de 7 de Dezembro, declarou pela atteſtaçaõ, que lhe foy de Lisboa, que ſó a parte Occidental della continha quaſi trezentos mil habitadores. (2)

22 No anno de 1730 a *Deſcripçaõ de Lisboa*, eſcrita em Francez, e impreſſa em Amſterdaõ, lhe deu o numero de duzentas e cincoenta mil almas. (3)

23 No anno de 1736 o Padre D. Luiz Caetano de Lima, ſem embargo que no tom. 2. da *Geografia Hiſtorica* ſe exima prudentemente de aſſinar numero certo de habitadores em Lisboa, com tudo das Relações que tranſcreve, lhe deu ſó na parte Occidental dezanove mil quatrocentos e vinte dous fogos. (4)

24 No anno de 1739 Antonio de Oliveira Freire na *Deſcripçaõ Corografica de Portugal* lhe attribuío oitocentas mil peſſoas. (5)

25 No anno de 1754 mandando-ſe a Roma huma atteſtaçaõ dos habitadores que continha Lisboa para ſe paſſarem as Bullas ao ſegundo Patriarca o Eminentiſſimo Cardeal Manoel, ſe lhe aſſinou mais de ſeiſcentos mil habitantes conforme o calculo moderno.

26 De todas eſtas computações ſe deduz quanto ſe-

[1] Carv. da Coſta Corograf. Portug. tom. 3. tratad. 8. [2] Ex Cod. Titul. S. Patr. Eccleſ. Lisb. tom. 1. pag. 118. [3] Deſcription de la Ville de Lisbonne pag. 8. [4] Lima Geograf. Hiſt. tom. 2. p. 647. [5] Oliveir. Freire Deſc. Corogr. de Port. pag. 106.

ſe tem alterado com os tempos o populoſo da Cidade, na qual ſe naõ póde fixar numero abſolutamente certo de habitadores; e muito menos depois que no tragico terremoto, e incendio geral de Liſboa pereceo taõ grande multidaõ laſtimoſamente. Huns dizem (1) que foraõ quinze mil os mortos: outros (2) vinte quatro mil: outros (3) ſetenta mil. Perda foy eſta, que naõ ſe poderá calcular taõ facilmente.

27 Verdade ſeja, que ainda que a mayor parte dos moradores, que por altiſſimo deſtino eſcaparaõ do triſte golpe daquelle dia, deſampararaõ a Cidade; os ſeus campos, e contornos para onde ſe refugiaraõ, ſe viraõ ampliados de ſorte, que como ſe Lisboa tivera a qualidade de Hydra, ou a natureza da Fenix, por cada bairro que ſe extinguio, creſceraõ muitos; por cada caſa, e rua que ſe abrazou, renaſceraõ multiplicadas: caſas, e ruas no campo do Curral; caſas, e ruas no campo de Santa Clara; caſas, e ruas na Cotovia, em Campolide, em Belem, no ſitio do Rato; e tudo cheyo, e povoado com baſtante numero de gente.

28 De maneira, que Lisboa neſte particular parece que naõ ſentio diminuiçaõ alguma, pois cada dia ſe acha infinitamente mais fornecida, e augmentada em povo; e com a capacidade de poder povoar, e ſoccorrer todos os annos da meſma ſorte as ſuas Conquiſtas em todas as quatro partes do mundo; ſem que todavia, como até agora experimentámos, ſe dê a conhecer a falta dos que ſe auſentaõ, ſenaõ nos olhos dos que ficaõ.

---

[1] P. Anton Pereir. no Comment. de Terræmot. & incend. Oliſipon. pag. 9. [2] Pedegache Nova, e fiel Relaç do Terremoto pag. 20. [3] Joſeph de Oliv. Trovaõ na ſua Cart. Relator. deſte ſucceſſo p. 11.

§. V.

Novo plano regular da Cidade.

1 REconhecida, e obſervada a deſtruiçaõ de Lisboa com o grande terremoto, e incendio do primeiro de Novembro de 1755, foy preciſo intentarſe a ſua renovaçaõ. Havia differentes modos para eſta ſe executar. Primeiro, reſtituindo-a promptiſſimamente ao ſeu antigo eſtado, levantando as caſas nas ſuas meſmas alturas, e diſpondo as ruas como eſtavaõ; ſervindo os proprios deſtroços, e ruinas para a erecçaõ dos edificios, e evitando deſta ſorte o trabalho, e deſpeza dos deſentulhos.

2 Porém neſte projecto lhe faltava a attençaõ ao melhoramento de huma Cidade, que ſe pertendia edificar de novo em occaſiaõ opportuna, conſervando-lhe outra vez as ruas eſtreitas, que as faz de aborrecivel uſo; e as caſas nas meſmas alturas, cauſando o horror, que ſe tem concebido aos terremotos.

3 O ſegundo modo era, levantar os edificios nas ſuas antigas alturas, e mudar as ruas eſtreitas em ruas largas. Aſſim ficaria melhor a ſerventia do publico, e ſe conſervava na altura das caſas abundantes commodos para os habitadores, e a Cidade ficaria mais formoſa do que d'antes era, melhorando-ſe alguns edificios mayores arruinados. Porém neſta idéa ſe encontra o defeito de ſe naõ acautelar contra o flagello dos terremotos nas alturas dos edificios.

4 O terceiro modo era, diminuindo as alturas a dous pavimentos ſobre o terreo, e mudando as ruas eſtreitas em largas; acautelando-ſe por eſte modo contra ſemelhantes aſſaltos, diminuindo as alturas dos edificios, por ſe temerem nos mais altos as ruinas mais certas; como pelo contrario nas ruas mais lar-

largas mayor facilidade para ſe eſcapar dos deſtroços, que nas eſtreitas ſervem de grande impedimento ao retiro. Mas tem contra ſi eſte arbitrio os clamores dos donos dos edificios extinctos, e outros diminutos de rendimento pela diminuiçaõ dos inquilinos; entre cujos clamores ſeriaõ muito diſtinctos os dos Morgados, Eccleſiaſticos, e Irmandades, como tambem tinha contra ſi a accomodaçaõ dos deſentulhos; e mais que tudo a graviſſima deſpeza com que ſe havia de ſubſtituir a diminuiçaõ dos edificios extinctos.

5 O quarto modo era, arrazando toda a Cidade baixa, levantando-a com os entulhos; ſuaviſando aſſim as ſubidas para as partes altas, e fazendo deſcenſo para o mar com melhor, e ſuave correnteza das aguas; formando novas ruas com liberdade competente aſſim na largura, como na altura dos edificios. Mas eſta idéa, poſto que vencia ao terceiro modo em evitar o embaraço dos deſentulhos, e em dar melhor ſerventia à Cidade, ſempre ficava com o grave pezo de dar a cada hum a juſta compenſaçaõ do que lhe pertencia.

6 O quinto modo podia ſer deſprezar Lisboa arruinada, e formar outra de novo deſde Alcantara até Pedrouços; com permiſſaõ porém de que os donos das caſas de Lisboa arruinada as podeſſem levantar como quizeſſem. Facilitava-ſe eſte modo mais que todos, porque naõ tinha que vencer difficuldades de deſentulhos, e ſuas acomodações: offerecia campo docil, e livre das eminencias de Liſboa antiga, ſem neceſſidade de averiguar o eſtado das caſas que ſe deviaõ conſervar, ou derribar, nem ouvir clamores dos donos das que inteiramente ſe deſprezaſſem. Com eſte arbitrio ſe edificaria com mais goſto, pelas melhoras, e avanços, que geralmente ſe reconhecem no terreno, e prayas do ſitio de Belem, e ſuas viſinhanças, livrando aos habitadores do horror que conceberaõ na deſtruiçaõ da

Cidade arruinada; e com incomparavel brevidade, e boa organiſaçaõ de ruas, e de edificios, ſe formaria huma Lisboa nova, ſem que os dominantes dos edificios de Lisboa deſtruida tiveſſem de que ſe queixar, pois ſe lhe naõ fazia violencia alguma, nem ſe lhes impedia a reedificaçaõ dos ſeus edificios para ſe valerem delles à ſua vontade.

7 Eſtas eraõ as idéas que pareciaõ attendiveis; porém com mais madura ponderaçaõ determinou Sua Mageſtade por Decreto de 3 de Dezembro de 1755, que da Cidade arruinada foſſem promptamente ſeus edificios demolidos, e ſe alinhaſſem as ruas com rectidaõ, e largura competente à commodidade dos ſeus habitantes: e que nos outros bairros, cujos edificios ficaraõ no eſtado de admittir concerto, ſe melhoraſſem as ruas quanto foſſe poſſivel: e para que em ſemelhante obra taõ neceſſaria ao bem commum naõ houveſſe prejuizo nos particulares, eſtabeleceo varias providencias por dous Decretos, hum de 12 de Mayo de 1758, e outro de 15 de Junho de 1759.

8 E porque nas ruas rectamente alinhadas podeſſem os proprietarios dos terrenos edificar as ſuas propriedades com a certeza da qualidade dos habitantes, e dos artifices, eſtabeleceo por Decreto de 15 de Novembro de 1760 a diſtribuiçaõ das ruas ſeguintes, que jazem entre as praças do Commercio, e a do Rocio.

Rua nova d'ElRey. Nella ſe devem arruar os Mercadores da claſſe da Capella, applicando-ſe as logens, que delles ſobejarem para as vendas dos outros Mercadores de louça da India, de chá, e das mais fazendas do ſeu trafico.

Rua Auguſta. Neſta rua ſe devem alojar os Mercadores de lã, e ſeda, applicandoſe-lhes onde naõ chegarem as logens as mais que neceſſarias forem na rua de Santa Juſta.

Rua Aurea. Nella ſe accommodaráõ os Ourives

do

do ouro, alojando-se nas accommodações que delles sobejarem os Relojeiros, e Volanteiros.

Rua bella da Rainha. Nella se accommodaráõ os Ourives da prata, e nas logens que sobejarem, se alojaráõ os Livreiros que antes viviaõ na sua visinhança.

Rua nova da Princeza. Nella se accommodaráõ os Mercadores de fancaria; destinando-se os sobejos della, se os houver, às logens de Quincalheria.

Rua dos Douradores. Esta rua, que será immediata à rua bella da Rainha, cortando ao nascente della, se distribuirá para os Douradores, Batefolhas, Latoeiros de lima, ficando livres as logens, que nella sobejarem, para tendas, tavernas, e outros misteres.

Rua dos Corrieiros. Esta rua, que ficará entre a rua bella da Rainha, e a rua Augusta, teráõ nella arruamento os officios de Corrieiro, Selleiro, e Torneiro.

Rua dos Sapateiros. Nesta rua, que mediará entre a rua Augusta, e rua Aurea, se devem arruar a hum lado della os Sapateiros, e o outro lado se deixará livre para outros misteres do povo.

Rua de S. Juliaõ. Assim se denominará a primeira das seis travessas, que cortaõ as sobreditas ruas, principiando da banda do Nascente, e nella se devem accommodar os Algibebes.

Rua da Conceiçaõ. Assim se denominará a segunda das referidas seis travessas, e nella se accommodaráõ os Mercadores de logens de retroz.

Rua de S. Nicoláo. Assim se denominará a terceira das ditas travessas, e nella se accommodaráõ as logens de Quincalheria, que couberem.

Rua da Victoria. Assim se denominará a quarta das referidas travessas, e nella se accommodaráõ às logens, que restarem dos referidos Mercadores de Quincalheria.

Rua

Rua da Assumpçaõ. Assim se denominará a quinta das sobreditas travessas, e nella se arruaráõ os Cerigueiros assim de chapeos, como de agulha.

Rua de Santa Justa. Assim se denominará a sexta, e ultima das referidas travessas, e nella se alojaráõ os mercadores de lã, e seda, que naõ tiverem bastante accommodaçaõ na rua Augusta.

9 Determinada com esta formalidade a distribuiçaõ das principaes ruas, se principiou a renovaçaõ da Cidade pelo edificio publico de hum magestoso Arsenal, e a Bolsa do Negocio com a accommodaçaõ dos Tribunaes; largando Sua Magestade o seu Palacio antigo do terreiro do Paço, assim como os Senhores Reys seus antecessores haviaõ largado os em que habitavaõ, que se achaõ hoje servindo de outros usos.

10 E para Palacio da sua residencia escolheo a elevaçaõ do terreno superior ao Tejo, e à Cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de S. Joaõ dos Bem casados, e o caminho que vay do Senhor Jesus da Boa-Morte para o Rato, com as demarcações que se assinaõ no Decreto que para este effeito passou a 2 de Julho de 1759. Ficando este sitio sendo cabeça, e parte principal da Corte, e Cidade de Lisboa, que por este novo plano ficará mais extensa, regular, e decorosa.

§. VI.

Catalogo dos seus Prelados.

1 QUerer enlaçar huma serie direita dos Prelados superiores, que governaraõ a Santa Igreja de Lisboa desde os primitivos tempos da Christandade aqui estabelecida, he materia summamente escura, difficil, e embaraçada; e assim evitando o metermo-nos em taõ espessas trevas, reduzimos estas memorias com a possivel clare-

reza, e brevidade a tres classes: Bispos, Arcebispos, Patriarcas.

BISPOS.

2 PRetende o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha deduzir a origem da Cadeira Pontificia na Santa Igreja Lisbonense desde a promulgaçaõ do Evangelho, e quer que S. Mansos, Discipulo do Senhor, enviado pelos Apostolos a Hespanha, fosse o seu primeiro Bispo regionario; (1) e sem embargo que de algum modo milita pela parte de D. Rodrigo o Breviario Eborense, reconhecido pelo insigne André de Resende, e a tradiçaõ immemorial daquella Diecese, naõ obstante a asseveraçaõ contraria de Papebroquio, e seus erudítos continuadores Antuerpienses, que negaõ absolutamente a vinda de S. Mansos a Hespanha, (2) com tudo saõ taõ debeis os fundamentos, em que se estriba D. Rodrigo, que nos deixa ainda muito pouco seguros, e satisfeitos na baze Pontificia da nossa Igreja.

3 A mesma debilidade padecem as memorias Episcopaes do *Anonymo* Discipulo de Santiago mayor: de *Filippe Filoteo*, que dizem ser mandado por S. Clemente Papa no anno de 92: de *S. Pedro I.* pelos annos de 166: de *Pedro II.* no anno de 213: de *Jorge* no anno de 260: de *Pedro III.* pelos annos de 297, em cujo tempo succedeo o glorioso martyrio dos tres Santos irmãos Verissimo, Maxima, e Julia: de *S. Gens*, ou *Genesio*, que floreceo no tempo de Diocleciano: de *Januario* pelos annos de 300: de *Potamio* (3) pelos annos de 356: de *Antonio* no anno de

[1] Cunha Histor. Eccles dos Bisp. de Lisb. part 1. cap.9. Resende na Histor. de Evora cap. 9. [2] Papebroch. tom. 5. Acta Sanctor. a 21 de Mayo pag.35., e 5 de Agosto pag.11. [3] Padilha Histor. Eccles. c.51. cent.4. seguindo a Morales liv. 10. c. 37. diz, que Potamio fora o primeiro Bispo de Lisboa; porém Luiz Marinho liv. 3. c. 34 das Antigui-da-

de 373: de *Neobridio* pelos annos de 430: de *Julio* no anno de 461: de *Azulano* em quasi o mesmo tempo: de *Joaõ* pelos annos de 500: de *Eolo* pelos annos de 536: de *Nestoriano* pelos annos de 578; porque todos, ou quasi todos estes Prelados, que o sobredito D. Rodrigo, e outros Escritores constituem nesta Cathedral, saõ duvidosos: pelo que separando nós o verdadeiro do incerto, começamos a serie dos Bispos de Lisboa por

I.

Paulo.

Desde antes do anno 589.

4 HE este o primeiro Pastor Ecclesiastico, que encontramos com testemunho authentico regendo a Diecese Lisbonense. Verdade seja, que naõ podemos duvidar da anterior existencia de outros Prelados della, naõ só por vermos a honra da sua Cadeira Episcopal estabelecida já no tempo do Concilio de Eliberi, celebrado no principio do quarto seculo; mas porque o martyrio com que muitos Varões santos illustraraõ esta Cidade em tempo do Gentilismo, he prova de estar nos Fieis radicada a Religiaõ Evangelica, animada, e persuadida pelo exemplo dos seus Prelados: (1) porém as turbulentas,

---

dades, defende fortemente, que Potamio naõ fora Prelado desta Igreja. Sem embargo, que de Potamio, como Bispo de Lisboa, se faz mençaõ no famoso Libello, que os Presbyteros Marcellino, e Faustino, Luciferianos, escreveraõ aos Imperadores Valentiniano, Theodosio, e Arcadio, que vem no tom 5. Biblioth. Patr. pag mihi 652. Porém os Padres Autuerpienses affirmaõ ser este Libello mendacissimo: o mesmo dizem Tilemont tom. 7., e outros apud Florez tom 10. da España sagrada, e tom. 13. pag. 147. [1] Este Concilio foy celebrado ou no ann. de 300, ou 301, como parece a Tillemont tom. 5. tit. de S. Eulalia: e supposto que D. Fernando de Mendonça na ediçaõ, e commentarios que

tas, e vivas perseguições dos primeiros seculos, e accidentes particulares, privaraõ a posteridade da sua noticia.

5 Consta pois a existencia de Paulo pela subscripçaõ, que delle vemos no Concilio III. de Toledo, celebrado no anno de 589 à instancia delRey Recaredo contra a perfidia Arriana, onde no lugar decimo oitavo das firmas dos Prelados, que alli concorreraõ, se lê: *Paulus Olisiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi*, (1) inferindo-se daqui ser elle hum dos suffraganeos antigos naquelle tempo de Merida, pois que precedia a quarenta e quatro Bispos daquella santa Assemblea.

II.

Goma, ou Gomarelo.

Desde o anno de 610.

6 COm certeza se naõ póde dizer-se este Bispo foy immediato successor de Paulo, como quer D. Rodrigo da Cunha, (2) e bem duvída Luiz Marinho de Azevedo. (3) A memoria que temos delle he acharse na confirmaçaõ do Decreto delRey Gundemaro em favor da Igreja de Toledo, confor-

 me

que lhe fez, naõ expressa mais que dezanove Bispos, que se congregaraõ, sem nomear o de Lisboa; com tudo como consta de outros Codices, que foraõ quarenta e tres Bispos, e entre os mencionados por Mendoça vem expresso o de Ossonoba, sendo Cidade do Algarve mais retirada, e menos illustre que Lisboa, ha fundamento para dizermos, que falta a subscripçaõ do nosso Prelado: quanto mais, que na Carta 68. de Cypriano, segundo affirma o P. M. Flores na España sagrada tom. 4. pag. 82. se faz memoria do Bispado Lisbonense. [1] Conforme o tom. 13 pag. 129. dos Concilios da Collecçaõ Regia Parisiense, impressa no anno de 1644. Veja-se a Monarq. Lusitan liv. 6 c. 19. O P. Flores no tom. 6. pag. 147. o colloca no lugar decimo setimo. [2] Cunha part. 1. cap. 22. da Hist. Eccles. de Lisboa. [3] Mar. de Azev. liv. 4. cap. 6.

me o Synodo, que alli fez celebrar no anno de 610, onde firmou no lugar duodecimo. Ainda persevera a memoria deste Prelado até o anno de 614, no qual celebrando-se o Concilio de Tarragona, se vê alli assinado Fructuoso como Procurador do nosso Bispo, como advertio Loaysa, e Padilha. (1)

III.

Viarico, Ubarico, ou Dialico.

Desde o anno de 633.

7 COm toda esta variedade se lê o nome deste nosso Prelado nos Codigos dos Concilios de Toledo, a que assistio. No IV. Toledano, celebrado pelos annos de Christo 633, assinou no lugar quadragesimo quinto dos Bispos concurrentes, nesta fórma: *Viaricus Olisiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi.* No Concilio V. celebrado no anno de 636, subscreveo no lugar decimo terceiro, e se vê assinado *Ubaricus.* No Concilio VI., que se congregou no anno de 638, vemos no lugar trigesimo quarto ao mesmo Prelado com o nome *Dialico.* (2) Entre este Bispo, e Gomarelo adverte Luiz Marinho, que bem podia ter havido outros Bispos, pois se passaraõ vinte annos de interpolaçaõ; mas naõ ha memoria alguma delles que seja veridica. Ambrosio de Morales, a quem segue Frey Bernardo de Brito, e Marinho de Azevedo, fazem dous differentes Bispos de hum só, porque separaõ Viarico de Ubarico. (3)

IV.

---

[1] Padilha Histor. Eccles. part. 2. cent. 7. cap. 5. [2] Tom. 4. Concilior. p. 522. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. c. 23. Monarq. Lus. liv. 6. c. 22. [3] Moral. liv. 12. c. 25. Brit. na Monarq. l. 6. c. 21. Marinh. liv. 4. c. 6.

IV.

Neufridio, ou Neufredo.

Desde o anno de 646.

8 O Nome deste Prelado se verifica pelo Concilio VII. de Toledo, celebrado no anno de 646, onde achamos subscrevendo em seu lugar ao Abbade Crispino como Procurador do nosso Bispo, e assinou no lugar trigesimo. (1) Devia Neufridio succeder immediatamente a Viarico pelo pouco tempo intermedio, que se passou entre hum, e outro Concilio. Passados poucos annos, isto he, no de 653, acontecco o glorioso martyrio de Santa Iria natural de Thomar.

V.

Cesario, ou Cesar.

Desde o anno de 656.

9 ANtes de Cesario conjectura D. Rodrigo da Cunha, (2) que houvera outro Bispo chamado Vicente, e que assistira por seu Procurador Servando ao Concilio VIII. Toledano; porém o fundamento de D. Rodrigo he frivolo. O mais certo he, que a Neufredo succedeo Cesario, e o encontramos assinado no lugar undecimo do Concilio X. Nacional, celebrado em Toledo em tempo de Recesvintho, Rey Godo, pelos annos de Christo 656 no dia primeiro de Dezembro. (3)

[1] Consta do tom. 14. Concilior. pag. 667. Flores tom. 6. da Esp sagr. p. 184. poem no lugar segundo a Crispino, que assistio como Vigario de Neufredo. [2] Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 26. [3] Tom. 15. Concilior. p. 413.

VI.

Theodorico.

Desde o anno de 666.

10 ACha-se o nome, e dignidade de Theodorico expresso no Concilio de Merida, que se celebrou pelos annos de 666., e nelle subscreveo em quinto lugar, nesta fórma: *Theodoricus in Christi nomine Sanctæ Olisiponensis Ecclesiæ Episcopus subscripsi.* (1)

VII.

Ara.

Desde o anno de 683.

11 NAõ se póde affirmar certamente se este Prelado foy immediato successor de Theodorico. Sabe-se que foy assistir ao Concilio Nacional, e XIII. de Toledo, congregado pelo Rey Ervigio a 4 de Novembro de 683, e nelle subscreveo em ultimo lugar. (2)

VIII.

Landerico.

Desde o anno de 688.

12 PRovavel he que succedesse este Bispo immediatamente a Ara pelo pouco tempo que se passou entre hum, e outro. Encontra-se o seu nome nas Actas do Concilio Toledano XV., e no

[1] Tom. 15. Concilior. p. 474. [2] Tom. 17. Concil. p. 41. e 50.

no lugar quinquagesimo sexto. No Concilio XVI., tambem Toledano, firmou no lugar quinquagesimo quarto. He de parecer Luiz Marinho, que a Landerico succedera outro Prelado chamado Harderico; (1) mas desejaramos, que allegasse documento, que reforçasse o seu voto.

13 Com a entrada dos Mouros, que foy pelos annos 714, em cujo tempo governava ainda a nossa Igreja o Bispo Landerico, segundo parece a D. Rodrigo da Cunha, cessaraõ as memorias dos seus Prelados, e sua Diecese, a qual sem duvida naquelles lastimosos tempos padeceo grande interrupçaõ na sua liberdade, posto que naõ se extinguio o Christianismo; pois consta que se conservou na Igreja dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, no monte de S. Gens, e na Igreja de S. Felix em Chelas. (2) Restaurada finalmente esta Cidade do poder dos Arabes, se foy continuando em paz a serie Pontificia de seus Prelados, sendo delles o primeiro, que se seguio a occupar a Cadeira Episcopal

IX.

D. Gilberto.

Desde o anno de 1147.

14 TAnto que o inclyto Rey D. Affonso I. recuperou Lisboa, constituio em primeiro Prelado da sua Igreja a D. Gilberto, Ecclesiastico benemerito, e Inglez de naçaõ, que tinha vindo na armada estrangeira, e cooperou para a conquista da Cidade. Foy logo D. Gilberto sagrado pelo Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, em cujas mãos fez juramento de obediencia, ficando desde entaõ a Igre-

[1] Mar. de Azev. liv. 4. cap. 10. [2] Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 32.

Igreja de Lisboa suffraganea a Braga, tendo sido antecedentemente sujeita a Merida. (1)

15 Estabeleceo o novo Bispo no anno de 1150 o Cabido da Sé com o numero de Dignidades, e Prebendas necessarias; e na mesma Cathedral ordenou, que se rezasse, e celebrasse pelo Breviario, e Missal da Anglicana Igreja de Salisbury, Cidade da Provincia de Viltonia, a que os Inglezes chamaõ Wiltshire, e consequentemente introduzio esta Liturgia em toda a sua Diecese, cujo rito se observou até o anno de 1536, em que o Arcebispo Infante D. Affonso o fez abolir com a introducçaõ do Romano. (2)

16 No anno seguinte de 1151 achamos memoria do grande espirito deste Prelado, pois com zelo Apostolico fez persuadir a muitos de seus nacionaes viessem continuar em Hespanha a expugnaçaõ dos infieis. (3) E depois de ordenar as tres Paroquias de S. Vicente, dos Martyres, e de Santa Justa, cheyo de merecimentos, e dias, completou o ultimo prazo da vida aos 27 de Abril de 1166. Foy sepultado na sua Sé na Capella mór da parte direita em tumulo alto, que passados tempos se demolio pelo embaraço, que fazia aos Officios Divinos.

X.

---

[1] Garibay tom. 4. l. 34. c. 12. Brand. Monarq. Lusit. liv. 10. cap. 30. [2] Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. c. 1. Pereir. na Chronic. do Carmo tom. 2. part. 1. n. 141.; e na Dissertaç. Apologet. n. 105. [3] *Gilbertus Episcopus Olisiponis prædicans in Angliam plurimos solicitavit in Hispaniam proficisci Ispalim obsessuros, & expugnaturos.* Consta da Historia intitulada *Regum Anglicorum*, escrita por Simeaõ Dunelmense, e continuada por Joaõ Prior de Hagustalde.

X.

D. Alvaro.

Desde o anno de 1166.

17 COmo o Bispo D. Gilberto ainda em sua vida tinha nomeado por Coadjutor, e seu futuro successor a D. Alvaro, que entaõ era Mestre-Escola da Sé, tanto que D. Gilberto faleceo, começou elle a exercer logo a sua Dignidade; posto que lha embaraçaraõ os Conegos com alguns vãos pretextos, que o Papá Alexandre III. decidio no anno de 1168 a favor de D. Alvaro.

18 Huma das grandes provas, que confirmaõ a virtude deste Prelado, he entrar elle neste anno a continuar o seu governo taõ esquecido das opposições passadas, que a sua primeira acçaõ foy convidar com generosidade, e clemencia aos mesmos Conegos seus emulos, dando-lhes faculdade para disporem das rendas das suas Prebendas, (devia ter Breve para isso) que se vencessem em hum anno depois de seus obitos. (1)

19 Constituío quatro Paroquias, a saber: S. Jorge, Santa Cruz, S. Bartholomeu, e S. Martinho. Aconteceo no seu tempo a trasladaçaõ do estimavel thesouro do corpo glorioso de S. Vicente Martyr, o qual do Promontorio do Algarve, onde havia annos estivera occulto, o mandou transferir ElRey D. Affonso Henriques para Lisboa, collocando-se na Cathedral com grande solemnidade em 15 de Setembro de 1173. Desde entaõ concedeo o mesmo Rey a esta Cidade o poder tomar por brazaõ de Armas a insignia de huma Náo com a imagem do Santo, e dous corvos na popa, e proa para per-

[1] Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. c. 7.

perpetuo testemunho, de que assim fora o corpo do Santo milagrosamente conduzido a Lisboa. (1) Faleceo finalmente este Prelado a 11 de Setembro de 1185, e foy sepultado na Sé em a Capella de Santiago chamada vulgarmente da Pombinha. Advertimos, que Fr. Antonio de Yepes no tom. 5. da Chronica geral de S. Bento, pag. 16. col. 1., faz mençaõ por este tempo de hum Bispo Lisbonense chamado Antonio, e julgamos será equivocaçaõ nascida da letra inicial de Alvaro.

XI.

D. Soeiro I.

Desde o anno de 1185.

20 LOgo que o Bispo D. Alvaro faleceo, foy sublimado à dignidade Prelaticia D. Soeiro, o qual havia sido eleito ainda em vida de seu antecessor. Era elle pessoa de grandes merecimentos, e por isso muito estimado delRey D. Sancho I., que a seu respeito concedeo bastantes privilegios a esta Cidade, e à sua Cathedral. Nella estabeleceo D. Soeiro as Quartenarias, para que fossem em mayor numero os Ministros da Igreja. Do anno 1199 por diante ficou este Bispado Lisbonense suffraganeo a Compostella por composiçaõ, que fez o Papa Innocencio III. com os Arcebispos de Braga, e Santiago. (2) Terminou D. Soeiro seus dias em 28 de Se-

---

[1] Brand. na Monarq. Lusitan. liv. 11. cap. 24. Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 8. Flores na Hesp. sagrad. tom. 8. pag. 188. Donde Mousinho de Quevedo no Affonso Africano cant. 3. est. 41. cantou

Por Armas suas huma Náo pregoa;
Que dous corvos discorrem popa a proa.

[2] Cunha na Histor. de Braga part. 2. cap. 18. n. 8. e no Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 5.

Setembro de 1209, conforme D. Rodrigo, ou no de 1210, segundo o Chronista Brandaõ. (1)

XII.

D. Soeiro Viegas II.

Desde o anno de 1210.

21 FOy este Prelado naõ só illustre no sangue, mas insigne no esplendor da prudencia, por cujas prendas era muito do agrado delRey D. Sancho I., e de seu filho D. Affonso II., o qual tanto que subio ao throno, e começou a contender com suas irmãs sobre as terras, que lhes havia deixado ElRey seu pay, de cujo litigio se queixaraõ ellas ao Papa Innocencio III., ElRey para informar ao Pontifice da sua causa, enviou a Roma o Bispo D. Soeiro, o qual com a rara capacidade, de que era dotado, soube compor a negociaçaõ admiravelmente.

22 Nesta jornada teve a fortuna de tratar com familiaridade a S. Boaventura, a quem informou de muitas acções prodigiosas do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, que serviraõ muito para lhe compor a vida, como o Santo Doutor confessa no seu Prologo. A mesma amisade contrahio com os bemaventurados Patriarcas S. Domingos, e S. Francisco, de que resultou a vinda, e entrada de taõ exemplares Religiões nesta Cidade.

23 As letras, e as virtudes, que guardavaõ excellente harmonia em D. Soeiro, lhe naõ embotaraõ o valeroso espirito das armas contra os inimigos da Fé na grande empreza de Alcacer do Sal, Praça de robustas forças naquelle tempo; devendo-se

[1] Cunha Catalog. dos Bispos de Lisboa cap. 19. n. 10. Monarq. Lusit. liv. 12. cap. 10.

à actividade deste Prelado o conquistarse aos Mouros em 21 de Outubro de 1219. (1)

24 Com o novo reinado delRey D. Sancho II. se perverteo a fortuna de D. Soeiro; porque pela ambiçaõ dos validos delRey, foy elle experimentando algumas violencias, que os Ministros seculares faziaõ aos Ecclesiasticos, vendo-se obrigado, por conservar a liberdade da sua Igreja, retirarse, e peregrinar por terras estránhas, até que restituido à Patria com grandes honras do Papa Gregorio IX., faleceo a 9 de Janeiro de 1232. (2) Foy sepultado na Sé, e na Capella, que chamaõ de Santo Amaro. Se este Prelado renunciou o Bispado, e tomou o habito Dominicano, he ponto que naõ se póde averiguár com facilidade, e assim o deixamos indeciso. (3)

XIII.

D. Payo.

Desde o anno de 1232.

25 DEste Prelado naõ ha mais noticia, que ser eleito em Bispo de Lisboa depois da morte de D. Soeiro, e ter sido Conego de Viseu, e D. Prior de Guimarães. Faleceo a 19 de Abril de 1233. O nosso Chronista Fr. Antonio Brandaõ, liv. 15. cap. 8. diz, que entre os Bispos D. Soeiro, e D. Ayres Vasques naõ encontrara memorias de outro Prelado nas Escrituras, que lhe vieraõ à maõ.

XIV.

[1] Seguimos agora esta epoca, persuadidos do que affirma D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 25., explicando os versos de Gosuino, Poeta coetaneo de D. Soeiro. [2] Brand. na Monarq. Lusit. liv. 13 cap. 10. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 32. Cardos. no Agiol. Lusit. a 29 de Janeir. Ann. Histor. tom. 3. a 10 de Setemb. [3] Vide Cunha no Catal. dos Bisp. de Lisb. part. 2. c. 2. per tot.

XIV.

D. Joaõ I.

Desde o anno de 1240.

26 TAmbem ha poucas memorias deste Bispo. Consta sómente, que depois da sua exaltaçaõ se ausentara para Roma, por se livrar dos disturbios daquelles tempos, e que lá morrera no anno de 1241, em cujo anno a 20 de Outubro já o Cabido governava em *Sede vacante*, como consta da licença, que passou para se fundar nesta Cidade o Convento de S. Domingos. (1) Equivocou-se D. Rodrigo da Cunha, parecendo-lhe que este Bispo fora D. Joaõ Soares Alaõ, senhor da herdade do Hospital de S. Utropio, existente na Freguezia de S. Bartholomeu; (2) porque o tal D. Joaõ Soares Alaõ foy Bispo de Silves no Algarve desde o anno de 1297. (3)

XV.

D. Ayres Vaz, ou Vasques.

Desde o anno de 1244.

27 NAsceo D. Ayres Vasques em Galliza na terra chamada de Lima de pays nobilissimos, e da illustre familia dos Soares de Albergaria. Ignora-se o anno em que foy exaltado á Cadeira Episcopal; sabe-se que a primeira acçaõ sua fora fundar em Santarem a Collegiada de Santa Maria de Marvilla em 25 de Novembro de 1244. No an-

[1] Sousa Chron. de S. Doming. part. 1. p. 162. [2] Cunha Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. c. 41. n. 8. [3] Consta da 5. part. da Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 42. e cap. 61., e do Catalogo dos Bispos do Algarve, que vem no fim das suas Constituições, num. 16.

anno ſeguinte ſe achou no Concilio, que Innocencio IV. fez celebrar em Leaõ de França, e alli na preſença do meſmo Pontifice, e de todos os venerandos Padres alli congregados, fez huma elegante Oraçaõ por parte delRey D. Sancho II., (1) a quem ſeus emulos queriaõ privar do Reino para enthronizarem a ſeu irmaõ D. Affonſo.

28 No anno de 1248 já reſtituido ao Reino fez Conſtituições para o bom regimen da Igreja, e poz novos limites às Paroquias da ſua Diecefe. Nas guerras, e conquiſtas do Algarve acompanhou ſempre a ElRey D. Affonſo II. Sagrou a Igreja de Alcobaça em 29 de Setembro de 1252. (2) Aſſiſtio nas Cortes, que no anno de 1254 ſe celebraraõ em Leiria. Expirou finalmente no Convento de S. Vicente de Fóra, donde dizem tinha ſido Religioſo, a 6 de Outubro de 1258, tendo governado eſta Dieceſe quinze annos, e foy ſepultado na Igreja do meſmo Convento.

XVI.

D. Mattheus.

Deſde o anno de 1259.

29 MUito memoravel ſe fez o Biſpo D. Mattheus entre os Prelados Lisbonenſes. Fora elle Meſtre-Eſcola de Lisboa, grandemente eſtimado delRey D. Affonſo III., e naõ menos dos Pontifices Alexandre IV., e Urbano IV., a quem ſer-

[1] Refere eſta Oraçaõ por extenſo em Portuguez o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha na Hiſtoria dos Biſpos de Lisboa, part. 2. cap. 45. do num. 5. por diante, a qual traduzida com elegancia na lingua Latina vimos em hum m. ſ. do inſigne D. Manoel Caetano de Souſa, que tivemos na noſſa maõ, e tratava dos Biſpos de Lisboa. [2] Fr. Bernard. de Brito na Chron. de Ciſter liv. 3. c. 22. diz, que a Igreja de Alcobaça fora ſagrada no ann. 1222 pelo Biſpo D. Alvaro, couſa que D. Rodrigo da Cunha reprova nos Biſp. de Lisb. part. 2. c. 46. n. 3.

ſervio em muitas negociações paſſando a Roma depois de eleito, e donde veyo ſagrado. Tanto que chegou à Patria cuidou muito no governo da ſua Igreja, e reforma dos coſtumes, celebrando tres vezes Synodo, e publicando no ultimo, que foy no anno de 1271, Conſtituições novas, com que atalhou alguns abuſos introduzidos neſta Dieceſe.

30 Foy o primeiro que no anno de 1264 fez celebrar em Lisboa com grande pompa a feſta do Corpo de Deos, que Urbano IV. inſtituira. (1) Erigio de novo a Paroquia de S. Joaõ Bautiſta, e S. Mattheus no Lumiar, Termo de Lisboa. Paſſou ſegunda vez a Roma no anno de 1272 a negocios delRey D. Affonſo III., naõ ſe eſquecendo entre elles do que pertencia ao bom governo, e augmento da ſua Igreja. Reſtituido porém a ella pelos annos de 1280, continuou em fazer acções dignas de hum bom Paſtor; até que cheyo de merecimentos, acabou ſeus dias a 19 de Setembro de 1282. Foy ſepultado na Capella de S. Nicoláo da ſua Cathedral.

XVII.

D. Eſtevaõ Annes de Vaſconcellos.

Deſde o anno de 1284.

31 ERa D. Eſtevaõ filho de D. Joaõ Pires de Vaſconcellos, deſcendente do grande Martim Moniz, que fez famoſo o ſeu nome, e valor na tomada do Caſtello de Lisboa. Obteve a dignidade Epiſcopal em competencia de D. Domingos Jardo, que lhe ſuccedeo; e ſuppoſto que governou quaſi cinco annos, e aſſiſtio a hum Concilio, que fez celebrar em Braga D. Tello no anno de 1286, o Pa-

---

[1] Veja-ſe a Hiſtor. Critic. da Prociſſaõ de Corpus feita pelo Doutor Ignacio Barboſa.

Papa Nicoláo IV. veyo a approvar a eleiçaõ de D. Domingos. O certo he que o governo deste Prelado foy estando elle sempre ausente, e assim veyo a morrer no anno de 1290. (1)

XVIII.

D. Domingos Jardo.

Desde o anno de 1289.

32 FOy D. Domingos Jardo pessoa de mais alta fortuna, que nascimento. O pobre lugar de Jarda, que fica na Freguezia de Bellas, lhe foy patria, e appellido. A propensaõ que tinha ao estudo das letras o levou à Universidade de Pariz, donde instruido, e já perfeito literato voltou ao Reino; e a sua erudiçaõ o introduzio no agrado delRey D. Affonso III., que o fez seu Capellaõ, e do seu Conselho. ElRey D. Diniz lhe deu o emprego de Chanceller mór, e com outras mercês o elevou a Bispo de Evora no anno de 1283, até que o Pontifice Nicoláo IV. o transferio para o de Lisboa em 7 de Outubro de 1289.

33 Entre as acçoes mais louvaveis da sua vida foy a fundaçaõ do Hospital de S. Paulo, que hoje he o Convento de Santo Eloy de Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista com o intuito, além do serviço de Deos, de se cultivarem nelle as letras de que havia falta no Reino; donde diz o Chronista mór Fr. Francisco Brandaõ, (2) que os principaes talentos, que teve Portugal em letras naquelle tempo, se devem a este gazalhado do Bispo D. Domingos. Cheyo finalmente de annos, e enfermida-

[3] Vide Cunha na Histor. dos Arcebisp. de Braga part. 2. cap. 39 n. 3. e nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 65. Alcobaça Illustrada p. 331. e 487. [2] Brand. Monarq. Lusit. liv. 16. cap. 49. Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 69.

dades difpoz da abundancia de feus bens em hum prudentiffimo teftamento; e chamado ao defcanço eterno, terminou feus dias em Lisboa a 16 de Dezembro de 1293. Jaz na Capella do Sacramento do Convento de Santo Eloy.

XIX.

D. Joaõ Martins de Suilhães.

Defde o anno de 1294.

34 POr fangue, virtude, e letras fe fez digno de eterna memoria efte noffo Prelado. Era elle da familia dos Porto-Carreiros, ampliffima em Portugal naquelle tempo. Principiou logo o governo da fua Diecefe com a fundaçaõ do Mofteiro de Santa Clara de Lisboa; e no anno feguinte ifentou o novamente erecto em Odivellas da jurifdiçaõ dos Bifpos. Alcançou delRey D. Diniz muitos privilegios para a fua Cathedral, e acompanhou ao mefmo Rey na jornada, que fez a Aragaõ no anno de 1304, inftituindo antes diffo o Morgado de Suilhães. No anno de 1307 fez Synodo Diecefano, em que ordenou novas Conftituições para atalhar muitos abufos, e reformar o Ecclefiaftico.

35 Foy affiftir a alguns Concilios Provinciaes, que os Arcebifpos de Compoftella, como Metropolitanos de Lisboa, celebraraõ nos annos de 1306, e 1310. Por morte do Arcebifpo de Braga D. Martim Pires foy D. Joaõ promovido àquella Primacial; até que rematando a carreira da vida, acabou na paz do Senhor no primeiro de Mayo de 1325.

XX.

XX.

D. Fr. Estevaõ II.

Desde o anno de 1312.

36 FOy D. Estevaõ Religioso de S. Francisco; e passando a Avinhaõ, onde residia o Papa Clemente V. com varios negocios delRey D. Diniz, o Pontifice o nomeou Bispo do Porto, fazendo-o juntamente administrador dos bens que os Templarios possuiaõ neste Reino. Com a mesma administraçaõ o elevou o sobredito Pontifice a Bispo de Lisboa por Bulla de 8 de Outubro de 1312. (1)

37 Trocada a fortuna com desgostos, que teve com ElRey, e desavenças com o seu Cabido, voltou para Avinhaõ; e vendo o Papa que naõ era facil restituirse este Prelado à sua Igreja, segundo os negocios andavaõ embaraçados, succedendo naquella occasiaõ vagar o Bispado de Cuenca em Castella a velha, o proveo nelle, concorrendo tambem para isso a supplica do Infante D. Affonso, de quem D. Estevaõ era muito parcial. Alli finalmente deixou de viver no anno de 1336, e se mandou sepultar no Convento de Santa Cruz de Coimbra, para o qual havia alcançado muitas graças Pontificias. (2)

XXI.

---

[1] Assim o traz Vvadingo no tom. 3. dos Annaes, e concorda com elle Brand. na Monarq. liv. 18. c. 44.; porém D. Rodrigo nos Bispos do Porto pag. 2. cap. 15. diz que fora no anno de 1316 [2] Brand. Monarq. liv. 19. c. 32. Cunha Bispos de Lisboa p. 2. cap. 84.

XXI.

D. Gonçalo Pereira.

Desde o anno de 1322.

38 ERa D. Gonçalo Pereira illuſtre aſcendente do inclyto Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira. Criou-ſe no Paço delRey D. Diniz; eſtudou em Salamanca; foy Deaõ da Sé do Porto; e como peſſoa de brio, politica, e letras o elegeo ElRey para varias negociações na Curia, que reſidia naquelle tempo em Avinhaõ. Lá foy eleito Biſpo de Evora, que naõ ſe effeituou; porém o Papa Joaõ XXII. o nomeou Biſpo de Lisboa em 21 de Agoſto de 1322, perſuadido das grandes prendas, que nelle via.

39 Condecorado em tal dignidade veyo brevemente para a ſua Igreja, onde no anno de 1324 celebrou hum Synodo, em que fez algumas Conſtituições, que pareceraõ oneroſas aos ſubditos, que ao depois o meſmo Biſpo revogou por ſe conformar com a vontade delRey. No anno de 1326 paſſou para Arcebiſpo de Braga, que neceſſitava de Prelado de authoridade para atalhar as deſordens, que entaõ alli ſe commettiaõ, e elle com effeito embaraçou, e lhe poz remedio com muita prudencia.

40 Naõ ſó deu o Biſpo D. Gonçalo Pereira baſtantes provas das ſuas letras, e capacidade, mas tambem do ſeu valor, e zelo da patria na defenſa deſte Reino, perſeguindo em varias acções bellicoſas aos Caſtelhanos entaõ noſſos adverſarios, e acompanhando a ElRey D. Affonſo IV. na batalha do Salado, em que ſahio vitorioſo. Foy arbitro de muitas pazes entre Principes poderoſos, e inquietos; até que cheyo de merecimentos, e deſempenhando o caracter de bom Prelado, e de Cavalheiro,

ro, finalizou os ſeus dias no anno de 1358. Jaz na Sé de Braga. (1)

XXII.

D. Joaõ Affonſo de Brito.

Deſde o anno de 1326.

41 PEla transferencia, que fez para Braga D. Gonçalo Pereira, foy eleito Biſpo de Liſboa D. Joaõ Affonſo de Brito em 4 de Março de 1326, achando-ſe em Avinhaõ, ſendo Deaõ de Evora. Reſtituido a Lisboa, achou no agrado delRey D. Affonſo IV., e do Principe D. Pedro toda a eſtimaçaõ, que mereciaõ as ſuas letras, nobreza, e procedimento. Eſte conceito o fez eſcolher para miniſtrar as bençãos matrimoniaes na Sé ao meſmo Principe D. Pedro, e à Senhora D. Conſtança ſua conſorte, em cujo luzidiſſimo acto fez o Biſpo exceſſivos gaſtos, que ElRey depois lhe remunerou grandioſamente. Cuidou ſempre muito na reforma do Clero, e acabou em ſanta velhice a 25 de Julho de 1341.

XXIII.

D. Vaſco Martins.

Deſde o anno de 1342.

42 O Biſpo D. Vaſco foy ſobrinho do Biſpo do Porto D. Giraldo, e em ſua caſa teve a primeira educaçaõ, na qual aproveitou tanto, que veyo a ſucceder ao tio na Cadeira Epiſcopal; e depois de ter governado aquella Dieceſe o eſpaço de qua-

[1] Cunha na Hiſtor. dos Arceb. de Brag. p. 2. c. 43. e nos Biſp. do Porto p. 2. c. 18. e nos de Lisb. p. 2. c. 87. Monarq. Luſit. liv. 19. c. 32. 36. e 39. Fr. Raf. de Jeſus na 7. p. da Monarq. liv. 10. cap. 10. n. 5. ajuſta bem o anno em que eſte Prelado morreo, e he o que ſeguimos.

quatorze annos, paſſou para a de Lisboa em 26 de Agoſto de 1342, por evitar muitas duvidas, que alli tivera com ElRey D. Affonſo IV., e com a Camera. Tanto que tomou poſſe da Prelazia Lisbonenſe, começou logo a viſitar a ſua Dieceſe, dando juntamente principio ao livro, que o Cabido deſta Cathedral chamava o livro da *Roda*, e propriamente conſtava de toda a renda da Sé, cujo livro depois de muitos annos andar uſurpado, o vieraõ reſtituir naõ ha muitos tempos, e ſe conſervava no Cartorio da Baſilica de Santa Maria. Governou eſte Prelado a noſſa Igreja pouco mais de dous annos; e ſendo chamado pelo Senhor ao deſcanço eterno, morreo em o anno de 1344, e foy ſepultado na Cathedral.

XXIV.

D. Eſtevaõ Anes.

Deſde o anno de 1344.

43 ACHava-ſe D. Eſtevaõ em Avinhaõ, quando ſabendo-ſe alli da morte de D. Vaſco, o Pontifice Clemente VI. o promoveo na Cadeira Epiſcopal em o fim do anno de 1344, e ſem vir nunca ao Reino, de Avinhaõ governou eſta Igreja pelos ſeus Vigarios geraes o eſpaço de quatro annos, vindo a falecer ou no de 1348, ou no de 1349.

XXV.

D. Theobaldo.

Deſde o anno de 1348.

44 O Meſmo Pontifice Clemente VI. elegeo para Biſpo de Lisboa por morte do anteceſſor a D. Theobaldo Francez de naçaõ, o qual,

como naquelle tempo havia peste em Portugal, naõ se resolveo vir a este Reino, e de Avinhaõ governou a sua Igreja por Vigarios geraes. Naõ ha no seu governo acçaõ memoravel. Morreo em 28 de Mayo de 1356.

XXVI.

D. Reginaldo.

Desde o anno de 1356.

45 TAmbem este Bispo foy Francez; e como familiar do Papa Innocencio VI., falecendo D. Theobaldo, o elegeo o Pontifice Prelado Lisbonense a 20 de Junho de 1356, cuja Igreja governou ausente por seu Vigario geral. Depois o mesmo Pontifice o mudou para Bispo de Autun, ou Augustodonense em França, (1) onde faleceo, deixando todavia nesta nossa Igreja algumas memorias suas nos Anniversarios, que estabeleceo.

XXVII.

D. Lourenço Rodrigues.

Desde o anno de 1359.

46 PEla mudança, que o Bispo D. Reginaldo fez da Igreja de Lisboa para a de Autun em Agosto de 1358, foy logo no anno seguinte promovido nesta Cathedral D. Lourenço; e tanto que tomou posse, cuidou primeiro que tudo, como vigilantissimo Pastor, na reforma do Clero, para o que

[1] D. Rodrigo da Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 97. n. 4. diz que D. Reginaldo fora transferido para a Igreja de Avinhaõ, fundado em huma conjectura sua unicamente; porém nós fundamo-nos para dizer que fora para Autun, porque assim o affirma Pulgar na *Historia Palentina*, lib. 3. cap. 6.

que publicou Conſtituições, que todos juraraõ, e as fazia cumprir com todo o rigor. Viſitava todos os annos peſſoalmente a ſua Dieceſe com grande utilidade das ſuas ovelhas. Perderaõ ellas muito com a ſua morte, que foy em 19 de Junho de 1364.

XXVIII.

D. Pedro Gomes Barroſo.

Deſde o anno de 1365.

47 HA varias opiniões ſobre a naturalidade deſte Prelado: huns o fazem filho de Toledo, outros de Cuenca; e até no appellido achamos differença, chamando-lhe huns D. Pedro Gomes de Albernoz. (1) O certo he, que elle ſuccedeo na dignidade Epiſcopal a D. Lourenço no anno de 1365, e que a mayor parte do ſeu governo foy eſtando em Avinhaõ, donde paſſou para o Biſpado de Coimbra, e ultimamente veyo occupar o de Sevilha, onde faleceo no anno de 1374.

XXIX.

D. Fernando.

Deſde o anno de 1370.

48 FOy D. Fernando immediato ſucceſſor de D. Pedro; e ſuppoſto fora eleito em Avinhaõ, e de lá governou a mayor parte do tempo a Igreja Lisbonenſe, conjecturamos, que ou morrera em Lisboa, ou ſe mandara ſepultar neſta Cathedral. Fundamo-nos para aſſim o dizer; porque quando o

[1] D. Man. Caet. de Souſa no Catal. dos Cardeaes Portuguezes, que vem no tom. 5. da Colleçaõ Academica, pag. 71.

o memoravel, e Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. mandou aperfeiçoar o pavimento da Capella mór da antiga Sé pelos annos de 1743, bolindo-ſe em algumas ſepulturas, ſe achou em huma campa, que eſtava à entrada do arco da parte da Epiſtola, inſculpida na meſma lapida huma figura de relevo com habito Epiſcopal, e em roda humas letras Goticas, que diziaõ: *Jacet in Domino Reverendus in Chriſto Pater Dominus Fernandus Epiſcopus Ulyxbonenſis*: e naõ podia ſer outro, ſenaõ eſte Prelado.

XXX.

D. Vaſco II.

Deſde o anno de 1371.

49 ESTando D. Vaſco em Avinhaõ aſſiſtindo ao Papa Gregorio XI., eſte o fez Biſpo de Lisboa, cuja Igreja governou ſó dous mezes pela mudança ao Arcebiſpado de Braga, a que o meſmo Pontifice o elevou, e lá faleceo em 18 de Novembro de 1372.

XXXI.

D. Agapito Colona.

Deſde o anno de 1371.

50 PEla tranſlaçaõ de D. Vaſco a Arcebiſpo de Braga fez o Papa Gregorio XI. eleiçaõ para Biſpo de Lisboa a Agapito Colona, Romano illuſtre, que entaõ era Biſpo de Brexa, Cidade de Veneza. Governou eſte Prelado nove annos a Santa Igreja de Lisboa, e o mais do tempo auſente em Avinhaõ. Depois renunciando o Biſpado foy eleito Cardeal do titulo de Santa Priſca, retendo todavia o governo deſta Cidade até a morte, que foy a 3 de Ou-

Outubro de 1380. Jaz em Roma na Igreja de Santa Maria Mayor. (1)

XXXII.

D. Joaõ de Aix.

Desde o anno de 1381.

51 FOy este Prelado Francez de Naçaõ. O Papa Urbano VI. o mudou para Arcebispo de Aix na Provença sua patria. Governou a nossa Diecese quasi dous annos, mas sempre ausente, andando neste tempo as cousas Ecclesiasticas muito cheyas de perturbações por via do scisma, que finalizou com o Concilio Constanciense, e com a eleiçaõ do Papa Martinho V.

XXXIII.

D. Martinho.

Desde o anno de 1381.

52 ERa D. Martinho Castelhano, e natural de C,amora, Prelado de merecimento, e de virtude, o qual sendo Bispo de Silves no Algarve, foy eleito para Arcebispo de Braga pelo Cabido daquella Primacial pela morte de D. Vasco; porém esta promoçaõ naõ teve effeito, porque naõ a quiz approvar o Papa Gregorio XI. e o mandou residir na sua Igreja de Silves, donde foy nomeado para esta de Lisboa por Clemente VII. em opposiçaõ de Urbano VI., por causa do scisma, que entaõ havia na Igreja Catholica. ElRey D. Fernando, que se-

[1] Ughel. Ital. sacr. tom. 1. p. 467. e 854. Ann. Hist. tom. 3. p. 125. Cunha Bisp. de Lisboa p. 2. c. 103.

ſeguio o partido de Clemente, admittio ao Biſpo D. Martinho, e por elle lhe mandou dar obediencia a Avinhaõ com grande apparato, donde voltando para Lisboa mandou limitar as Paroquias do ſeu Biſpado.

53 Falecendo ElRey D. Fernando, ſuccedeo no anno de 1383 a acclamaçaõ delRey D. Joaõ I., Meſtre entaõ de Aviz, em cujo dia houve extraordinarios alvoroços neſta Cidade; e porque o Biſpo D. Martinho, ignorando os motivos daquella improviſa alteraçaõ, eſtando nos paços da Cathedral, ſe ſubio à torre para ver o que era, naõ conſentindo que ſe repicaſſem os ſinos, como o povo queria; eſtimulados, e cegos, entraraõ por huma freſta da torre, e della precipitaraõ ao Biſpo D. Martinho tyrannamente, trazendo-o de raſtos até a praça do Rocio, onde eſteve o cadaver alguns dias ſem lhe darem ſepultura; de cujo furioſo ſacrilegio pediraõ depois perdaõ ao Papa Urbano VI. Aconteceo eſte horrivel cataſtrofe a 6 de Dezembro de 1383. Porém a 22 do meſmo mez, e anno, naõ tendo ainda chegado a noticia a Avinhaõ, onde reſidia Clemente VII., eſte havia elevado a D. Martinho à eminencia de Cardeal. (1)

XXXIV.

D. Joaõ Anes.

Deſde o anno de 1383.

54 PAſſando o Biſpo D. Joaõ de Aix para a Igreja Aquenſe, ſita na Provença, elegeo o Papa Urbano VI. a D. Joaõ Anes, natural de Thomar, em Biſpo de Lisboa, que entaõ éra Conego da

[1] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. c. 107. Catalogo dos Biſpos do Algarve n. 26. Severim Noticias de Portugal diſc. 8. Memor. dos Cardeaes Portuguezes Ann. Hiſtor. tom. 3. pag. 447. e 526.

da Sé, pessoa de merecida estimaçaõ por virtudes, e letras. Expediraõ-se as Bullas em 25 de Fevereiro de 1383, e logo em Abril, e Setembro do mesmo anno ordenou duas solemnissimas Procissões em acçaõ de graças, pelos dous prodigios, que succederaõ em Lisboa no apertado cerco das tropas Castelhanas, que as nossas Historias referem.

55 Tanto que o Reino teve alguma quietaçaõ depois da victoria de Aljubarrota em o anno de 1386, começou o zeloso Prelado com a reforma do Clero, e augmento das Igrejas, as quaes visitou com grande utilidade de todas, recuperando para ellas muita fazenda, que andava alienada. Tendo cumprido onze annos em o Pastoral officio com toda a satisfaçaõ das suas ovelhas, foy exaltado à nova dignidade de Arcebispo de Lisboa, como logo veremos.

MAPPA CHRONOLOGICO
dos Bispos de Lisboa.

Bispos duvidosos.

	Ann. de Christ.		Ann. de Christ.
S. Mansos	36	Potamio	356
Anonymo	..	Antonio	373
Filippe Filoteo	92	Neobridio	430
S. Pedro I.	166	Julio	461
Pedro II.	213	Azulano	...
Jorge	260	Joaõ	500
Pedro III.	297	Eolo	536
S. Gens	...	Nestoriano	578
Januario	300		

Bispos certos.

Paulo	589	Cesario	656
Goma	610	Theodorico	666
Viriaco	633	Ara	683
Neofridio	646	Landerico	688

Bispos em tempo de Reys Portuguezes.

	Ann.de Christ.		Ann.de Christ.
D. Gilberto	1147	D. Joaõ Affonso	1326
D. Alvaro	1167	D. Vasco Martins	1342
D. Soeiro I.	1186	D. Estevaõ III.	1344
D. Soeiro Viegas	1210	D. Theobaldo	1354
D. Payo	1233	D. Reginaldo	1356
D. Joaõ I.	1240	D. Lourenço Rodrigues	1359
D. Ayres Vasques	1244	D. Pedro Gomes	1365
D. Mattheus	1259	D. Fernando	1370
D. Estevaõ Anes	1284	D. Vasco II.	1371
D. Domingos Jardo	1289	D. Agapito	1371
D. Joaõ Martins Suilhães	1294	D. Joaõ de Aix	1381
D. Estevaõ II.	1311	D. Martinho	1383
D. Gonçalo Pereira	1322	D. Joaõ Anes	1383

ARCEBISPOS.

1 O Memoravel Rey D. Joaõ I. querendo gratificar generosamente aos naturaes desta Cidade o muito que haviaõ cooperado para a sua exaltaçaõ ao throno, naõ satisfeito ainda de lhes dar amplissimos privilegios civís, determinou como Principe religiosissimo, e magnanimo, enchellos tambem de honras Ecclesiasticas; por cujo motivo constituío a sua Igreja Cathedral senhora isenta, sem dependencia de outro superior mais que da Sé Apostolica.

2 Era até este tempo a Diecese de Lisboa suffraganea de Compostella desde o anno de 1199, em que o Arcebispo de Braga D. Martinho Pires a deixou, e dimittio àquelle Prelado. (1) Para obter este foro Metropolitico, recorreo o zeloso Rey ao Papa Bonifacio IX., e este assentindo benigno às suas

[1] Cunha Histor. Ecclef. de Braga part. 2. cap. 18.

ſuas ſupplicas, mandou paſſar a Bulla da nova erecçaõ em 10 de de Novembro de 1394, (1) aſſinando-lhe por ſuffraganeos os Biſpos de Lamego, Guarda, Silves, e Evora; poſto que eſte, que entaõ era D. Joaõ Affonſo de Brito, logo no anno de 1396, por Breve do meſmo Pontifice, ſe eximio da obediencia do de Lisboa. Tem havido até agora os ſeguintes Arcebiſpos.

I.

D. Joaõ Anes.

Deſde o anno de 1394.

3 ERaõ taõ relevantes os merecimentos do Biſpo D. Joaõ Anes, (a quem alguns erradamente accreſcentaõ o appellido de Eſcudeiro) como já nos onze annos antecedentes havia moſtrado na ſua Prelazia, que obrigaraõ ao Rey, e ao Pontifice Bonifacio IX. a exaltallo à nova dignidade Archiepiſcopal. Foy continuando no governo deſta Igreja com felicidade, naõ obſtante algumas contradições, que teve com o Biſpo de Evora D. Martinho ſobre a ſua iſençaõ, e com o do Porto D. Joaõ Eſteves ſobre a fundaçaõ da Igreja do Salvador.

4 Serenado tudo, veyo elle a concluir em paz os ſeus dias a 3 de Mayo de 1402 com dezoito annos, e dez mezes de Arcebiſpo. Sepultou-ſe na Capella de S. Sebaſtiaõ da ſua Sé, por ſer parente do Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Martins de Suilhães, que a fundara. Eſtava a ſepultura antigamente collocada ſobre quatro leões grandes de pedra, aos

Q ii quaes,

[1] Marian. liv. 18 cap. 13. Bzovio, Mireo, e outros, a quem ſegue Cunha nos Biſpos do Porto part 2. c. 23.; os quaes dizem, que eſta erecçaõ fora no anno de 1290. Nós no tom. 2. part. 3 deſte Mappa pag. 11. ſeguindo a Joſeph Soares da Silva, a pozemos no ann. de 1393. O certo he, que foy no anno ſeguinte, como ſe póde ver na Bulla, que vem no tom. 1. das Provas da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real, pag. 364.

quaes, por embaraçarem muito a Capella, mandou tirar o Conego Pedro Lourenço de Tavora, e transferir os ossos para o tumulo onde agora está dentro da parede.

II.

D. Joaõ Esteves de Azambuja, Cardeal.

Desde o anno de 1402.

5 FOy este Prelado natural da Villa, que lhe deu o appellido, filho de Affonso Esteves, Senhor de Salvaterra, e Reposteiro mór. Antes de ser Ecclesiastico militou valerosamente nas guerras, que ElRey D. Joaõ I. teve com Castella. (1) Depois foy Conego de Coimbra, e de Evora, Prior na Igreja de Monçaõ no Minho, e da de Alcaçova em Santarem. ElRey D. Joaõ I. o fez seu Conselheiro; e pelo bom conceito, que fazia do seu talento, e capacidade, o mandou a Roma conseguir do Papa Bonifacio IX. dispensa para poder casar, pois era professo na Ordem equestre de Aviz.

6 Pelos seus merecimentos o nomeou ElRey Bispo do Porto, onde elle creou de novo a dignidade de Arcediago, a quem unio para sempre a Igreja de S. Thyrso de Meinedo. Sagrou o Templo de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, sendo já Bispo de Coimbra. Foy duas vezes por Embaixador a Castella tratar a negociaçaõ das pazes, que se vieraõ a concluir no anno de 1402. Por este tempo foy promovido a Arcebispo de Lisboa, logo depois que faleceo D. Joaõ Anes; e condecorado com esta dignidade passou à Italia para assistir ao Concilio, que em Pisa se fez no anno de 1409, a fim de se serenar o pernicioso scisma, que entaõ opprimia a Igreja Catholica. Depois passou

---

[1] Chronica delRey D. Joaõ I. part. 1. cap. 162. e part. 2. cap. 19.

ſou a Jeruſalem a viſitar os ſantos Lugares.

7 Creſceraõ tanto os merecimentos do Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves, e era tanto o reſpeito, que ſe tinha às ſuas letras, e virtudes, que por attençaõ a ellas no anno de 1411 lhe conferio o Papa Joaõ XXIII. o Capello de Cardeal com o titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, ficandolhe o Arcebiſpado em titulo de Commenda. Para receber o Capello paſſou a Roma, e de lá acompanhou ao Pontifice até a Cidade de Conſtança em Alemanha, onde ſe celebrou outro Concilio para dar a deſejada paz à Igreja de Deos, que ſe via afflicta, e dividida com o governo de tres Pontifices.

8 Obſervando entaõ o noſſo Cardeal Arcebiſpo, que as couſas ſe encaminhavaõ a ficar Joaõ XXIII. fóra do Pontificado, ſe auſentou triſte de Conſtança, paſſando a Bruges, Cidade de Flandes, para dahi fazer caminho para Portugal; porém adoecendo gravemente, faleceo a 23 de Janeiro de 1415, excedendo na morte a fama que tivera na vida, porque acabou como ſanto, vivendo virtuoſo. Seus oſſos foraõ trasladados ao Moſteiro do Salvador deſta Cidade, que elle havia edificado, e dotado. (1)

III.

D. Diogo Alvares.

Deſde o anno de 1414.

9 SEndo Graõ Prior de Guimarães, foy D. Diogo elevado a Biſpo de Evora no anno de 1406, em cujo governo ſuccedeo aquelle raro caſo de

---

[1] Faria e Souſa no Epitome part. 4. c. 6. Severim Noticias de Portug. diſc. 8. Memor. dos Cardeaes Portug. Cunha nos Biſpos do Porto part. 2. c 23., e na Addiçaõ a eſte capitulo, que vem a pag. 447. Ann. Hiſtor. tom. 1. pag. 143. Faſtos da Luſitania tom. 1. pag. 290. Alguns o fazem Biſpo do Algarve, mas naõ conſta.

de hum excommungado, que refere o Padre Fonſeca na *Evora glorioſa pag.* 285. Vivendo ainda o Cardeal Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves de Azambuja, foy D. Diogo eleito em Arcebiſpo de Lisboa por Joaõ XXIII. no anno de 1414. Porém naõ obſtante a nomeaçaõ Pontificia, deſcuidando-ſe o novo Arcebiſpo da expediçaõ das Bullas, lhe naõ quiz o Cabido dar poſſe, por cujo motivo padeceo muitas contradições. E vendo ElRey D. Joaõ I. a renitencia, com que o Arcebiſpo eſtava, eſcreveo no anno de 1422 ao Cabido da Sé, para que lhe naõ obedeceſſem, e governaſſem o Arcebiſpado no eſpiritual, e temporal. Na meſma conformidade eſcreveo tambem o Infante D. Pedro aos Priores, Miniſtros, e Guardiães dos Conventos de Lisboa, e a todos os Grandes do Reino, que obedeceſſem ao Cabido.

10 Vendo-ſe o Arcebiſpo neſte aperto, ſe valeo da authoridade do Pontifice Martinho V., que chegou a eſcrever a ElRey D. Joaõ, e ao Infante D. Duarte ſeu filho primogenito, para que fizeſſem deſiſtir ao Deaõ, e Cabido das duvidas com que lhe impediaõ a adminiſtraçaõ pacifica da ſua Igreja. Cuja ſupplica ſendo pouco attendida delRey, e do Principe, o Arcebiſpo ſe recolheo a Evora, onde com deſgoſtos acabou a vida em 5 de Mayo de 1424. Jaz ſem inſcripçaõ na clauſtra da meſma Sé, e na Capella, que alli fez erigir o Conego Fernaõ Affonſo Cicioſo.

IV.

D. Pedro de Noronha.

Deſde o anno de 1424.

11 ERa D. Pedro de Noronha natural do Reino das Aſturias, filho de D. Affonſo, Conde de Gijon, neto por baſtardia dos Reys Henrique

que II. de Caſtella, e de D. Fernando de Portugal. (1) Vindo a eſte Reino, e tendo vinte e tres annos de idade, no de 1419 lhe concedeo Martinho V. a adminiſtraçaõ do Biſpado de Evora em 11 de Janeiro a inſtancias delRey D. Joaõ I.; e pela morte do Arcebiſpo D. Diogo Alvares o elevou o meſmo Pontifice a Metropolitano de Lisboa contra a poſtulaçaõ, que o Cabido deſta Cathedral fazia para a peſſoa de D. Fernando, Chantre de Coimbra.

12 Promovido D. Pedro em Arcebiſpo no anno de 1424, tendo naõ mais que vinte e oito annos de idade, começou a tratarſe com grande pompa, e luzimento de Principe, occupando-ſe em exercicios improprios ao ſeu caracter, e em divertimentos alheyos da ſua paſtoral obrigaçaõ, a qual incumbia à vigilancia dos ſeus Vigarios Geraes, que foraõ Chriſtovaõ Anes, Affonſo Anes Chantre, e Joaõ de Elvas Prior de Aveiras. Com eſtes deſcuidos fez padecer a liberdade Eccleſiaſtica dos ſeus ſubditos com as vexações do poder ſecular, de que Martinho V. o reprehendeo, e ſe remediou com o Concilio Provincial, que celebrou em Braga o Arcebiſpo D. Fernando a 22 de Dezembro de 1426.

13 No anno de 1428 paſſou o noſſo Arcebiſpo a Aragaõ por Embaixador delRey D. Joaõ I. ſobre o negocio do caſamento do Infante D. Duarte com a Infanta D. Leonor, cuja negociaçaõ completou com beneplacito de todos. (2) Pela morte delRey D. Duarte, que deixou por Governadora do Reino a Rainha D. Leonor ſua mulher, a cuja determinaçaõ ſe oppozeraõ os Tres Eſtados do Reino, quiz o Arcebiſpo D. Pedro ſuſtentar o partido da Rainha viuva com grande tenacidade, fazendo-ſe forte no ſeu Palacio, que era junto dos Paços do Caſtello; e porque os Vereadores da Cidade ſuſpei-

[1] Gaſpar Barreir. no ſeu Nobiliario. Fonſeca na Evora glorioſa pag. 285. n 506. [2] Zurita lib. 13. cap. 45. Ruy de Pina Chron. do Infante D. Pedro cap. 28. e 34.

peitaraõ, que o Arcebispo se queria apoderar do Castello pela porta que chamaõ do Moniz, a Camera lhe mandou derrubar certos cubellos, de que o Arcebispo tomou grande sentimento, e se sahio de Lisboa para Alhandra.

14 Foraõ-se augmentando as turbulencias de maneira, que a Camera da Cidade formou capitulos contra o Arcebispo cheyos de ludibrios, e os remeteo ao Papa, para que o privasse da dignidade. Vendo-se o Arcebispo injuriado, e perseguido, se ausentou para Castella, e logo o Infante D. Pedro lhe mandou sequestrar as rendas. Nesta ausencia ficou o Cabido governando como em Sé vacante; porêm trabalhando os apaixonados do Arcebispo, para que elle tornasse para o Reino, intervindo tambem nisso a Santidade de Urbano VI., lhe foy concedida licença do Infante D. Pedro, entaõ Regente, no anno de 1442.

15 Vindo o Arcebispo outra vez para Lisboa; erigio no anno de 1445 em Collegiada a Igreja de Santa Maria da Villa de Ourem; e esta he a ultima acçaõ, que sabemos deste Prelado, o qual faleceo a 12 de Agosto de 1452 em Lisboa, e está sepultado no meyo da Capella do Santissimo Sacramento da antiga Sé.

V.

D. Luiz Coutinho.

Desde o anno de 1453.

16 MUy liberal se mostrou o Padre Antonio Carvalho da Costa para com a Igreja Metropolitana de Lisboa; porque no Catalogo dos seus Prelados, que expende no *tom.* 3. *da Corografia Portugueza*, *pag.* 345., numera antes de D. Luiz Coutinho a D. Vasco de Menezes, e a D. Fernan-

do

do de Castro, os quaes saõ duvidosos; porque o Arcebispo D. Pedro de Noronha morreo em 12 de Agosto de 1452, como consta da sua inscripçaõ sepulchral, e logo em 23 de Setembro do mesmo anno, consta que dera Ordens com licença do Cabido *Sede vacante* na Capella de S. Bartholomeu da Sé o Bispo de Tagaste D. Joaõ; e as tornou a dar com a mesma licença em 14 de Junho do anno seguinte, em que já o Arcebispo D. Luiz Coutinho era falecido, como se mostra da Bulla de Nicoláo V., passada a seu successor D. Jayme em 30 de Abril de 1453.

17 De sorte, que o governo de D. Luiz Coutinho naõ podia alargarse mais que de Setembro de 1452 até o principio de Abril de 1453, em que vaõ quando muito sete mezes de Prelazia, em cujo limitado espaço naõ póde caber o governo de mais dous Prelados.

18 Foy em fim D. Luiz Coutinho filho de Gonçalo Vaz Coutinho, segundo Marichal do Reino, Alcaide mór de Trancoso, e de Lamego; e de D. Leonor Gonçalves de Azevedo. Teve primeiramente o Bispado de Viseu pelos annos de 1440; e sendo Embaixador delRey em Roma, se achou na eleiçaõ do Anti-Papa Felix IV., e por elle foy creado Anti-Cardeal no mez de Abril de 1443. Foy tambem Bispo de Coimbra no anno de 1444, e acompanhou até Alemanha a Imperatriz D. Leonor, filha delRey D. Duarte, que se desposou com o Imperador Federico III. Naõ consta onde morreo, nem quando.

VI.

D. Jayme, Cardeal.

Desde o anno de 1453.

19 FOy D. Jayme filho do Infante D. Pedro, e neto delRey D. Joaõ I. de boa memoria. Sendo de quatorze annos, ficou prizioneiro na batalha da Alfarrobeira, aonde tinha ido acompanhar a seu pay, que alli perdeo infelizmente a vida. Escapando da prizaõ, passou a Flandes, e foy buscar o abrigo de sua tia a Infanta D. Isabel, Condessa daquelles Estados, e mulher de Filippe III. Esta Senhora o mandou a Roma, sendo entaõ Pontifice Nicoláo V., que affeiçoado das Reaes perfeições, que concorriaõ neste Principe, o fez administrador perpetuo da Igreja Lisbonense em 30 de Abril de 1453, a qual se achava vaga por morte de D. Luiz Coutinho.

20 Naõ constituío logo ò Pontifice a D. Jayme Arcebispo, por naõ ter ainda competente idade, pois contava só vinte annos. Todavia desta sorte começou a governar por seus Vigarios Geraes: tal foy Luiz Anes, que em seu nome assistio nas Cortes, que se celebraraõ em Lisboa por ElRey D. Affonso V. pelos annos de 1455, e 1456. Subindo ao Summo Pontificado Callisto III., antepondo os merecimentos aos annos do nosso Arcebispo, logo na primeira creaçaõ de Cardeaes, que fez em 18 de Setembro de 1456, lhe deu o Capello com titulo de Santa Maria *in Porticu*, promovendo-o depois ao de Santo Eustachio.

21 Feito Cardeal conseguio do Papa a Bulla da Cruzada para este Reino, mandando-a no anno de 1457 a ElRey D. Affonso V. seu primo pelo Bispo de Silves D. Fr. Alvaro Paes, que se achava em Ro-

Roma, a quem o Pontifice fez seu Legado, e o Cardeal seu Governador, ou Commissario Geral no Arcebispado de Lisboa.

22 Succedendo no anno seguinte de 1458 a morte do Papa Callisto III., e seguindo-se logo na Cadeira Pontificia Pio II., quiz este levar ávante a empreza de seu antecessor em fazer guerra aos Turcos. Para este effeito publicou hum Concilio em Mantua, para onde partindo de Roma no principio do anno de 1459 com o Collegio dos Cardeaes, o nosso adoecendo em Florença de hum mal, que só tinha o remedio no perigo da castidade, quiz antes D. Jayme perder a vida na flor dos annos, que manchar o candido arminho da sua pureza. Espirou finalmente a 21 de Abril de 1459 com grande saudade de todos. Jaz seu corpo em Florença no Convento de S. Miniato de Religiosos Benedictinos. (r)

VII.

D. Affonso Nogueira.

Desde o anno de 1459.

23 ERa D. Affonso Nogueira filho de Affonso Anes Nogueira, Alcaide mór de Lisboa. Nos seus primeiros annos abraçou a nova Reforma da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangelista, que instituío neste Reino o Veneravel Mestre Joaõ, e foy hum dos seus primeiros companheiros. Levado da devoçaõ, e desejo de communicar com os primeiros fundadores da Congregaçaõ de S. Jorge em Alga, passou a Veneza, e de lá trouxe para os de Portugal a capa azul, continuando a viver aqui taõ exemplarmente, que o Papa Nicoláo V. obrigado

[r] Zurita liv. 16. c. 39 Bzovio tom. 15. ad an. 1427. n 5. Bozius de Sign. Eccles. lib. 11. sign. 48 c. 7. e outros apud Cardos. no Agiolog. Lusit. tom. 2. p. 585. Nun. Descr. de Portug. cap. 87. p. 134.

da ſua fama o fez Biſpo de Coimbra na mudança de D. Luiz Coutinho, e por morte do Cardeal D. Jayme o transferio Pio II. para Arcebiſpo de Lisboa aos 17 de Setembro de 1459, como conſta da Bulla. (1)

24 Padece equivocaçaõ o Padre Antonio Carvalho da Coſta na ſua *Corografia tom.* 3. *pag.* 346. onde diz, que D. Affonſo Nogueira fora tambem Biſpo do Porto, dignidade que naõ occupou. Correndo o anno de 1463, celebrou Pontifical o noſſo Arcebiſpo, e lançou a primeira pedra na Caſa nova de Noſſa Senhora da Luz, junto ao Lugar de Carnide, com aſſiſtencia delRey D. Affonſo V., e de toda a Corte. No anno de 1464, padecendo Lisboa huma grande epidemia, por fugir della ſe recolheo o Arcebiſpo D. Affonſo à Villa de Alanquer; e no mez de Outubro deſte anno quiz a Divina Providencia, que elle faleceſſe do meſmo mal. Foy trazido ſeu corpo para a Igreja Paroquial de S. Lourenço deſta Cidade, onde jaz na Capella de Santa Victoria como Inſtituidor do Morgado dos Nogueiras, que hoje poſſue o Excellentiſſimo Viſconde de Villa-Nova de Cerveira.

25 Outra equivocaçaõ encontramos no Biſpo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, o qual naquellas ſuas famoſas Decadas deſte Reino, que deixou manuſcritas, e imperfeitas, eſcreve na primeira Decad. liv. 9. cap. 2., que ElRey D. Affonſo V. elegera para Arcebiſpo de Lisboa a hum certo Duarte, grande Letrado, e Confeſſor da Rainha D. Iſabel, o qual exercera admiravelmente eſta dignidade; e porque tinha ſido em Pariz companheiro de Franciſco Barboſa, inſigne Juriſta, o fizera ſeu Vigario Geral. (2) Noticia he eſta, que naõ ſe póde ve-

[1] Eſta Bulla exiſte no Cartorio do Senado da Camera de Lisboa no liv. 5. dos Privileg. Apoſtol. fol. 55. [2] *Quam dignitatem mirificè exercuit, egregiamque viri indolem Rex introſpiciens humeris ejus regni pon-*

verificar nem pelos ſucceſſos, nem pela chronologia.

VIII.

D. Jorge da Coſta, Cardeal.

Deſde o anno de 1464.

26 NAſceo D. Jorge da Coſta na Villa de Alpedrinha, Biſpado da Guarda, no anno de 1406 de pays honrados. Teve principio a ſua boa fortuna com a protecçaõ da Senhora Infanta D. Catharina, filha delRey D. Duarte; o qual a rogos da meſma Infanta, e perſuadido das ſuas diſtinctas prendas, o nomeou Biſpo de Evora, e por morte de D. Affonſo Nogueira o fez transferir para Arcebiſpo de Lisboa em 26 de Novembro de 1464, ſendo Summo Pontifice Paulo II.

27 A primeira acçaõ executada neſta Metropoli he a erecçaõ da Capella de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, e S. Luiz, que mandou fabricar com grande diſpendio no Convento de Santo Eloy para jazigo da ſobredita Infanta. No anno de 1469 foy por Embaixador a Caſtella ſobre negocios de caſamentos Regios, que naõ tiveraõ effeito; e no de 1471 acompanhou a ElRey D. Affonſo V. na jornada, e conquiſta de Tangere, e Arzilla, achando-ſe ſempre inſeparavel o noſſo Arcebiſpo do lado delRey, o qual ſe valeo muito em todas as ſuas emprezas da prudencia do ſeu conſelho.

28 Paſſando ElRey a França, ficou o Arcebiſpo no Reino por primeiro Miniſtro, e principal Conſelheiro do Principe; e neſte emprego ſe naõ deſcuidou das obrigações da ſua Prelazia, antes poz em nova praxe limitar as Paroquias da Cidade, as quaes

---

pondus impoſuit. Haud oblitus Eduardus antiqui ſodalitii cum Franciſco Barboſa eundem pro Pontificalibus muniis Epiſcopum Targenſem creari fecit in ſuum Coadjutorem. Saõ as palavras do Author.

quaes visitou todas pessoalmente, e tambem algumas Villas do Arcebispado, unindo ao Convento de S. Bento de Xabregas as Igrejas de S. Leonardo de Atouguia, e a de S. Miguel de Cintra.

29 A instancias delRey D. Affonso V. lhe concedeo Xisto IV. o Capello de Cardeal em 18 de Dezembro de 1476 com o titulo dos Santos Pedro, e Marcellino; e voltando de França ElRey D. Affonso por Novembro do anno de 1477, recebeo D. Jorge na primeira Oitava do Natal as honras da nova dignidade na Igreja do Convento de Santo Eloy, estando presente ElRey, e toda a Corte.

30 Como o Principe D. Joaõ lhe naõ era muito affeiçoado, porque invejava os extraordinarios favores, que lhe fazia seu pay, resolveo prudentemente o Arcebispo passar a Roma, e o Pontifice o recebeo com summo agrado, correndo sempre taõ prosperos os tempos ao Cardeal Arcebispo, que pareciaõ poucas as dignidades, com que os Summos Pontifices Innocencio VIII., Alexandre VI., Pio III., e Julio II. o enriqueceraõ nos vinte e oito annos, que assistio naquella Curia.

31 Foraõ sem duvida as honras, e as dignidades a que subio o nosso Arcebispo as mayores da Igreja Catholica depois da Suprema, para a qual tambem teve muitos votos em tres eleições differentes. Eraõ as suas virtudes, que o elevaraõ a estado taõ eminente, singularissimas, até que fazendo pausa ao progresso da vida, a terminou em Roma em 19 de Agosto de 1508 com cento e dous annos de idade. Jaz na Igreja de Nossa Senhora do Populo da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em hum nobilissimo deposito. (1)

32 No

[1] Cunha nos Bispos do Porto part. 2. cap. 33. Severim de Faria nas Notic. de Portug. disc. 8. § 11. Duarte Nun. Descripç. de Port. p 134.v. Cardoso Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 116. Lima Geogr. Histor. tom, 1. pag. 372. Franc. de Santa Maria Ann. Histor. tom, 2. pag. 550. Fonseca Evora gloriosa n. 512.

32 No capitulo 33 do livro, que eſcreveo D. Franciſco Herrera e Maldonado da vida do ſervo de Deos Bernardino de Obregon, ſe acha a noticia de outro Arcebiſpo de Lisboa chamado D. Miguel de Menezes governando eſta Igreja pelos annos de 1497, porém julgamos ſer apocrifo; porque o Arcebiſpo D. Jorge começou o ſeu governo no anno de 1464, e renunciou no de 1500 em ſeu irmaõ D. Martinho da Coſta; quanto mais que naõ ha Author algum, que ſe lembre de ſemelhante Prelado.

IX.

D. Martinho da Coſta.

Deſde o anno de 1501.

33 ACHando-ſe D. Martinho em Roma na companhia de ſeu irmaõ o Cardeal D. Jorge, eſte por cauſa de huma doença grave renunciou nelle o Arcebiſpado de Lisboa em 28 de Junho de 1500 com faculdade delRey D. Manoel. Pouco depois da nomeaçaõ partio D. Martinho para o Reino, e aqui no anno de 1502 bautizou ao Principe D. Joaõ, que depois foy Rey, e terceiro no nome, em a Capella de S. Miguel dos Paços do Caſtello, chamados da Alcaçova.

34 Na fome que todo o Reino padeceo no anno de 1503, mandou vir eſte Prelado muito trigo de fóra por ſua conta, e elle por ſua propria maõ o repartia já cozido aos pobres, e o mandava dar pelas caſas das gentes mais neceſſitadas, exercitando neſta occaſiaõ memoraveis actos de caridade. Em 18 de Julho de 1509 benzeo a Igreja do Real Moſteiro da Madre de Deos, a qual hoje ſerve de Capitulo dentro da clauſura.

35 Contava D. Martinho oitenta e ſete annos de idade, quando acompanhou até Saboya a Senhora

In-

Infanta D. Brites, que se foy desposar com o Duque Carlos. Recolhendo-se a Portugal, adoeceo no mar, e naõ podendo continuar a viagem até Lisboa, desembarcou em Gibraltar, onde faleceo em 28 de Novembro de 1521. Dizem alguns, que de paixaõ, por lhe embaraçar em Roma ElRey D. Manoel a nominata de Cardeal, que Leaõ X. determinava conferirlhe. De Gibraltar o trasladou seu sobrinho Christovaõ da Costa no anno de 1558, e o fez sepultar na Sé de Lisboa entre os Arcebispos D. Fernando, e D. Jorge. (1)

X.

D. Affonso, Infante, e Cardeal.

Desde o anno de 1523.

36 NAsceo em Evora a 23 de Abril de 1509 o Infante D. Affonso, filho terceiro do Senhor Rey D. Manoel, e da Serenissima Rainha D. Maria sua segunda mulher. Ainda naõ contava oito annos, quando o Papa Leaõ X. no anno de 1516 o admittio ao numero, e Collegio dos Cardeaes com o titulo de Bispo Targitano, Diacono Cardeal de Santa Luzia: e supposto que este indulto foy concedido com a reserva de se lhe naõ dar o barrete, senaõ quando o Infante tivesse dezoito annos, todavia sempre foy tratado com a respectiva honra de Cardeal.

37 Por morte do Arcebispo D. Martinho lhe concedeo Adriano VI. a administraçaõ dos frutos deste Arcebispado, declarando-o já desde entaõ por Arcebispo, contando elle de idade quatorze annos sómente; e quando chegou o dia 17 de Setembro do

[1] Far. Europ. Portug. part. 2. p. 547. Ann. Histor. tom. 2. p. 552. Lima Geograf. Histor. tom. 1. p. 377.

do anno de 1523, escreveo o Infante ao Cabido de Lisboa, dizendo-lhe, que estava provido no Arcebispado pelo Papa Adriano VI. a supplicas delRey D. Joaõ III. seu irmaõ, e que assim fazia seu Procurador ao Deaõ Fernaõ Gonçalves para tomar a posse. Tanto que entrou em dezoito annos de idade recebeo com toda a pompa em Almeirim o Capello de Cardeal aos 27 de Junho de 1526, e no de 1535, assistindo D. Affonso em Evora sua ordinaria residencia, cuja Igreja, e a de Viseu tambem governava, partio para Lisboa a tratar da sua sagraçaõ, por lhe haver chegado o Pallio em 22 de Novembro do dito anno.

38 Cuidou sempre muito este Prelado em exercer com obras dignas o officio de bom Pastor. Muitas vezes bautizava por suas proprias mãos as crianças, e levava o Santissimo Viatico aos enfermos, e de melhor vontade aos mais pobres, a quem deixava sufficientes esmolas; e dizia, que estas obrigações primeiro eraõ suas, que dos outros Parocos, e por isso devia primeiro que os outros cumprir com ellas. Nos Domingos, e dias Santos ensinava a Doutrina Christã às suas ovelhas com muita affabilidade, estabelecendo taõ util exercicio por todas as Freguezias da sua Diecese, e impondo esta obrigaçaõ aos Parocos; aos quaes em Synodo, que fez celebrar na Sé em o anno de 1536 a 25 de Agosto, tambem ordenou tivessem livros para assentar os nomes das pessoas bautizadas, e dos Padrinhos, cousa que antes do seu governo se naõ praticava, e a cujo exemplo o fez estabelecer em toda a Igreja Catholica o sagrado Concilio Tridentino.

39 Rezando-se até o seu tempo na Sé, e em todo este Arcebispado pelo Breviario da Igreja de Salisbury de Inglaterra, que havia introduzido o Bispo D. Gilberto, elle em seu lugar mandou, que se admittisse o Romano, de que usamos. O Pontifice Paulo III. approvou esta introducçaõ por Bulla

de 9 de Dezembro de 1538, dirigida ao Cabido da Igreja Lisbonense. Era nos Pontificaes magestoso, e nos Ritos Ecclesiasticos muito versado, e perito; e como inclinado ao estudo das letras, amava, e favorecia aos homens doutos, e applicados.

40 Sendo o tratamento da sua casa regido com grande esplendor, que pouco se differençava da Casa Real, era igualmente modestissima, e exemplar toda a sua familia. Teve muitas dignidades, porque foy Administrador dos Bispados de Viseu, Evora, e Guarda; D. Abbade de Alcobaça, Commendatario do Convento de Santa Cruz de Coimbra, e de S. Joaõ de Tarouca: teve a Purpura Cardinalicia com os titulos de Santa Luzia *in septem foliis*, de S. Braz, e de S. Joaõ, e S. Paulo. Finalmente cheyo de honras, merecimentos, e virtudes, mas naõ de annos, terminou nos trinta e hum de vida aos 21 de Abril de 1540, deixando com eterna saudade huma feliz, e perpetua memoria. Jaz no Convento de Belem em sepultura propria. (1)

41 Pertende o Bispo de Targa D. Fr. Thomé de Faria na *Decada* 1. *liv.* 9. *cap.* 5. introduzir nesta Igreja Metropolitana por Arcebispo a D. Miguel da Silva, que depois foy Cardeal, e desnaturalisado do Reino por ElRey D. Joaõ III.; porém claramente se mostra ser apocrifo; porque o Cardeal Arcebispo D. Affonso faleceo em 21 de Abril de 1540, e o Arcebispo D. Fernando lhe succedeo por eleiçaõ do Papa Paulo III. em 29 de Setembro do mesmo anno, que saõ cinco mezes de intervallo, nos quaes naõ he verosimil, que ElRey nomeasse dous Arcebispos de Lisboa.

XI.

---

[1] Goes Chron. delRey D. Manoel part. 2. c. 42. Cardos. Agiol. Lusitan. tom. 2. p. 666. Fr. Manoel dos Sant. Alcob. illustr. p. 331. e 350. Severim de Faria Prompt. Espirit. p. 32. v. e nas Notic. de Port. disc. 8. §. 12. e outros apud Barbos. na Bibl. Lusit. tom. 1. pag. 21.

XI.

D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes.

Deſde o anno de 1540.

42 ESte veneravel Prelado naſceo em Lisboa, filho ſegundo de D. Affonſo de Vaſconcellos, primeiro Conde de Penella. Profeſſou o Inſtituto de Santo Agoſtinho no Real Convento de S. Vicente, donde foy Prior, e pela fama dos ſeus merecimentos o elevou ElRey D. Manoel a Biſpo de Lamego, que Leaõ X. approvou em Novembro de 1513. Como era dotado de maduro conſelho, e prudencia, ElRey D. Manoel o conſultava na mayor importancia dos negocios, fazendo-o ſeu Capellaõ mór, que continuou a exercer no governo delRey D. Joaõ III.

43 Morto o Sereniſſimo Infante Cardeal D. Affonſo, lhe conferio Paulo III. a dignidade Archiepiſcopal de Lisboa em 16 de Setembro de 1540, de que tomou poſſe em 8 de Novembro do meſmo anno por ſeu Procurador o Deſembargador, e Prior de Meixedo Diogo Gonçalves. No anno de 1543 foy conduzir a Caſtella a Princeza D. Maria, filha delRey D. Joaõ III., que ſe deſpoſou com o Principe D. Filippe, filho do Imperador Carlos V., na qual jornada, e funçaõ fez grandes gaſtos para em tudo ſer luzida. Voltando a Lisboa cheyo de honras, ſe oppoz com zelo, a que ElRey D. Joaõ III. naõ levaſſe ávante a diviſaõ, que queria fazer de alguns Biſpados, a qual todavia naõ póde embaraçar.

44 Quando ElRey D. Joaõ III. tomou o collar do Tuſaõ de ouro na Capella dos Paſſos de Almeirim em 6 de Junho de 1546, o noſſo Arcebiſpo lhe deu o juramento. No anno ſeguinte de 1547 fez o livro das rendas, ou o Cenſual do Arcebiſpado,

obra de grande utilidade, o qual constava das rendas, que o Arcebispo tinha: das propriedades, que pertenciaõ à Mesa Archiepiscopal, e do que se pagava de foro de cada huma: das Igrejas do Arcebispado, e o que pagavaõ de visitaçaõ: do que se pagava de confirmaçaõ de todos os Beneficios, que o Arcebispo confirmava: das Igrejas, que ao Arcebispo pagavaõ luctuosa por falecimento dos Reitores, e quanto se pagava de cada huma: de quem era a apresentaçaõ, e collaçaõ das Igrejas do Arcebispado: do Regimento do que se havia pagar na Chancellaria, e do Regimento do Escrivaõ da Camera; cujo Censual vimos, e se conservava no insigne Cartorio da antiga Metropoli de Lisboa, que infelizmente consumio o incendio de Novembro de 1755.

45 Acontecendo em Dezembro de 1552 o sacrilegio, que hum herege Inglez commetteo na Capella Real, arrebatando das mãos do Sacerdote, que estava dizendo Missa, a Hostia consagrada, o vigilante Arcebispo com a dor deste lamentavel caso mandou fixar huma Pastoral, em que exhortava aos Fieis para huma verdadeira penitencia, ordenando huma Procissaõ em desaggravo do Santissimo desde a Sé até à Igreja de S. Domingos, em que elle foy descalço, e o mais do Clero com exemplar humildade, e compunçaõ.

46 Em todas as suas acções mostrou bem o zelo da patria, e o augmento, que desejava à sua Cathedral, onde para mayor culto, e decencia dos Divinos Officios mandou fazer as cadeiras do coro debaixo, e de cima, o Altar mór, as grades de bronze, e o Altar de S. Vicente: e no anno de 1554 fundou em Santo Antonio do Tojal a Igreja, palacio, e jardim. Teve com o Cardeal D. Henrique contradições, e desgostos, de que se queixou ao Papa Paulo IV. justamente; porque foy este Prelado sabio, generoso, e singular cortezaõ, affavel

pa-

para os pretendentes; e caritativo para os pobres, muito douto, e muito verdadeiro, e viſto nas antiguidades, e materias de eſtado; e ſuppoſto que os dous erudítos Barboſas lhe accreſcentaõ tambem o caracter de Inquiſidor geral, naõ vimos até agora documento ſolido, que verifique nelle eſta dignidade; e ſe a teve, naõ chegou a tomar poſſe. Contando em fim oitenta e tres annos de vida, faleceo ſantamente em Lisboa aos 7 de Janeiro de 1564, e foy ſepultado na Capella mór da Sé. (1)

XII.

D. Henrique, Cardeal, e Rey.

Deſde o anno de 1564.

47 O Cardeal Infante D. Henrique aſſiſtia em Evora, donde era Arcebiſpo quando faleceo ElRey D. Joaõ III. ſeu irmaõ; e como a Rainha viuva D Catharina ficou governando o Reino na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto, que contava pouco mais de tres annos, lhe foy preciſo, para que a Sereniſſima Rainha podeſſe ſuſter o pezo do regimen Monarquico, deixar a reſidencia daquella Metropoli, e vir aſſiſtir na Corte de Lisboa.

48 Para eſte effeito renunciou o Arcebiſpado em D. Joaõ de Mello, Biſpo do Algarve, e paſſou para a Metropolitana de Lisboa por Bulla de Pio IV. pela vacatura de D. Fernando. Nos annos, que governou eſta Dieceſe, o reconheceraõ as ſuas ovelhas ſempre zeloſo Paſtor; e como amante das letras, e ſeu agmento fundou o Seminario de Santa Ca-

[1] Barboſ. Bibliot. Luſit. tom. 2. pag. 63. e ſeu irmaõ nos Faſtos da Luſitan. tom. 1. pag. 102. Vide Souſa Hiſtor. Geneal tom 1. pag. 127. Gil Gonçalv. de Avila Hiſtor. de Salam. liv. 3. cap. 23. Lima Geograf. Hiſtor. tom. 1. pag. 367.

Catharina, eſtabelecendo-lhe rendas para ſua ſubſiſtencia em 30 de Novembro de 1566.

49 No meſmo anno celebrou na Cathedral Igreja o primeiro Concilio Provincial, que começou na Dominga da Sexageſima aos 13 das Kalendas de Março, preſidindo de huma parte o Cardeal Arcebiſpo com aſſiſtencia do Biſpo de Leiria D. Gaſpar do Caſal, e D. Gaſpar Cano Biſpo de S. Thomé, e D. Jorge de Lemos do Funchal, e D. Joaõ de Portugal Biſpo da Guarda, e D. André de Noronha de Portalegre, todos ſeus ſuffraganeos: aſſiſtiraõ mais D. Pedro, Biſpo de Hiponia; D. Juliaõ de Alva, Biſpo de Miranda; D. Jeronymo Pereira de Salé; D. Belchior Belliago de Féz, todos Biſpos Provinciaes, e muitos Procuradores da Provincia, Clero, e Religioſos.

50 Da outra parte preſidio ElRey D. Sebaſtiaõ com ſua avó a Sereniſſima Rainha D. Catharina, e a Sereniſſima Princeza D. Maria ſua tia, e o Senhor D. Duarte, Condeſtavel do Reino, filho do Infante D. Duarte, e grande numero de Fidalgos, e Grandes do Reino, Magiſtrado, e Nobreza. Fizeraõ-ſe as outras ſeſsões do Concilio, que foraõ mais cinco, todas no mez de Dezembro do dito anno; as quaes depois verteo elegantemente na lingua Latina o erudito André de Reſende, e ſe conſervaõ na livraria da Excellentiſſima Condeſſa do Redondo D. Margarida, eſcritas em excellentes caracteres.

51 Foy taõ grande o deſejo, que eſte Sereniſſimo Prelado teve da ſalvaçaõ das almas, que mandou executar neſta Dieceſe todos os Decretos do Concilio Tridentino, que trataõ da reforma dos coſtumes, para cujo fim os fez traduzir em Portuguez, e imprimir. Alcançou tambem do Vigario de Chriſto hum Jubileo annual para todos os Fieis, que ſe confeſſaſſem, e commungaſſem nas quatro feſtas principaes do anno, o qual já tinha conſeguido para a Metropoli de Braga, e depois alcançou para a de Evora.

52 Di-

52 Dimitindo finalmente a Prelazia Lisbonense em 1569, havendo entregado o governo Ecclesiastico a D. Jorge de Almeida, e o Monarquico a ElRey D. Sebastiaõ com solemne apparato nos Paços da Ribeira, voltou para Evora, onde falecendo a 6 de Agosto de 1574 o seu Arcebispo D. Joaõ de Mello, foy segunda vez confirmado naquella Metropolitica dignidade, a qual illustrou com as mesmas exemplares virtudes.

53 Porém succedendo em Africa a destruiçaõ do nosso exercito, e a perda tragica delRey D. Sebastiaõ, foy o Cardeal acclamado Rey desta Monarquia em 28 de Agosto de 1578 na Igreja do Hospital Real de Lisboa, pela devoçaõ de ter sido nella consagrado em Arcebispo de Braga pelo Cardeal Infante seu irmaõ na Dominica in Albis de 1539. Empregado no governo do Reino, como os desgostos foraõ crescendo, e atribulando os seus muitos annos, veyo a falecer em Almeirim a 30 de Janeiro de 1580. Jaz sepultado no Convento de Belem. (1)

XIII.

D. Jorge de Almeida.

Desde o anno de 1570.

54 ELeito em Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, filho quinto de D. Lopo de Almeida, e neto de D. Diogo Fernandes de Almeida, Prior do Crato, e Monteiro mór delRey D. Joaõ II. pela renuncia, que fizera o Cardeal Infante, tomou posse desta Igreja no anno de 1570 por Bulla de Pio V. O povo estimou geralmente este Prelado pela boa fama, que já tinha adquirido a sua virtude; e para acreditar mais o seu Pastoral officio, con-

[1] Vide Barbosa na Bibliot. Lusit. pag. 439. tom. 2.

convocou no anno de 1574 hum Concilio Diecesano, que foy o segundo, onde estabeleceo prudentes Constituições.

55 O Papa Gregorio XIII. o creou Inquisidor geral deste Reino à instancia do Cardeal D. Henrique; e elle com todo o esforço se oppoz a ElRey D. Sebastiaõ na sua temeraria jornada de Africa; mas vendo que o naõ podia dissuadir, recorreo a Deos com preces publicas, mandando expor o Santissimo em todo o Arcebispado para applacar a ira de Deos, que naquelles tempos ameaçava o Reino com as desordens do governo Secular.

56 Ausentando-se ElRey para Africa, ficou o Arcebispo governando em companhia de outros quatro Fidalgos; e com a triste noticia da perda delRey na lamentavel batalha de Alcacer, e depois com a morte do Cardeal Rey D. Henrique, foy sempre o Arcebispo D. Jorge em quem se conservou firme o zelo da patria, até se ver sujeito ao dominio estranho delRey Filippe de Castella, o qual tomando posse deste Reino, deixou em Lisboa em seu lugar por Governador no anno de 1583 a seu sobrinho o Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, com quem tendo o Arcebispo hum desgosto por causa do provimento de huns Beneficios de Torres-Novas, veyo a falecer em breves dias a 20 de Março de 1585 com grande sentimento de todos; porque foy este hum Prelado de grande authoridade, prudencia, e letras. Jaz na Capella mór da antiga Sé à maõ esquerda do Arcebispo D. Martinho. (1)

XIV.

[1] Sousa Histor. Geneal. tom. 5. pag. 654. Lima Geograf. Histor. tom. 1. pág. 369.

XIV.

D. Miguel de Castro.

Desde o anno de 1586.

57 NAsceo D. Miguel de Castro na Cidade de Evora pelos annos de 1536, e foraõ seus pays D. Diogo de Castro chamado o *Magro*, Mordomo mór da Princeza D. Joanna, mulher do Principe D. Joaõ; e de D. Leonor de Ataide, filha do grande Nuno Fernandes de Ataide, Alcaide mór de Alvor, e Senhor de Penacova. Sendo Prior da Igreja de S. Christovaõ foy presentado para Bispo de Viseu, de que tomou posse no anno de 1579. O Papa Xisto V. no anno de 1586 o promoveo para Arcebispo de Lisboa, de que tomou posse a 2 de Julho do mesmo anno.

58 Entregando ElRey Filippe o governo de Portugal ao Archiduque Alberto, lhe deu por adjunto ao nosso Arcebispo, o qual na ausencia que o dito Archiduque fez a Flandes pelos annos de 1593, ficou continuando o governo Aristocratico de Portugal juntamente com os Condes de Portalegre, Santa Cruz, Sabugal, e Miguel de Moura, Escrivaõ da Puridade. Na grande occurrencia de negocios a que assistia se naõ descuidou o nosso Arcebispo das obrigações Pastoraes; e assim fez se concluisse a Igreja, e torre de Santo Antonio do Tojal, e na Sé edificou huma Capella com seis Capellães perpetuos, dotando-lhe preciosos ornamentos.

59 Com zelo da pureza da Religiaõ passou a Valhadolid, onde entaõ residia a Corte dos Reys de Hespanha, para embaraçar o requerimento do perdaõ geral, que pretendia a gente da naçaõ Hebrea. No anno de 1615 lhe recahio todo o governo do Reino com titulo de Vice-Rey, cuja authoridade,

conſelho, e virtudes eraõ ſufficientes à expediçaõ dos mayores negocios. Com decreto delRey ordenou no anno de 1618, que na Sé trouxeſſem ſómente os Conegos capello nas murças, e que foſſem forradas de carmezim, e as dos meyos Conegos, e Quartanarios forradas de negro ſem capello.

60 Sendo eſte Prelado de vida inculpavel, parece que a ſua nimia bondade, e tolerancia deraõ azos à grande relaxaçaõ, e deſenvoltura de ſeus domeſticos, de que ſe originaraõ baſtantes eſcandalos, e murmurações. Faleceo com boa opiniaõ em o primeiro de Julho de 1625, e jaz na ſepultura, que elle mandou fazer à porta principal da Sé com eſte ſincéro, e humilde epitafio: *D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo que foy de Lisboa, ſe mandou enterrar neſte lugar; pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum P. N. e huma Ave Maria.* (1)

XV.

D. Affonſo Furtado de Mendoça.

Deſde o anno de 1627.

61 DOm Affonſo Furtado de Mendoça foy filho de Jorge Furtado de Mendoça, deſcendente por varonia da Caſa do Duque do Infantado, e de D. Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Souſa, e neta do primeiro Conde do Prado. Depois de varias dignidades, a que o elevaraõ neſte Reino os ſeus merecimentos, conſeguio a Mitra deſta Metropoli por conceſſaõ de Urbano VIII. no anno quarto do ſeu Pontificado; e a 3 de Mayo de 1627 tomou poſſe do Arcebiſpado.

62 O governo politico deſte Reino, a que El-Rey

[1] Souſa na Hiſtoria Genealogica tom. 6. pag. 294., e no Agiologio Luſitano tom. 4. em o primeiro de Julho.

Rey Filippe III. o chamou para o exercitar com o Conde de Basto D. Diogo de Castro, e com o Conde de Portalegre D. Diogo da Silva, lhe opprimia muito o seu escrupulo na obrigaçaõ, e cuidado que devia applicar ao regimen das suas ovelhas; porém a sua vasta capacidade, e inteireza de justiça no manejo de ambas as expedições, acreditavaõ a grande esfera do seu talento.

63 Succedeo em Lisboa em a noite de 15 para 16 de Janeiro de 1630 o execrando sacrilegio de se roubar do Sacrario da Paroquial Igreja de Santa Engracia a Pyxide com as sagradas Fórmas; e este delicto penetrou de sorte o sentimento do vigilante Prelado, que supposto ordenou para desaggravo do Sacramento muitas, e muito grandes festas, com tudo desta sacrilega acçaõ teve origem a sua morte, pois em breve tempo veyo a acabar a vida com huma geral saudade das suas ovelhas em 2 de Junho de 1630. Mandou que o sepultassem na Capella mór da Cathedral junto aos degráos do Presbiterio da parte do Evangelho.

XVI.

D. Joaõ Manoel.

Desde o anno de 1633.

64 PEla vacancia de D. Affonso Furtado de Mendoça foy assumpto à Metropolitana de Lisboa D. Joaõ Manoel, illustrissimo descendente del-Rey D. Duarte, e filho de D. Nuno Manoel, senhor da Casa da Atalaya; e de D. Joanna de Ataide, filha do primeiro Conde da Castanheira. Desta Igreja mandou tomar posse a 13 de Mayo de 1633 pelo Bispo de Targa D. Gaspar do Rego, por se achar entaõ assistente em Madrid, aonde fora tratar negocios consideraveis da Religiaõ, que se ori-

ginaraõ da grande Junta de varios Prelados do Reino, que ElRey Filippe II. mandou fazer no Convento de Thomar, ſendo naquelle tempo D. Joaõ Manoel Biſpo de Coimbra.

65 O zelo com que D. Joaõ Manoel ſolicitava o remedio para extinguir neſte Reino a gente da naçaõ Hebrea; o eſplendor da ſua Caſa, e familia; as acções de ſua vida bem compaſſadas, lhe grangearaõ taõ boa opiniaõ, que ElRey Filippe II. o nomeou Vice-Rey de Portugal, em cujo governo entrou a 12 de Mayo de 1633, e a 15 do dito mez, que foy dia do Eſpirito Santo, foy toda a Relaçaõ Metropolitana com ſeus Officiaes darlhe a obediencia. Neſte acto o Doutor Mattheus Peixoto Barreto, Conego Prebendado da Sé de Lisboa, Proviſor do Arcebiſpado, lhe fez huma falla eloquente.

66 Vinte e tres dias logrou a poſſe deſta dignidade Arcebiſpal, nos quaes naõ foy viſitar a ſua Sé por cauſa da doença, que foy creſcendo de tal maneira, que ſendo-lhe levado da Sé com todo o Cabido o Santiſſimo Viatico ao Forte do Palacio Real, em que eſtava, naõ deu lugar a doença para lhe ſer tambem levada a ſanta Unçaõ da meſma Sé, e a recebeo da Paroquia de S. Juliaõ. Faleceo a 4 de Julho de 1633 às ſete horas de tarde. No dia ſeguinte foy levado à ſepultura, que elegeo na Capella mór, que fez à ſua cuſta no Convento de Jeſus deſta Cidade. Naõ foy acompanhado do Cabido, aſſim por elle o naõ pedir no ſeu teſtamento, como por ſe eſcuſarem competencias com os Fidalgos Aulicos, que queriaõ levar o eſquife, e com os Capellães da Capella Real, que ſe perſuadiaõ competirlhes o officio da encommendaçaõ, por ſer Vice-Rey o Prelado, e falecer em Palacio. (1)

XVII.

[1] Souſa Hiſtoria Genealog. tom. 11. pag. 539. D. Franc. Manoel Epanaf. 1.

XVII.

D. Rodrigo da Cunha.

Desde o anno de 1636.

67 FOy D. Rodrigo da Cunha de geraçaõ illustre; porque foy filho de D. Pedro da Cunha, senhor da Taboa, e Conselheiro de Estado; e de D. Maria da Silva, filha de Ruy Pereira da Silva, Alcaide mór de Silves. As grandes virtudes, e letras grangearaõ a D. Rodrigo os mayores empregos da Republica Ecclesiastica. Servio por Inquisidor no Tribunal do Santo Officio de Lisboa oito annos, e tendo trinta e oito de idade foy nomeado Bispo de Portalegre. Daqui passou à Cadeira Episcopal do Porto, e depois de a governar nove annos, foy promovido à Primacial de Braga, da qual se transferio à Metropolitana de Lisboa, de que tomou posse em o primeiro de Mayo de 1636, fazendo sua entrada publica desde a Igreja de S. Luiz nas portas de Santo Antaõ até à Sé Cathedral com a pompa, e apparato que ordena o Ceremonial Romano.

68 Tantas repetidas promoções saõ os melhores elogios da grande esfera, e capacidade deste Prelado. Todas as Igrejas anhelavaõ este Pastor, em cujo zelo, e piedade se promettiaõ saudaveis abrigos. Logo que tomou posse desta Cathedral convocou Synodo Diecesano, havendo mais de sessenta annos, que se naõ fazia, e nelle ordenou Constituições muito convenientes aõ governo do Arcebispado, pelas quaes se governa ainda hoje o Patriarcado.

69 O amor constante da patria o fez taõ desinteressado, e repugnante às promessas dos Ministros Castelhanos, que na Junta que se celebrou em Madrid

drid no anno de 1638 com os Grandes daquelle Reino para se unir em sua Provincia o de Portugal, foy o voto do nosso Arcebispo alli convocado o mais efficaz na opposiçaõ; originando-se depois que de lá voltou no anno seguinte aquelles nobres pensamentos de liberdade, que com tanta actividade soube influir nos coraçóes dos Fidalgos Portuguezes para acclamarem Rey o Serenissimo Duque de Bragança D. Joaõ IV.

70 Em toda a parte foy venerado o talento do Arcebispo D. Rodrigo. As vigilias dos seus estudos, que publicou em varios volumes, saõ estimadas pelos sabios. As letras unidas ao exercicio das virtudes lhe fazem perpetuar a sua memoria. Foy douto, sobrio, pio, recto, modestissimo, zeloso da patria, esmoler, e sem fausto: morreo pobre no primeiro de Janeiro de 1643, deixando por legado às quatro Sés, de que fora Prelado, repartidos os seus Pontificaes. Jaz sepultado na Basilica de Santa Maria à entrada da porta travessa chamada vulgarmente do ferro, para onde se trasladaraõ suas cinzas no anno de 1702 por ordem de seu sobrinho D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante mór de Sua Magestade. (1)

XVIII.

D. Antonio de Mendoça.

Desde o anno de 1669.

71 ANtes de D. Antonio de Mendoça, que era filho do Conde de Val de Reys, foy nomeado em Arcebispo de Lisboa D. Manoel da Cunha, Commissario da Bulla da Cruzada, Bispo de Elvas, e Capellaõ mór delRey D. Joaõ IV.; mas

[1] Leitaõ Trat. Analit. pag. 443. Sous. Histor. Geneal. tom. 1. no Apparat. num. 82., e tom. 11. pag. 816. Barbos. Bibl. Lusitan. tom. 3. pag. 641.

mas como naõ chegou a tomar posse, por falecer a 30 de Novembro de 1658, o naõ collocamos neste Catalogo. Eraõ os merecimentos de D. Antonio de Mendoça taõ plausiveis, que fizeraõ lembrar ao Soberano as muitas dignidades a que o elevou; porque foy Ministro da Mesa da Consciencia, onde subio ao gráo de Presidente. Foy Deputado da Junta dos Tres Estados, Commissario da Cruzada, nomeado Bispo de Lamego, e Arcebispo de Braga; até que o Principe regente D. Pedro, attendendo ao relevante de seus meritos, o nomeou Arcebispo de Lisboa, de cuja Igreja tomou posse em 27 de Outubro de 1669 por seu Procurador o Doutor Estevaõ Brioso de Figueiredo.

72 Elevado à Cadeira Metropolitana desta Diecese, se applicou nas vigilias de Pastor ao bem espiritual de suas ovelhas, obviando a escandalosa vida de humas, e remediando a necessidade de outras; e sobre tudo attendendo às isenções, e liberdade de suas regalias; sustentando por esse respeito rigorosos litigios com o Capellaõ mór D. Luiz de Sousa, que lhe veyo a succeder na dignidade, e de quem D. Antonio de Mendoça triunfou com justiça. Faleceo a 14 de Fevereiro de 1675, e foy sepultado na sua Cathedral. (1)

XIX.

D. Luiz de Sousa, Cardeal.

Desde o anno de 1676.

73 HAvia nascido D. Luiz de Sousa na Cidade do Porto, filho segundo dos Condes de Miranda. Passou na sua infancia a Madrid com sua

[1] Chronica dos Coneg. Regr. liv. 10. cap. 15. n. 15. Barbos. Fastos da Lusitan. tom. 1. pag. 536.

ſua mãy a Condeſſa D. Leonor de Mendoça, filha do primeiro Conde de Penaguiaõ, e lá ſe criou no Paço com a nobre indole, e exercicio de Menino da Rainha; e voltando para eſte Reino, como a natureza o dotara de hum genio muito agradavel, entrou a poſſuir a eſtimaçaõ do Principe D. Theodoſio; e a inſinuações deſte paſſou a Roma no anno de 1651, onde ſe graduou Doutor Canoniſta; e depois de ver, e obſervar os coſtumes de varias gentes da Europa, ſe reſtituío ao Reino em 26 de Setembro de 1656.

74 Como o Papa Alexandre VII. lhe havia feito mercê da Cadeira de Deaõ na Sé do Porto, foy a exercer a ſua dignidade, e juntamente o governo daquella Relaçaõ civil por mercê delRey D. Affonſo VI. Foy creſcendo a fama dos merecimentos, e talento de D. Luiz de Souſa, de que inteirado ElRey D. Pedro II. o conſtituío ſeu Capellaõ mór no anno de 1669, e o Papa Clemente X. o fez Biſpo de Bona, em cujo emprego deu baſtantes provas de quanto zelava a ſua juriſdiçaõ, e privilegios. Por morte de D. Antonio de Mendoça foy eleito Arcebiſpo de Lisboa, de que tomou poſſe a 22 de Janeiro de 1676.

75 Será memoravel na poſteridade o governo deſte Prelado pelas ſuas acções acompanhadas todas de grande acerto, e cheyas de piedade, e magnificencia. Cuidou primeiro que tudo na reforma dos coſtumes; e intentando abolir as profanas repreſentações dos theatros, ideou o melhor remedio, alcançando do Papa Innocencio XI. no anno de 1682 o Jubileo do Lauſperenne para todas as Igrejas de Lisboa, diſtribuido alternativamente pelo circulo do anno. Com o meſmo zelo da Religiaõ cooperou muito para a converſaõ dos Gentios, dando ſempre utiliſſimas providencias na Junta das Miſsões, de que foy Preſidente.

76 Parece que tinha o Ceo deſtinado para gloria

da

da sua pia generosidade, que no seu fausto governo se descobrissem as veneraveis Reliquias do inclyto Martyr S. Vicente até alli occultas desde o tempo do Senhor Rey D. Manoel, que mandando-as recolher em huma caixa de pedra, e colocalla em huma casa da Cathedral no vaõ da parede do Altar do mesmo Santo, deixaraõ ficar os artifices a porta da dita casa incognita com pedras semelhantes à mesma parede: e pelo incidente de bolirem nesta para certa obra no anno de 1692, se achou a casa, e a caixa das Reliquias; e entaõ fazendo extrahir o zeloso Prelado com grande jubilo o estimavel thesouro, o collocou em hum precioso cofre de prata no anno de 1693, o qual existindo exposto à publica veneraçaõ dos Fieis em huma bem polida Capella, que mandou fabricar de finissimos marmores, e artificiosos embutidos junto do Altar mór da mesma Sé à parte da Epistola, devorou tudo infaustamente o tragico incendio de Novembro de 1755.

77 Condecorado ultimamente com a Purpura de Cardeal pelo Papa Innocencio XII. no anno de 1697, continuou no exercicio de obras dignas da sua grande idéa. Aperfeiçoou o Palacio Archiepiscopal: reedificou o Templo, e Convento de Santa Catharina de Ribamar de Religiosos Arrabidos: edificou no Dominicano Convento da Batalha o sumptuoso mausoléo para deposito das cinzas do Conde seu pay: erigio na Cartuxa de Laveiras hum novo dormitorio, de que naõ se acabou mais que hum lanço: estabeleceo renda para sustentaçaõ perpetua de hum Monge no deserto de Bussaco; e sobre tudo conservando sempre hum especial amor aos livros, ajuntou a mais copiosa, selecta, e bem ornada livraria, que até os seus tempos se tinha visto, e que os sabios grandemente celebraõ. Morreo finalmente em 4 de Janeiro de 1702, e jaz na Capella de Nossa Senhora da Piedade da Terra solta, que está na claustra da Basilica de Santa Maria

em ſepultura raza com a breve inſcripçaõ : *Sub tuum præſidinm.* (1)

XX.

D. Joaõ de Souſa.

Deſde o anno de 1703.

78 A Nobreza do ſangue do Illuſtriſſimo Dom Joaõ de Souſa he bem notoria, e venerada como deſcendente da eſclarecida familia, e caſa dos Senhores de Gouvea de Riba-Tamega, chefes do ramo Real dos Souſas Condes do Redondo. Naſceo eſte veneravel Prelado em Lisboa no anno de 1647; e educando-ſe com a doutrina, e exemplo do grande meſtre das virtudes, que naquelle tempo florecia D. Diogo de Souſa, Arcebiſpo de Evora, ſeu tio, foy delle hum digno imitador.

79 Aſſociado ao Collegio Pontificio de S. Pedro na Univerſidade de Coimbra, nella ſe doutorou nos ſagrados Canones. Teve o Arcediagado de Santa Chriſtina, dignidade na Primacial de Braga. Servio o Tribunal do Santo Officio em Lisboa alguns annos no lugar de Deputado, e de Sumilher de Cortina delRey D. Pedro II., por cuja ordem lhe foy offerecido o Priorado mór de Palmella, que naõ aceitou. Foy nomeado Biſpo de Miranda, que tambem naõ admittio. Paſſou na armada, que foy a Turim conduzir o Duque de Saboya no anno de 1682 por ſeu Sumilher de Cortina, donde voltando ao Reino foy nomeado Biſpo do Porto pela renuncia, que daquelle Biſpado tinha feito D. Fernando Cor-

[1] Manoel de Souſa Moreira no Theatro Genealogico da Caſa de Souſa. Cardoſ. Agiol. Luſit. tom. 3. p. 283. Papebroch. na Dedicat. do tom. 5. Act. Sanctor Bluteau na Dedicat. da 2. part. das Primic. Evang. Souſa Hiſtor. Geneal. tom. 12 pag. 537. Diogo Barboſ. Biblioth. Luſit. tom. 3. pag. 152. Ignacio Barboſ. Faſtos da Luſitan. tom. 1. pag. 61.

Correa de Lacerda; e nelle o confirmou Innocencio XI. no anno de 1684. Daqui foy promovido para Arcebispo de Braga, e ultimamente para a Metropolitana de Lisboa no anno de 1703.

79 Em todas estas Diceses obrou acções de hum bom Pastor, fazendo-se distinguir entre todas nos immensos actos de caridade, que usava com os pobres de tal fórma, que foy chamado o Santo Joaõ Esmoler do seu seculo, pois chegou a dar até a propria cama em que pobremente dormia. Contaõ-se delle prodigios em abono desta, e de outras virtudes, as quaes chegando aos ouvidos do Summo Pontifice Innocencio XII., lhe escreveo huma Carta em fórma de Breve com grandes elogios, onde concluindo lhe recommenda a perseverança das virtudes na imitaçaõ de si proprio, dizendo: *Reliquum est, ut tui similis esse pergas.*

80 Taõ grandes meritos foraõ bem persuasivos diante dos Serenissimos Reys D. Pedro II., e D. Joaõ V. para a nomina de Cardeal, que naõ teve effeito; porque primeiro que a Purpura Cardinalicia chegou D. Joaõ de Sousa a vestir a funebre mortalha em 29 de Setembro de 1710, dia em que santamente faleceo hum dos mais exemplares Prelados desta Diecese. Jaz no cemiterio dos pobres na antiga Cathedral sem epitafio, em humilde sepultura, como havia determinado. (1)

PATRIARCAS.

1 QUerendo o Fidelissimo Rey D. Joaõ V. promover, e exaltar com ardentissimo zelo o mayor culto de Deos, e o esplendor da sua Igreja, impetrou do Summo Pontifice Clemente XI. a Bulla Aurea, que começa: *In supremo* U ii *Apos-*

[1] Sousa Historia Genealogic. tom. 12. pag. 850. Fonseca Evora gloriosa num. 597. Carvalho Corografia Portug. tom. 3 p. 349. Anno Historico tom. 3. pag. 107.

Apoſtolatûs ſolio, expedida aos 7 de Novembro de 1716, pela qual fez erigir na Collegial inſigne da Real Capella huma Cathedral Metropolitana, e Patriarcal, dividindo para eſte effeito a Cidade de Lisboa, e ſeu Arcebiſpado em duas Metropolis com territorios diſtinctos, ficando os que pertenciaõ à linha diviſoria da parte do Naſcente ſujeitos ao Prelado de Lisboa Oriental, e os que olhavaõ para o Poente ao Patriarca de Lisboa Occidental, a quem tambem unio a dignidade de Capellaõ mór, e o privilegio de poder andar veſtido em habito purpureo.

2 Feita a diviſaõ, nomeou ElRey em primeiro Patriarca ao Illuſtriſſimo D. Thomás de Almeida entaõ Biſpo do Porto: e para que a ſua juriſdiçaõ Metropolitica Patriarcal foſſe omnimoda, tornou a unir as duas Cidades, e Metropolis em huma ſó por Bulla do Papa Benedicto XIV., paſſada a 13 de Dezembro de 1740, e começa: *Salvatoris noſtri*, abrogando, e extinguindo a antiquiſſima Sé de Liſboa Oriental, incorporando, e eſtabelecendo huma ſó Igreja Patriarcal, a quem conſtituío por ſuffraganeos os Biſpados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, e os Ultramarinos do Funchal, Angra, Maranhaõ, e Graõ Pará.

I.

D. Thomás de Almeida, Cardeal.

Deſde o anno de 1717.

3 DA grande, e illuſtriſſima Caſa dos Condes de Avintes, e Arcos naſceo D. Thomás de Almeida em Lisboa aos 11 de Setembro de 1670. Logo nos ſeus primeiros annos teve para as ſciencias huma inclinaçaõ taõ dominante, que contribuío muito para ſe fazer diſtincto entre os mais appli-

applicados ſeus contemporaneos. Doutorado na Univerſidade de Coimbra na faculdade dos ſagrados Canones, tendo alli ſido Porcioniſta do Real Collegio de S. Paulo, paſſou para Deputado da Inquiſiçaõ de Lisboa a 21 de Junho de 1695, e daqui para Deſembargador do Porto, qualificando primeiro no ſupremo Tribunal do Deſembargo do Paço a ſua ſciencia com o rigoroſo exame *de jure aperto.*

4 Do Porto veyo para a Caſa da Supplicaçaõ de Lisboa, e neſta Corte, e ſeus Tribunaes, deſde o miniſterio de Paroco da Igreja de S. Lourenço, em que foy Prior, exerceo as mais honroſas occupações; pois foy Procurador da Fazenda, e Eſtado da Rainha, Deputado da Meſa da Conſciencia, Juiz do Fiſco Real, Chanceller mór do Reino, Secretario das Mercês, Expediente, e Eſtado, Provedor das Obras do Paço, cujos ſublimes empregos cumprio inteiramente com acerto, benevolencia, e zelo.

5 Taõ ſublimes merecimentos ſe faziaõ dignos de hum premio tambem ſublime. Aſſim foy elevado à dignidade Epiſcopal de Lamego por Bulla de Clemente XI. de 6 de Dezembro de 1706, e naquella Dieceſe deu bem a conhecer o caracter de ſeu generoſo coraçaõ. Deſte paſtoral governo paſſou para o do Porto em 17 de Outubro de 1709, onde no anno ſeguinte fez celebrar hum Synodo Dieceſano para o bom regimen dos ſeus ſubditos, os quaes em todo o tempo que tiveraõ a felicidade de o conhecer Paſtor, experimentaraõ juntamente nelle huma prudente vigilancia, e hum amor caritativo de pay.

6 Conhecendo o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. as relevantes prendas de D. Thomás de Almeida, o elegeo para a nova dignidade de Patriarca de Liſboa, que o Papa Clemente XI. confirmou pela Conſtituiçaõ *Romani Pontificis* de 7 de Dezembro de 1716, em virtude da qual mandou elle tomar poſ-

ſe

ſe em 9 de Janeiro de 1717 por ſeu eſpecial Procurador o Illuſtriſſimo D. Joſeph Dionyſio Carneiro; e a 13 de Fevereiro do meſmo anno fez ſua entrada publica ſolemniſſima, e com huma pompa nunca até alli viſta de igual eſplendor, e luzimento deſde as portas de Santo Antaõ até a Igreja Patriarcal. Conſtituido em taõ alta dignidade, e accumulado de honras, e mercês, que a generoſidade incomparavel delRey lhe tributou, deu principio ao exercicio da ſua Prelatura no primeiro de Março do ſobredito anno, indo peſſoalmente viſitar a mayor parte do ſeu Patriarcado, conferindo no meſmo tempo o Sacramento da Confirmaçaõ a muitas mil peſſoas, e diſtribuindo com maõ larga pelos pobres innumeraveis eſmolas.

7 Querer numerar as funções differentes, e copioſas, que exerceo como proprias da ſua dignidade em todo o progreſſo dos trinta e ſete annos que a occupou, ſeria fazer huma narraçaõ immenſamente dilatada. Baſta dizer, que adminiſtrou o Bautiſmo a muitos Sereniſſimos Infantes de Portugal, e Grandes do Reino: benzeo muitos Templos, ſinos, e imagens: conferio todos os gráos das Ordens a innumeraveis peſſoas, que ſe deſtinavaõ ao eſtado Eccleſiaſtico: ſagrou hum numero muito creſcido de Biſpos, e Arcebiſpos: fez, e celebrou infinitos Pontificaes: e finalmente em todas as diverſiſſimas funções ordinarias, e extraordinarias, que incanſavelmente executou, e a que aſſiſtio, fez brilhar ſempre com a ſua reſpectiva, mas agradavel preſença, hum ſummo deſembaraço, intelligencia, gravidade, e luzimento com geral acclamaçaõ de todos. Bem ſe via, que para eſtabelecer taõ alta dignidade ſó era proprio o ſublime eſpirito de hum tal Prelado.

8 Havia elle já como Patriarca poſſuido as honras da Purpura Cardinalicia; porém o Papa Clemente XII. venerando muito as grandes virtudes de

D.

D. Thomás, o aſſociou ao ſagrado Collegio, creando-o Cardeal no Conſiſtorio de 20 de Dezembro de 1737 por nomina delRey, que ſempre ſe lembrou de o exaltar a mayores venerações. Como era dotado de hum animo heroicamente generoſo, foraõ muitas as occaſiões, em que o manifeſtou.

9 Tal foy o magnifico Palacio, e delicioſo Jardim, que fez edificar em o ſitio de Santo Antonio do Tojal: os dous chafarizes publicos, e perennes de excellente agua conduzida de longe para aquelle lugar por aqueductos reforçados: a reedificaçaõ, e augmento do Palacio, e Quinta Archiepiſcopal de Marvilla, com a ſoberba, e utiliſſima calçada do novo caminho pela parte da marinha: a nobiliſſima fonte de agua ſalutifera encaminhada para a Villa de Alhandra, até entaõ deſtituida de taõ preciſo elemento.

10 Eſta meſma generoſidade, e grandeza de animo ſeguio na edificaçaõ dos Templos para augmentar o culto Divino. Diſpendeo groſſiſſimo cabedal no Moſteiro, e fundaçaõ da Igreja das Religioſas Trinas de Campolide: na dos Clerigos da Miſſaõ em Rilhafolles: na erecçaõ da nova Paroquia de Santa Iſabel, à qual para effeito de ſe concluir a Igreja deu toda a ſua precioſiſſima copa de prata, que conſtava de mais de mil e quinhentos marcos de pezo, mandando fabricar para ſeu uſo outra de metal mais humilde. Em fim ſaõ taõ copioſos os argumentos de generoſidade, clemencia, juſtiça, religiaõ, caridade, e outras meritorias virtudes, que reſplandeciaõ neſte Eminentiſſimo Prelado, que a meſma abundancia das ſuas louvaveis acções nos faz pobre de palavras para as expreſſar devidamente. Morreo aos 27 de Fevereiro de 1754 com toda a firmeza de hum homem Chriſtaõ, Heróe, e juſto. Jaz ſeu corpo em ſepultura raza ao pé da Capella mór no meyo do cruzeiro da Igreja de S. Roque de Lisboa.

II.

II.

D. Joſeph Manoel, Cardeal.

Deſde o anno de 1754.

1 NAſceo eſte Eminentiſſimo Prelado em Liſboa aos 25 de Dezembro de 1686, nono filho de D. Luiz Manoel de Tavora, IV. Conde da Atalaya. Deſtinando-ſe à vida Eccleſiaſtica, foy Porcioniſta no Collegio Pontificio de S. Pedro, donde veyo para Deaõ da inſigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real. A ſua grande integridade de animo o fez lembrar ao Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. para Deputado da Junta dos Tres Eſtados; e com a erecçaõ da Santa Igreja Patriarcal foy Principal Decano da ſacroſanta Igreja de Lisboa, e creado Cardeal pela Santidade de Benedicto XIV. no anno de 1747.

2 Por fallecimento do Eminentiſſimo D. Thomás de Almeida foy eleito pelo Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. em ſegundo Patriarca aos 9 de Março de 1754, e a 2 de Junho do meſmo anno mandou tomar poſſe da ſua Igreja pelo Principal D. Joaõ de Mello com grande acclamaçaõ dos ſeus ſubditos, eſperando todos da rectidaõ da ſua juſtiça huma reforma dos coſtumes, que a relaxaçaõ tem viciado.

3 Como o nobre coraçaõ de taõ egregio Prelado eſtava ſempre no exercicio da paciencia chriſtã com a tolerancia de repetidas moleſtias; ellas lhes ſubminiſtraraõ no animo huma grande diſpoſiçaõ, e alento em o geral fracaſſo do terremoto, e incendio de Lisboa ſuccedido no ſegundo anno de ſeu Pontificado. Conſtantemente ſoffreo naõ ſó os deſcommodos proprios naquella ſubita ruina; mas ſentio muito mais os trabalhos, o deſamparo, e a deſordem em que ſe vio o rebanho das ſuas ovelhas diſper-

persas, e attenuadas. Assim o mostrou na providente determinaçaõ com que mandou erigir Altares em muitas partes do campo, dando tambem faculdade a todos os Sacerdotes para exercerem naquelle aperto o ministerio de Confessores; porque ao afflicto, e desanimado povo em occasiaõ taõ penosa lhes naõ faltasse o possivel conforto espiritual, já do Sacrificio da Missa, já da absolviçaõ das culpas. Atenuado finalmente das muitas molestias que padecia querendo buscarlhes algum alivio com a mudança de ares, passou para o seu palacio da Atalaya, mas lá o esperava a morte que elle havia tempo premeditava, e preparado com o Santo Viatico, faleceo a 9 de Julho de 1758 da huma hora para as duas da tarde.

III.

D. Francisco Saldanha, Cardeal.

Desde o anno de 1759.

1 DO illustre tronco dos Senhores de Assequins, e Condes da Ponte, nasceo este Eminentissimo Prelado em Lisboa a 20 de Mayo de 1723, filho septimo de Luiz de Saldanha da Gama, e D. Anna de Menezes filha dos Condes de Santiago. A Providencia Divina o dotou de hum genio taõ docil, e suave, que affeiçoando-se ao exercicio das letras, e fazendo nella distinctos progressos, passou a ser Porcionista no Collegio Real de Coimbra, onde fez os seus actos com esplendor, e applauso dos Mestres.

2 Na promoçaõ dos Prelados da Santa Igreja Patriarcal foy elle hum dos que lembraraõ promptamente à vigilancia do Senhor Rey D. Joaõ V. de cuja dignidade tomou posse em 15 de Janeiro de 1743. Da qual passou para a de Principal em 23 de Agosto de 1755. E depois no anno seguinte foy

elevado à ſublime dignidade Cardinalicia pelo Papa Benedicto XIV.

3 Como a grande capacidade deſte Principe Eccleſiaſtico faz attender na ſua peſſoa, e virtudes merecimentos ſuperiores a todos os cargos, o elegeo a meſma Santidade de Benedicto XIV. para Viſitador, e Reformador Geral Apoſtolico da Religiaõ da Companhia de Jeſus neſtes Reinos de Portugal, e ſeus Dominios pela Bulla *In ſpecula ſupremæ dignitatis*, paſſada em o primeiro de Abril de 1758 em Santa Maria Mayor: a cuja incumbencia deu exercicio em o primeiro de Junho do dito anno na Igreja de S. Roque com grande benignidade, e prudencia.

4 Naõ ſatisfeita a generoſidade do Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. de honrar a peſſoa do Senhor D. Franciſco, lhe conſeguio do Papa Benedicto XIV. a Bulla de Patriarca III. de Lisboa, em cuja dignidade foy eleito a 25 de Julho de 1758, por morte do Eminentiſſimo D. Joſeph Manoel. Della mandou tomar poſſe o novo Prelado a 12 de Julho de 1759 pelo Principal D. Fernando dos Condes de Santiago, fazendo-ſe a funçaõ com grande acompanhamento da Corte pelas onze horas da manhã: e a 5 de Agoſto do meſmo anno ſe fez na Capella do ſeu Palacio da Junqueira a ceremonia da ſagraçaõ; dando elle veſpera da Natividade da Senhora 7 de Setembro ſeguinte a ſua entrada, à qual aſſiſtiraõ as Peſſoas Reaes, e toda a Corte com pompa, e luzimento eſpecial.

5 Eu bem quizera elogiar as grandes virtudes deſte Prelado Eminentiſſimo, mas os eſtreitos limites a que me cingi, me naõ permittem incluir o immenſo no abbreviado; ſó digo que no progreſſo de ſua exemplar vida, que a Deos pedimos ſeja dilatada, todas as ſuas acções ſublimes o conſtituiráõ immortal na memoria dos homens.

MAP-

MAPPA CHRONOLOGICO
dos Arcebiſpos, e Patriarcas de Lisboa.

		Ann. da erecçaõ.
1	D. Joaõ Anes	1394
2	D. Joaõ Eſteves de Azambuja, Cardeal	1402
3	D. Diogo Alvares	1414
4	D. Pedro de Noronha	1424
5	D. Luiz Coutinho	1453
6	D. Jayme, Cardeal	1453
7	D. Affonſo Nogueira	1459
8	D. Jorge da Coſta, Cardeal	1464
9	D. Martinho da Coſta	1501
10	D. Affonſo, Infante, e Cardeal	1523
11	D. Fernando de Vaſconcellos, e Menezes	1540
12	D. Henrique, Infante, Cardeal, e Rey	1564
13	D. Jorge de Almeida	1570
14	D. Miguel de Caſtro	1586
15	D. Affonſo Furtado de Mendoça	1527
16	D. Joaõ Manoel	1633
17	D. Rodrigo da Cunha	1636
18	D. Antonio de Mendoça	1669
19	D. Luiz de Souſa, Cardeal	1676
20	D. Joaõ de Souſa	1703

PATRIARCAS.

1	D. Thomás de Almeida, Cardeal	1717
2	D. Joſeph Manoel, Cardeal	1754
3	D. Franciſco Saldanha, Cardeal	1759

§. VI.

Da Capella Real, e Santa Igreja Patriarcal de Lisboa.

1 SEndo ſempre os Soberanos Reys Portuguezes taõ pios, e religioſos, huma das couſas, em que pozeraõ mayor cuidado, foy no governo, e or-

dem da ſua Capella, a qual deſde o principio do Reino tiveraõ com grande mageſtade, culto, e concerto.

2. O coſtume de ter Capella Real foy introduzido em Heſpanha pelos Reys Suevos, (1) dos quaes ſe lê no Concilio de Lugo, celebrado no anno de 569, reinando ElRey Theodomiro, que tinhaõ por Capellães móres aos Biſpos de Dume junto a Braga, cujas ovelhas, e ſubditos eraõ ſó a familia do Paço, e criados delRey, como bem adverte Fr. Bernardo de Brito contra Garcia de Loyaza. (2) Faziaõ os taes Biſpos Pontificaes na Capella, que devia ſer de grande mageſtade, pois entre os Condes do Paço era nomeado o Conde dos Sacrarios, que todos entendem ſer o Theſoureiro mór da Capella Real.

3. Eſte antiquiſſimo monumento de Religiaõ, e pio coſtume, deduzido aſſim dos Reys Suevos, achamos conſtantemente imitado, e obſervado pelos noſſos Monarcas, pois deſde o primitivo reinado do ſanto Rey D. Affonſo Henriques ſe vê erecto o officio de Capellaõ mór na peſſoa do Arcebiſpo de Braga D. Payo Mendes, conforme a doaçaõ do meſmo Rey feita aos 6 das Kalendas de Junho de 1146, que exiſte no Cartorio da Sé daquella Primacial, onde entre outras couſas diz: *Inſuper dono tibi, atque concedo in Curia mea totum illud, quod ad Clericale officium pertinet, ſcilicet, Capellaniam, Scribaniam, & cætera omnia, quæ ad Pontificis curam pertinent, ut in manu tua, in manu ſucceſſorum tuorum, qui me dilexerunt, totum meum conſilium committo.* E do meſmo tempo conſta ſer erecta em Capella Real a Igreja de Noſſa Senhora da Oliveira em Guimarães,

[1] Turtureti no liv. Capilla Real de Madrid apud Carafa de Capella Regis utriuſque Siciliæ cap. 1. n. 7. [2] Monarq. Luſit. part. 2. liv. 6. cap 14. Veja-ſe tambem a Cardoſo no Agiolog. Luſit. tom. 1. pag. 399. e o Author do Santuar. Marian. tom. 7. p. 152.

rães, (1) e com a propria dignidade enobrecidas a de Santa Cruz em Coimbra, a de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, e à ſua imitaçaõ as Paroquiaes de S. Bartholomeu, e S. Martinho em Liſboa, e a Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada junto a S. Domingos. (2)

4 Continuou eſte culto diſtincto até o tempo delRey D. Diniz, que no anno de 1299, querendo neſta materia levar ventagem a ſeus anteceſſores, foy o primeiro que com a Rainha Santa Iſabel ſua eſpoſa inſtituío dentro do ſeu Palacio, que era no Caſtello de Lisboa, Capella Real com a invocaçaõ de S. Miguel, eſtabelecendo-lhe Miſſa perpetua, e ordenando tambem ſe rezaſſem nella as Horas Canonicas, ſegundo o eſtylo Romano, conſentindo niſſo o Biſpo da Cathedral de Lisboa, que entaõ era D. Joaõ Martins de Soalhães; o qual paſſados dous annos, no de 1301 juntamente com o beneplacito do ſeu Cabido, por gratificar os beneficios, que do dito Rey haviaõ recebido, ſe obrigou por huma eſcritura publica a manter dous Capellães com ſeus Mouſinhos, iſto he, Acolytos, naõ ſó na ſobredita Capella Real de Lisboa, mas tambem na de Torres-Vedras, que alli inſtituira a Rainha D. Brites, mãy do dito Rey D. Diniz, como tudo conſta de duas certidões, que vimos, extrahidas da Torre do Tombo, e aſſinadas pelo ſeu Guarda mór Joaõ Couceiro de Abreu. (3)

5 Governando ElRey D. Duarte, e vendo que na dita Capella de Lisboa ſe naõ cantava como devia ſer, mandou em 18 de Março de 1437, que ſe obſervaſſe a inſtituiçaõ delRey D. Diniz, accreſcentando para eſſe effeito o ordenado ao Capellaõ mór em duzentas e dez mil livras cada anno, e nome-

---

[1] Eſtaç. nas Antiguid. de Portug. cap. 25. num. 6. [2] Souſ. Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug. tom. 1. [3] Veja-ſe tambem Brandaõ na Monarq. Luſit. part. 5. liv. 17. cap. 48. e liv. 18. cap. 9.

meando logo na tal dignidade a Affonſo Vicente, criado do Infante D. Henrique ſeu irmaõ.

6 Seguio-ſe no governo ſeu filho ElRey D. Affonſo V., que herdando o meſmo zelo da Religiaõ, quiz augmentar o eſplendor da ſua Capella, erigindo mayor numero de Capellães, e Cantores para rezarem nella ſolemnemente as Horas Canonicas; e ſem embargo, que o Chroniſta mór Frey Franciſco Brandaõ (1) diga que para iſto mandara vir o ſobredito Rey huma copia do Ceremonial, que os Reys de Inglaterra praticavaõ na ſua Capella, por onde ſe regulaſſem os ſeus Capellães, conſta todavia do Breve de Eugenio IV., (2) paſſado em Florença no anno de 1439, que eſta graça fora concedida, para que na Capella Real deſte Reino ſe celebraſſem os Officios Divinos ſómente pelo rito Romano.

7 Todo eſte louvavel intento ſe vio executado em tempo delRey D. Joaõ II., o qual, como diz Reſende, (3) ordenou no anno de 1495, que houveſſe na ſua Capella todos os dias Horas Canonicas, applicando-lhe para iſſo rendas, e diſtribuições como em Sé Cathedral, e alcançando do Papa Xiſto IV. grandes iſenções, e privilegios para os Miniſtros, que ſerviſſem, e ſe occupaſſem nella.

8 Depois quando o venturoſo Rey D. Manoel mandou edificar no terreiro do Paço o magnifico Palacio chamado da Ribeira, mudando-ſe do Caſtello, collocou alli a ſua Capella Real, dedicando-a ao Apoſtolo S. Thomé, Protector da India, e foy o ſeu primeiro aſſento no lugar do Tribunal da Me-

[1] Brand. Monarq. Luſitan. pag. 441. [2] *Cum itaque in dicendis Horis Canonicis morem Romanæ Eccleſiæ in Capella tua obſervari ſpeciali devotione deſideres... Horas Canonicas per Capellanos, & Cantores tuos pro tempore exiſtentes, necnon Miſſas, & Officia hujuſmodi dicere valeant, nec teneantur, ſi voluerint, ad morem, vel ordinem alium ſuper his obſervandum.* Vide Souſ. no tom. 5. das Prov. [3] Reſende Chronic. cap. 57. e 190.

Mesa da Consciencia, onde esteve até o anno de 1581, como constava da memoria inscripta em huma lapida embebida na parede por cima do assento do Presidente, que dizia:

D. O. M.
Sub honore D. Thomæ Apostoli
Hic Rex Emmanuel Capellam Regiam
Dicavit, & translata fuit anno
1581.
Locum profanari vetat Religio.

E he de saber, que o antigo portico da dita Capella, que estava à maõ esquerda de quem hia para o terreiro do Paço por baixo da sala dos Porteiros da Cana, se acabou de desmanchar em 2 de Abril de 1751, abrindo-se no lugar do seu pavilhaõ duas janellas para a nova Secretaria de Estado dos negocios do Reino. Conseguio ElRey D. Manoel muitos privilegios do Papa Leaõ X., com que exaltou a dignidade de Capellaõ mór, os quaes refere Cabedo, e D. Antonio Caetano de Sousa. (1)

9 ElRey D. Joaõ III., por ser naturalmente inclinado às cousas da Igreja, se esmerou muito mais na authoridade da sua Capella, enriquecendo-a de preciosos ornamentos, e accrescentando mayor copia de Musicos. Obteve tambem no anno de 1522 do Pontifice Adriano VI. o indulto de se poder rezar nella todos os Sabbados do anno o Officio de Nossa Senhora, e nas terças feiras o do Archanjo S. Miguel, naõ sendo dias classicos, ou duples. (2)

10 A ordem da liturgia, que por este tempo praticavaõ os Reys na assistencia da Capella Real, era esta: Havia huma cortina, dentro da qual estava ElRey assentado em cadeira, e detrás delle os In-

---

[1] Cabed. de Patron. Regio cap. 43. Souf. Histor. General. tom 2. das Provas p. 245. & seq. [2] O mesmo Souf. ibid. p. 758.

Infantes em outras cadeiras mais baixas, e hum pouco affaſtadas. Os filhos dos Infantes tinhaõ em lugar de cadeiras almofadas, e ſó quando ElRey ouvia Miſſa em tribuna, ſe aſſentavaõ em cadeiras razas com alcatifas pequenas, affaſtadas hum pouco da delRey. Havia mais hum pagem do livro chegado à cortina, e ſervia de ter as Horas, por onde ElRey rezava.

11 Da parte de fóra da cortina eſtava o aſſento dos Duques, e depois o banco dos Condes; e o dos Biſpos ficava defronte delRey, e acima da cortina o aſſento dos Embaixadores. Havia cinco modos de cortina, e eraõ: *Cortina cerrada*, quando ElRey eſtava com os Principes; *Cortina alçada*; quando eſtava com a Rainha; *Cortina*, quando eſtava em algum Coro de Religioſos; *Cortina*, quando eſtava em tribuna; e *Cortina*, quando eſtava em janellas.

12 A' porta da Capella o Arcebiſpo, ou Biſpo mais antigo dava agua benta a ElRey, ao Principe, e Infantes; porém nos Pontificaes, que cahiaõ em Domingo, o Biſpo, que fazia o Pontifical, lha dava na cortina; e quando naõ havia Biſpo na Capella, fazia eſte officio nos Domingos o Diacono na cortina, e nas Miſſas rezadas o Hebdomadario. Naõ ſe começava a Miſſa até ElRey naõ fazer ſinal ao Deaõ, e elle (ſendo Pontifical) o fazia ao Biſpo, e ſendo a Miſſa cantada, ao Meſtre da Capella, e nas rezadas ao Theſoureiro mór.

13 Principiada a Miſſa, dizia o Capellaõ mór a Confiſſaõ, Gloria, e Credo com ElRey dentro na cortina; e havendo ElRey de rezar o Officio Divino, o fazia com elle o Capellaõ mór, e em ſua auſencia o Deaõ. O Evangelho, incenſo, e paz, que os Reys tomavaõ na cortina, levava o Arcebiſpo, ou Biſpo, que preſidia no banco, acompanhado do Theſoureiro, e Meſtre das Ceremonias, e o Porteiro da Capella; e nos Pontificaes, quando naõ havia Biſpo, o Hebdomario. Os que davaõ agua benta,

in-

incenso, e paz, faziaõ reverencia aos Reys, e Principes sómente, aos quaes em seu lugar incensavaõ tres vezes, e elles faziaõ inclinaçaõ ao Altar; aos Infantes porém se incensava duas vezes, estando fóra das cadeiras.

14 Muitas vezes vinhaõ fallar a ElRey, estando na cortina, Religiosos, Fidalgos, e Senhores, dando para isso ordem o Deaõ ao Porteiro, o qual tinha cuidado de haver silencio na Capella, e dava os lugares aos Bispos, e Condes; e quando ElRey ouvia Missa em alguma Tribuna, Camera, ou Coro, estava sempre à porta. Tudo que era da jurisdiçaõ da Capella despachava ElRey com o Capellaõ mór, Deaõ, e Esmoler.

15 Nas quatro Pascoas do anno, e nas Missas novas dos seus Capellães hiaõ os Reys à offerta, sahindo fóra da cortina, acompanhados dos Infantes, e Senhores, levando ElRey a Rainha à maõ direita até o Altar, onde o seu Esmoler estava de joelhos com a offerta junto do Subdiacono, que tinha o prato nas mãos para a receber. Aqui sobre huma alcatifa grande tinhaõ o Reposteiro mór delRey, e o Védor da Rainha cada hum sua almofada na maõ, a qual punhaõ aos Reys, e de joelhos offertava primeiro a Rainha, dando-lhe ElRey nisto o primeiro lugar, e depois ElRey, lançando-lhe o Esmoler a offerta no prato, e com isto se tornavaõ os Reys com a mesma ordem, fazendo-lhes os Fidalgos, e Grandes suas cortezias, que só nestes dias se permittia; porque aos Reys de Portugal ninguem fazia mezura, senaõ os Senhores, que elles mandavaõ cubrir.

16 Quando ElRey estava em parte, que naõ hia à offerta, mandava por si ao seu Esmoler; porém no dia de Reys offerecia sempre ElRey com a sua propria maõ a offerta, para o que sahia da cortina, e posto de joelhos diante do Bispo sobre a almofada, (que já tinha posto na alcatifa o Reposteiro

mór) tomava o Eſmoler da maõ do Eſcrivaõ da Eſmolaria huma ſalva grande , em que hiaõ trinta cruzados de ouro , e huma quantidade de incenſo, e myrrha , e a apreſentava a ElRey , o qual tomava com ſuas mãos cada couſa deſtas , e a offerecia no prato , que tinha o Subdiacono. A cinza , e a palma de dia de Ramos dava a ElRey o Biſpo , que a benzia ; e a véla de Noſſa Senhora das Candeas , e da Paſcoa tomava dentro da cortina da maõ do Mordomo mór , que lhe dava o Biſpo Capellaõ mór.

17 Os tres dias , que o Santiſſimo Sacramento eſtava deſencerrado até dia de Paſcoa , dormiaõ os Reys deſte Reino junto ao Altar ſem ſe deſpirem , e jejuavaõ eſtes tres dias a paõ , e agua ; e na manhã de Paſcoa mandavaõ fazer huma ſolemne Prociſſaõ, em que hiaõ os Reys , Principes , e Infantes com todas as Damas , e Cortezãos , precedendo adiante os Porteiros das maſſas , e todo o genero de inſtrumentos muſicos , que na Corte havia. Acompanhavaõ a ElRey neſta Prociſſaõ o Mordomo mór , Porteiro mór , Védor da Caſa , e Meſtre-Sala com os Cavalleiros do habito de Chriſto. Ordinariamente levava ElRey huma das varas do Pallio , e as outras os Commendadores mais antigos ; porém ElRey D. Sebaſtiaõ uſou em lugar delles dos Condes , e Conſelheiros de Eſtado , e elle hia ſempre veſtido com o ſeu habito branco de Cavalleiro.

18 Quando eſta Prociſſaõ paſſava pelo terreiro do Paço , ſe chegavaõ bem à terra as mais das náos , e navios , que naquella paragem eſtavaõ , e diſparavaõ toda a artilharia , e muitas invenções de fogo feſtivo. A todos os Fidalgos , que hiaõ na Prociſſaõ , mandava ElRey duas vélas , e ao povo ſe repartiaõ em numero de ſete , ou oito mil. Chegando à ſala grande , ſe recolhiaõ ElRey , Rainha , e Infantes a commungar em ſeus Oratorios. ElRey ouvindo Miſſa rezada de ſeu Confeſſor , commungava da ſua maõ : tinhaõ-lhe a toalha dous Biſpos,

e

e dous Capellães Fidalgos duas tochas. Depois da Communhaõ se recolhia algum espaço, e logo se retirava à sua Camera, donde tornava a seu tempo para ouvir a Missa do dia com a Rainha, Principe, e Infantes, Damas, e mais Corte, vestidos todos de festa.

19 Dia do Corpo de Deos hia ElRey à Sé acompanhar a Procissaõ. Sahia do Paço com a Rainha, Infantes, Damas, e toda a mais Corte, levando o Mordomo mór, e Porteiro mór suas canas ao hombro, e o Copeiro mór o estoque. Os outros Porteiros hiaõ com massas de prata, os Reys de Armas com as ópas ricas, e o Apresentador das Tavoas da Rainha com ellas ao hombro. Apeavaõ-se todos na Sé, onde ouviaõ Missa cantada por huma Dignidade da Igreja, mas officiada pela Capella. Depois se ordenava a Procissaõ, e por concerto, que fez o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, que tambem era Capellaõ mór, hum anno levava o Cabido a maõ direita, e o outro a Capella Real. ElRey hia detraz dos Commendadores da Ordem de Christo, posto no meyo, e o Commendador mór da parte direita. (1) Nos ultimos annos delRey D. Joaõ, porque naõ podia tornar com a Procissaõ à Sé, ordenou que se desfizesse em S. Domingos, ficando o Senhor encerrado no Sacrario da Capella mór, e daqui teve principio este costume, que durou muitos tempos depois.

29 Entrando neste Reino os poderosissimos Reys de Castella, naõ consentiraõ todavia, que se dimi-

 nuisse

[1] Tirámos a memoria desta Liturgia de alguns manuscritos, que vimos do insigne Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, dos quaes tambem teve noticia o eruditissimo, e Excellentissimo Principal D. Francisco de Almeida, pois faz menç ō desta Concordata nas Notas ao primeiro tomo do *Codex Titulor. S.L.E.* pag. 59. Veja-se tambem a Relaçaõ da solemnissima Procissaõ, que se fez em Lisboa no anno de 1588 no recebimento das Reliquias, que se collocaraõ na Igreja de S. Roque, pag. 11.

nuiſſe o decoro, e eſplendor da Capella Real, antes ſabendo Filippe II., que naõ havia nella eſtatutos ſobre a fórma do ſeu governo, miniſtrando-ſe ſómente as couſas por tradiçaõ, e coſtume, mandou fazer novo Regimento em 2 de Janeiro de 1592, ſendo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide.

21 Conſtava elle de vinte capitulos, dos quaes daremos hum breviſſimo extracto, por ſer eſte o primeiro Regimento da Capella Real, de que temos memoria. No primeiro trata do Capellaõ mór, ſuas qualidades, obrigações, e regalias. No ſegundo do Deaõ, que deve ſucceder em Capellaõ mór. No terceiro do Biſpo dos Pontificaes, que naõ tenha obrigaçaõ Paſtoral, para eſtar liberto, e fazer os Pontificaes na Capella. No quarto dos Prégadores. No quinto do Auditor do Capellaõ mór, e Juiz ordinario dos Capellães, e mais Miniſtros da Capella. No ſexto do Theſoureiro da Capella, o qual diz, que ſerá Capellaõ de authoridade, e terá as chaves do Sacrario, e do theſouro.

22 No ſetimo trata do numero dos Capellães, e ordena que além do Capellaõ mór, Deaõ, e Theſoureiro haja trinta Capellães, vinte e ſeis para rezarem no Coro, e os quatro para confeſſarem: aqui manda tambem que todos tragaõ lobas, e ſobrepellizes, ſalvo os que forem Freires das Ordens de Chriſto, e S. Bento de Aviz, que traraõ mantos brancos de ſeu habito ſobre as lobas; e os Freires do habito de Santiago naõ traraõ mantos, ſenaõ ſobrepellizes, conforme a ſua Regra, e todos juntamente rezaráõ na Capella as Horas Canonicas Romanas.

23 No oitavo trata do provimento dos Capellães, que quer ſejaõ todos filhados. No nono do Meſtre das Ceremonias, que ordena ſejaõ dous eſcolhidos de entre os Capellães. No decimo dos Cantores, Tangedores, e Porteiros. Diz que haja hum Meſtre de Capella, e vinte e quatro Cantores,

ſeis

ſeis de cada voz, dous baixões, e huma corneta, os quaes Cantores seraõ tambem filhados: que haja dous Tangedores de orgaõ, quatro Porteiros da Capella, e que nenhum destes Ministros poderáõ entrar nella, nem ir nas Procisſões com eſpadas, nem com ſombreiros, nem capas de capello, ſenaõ com manteos, ou farregoilos compridos, que pelo menos paſſem de meya perna, com barretes, carapuças, ou gorras.

24 Trata no capitulo undecimo dos Moços da Capella, e ordena que haja dezoito, de bom naſcimento, vida, e coſtumes: que tragaõ roupas compridas, que pelo menos lhe dem quatro dedos abaixo dos joelhos, e na Capella tragaõ lobas com mangas até os pés, e os que a tiverem, a traraõ tozada por todas as partes; e tanto que algum delles caſar, ſerá logo riſcado, e paſſará a outro foro. No duodecimo falla dos Moços da Eſtante, e diz que haja quatro. No decimo terceiro trata do Varredor da Capella. No decimo quarto da diſtribuiçaõ: alli ſe vê que o gaſto todo da Capella naquelle tempo montava em hum conto quinhentos ſetenta e dous mil quatrocentos oitenta e dous reis, o qual por parecer pouco a ElRey, o accreſcentou, e dotou em dous contos de reis.

25 No capitulo decimo quinto trata da eleiçaõ dos Officiaes da diſtribuiçaõ. No decimo ſexto trata das offertas, e diz como em dia de Reys dava o Eſmoler mór doze mil reis, e cinco arrateis de incenſo, e hum de myrrha; e em dia, que algum Capellaõ dizia Miſſa nova, lhe dava o meſmo Eſmoler ſeis mil reis para elle, e mais vinte e quatro mil reis para repartir pelos outros Capellães: que em dia da adoraçaõ da Cruz em Sexta feira ſanta dava o dito Eſmoler doze mil reis; e nos dias do naſcimento dos Reys, Rainha, e Principes dava tantos cruzados, quantos eraõ os annos de ſuas idades.

26 No decimo ſetimo expoem os ordenados, que

que percebiaõ cada anno os Miniſtros da Capella; com a diſtribuiçaõ ſeguinte; advertindo, que o Meſtre da Capella além do ſeu ordenado tinha cinco moyos de trigo, e todos os mais Miniſtros, quando eſtavaõ doentes, tinhaõ Medico, Cirurgiaõ, e Botica, ſegundo neſte meſmo capitulo faz expreſſa mençaõ o Regimento.

1	Ao Capellaõ mór	600U000
1	Ao Deaõ	400U000
1	Ao Biſpo dos Pontificaes	200U000
4	A cada hum dos Prégadores	50U000
1	Ao Auditor da Capella	20U000
1	Ao Promotor da Juſtiça	10U000
1	Ao Theſoureiro da Capella	100U000
30	A cada Capellaõ	40U000
3	A cada Meſtre de Ceremonias	12U000
1	Ao Meſtre da Capella	80U000
24	A cada Cantor	50U000
2	A cada Organiſta	50U000
4	A cada Porteiro	40U000
18	A cada Moço da Capella	20U000

No capitulo decimo oitavo trata de como ſe haõ de multar as faltas. No decimo nono do Recebedor, e no vigeſimo das deſpezas miudas.

27 O meſmo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide em 31 de Agoſto de 1608 fez huma conſulta a ElRey para haver de ſe reformarem algumas couſas da Capella; e ElRey ordenou, que os trinta Capellães do Regimento ſe reduziſſem a vinte e quatro, e que deſtes foſſem tres Letrados, e Confeſſores, aos quaes ſe accreſcentaſſe mais dez mil reis de congrua, e tres moyos de cevada com a obrigaçaõ de terem mula. Tambem reformou o numero dos Cantores, mandando que houveſſe quatro Tiples, cinco Contraltos, cinco Tenores, e tres Contrabaixos.

28 Naõ

28 Naõ foy menor a estimaçaõ, e cuidado no augmento da Capella Real, que teve ElRey D. Filippe III., pois conhecendo a authoridade dos Capellães Regios, mandou ao Arcebispo D. Miguel de Castro, que entaõ o era desta Cidade, e hum dos cinco Governadores deste Reino, que fosse fazer o Pontifical nas Exequias delRey Filippe II., e que naõ levasse as Dignidades da Sé para lhe assistirem, por quanto era servido que os Capellães da sua Real Capella o fizessem. (1)

29 Depois no anno de 1610 se renovou com grande magnificencia a mesma Capella, e o seu pateo por direcçaõ do Marquez de Castello Rodrigo, sendo Vice-Rey deste Reino, à custa dos quatrocentos mil cruzados, que a Cidade de Lisboa promettera a ElRey D. Filippe III. E no anno de 1619, tendo o Marquez de Alanquer, Vice-Rey de Portugal, certeza de que o dito Rey Filippe III. vinha a esta Cidade, mandou logo, entre outras muitas cousas, concertar os Paços de Lisboa; e porque a Capella Real ficava em baixo, e dava grande descommodo a ElRey, a fez edificar de novo no andar de cima, (2) posto que incomparavelmente muito mais ennobrecida, e augmentada pelo Fidelissimo Rey D. Joaõ V.

30 Com a feliz Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. adquirio a Capella Real novo lustre, e adiantamento. Foy sempre nos Serenissimos Duques de Bragança muito distincta a sobrenatural sympathia para as cousas Ecclesiasticas, e este Principe, que nos soberbos Palacios de Villa-Viçosa tinha subido a huma alta reputaçaõ o esplendor da sua Capella, illus-

---

[1] Consta de huma Carta, ou Aviso registado na Secretaria de Estado. Anno de 1599. [2] Assim consta da Historia annual de Portugal m. s. de Manoel Severim de Faria. O Author do Santuario Marian. tom. 1. pag. 297. diz, que depois da Acclamaçaõ delRey D. Joaõ IV. estivera a Capella Real na Sala dos Tudescos, em quanto se naõ fabricava a nova Capella.

illuſtrando-a com ampliſſimos privilegios, e graças Pontificias, (1) continuou a meſma magnificencia na de Lisboa, diſpondo nova ordem de liturgia para os dias, e feſtas ſolemnes, em que aſſiſtia publicamente aos divinos Officios com pompa Regia na fórma ſeguinte. (2)

31 Tanto que o Capellaõ mór dava recado em como tudo eſtava prompto para ElRey poder ir, ſahia Sua Mageſtade do ſeu apoſento acompanhado dos Titulos, Officiaes da Caſa, e mais Fidalgos, que alli ſe achavaõ, e eraõ aviſados antecedentemente pelo Porteiro mór. Os Titulos hiaõ da parte direita, e eſquerda por ſuas precedencias diſtancia de tres, ou quatro paſſos diante delRey, e diante delle o Mordomo mór com a ſua inſignia na maõ, que ainda naõ ſendo Titulo, hia neſte lugar, excepto ſe acompanhavaõ Infantes, diante dos quaes paſſava o Mordomo mór. Depois dos Titulos hiaõ os tres Officiaes da Cana, Porteiro mór no meyo, o Veador da banda direita; e o Meſtre-Sala da eſquerda; e havendo dous Veadores, o que naõ era de ſemana hia tambem da parte direita, mas no meyo com o Porteiro mór. Os demais Officiaes da Caſa, e Moços Fidalgos hiaõ diante deſtes ſem precedencia, e mais adiante os outros Fidalgos, que alli ſe achavaõ. Os Officiaes da Caſa eraõ Mordomo mór, Porteiro mór, Camareiro mór, Eſtribeiro mór, Guarda mór, Repoſteiro mór, Copeiro mór, Veador, Meſtre-Sala, Trinchantes, Capitães da Guarda, Capellaõ mór, Sumilheres da Cortina, Apoſentador mór, Monteiro mór, Armador mór, Eſmoler mór.

32 Detraz de Sua Mageſtade hiaõ os Cardeaes, e depois delles os Embaixadores, e logo os Arcebiſpos, e Biſpos, e Capellaõ mór com elles, ſe era Biſpo; e naõ o ſendo, hia com os meſmos Officiaes da

---

[1] Refere Souſa no tom. 4. das Prov. pag. 738. [2] Ibidem.

da Casa; advertindo, que se ElRey levava cauda, lhe hia pegando nella descuberto o Camareiro mór mais junto à Pessoa. Nesta fórma baixava Sua Magestade à Capella; e à porta, que estava no fim da escada, que descia da galaria da banda de fóra, por huma, e outra parte estavaõ as guardas em duas alas governadas por seus Capitães, e Tenentes. O Corregedor do Crime da Corte, e Casa hia diante de todos, levando comsigo o Meirinho da Corte.

33 Antes delRey chegar à porta da Capella, o Arcebispo, ou Bispo mais antigo, que alli se achava, se adiantava para dar agua benta a Sua Magestade, e naõ havendo Bispo, o fazia o Capellaõ mór, ainda que naõ fosse Bispo. Tanto que ElRey entrava na cortina, lhe chegava o Reposteiro mór a cadeira, ou almofada, e o mesmo fazia aos Infantes filhos legitimos delRey, e na ausencia do Reposteiro mór tocava ao Veador da Casa esta ceremonia; e logo que Sua Magestade se assentava, sahiaõ todos, que o acompanharaõ, para os seus lugares.

34 Os Cardeaes tinhaõ seus lugares da parte do Evangelho mais chegados ao Altar em cadeiras de espaldas, e logo abaixo em banco cuberto de rás os Arcebispos, e Bispos por suas antiguidades, começando a precedencia do Altar. O Capellaõ mór, sendo Bispo, se sentava em huma cadeira raza, que estava da cortina para cima, entre ellas, e os degráos, que subiaõ para a parte do Evangelho; e quando Sua Magestade naõ hia à Capella, se sentava no banco dos Bispos, precedendo a todos, ainda que fosse mais moderno, por Diecesano da Casa Real; e naõ sendo Bispo, estava em pé abaixo da cortina com os Sumilheres, nem fazia funçaõ alguma na Capella sem sobrepelliz.

35 Os Embaixadores se assentavaõ da grade para dentro em cadeiras razas de veludo com almofadas do mesmo defronte da cortina delRey, alguma cousa mais para baixo, e diante de cada hum se pu-

nha hum banquinho cuberto com hum panno de veludo. Os Duques da mesma grade para dentro junto à cortina delRey em cadeiras razas de veludo com suas almofadas do mesmo, e huma alcatifa debaixo das cadeiras naõ muito larga; em que punhaõ os joelhos. Da grade para fóra em primeiro lugar se punha o assento do Mordomo mór, ainda que naõ fosse Titulo, por preeminencia do officio, sendo que entaõ era a cadeira raza de couro preto. Depois delle se seguiaõ os assentos dos Marquezes, que eraõ cadeiras razas de veludo com almofadas do mesmo, e logo abaixo o dos Condes, que era hum banco cuberto com espaldeira de rás.

36. O Sumilher da semana se punha ao canto da cortina da banda debaixo, e os tres Officiaes da Cana, Porteiro mór, Veador, e Mestre-Sala em pé com suas insignias da grade para dentro em fileira defronte da cortina delRey, alguma cousa por cima do lugar dos Embaixadores. Dentro da cortina se assentava Sua Magestade em cadeira de espaldas, e logo abaixo o Principe, e os Infantes em cadeiras iguaes, e em igual fileira; e os filhos dos Infantes mais abaixo em almofadas, duas a cada hum em lugar de cadeiras. O abrir da cortina tocava ao Sumilher da semana.

37 Depois de ElRey estar na cortina, hia logo o Capellaõ mór ao *Asperges*, no dia, que se devia fazer: e fazendo primeiro sua inclinaçaõ a ElRey, lhe deitava agua benta, e do mesmo lugar, fazendo a mesma inclinaçaõ, a deitava à Rainha, e logo ao Principe, e Infantes, os quaes, quando lha deitavaõ, a vinhaõ buscar hum passo fóra da cadeira, e seus filhos dous, a quem o Capellaõ mór, sendo Bispo, naõ fazia inclinaçaõ; e naõ sendo Bispo, deitava agua benta o Prelado mais antigo.

38 Começada a Missa, hia o Capellaõ mór dizer a Confissaõ, Gloria, e Credo com ElRey dentro da cortina, e se havia de rezar o Officio Divino,

no, o rezava tambem com elle, e em ſua auſencia tocava ao Deaõ da Capella. Trazia o meſmo Capellaõ mór o Evangelho, o incenſo, e o Porta-Paz para ElRey beijar, e o Principe, e os Infantes; advertindo que ElRey, e o Principe ficavaõ aſſentados, e os Infantes hiaõ beijar, fazendo mezuras a Sua Mageſtade à ida, e vinda.

39 Quando ElRey hia à offerta, eſtava preſtes hum Repoſteiro com huma almofada de veludo, e beijando-a, a dava ao Repoſteiro mór, e elle tomando-a em ambas as mãos, e beijando-a, a punha aos pés do Celebrante, que eſtava no ultimo degráo do Altar; e ſe a Rainha eſtava preſente, lhe punha o ſeu Veador outra almofada na meſma fórma. Alli hia ElRey com a Rainha, e o Celebrante lhe dava a Imagem a beijar, e lhe deitava a bençaõ; e ſe era Biſpo, lhe dava tambem o anel a beijar; e o Eſmoler, que eſtava diante do Subdiacono, lançava a offerta no prato, e logo ſe tornava ElRey à cortina; e quando ſahia, tambem ſahiaõ o Principe, e Infantes, e eſtavaõ em pé fóra da cortina, até que Sua Mageſtade voltava, e quando paſſava, lhe faziaõ mezura, e ſe tornavaõ a ſeus lugares. Se a offerta era no dia da Cruz, ou de Miſſa nova, hiaõ primeiro offerecer os Prelados por ſuas antiguidades, e toda a Capella depois delles; e entaõ ElRey, Principe, Infantes, Embaixadores, Duques, Marquezes, Condes, e Fidalgos. Em dia de Reys ſe fazia a offerta da meſma ſorte, ſó com a differença, que o Eſmoler dava a offerta ao Principe, e eſte a ElRey, que a lançava por ſua maõ no prato.

40 Em dia de Noſſa Senhora das Candeas hiaõ primeiro tomar as vélas os Prelados, e Capella, e depois ElRey. Dava as vélas quem fazia o Officio, e depois que ElRey vinha do Altar, a entregava ao Capellaõ mór, e eſte a dava a hum Moço Fidalgo; e quando queria ſahir a Prociſſaõ, tornava eſte a dalla acceza ao Capellaõ mór, o qual a entregava a

ElRey. A véla, que ſe dava a Sua Mageſtade, era de huma vara, e duas terças de comprido, e tinha cinco arrates de pezo: a da Rainha era quaſi, ou pouco menos, da meſma grandeza, e pezo: a dos Infantes de vara e meya, e de tres arrates e meyo de pezo: a dos Embaixadores, e Duques de vara e terça, e de tres arrates: a dos Arcebiſpos, e Marquezes de vara e ſeſma, e de dous arrates e meyo: a dos Biſpos, e Condes de huma vara, e de dous arrates: a dos do Conſelho de huma vara menos huma ſeſma, e de arratel e meyo, e aſſim à proporçaõ a das outras peſſoas.

41 Na Prociſſaõ da meſma feſtividade hia Sua Mageſtade atraz do Biſpo com os Commendadores ornados com os ſeus mantos; e havendo alguns Prelados, hiaõ atraz dos Capellães, diante do Celebrante. Em dia de Cinza hia ElRey tomalla ao Altar mór na meſma fórma, em que hia às offertas; e depois que o Biſpo a dava às peſſoas Reaes, para o que lhe tiravaõ a mitra, a tornava a pôr para dar a cinza aos Embaixadores, Duques, Marquezes, e Condes, eſtando em pé, e depois ſe ſentava, e a dava aos Officiaes da Caſa, Fidalgos, e mais gente.

42 No dia de Paſcoa dava o Mordomo mór a véla a ElRey para ir na Prociſſaõ, na qual como hia o Sacramento, e Sua Mageſtade com manto, naõ lhe levava o Camareiro mór a cauda, mas El-Rey a punha ſobre as guarnições da eſpada. Os Commendadores hiaõ com ſeus mantos do Pallio para traz, e Sua Mageſtade no fim de todos, ſeguindo-ſe junto a elle de huma, e outra parte as Dignidades da Ordem de Chriſto, e depois as de Santiago, e Aviz. Neſte dia de Paſcoa commungava Sua Mageſtade com todos os Commendadores, e Cavalleiros das Ordens: ao dizer da Confiſſaõ ſe inclinava ElRey hum pouco, punha-lhe o Repoſteiro mór a almofada, mas Sua Mageſtade ſempre lha mandava tirar: ſuſtentavaõ-lhe a toalha dous Sumilheres, e

da-

dava-lhe a Communhaõ quem dizia a Miſſa, e o lavatorio o Capellaõ mór; e ſe eſte dizia a Miſſa, dava-lhe o lavatorio o Deaõ. Depois hiaõ commungar os Commendadores por ſuas antiguidades.

43 Com eſta formalidade aſſiſtia o Senhor Rey D. Joaõ IV. às funções Eccleſiaſticas na ſua Capella, cuja liturgia praticaraõ depois ſeus ſucceſſores com pouca diſcrepancia, naõ ſe eſquecendo já mais de augmentar nella o mayor culto de Deos tanto no formal, como no material: e como o Sereniſſimo Rey D. Pedro II. herdou de ſeu memoravel Pay o meſmo eſpirito de Religiaõ, naõ foy nelle menor a grandeza de ſeu zelo, nem deſigual o ardor de promover o decoro da ſua Igreja. Entre outros monumentos, que qualificaõ o deſvélo daquelle Real animo, foy a fabrica do Theſouro da Capella Real, que mandou fazer, e exiſtia no ſitio da Calcetaria junto da Caſa da Moeda, como conſta de huma inſcripçaõ aberta em letras de bronze em huma pedra primoroſamente lavrada, a qual inſcripçaõ foy compoſta pelo Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes; e porque naõ ſe perca de todo a ſua memoria, a copiamos aqui.

Sacram æque ſupellectilem
Regii Sacelli
Hæc domus condit,
Ac vere Regiam Conditoris munificentiam,
Pietatem, Religionem aperit,
Auguſtiſſimi videlicet Principis Petri,
Cujus auſpiciis, & expenſis
Erecta, compta, ditata eſt.
Anno ab aſſerta orbis ſalute
M. DC. LXXXII.
A' vindicata Luſitana libertate XLIII.

Todo eſte edificio ultimamente ſe demolio no mez de Abril de 1751, quando o Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. fez doaçaõ das caſas, e ſitio da Calcetaria ao

ao Reverendo Collegio dos Excellentissimos Principaes da Santa Igreja Patriarcal, para nelle fazerem o Tribunal da Congregaçaõ da administraçaõ da fazenda, e thesouro da dita Igreja.

44 Chegou finalmente o tempo, e o governo do sempre memoravel, magnanimo, e Fidelissimo Rey D. Joaõ V., em que estava decretado do Ceo para a Capella Real a mayor ostentaçaõ da sua grandeza. Aquelle grandioso espirito igualmente Regio, e Religioso, que desde o seu principio lhe inspirou Deos para exaltar as glorias da sua Igreja, se vio nelle taõ constantemente continuado até os ultimos alentos da sua vida, que bem podemos dizer a acabara, levando atravessados no peito os sagrados designios, e incomprehensiveis idéas da magestade no augmento insaciavel da Religiaõ, e seu culto.

45 Ainda naõ tinha completos tres annos de governo, quando em 24 de Janeiro de 1709 manifestou logo o seu liberal genio em accrescentar a consignaçaõ à sua Capella Real, constituindo-lhe mais hum conto e seiscentos mil reis todos os annos de congrua nos rendimentos da Alfandega desta Cidade. No mesmo anno amplıou por Breve de Clemente XI. a Dignidade, regalias, e jurisdições do seu Capellaõ mór.

46 Naõ satisfeita a sua idéa, fez erigir na sua Real Capella por Constituiçaõ do mesmo Summo Pontifice Clemente XI. em o primeiro de Março de 1710 huma insigne Collegiada com o titulo de S. Thomé Apostolo, condecorada com grandes prerogativas, e honras, instituindo-lhe seis Dignidades, dezoito Conegos, e doze Beneficiados, além de outros Ministros, subordinados todos ao Capellaõ mór, como seu proprio Ordinario, e lhes estabeleceo para congrua sustentaçaõ doze contos quinhentos e cincoenta mil quinhentos e sessenta reis; de fórma que ao Deaõ competia quatrocentos mil reis de congrua, a cada hum dos cinco Dignidades

tre-

trezentos mil reis, a cada hum dos dezoito Conegos trezentos mil reis, a cada hum dos doze Beneficiados cento e cincoenta mil reis, e a cada hum dos Mansionarios oitenta mil reis, e assim tomaraõ posse aos 16 de Mayo de 1710. (1)

47 Constituida desta fórma a insigne Collegiada de S. Thomé na Capella Real, passou o mesmo Soberano a condecorar os seus Ministros com hum habito choral distincto do antigo, ordenando que os Conegos pudessem trazer sobre o roquete capa magna roxa com capello forrado de pelles brancas de arminho em tempo de Inverno, isto he, desde Vesperas de todos os Santos até Sabbado de Alleluia, e no Veraõ usariaõ das mesmas capas forradas de seda encarnada; e os Beneficiados trariaõ tambem capa magna roxa com capello forrado de pelles cinzentas no tempo de Inverno, e no Veraõ andariaõ com a mesma capa, e capello forrado de seda roxa, (2) accrescentando mais a cada Conego cem mil reis, e a cada hum dos Beneficiados cincoenta mil reis.

48 Toda esta abundancia de graças, e honras, com que o magnanimo Rey D. Joaõ V. engrandeceo a sua Real Capella, ainda se naõ proporcionava com o dilatado do seu pio, e Regio coraçaõ; e assim obtendo da Santidade de Clemente XI. a Bulla Aurea, que começa: *In supremo Apostolatus solio*, expedida em 7 de Novembro de 1716, fez exaltar a sua insigne Collegiada em Cathedral, Metropolitana, e Patriarcal com a invocaçaõ de Nossa Senhora da Assumpçaõ, dividindo para este effeito esta

---

[1] Consta da Bulla *Apostolatus ministerio* de Clemente XI, expedida no primeiro de Março do anno de 1710, que vem no tom. 1. Codex Titulor. S L E. pag. 11. [2] Consta do Indulto de Clem. XI. *Romanum decet Pontificem*, passado a 30 de Janeiro de 1716. O mesmo concedeo Innoc. XIII. pela Bulla *Ad regimen univ. Eccles.*, cujo privilegio de andarem os Beneficiados da Santa Igreja Patriarcal em habito Prelaticio se naõ poz em pratica.

ta Cidade, e ſeu Arcebiſpado em duas partes, como temos dito, eſtabelecendo na parte Occidental hum Patriarca, a quem unio a Dignidade de Capellaõ mór com diſtincta juriſdiçaõ da Metropolitana, o qual como Patriarca ficou ſuperior a todos os Arcebiſpos, e Biſpos do Reino, e ainda aõ de Braga.

49 Para mayor decoro, e magnificencia da ſua dignidade lhe alcançou a regalia de poder andar veſtido em habito purpureo à maneira do Arcebiſpo Salisburgenſe Primaz de Alemanha, e outros muitos privilegios, e preeminencias, unindo-lhe tambem as honras, e tratamento de Cardeal, que lhe mandou dar por Decreto de 17 de Fevereiro de 1717. E porque eſta honra Cardinalicia lhe foſſe propria, e fixa, fez com que o Papa Clemente XII. naõ ſó o elevaſſe àquella Dignidade, como o elevou por Bulla de 27 de Dezembro de 1737, que começa: *Inter præcipuas Apoſtolici miniſterii*; mas pela meſma eſtab leceo para ſempre, que a peſſoa, que foſſe preconizado Patriarca de Lisboa, foſſe logo creado Cardeal no Conſiſtorio immediatamente ſeguinte.

50 A eſtas exuberantes prerogativas, realçando ſempre ElRey com exceſſo a ſua inexplicavel grandeza, conſignou do Patrimonio Real, e do rendimento dos quintos das Minas geraes para ſuſtentaçaõ magnifica do Patriarca, e ſeus ſucceſſores, em perpetua doaçaõ todos os annos duzentos e vinte marcos de ouro, que montaõ mais de cincoenta mil cruzados, e o grande rendimento da Liziria da Foz de Almonda, para que ſem prejuizo dos pobres podeſſe luzir com eſplendor em taõ alta Dignidade. (1) E proſeguindo na ampliaçaõ da nova Cathedral, creou novas Dignidades, e Conegos para formarem hum reſpeitoſo Cabido, enchendo-os de gran-

---

[1] Conſta da Carta de Doaçaõ delRey do primeiro de Abril de 1719, que vem no tom. 1. do Codex Titulor. S. L. E. pag. 288. e 292.

grandes authoridades, e honras, (1) além das que o Papa Clemente XI. lhes outorgou pela Constituição *Gregis Dominici*, de 3 de Janeiro de 1718.

51 Continuou a exercitar novas grandezas, que já pareciaõ impossiveis à imaginação, e sómente sondaveis, e factiveis à dilatada esfera da sua idéa. Tornou a unir as duas Cidades em huma só, e por Constituição do Papa Benedicto XIV, passada em 13 de Dezembro de 1740, e principia: *Salvatoris nostri*, fez abrogar, e extinguir a antiquissima Sé de Lisboa Oriental, incorporando, e estabelecendo huma só Igreja Patriarcal com omnimoda jurisdição Metropolitica; e para que as suas Dignidades se distinguissem mais especificamente, erigio hum excellentissimo Collegio de vinte e quatro Excellentissimos Principaes com habito Cardinalicio, e setenta e dous Prelados, ou Ministros de habito Prelaticio, divididos em varias jerarquias, a saber, Prelados Presbyteros com insignias Episcopaes, e exercicio de Pontifical, Protonotarios, Subdiaconos, e Acolytos. Vinte meritissimos Conegos, doze Reverendos Beneficiados de setecentos mil reis, trinta e dous Reverendos Beneficiados, trinta e dous Reverendos Clerigos Beneficiados, e outros mais Ministros da Igreja Patriarcal, condecorando a todos com grandes privilegios.

52 A toda esta pompa sumptuosissima accrescentou com generosidade incomparavel preciosissimos ornamentos, joyas de inextimavel valor, armações primorosas, peças de ouro, e prata innumeraveis, com que dotou, e enriqueceo a Santa Igreja Patriarcal para se celebrarem nella todas as suas funções com magnifico apparato; e para que naõ só as obras, mas as vozes chegassem ao Ceo com pura, e suave harmonia, sem mistura de sinfonias profa-

[1] Consta do Alvará de 24 de Dezembro de 1716. Ex Codic tom. 1 pag. 169.

nas, mandou vir de varias Provincias de Italia os melhores Muſicos com groſſos eſtipendios, de que formou hum Coro eſpecial, e grave dos mais ſelectos Cantores. Fez tambem guarnecer a torre da Igreja de muitos, e harmonioſos ſinos. Conſtava ella de dous andares de ſineiras: o primeiro tinha dous em cada lado, em que havia oito ſinos: no ſegundo andar havia quatro ſineiras; porém o ſino grande tomava todo o vaõ do meyo, de ſorte que ſe via por todas as quatro partes, e ſe ſuſtinha em madeiras, que naõ tocavaõ nas paredes da torre. O primeiro ſino peza oitocentas arrobas, e toca nas feſtas da primeira claſſe, e nas exequias das Peſſoas Reaes, Patriarcas, Cardeaes, e Principaes: o ſegundo peza cento cincoenta e duas arrobas; toca nas ſegundas claſſes, e dobra aos Fidalgos titulares, Monſenhores, e Conegos: o terceiro tem cento e dez arrobas, e toca nas exequias dos Beneficiados: o quarto oitenta e ſete arrobas, e toca pelos Capellães: o quinto tem ſetenta e ſete arrobas, e toca pelos Sacriſtas: o ſexto trinta e cinco arrobas: o ſetimo vinte e nove arrobas: o oitavo vinte e cinco: o nono vinte e duas: a garrida duas. Havia outra torre chamada do Relogio ſeparada da Igreja Patriarcal, cujos ſinos tocavaõ nos dias ſeguintes: Dia de Reys, S. Vicente, Sabbado de Alleluya, Domingo de Paſcoa, Sabbado, e Domingo do Eſpirito Santo, Corpo de Deos ſó à Prociſſaõ, Conceiçaõ, e Natal.

53 Era tenue para eſte grande Monarca toda a profuſaõ, que ſe empregava no culto da Igreja, para cujo ornato mandou tambem fazer, e conduzir de todas as partes do mundo os adornos, adereços, e alfayas mais precioſas. (1) Entre ellas ſaõ dignos de eſpecial memoria os nove riquiſſimos caſtiçaes, e ma-

(1) *Qui ſacras Orientalium Chriſtianorum ſupellectiles, & Eccleſiaſticos codices ad Regii ſui ſacelli ornatum undique conquiſivit.* Aſſemanus in Bibliothec. Mediceæ Catalogo, pag. 81.

maravilhoſa Cruz de exquiſita, e nova invençaõ, que a ſua heroica piedade mandou fabricar a Florença, e a Roma no anno de 1732 pelo deſenho, e artificio do famoſo Antonio Arrighi Romano, cuja primoroſa, e incomparavel arquitectura excedeo a importancia de trezentos mil cruzados. Toda a maquina de prata excellentemente dourada, que fórmava a grande Cruz, ſe levantava na altura de dezaſete palmos deſde a planta do pé de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meyo de diametro.

54 Era eſta obra no ſeu genero unica, e ſingular, e que mereceo as attençóes, e elogios do Sacro Collegio Pontificio, Principes, e Nobreza Romana a primeira véz, que lhes foy manifeſta. Com a meſma admiraçaõ foy applaudida de todos os Cavalheiros Toſcanos, e Corte Florentina, e verdadeiramente a obra, a idéa, e a materia vencia o mais encarecido louvor. Viaõ-ſe diſtribuidos com admiravel ſimetria pelas bazes, e balauſtes aſſim da Cruz, como dos caſtiçaes muitos ſymbolos, jeroglyficos, e genios, Querubins, e eſtatuas, humas de vulto, outras de meyo relevo com differentes acçóes, que alludiaõ com propriedade aos myſterios de Chriſto, e de Maria Santiſſima: outros caracterizavaõ a magnificencia da Santa Igreja Patriarcal, outros o imperio da Mageſtade Portugueza no Reino, e ſuas Conquiſtas; porém tudo guarnecido com muitos, e polidos feſtões da meſma prata dourada, com muitas tarjas, e quartellas de perfeitiſſimo lapislazuli, com muitos engraçados eſmaltes, e embutidos de epigrafes, de pedras, e diamantes preciofiſſimos.

55 Eſta Cruz, e eſtes caſtiçaes, como taõ ſingulares, eſtavaõ deſtinados para ornar a banqueta do Altar da Capella mór deſta Santa Igreja ſómente nas funçóes Regias de Caſamentos, Bautiſmos, e Acclamaçóes de noſſos Principes, ou em outros

quaesquer dias, que o Rey determinasse; porque para as outras festividades reservava o thesouro desta Igreja proporcionadamente outros ternos de castiçaes, e Cruzes tambem magnificos, e de preço, e artificio estimavel, constituindo-se desta fórma ainda na opiniaõ dos mesmos estrangeiros huma Regia Capella, ou Igreja Patriarcal a mais magestosa, rica, e egregia, que se venerava em todo o mundo Christaõ. [1] Porém tudo lastimosamente pereceo com o incendio do primeiro de Novembro de 1755.

56 Parte desta inimitavel generosidade se confirma com as pingues congruas, e ordenados, que estabeleceo para o dispendio, e Ministros da dita Igreja, importando o seu dote até 18 de Julho de 1747 hum milhaõ e dezoito mil cruzados entre o antigo, e moderno; e parecendo impossivel, que esta generosa grandeza podesse ainda crescer no augusto coraçaõ delRey, sabemos que em quanto viveo, foraõ sempre as suas acções para com a Igreja continuados padrões de ouro, que juntamente erigio à eternidade do seu augustissimo, e immortal nome. Para que se veja com distinçaõ o que percebem por anno todos os Ministros da Santa Igreja Patriarcal, e outras despezas, que nella se fazem, expomos por curiosidade o Mappa seguinte, calculado segundo a folha da primeira mezada do anno de 1754, donde o extrahimos; sendo preciso advertir, que de entaõ até o presente se tem admittido mais Musicos Italianos, e Capellães Cantores tambem com ordenados muito pingues, sem embargo que em muitas partes tambem se diminuio o dispendio com a ruina que tem padecido o grosso da sua Fabrica.

Cal-

[1] *Ex quibus omnibus patet, Capellam Regiam, seu Ecclesiam Patriarchalem Olisiponensem ob summam, ac ferè singularem Joannis V. Regis munificenciam, & pietatem nulli in toto Christiano orbe Ecclesiæ, vel Ministrorum copia, dignitate, & opibus, vel sacrarum rerum cultu & splendore, vel denique privilegiis, juribusque concedere.* Carata de Capella Regis utriusque Siciliæ, pag. 448.

Calculo de todo o rendimento da Reverenda Fabrica da Santa Igreja Patriarcal até o anno de 1747.

Renda chamada dote antigo	30:005U560
Rendimento das Terças dos Bispados, e mais Beneficios	94:982U512
Rendimento das Igrejas, Casas, e producto das Lizirias	31:474U717
Rendimento dos juros distratados, comprados, &c.	250:843U880
Somma total	407:306U669

Congrua dos Excellentissimos, e Reverendissimos Principaes da Santa Igreja Lisbonense.

Cada hum dos 24 Excellentissimos e Reverendissimos Principaes recebe em 10 mezes do anno a 50 moedas por mez	2:400U000
Recebe mais nos dous mezes para inteirar o anno	753U200
Recebe mais do accrescimo incerto das rendas	1:500U000
Congrua total de cada hum	4:653U200
Além disto recebe cada hum dos cinco Excellentissimos Principaes Primarios cada anno	100U000
E o Excellentissimo Principal Decano	200U000

Congrua, e ordenados, que os Ministros, e Mansionarios da Sacrosanta Igreja Patriarcal de Lisboa recebem cada anno.

Num.		
72	A cada Illustris. e Rever. Mons.	1:600U000
20	A cada Reverendo Conego	1:000U000

12	A cada Reverendo Beneficiado	700U000
32	A cada Reverendo Beneficiado	500U000
32	A cada Rever. Clerigo Beneficiado	250U000
2	A cada Meſtre de Ceremonias	110U000
3	A cada Meſtre de Ceremonias	100U000
	A cada Meſtre de Cerem. da Baſil.	
7	A cada Acolyto da Capella mór	50U000
	Capellães Cantores.	
17	A cada hum	150U000
1	A hum	280U000
2	A cada hum	260U000
1	A hum	250U000
1	A hum	170U000
3	A cada hum	130U000
4	A cada hum	100U000
1	A hum P. Theſoureiro do theſour.	150U000
1	A outro	130U000
2	A cada Theſoureiro da Sacriſtia	110U000
1	Ao Theſoureiro da cera	140U000
20	A cada Sacriſta	74U400
	Capellães, que dizem as Miſſas das Cap^e llas antigas.	
1	Pelo Senhor Rey D. Manoel	44U640
1	Pela Rainha Dona Maria	Da meſma eſmola.
1	Por ElRey D. Joaõ III.	
1	Pelo Cardeal D. Henrique	
1	Pelo Principe D. Joaõ	
1	Pela Princeza Dona Joanna	
1	Por ElRey D. Joaõ IV.	
1	Pela Rainha Dona Catharina	
1	Pela Rainha Dona Anna de Auſtria	
1	Por ElRey D. Sebaſtiaõ	
2	Pelos Anjos	
1	A S. Sebaſtiaõ	
3	Por tençaõ	
1	Pelas Almas	54U800

Can-

Cantores Italianos, e Portuguezes.

1	A hum	892U800
6	A cada hum	720U000
1	A hum	660U000
16	A cada hum	600U000
3	A cada hum	540U000
17	A cada hum	480U000
1	A hum	444U000
3	A cada hum	364U000
2	A cada hum	300U000
3	A cada hum	240U000
3	A cada hum	192U000
3	A cada hum	180U000
1	A hum	160U000
5	A cada hum	150U000
1	A hum	100U000
1	A hum	84U000
3	A cada hum dos Cantores antigos	100U000
1	A hum	54U000
4	A cada Organista	130U000
1	Ao Compositor da solfa Italiana	180U000

Officiaes seculares.

1	Ao Porteiro do Excel. Collegio	120U000
2	A cada Custodio dos Aposent.	40U000
4	A cada Custodio da Basilica	60U000
12	A cada Masseiro	30U000
4	A cada Cursor	20U000
6	A cada Varredor	44U640
2	A cada Faquino	74U400
1	Ao Ourives	640U000
1	Ao Armador	240U000
1	A outro Armador	172U000
1	A Capelleira	9U480

2 Aos

	Aos Sineiros	100U000
	Com varios repiques	200U000
1	Affinador dos orgãos	20U000
1	Escritor, Miniator, e Estampador	600U000

Varias despezas.

12	A cada Confessor	50U000
42	A cada huma das Religiões, que costumaõ vir prégar	24U000
	Com cera	6:200U000
	Com a pintura da cera	210U000
	Com Procissões, bancos, e limpeza da Igreja	2:000U000
	Com a limpeza, e concerto da prata	250U000
	Lavagem, e encrespad. da roupa	392U000
	Concertos de roupa branca	120U000
	Azeite para 45 alampadas	500U000
	Vinho para as Missas	150U000
	Hostias	24U000
	Incenso	24U000
	Carvaõ	20U000
	Palmas	600U000
	Folhinhas de reza	48U000
	Trezena de Santo Antonio	70U000
	Pannos verdes, e encarnados	60U000
	Com armações da Igreja cinco vezes no anno, por cada vez 26U000; e quando se arma a escada, se dá mais 6U000; e pela arm. do pateo 100U000 importa tudo cada anno	236U000
	Com o Seminario	1:800U000
	Com despezas incertas	800U000

57 Fal-

57 Faltava ao material da Igreja a sagrada fabrica de hum edificio competente, que merecesse no magnifico o nome de Basilica, e Templo Regio Patriarcal. Preoccupado o zelo delRey com este santissimo pensamento, mandou chamar à sua Real presença em 7 de Fevereiro de 1719 alguns Fidalgos, Ministros, e Medicos pelo que tocavá à eleiçaõ de hum sitio saudavel, e Arquitectos, que dirigissem a projecçaõ da grande obra, que intentava.

58 Havia S. Mageftade examinado do mar, e dos lugares mais eminentes os sitios, que podiaõ entrar em questaõ em toda a agradavel perspectiva da sua grande Cidade, tendo mandado tirar huma planta exacta de Lisboa, e reduzindo toda a duvida à questaõ de haver de edificarse a Igreja Patriarcal, e novo Palacio no lugar, em que hoje estavaõ, ou no sitio chamado Buenos Aires na parte da Cidade eminente à ribeira de Alcantara.

59 Os Medicos assentaraõ uniformemente, que o sitio, em que estava hoje o Palacio, e a Santa Igreja, naõ era o que a arte, que professavaõ, devia escolher por favoravel à saude, porque o monte do Castello, e os edificios altos da Cidade lhe embaraçavaõ o Norte, e os ventos mais benignos: que todos os outros participavaõ de vapores impuros, e este damno se accrescentava com o das aguas detidas, e das mesmas prayas, e marezia, de que resultava a humidade, e quentura nociva à saude, e que ainda que o naõ julgavaõ pestilente, reconheciaõ em Buenos Aires todas as vantagens, que a Filosofia natural, e a Medicina procuravaõ no caso proposto.

60 Os mais votos se dividiraõ; porque os Marquezes de Abrantes, e Minas, o Conde de Assumar, o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Mons. Berger se inclinavaõ a edificar no terreiro do Paço. O Marquez de Alegrete, os Condes de Aveiras, Unhaõ, Ericeira, Valladares, e S. Lourenço, e

Federico foraõ de parecer, que se preferisse Buenos Aires, e D. Filippe Ibarra, principal Arquitecto Siciliano, naõ declarou o seu voto. Com esta diversidade de pareceres ficou indeciso o projecto, contentando-se ElRey de que supposto à maneira de David naõ edificara na sua Corte sumptuoso Templo a Deos, como emprendera, deixava ao menos as riquezas, para que seu filho imitando a Salamaõ o edificasse.

61 Desta sorte aproveitando-se do antigo Templo da sua Real Capella, e vendo que Deos aceitava em toda a parte as adorações, e os holocaustos, melhorando, e accrescentando em algumas partes a fabrica do edificio quanto foy possivel, intentou a sagraçaõ da Igreja com o novo titulo de Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Assumpçaõ. Para isso decretou o dia 13 de Novembro de 1746, em que o Eminentissimo, e Reverendissimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida com todas as ceremonias, que manda o Pontifical Romano, e com maravilhoso, e grave desembaraço sagrou a Igreja, e o Altar mór da Sacrosanta Igreja Patriarcal, onde collocou as Reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Santiago Mayor, e S. Thomé.

62 Na segunda feira seguinte, que se contavaõ 14 do dito mez, e anno, o Arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa sagrou o Altar do Santissimo Sacramento dedicado à Santissima Trindade, e collocou nelle as Reliquias dos Apostolos Santo André, e Santiago Menor.

63 Na terça feira sagrou o Altar dedicado à Sagrada Familia o Bispo, que tinha sido do Rio de Janeiro D. Fr. Joaõ da Cruz, da Ordem dos Carmelitas Descalços, e lhe collocou as Reliquias dos Apostolos S. Filippe, e S. Bartholomeu.

64 Na quarta feira o Altar dedicado a S. Thomé, e mais Apostolos sagrou o Bispo de S. Thomé D. Fr. Luiz das Chagas, da Ordem dos Eremitas

Des-

Descalços de Santo Agostinho, e lhe collocou as Reliquias de S. Mattheus Evangelista, e S. Barnabé Apostolo.

65 Na quinta feira os Altares dedicados o primeiro aos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, Processo, e Martiniano; e o segundo aos Santos Martyres Vicente, e Sebastiaõ, e S. Roque, sagrou o Bispo de Angola D. Fr. Manoel de Santa Ignez, da Ordem dos Carmelitas Descalços, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Braz, e S. Januario Martyres, e no segundo as de S. Lourenço, e S. Sebastiaõ Martyres.

66 Na sexta feira os Altares dedicados o primeiro a Santo Antonio, e o segundo a S. Carlos, e S. Filippe Neri, sagrou o Bispo do Maranhaõ D. Fr. Francisco de Santiago, da Provincia de S. Francisco da Cidade, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Canuto, e Santo Thomás de Cantuaria Martyr, e no segundo as de Santo Estevaõ Protomartyr, e S. Venancio Martyr.

67 No sabbado os Altares dedicados o primeiro a Santa Isabel, S. Bento, S. Bernardo, S. Francisco, S. Domingos, Santa Teresa, Santa Sancha, Santa Joanna; e o segundo a S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e Santo Ignacio, sagrou o Bispo de Malaca D. Fr. Miguel de Bulhões, da Ordem de S. Domingos, e collocou no primeiro as Reliquias de S. Wenceslao, e S. Hermenegildo Martyres, e no segundo as de Santo Eustaquio, e S. Pedro Martyres.

68 No Domingo finalmente, que se contavaõ 20 de Novembro do sobredito anno, o Altar dedicado a Nossa Senhora da Piedade sagrou o Bispo de Coimbra D. Miguel da Annunciaçaõ, da Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e lhe collocou as Reliquias dos Santos Innocentes, e S. Vito Martyres.

69 Como o Fidelissimo Rey D. Joaõ V. era taõ

zeloſo, e pontual na obſervancia da liturgia, ou ſerviço Divino, quiz que na ſua Real Capella ſe executaſſem todas as funções Eccleſiaſticas com a mayor exacçaõ, decoro, e reſpeito. Naquellas, em que elle publicamente aſſiſtia, chamadas Capellas Patriarcaes, que juntamente vem a ſer funções da Capella Real, ſe faziaõ por hum de tres modos: ou celebrando o Patriarca, ou aſſiſtindo ſómente, ou naõ aſſiſtindo, e de qualquer modo, occorrendo os dias determinados de Capella, ſempre Sua Mageſtade deſcia a ella, uſando-ſe diverſas formalidades nas ceremonias, conforme os dias; e porque o rito he hoje o meſmo, diremos brevemente o que conduz, e pertence a cada funçaõ.

70 Sempre que Sua Mageſtade deſce à Capella, he recebido por todas as Jerarquias dos ſeus Miniſtros à porta della; e achando-ſe preſente o Patriarca, lhe pertence como Capellaõ mór, lançar agua benta a todas as Peſſoas Reaes; e quando naõ eſtá preſente o Patriarca, faz eſta acçaõ ou o Deaõ, ou outro, que ſeja o mais antigo dos Principaes. Logo que entra na Capella, ou ſe recolhe della para o Paço, vay fazer oraçaõ ao Altar do Sacramento, acompanhando-o ſempre a Corte, e todas as Ordens de Prelatura, os Principaes, e ainda o Patriarca.

71 Em dia de Reys celebra a Miſſa o Deaõ; e eſtando eſte impedido, o Principal ſeu immediato. O Patriarca ſó coſtuma aſſiſtir, e neſte caſo, acabado o Evangelho, vay o Subdiacono da Miſſa dar à beijar o Texto ao Patriarca, e logo deſcendo com o livro ao plano, troca aquelle com outro livro tambem dos Evangelhos, que immediatamente vay offerecer aberto a ElRey para oſcular o Texto, e ſucceſſivamente faz o meſmo aos Senhores Infantes.

72 Ao Offertorio entraõ na Quadratura o Repoſteiro mór, o Guarda-Tapeçaria para lhe dar a almofada delRey, e hum Moço da Tapeçaria com ella

ella debaixo do braço. O Esmoler mór seguido de tres Moços da Camara sem espada com as offertas em pratos, e vasos dourados, e fazendo todos as devidas reverencias, se avisinhaõ ao throno do Patriarca. Ao mesmo tempo chegaõ tambem ao de El-Rey o Mordomo mór, o Capitaõ da Guarda Real, e os Camaristas de todas as Pessoas Reaes. Entaõ se levanta ElRey, e seguido dos Senhores Infantes desce ao plano, ajoelha ao Altar, reverencea ao Patriarca, (o qual para lhe corresponder se levanta, mas torna-se logo a assentar) e ajoelhando sobre a almofada, que já tem posto o Reposteiro mór, recebe do Esmoler mór, que tambem está de joelhos, os tres vasos descubertos, e os offerece ao Patriarca; o que feito, se retira ao seu throno, e todos os mais fazem o mesmo.

73 Acabada a incensaçaõ do Altar, vem o Diacono da Missa, depois de ter incensado ao Celebrante, diante do Patriarca, e entrega o thuribulo ao Principal Presbytero assistente, o qual acabando de incensar o Patriarca, continúa a incensar a ElRey, e mais Pessoas Reaes. Depois incensa o Diacono aos Principaes do throno Patriarcal, aos da Quadratura, aos Prelados mitrados assistentes, e naõ assistentes, Protonotarios, a Corte de ElRey, e depois della aos mais Prelados Subdiaconos, e Acolytos.

74 O mesmo sobredito Presbytero assistente depois do *Agnus Dei* vay ao Altar receber a Paz do Celebrante, e a vem dar ao Patriarca, a ElRey, e aos Senhores Infantes, e se recolhe ao seu lugar da Quadratura, onde o está esperando o Presbytero assistente do Celebrante, o qual recebe delle a Paz para a communicar aos mais Principaes, e Prelados mitrados; e depois de a ter dado a estes, a communica ao Mestre de Ceremonias, e este a vay dar aos Protonotarios, à Corte delRey, e às mais Ordens de Prelaturas.

75 Quando o Patriarca naõ assiste, he a primeira-

ra Dignidade dos Principaes o que dá o livro dos Evangelhos a ElRey para o oscular, e tambem he o que o incensa, e lhe dá a Paz. As offertas no tal caso saõ recebidas pelo Celebrante *apud Altare*, estando em pé com as costas para a Cruz, e sem mitra; e ElRey ajoelha no primeiro degráo sobre almofada posta pelo Reposteiro mór. Quando ElRey naõ assiste, he o Esmoler mór o que dá estas offertas ao Patriarca; e se tambem este naõ está presente, as recebe do mesmo Esmoler mór o Celebrante, estando ainda no Altar sentado no faldistorio, e cuberto de mitra.

76 No dia das Candeas naõ celebra o Patriarca, mas faz a bençaõ, e distribuiçaõ das vélas, e ElRey vay receber a sua ao throno do Patriarca, depois os Senhores Infantes, os Principaes, os Prelados mitrados, Penitencieiros, (por estarem paramentados) Protonotarios, a Corte delRey, os Subdiaconos Patriarcaes, e todos os mais pela sua ordem costumada; porém quando o Patriarca naõ faz esta acçaõ, vay Sua Magestade ao Altar receber a véla da maõ do Celebrante, o qual lha dá estando em pé, e sem mitra; e ou assista, ou naõ assista o Patriarca, sempre ElRey acompanha a Procissaõ, seguindo-o a sua Corte. Isto mesmo se observa em Domingo de Ramos.

77 Em quarta feira de Cinza faz o Patriarca a bençaõ, e imposiçaõ da cinza, e assiste à Missa ElRey com os Senhores Infantes, que vaõ recebella depois dos Principaes; e quando o Patriarca naõ assiste, vaõ ao Altar recebella da maõ do Celebrante.

78 Na manhã de Quinta feira santa desce Sua Magestade muito cedo particularmente com os Senhores Infantes à Capella do Sacramento para receber da maõ do Cura a Communhaõ por desobrigaçaõ Pascal; mas volta logo para cima a esperar o tempo de descer publicamente para assistir à Missa so-

ſolemne, no fim da qual acompanha Sua Mageſtade a Prociſſaõ do Sacramento até o Sepulcro com cirio que lhe dá acezo o Mordomo mór: o que feito com o coſtumado cortejo, ſe recolhe ao Paço, onde immediatamente com as coſtumadas ceremonias lava os pés a treze Pobres, dandolhe hum eſplendido jantar, que conſta de varias iguarias expoſtas em meza magnifica; e a meſma funçaõ faz a Rainha no ſeu quarto.

79 Nos dias em que coſtuma celebrar o Patriarca he hum dos Principaes da Ordem Diaconal o Diacono da Miſſa, e a elle toca o incenſar a ElRey, e por iſſo depois que ao Offertorio incenſa o Patriarca, vay diante de ElRey, e o incenſa com tres ductos, e da meſma ſorte aos Senhores Infantes. Volta para o Altar, e incenſa ao Deaõ, que ſerve de Presbytero aſſiſtente da Miſſa, e ſubſequentemente aos dous Principaes Diaconos aſſiſtentes do Patriarca. Depois deſce à Quadratura a incenſar os Principaes, e torna ao Altar, e incenſa os Prelados mitrados aſſiſtentes tanto de huma parte, como da outra, e logo larga o thuribulo a hum Subdiacono Patriarcal, e eſte o incenſa com dous ductos, e paſſa a incenſar com hum aos Prelados mitrados naõ aſſiſtentes, aos Penitencieiros, Protonotarios, Corte de ElRey, e às mais ordens de Prelatura. Ao tempo da Paz vay o Deaõ para o lado da Epiſtola, e recebendo-a do Patriarca, a vay dar a ElRey, e aos Senhores Infantes. Deſce à Quadratura, e depois de a ter communicado aos tres cabeças das Ordens dos Principaes, torna ao Presbyterio, onde faz o meſmo ao primeiro Prelado mitrado aſſiſtente de cada parte: ultimamente a communica a hum Subdiacono Patriarcal, que a vay diſtribuir a todos os mais com a meſma preferencia, que diſſemos do incenſo.

80 Em ſexta feira ſanta naõ coſtuma celebrar o Patriarca, mas ſó aſſiſtir. O throno delRey naõ tem neſ-

neſſe dia eſpaldar, nem docel, nem cubertura os degráos: as cadeiras, e almofadas ſaõ de cor roxa, e ſem ouro. ElRey, e Suas Altezas vaõ adorar a Cruz depois dos Principaes, e neſte meſmo tempo, o Eſmoler mór lança no prato a coſtumada offerta, ou eſmola.

81 No dia do Corpo de Deos deſce ElRey à Capella com manto da Ordem de Chriſto para pegar na vara do Pallio, o que faz à porta della, recebendo-a da maõ do Mordomo mór. A' ſahida do pateo larga a vara, e acompanha a Prociſſaõ atraz do Sacramento, e ao recolherſe torna a pegar na vara do Pallio à entrada do pateo, e a leva até os cancellos do Altar mór. No dia oitavo de tarde, que he a ſolemnidade do Corpo de Deos da Caſa, vem ElRey aſſiſtir à Prociſſaõ, e pega na vara do Pallio à ſahida da porta da Capella, e a leva até o fim da Prociſſaõ. Em dia da Conceiçaõ da Senhora aſſiſte tambem ElRey à Miſſa, ou a celébre o Patriarca, ou algum dos Principaes, e ao Offertorio vay offerecer o tributo do Reino com aquella formalidade, que em outras occaſiões referimos acima.

82 Com eſta magnificencia, e rito concorre ElRey às funções na ſua Real Capella, e Igreja Patriarcal, onde todas as ceremonias Eccleſiaſticas tocantes ao culto Divino ſe executaõ com huma pomposa exacçaõ, e admiravel reſpeito, applaudido até dos meſmos eſtrangeiros, os quaes confeſſaõ eſtar ſincopada neſta Igreja, com emulaçaõ virtuoſa, a gravidade, o eſplendor, e o decoro da meſma Capella Pontificia de Roma.

83 Neſta conformidade ſe achava a liturgia na Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, quando impenſadamente ſobrevindo o tragico accidente do terremoto em o primeiro de Novembro, ſeus Miniſtros, que eſtavaõ acabando de rezar Terça para ſe começar a Miſſa, ſe viraõ ſummamente perplexos, attonitos, e afflictos.

84 Deſ-

84 Desampararaõ com presteza o Coro, que era no meyo da Igreja, procurando cada hum em confusa desordem escapar de taõ proxima ruina, ameaçada por hum violento, e continuado tremor, que fazia horrorosamente abalar todo o edificio. Taes houve naquelle subitaneo conflicto, que sofregos do seu damno, achando as passagens entupidas com o tumulto da gente, querendo fugir à morte, pretenderaõ anticipalla, lançando-se inconsideradamente das janellas ao pateo chamado da Capella, onde posto que livraraõ a vida, ficaraõ todavia estropeados.

85 Nova consternaçaõ occupou naquelle transe o animo dos Excellentissimos Principaes; porque achando-se em seus cubiculos quasi promptos para entrarem à Capella mór, naõ podiaõ buscar o desvio opportuno, por se acharem fechadas as portas dos corredores. Constrangidos da necessidade, preferiaõ ao conselho proprio o alheyo, mas com huma constancia christã pediaõ a Deos misericordia; até que abrindo-se huma porta cuidou cada qual escapar do perigo por onde o quiz favorecer o seu destino; menos o do Excellentissimo Principal D. Francisco de Noronha, filho dos Marquezes de Angeja, que dirigindo apressadamente os passos pelo corredor, que hia dar à sala dos Tudescos, alli experimentou na flor da idade o cruel incidente da morte intempestiva; porque desabando de improviso a varanda sobranceira ao Corpo da Guarda, cahio submergido entre as ruinas; servindo-lhe de mortalha a mesma purpura, que era a segunda vez com que se ornara, por haver sido modernamente exaltado desde a nobilissima jerarquia dos Conegos ao sacro Collegio dos Principaes.

86 Ao terremoto succedeo o incendio, que devorou irreparavelmente toda a grande opulencia daquelle Templo. Nesta confusaõ, e desamparo, derrubadas as pedras do Santuario, e dispersos os seus

Miniſtros, faltou por alguns dias a harmonia nos miniſterios, por ſe naõ haver aſſinalado lugar commodo, e conveniente ao ſeu exercicio.

87 Soube o Eminentiſſimo Prelado, que a Ermida de S. Joaquim, e Santa Anna, contigua ao palacio do Marquez de Abrantes em o ſitio de Alcantara, havia ficado iſenta de ruinas, e alli ordenou ſe collocaſſe interinamente a Baſilica Patriarcal, onde ſe deu principio aos Officios Divinos com as primeiras Veſperas da Conceiçaõ da Senhora, aſſiſtindo igualmente divididos por turmas, ſegundo a poſſibilidade dos Miniſtros, Principaes, Monſenhores, Conegos, Beneficiados, e Capellães Cantores.

88 Aſſim ſe foy continuando até dia de S. Thomé, em o qual eſtando-ſe rezando Matinas ſuccedeo hum grande tremor, que metendo em ſuſto a todos pela experiencia da tragedia recentemente paſſada, os obrigou a ſahir com impeto para a rua: e ſem embargo de naõ cauſar o tremor alguma ruina à dita Ermida, ſe reſolveo erigir promptamente hum Altar dentro no jardim do meſmo Marquez, onde ſe foraõ concluir os Officios Divinos no meſmo dia, e ſe continuaraõ nos dous ſeguintes. Depois com taboado, e lonas ſe formou huma barraca em o terreno mais plano do jardim, na qual deſde 24 de Dezembro ſe começou a officiar, ſervindo de Sacriſtia a da meſma Ermida.

89 Como para a grandeza de taõ Regia Metropoli era preciſo hum terreno mais amplo, e deſafogado, lembrou à vigilancia do Eminentiſſimo Patriarca, e Excellentiſſimos Principaes aproveitarſe do grande edificio, que no ſitio da Cotovia havia principiado o Conde de Tarouca, o qual tendo trezentos e vinte e ſeis palmos em quadro, era de huma àrea capaciſſima para comprehender naõ ſó a Igreja, mas todas as ſuas officinas adjacentes.

90 Eſcolhido o ſitio, ſe começou a projecçaõ da

da nova fabrica, edificando-se as paredes interiores de frontal; e naquella parte que havia de servir para casa de paramentos de Sua Eminencia, por se haver acabado mais promptamente, se levantou hum Altar, no qual feita a ceremonia da bençaõ por Monsenhor Perim em 16 de Junho de 1756, em cujo dia se principiaraõ alli os Officios Divinos, e continuaraõ até 8 de Junho de 1757, no qual concluida a nova Igreja, e a ceremonia da bençaõ por Monsenhor Bernardes, Presidente da turma, disse no seu Altar mór a primeira Missa rezada por Monsenhor Guimarães.

91 Consta esta nova Igreja Patriarcal de tres naves; a primeira de quarenta palmos de largo, e cada huma das duas de dezoito. Tem de comprido cento setenta e hum palmos até a Capella mór, e esta onde está a Quadratura dos Principaes, tem de largo cincoenta palmos, e noventa de comprido. O seu Cruzeiro, que he summamente alegre, fórma a figura, ou zimborio oitavado com oitenta palmos de largura. Nelle ha duas Capellas, que proporcionaõ a Cruz da Igreja, cada huma com quarenta palmos de largo, e sessenta e cinco de fundo. Serve a da parte do Evangelho para deposito do Santissimo, e a da Epistola he dedicada à sagrada, e devota Imagem de Nossa Senhora da Piedade. No meyo da Igreja ha mais duas Capellas fundas; huma que fica para a parte da Epistola, e tem quarenta palmos de largo, e noventa e hum de comprido, e serve de Basilica; e a que lhe corresponde tem trinta e seis de largo, e sessenta e cinco de comprido. Consta mais a Igreja de quatro Capellas pequenas de cada lado, que ao todo fazem treze Altares, além do que está na Sacristia, e outro na Capella interior dos Monsenhores.

92 Fizeraõ-se tambem vinte e quatro cubiculos para os Excellentissimos Principaes; casas de paramentos para o Eminentissimo Patriarca; casas de fa-

brica, da Congregação, de thesouro, de armarios, e para outras officinas precisas. Fizeraõ-se tres coretos para Musica; huma tribuna para as Magestades, outra para as Damas; e sobre o portico, ou atrio da Igreja, que consta de trinta e seis palmos de largo, e noventa de comprido, há outra tribuna, que occupa o mesmo espaço, a qual serve para verem della as Magestades as funções da Igreja, e a Procissaõ de Corpus Christi. Em o angulo da parte do Nascente, e dentro do recinto, ha de ficar a torre, que constará de duas ordens de sineiras, e no alto dellas, para firmeza da mesma torre, o sino grande, que escapou da ruina só com a perda de huma aza.

93 Reduzida a este estado o mais commodo, que foy possivel, na occasiaõ presente a magnificencia da Santa Igreja Patriarcal, observa com tudo exactamente a formalidade da sua liturgia do mesmo modo, que antes do terremoto; excepto a fórma da residencia nos Ministros da Basilica; porque attendendo à sua possibilidade, permittio o Eminentissimo Prelado, com o consentimento Regio, se dividissem por turmas na conjunctura presente.

§. VII.

Igrejas Paroquiaes dentro da Cidade.

1 HUma das partes integrantes, que contribue naõ pouco a ennobrecer a Historia Ecclesiastica de qualquer Diocese, he a noticia das suas Igrejas Paroquiaes; por cuja causa exhibimos agora por ordem alfabetica, segundo o nosso estylo, a serie de todas as que existem dentro em Lisboa, com a mais verdadeira, e antiga instituição, que podémos indagar de cada huma.

2 Deste modo reproduzimos naõ só as memorias do estado, em que se achavaõ antes que o commum in-

infortunio do terremoto fizesse consumir muitos dos seus documentos; mas accrescentamos a circunstancia das que padeceraõ ruina, e perda em taõ grande fatalidade, mencionando tambem o estado, que actualmente conservaõ, com os mais Templos adjacentes dentro dos seus limites.

I.

Nossa Senhora da Ajuda.

3 COnsiderada presentemente a vasta extensaõ de Lisboa, já esta Freguezia naõ he reputada suburbana, mas antes se julga inclusa dentro dos limites da Cidade, por cuja causa na solemnissima Procissaõ do Corpo de Deos se manda concorrer, e emparelhar a sua Cruz com as outras da Corte, naõ obstante afastarse do centro, e coraçaõ della huma legoa para o Poente na eminencia de hum sitio aprasivel.

4 Naõ ha no Cartorio desta Igreja noticia da sua primeira origem; porque os mais antigos livros dos assentos dos bautizados discorrem desde o anno de 1592, e já no de 1587 havia nella Irmandades, como bem se collige de huns paineis de azulejo, que ainda permanecem nas paredes da Igreja, onde se declara serem feitos no dito anno, e pertencerem hum à Irmandade de S. Vicente, outro à do Santo Nome de Jesus, outro à da Senhora da Ajuda; e a mesma inferencia de antiguidade se póde fazer por algumas antigas sepulturas, que aqui se conservaõ.

5 No alpendre da Igreja, defronte da porta principal, está hum monumento de pedra antiquissimo metido no vaõ da parede com suas columnas, e por detraz da dita sepultura fórma hum painel de marmore, em que se vê gravado hum elmo, e huma espada com as letras abertas na mesma lapida, que dizem: *Já fuy home, hoje saa terra.*

6 Quan-

6 Quando em 20 de Agosto de 1663 se tiraraõ desta Igreja as campas de pedra para se porem outras de taboas, o Padre Clemente de Seixas, Capellaõ de Nossa Senhora, teve a curiosidade louvavel de copiar em hum livro de quarto, que se conserva ainda no Cartorio, os letreiros, que estavaõ esculpidos nas ditas campas, onde entre outros se lê hum de huma sepultura, que estava no alpendre desta Igreja, e dizia: *Sepultura do Capitaõ Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel que foy no Reino de Infantaria do esclarecido Rey D. João III., e de Isabel de Oliveira sua mulher, e de seus descendentes, e herdeiros.* 1550.

7 Em humas memorias m. s. que vimos do Desembargador Francisco Monteiro Leiria, extrahidas do Cartorio do Senado de Lisboa, donde era Vereador, encontrámos huma celebre petiçaõ feita ao Cabido de Lisboa aos 8 de Março de 1550, que declara, e serve muito ao intento, e he do teor seguinte: *Diz Bartholomeu Ferraz de Andrade, Coronel nestes Reinos de Portugal, que elle tinha vivido neste mundo mais do que esperava viver, no qual tempo que assim viveo, correo grande parte delle trabalhando por ganhar honra, e fama de suas obras, por ficar delle memoria aos que delle descendessem: e como quer que sempre foy ajudado do Senhor Deos, e da Virgem Maria sua Madre, queria ordenar a casa, e morada donde havia morar para sempre, &c.* O despacho do Cabido foy: Que havendo respeito à sua muita nobreza, e virtude lhe dá o jazigo dos alpendres de Nossa Senhora da Ajuda.

8 Do referido se collige bem a antiguidade da Igreja; porém quanto à dignidade Paroquial, suppomos que seria erecta pouco depois do anno de 1551; porque neste tempo, em que imprimio Christovaõ Rodrigues de Oliveira o Summario das cousas de Lisboa, ainda lhe naõ dava o titulo de Paroquia, mas só de Ermida annexa à Sé.

9 O

9 O Paroco teve o titulo de Cura, hoje logra o predicamento de Reitor, e o aprefenta como Donatario o Eminentiffimo Cardeal Patriarca. Tem de rendimento certo hum moyo de trigo, hum quarto de vinho, e cinco mil reis em dinheiro cada anno. O incerto he o chamado pé de Altar, que unido tudo renderá quatrocentos mil reis. Satisfaz-fe o rendimento certo por ordem dos Reverendos Conegos Camararios da Bafilica de Santa Maria, que faõ os Fabricanos defta Igreja, por perceberem parte dos dizimos da Freguezia.

10 Ha na Igreja cinco Capellanias: huma da Irmandade de Noffa Senhora da Ajuda em Domingos, e dias Santos, com a congrua de trinta mil reis: outra da mefma Irmandade inftituida por Domingos da Cofta Belem de Miffa quotidiana com feffenta mil reis. As tres faõ da Irmandade das Almas, de efmola cada huma de feffenta mil reis. Tem mais a Irmandade do Santiffimo, e quafi extinctas a do Menino Jefus, e a de Santo Antonio.

11 Comprehendem-fe nefta Freguezia os fitios de Alcantara, a quem fertiliza a fua ribeira, Alcolena, Santo Amaro, Noffa Senhora da Ajuda, Belem, chamado antigamente o Surgidouro de Raftello, Bom-Succeffo, Cazellas, Junqueira, Monfanto, Oliveiras, Pedrouços, Pimenteira. E como ha notavel diftancia de huns a outros, tem efta Paroquia diftribuido, e deftinado com piedofa providencia tres Depofitos, ou Sacrarios, para fe adminiftrarem os Sacramentos aos freguezes mais commoda, e promptamente. Hum eftá na Igreja Matriz, outro no Real Convento de Belem, outro no Mofteiro das Flamengas de Alcantara; de cujos Sacrarios fe tem já facramentado algumas Peffoas Reaes, como foraõ o Senhor Rey D. Pedro II. no anno de 1706, a Senhora Infanta D. Maria Anna em 27 de Julho de 1752, a Sereniffima Rainha D. Maria Anna de Auftria em 24 de Julho de 1754, e ul-

ultimamente o Sereniſſimo Infante D. Antonio, que em 20 de Outubro de 1757 faleceo na quinta da Tapada com grande ſaudade de todos.

12 Como pelo terremoto paſſado naõ padeceſſe eſta Igreja ruina alguma, e Sua Mageſtade Fideliſſima deſejaſſe ter junto à ſua Real Peſſoa a conſolaçaõ eſpiritual dos Officios Divinos; mandou que por Miniſtros da Santa Igreja Patriarcal ſe déſſe principio a elles neſta Paroquial de Noſſa Senhora da Ajuda em Veſpera da Conceiçaõ da Virgem, do meſmo anno de 1755.

13 No dia ſeguinte deſceo ElRey à Igreja com toda a Corte, aſſiſtindo a Rainha, Princeza, e Infantas no Coro alto da meſma Igreja como em tribuna. Succedeo na manhã deſte meſmo dia ao tempo da Miſſa hum tremor da terra, que fez aſſuſtar grandemente a todos os circunſtantes; de que procedeo mandar ElRey, que ſe abbreviaſſe a conſtrucçaõ da ſumptuoſa Barraca, ou Caſa de campo Regia de madeira, a qual ſe andava fazendo junto deſta Paroquia para habitaçaõ interina das Mageſtades.

14 Concluido com toda a diligencia eſte novo, e eſpaçoſo apoſento, ſe transferiraõ para elle as Mageſtades Fideliſſimas, e mais Peſſoas Reaes deſde as magnificas tendas de campanha, que haviaõ mandado armar por occaſiaõ do grande terremoto do primeiro de Novembro em huma das ſuas quintas de Belem, onde reſidiaõ. A primeira funçaõ, que ſe celebrou neſta nova, e Regia morada, foraõ as primeiras Veſperas do Natal do meſmo anno de 1755, aſſiſtindo ElRey na tribuna da Capella, que ſe fez da parte da Epiſtola.

15 Transferio-ſe tambem para eſta nova Capella Real o Sacramento da Paroquia, donde o adminiſtra o Reitor della aos ſeus freguezes, naõ ſendo Peſſoa Real a que communga. Todos os mais actos Paroquiaes ſe celebraõ na Igreja de Noſſa Senhora da Ajuda; e ſuppoſto que na Regia Barraca ſe vê

tam-

tambem a fonte Bautiſmal, ella naõ ſerve mais que para as funções dos Sabbados de Alleluya, Pentecoſte, e bautiſmos de filhos de Criados.

16 Havia aqui Coro todos os dias ordinariamente rezado pelos Capellães, e cantado nos dias ſolemnes, Domingos, e dias Santos; celebrando-ſe a liturgia pelos Miniſtros da Patriarcal: ſendo que os que Sua Mageſtade nomeou para officiarem alli quotidianamente, foraõ quatorze Capellães, nove Muſicos, hum Meſtre de Ceremonias para aſſiſtir ſómente às Miſſas, e Veſperas ſolemnes; quatro Moços de Capella, e hum Theſoureiro, que tambem ſerve de Altareiro. Mandou-ſe fazer mais huma torre de madeira totalmente ſeparada da Paroquia, na qual ſe collocaraõ quatro ſinos, que o Arcebiſpo de Lacedemonia ſagrou, e lhe aſſiſtiraõ Conegos da Baſilica, fazendo-ſe eſta funçaõ dentro da meſma Barraca, aſſiſtindo Sua Mageſtade na tribuna.

17 Sempre que ElRey tem de aſſiſtir publicamente na Igreja com a Corte (que he em todos aquelles meſmos dias, em que o coſtumava fazer na Patriarcal) o vem ſervir hum Principal em habito ordinario de murzeta, e manteleta. A' entrada da porta lhe lança agua benta, e aſſiſte a toda a funçaõ, tendo o ſeu lugar em banco de eſpalda, cuberto de raz, ſituado da parte da Epiſtola bem defronte do throno Real. Adminiſtra tambem a Sua Mageſtade o livro dos Evangelhos para o beijar, depois de ſer cantado pelo Diacono: elle o incenſa, e no tempo da Paz, a vay receber do Celebrante da Miſſa, e a communica por amplexo a Sua Mageſtade, e Altezas.

18 Nos dias das Candeas, e Palmas, depois que o Principal dá a véla, ou Palma ao Celebrante, logo immediatamente ſe retira ao ſeu lugar; porque, primeiro que elle, a vaõ receber ElRey, e mais Peſſoas Reaes: porém no dia de Cinza, exercita Sua Mageſtade o acto de humildade, indo recebella de-

pois do Principal: e pela mesma razaõ em sexta feira santa depois do Principal adorar a Cruz, unido juntamente com o Celebrante, entaõ he que S. Magestade, e Altezas a vaõ adorar. Toda esta formalidade, que em a nova Regia Capella se pratíca respectiva às funções liturgicas, he para supprir deste modo na occasiaõ presente o pio intuito do magnanimo Fundador, em quanto outra vez materialmente se naõ incorpora ao Palacio Regio a Metropoli Patriarcal, como fora supplicada, e concedida pelos Summos Pontifices.

19 Dentro dos limites desta Paroquia existem os Templos seguintes.

Convento.

Nossa Senhora de Belem. De Religiosos de S. Jeronymo. He edificio nobilissimo, e magestoso, onde, como bem diz Manoel de Faria, (1) se vê acompanhada a grandeza de curiosidade, de arte a arquitectura, e de preço a materia. Fundou-o junto do mar, naõ muito distante da foz do Tejo, ElRey D. Manoel no anno de 1499, que ElRey D. Joaõ III. seu filho ampliou com igual magnificencia, conforme expressaõ os Disticos Latinos compostos pelo Mestre André de Resende, que estaõ gravados em pedra por cima da portaria do Convento, e dizem:

Vasta mole sacrum Divinæ in litore Matri
Rex posuit Regum Maximus Emmanuel.
Auxit opus hæres Regni, & pietatis uterque
Structura certant, religione pares.

Nes-

---

[1] Faria sobre a estanc. 87. do cant. 4. de Cam. Veja-se tambem a Damiaõ de Goes na Chron. delRey D. Manoel part. 1. cap 53 e part 4. cap. 85. Carvalho na Corografia Portug. tom. 3. p. 665. Colmenares nas Delicias de Portug. tom. 4. p. 766., e a 2. part. da nossa Recreaçaõ Proveitosa p. 416.

Nesta grande Igreja estaõ depositados os corpos de muitas Pessoas Reaes, que declaraõ as inscripções dos seus tumulos. Havia resistido fortemente este soberbo edificio ao terremoto geral do primeiro de Novembro de 1755; mas como ficou abalado, e lhe naõ applicaraõ reparos convenientes para sua mayor segurança, no mez de Dezembro do seguinte anno cahio a abobeda da Igreja, e se arruinaraõ muitas das suas partes. Defronte desta sagrada, e Real fabrica, dentro da agua, fez edificar o mesmo Rey D. Manoel da parte do Norte huma torre de estructura quadrada, e magnifica, munida com duas batarias alta, e baixa para defender naõ só o Convento, mas a entrada do porto de Lisboa. Novamente se vê aqui nas margens do Tejo hum formoso, e espaçoso cáes, que no anno de 1753 mandou fazer o Fidelissimo Rey D. Joseph I. para commodo melhor do desembarque, e para adorno da Casa Regia de campo, que alli ha.

Mosteiros.

Nossa Senhora do Bom-Successo. De Religiosas Dominicas Irlandezas junto a Pedrouços. Teve principio a sua fundaçaõ no anno de 1626, e se clausurou no de 1639, para cujo dispendio concorreo a Condessa de Atalaya D. Iria de Brito com o fim de ser para Religiosas de S. Jeronymo, que depois pelo patrocinio da Rainha D. Luiza de Gusmaõ, e diligencia do seu Confessor Fr. Domingos do Rosario Dominico, veyo a servir para as Religiosas Irlandezas. Saõ sujeitas immediatamente ao Geral de S. Domingos, e por commissaõ ao Reitor do Collegio de Nossa Senhora do Rosario dos Irlandezes, situados ao Corpo Santo. A pequena ruina, que lhe fez o terremoto, se acha reparada.

Calvario. De Religiosas Observantes Franciscanas, que fundou no anno de 1617 defronte do Pa-

lacio de Alcantara D. Violante de Noronha, mulher de Manoel Telles de Menezes. Totalmente ficou este Mosteiro arruinado, e abatido, perecendo nas suas ruinas vinte e duas Religiosas, quatro Recolhidas, e seis Serventes. As poucas que escaparaõ, foraõ algumas para o Mosteiro que lhe fica defronte, chamado das Flamengas, e outras para as casas de seus parentes.

Nossa Senhora da Quietaçaõ. De Religiosas Descalças da primitiva Regra de Santa Clara, chamadas vulgarmente Flamengas; porque as Fundadoras fugindo da perseguiçaõ dos Calvinistas dos Paizes baixos de Alemanha, vieraõ refugiarse a este Reino pelos annos de 1582, em tempo que governava El-Rey Filippe II., o qual mandando-as recolher primeiramente no Mosteiro da Madre de Deos, e depois na Ermida de Nossa Senhora da Gloria, passaraõ ultimamente para este Mosteiro de Alcantara no anno de 1586, em cujo tempo se tinha acabado de edificar por dispendio do mesmo Rey. Naõ teve este Mosteiro ruina consideravel, e a que padeceo, se acha reparada.

Ermidas.

Nossa Senhora dos Afflictos, e Santo Christo. Na quinta do Principal D. Lazaro Leitaõ, situada na Junqueira. Padeceo muito pouco pelo terremoto.

Santo Amaro. Na eminencia de hum monte de excellente vista. Sobe-se por huma bem lançada escada de pedraria com espaçosos taboleiros. A construcçaõ da Igreja mostra antiguidade, e della faz mençaõ Christovaõ Rodrigues de Oliveira, que escreveo no anno de 1551. Foy huma das que escaparaõ felizmente ao terrivel destroço do terremoto. Defronte desta Igreja, para a parte da marinha, existe hum palacio dos Excellentissimos Saldanhas, no qual havia hum espaçoso jardim em terrapleno taõ mistico da praya, que as aguas da visinha ribeira lhe

eſtaõ pelas marés batendo nos muros. Compunha-ſe, além da excellente horta, de copados arvoredos frutiferos, e ſilveſtres quaſi ſempre frondoſos. Toda eſta viçoſa, e verde formoſura, ſe vio laſtimoſamente no dia do terremoto desfeita, e desfigurada; porque embravecidas, e alteradas as aguas do mar viſinho, rompendo o freyo das prayas ao primeiro eſtremecimento da terra, avançaraõ, desfizeraõ, e ſalmouraraõ tudo em breves minutos; introduzindolhe dentro paſmoſamente com a reſaca das ondas grandiſſimos maſtros de navio.

Noſſa Senhora da Annunciaçaõ. Na deliciosa quinta, e palacio de Diogo de Mendoça Corte-Real. Tambem ficou intacta.

Santo Antonio. Na quinta de Antonio Joſeph Diniz de Ayala no ſitio de Oliveiras.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Duque de Cadaval no Lugar de Pedrouços.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Belem na traveſſa da Horta, inſtituida pelo Padre Joſeph da Silva de Carvalho, Clerigo Secular, e tio do administrador actual Joſeph da Silva Pinto.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na Fabrica da Polvora. Naõ padeceo ruina conſideravel.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta que foy do elegante, e erudito D. Franciſco Manoel de Mello na ribeira de Alcantara. Ficou iſenta de ruina.

Noſſa Senhora da Graça. Na quinta de Joſeph da Cunha de Araujo no Lugar de Cazellas.

S. Joaquim, e Santa Anna. Na quinta do Marquez de Abrantes em Alcantara. Eſta Ermida, que naõ padeceo com o terremoto o minimo abalo, ou ruina, eſtá edificada ſegundo o goſto moderno da Arquitectura. Conſta de tres Altares ornados com excellentes pinturas do noſſo inſigne Lisbonenſe Franciſco Vieira. Tem muitos, e precioſos paramentos ſummamente aſſeados, e taes que puderaõ baſtantemente ſupprir a indigencia, em que ſe vio a

San-

Santa Igreja Patriarcal logo no principio da sua destruiçaõ, e incendio; porque estabelecendo-se aqui, como já dissemos, por benigno consentimento dos Excellentissimos Marquezes seus Padroeiros, acharaõ os Ministros da Santa Igreja commodo, e agazalho taõ amplo, que os nossos mayores elogios naõ saõ bastantes para engrandecer a nobreza de animo, e piedade com que alli fomos recebidos.

S. Joaõ Bautista. Nas casas de Joaõ Jorge na Junqueira. Ficou sem damno, e sempre nella se celebrou.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta de Gervasio do Couto na Pimenteira.

Nossa Senhora do Populo. Na quinta que foy do Desembargador Joseph Fiuza Correa em Alcantara. Naõ teve ruina.

Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph. Esta Igreja se começou a erigir em Belem no sitio que fica entre a quinta do meyo, e a quinta de cima, onde está o Real Palacio, lugar em que a Magestade Fidelissima de D. Joseph I. em a funestissima noite de 3 de Setembro de 1758 escapou milagrosamente de dous execrandos tiros de bacamarte, com que lhe queriaõ tirar a sua vida estimadissima varios socios conjurados para taõ horrivel insulto. Agradecido a taõ especial favor de Maria Santissima, e seu casto Esposo S. Joseph, quiz Sua Magestade que ficasse taõ efficaz patrocinio perpetuamente memoravel na erecçaõ deste Templo; cuja primeira pedra que era de marmore branco, e de palmo e meyo em quadro, tinha em as duas faces oppostas as Inscripções seguintes.

JOSEPHUS I.
LUSITANIÆ REX
Fidelissimus
Deiparæ Liberatricis
Protectione

III.

III. Nonas Septembris Anni MDCCLVIII.
Hic inter densos globos plumbeos
Sospes evadens
Conjuratorum insidias
In eum
Gemina scloporum displosione
Irruentium
Templum hoc
In perpetuum tanti beneficii
Monumentum
Ædificari fecit.

Da outra parte dizia assim:

✠
Hujus Templi in honorem
Dei, & Beatissimæ Virginis Mariæ
Liberatricis, ac ipsius Sponsi
Sancti Joseph dicandi
Lapidem hunc primum
In fundamentum
Ab ipso Rege delatum
Benedixit, ac imposuit
Emũs D. Franciscus I.
S. R. E. Cardinalis de Saldanha
Patriarcha Lisbonen.
Summo Pontifice Clemente XIII.
Die III. Septembris.
Anno Domini M. DCC. LX.
Post terræmotum V.

Esta pedra fundamental, que estava em huma padiola sobre huma credencia foy levada solemnemente por ElRey assistido do Senhor Infante D. Pedro, o Senhor D. Joaõ, e o Marquez de Angeja: e depois que o Patriarca lançou sobre ella a bençaõ com toda a ceremonia conforme o Pontifical Romano, tornou ElRey, e os mais Senhores a cami-

nhar

nhar com ella processionalmente assistido de toda a Corte, e Collegio dos Principaes, e Capella Real; e chegando até o lugar do alicerse, nelle se collocou a pedra; e alli lançou o Esmoler mór doze Medalhas seis de ouro, e seis de prata de varios lotes. As mayores que eraõ de ouro pezava cada huma 52U000 reis; as do lote mediano 39U000 reis; e as do ultimo lote 26U000. O seu feitio tambem era de tres qualidades, porque humas tinhaõ de huma parte em perfil o retrato de Sua Magestade, e ao redor esta letra: *Joseph I. Portugalliæ Rex*, e no reverso: *B. V. Mariæ Liberatrici, & S. Joseph Protectori suo accepti beneficii monumentum posuit an. Domini MDCCLX.* Outras tinhaõ as imagens de Nossa Senhora do Livramento, e S. Joseph, e por baixo esta letra: *A' periculis cunctis libera nos*: e no reverso em relevo o frontispicio que ha de ter a nova Igreja, e ao redor: *Accepti beneficii hoc posuit monumentum*, e em baixo: *An. Dñi MDCCLX.* As outras tinhaõ de huma parte as Armas Reaes, e em circulo: *Josephus Portugalliæ, & Algarbiorum Rex anno regni sui X.* No reverso a planta da nova Igreja, e em roda a seguinte letra: *In honorem B. V. M. Liberatricis, & S. Joseph fundavit Bethlem anno Domini MDCCLX.*

19 Constava esta Freguezia, antes do terremoto, de seiscentos fogos. Presentemente se tem augmentado o seu numero, pelo muito povo, que para este sitio concorreo, onde se tem edificado innumeraveis barracas em o terreno baldio. As suas ruas saõ as seguintes.

Ruas, e Travessas.

Em *Alcantara*, rua Direita, rua da Cruz, e da Tapada: travessa das Fontainhas, dos Fornos, das Pedreiras, do Principe, do Quebracostas. Em *Belem*, rua Direita, travessa das Brazias, ou de Manoel de Faria, do Ferreiro, da Horta, do Guarda mór, da Praça, do Serralheiro.

Fre-

Freguezias confinantes.

A de Santos, Santa Isabel, Senhora do Amparo em Bemfica, S. Romaõ de Carnexide.

II.

Santo André.

20 ESta Freguezia he das antigas da Cidade, e foy do Padroado Real; porém ElRey D. Diniz em o primeiro de Agosto de 1286 fez doaçaõ delle a Aires Martins, e a sua mulher Maria Esteves, attendendo naõ só aos merecimentos do dito Aires Martins, que foy Escrivaõ da Puridade, e seu Vice-Chanceller, mas às supplicas do Bispo de Lisboa D. Joaõ Martins de Soalhães, que era seu particular amigo. (1)

21 Passados alguns annos, vendo os Padroeiros, que era muito tenue a renda, que a Igreja tinha, e naõ menos a falta de Ministros para o culto Divino, doaraõ à mesma Igreja o direito do Padroado, e juntamente as fazendas, que possuhiaõ na Azoya, Freguezia de Santa Iria, para que houvessem mais dous Capellães, ou Raçoeiros, que com o Reitor rezassem em Coro as Horas Canonicas, e vivessem em Communidade, determinando, que assim que vagasse algum Beneficio, o podesse apresentar logo o Reitor com o beneplacito dos mais Raçoeiros: e falecendo o Reitor, os ditos Raçoeiros elegessem de entre si hum delles no espaço de seis dias immediatos ao seu fallecimento; e naõ concordando na eleiçaõ dentro do dito tempo, ficaria devoluta ao Reitor do Convento de Santo Eloy desta Cidade para o nomear dentro de outros seis dias; e naõ o fazendo, poderia entaõ o Prelado mayor, ou o seu Vi-

[1] Brandaõ na Monarquia part. 5. liv. 16. cap. 61.

gario geral eleger Prior, com tanto que fosse sempre hum dos taes Raçoeiros. (1)

22 Esta formalidade de eleiçaõ ainda hoje se pratíca, e della ha exemplos antigos, e modernos. No anno de 1439 vagando o Priorado desta Igreja, e elegendo os Beneficiados Prior, como era costume, se oppoz o Procurador da Coroa delRey D. Affonso V., pretendendo, e allegando, que ao Rey tocava a apresentaçaõ, por ser Igreja do seu Padroado; e correndo litigio, obtiveraõ os Beneficiados sentença a seu favor, que se guarda no Cartorio da Igreja, e se confirmou por outra resoluçaõ da sagrada Rota em o primeiro de Fevereiro de 1602, a instancias do Doutor Ambrosio Cardoso, Prior desta Paroquia.

23 O rendimento deste Priorado, e Reitoria, tirando a terça do Prelado, se regula huns annos por outros em quatrocentos até quinhentos mil reis; advertindo, que esta renda he attendendo a dous Beneficios, que por Bulla de Alexandre VI. se annexaraõ ao Priorado desde o anno de 1496. Ha nesta Igreja cinco Beneficios, de que he Donatario o mesmo Prior, e rende cada hum cem mil reis. Antigamente naõ só dava o Prior os Beneficios, mas tambem collava nelles aos Beneficiados na presença de hum Notario Apostolico, de cujos actos ha no seu Cartorio bastantes documentos. A negligencia, ou dissimulaçaõ de algum Prior deixou perder esta regalia, em que se introduziraõ depois os Prelados desta Diecese.

24 Achaõ-se instituidas nesta Igreja cinco Capellanías: a primeira, de que he Capellaõ, e Administrador o Prior, instituío Aires Martins, e sua mulher Maria Esteves, Padroeiros, com o titulo de Santo Ambrosio, e com Missa quotidiana, que hoje se acha na esmola de tostaõ, mas tem casas de resi-

---

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 73.

ſidencia. Junto ao Altar deſta Capella eſtaõ ſepultados a dita Inſtituidora, e ſeus filhos; e da inſcripçaõ da meſma ſepultura conſta, que ſeu marido, e Padroeiro An[illegible] Martins, indo viſitar os lugares ſantos de Jeruſalem, morrera no caminho.

25 A ſegunda Capella inſtituio hum Beneficiado, que foy deſta Igreja, Martinho Domingues, na Capella de Noſſa Senhora da Vida com a eſmola ordinaria de ſeis vintens. Saõ ſeus Adminiſtradores, e Donatarios o Prior, e Beneficiados. A terceira inſtituío na meſma Capella hum Prior, que foy deſta Igreja chamado Bartholomeu Vaz de Lemos, com obrigaçaõ de Miſſa cantada em todos os Sabbados: anda a adminiſtraçaõ della na caſa, e morgado de Joaõ Pedro de Noronha Soares.

26 Inſtituío a quarta Capella Antonio Alvares Malheiros com Miſſa quotidiana na Capella de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, de eſmola de trinta e cinco mil reis, que hoje ſe acha reduzida a meyo annal de Miſſas, e he ſeu Adminiſtrador Jeronymo Leite Malheiro Pacheco. A quinta he a do Senhor Jeſus da Pobreza, e Almas, erecta ha pouco tempo por huma nova Irmandade, que fabricou eſta Capella no vaõ, que ſervia de porta traveſſa da Igreja, e tem hum Capellaõ, que lhe diz Miſſa todos os Domingos, e dias Santos do anno, a quem ſe dá cincoenta mil reis.

27 A Padroeira inſtituío mais neſta Igreja ſete Mercieiras, que hoje ſe achaõ reduzidas a quatro por Bulla de Xiſto V. deſde o anno de 1586. Tem caſas em que vivem, e cada huma cincoenta e dous alqueires de trigo cada anno; duzentos e cincoenta reis em dinheiro cada mez, dez toſtões para manto, trezentos reis para çapatos, dous toſtões para o jantar da Paſcoa, e outros dous para o do Natal, e hum pote de azeite. Provê eſtas merciarías o Prior em mulheres donzellas honeſtas, e recolhidas, ou viuvas de bom procedimento, preferindo ſempre as

que tiverem tido bens de ſeu, e ſe acharem reduzi-
das a pobreza. Diſpoz mais a Padroeira, que no fim
de Laudes, e Veſperas ſe lhe rezaſſe no Cor[illegible]
Reſponſo; e em dia da Com[illegible]uração dos De-
funtos ſe diſtribuiſſe [illegible] pobres, e neceſſitados
hum ſaco de [illegible] que tudo ſe tem dado cumpri-
mento. Com o lamentavel ſucceſſo do terremoto
paſſado cahio todo o corpo da Igreja até a porta,
a qual ficando com as ruinas entulhada, a gente que
eſtava dentro eſcapou toda felizmente, retirando-ſe
pela ſerventia, que tem o Prior para as caſas da ſua
reſidencia. Ficou todavia livre a Capella mór, o
Cruzeiro, a Sacriſtia, e as duas Capellas de Santo
Ambroſio, e a da Senhora da Vida, que he Ima-
gem milagroſa, e de muita devoçaõ, a qual paſſa-
dos tres dias foy tirada a todo o riſco por certos de-
votos, que a foraõ collocar em hum Altar da Igre-
ja do Menino Deos, que eſtá perto, para onde foy
tambem conduzido o Diviniſſimo Sacramento. Alli
eſteve até que o Prior mandando fazer à ſua cuſta,
e dos Beneficiados huma decente accommodaçaõ de
madeira dentro da meſma Igreja Paroquial, e na
parte que naõ teve ruina, fez reſtituir outra vez o
Sacramento, e a Imagem da Senhora immaculada,
collocando-a no Altar mór, e deu principio aos Di-
vinos Officios em dia da Conceiçaõ da Virgem, no
meſmo anno, com huma ſolemne Miſſa cantada em
acçaõ de graças. Neſte eſtado ſe acha a Igreja, e
ſe vaõ continuando nella os Officios Eccleſiaſticos
com o decoro poſſivel.

29. Tem dentro do ſeu territorio o

Convento.

Noſſa Senhora da Graça. De Religioſos Eremitas
de Santo Agoſtinho, Templo de huma nobre, e
mageſtoſa fabrica, elevada ſobre a eminencia de
hum

num ſitio chamado em outro tempo *Almofala*, que ultimamente reedificara o Veneravel Fr. Luiz de Montoya no anno de 1556. O Author da *Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 357.*, largamente o deſcreve. Entre todas as ſuas partes mais memoraveis, ſerá ſempre digna de attençaõ a ſingular tribuna, com o ſeu preciofiſſimo cofre, depoſito do Santiſſimo Sacramento. Prenda compoſta de muitas dadivas, para as quaes concorreraõ o Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes, o de Hiponia D. Fr. Antonio Botado, e Filippa de Vilhena, mulher do grande Vice-Rey da India Affonſo de Albuquerque. Igual apreço ſe deve fazer da Capella do Senhor dos Paſſos, cuja Imagem de Chriſto com a Cruz às coſtas he da mayor veneraçaõ, e reſpeito que tem eſta Corte, e talvez o Reino. Merece tambem eſpecial memoria a primoroſa Sacriſtia, na qual ſe fazia admiravel o mais rico, e decente depoſito dos Vaſos, e Reliquias ſagradas, para cujo diſpendio, e ornato contribuío muito o precioſo movel de Mendo de Foyos Pereira, Secretario de Eſtado delRey D. Pedro II. Naõ menos he attendivel a excellente Bibliotheca, onde ſe numera huma grande, e eſcolhida collecçaõ de volumes de todas as faculdades, e bellas letras, impreſſos, e manuſcriptos.

30 Padeceo muito eſte edificio com o grande terremoto, eſpecialmente a Igreja. Apontaremos em ſumma as partes mais conſideraveis da ſua ruina. Sendo o Coro della hum dos melhores da Corte, e eſtando os Religioſos nelle cantando Terça para ſe entrar à Miſſa Conventual, ao ſegundo Pſalmo começou a abalarſe tudo com hum vehementiſſimo tremor: ſahiraõ os Religioſos a toda a preſſa, quando de improviſo cahio o tecto, e logo o plano com tanta violencia, que a Imagem de hum Crucifixo, collocada junto às grades do dito Coro, ſe fez em pedaços, e ſe lhe foy achar a cabeça na Capella

mór,

mór, que he huma grande distancia. Aqui se destruío totalmente naõ só todo o ornato do Coro, mas tres admiraveis orgãos, que nelle estavaõ, fazendo-se mais sensivel a perda do mayor, por ser antigo, e por ter humas vozes suavissimas, a que talvez naõ igualasse outro algum da Cidade.

31 Depois do Coro cahio a Capella mór, mas ficou livre toda a sua grande tribuna, e nella o Santissimo Sacramento, que estava recluso no precioso, e singular cofre. Logo cahio o tecto do cruzeiro, e o da Igreja com seus altissimos gigantes, exceptuando hum, que com admiraçaõ de todos ficou sustido em huma pequena parte da sua baze, dando nisto a inferirse, que o movimento do terremoto fora provavelmente o de pulsaçaõ. Deve aqui notarse, que sendo as paredes mestras da Igreja fabricadas sem alicerses, conforme a santa idéa do Veneravel Montoya, que nas Cruzes que mandou distribuir, e collocar pela ultima cimalha, dizia estava toda a firmeza daquella maquina, foy cousa prodigiosa, que nenhuma dellas teve agora ruina, ficando firmes como dantes; excepto a parede do frontispicio, que sem embargo de ser mais forte, por ser feita posteriormente ao Veneravel Padre, se arruinou.

32 Quasi todas as Capellas do corpo da Igreja padeceraõ igual ruina com mais, ou menos damno. As duas collateraes do cruzeiro ficaraõ totalmente destruidas; porém as suas sagradas Imagens com felicidade se descobriraõ, e recuperaraõ. Eraõ ellas a sempre veneravel do Senhor dos Passos, que ficando dentro da sua tribuna opprimida com o pezo da parede, que sobre ella cahio, foy extrahida pela nobre, e pia diligencia de alguns Grandes da Corte, suggeridos do empenho, e devoçaõ do nosso Monarca Fidelissimo. A outra Imagem era a prodigiosa da Senhora da Graça, cujo corpo sendo cuberto de prata primorosamente lavrada em tempo,

e

e por obſequio da Infanta D. Maria, filha do Senhor Rey D. Manoel, ſe achou todo desfeito; porém a cabeça, e as mãos ſem macula conſideravel: devendo-ſe à piedade do Illuſtriſſimo Monſenhor Joſeph Franciſco de Mendoça, que muito ſe preza de ſer ſeu afilhado, a nova refórma do corpo da Senhora, que hoje ſe vê caprichoſamente eſtofado.

33 Eſtas duas Imagens ſe achaõ já expoſtas à publica veneraçaõ dos Fieis; participando tambem do meſmo culto a Imagem veneranda, e prodigioſa do Santo Chriſto crucificado, que ao Veneravel Padre Montoya vieraõ offerecer dous mancebos quaſi myſterioſamente. Eſta deſcoberta de entre as ruinas ſem lezaõ reputavel, por diligencia do Excellentiſſimo Biſpo do Porto D. Fr. Antonio de Souſa, ſe collocou em huma bem ornada Capella, que elle lhe mandou edificar no antecoro, que de preſente tem o Convento, e depois ſe trasladou para a Capella do Sacramento.

34 A nobiliſſima Sacriſtia com o ſeu notavel Santuario tambem ſe arruinou, cahindo naõ ſó o tecto, mas a parede, que a dividia da Capella mór; e com eſta o Altar, em que ſe conſervavaõ as mais precioſas Reliquias. Deſtas ſe acharaõ muitas em ſeus lugares: taes foraõ ſeis corpos de prata dos Santos Apoſtolos, a de Santo Agoſtinho, Santa Monica, os Santos Lenhos, a cabeça de Santa Chriſtina, e outras nos ſeus cofres tambem de prata: entre eſtas ſe achou ſem damno algum a cana de hum braço do glorioſo Martyr S. Vicente, que agora ſe faz mais eſtimavel, por ſer a unica Reliquia notavel, que exiſte do corpo do Santo, depois que no grande incendio, de que participou a Baſilica de Santa Maria, ſe reduzio laſtimoſamente a cinzas o tumulo, e o cofre em que ſe achava depoſitado. Conſervaõ os Religioſos eſta Reliquia de tempo antiquiſſimo, e como teſtemunho certo, e invariavel

vel da antiguidade do ſeu Convento. (1)

35 Appareceo tambem debaixo daquellas ruinas a grande, e precioſa Cruz, donativo que fez a eſte Convento o Illuſtriſſimo D. Fr. Aleixo de Menezes; e ſem embargo de ſe achar com baſtantes quebras, e muitas de ſuas pedras precioſas, ſacudidas della com impulſo da ruina, quaſi todas ſe deſcobriraõ, excepto hum diamante de mayor grandeza, e algumas outras pedras mais miudas, que naõ appareceraõ. Acha-ſe todavia taõ rico, e veneravel inſtrumento da Redempçaõ humana já concertado, e reſtituido à ſua antiga fórma. Os ornamentos, e mais prata da Sacriſtia tudo ſe ſalvou, ainda que eſta pela mayor parte baſtantemente damnificada; porém aquelles ſe preſervaraõ de todo o riſco, por cauſa dos fortiſſimos caixões, em que ſe guardavaõ. O que ſe faz ſenſivel he deſtruirſe totalmente a maravilhoſa pedra, que eſtava no meyo da Sacriſtia, onde ſe collocavaõ os Calices; porque naõ ſó era eſtimavel pelo precioſo da materia, mas pelo exquiſito debuxo de ſeus marchetados, e embutidos: os Calices porém ſuppoſto ficarem todos amaſſados, já ſe achaõ reſtituidos à ſua antiga fórma, e dourados de novo.

36 O clauſtro grande, ſendo todo fabricado de cantaria, padeceo grandiſſimo abalo em ſuas abobedas, e cahio quaſi toda a cimalha real, e os balauſtres com ſeu corrimaõ, que formavaõ as varandas por cima della. A formoſa caſa da Livraria com ſuas eſtantes de grande cuſto, e o dormitorio do Novicia-

---

[1] Fundaõ-ſe na memoria da Trasladaçaõ do invicto Martyr, feita por Eſtevaõ, Chantre da meſma Sé, e coetano, a qual ſe tranſcreve no Appendix da 3 p. da Monarq. Luſit. Eſcritur. 25., onde ſe lem eſtas palavras: *Currunt igitur pranominati Regulares aliquid de Reliquiis pretioſi Martyris petituri.* Donde ſe infere, que os taes Religioſos eraõ Eremitas de S. Agoſtinho; pois que entre elles ſe acha de tempo immemorial huma tal Reliquia do Santo Martyr, que elles pediraõ com tanta efficacia, e juſtiça; e he crivel ſer eſta a que ſe lhes deu entaõ

ciado, que ficava por baixo, tudo se arruinou; porém o incansavel zelo, e desvélo do Excellentissimo Bispo do Porto, Provincial que entaõ era, acodindo prompto ao desentulho, fez com que os livros naõ padecessem damno consideravel, e lhe destinou a casa da livraria velha, que fica por cima do Capitulo, para sua mais segura residencia, mandando reedificar tambem o dormitorio do Noviciado: fez examinar por Arquitectos a torre dos sinos; mas por estarem todas as suas pedras gateadas de ferro, desenganaraõ os Mestres que tinhaõ a segurança precisa, posto que o sentimento, que fizeraõ as suas obras mortas, e adjacentes, causasse susto ao principio.

37 Em todo este lamentavel catastrofe ficaraõ comprehendidos dous Religiosos, que estavaõ no Confessionario, o Padre M. Fr. Marcos de Santo Antonio, e o Definidor Fr. Alberto de Brito. Vendo em fim os Religiosos, que as suas forças naõ podiaõ chegar ao reparo, e reedificaçaõ de taõ magnifico edificio; porque constando, que semelhante obra custara ao Veneravel Padre Fr. Luiz de Montoya, em tempo que tudo era mais barato, sessenta mil cruzados, e agora seriaõ precisos mais de seiscentos, tomaraõ a resoluçaõ de formar Igreja na casa grande entre o claustro, e portaria, a qual tem adornado com cinco Altares, e sua quadratura, em que celebraõ os Officios Divinos com toda a decencia.

Ermida.

O Senhor dos Passos. Na calçada, que vay para a Graça, a qual administra a Irmandade do Santissimo da Freguezia.

38 Constava esta Freguezia antes do terremoto de cento, e quarenta fogos, e numerava setenta moradas de casas, em que habitavaõ quinhentas e cincoenta pessoas. Depois do terremoto achaõ-se du-

zentos e treze fogos, e setecentas cincoenta e sete pessoas. Este augmento he causado de algumas propriedades de casas, que de novo se fizeraõ junto ao sequeiro chamado da Graça. Distribuem-se pelas seguintes

Ruas, e Becos.

Adro da Igreja, rua Direita, rua dos Cegos, beco dos Froes, beco da Lage, calçada do Convento da Graça.

Freguezias confinantes.

Santa Marinha, S. Thomé.

III.

Nossa Senhora dos Anjos.

39 HE esta Freguezia filial da de Santa Justa, que o Cardeal Arcebispo D. Henrique desannexou della, por ser grande o seu destricto, estabelecendo-a na Ermida de Nossa Senhora dos Anjos, que depois se ampliou com o dinheiro produzido de cinco por cento dos alugueres das casas existentes na mesma Paroquia em tempo delRey Filippe IV. O Paroco tendo sómente titulo de Cura, o Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida o collou em o predicamento de Reitor, cuja Reitoria lhe renderá setecentos e cincoenta mil reis.

40 Nesta Igreja ha huma Collegiada de onze Capellães com sessenta e quatro mil reis de congrua annual cada hum, e he seu Donatario, e Administrador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Ha mais a Irmandade do Santissimo com dous Capellães, a das Almas com quatorze, a de Nossa Senhora da Conceiçaõ com hum: a Confraria dos Anjos com hum, e a de S. Joaõ Bautista com outro.

41 Por causa do terremoto ficou esta Igreja arruinada, e assim o Paroco transferio o Sacramento

pa-

para a Ermida do Desembargador Alexandre Metello no Campo do Curral, onde existio por alguns annos. A mesma destruiçaõ experimentaraõ muitas propriedades de todo este territorio; das quaes humas já estaõ reparadas, outras jazem na mesma ruina. Dentro dos limites desta Paroquia desde as portas do Paço da Rainha, ou Bemposta até Arroyos, e dentro do Olival de Nossa Senhora do Monte se fizeraõ de novo varios abarracamentos fabricados huns de madeira, e tabique, outros de pedra, e cal, para habitaçaõ de muita gente, que para alli veyo fugindo ao incendio, e destroço do interior da Cidade.

42 Estaõ edificados na circumferencia desta Freguezia os seguintes

Conventos.

Nossa Senhora do Desterro. De Religiosos Bernardos, fundado no anno de 1591, segundo consta de huma inscripçaõ aberta em pedra, que se vê collocada no claustro velho, a qual transcreve o Author do *Santuario Mariano em o tomo* 1. *pag.* 289. Ordinariamente assistem aqui poucos Religiosos. No anno de 1750 foraõ levados a occupar este Convento os doentes do Hospital Real, que em 10 de Agosto do dito anno se vio reduzido a cinzas com hum deploravel incendio. Fizeraõ-se as accommodações precisas para todos à custa da Fazenda Real, com que a grande piedade do Fidelissimo Rey D. Joseph I. mandou benigno soccorrer o seu desamparo. Aqui estiveraõ até o anno de 1751, em que voltaraõ para a enfermaria de S. Camillo, que foy a que sómente escapou no sobredito Hospital, e os Religiosos se restituiraõ outra vez ao seu Convento, que em todo este tempo haviaõ estado hospedados nos Paços chamados do Arcebispo a Santa Maria. Experimentou este edificio com o terremoto a ruina da Igreja, cujas abobedas totalmente se abateraõ.

O Convento poſto que em partes arruinado, ainda ſe habita pelos Religioſos.

43 *Noſſa Senhora de Penha de França.* De Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho. Eſtá edificado eſte Convento na eminencia de hum monte entre os mais altos da Cidade, e no ſitio chamado antigamente *Cabeça de Alperche*, donde com agradavel perſpectiva ſe moſtra aos olhos hum dos mais formoſos paineis, que a natureza pode pintar; porque olhando do alto para o fundo da campina dilatada, eſtaõ-ſe vendo em todos os ſeus arredores copioſos arvoredos, quintas agradaveis, hortas amenas, e terras lavradías; e ao longe montes, e ſerras, que dalli ſe aviſtaõ na diſtancia de mais de oito legoas.

44 Deve o ſeu principio ao zelo de hum Antonio Simões, official de Dourador, que no primeiro de Agoſto de 1603, fazendo doaçaõ aos Religioſos da Igreja da Senhora de Penha de França, que já exiſtia deſde o anno de 1597, elles com eſmolas foraõ fazendo o Convento, e o chegaraõ a concluir com os bens de Antonio Cavide, inſigne bemfeitor da Ordem, e devotiſſimo da Senhora. Depois no anno de 1754 ſe renovou a Igreja primoroſamente tambem à cuſta de eſmolas dos Fieis. O Senado de Lisboa por voto que fez em occaſiaõ de huma grande peſte, que em outro tempo opprimira eſta Cidade, coſtuma ir de madrugada em prociſſaõ todos os annos a eſta Igreja em dia de Noſſa Senhora das Neves. (1)

45 Achava-ſe cabalmente perfeito eſte ſagrado edificio, e com a permanencia de cento e cincoenta e dous annos deſde a ſua primeira fundaçaõ, quando ſuccedendo o fatal dia de todos os Santos, padeceo a ſua Igreja hum deſtroço horrivel com o tremendo terremoto. Cahio primeiramente o Coro; e foy

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 149. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 421. Souſa no Agiolog. Luſitan. tom. 4. pag. 436.

foy alta providencia de Deos, que sendo tempo de se congregarem nelle os Religiosos para rezar, mandasse o Prelado suspender naquella hora o toque do sino, em quanto se demoravaõ alguma cousa mais na Igreja com a expediçaõ das confissões dos Fieis, que em grande numero haviaõ alli concorrido. A verdade do successo fez ver depois, que aquella suspensaõ de minutos ao ingresso do Coro, mais pareceo cautela cheya de vaticinio, que de acaso, para que naquelle lugar ninguem perecesse.

46 Outra differença de sorte experimentaraõ os que se achavaõ dentro da Igreja, porque cahindo as suas abobedas de improviso, ficaraõ todos sepultados debaixo dellas. Conjectura-se, que seriaõ mais de trezentos os mortos: o certo he, que pelo numero das sagradas Fórmas, que se achou menos nas Pyxides do Sacrario, se calculou depois terem commungado naquelle dia oitocentas pessoas. Aqui acabou entre ellas, ajudando à Missa, o Irmaõ Leigo Fr. André de Penha de França, natural de Chaves, de idade mais de setenta annos, e Religioso em quem resplandecia hum conglebado de muitas virtudes. Acompanhou-o no mesmo fim o Irmaõ Donato Joseph de Macedo. Igual saudade deixou o Padre Fr. Joseph de S. Joaquim, o qual dous mezes antes tendo dito a sua primeira Missa nova, e naquelle dia havendo-a acabado de dizer, se achava dando graças a Deos na sua cella, que abatendo-se com elle, o sepultou.

47 Cahindo a Capella mór, e a sua tribuna, ficou a Imagem da veneranda, e milagrosa Senhora de Penha de França debaixo das suas ruinas; e acodindo logo os Religiosos com muita gente no Domingo seguinte para diligenciarem a sua extracçaõ, se singularizou entre todos naquella empreza o gentil desembaraço de hum valeroso Sargento chamado Antonio Dias Panaõ, para o qual estava guardada a gloria de salvar daquellas ruinas o sagrado vulto da

Se-

Senhora. Com incansavel diligencia descobrio elle a Imagem, e recebendo-a logo com fervorosa devoçaõ em seus braços, entoando louvores ao Ceo, com immenso povo que o seguia, a foy transferir, e collocar sobre o eirado de huma quinta proxima ao adro da Igreja para ser vista de todos. Alli esteve a prodigiosa Senhora quasi hum mez assistida dos Religiosos, e de hum extraordinario concurso do povo, que a todas as horas com perpetuos rogos, e incessantes lagrimas pediaõ a Deos pelos merecimentos de taõ soberana Virgem a suspensaõ daquelle flagello.

48 Como os Religiosos nunca se apartaraõ do Convento, e ficaraõ na sua cerca administrando o remedio espiritual a muita gente, foraõ proseguindo na tarde da segunda feira o desentulho das ruinas; entre as quaes descobrindo o cofre do Sacramento, que se achou intacto, o levaraõ para a Ermida da Senhora do Monteagudo, que fica pouco distante, com huma devota procissaõ. Logo na terça feira, continuando a empreza, descobriraõ felizmente vivo, de entre as ruinas, hum homem chamado Filippe Neri, mestre Pedreiro, que como estava ainda escrito no livro da vida, foy respeitado em todo aquelle tempo da sua sepultura dos proprios instrumentos, que a outros serviraõ de morte.

49 Na casa chamada de Profundis, dentro do Convento, levantaraõ os Religiosos hum Altar, onde collocaraõ o Sacrario. Depois com a possivel decencia fizeraõ huma barraca de madeira, em que despenderaõ quatrocentos mil reis, tudo de esmolas, e expozeraõ a veneranda Imagem da Senhora. Porém concorrendo cada vez mais a piedade, e devoçaõ, erigiraõ huma nova Igreja de tabique, e de pedra, e cal, que tem importado doze mil cruzados, onde a Senhora he venerada, como sempre, pelos Fieis com hum culto, e fervor extraordinario.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Hospicio de Religiosos Capuchos da Provincia da Conceiçaõ da Beira, e Minho, reedificado no anno de 1738 na estrada da Carreira dos Cavallos pela devoçaõ, e dispendio do Serenissimo Infante D. Francisco; e ultimamente o Serenissimo Senhor Infante D. Pedro o mandou reedificar de novo no anno de 1755 em todas as suas officinas, dormitorios, e cellas com generosidade verdadeiramente Regia. Com o terremoto padeceo pequeno damno; porém os Religiosos para se livrarem de todo o susto, rezaraõ alguns tempos na portaria, e mandaraõ renovar na parede do Altar mór hum pedaço de abobeda, que unicamente padecera.

Nossa Senhora da Nazareth. Collegio, e Noviciado que foy dos Padres Jesuitas, que se destinavaõ para as Missões da India, foy fundado no sitio de Arroyos em o anno de 1705. Foy pequena a ruina, que o terremoto causou a este edificio, que já se acha restaurada.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta dos Cyprestes, que he de Francisco Monteiro de Sousa.

Santo Antonio. Na quinta de Luiz Alvares de Andrade, acima de Arroyos.

Santa Barbara. Na quinta que foy do Desembargador Luiz Borges de Carvalho, e hoje he de D. Ignez Rosa de Moura. Naõ teve com o terremoto destroço algum, antes ficou taõ intacta, que se abrigou nella a Parroquia de S. Jorge.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Nas casas de D. Christovaõ Manoel de Vilhena a Arroyos. Tambem naõ padeceo ruina consideravel.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Pina.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. No campo Real da Bemposta. Foy erecta pela Serenissima Infanta de Portugal, e Rainha de Graõ Bretanha a Senhora D. Catharina, estabelecendo nesta Igreja, e Capella

Real

Real huma Collegiada com doze Capellães cantores obrigados ao Coro todos os dias, e com a congrua de oitenta mil reis cada hum. He hoje seu Donatario, e Administrador o Sereniſſimo Senhor Infante D. Pedro, por ter conſeguido por ſentença a grande Caſa do Infantado, o qual em 11 de Dezembro de 1758 accreſcentou mais oito Capellães com cem mil reis cada hum de congrua, hum Theſoureiro, hum Moço de Capella, cinco Cantores, hum Organiſta, e hum Maceiro, e fez reduzir a Igreja a fórma magnifica, e competente a huma Regia Collegiada.

S. Gonçalo. Ao poço dos Mouros, de que he Adminiſtrador Jeronymo Pereira Coutinho.

Jeſus, Maria, Joſeph. No Paço da Bempoſta, de que he Adminiſtrador Joaõ da Silva Furtado. Com o terremoto ficou arruinada baſtantemente.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta da Cruz de Almada.

S. Joaõ Bautiſta. Na quinta que hoje he do Deſembargador Joaõ Marques Bacalhão.

Noſſa Senhora do Monte. Foy edificada no anno de 1243 por huma D. Suſana. Os Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho logo nos principios da ſua introducçaõ neſta Cidade habitaraõ aqui, e foy eſte o ſegundo Convento, que tiveraõ com o titulo de Eremitorio de S. Gens. Por juſtos motivos o deſampararaõ, mas ſempre ficaraõ conſervando a ſua adminiſtraçaõ, e he governada por hum Capellaõ, Religioſo do meſmo Convento, eleito em Capitulo.

50 Debaixo do alpendre deſta Igreja, em hum angulo delle, permanece ainda a cadeira de S. Gens, que o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha conjectura ter ſido Biſpo de Liſboa. Eſteve ella na primeira habitaçaõ deſtes Religioſos Eremitas na raiz do monte, na qual dizem ſe ſentava aquelle ſanto Prelado para prégar ao povo: foy tansferida para o ſitio onde agora ſe acha: e he mayor a ſua veneraçaõ, depois

pois que a Sereniſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria lhe mandou pôr grades de ferro à roda na occaſiaõ quando veyo aqui no anno de 1723 ſentar-ſe nella para ſer bem ſuccedida nos ſeus Reaes partos, ſegundo a inveterada fé, que as matronas Liſbonenſes tem com a interceſſaõ deſte Santo, experimentando quando eſtaõ proximas ao parto, o ſerem bem ſuccedidas, ſe aſſim o executaõ.

51 Totalmente ſe arruinou eſta Ermida com o terremoto, fallecendo debaixo de ſuas ruinas o Ermitaõ Donato da Ordem, que tinha naquelle inſtante acabado de commungar, e ſe achou depois de joelhos com os braços em cruz. A ſagrada Imagem da Senhora, que he perfeitiſſima, e titular da Igreja, ſe achou debaixo das ruinas ſem leſaõ conſideravel, e logo o Padre Capellaõ regente, com adjutorio de muitos devotos, lhe fez edificar huma Capella de madeira no meſmo ſitio, e territorio da Ermida, onde com a poſſivel decencia foy por algum tempo venerada, e com fervor ſe foy cuidando na reedificaçaõ do Templo arruinado para onde depois ſe trasladou.

Noſſa Senhora do Monteagudo. Exiſte no caminho de Penha de França. Foy edificada por Lourenço Pires de Carvalho, Commiſſario da Bulla da Cruzada, no anno de 1693, e he hoje ſeu Adminiſtrador o Conde de Soure. Ficou intacta, e firme aos impulſos do terremoto.

Noſſa Senhora da Nazareth. Nas Olarias.

Noſſa Senhora do Populo. No Palacio de D. Franciſco Innocencio de Souſa Coutinho em Arroyos.

Noſſa Senhora dos Remedios. Na quinta de Manoel de Oliveira.

Santa Roſa. Em Arroyos no Palacio do Senhor de Murça. Naõ ſentio ruina alguma. Antes para eſta Ermida ſe foraõ refugiar algumas Paroquias.

S. Vicente Ferrer. Ao forno do tijolo. Tambem naõ padeceo ruina.

52 Constava esta Freguezia antes do terremoto de dous mil cento e quarenta fogos; agora numera em todo o seu destricto, e habitantes em casas, dous mil cento e dezasete fogos: e dispersos naõ só nos dous abarracamentos, que acima dissemos dentro nos limites da Freguezia, mas tambem nas outras alheyas, que conforme a Pastoral do Eminentissimo Cardeal Patriarca, se reputaõ como proprias, duzentos noventa e tres fogos; que todos juntos vem a fazer o numero de dous mil quatrocentos e dez fogos, até o anno de 1757. Consta das seguintes

Ruas.

Arroyos, Santa Barbara, Bemposta grande, e pequena, Bombarda, Calçadas de Alvalade, de Santo André, do Conde de Pombeiro, do Monte, Caracol da Penha, Carreira dos Cavallos, Carreirinha, Cruz dos quatro caminhos, Cruz dos Siganos, Estrada de Sacavem, Fontainha, Graça, Monteagudo, Olarias, Penha de França, Poço de Mouros, Rol, Rua Nova, Sol, Terreirinho, Travessa do Monte.

Becos.

Almocreves, Cativos, Joaõ do Monte, Jordaõ, Imaginario.

Freguezias confinantes.

Santo André, Santa Engracia, S. Lourenço, Senhora dos Olivaes, Senhora da Pena, S. Sebastiaõ da Pedreira, Senhora do Soccorro.

IV.

S. Bartholomeu.

53 A Mayor antiguidade, que podémos descobrir desta Paroquia, he a que consta de huma escritura feita pelo Bispo de Lisboa D. Alvaro no anno de 1168, na qual se faz já mençaõ da Igreja de S. Bartholomeu, como bem adverte D. Ro-

Rodrigo da Cunha. (1) Foy Capella Real delRey D. Diniz, quando vivia no palacio fronteiro da Igreja, para a qual tinha paſſadiço, e tribuna: e querendo o Biſpo D. Domingos Jardo fundar o Hoſpital de S. Paulo, hoje Convento de Santo Eloy, no deſtricto deſta Freguezia, ElRey D. Diniz no anno de 1286 lhe fez mercê do Padroado della para applicar ao Hoſpital as ſuas rendas. (2)

54 De ſorte, que o Reitor de Santo Eloy, em quem recahio o Padroado por transferencia do Biſpo, he o que hoje apreſenta a dita Igreja, que renderá, huns annos por outros, ſeiſcentos mil reis. Reedificou-ſe o antigo edificio por diligencia do Prior Manoel da Silva e Moura pelos annos de 1707, pouco mais, ou menos. (3)

55 Ha aqui tres Beneficios, que apreſenta, e colla o Reitor do ſobredito Convento, e renderá cada hum, entre frutos, anniverſarios, e pé de Altar, noventa mil reis. Ha mais tres Capellanías: huma que inſtituío Joaõ da Fonſeca com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, e de rezar no Coro: outra que ordenou Maria de Alcaçova, mulher de Antaõ da Fonſeca: outra de Franciſco de Matos, que todas pelo ſeu tenue rendimento ſe naõ ſatisfazem, e vaõ para os legados naõ cumpridos. Houve aqui tambem outra Capella, que inſtituío o Biſpo do Algarve Joaõ Soares Alaõ no anno de 1308, de que ſe lembra o Author da Monarquia Luſitana, liv. 18. c. 30. Ha mais na Igreja duas Confrarias, huma das Almas com a protecçaõ de S. Miguel: outra de Santo Antonio dos Pobres, além da do Santiſſimo Sacramento.

56 Naõ lhe reſultou a eſta Igreja pequeno prejuizo com o terremoto, e incendio memoravel; porque hum lhe derrubou o tecto, e frontaria; e ou-

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa part. 2. cap. 7. [2] Ibid. cap. 69. Monarq. Luſit. liv. 16. cap. 54. [3] Santuar. Marian. tom. 7. p. 136.

outro lhe destruío as melhores tres Capellas, que tinha: devorou a mayor parte da sua prata, e dos seus ornamentos, e tirou a vida a quarenta e cinco pessoas desta Paroquia; salvando-se todavia sem lesaõ alguma os ornatos, e mais fabrica pertencentes à milagrosa Imagem da Senhora da Graça. Vendo-se neste desamparo, e consternaçaõ o Paroco desta Igreja, como os seus freguezes se tinhaõ ido abarracar em mayor numero para o Campo de Santa Clara, quinta do Alcaide Fidalgo, Cardal, e Cruz dos quatro caminhos, determinou erigir huma barraca decente, posto que pobre, no Cardal da Graça, aonde existio, sem faltar à administraçaõ dos Sacramentos.

57 Ha no seu destricto os Templos seguintes.

Convento.

Santo Eloy. De Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista. Foy fundado pelo Bispo D. Domingos Jardo no anno de 1286 com o titulo de Hospital de S. Paulo. Por morte do Bispo ficou seu sobrinho Affonso Annes com o governo do dito Hospital, e com o titulo de Provedor; até que indo em decadencia a sua administraçaõ, recorrendo ao Papa Eugenio IV. o Infante D. Pedro, que governava este Reino pela minoridade de D. Affonso V., o deu a esta nobilissima Congregaçaõ, do qual tomou posse D. Affonso Nogueira em 24 de Abril de 1442. Foraõ os Conegos desta veneravel Congregaçaõ os que instituiraõ a primeira Irmandade do Santissimo Sacramento, que houve em Lisboa. (1)

58 Com o grande, e insolito abalo do terremoto, padeceo esta Igreja notavel destroço. Cahiraõ-lhe immediatamente as duas torres, huma chamada a torre velha, onde estavaõ os sinos, e o relogio; e

[1] Santa Maria no Ceo Aberto na Terra liv. 1. p. 299. e liv. 2. p. 437. Santuar. Marian. tom. 1. p. 188.

e a outra chamada a torre nova, que ainda naõ tinha ſinos, e exiſtia por cima da porta da Igreja. Logo lhe cahio o tecto, e as ſuas paredes até as cimalhas das Capellas, ficando os dous arcos da Capella mór, e do Coro em pé. Ao meſmo tempo cahio tambem o tecto da Sacriſtia, e huma parede, que ficava para a banda do pateo, e corria igual com a parede fronteira da Capella mór, que toda ſe abateo.

59 Neſte eſtrago conjectura-ſe, que acabaraõ a vida mais de noventa peſſoas; e da Communidade pereceraõ o Reitor, e Vice-Reitor, o Procurador geral, mais dous Padres, hum Coriſta, e hum Leigo.

60 O Convento ſó teve de ruina com o terremoto, cahir ametade da parede do frontiſpicio para a parte do Limoeiro: o mais reſiſtio firme; porém ſobrevindo o fogo, ardeo todo o dormitorio, e livraria, que eſtava nas varandas do clauſtro; ficando todavia illeſas do incendio a caſa do Cartorio, que tambem eſtava no meſmo clauſtro, e a Igreja, e a Sacriſtia: mas naõ ſe poderaõ livrar da actividade das chammas os celeiros, adegas, refeitorio, e botica, que eſtavaõ por baixo do dormitorio.

61 Reſolveraõ os Padres neſte deſamparo hirem no meſmo dia buſcar o abrigo de outro ſeu Convento, que tem em o ſitio de Xabregas junto à marinha; e paſſado algum tempo, o novo Reitor, que elegeraõ, chamado Joſeph da Cruz Ortigaõ, mandou fazer no clauſtro deſte Convento arruinado huma barraca por modo de hoſpicio, e no andar de cima nove cellas. Fez mais huma Capellinha com hum ſó Altar para ſe dizer Miſſa, e outras accommodações, e officinas, em que actualmente aſſiſte com dous Padres, e tres Leigos.

Seminario.

Santa Catharina. De Collegiaes feculares, eftabelecido pelo Cardeal D. Henrique, fendo Arcebifpo de Lisboa. Eraõ governados por hum Reitor Jefuita, e Vice-Reitor Clerigo fecular, que os acompanhava ao Collegio de Santo Antaõ, onde hiaõ aprender as faculdades, que alli fe enfinavaõ. Tambem padeceo muito com o terremoto, e incendio, ficando em deploravel eftado.

62 Conftava efta Freguezia antes do terremoto de cento e quarenta fogos, e de quinhentas peffoas: prefentemente acha-fe com cincoenta e hum fogos, e cento e fetenta peffoas; porque fe arruinaraõ, e deftruiraõ com o fogo mais de noventa e fete moradas de cafas. As ruas eftaõ quafi defertas, e faõ as feguintes.

Ruas.

Amargura, Chaõ da Feira, Jerufalem, Lage, Paffadiço, Portas de Alfofa, Seminario, Torre, Traveffa do Chaõ da Feira.

Freguezias confinantes.

Santa Cruz do Caftello, S. Mamede, Santa Maria, Santiago.

V.

Santa Catharina.

63 FOy fundada efta Igreja na eminencia de hum monte, chamado antigamente do Pico, ou Belvèr, em 27 de Mayo de 1557 pela devoçaõ delRey D. Joaõ III., e da Rainha D. Catharina fua mulher, intervindo o Padre Fr. Miguel de Valença da Ordem de S. Jeronymo. Deu a Rainha para a fua fabrica a mayor parte do gafto, e a dotou de muitos, e preciofos ornamentos. (1) Depois a

[1] Brand. Monarq. Lufit. liv. 18, cap. 46. Cardofo Agiolog. Lufit. tom. 2. pag. 715.

a instancias da mesma Rainha foy erecta em Paroquia com beneplacito do Cabido da Sé Metropolitana por escritura feita em 9 de Outubro de 1559, desmembrando-se do territorio, que pertencia à Paroquia dos Martyres, e começou a exercer as suas regalias desde o primeiro de Janeiro de 1560. (1)

64 Assim a foy possuindo a dita Rainha no seu Real Padroado, conservando porém sempre na sua administraçaõ a Confraria antiga dos Livreiros, (por serem ministros da sabedoria, de que esta Santa he Protectora) os quaes se tinhaõ mudado para esta nova Igreja, da Ermida de Santa Catharina de Ribamar, onde tiveraõ o seu primeiro estabelecimento, desde o anno de 1460; até que a supplicas do Livreiro da Casa Real, fez a Rainha mercê do Padroado ao dito Officio, incorporado em Irmandade no anno de 1567, com a obrigaçaõ de servir sempre de Juiz hum Fidalgo da primeira grandeza, como até o presente se observa.

65 O Paroco tem predicamento de Cura, que a Mesa da sobredita Irmandade, como Donataria, provê annualmente, e tambem tres Coadjutores, e hum Thesoureiro, que saõ os Ministros desta Igreja, aos quaes confirma o Prelado desta Diecese. Ao Cura renderá a Paroquia seiscentos mil reis, só do que se chama pé de Altar, porque naõ tem dizimos, e a cada hum dos Coadjutores cento e sessenta mil reis, e o mesmo ao Thesoureiro.

66 Tem esta Igreja cinco Irmandades, a do Santissimo, a das Almas, Santa Catharina, S. Joseph, S. Sebastiaõ. Conta dezanove Capellas, a saber: quatro da Irmandade do Santissimo, das quaes huma he de sessenta mil reis, e as tres de cincoenta: dez da Irmandade das Almas, todas de quarenta e oito mil reis: huma no Altar de Nossa Senhora da

(1) Bayaõ Portug. Cuidad. liv. 4. cap. 20. Fr. Apollin. Demonstraç. Histor. pag. 212.

da Nazareth com ſua Confraria, e Capellaõ com cincoenta mil reis: huma no Altar do Santo Chriſto de eſmola quotidiana de cento e vinte reis, a qual adminiſtra Bernardo de Almada, Provedor da Caſa da India: duas que adminiſtra a Irmandade da Congregaçaõ da Doutrina, e cada huma de cem mil reis, mas com obrigaçaõ de acompanhar o Santiſſimo; e huma que adminiſtra a Irmandade de Santa Catharina com a congrua de cincoenta mil reis.

67 Experimentou eſta Paroquia baſtante ruina com o terremoto; pois naõ ſó deſtruío o ſeu impulſo a Igreja Paroquial, e a dos Religioſos de Jeſus da Ordem Terceira, mas os palacios do Conde de S. Lourenço, da Condeſſa do Rio-grande, de D. Joſeph de Lancaſtro, de D. Joſeph de Menezes, de D. Antonio Alvares da Cunha, e mais duzentas e quarenta e nove propriedades de caſas de varios ſenhorios, e moradores; das quaes vinte e duas totalmente conſumio o incendio ſubſequentemente ao terremoto.

68 Neſte doloroſo eſtado paſſou logo o Paroco a eſtabelecer a Freguezia na Ermida do Eſpirito Santo do Recolhimento dos Cardaes; e porque eſta naõ tinha commodidade opportuna para ſe recolherem nella as inſignias da Irmandade do Santiſſimo, foy abrigarſe tambem na Barraca dos Religioſos Terceiros, donde ſahia o Santiſſimo por Viatico aos enfermos; conſervando juntamente na dita Ermida o Sacramento para as Communhões quotidianas dos freguezes, e mais povo. Aqui permaneceo até 23 de Novembro de 1757, em cujo dia ſe transferio para a antiga Igreja Paroquial, que ſe acha ſufficientemente reedificada, e onde ſe fez em acçaõ de graças hum triduo feſtivo com toda a ſolemnidade.

69 No ſeu deſtricto exiſtem os Conventos ſeguintes.

Con-

Conventos.

Nossa Senhora de Jesus. De Religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco. Teve origem em huma Ermida, em que habitava hum Ermitaõ no sitio dos Cardaes, e della tomaraõ posse os Religiosos no anno de 1595, onde fizeraõ Hospicio. Depois no anno de 1615 a 30 de Julho se lançou a primeira pedra no edificio novo, em que se disse a primeira Missa a 24 de Fevereiro de 1623. (1) He Templo grandioso com espaçosa área. Fabricou-lhe a Capella mór o Arcebispo de Lisboa D. Joaõ Manoel no anno de 1633, por cujo principio ficaraõ sendo Padroeiros della os Condes de Atalaya, hoje Marquezes de Tancos. A Capella dos Terceiros Seculares he attendivel: fórma quasi huma Igreja separada com sete Altares perfeitamente adornados.

70 Todo este sagrado Templo ficou sujeito à lastimosa ruina, que lhe occasionaraõ os violentos impulsos do terremoto. Cahio primeiramente a parede do oculo, que ficava ao Norte por cima da Capella mór, e arruinando o seu tecto, que era de cantaria almofadada, despedaçou naõ só todo o retabulo de talha dourada, e todo o Altar mór, mas a preciosa Capella do Santissimo, que lhe ficava contigua. Os arcos de pedra, que sustentavaõ o tecto da Igreja, e dividiaõ o Cruzeiro, e o Coro, se desfizeraõ, e levaraõ comsigo parte do ornato do mesmo Coro, e offenderaõ outras partes da Igreja, acabando de se arruinar tudo em a noite de 20 de Janeiro de 1756, em que cahio o tecto da Igreja, e se perdeo o Coro, que conforme os Arquitectos

[1] Assim o refere Fr. Appollinar. da Conceiçaõ no Claustro Franciscan. pag. 66.; porém Jorge Cardoso no Agiolog. tom. 1. pag. 87. diz, que os Religiosos tomaraõ posse a 4 de Outubro de 1599, a quem segue D. Luiz de Lima na Geogr. Histor. tom. 2. p. 151, e o Author do Santuar. Marian. tom. 1. p. 308., e tom. 7. p. 109.

de bom goſto, era o mais formoſo, e regular, que havia na Corte.

71 Arruinou-ſe tambem a caſa do Refeitorio magnifica, o Dormitorio da parte do Sul, e o do Cardal, que fica ao Norte; o lanço do Clauſtro immediato à Igreja, e a Enfermaria com as ſuas officinas. As ſagradas Imagens, que ſe veneravaõ neſte Templo, e com elle participaraõ dos ſeus deſtroços, achaõ-ſe todavia pela mayor parte já remediadas, e expoſtas à publica veneraçaõ por diligencia de varios devotos. Dentro da Igreja morreraõ vinte e huma peſſoas, a ſaber: dous homens, e dezanove mulheres. Dos Religioſos foy ſó o P. Prégador Fr. Manoel da Madre de Deos com oitenta e cinco annos de idade, e ſeſſenta e dous de profeſſo, o que pereceo dentro do Convento, porque nos eſtragos da rua Nova ficou ſepultado Fr. Manoel de S. Jeronymo Farto, Commiſſario da Corte.

72 Vendo-ſe os Religioſos em tanta oppreſſaõ, e deſarranjo, foraõ refugiarſe na Capella de S. Franciſco, que eſtá na ſua cerca, onde no dia ſeguinte 2 de Novembro celebraraõ, e officiaraõ, transferindo para a dita Capella o diviniſſimo Sacramento, que ficou ſem perigo algum no ſeu Sacrario. Neſte lugar ſe conſervaraõ muitos Religioſos em corpo de communidade, reparados com pobre abrigo das inclemencias do tempo. Daqui ſahiaõ a adminiſtrar os Sacramentos aos moribundos, e a buſcar os mortos para lhes dar decente ſepultura. Daqui ſoccorriaõ as neceſſidades do proximo, exercitando compaſſivos muitos actos de caridade com o attenuado povo, que em turbas ſe havia acolhido àquelle lugar.

73 Continuava o deſcommodo, e apertava o rigor do tempo; e aſſim foy preciſo ao P. Commiſſario Viſitador, e Provincial mandar levantar, entre outras, huma decente barraca, onde ſe principiaraõ a celebrar os Officios Divinos com ſolemni-

da-

dade, canto, e orgaõ na veſpera da Natividade de Chriſto de 1755, e ſe continuaraõ até que novamente ſe reſtituiraõ à Igreja, que ſe acha nobremente reedificada. Muito deve a Communidade ao zelo dos RR. PP. Fr. Manoel da Conceiçaõ Poyares, Ex-Definidor, e Miniſtro local da Caſa, e ao Commiſſario Provincial, e Viſitador; porque hum mandando deſentulhar a Igreja, e reſgatar dos eſtragos das ruinas muitas excellentes pinturas, e traſtes eſtimaveis, por naõ perecerem de todo; e o outro mandando reſtaurar varias porções do Convento, o tem feito capaz, quanto he poſſivel, de habitarem nelle os Religioſos.

74 A grandioſa Capella dos Terceiros, cujo tecto era de abobeda, cahio ao primeiro tremor, mas a tempo que todos os que eſtavaõ dentro haviaõ fugido para o pateo do Hoſpital, de ſorte que naõ perigou ninguem; deſpedaçando a abobeda o que continha a Capella, e ficando tambem deſtruida a caſa do Deſpacho: porém tudo ſe acha reſtaurado excellentemente pelo zelo, e diſpendio dos Irmãos Terceiros.

Santiſſimo Sacramento. De Religioſos Pauliſtas da Congregaçaõ da Serra de Oſſa. Deve eſte Convento a ſua erecçaõ ao grande zelo do P. M. Jubilado Fr. Diogo da Ponte, que com o patrocinio delRey D. Joaõ IV. lhe deu principio no anno de 1647 com huma grandeza, e magnificencia notavel. Com o terremoto participou de algumas ruinas; porque cahiraõ as pyramides das duas torres, e varanda; abrio a abobeda da Igreja pelo meyo quaſi hum palmo; cahiraõ até o meyo as paredes das ultimas duas cellas, que olhaõ para o Norte, e Occidente, e padeceraõ ſeu deſtroço as paredes do novo dormitorio: porém naõ chegou o infortunio a tirar a vida neſte lugar, mais que a huma mulher, que morreo da ferida de huma pedra, que lhe cahio eſtando dentro do Cruzeiro.

75 Obrigou esta fatalidade aos Religiosos irem aquartelarse na cerca em barracas, que a prompta providencia dos Prelados mandou fazer, e com especialidade huma para se celebrarem nella os Officios Divinos, em quanto a Igreja se naõ punha expedita: nesta diligencia se trabalhou com efficacia. O Templo ficou com a vantagem de melhorar no esplendor, desafogo, e claridade; porque sobre as paredes antigas da Igreja se accrescentaraõ na altura mais seis palmos, para se plantar sobre ellas vigamento, e formar o tecto de estuque. O Convento porém se acha inteiramente naõ só reparado, mas habitado, e abastecido com o grande reforço de grossas linhas de ferro, que se introduziraõ por entre as paredes quasi em todas as cellas, e dormitorios.

Recolhimentos.

Nossa Senhora do Carmo. He administrado pelo Conde de S. Lourenço. Teve grande ruina, e as Recolhidas foraõ quasi todas para o palacio, que foy do Conde de Sabugosa na visinhança de Santo Amaro, o qual hoje possue o dito Conde de S. Lourenço.

Espirito Santo. Foy fundado no anno de 1671 por D. Maria Borges, mulher nobre, para nelle viverem retiradas do mundo algumas mulheres graves. Desde o anno de 1680, que o administraõ os Religiosos de Jesus da Terceira Ordem de S. Francisco. Padeceo pequena ruina com o terremoto, e a que teve, se acha recuperada.

76 Constava esta Paroquia antes do terremoto de mil oitocentos e setenta e quatro fogos; pessoas de communhaõ oito mil duzentas e cincoenta e cinco. Acha-se presentemente com mil quatrocentos e sessenta e cinco fogos: e oito mil e vinte pessoas de communhaõ, e cento e quarenta menores, distribuidas pelas seguintes ruas; a mayor parte desertas.

Ruas.

Ruas.

Adro da Igreja, Almada, Arrochela, Bica grande, e pequena, Cabral, Caldeira, Calçada do Combro, Cardaes, Casas cahidas, Conde, Convertidas, Cruz, Cruz de páo, Direita, Era, Esperança, Ferreiros, Frontaria de S. Bento, Gaivotas, Igreja, Joaõ Braz, Lambaz, Marcos Marreiros, Parreiras, Paz, Peaes de S. Bento, Pedro Dias, Portugueza, rua Nova de S. Bento, Secretario, Sol, Terreirinho da Cruz, Valle, Valle das Chagas.

Becos, e Travessas.

Arcipreste, Carrasco, Benedicto, Bento da Silva, Esfolabodes, Judeo, Larangeiro, Marçal, Pascoa, Queimada, Rosa, Rua Fresca, Siqueira.

Freguezias confinantes.

Encarnaçaõ, Santa Isabel, Mercês, S. Paulo, Santos.

VI.

Chagas de Jesus.

77 SEm embargo de naõ ter esta Freguezia territorio determinado, por ser sómente propria para os homens maritimos da carreira da India, e mais Conquistas; com tudo como tem pia Bautismal, e goza das regalias Paroquiaes, a incluimos em o numero das Freguezias da Cidade.

78 Teve o seu principio de huma Irmandade das Chagas, que no Convento da Santissima Trindade desta Corte instituira Fr. Diogo de Lisboa, Ministro do mesmo Convento; e por discordia, que houve entre a Irmandade, e os Religiosos, se separou delles, pedindo licença ao Pontifice Paulo III. para erigirem à sua custa huma Igreja, que tivesse todas as insignias de Paroquia, e faculdade para nomearem Capellaõ, e ter hum Hospital, em que se curassem os feridos, e enfermos das Armadas; allegando para isso os serviços, que os da dita Irman-

da-

dade, como homens navegantes, tinhaõ feito à Igreja nas Armadas contra os Infieis.

79 Concedeo-lhes benignamente Paulo III. o que pediaõ, e pondo elles em execuçaõ a faculdade Pontificia, deraõ ordem a fabricar a Igreja no alto de hum dos montes desta Cidade para a parte do Occidente, onde se disse a primeira Missa em dia de Santo André do anno de 1542. O mesmo Pontifice a annexou à Igreja Lateranense de Roma com varios privilegios, que Urbano VIII. confirmou em 23 de Outubro de 1623, depois de varias duvidas, que a Irmandade teve com o Ordinario: sendo que a Bulla do Papa declara, que no que toca à isençaõ do Ordinario quer se guarde a fórma do Concilio Tridentino; e em quanto ao Cura administrar os Sacramentos aos individuos desta Irmandade, devia ser primeiramente approvado pelo Prelado Diecesano. (1)

80 He a dita Irmandade Padroeira, e Administradora de todos os bens pertencentes a esta Igreja, na qual tem Cura, hum Thesoureiro, e tres Capellães, cujo rendimento he incerto; pois se extrahe de todos os que embarcaõ nas náos de ElRey, que fazem viagem para a India, e Brasil; e tambem das esmolas, que daõ aos Fieis à milagrosa Imagem da Senhora com o titulo da Piedade, que se venerava em hum Altar por debaixo da Capella mór. (2)

81 Ficou esta Igreja naõ só arruinada com o terremoto, mas destruida totalmente com o fogo, que pelas duas horas da tarde daquelle fatal dia do primeiro de Novembro a devorou: nella perderaõ a vida tres mulheres, e hum Religioso Xabregano, e ficaraõ outras algumas pessoas estropeadas. Perdeo a

[1] Fr. Joaõ Figueira Carpi in Chr. Ord. Sanct. Trinit. ad an. 1493, e Fr. Pedro de Altuna in Chron. p. 1. l. 2. p 210., dizem, que o Conservador Apostolico desta graça saõ os Bispos do Algarve. [2] Fr. Agostinho de Santa Maria no Santuario Mariano tom. 1. p. 324.

a Igreja os ſeus ornamentos, e a mayor parte da ſua prata; e nas ruinas da Capella mór ficaraõ as ſagradas Pyxides, com o Sacramento, poſto que dentro do Sacrario; e as venerandas Imagens da Senhora da Piedade, do Senhor morto, de S. Joaõ Evangeliſta, e Santa Maria Magdalena, que todas eſcaparaõ do incendio.

82 Socegado daquelle ſuſto por alguns dias, recorreo o cuidadoſo Paroco deſta Igreja à diligencia de extrahir daquella miſeravel ruina ao diviniſſimo Sacramento, o qual achando-ſe intacto, e as demais Imagens da Capella mór, foraõ conduzidas para o Oratorio da quinta de Bento Gonçalves Forte, chamada a quinta nova a ſete Rios, onde eſtiveraõ até 20 de Junho de 1756, em que diſpoſta, e erecta huma nova Ermida de madeira, e frontal em o ſitio dos Cardaes na Cotovia, ſe eſtabeleceo alli a Paroquia, onde preſentemente ſe acha; naõ ſe tendo feito mais reparo na antiga, que deſentulharſe, e demolirſe algumas paredes, que ameaçavaõ eminente ruina.

VII.

S. Chriſtovaõ.

83 DEſta Paroquia naõ darey noticia alguma; porque para eu publicar o verdadeiro, e hiſtorico ſummario de todas as Freguezias deſta Corte, ſegundo o actual eſtado, em que ſe achavaõ antes do terremoto, me vali de ordem ſuperior para os Reverendos Parocos me participarem as informações veridicas, e competentes, o que elles executaraõ com acerto, e pontualidade.

84 Porém ſendo repetidas as diligencias, que ſe fizeraõ, para que o R. Doutor Joaquim Salter de Mendoça, Prior deſta Igreja, me communicaſſe as noticias da dita Paroquia, ſe achou ſempre nelle huma tal repugnancia, que me reſolvi procurallo em

11 de Mayo de 1755, dizendo-lhe, que a impressaõ deste tomo tinha chegado aos termos de parar por falta das noticias supplicadas. A isto me respondeo severo (sem mais informaçaõ da minha empreza) que naõ as dava, por quanto semelhantes obras eraõ inuteis; pois nellas se comettiaõ muitos erros, por naõ serem escritas, e authenticadas com documentos originaes.

85 Desta sua reposta discreta, e prudente só tirey o desengano, e a republica literaria póde ter bem fundada expectaçaõ, de que o mesmo R. Prior a illustrará com as memorias historicas da mencionada Freguezia, as quaes só elle poderá compor com aquelle acerto, e formalidade, que se admira nas suas sentenças, e acordãos; por ser hum Ministro muito especialissimo da Curia Patriarcal, e ser a sua inteireza unicamente comparada, com a urbanissima attençaõ, e exacta pontualidade com que ouve as partes, e despacha os pretendentes.

VIII.

Nossa Senhora da Conceiçaõ.

86 TEve origem esta Paroquia em tempo do Cardeal Arcebispo D. Henrique; o qual em 16 de Janeiro de 1568 a erigio, e incorporou na Igreja da Real Collegiada da Conceiçaõ dos Freires da Ordem de Christo, tirando o computo dos seus fogos parte da Freguezia de S. Juliaõ, e parte da Magdalena. Alli se conservou até o anno de 1682, no qual por controversias, que houve entre o Cura, e os Beneficiados da Collegiada, por Decreto de ElRey D. Pedro II., e Pastoral do Arcebispo D. Luiz, se mudou para a Ermida de Nossa Senhora da Victoria, sita na Caldeiraria, Freguezia de S. Nicoláo, onde permaneceo até o anno de 1699.

87 Havia-se dado principio na Rua Nova, cha-

mada dos Ferros, a huma ſumptuoſa Igreja deſde 15 de Junho de 1698 com o titulo de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, e com tanta diligencia, e fervor ſe trabalhou na fabrica, que logo no ſeguinte anno de 1699 ſe diſſe nella a primeira Miſſa a 23 de Agoſto. Ordenou entaõ o Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa, que para ella ſe transferiſſe o Santiſſimo Sacramento da Ermida de Noſſa Senhora da Victoria, onde eſtava. Aſſim ſe fez com huma ſolemniſſima Prociſſaõ em 13 de Setembro de 1699, levando o meſmo Cardeal Arcebiſpo a ſagrada Cuſtodia com o Santiſſimo, acompanhando-o os Conegos da Cathedral, e todo o Clero da Cidade.

88 Eſtabelecida a Paroquia em a nova Igreja, ſe acabou eſta de concluir, e aperfeiçoar no anno de 1730. O Paroco até o anno de 1754 teve o predicamento de Cura amovivel; porém o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida, conferindo a dita Igreja como Prelado Donatario em o ſeu Gentil-homem Eccleſiaſtico Braz Joſeph Rebello Leite, o collou com o titulo de Reitor, e lhe rende trezentos e cincoenta mil reis. Ao Cura com a ſua Capella, e mais beneſſes, renderá cento e quarenta mil reis. Tem hum Theſoureiro, que apreſenta a Meſa do Santiſſimo, ſem recorrer ao Prelado, e leva a terça parte das offertas por coſtume aſſim introduzido.

89 Ha neſta Igreja doze Capellães com obrigaçaõ de Coro, cujas Capellas ſe levaõ por concurſo, e ſaõ providos nellas, os que tem melhor voz, e ſciencia de Cantochaõ. Adminiſtra eſtas Capellas a Meſa do Santiſſimo, que dá a cada Capellaõ oitenta mil reis, excepto hum, que tem cem. Ha mais hum Ajudante do Coro com trinta mil reis, e beneſſes da Igreja. A Irmandade do Santiſſimo tem nove Capellães com diverſa congrua; porque quatro tem ſeſſenta mil reis cada hum; tres recebe cada hum cincoenta mil reis; hum cincoenta e cinco;

e outro trinta mil reis, e meyo annual de Miſſas de eſmola de cento e cincoenta reis cada huma. A Irmandade das Almas tem quinze Capellães com cincoenta mil reis cada hum. Tem mais tres Irmandades, huma de Santa Anna, outra de Noſſa Senhora do Roſario erecta no anno de 1715, com hum Capellaõ de oitenta mil reis, (1) e outra de Noſſa Senhora Mãy dos Homens com ſeu Capellaõ de ſeſſenta mil reis.

90 Neſte eſtado ſe conſervava eſta Paroquia, quando ſuccedendo o grande terremoto, o Coro ſe abateo, e a frontaria da Igreja algum tanto ſe abrio pelo meyo de entre as duas torres, ficando tudo o mais em pé, com a perda porém de ſetenta e ſeis peſſoas, que alli morreraõ. Havia o Cura Joſeph Frazaõ pouco antes ſahido com o Santiſſimo debaixo do Pallio, como he coſtume, para dar o ſagrado Viatico a hum enfermo, que habitava na rua da Tinturaria; e ſupportando com grande ſuſto a violencia daquelle fatal fenómeno, vendo-ſe expoſto ao urgente riſco da vida no meyo de ruas eſtreitas, cujos edificios ameaçavaõ manifeſtas ruinas com os amiudados tremores da terra, naõ podendo voltar para a ſua Igreja com o receyo do perigo, ſe conduzio como pode para o terreiro do Paço.

91 Alli mal accommodado, mas com a aſſiſtencia de vinte e cinco Irmãos do Santiſſimo, que ſempre o acompanharaõ zeloſos, ſacramentou mais de quatrocentas peſſoas, que já em turbas deſordenadas, e em triſtes clamores tinhaõ vindo buſcar o deſafogo daquella praça para evitar os eſtragos, em que viaõ perecer os amigos, e os parentes. Informado porém, que ſobre a primeira afflicçaõ padeciaõ os moradores a violencia do fogo, que já ſem haver quem o atalhaſſe, hia abrazando toda a Fregue-

[1] Vid. Liverzani Theſaur. Reſol. ſacr. Congreg. Concil, tom. 1, pag. 400.

guezia, determinou procurar o abrigo da Igreja dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, chamada vulgarmente o Beato Antonio, que fica na distancia de meya legua pela marinha acima, onde com o Senhor sacramentado se recolheo, seriaõ quasi dez horas da noite, levando apoz si huma grande multidaõ de homens, mulheres, e meninos, em mayor numero de tres mil almas; que como gente arrancada das suas casas, e despedaçada dos seus bens, com vozes, e lagrimas hiaõ lamentando a sua perda; mas sempre louvando, e seguindo aquelle supremo Senhor, e Omnipotente, que sem resistencia póde fundar, e desfazer os Reinos, e as Cidades, esperando só nelle o remedio de tanto desarranjo.

92 Passados dez dias, ordenou o Arcebispo Vigario Geral, que visto ficar livre de ruina a Ermida de Santa Rosa de Lima, contigua ao palacio do Senhor de Murça Luiz Guedes de Miranda, situada às Fontainhas, se transferisse para ella a Freguezia, onde esteve até 4 de Abril de 1756, em cujo dia passou a estabelecerse no terreiro do Paço em huma barraca de frontal, que consta de tres Altares, com a porta para o Nascente; e aqui actualmente existe com o descommodo, que a estreiteza da habitaçaõ occasiona, e a sua indigencia permitte; tendo só a consolaçaõ de livrar do incendio os livros dos bautizados, recebimentos, confissaõ, e defuntos, com os mais, que pertenciaõ a esta Freguezia, excepto o dos bautizados, que corriaõ desde Março de 1754 até o dia do terremoto, que se queimaraõ na Sacristia.

93 Naõ seria prodigio, mas pareceo mais que pura casualidade, o que agora referimos. Observouse, que ficando totalmente destruidas no ambito desta Paroquia as mais propriedades, só escapassem à vehemencia do terremoto, e voracidade das chammas aquellas casas da Tinturaria, onde como temos

dito, se havia recolhido o Santissimo Sacramento ao primeiro estremecimento da terra; as quaes desamparadas de seus inquilinos, a Providencia as defendeo desorte no meyo de tanto incendio, que até humas innocentes aves, ficando alli reclusas, e solitarias pelo espaço de cinco dias, testemunhando taõ lastimoso espectaculo, se salvaraõ depois illezas com admiraçaõ universal.

94 Dentro do destricto desta Paroquia existe a seguinte

Collegiada.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Dos Freires da Ordem de Christo. A primeira fabrica da Igreja tinha sido Synagoga dos Judeos, aos quaes em certos dias da semana lhes hia prégar o Veneravel Fr. Miguel de Contreras Religioso Trinitario. Depois ElRey D. Manoel a mandou purificar, e consagrar em Templo, mudando para aqui os Freires da Ordem de Christo, em troco da Ermida de Nossa Senhora do Restello, que era da dita Ordem, em o sitio de Belem, onde o mesmo Rey havia fundado o sumptuosissimo Convento, que alli se vê. (1) Dotou esta Igreja o mesmo Rey com rendas para sua subsistencia. Deu-lhe Regimento em 29 de Janeiro de 1504, que approvou Julio II., eximindo-a, e às pessoas della do poder dos Ordinarios, sujeitando-os *pleno jure* a ElRey, como Administrador da Ordem de Christo.

95 Foraõ os Ministros desta Igreja accrescentados em diversos tempos, e ultimamente pelo Senhor Rey D. Joaõ V. por consulta da Mesa da Consciencia em 28 de Mayo de 1733, na qual se manda dar ao Vigario cento e sessenta mil reis, e moyo e meyo de trigo; ao Thesoureiro oitenta mil reis, e meyo

[1] Goes Chron. delRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Santuar. Mariam. tom. 1. p. 120. Sá Memor. Histor. part. 2. num. 338.

meyo moyo de trigo; a cada Beneficiado cento e seis mil reis, e hum moyo de trigo; aos Moços do Coro vinte e cinco mil reis a cada hum; e além destes ordenados repartem entre si outras certas distribuições. Supposto naõ padecer muito este Templo com o terremoto, com tudo o incendio o abrazou de fórma, que delle se naõ vê mais que o esqueleto com toda a pedraria estalada, sendo que a torre naõ cahio, nem desmentio da nivelaçaõ. ElRey no sitio da Capella mór mandou erigir huma barraca para os Freires rezarem, e o corpo da Igreja se mandou demollir por causa do novo Plano regular da Cidade.

96 Numerava esta Freguezia antes do terremoto oitocentos e cincoenta fogos, e tres mil e quatrocentas pessoas. Presentemente se acha com oitenta e quatro fogos, e quatrocentas e trinta e oito almas. Os doze Capellães cantores se reduziraõ a cinco. Os oito da Irmandade do Santissimo se recopilaraõ a quatro; e os quinze da Irmandade das Almas a dous. Aquellas ruas, e travessas, por onde se distribuiaõ os moradores, estaõ hoje taõ confusas, e alteradas, que naõ se distinguem nellas mais que montes de pedras, e de caliça. Eraõ ellas as seguintes.

Ruas.

Adro da Conceiçaõ, Corrieiria em parte, Gibitaria, S. Joaõ, Largo dos Carmelitas, Largo do poço da Fotea, Latoeiros, Mataporcos, Mercadores, Pateo da Rosa, Rua nova em parte, Tinturaria.

Becos, e Travessas.

Chamiça, Coveiro, Feijaõ, Lavacabeças, Mena, Ourinol, Pasteleiro, Sardinha, Seguros, Tintes, Travessa da Conceiçaõ, e da Corrieiria.

Freguezias confinantes.

S. Juliaõ, Santa Maria Magdalena, S. Nicoláo.

IX.

IX.

Santa Cruz do Caſtello.

97 HE provavel, que o inclyto, e ſanto Rey D. Affonſo Henriques fundaſſe eſta Igreja, logo depois que tomou Lisboa aos Mouros. Della ſe faz mençaõ naquella eſcritura do Biſpo D. Alvaro, que referimos acima na Paroquia de S. Bartholomeu, em cuja antiguidade tambem eſta deve coincidir. Tem o Paroco predicamento de Prior, que apreſenta por concurſo o Prelado, e rende ſeiſcentos e quarenta mil reis. Conſta de cinco beneficios, que dá o Papa, e rende cada hum cento e ſetenta mil reis. Hum delles tem dous apreſtimos, ou pensões, com as quaes chega a render duzentos e ſetenta mil reis. Apreſentaõ neſta Igreja o Viſconde de Villa Nova da Cerveira, e o Conde de Villa Nova, duas Capellas, cada huma de quarenta mil reis. A Confraria das Almas tem ſó dous Capellães, com cincoenta mil reis cada hum.

98 Pelo terremoto ſe arruinou a Igreja; mas o Paroco teve a providencia de mandar fazer no meſmo adro huma Ermida de madeira, com todos os commodos neceſſarios a huma Freguezia, onde aſſiſte ainda exercendo as obrigações Paroquiaes. Os edificios de todo eſte elevado terreno padeceraõ tambem grandiſſima derrota: mais de quarenta e ſeis moradas de caſas ſe arruinaraõ, e entre ellas o theſouro da tapeſſaria, e roupas; as caſas do Conde de Santiago; o Paço Real, que hoje era dos Alcaides móres de Lisboa, a Torre do Tombo, os quarteis dos quatro Regimentos de Infantaria da guarniçaõ da Corte, as torres chamadas de Ulyſſes, e algumas porções de muralhas, com as caſas dos Tenentes do Caſtello, que eſtas ſe acabaraõ de conſumir com o fogo; perecendo laſtimoſamente neſta Paroquia cincoenta e cinco peſſoas.

99 Achaõ-

99 Achaõ-se presentemente já reedificadas muitas moradas de casas de varios moradores; e supposto que os Regimentos dos Soldados, que neste Castello se aquartelavaõ, passaraõ para varios sitios da Cidade, onde se achaõ abarracados, ainda nos quarteis destruidos se accomodaõ mais de trezentos homens. Contém esta Paroquia dentro do seu destricto.

Hospital.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. De Religiosos Hospitalarios de S. Joaõ de Deos. Foy fundado no anno de 1673, governando ElRey D. Pedro II. como Principe Regente. Curavaõ-se aqui os Soldados enfermos, e os Religiosos lhe assistiaõ com toda a caridade. Com o terremoto, e incendio geral se destruio tudo, e os Religiosos passaraõ para o seu Convento de S. Joaõ de Deos à Pampulha.

Recolhimento.

Nossa Senhora da Encarnaçaõ. Para amparo, e abrigo de algumas orfans nobres, e pessoas honradas erigiraõ alguns Religiosos, e homens de negocio desta Corte hum Recolhimento, que sustentavaõ. Vendo ElRey D. Joaõ III. o bom fim, a que se dirigia acçaõ taõ pia, tomou este Recolhimento debaixo da sua protecçaõ no anno de 1543, dotando-o com rendas certas, e annuaes para sustentaçaõ de vinte e huma orfans honradas, filhas de Ministros, e ainda Fidalgas, cujos pays houvessem fallecido em serviço da Coroa: ordenando, que de tres em tres annos se enviassem para a India, e Brasil algumas das ditas orfans com carta para os Vice-Reys, e Governadores as cazarem com a decencia possivel, preferindo-as nos provimentos de officios para seus dotes; e tiveraõ na India tanta estimaçaõ estas orfans, que huma chamada D. Maria foy Rainha da Maldi-

va;

va; porque o Rey daquellas Ilhas cazou com ella em Goa no anno de 1548, (1) e foube ella muito bem reconhecer a criaçaõ, que teve no Recolhimento, pois mandou para a Igreja delle hum frontal, e huma cafulla, que para memoria ainda fe confervava no anno de 1731.

100 A primeira habitaçaõ das orfans foy junto ao Hofpital Real em humas cafas contiguas à Roda, ou beco dos engeitados, na Bitefga, e por occafiaõ de hum contagio, que houve na Corte, as mandou mudar daquelle fitio ElRey D. Sebaftiaõ para humas cafas junto do Caftello. O bom trato, recolhimento, e honra, com que viviaõ eftas orfans, lhes fez adquirir tal nome, que muitas donzellas, e ainda viuvas, com as qualidades do Eftatuto, procuravaõ recolherfe como Porcioniftas nefte Recolhimento; e affim crefceo tanto o numero, que já naõ cabiaõ; por cuja caufa no anno de 1583 pafsaraõ para as cafas do Duque de Aveiro, que eraõ onde fe fez o Hofpital dos Soldados. No tempo de ElRey D. Joaõ IV. pafsaraõ para as cafas, em que eftavaõ antes do terremoto, e tinhaõ fido de D. Fradique Manoel, e a fuperioridade do tal Recolhimento, que tinha fua Igreja com Sacrario, e Capellaõ, he da adminiftraçaõ da Mefa da Confciencia. Desfez tudo o terremoto, e o incendio; pafsaraõ as Recolhidas para diverfas partes até fe repararem as ruinas, e poderem reftituirfe ao antigo domicilio.

Ermidas.

O Efpirito Santo. Dizem, que efta Ermida fora fundada em tempo de ElRey D. Manoel, pelos navegantes da carreira da India, logo nos principios do feu defcobrimento. Tambem fe arruinou com o terremoto.

S.

[1] Santa Maria no Ceo aberto liv. 4. cap. 28. pag. 10. 15. e 1019.

S. Miguel. Vulgarmente chamada à Ermida de Santa Barbara. (1) Padeceo a mesma ruina.

101 Dentro do Castello, e limites desta Freguezia existia o Archivo Real, ou Cartorio de todo o Reino, chamado *Torre do Tombo*, onde se conservaõ, e guardaõ as Doações, Leys, Privilegios, e tudo que costumaõ os Reys mandar passar pela Chancellaria do Reino, para memoria dos vindouros. Do Prologo do livro 8. *da Estremadura*, que está no mesmo Archivo, mandado fazer por ElRey D. Manoel, consta que os Senhores Reys seus antecessores haviaõ já constituido este Cartorio em huma das torres de Lisboa, conforme se infere das palavras seguintes: *Por tanto hordenarom nossos antecessores neesta nossa muy nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa huma torre, em que para sempre esteveesse ho tombo, e a memoria de todas estas cousas; a qual assy hordenada, e sabida foy avida por cousa de tanta estima, e prudencia, nom soomente em nossos regnos, mas em outras partes, que alguns Reys, Duques, Marquezes, Condes, e Prelados dos Regnos de Castella, e de França, e de outros Senhorios, mandarom poer na dita torre em guarda, e fieldade seus testamentos, escaymbos, permudaçoens, e outros contrautos, e assy escrituras outras que memorias de suas cousas contem &c.*

102 Porém ElRey D. Joaõ III. devia mandar fazer no anno de 1540 a casa neste Castello de S. Jorge, para se collocar o Cartorio com melhor disposiçaõ; porque assim o dava a entender a Inscripçaõ Latina, que estava sobre a porta, pela qual se entrava para a primeira casa dos armarios, indo da primeira casa da Torre, onde se escrevia, e dizia assim:

Sempiternæ memoriæ sacrum.

Joannes III. Rex Portugalliæ, & Algarbiorum, Mauritanicus, Lybicus, Æthiopicus, Arabicus, Persicus, In-

[1] Vide o nosso Mappa de Portug. Tom. 2. part. 3. pag. 230.

dicus, cujus celsi animi virtus, pia mentis religio, summa prudentia, ac mirabilis Divini cultus observantia, inter omnes ætatis suæ Principes summa cum laude incredibilis pacis arte floruere, Bibliothecam hanc in communem Reipublicæ utilitatem, ac perpetuum maiorum suorum Regum, æternique nominis sui monumentum fieri, ordinarique curavit. Ann. Domini MDXXXX. ætatis suæ XXXVIII. & Regni XVIII.

Regnante Petro II. D. Antonio Alvares da Cunha Regii Archivi Custode Maximo, & Petro Semmedo Estaço ipsiusmet Archivi à secretis hæc inscriptio instaurata fuit. Ann. Domine MDCLXXXVII.

103 Na parede fronteira se achava em hum quadro pintado hum solho com a declaraçaõ no letreiro seguinte.

No anno de MCCCXXI. junto a Montalvaõ no Tejo se tomou hum Solho da grandeza, que representa esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem XVII. arrobas e meya, de que ha justificaçaõ neste Arquivo, que nelle mandou lançar D. Diniz, a quem se presentou, como consta da mesma justificaçaõ.

104 Esta justificaçaõ, e instrumento legal se guarda na gaveta das Extravagantes, como diz o nosso Chronista mór Fr. Francisco Brandaõ no *livro 19. da Monarquia Lusitana cap. 24.*, e accrescenta, que o tal Solho tinha taõ grande boca, que mettendo-lhe por ella hum raposo, que os caçadores tinhaõ morto, o lançava fóra com o sopro, e respiraçaõ. De comprido tinha dezasete palmos, e sete de grosso, e da cabeça pelo espinhaço até à cauda lhe contavaõ trinta escamas como conchas grandes.

105 O Guarda mór actual deste Archivo Manoel da Maya, Mestre de Campo General, e Engenheiro mór do Reino, pessoa de hum muito distincto zelo da patria, havia reformado este Cartorio com louvavel fadiga; porém succedendo a funesta tragedia do espantoso terremoto, e arruinando, e des-

deſtruindo o alto edificio, em que eſtava o Cartorio, ſe pozeraõ os ſeus livros, e papeis em grande confuſaõ; mas neſte apertado caſo foy Manoel da Maya o reſtaurador do Real Archivo da Torre do Tombo, pois naõ ſó o livrou das primeiras ruinas, mas do ſegundo, e mayor ſuſto; porque faltando-lhe dezanove livros da Chancellaria do Senhor Rey D. Affonſo V., eſtes ſe foraõ deſcobrir em 28 de Dezembro de 1755 com grave perigo de vidas, onde parecia impoſſivel, que o terremoto os podeſſe ter lançado; devendo-ſe à providencia, e actividade do dito Guarda mór a boa arrecadaçaõ do Archivo; pois promptа, e interinamente o mandou recolher em huma caſa de madeira com ſeu telhado, que fez erigir com parte dos deſtroços do meſmo edificio na Praça de armas do dito Caſtello.

106 E porque o edificio antigo ſe achava deſtruido, aberto, e proſtrado, fez com que em 26, e 27 de Agoſto de 1757, por Decreto de ElRey ſe mudaſſe todo o Cartorio da Torre do Tombo para dous quartos das caſas chamadas dos Biſpos contiguas ao Convento de S. Bento da Saude, e com ſerventia para a rua, ou calçada publica da Eſtrella, que medeia entre o dito Convento, e o das Religioſas Francezinhas do Crucifixo. Conſta eſta accommodaçaõ de primeiro, e ſegundo pavimento alto, e baixo, ambos fechados de excellentes abobedas ſem o receyo do perigo de fogo: deſtinando-ſe o quarto alto para recolher os livros das Chancellarias em caſas ſeparadas, ficando outras para ſe guardarem aquelles livros, e documentos, que na antiga Torre eſtavaõ na caſa chamada da Coroa; e o quarto baixo fica para nelle eſcreverem os Officiaes deſte expediente.

107 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de trezentos e vinte e dous fogos, e agora ſe acha com duzentos e cincoenta e hum diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Castellejo da parte de fóra, Cozinhas, Crasta, Espirito Santo, Flores, Hospital, largo de Santa Barbara, largo da Igreja, e do Recolhimento, Mouraria, Praça de Armas, Rua Direita da Igreja para as portas do Castello, Rua Direita para o Recolhimento, Rua Nova da Madeira.

Becos.

Do Forno, Hospital, Penozinhos.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, Santiago, S. Thomé.

X.

Nossa Senhora da Encarnaçaõ.

108 QUerendo o Cabido da antiga Cathedral de Lisboa instituir huma nova Paroquia, e desmembrar porçaõ do territorio, que comprehendia a Freguezia dos Martyres por ser muito extenso, se contratou com os Italianos, para que a admittissem na sua Igreja, fazendo-se deste contrato hum instrumento publico em 2 de Janeiro de 1551. Algumas memorias constituem este ajuste no anno de 1560; outras no de 1604, outras pouco depois do anno 1523. O certo he, que no anno de 1551 já existia na Igreja do Loreto esta Paroquia, como consta da Relaçaõ de Christovaõ Rodrigues de Oliveira.

109 Aconteceo em 29 de Março de 1651 o deploravel incendio, que reduzio a cinzas toda aquella sumptuosa Igreja; e passando a Freguezia para a Ermida de Nossa Senhora do Alecrim, como consta da Escritura, que os Italianos fizeraõ com o Desembargador Antonio Moniz de Carvalho, e sua mulher D. Isabel Soares de Albergaria, Padroeiros da dita Ermida, em 7 de Mayo de 1651; alli se conservou até o anno de 1676, em que reedificada

a

a dita Igreja do Loreto, se restituio outra vez para ella. (1)

110 Este regresso se fez com grande solemnidade em 7 de Setembro de 1676. Sahio a Procissaõ da sobredita Ermida, e discorrendo pelas principaes ruas do bairro Alto acompanhada de todas as Religiões da Corte, que levavaõ andores com os seus Patriarcas, era conduzido o Santissimo pelo Nuncio D. Marcello Durazzo, Arcebispo de Calcedonia, que no dia seguinte celebrou pontificalmente com a assistencia de ElRey. No segundo dia fez Pontifical D. Fr. Christovaõ de Moura, Provisor do Arcebispado de Lisboa; e no terceiro dia celebrou o Arcediago de Bago D. Joaõ Mascarenhas, assistindo todos os Conegos em corpo de Cabido.

111 Alguns annos depois pertenderaõ os Italianos conseguir o direito do Padroado desta Freguezia, sobre o qual tiveraõ litigio com o Reverendo Cabido, e durou até o anno de 1679, no qual se ordenou ao Paroco Manoel Ferreira Lobato, consumisse na Missa, que celebrasse na Igreja do Loreto, todas as Fórmas, que estivessem no Sacrario, e acabada ella, se passasse para a Ermida de Nossa Senhora do Alecrim, onde havia no mesmo dia celebrado outro Sacerdote, e consagrado Fórmas, para dalli por diante se administrar o Santissimo Sacramento aos Freguezes na dita Ermida.

112 Determinara a Condessa de Pontevel D. Elvira de Vilhena, viuva do primeiro Conde de Ponte-

[1] Persuadem-se alguns, que a primeira transferencia, que esta Freguezia fizera depois de se queimar a Igreja do Loreto, fora para o Convento da Santissima Trindade, e assim o affirma huma Relaçaõ, Additamento, que modernamente se fez ao Summario de Christovaõ Rodrigues de Oliveira, accrescentando mais, que estivera tambem no Recolhimento das Convertidas; porém além de ser isto muito duvidoso, como já ponderou Fr. Apollinario da Conceiçaõ na *Demonstraçaõ Historica num.* 262., verifica-se o contrario pela Escritura, que allegamos, a qual se acha nas Notas do Tabelliaõ Theodoro da Costa e Sousa.

tevel Nuno da Cunha de Ataide, edificar à sua custa hum Templo a Nossa Senhora da Encarnação, e elegendo o sitio fronteiro à Igreja do Loreto, deu principio à obra em 4 de Junho de 1698, deitando no fundamento do edificio a primeira pedra com acto solemne o Cardeal Arcebispo D. Luiz de Sousa; e concluindo-se a fabrica no anno de 1708, fez o Cabido celebrar nella a primeira Missa em 9 de Setembro, cedendo o Padroado da mesma Igreja na dita Condessa fundadora em sua vida sómente, a qual a dotou com tanta liberalidade, e com o verdadeiro fim do culto de Deos, que por fugir à minima vangloria, naõ quiz ter o gosto de entrar na Igreja senaõ depois de morta, que foy em 30 de Dezembro de 1718, onde jaz na sua Capella mór. (1)

113 Concluido taõ magestoso Templo, se passou para elle o Santissimo Sacramento da Ermida de Nossa Senhora do Alecrim em 8 de Setembro de 1708, fazendo-se para esta transferencia huma Procissaõ solemnissima, composta de muitos andores, e figuras a cavallo ricamente vestidas, e de hum carro triunfante de soberba fabrica, e continuaraõ as festas na sobredita Igreja nova por oito dias successivos com grande, e geral applauso. (2)

114 Tem o Paroco predicamento de Cura; mas tem tres Coadjutores com a mesma obrigaçaõ, e hum Thesoureiro, e todos apresentados annualmente pelo Eminentissimo Patriarca, a quem pertence *in solidum* o Padroado desta Igreja, a qual rende ao Cura trezentos, e cincoenta mil reis; e a cada hum dos Coadjutores cento e dezaseis mil reis; e toda esta renda he procedida do que chamaõ pé de Altar.

115 Naõ ha aqui Beneficiados, mas tem a Igreja doze Capellães de Coro, a saber: quatro que insti-

---

[1] Sousa Histor. Geneal. tom. 12. part. 2. pag. 915. [2] Anno Histor. tom. 3. pag 36.

tituio a Condeſſa fundadora com eſmola de cem mil reis cada hum, e meyo annual de Miſſas livres, com obrigaçaõ de acompanharem o Santiſſimo, quando ſahir fóra: a Meſa do Santiſſimo he que adminiſtra eſtas Capellas: outros quatro Capellães do Coro inſtituio D. Antonia Franciſca de Mendoça, viuva de Joaõ Rebello de Campos, com a congrua de duzentos mil reis, e huma Miſſa livre cada ſemana, e com a meſma obrigaçaõ.

116 Os outros quatro Capellães tem Capellas na meſma Igreja, de que a Meſa do Santiſſimo he adminiſtradora, huma das quaes inſtituio o ſobredito Joaõ Rebello de Campos, com a congrua de oitenta mil reis, e huma Miſſa livre cada ſemana; outra Capella inſtituio Luiz Salinas de Oliveira com cento e dez mil reis de congrua, e Miſſa livre; as outras duas ſaõ inſtituidas pela Meſa do Santiſſimo com a meſma obrigaçaõ de Coro, e de acompanhar o ſagrado Viatico, quando ſahir fóra aos enfermos.

117 Ha mais as Capellas ſeguintes. Duas que inſtituio Eſtevaõ da Silva com ſetenta e cinco mil reis cada huma; duas que inſtituio Maria Nunes da Silva com oitenta mil reis; huma que inſtituio o Padre Manoel de Souſa Caldeira com ſeſſenta mil reis; huma que inſtituio Maria Barboſa com cincoenta mil reis; outra que inſtituio Marcos da Silva com ſeſſenta mil reis; quatro de Nicoláo Pereira com oitenta mil reis, e com a obrigaçaõ dos Capellães confeſſarem na Igreja, e acompanharem o Santiſſimo. De todas eſtas Capellas he adminiſtradora a Meſa do Santiſſimo Sacramento. Havia mais neſta Igreja ſeis Irmandades: a do Santiſſimo, a das Almas, com ſeis Capellães, cada hum com cincoenta mil reis, e Miſſa livre cada ſemana; a de S. Joaõ Bautiſta, a de S. Vicente Ferrer, a de Noſſa Senhora dos Prazeres, e a de Santo Antonio, que todas tinhaõ ſeus Capellães.

118 Tal

118 Tal era o eſtado deſta Paroquia até o tempo, em que ſuccedendo o eſpantoſo, e nunca viſto terremoto, padeceo a Igreja a deſtruiçaõ do ſeu Coro, e a ruina de duas pyramides da torre, que deſabando ſobre o adro, tiraraõ a vida a huma mulher, e a dous Padres da meſma Igreja, o Padre Pedro Ivo, e o Padre Manoel Pinto. Depois ſobrevindo o fogo, eſte conſumio tudo de ſorte, que apenas ſe ſalvou o Cartorio, menos os tres livros, que actualmente ſerviaõ para os aſſentos dos bautizados, recebimentos, e obitos, que ſe queimaraõ.

119 Cuidou logo o Paroco em mudar o Sacramento para a Igreja fronteira do Loreto, donde em o meſmo dia ſe transferio para a Paroquial de Santa Iſabel; e porque haviaõ concorrido para alli os ſagrados Vazos de outros Templos, fez o Reverendo Coadjutor Vicente Ferreira Rolim erigir dentro do ambito das chamadas obras do Conde de Tarouca, huma decente barraca, em que collocou o Santiſſimo para melhor expediçaõ dos actos paroquiaes: daqui ſe paſſou para a parte de fóra, e levantou altar contiguo à parede do meſmo edificio, para melhor commodidade do povo. Porém como aquelle ſitio era ſummamente deſabrido, e naõ havia reparos opportunos para reſiſtir à inclemencia do tempo, convidado da piedade de Jorge Rodrigues Meſtre das Reaes Obras, que no ſitio do Pombal havia feito huma barraca de madeira mais commoda, transferio para ella o Santiſſimo no mez de Fevereiro ſeguinte, e alli eſteve até veſpera de Ramos do meſmo anno de 1756, em cujo dia ſe mudou para a Igreja do Convento de S. Roque, onde exiſte na Capella do meſmo Santo, que fica no corpo da Igreja da parte da Epiſtola.

120 No deſtricto deſta Freguezia ſe achaõ erectos os ſeguintes

Con-

Conventos.

S. Pedro de Alcantara. De Religiosos Arrabidos, cuja Igreja foy fundada pelo primeiro Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em 12 de Agosto de 1680. No adro della fez edificar o Inquisidor Geral D. Fr. Verissimo de Alencastre, huma Capella dedicada aos Santos Martyres Portuguezes, Verissimo, Maxima, e Julia, estabelecendo renda para quatro Capellães Clerigos seculares, com oitenta mil reis cada hum, dos quaes he hoje Donatario, e administrador o Conde de Villa Nova. Defronte da Igreja deste Convento, e no grande terrapleno, que alli se ampliou, se erigio hum publico Chafariz de cantaria com cinco bicas de excellente agua, conduzida por canos desde o Chafariz de Campolide, e começou a correr no dia 8 de Setembro de 1754.

121 Esta Igreja, e Convento padeceo grande ruina em o dia do terremoto; porque tudo que se diz Convento da fundaçaõ, principiando do frontispicio da Igreja, dormitorios, portaria, Sacristia, casa de Capitulo, menos o claustro, refeitorio, de profundis, e cozinha, tudo se prostrou, e destruio com todos os livros, e cousas pertencentes ao Coro, e com a perda de bastantes pessoas. Achaõ-se presentemente accommodados os Religiosos em varias cellas, e casas do mesmo Convento da reedificaçaõ moderna; e a Igreja no sitio onde era a portaria do carro debaixo de huma grande abobeda, accrescentando-se huma barraca em hum pateo, que faz Capella, Coro, e Sacristia; e aqui se fazem os actos da Communidade, e funções Ecclesiasticas, em quanto se naõ conclue a reedificaçaõ fundamental.

S. Roque. Casa professa que foy dos Religiosos da Companhia de Jesus, os quaes no anno de 1555 se estabeleceraõ neste sitio por ordem de ElRey D.

Joaõ III., tomando poſſe de huma Ermida de S. Roque aqui edificada deſde o anno de 1506. Reedificou-ſe depois no anno de 1567. (1) Teve principio neſta Igreja em o ultimo de Dezembro de 1718, a inſtancias do Eminentiſſimo Cardeal Patriarca D. Thomás de Almeida, o ſolemne, e piiſſimo acto de acçaõ de graças a Deos, que ſe coſtumava fazer todos os annos neſte meſmo dia com magnificencia, onde concorriaõ, e aſſiſtiaõ publicamente as Peſſoas Reaes com todos os Grandes da Corte, e ſe cantava o *Te Deum* a dous córos pelos melhores Muſicos, e inſtrumentos, alternando alguns verſos devotiſſimamente todos os Eſtudantes do Collegio de Santo Antaõ, e o mais concurſo do povo. Depois do terremoto ceſſou neſta Igreja o dito acto; porque ſe coſtuma fazer na Capella Regia do novo Palacio, junto a Noſſa Senhora da Ajuda, tambem com grande pompa, e aſſiſtencia das Peſſoas Reaes.

123 Em 13 de Janeiro de 1751 foy a primeira vez, que ſe patenteou neſta Igreja de S. Roque a precioſa, e ſingular Capella de S. Joaõ Bautiſta, onde ſe admiraõ huns excellentes quadros de obra Moſaica, a qual o ſempre memoravel, e Fideliſſimo Rey D. Joaõ V. mandou aqui collocar, tendo-ſe fabricado em Roma pelos melhores Artifices, da mais fina, e precioſa pedraria, e ornada com os mais primoroſos ornamentos, em cuja fabrica maravilhoſa, dizem que ſe diſpendera a importancia de dous milhões. O flagello do terremoto arruinou parte do frontiſpicio da Igreja, e a torre; mas tudo ſe acha reparado.

Hoſpital.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Dos Clerigos Pobres. Foy inſtituido em 12 de Dezembro de 1651 pelo Te-

[1] Telles Chron. da Companhia part. 2. liv. 4. c. 25. Santuar. Marian. tom. 7. pag. 124.

Tenente General da Artilharia Ruy Correa Lucas, e sua mulher D. Milicia da Silveira, para treze Clerigos Pobres, que naõ sejaõ naturaes de Lisboa, e costumaõ vir a esta Cidade a seus negocios. A Igreja se começou a edificar em 18 de Abril de 1722: tem sido administrado este Hospicio em diversos tempos por Henrique Henriques de Miranda, Joseph Galvaõ de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagalo, e ultimamente o he por Francisco Carneiro de Araujo, subordinado porém ao Provedor dos Residuos, e à Mesa da Consciencia. Pelo terremoto padeceo sua ruina; mas esta se reparou desorte, que a parede, e frontaria da rua ficou melhorada no seu prospecto.

Collegio.

Dos Cathecumenos. Para serem catequizados, e instruidos na doutrina Christã, e na crença da Fé Catholica os Turcos, e quaesquer Infieis, que vem a esta Cidade, instituio o Cardeal Rey D. Henrique este Collegio no anno de 1579, a instancias do Padre Pedro da Fonseca Jesuita. (1) Está na rua dos Calefates. Tem Regimento, que se lhe fez no anno de 1608, que faz executar hum Reitor Clerigo secular, e hum Provedor com titulo de Superintendente, que depois de o haver sido vinte e cinco annos o Bispo de Targa D. Fr. Jeronymo de Gouvea, a Mesa da Consciencia encarregou depois esta superintendencia a hum dos seus Deputados.

Recolhimento.

Nossa Senhora da Natividade. Das Convertidas. He casa pia, que instituiraõ os Padres da Companhia de Jesus no anno de 1586, para mulheres governadas por huma Regente, e dirigidas pelos mesmos Padres.

[1] Telles Chron. da Comp. tom. 2 pag. 183.

dres. (1) Fezlhe o terremoto graviſſimo prejuizo; defórma que as obrigou a paſſarem para o ſitio da Fonte Santa, onde eſtiveraõ abarracadas até paſſarem para o ſitio do Rego.

Ermida.

Noſſa Senhora do Alecrim. Foy fundada no anno de 1641. Acha-ſe arruinada, e totalmente deſtruida com o terremoto, e incendio.

124 Conſtava eſta Freguezia de dous mil e ſetenta e dous fógos; e de nove mil quinhentos e vinte tres habitadores. Hoje numera unicamente quatro mil peſſoas. As ruas deſta Paroquia como experimentaraõ os terriveis effeitos do incendio depois do terremoto, achaõ-ſe pela mayor parte deſertas, e eraõ as ſeguintes.

Ruas.

Atalaya, Barroca, Caletates, Chagas, Conde, Flores, Gaveas, Hoſpital das Chagas, largo de S. Roque, Lima, Loreto, Metade, Moinho de vento, Mouros, Norte, Parreiras, Roſa das Partilhas, S. Roque, Sequeiro das Chagas, Teixeira, Trombeta.

Traveſſas.

Agua de Flor, Ataide, Boahora, Braz da Coſta, Cara, Eſpera, Eſtrella, Ficis de Deos, Guarda mór, Horta ſecca, e pequena, S. Pedro de Alcantara, Poço da Cidade, Queimada, Salgadeiras.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, S. Joſeph, Martyres, Mercês, Sacramento.

XI.

---

[1] Franco Imagem da Virtude tom. 1. liv. 2 pag. 397.

XI.

Santa Engracia.

125 INflammada de zelo, e charidade Christã a Sereniſſima Infanta D. Maria, por ſe achar moradora no ſitio do Campo de Santa Clara, e viſinha ao Convento da meſma Santa, fez deſannexar da Paroquia de Santo Eſtevaõ por Breve de 30 de Agoſto de 1568 do Papa Pio V., e conſentimento do Arcebiſpo eleito D. Jorge de Almeida em 2 de Dezembro de 1569, huma grande porçaõ dos moradores, que ficavaõ extra muros deſta Cidade, erigindo de novo hum Prior, Cura, e Beneficiados, que ſe denominaraõ da Paroquia de Santa Engracia, cuja Igreja ſe edificou por finta dos ditos freguezes deſannexados.

126 Dividio entaõ o Arcebiſpo a renda deſta Igreja em nove partes, das quaes foraõ quatro para o Reitor de Santo Eſtevaõ, tres para o de Santa Engracia, e as duas para dous Coadjutores de ambas as Paroquias. De oito Beneficiados, que havia na Igreja de Santo Eſtevaõ, ſeparou tres para a nova Igreja de conſentimento delles, os quaes haviaõ de rezar nella em Coro, e dizer as Miſſas cantadas dos anniverſarios, e Capellas, que tinhaõ em Santo Eſtevaõ, e as de ſemana, que lá lhe pertenciaõ. (1)

127 Preſentemente conſta de hum Paroco, o qual tem predicamento de Prior apreſentado pelo Patriarca, e lhe rende quinhentos mil reis: tem mais hum Beneficiado Coadjutor, com a congrua de cento e oitenta mil reis. Na Igreja ha a Irmandade do Santiſſimo com dous Capellães; a do Senhor da Via-

Sa-

[1] Conſta de humas memor. m. ſ. dos Arceb. de Lisboa extrahidas do Cartorio do Senado deſta Cidade, que tivemos na noſſa maõ, e tambem do liv. 21. p. 146. e 244. da Chancellaria delRey Filippe II.

Sacra, e Almas com quatro; a Confraria de Nossa Senhora da Esperança, e a de Santo Antonio.

128 Em a noite tempestuosa de 15 de Janeiro de 1630 se arrombou a porta do Sacrario desta Paroquial Igreja, e delle usurparaõ as sagradas Fórmas. Causou grande horror, e sentimento este atrevido sacrilegio: fizeraõ-se exactas diligencias para se descobrir o perfido executor: achou-se hum Simaõ Pires Solis, que por indicios foy condemnado, inda que aceleradamente a ser queimado vivo, cortadas primeiro as mãos. (1) Deste execrando roubo permittio a Providencia do Altissimo, que se originasse para sua mayor gloria accidental, a erecçaõ de huma illustrissima Irmandade da melhor Fidalguia da Corte, que com o numero de cem pessoas, e o nome reverente de Escravos do Santissimo Sacramento o servem, e festejaõ todos os annos por tres dias succeffivos, assistindo ElRey, e a Capella Patriarcal no primeiro, e ultimo delles.

129 Desde entaõ determinou a Fidalguia de Lisboa fazer huma nova Igreja no mesmo sitio, transferindo-se a Paroquia para a Ermida da Senhora do Paraiso; e porque o ambito desta Ermida naõ he capaz de comprehender a multidaõ da Nobreza, e pompa, que concorre naquelle triduo, se fazia a festa no grande Templo de S. Vicente de Fóra, e depois do terremoto se faz na Real Capella de Nossa Senhora da Ajuda, em quanto se naõ conclue o insigne edificio da nova Igreja, que depois de padecer fatal ruina estando quasi acabada, se edificou pela mesma Nobreza outra de mais elegante fabrica no anno de 1682, cuja primeira pedra fundamental lançou nos seus alicerses com toda a ceremonia o Senhor Rey D. Pedro II., a qual continha a seguinte inscripçaõ:

Cùm

---

[1] Brito de Lemos no Abcedario Milit. p. 84. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 690. Anno Histor. tom. 1. a 15 de Janeiro.

Cùm ineunte trigesimo supra millesimum sexcentesimum salutis anno ex D. Engratiæ Æde quidam nefarius homo per tenebras procellosæ noctis Sanctissimum Corpus Domini furatus esset, Nobilitas Lusitana in tanti sacrilegii expiationem centumvirale sodalitium constituit, & eodem in loco magnificum Templum propriis sumptibus construere decrevit, ut ubi impia manus sacrosanctam Eucharistiam temerare fuerat ausa, ibi à piis animis æternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo fortè collapso, iterum Nobilitas Lusitana impellente, ac magnificè adjuvante Serenissimo Petro Portugalliæ Principe, & Moderatore, aliud Templum, sed elegantioris structuræ, erigere statuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Serenissimus Princeps pro insita Lusitanis Regibus pietate propria manu jecit. Ann. Dñi M. DC. LXXXII.

Este mageſtoſo Templo, que he de figura orbicular, ainda ſe naõ terminou de todo; porque chegando até à cimalha real, houve entre os Arquitectos receyo de que ſobrepondo-lhe as abobedas, padeceſſem as ſuas paredes outro laſtimoſo fracaſſo; e aſſim eſtá ha annos em profundo eſquecimento aguardando mayor opportunidade de tempo à ſua final perfeiçaõ.

130 Nem eſte edificio, nem a Igreja Paroquial padeceraõ com o terremoto ruina alguma; ſó a experimentaraõ os edificios grandes, e ordinarios do ſeu territorio, dos quaes huns ſe achaõ já reedificados, outros ainda jazem nas meſmas ruinas. Como o temor, e deſamparo dos freguezes foy urgente, dos quaes morreraõ trinta, reſolveraõ-ſe os que ficaraõ vivos occupar os terrenos baldios com barracas, e tendas de campanha no Campo de Santa Clara, no largo da portaria do carro da Graça, e ſeu Cardal, na Cruz dos quatro caminhos, no Olival de Penha de França, para onde concorreraõ no principio do laſtimoſo deſaſtre.

131 Com-

131 Comprehende dentro dos feus limites os feguintes

Conventos.

Santa Maria de Jefus de Xabregas. De Religiofos Francifcanos da Santa Provincia dos Algarves. Foy fundado por D. Guiomar de Caftro, mulher de D. Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro Conde de Atouguia, no anno de 1455, por doaçaõ, que defte fitio lhe fez ElRey D. Affonfo V. No anno de 1460 em 17 de Abril tomaraõ os Religiofos poffe com hum acto folemniffimo, a que affiftio o mefmo Rey, e muita Nobreza. Os Religiofos fundadores, que no anno antecedente tinhaõ vindo da Ilha Terceira, foraõ nove, dous Sacerdotes, e fete Leigos, e o Prelado fe chamava Fr. Pedro da Zarça, Frade Leigo, porque naquelle tempo precediaõ as virtudes às letras. Affiftem nefte Convento mais de cem Frades ordinariamente, e nelle eftá fepultado Fr. André Cidade, pay do Santo Patriarca da hofpitalidade S. Joaõ de Deos, que tomando aqui o Serafico habito, em fó dous annos, que viveo na Religiaõ, mereceo acabar com opiniaõ de Santo em 11 de Março de 1520. He muito celebrada na Igreja defte Convento huma prodigiofa Imagem de Noffa Senhora com o titulo de Mãy dos Homens, que fez collocar aqui o devotiffimo, e Religiofiffimo Padre Fr. Joaõ de Noffa Senhora, Miffionario, e Varaõ verdadeiramente Apoftolico dos noffos tempos.

132 Na geral deftruiçaõ do terremoto padeceo efte Convento huma total ruina, affim na Igreja, como nos feus Dormitorios, e clauftros, mas com a felicidade de que naõ morreo ninguem, e fó cahio a frontaria do dormitorio grande da parte do adro; porque o mais fe demolio para fe reedificar de novo, como fe vay fazendo, principiando a obra pelo dormitorio chamado dos Prégadores. Vinte

dias

dias esteve a Communidade posta na cerca ao rigor do tempo, e com limitado reparo, até que formando dentro em huma casa terrea, que servia de celeiro, huma pobre Igreja com quatro Altares, alli celebraraõ os Officios Divinos até à Festa dos Reys do anno de 1757, em cujo dia se mudaraõ para outra casa, que servia de enfermaria, onde erigiraõ nova Igreja com sete Altares, Coro, e orgaõ para o culto Divino, e ainda aqui existem em accomodações de madeira.

Nossa Senhora dos Anjos. De Religiosos Barbadinhos Missionarios Italianos, de que já fallamos no tom. 2. part. 3. cap. 3. §. 9. deste nosso Mappa. Foy o dos bem livrados no terremoto.

Collegio.

S. Francisco Xavier. Foy de Religiosos Jesuitas, fundado por Jorge Fernandes de Villa Nova no anno de 1679, que deixou hum riquissimo legado, para se ensinarem publicamente aos meninos as primeiras letras, e rudimentos da Grammatica Latina. Teve pequena ruina com o terremoto geral.

Mosteiros.

Madre de Deos. De Religiosas Franciscanas Descalças da primeira Regra de Santa Clara. Foy fundado pela Rainha D. Leonor em 23 de Junho de 1509, e melhorado no edificio, e Igreja por El-Rey D. Joaõ III. Venera-se aqui hum precioso exemplar do Santo Sudario de Christo muito semelhante ao original, que está em Turim, e hum grande thesouro de notaveis reliquias. A devotissima Imagem da Mãy de Deos, que na Igreja deste Mosteiro se venera em sua Capella da parte do Evangelho, he da mayor perfeiçaõ, e respeito, que se

conhece em todo o Reino. (1) Merece tambem honrosa memoria a Sacristia deste Templo, pelo primor, aceyo, e bom gosto, com que está ornada por diligencia, e direcçaõ do devoto Padre Joseph Pacheco da Cunha Clerigo secular.

133 Grande ruina experimentou a Igreja deste Mosteiro, a qual quasi milagrosamente se susteve aos impetuosos abalos, com que a accommetteo o terremoto passado. Levaraõ as Religiosas toda a força delle no Coro, donde huma só sahio mal ferida na cabeça, que logo melhorou. Apearaõ-se meyas paredes da Capella mór, a parede do Coro correspondente à Igreja, e algumas officinas do interior da Clausura, que tudo se acha quasi reparado com maõ larga pela magnificencia da Magestade Fidelissima de ElRey D. Joseph I.

Santos o Novo. De Religiosas Commendadeiras da Ordem de Santiago. Foy fundado por ElRey D. Joaõ II. em huma Ermida da invocaçaõ de Nossa Senhora do Paraiso, situada entre o Convento de Xabregas, e o Mosteiro de Santa Clara, e para elle mandou o dito Rey mudar as Religiosas, que se conservavaõ no antigo Mosteiro de Santos o velho, que hoje he Igreja Paroquial. Fez-se esta trasladaçaõ em 5 de Setembro de 1490 (2) trazendo-se com religiosa pompa, e solemnidade os corpos dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia, acompanhando as sagradas Reliquias, e as Religiosas o Cabido da Cathedral com toda a Cleresia, e Religiões. He este Mosteiro de grande authoridade; porque se trataõ as Religiosas como Senhoras, que saõ; e a sua Commendadeira sempre he huma Senhora de conhecida nobreza, e qualidade, que presen-

[1] Fr. Jeron. de Belém Chron. Serafic. part. 3. liv. 13. cap 8. p 27.

[2] Assim o escreve Fr. Jeron. Roman. na Hist. da Ord. Equestre de Santiag., e Garcia de Resende na Chron. de ElRey D. Joaõ II. cap. 11; Porém D. Rodrigo da Cunha nos Bispos de Lisboa part. 1. cap. 18. n. 8., diz que a translaçaõ fora no anno 1475.

ſentemente he D. Maria Roſa de Portugal deſde o anno de 1743, em que foy nomeada depois da morte de ſeu marido o Conde de Pombeiro D. Pedro de Caſtello-Branco da Cunha. Com o terremoto ficou eſte grande edificio arruinado por dentro, e incapaz de habitarem nelle as Religioſas, as quaes mandaraõ fazer na ſua Cerca varias barracas, onde permanecem ainda.

134 *Santa Clara.* De Religioſas Seraficas obſervantes da Provincia chamada de Portugal. Foy fundada a Igreja no anno de 1294 por huma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo nacional de Genova, mas Cidadaõ honrado de Lisboa, poſto que já no anno de 1292 exiſtiaõ aqui Religioſas. (1) Deſte Moſteiro ampliſſimo, exceptuando o dormitorio chamado da bençaõ, e o dos corredores, duas varandas, e algumas Capellas, tudo mais, que em dormitorios, e caſas particulares recolhia mais de ſeiſcentas mulheres entre Religioſas educandas, recolhidas, e criadas, ficou ou de todo abatido, ou irreparavelmente arruinado com o terremoto. O ſeu famoſo Templo, que era hum monte de ouro, e na grandeza excedia a todos os dos mais Moſteiros da Corte, ficou totalmente proſtrado, excepto a tribuna, e coſtas da Capella mór, ſepultando mais de quatrocentas peſſoas, que eſtavaõ aſſiſtindo aos Officios Divinos. O Coro de cima, que era hum Paraiſo na terra, tambem ſe abateo, e ſervio de ſepultura com ſuas ruinas a quaſi todas as Religioſas, que foraõ cincoenta e ſeis, além de oito educandas, huma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove eſcravas, que por todas fazem cento e trinta e huma peſſoas dentro do Moſteiro, que pereceraõ neſta tragica fatalidade.

Santa Apollonia. De Religioſas da primeira Regra de

[1] Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 19. Corograf. Portug, tom. 3. p. 379 Fr. Apollin. Clauſtro Franciſc. p. 133.

de Santa Clara. Deu principio a este Mosteiro huma Beata de habito fechado, que professava a Regra de S. Francisco, e lhe chamavaõ Isabel da Madre de Deos, a qual tinha vindo de Villa-Viçosa com a familia da Serenissima Casa de Bragança. Foy muito venerada da Rainha D. Luiza, que a intitulava a sua Capuchinha. Recolheo-se esta serva de Deos em huma Ermida de Santa Apollonia, que era dos Confeiteiros, com o intuito de tratar da Capella da Santa, e como era muito estimada da Casa Real, a levou comsigo a Senhora D. Catharina para Inglaterra no anno de 1662, donde voltando depois no anno de 1693, tornou para a dita Ermida; e com outras mais companheiras, especialmente huma que chamavaõ Luiza da Assumpçaõ, deu principio ao Recolhimento por direcçaõ do P. Fr. Amaro da Esperança Commissario dos Terceiros de S. Francisco da Cidade.

135 Muito deveo este Recolhimento na sua origem à Casa Real; porque as melhores peças, e ornamentos de valor, Imagens de Santos, e seus ricos vestidos lhos deu a Serenissima Rainha D. Luiza, e até o vestido, com que se recebeo a Senhora Rainha da Gram-Bretanha na Sé de Lisboa, lho mandou dar para vestidos de Santos. Vivendo pois estas servas de Deos com grande exemplo, e edificaçaõ, houve por bem o Papa Clemente XI. transformar o Recolhimento em Mosteiro, cujas Recolhidas em 6 de Fevereiro de 1718 professaraõ com grande solemnidade, e com obediencia ao Ordinario Diecesano. Ficou pouco arruinado este Mosteiro; porém as Religiosas se abarracaraõ no Forte a elle contiguo, e a piedade de certo Devoto o tem mandado reedificar todo à fundamentis, com promta, e liberal grandeza.

Recolhimento.

Nossa Senhora dos Anjos. Foy instituido pelo Excel-

cellentiſſimo Principal D. Lazaro Leitaõ no anno de 1747 para recolhimento de Viuvas nobres, e ſe eſtabeleceo no meſmo Hoſpicio, que os Religioſos Barbadinhos Italianos largaraõ.

Ermidas.

Santa Anna.

Senhora da Conceiçaõ. No Valle de Chellas.

Senhora da Conceiçaõ, e Santo Antonio no Caes dos Soldados.

S. Joaõ Bautiſta.

Madre de Deos. Na traveſſa do Caſcaõ.

Senhora do Paraiſo. Eſta Ermida ſerve de Paroquia, e della eſcrevem D. Rodrigo da Cunha nos Biſpos de Lisboa pag. 260. O Author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 366. e o do Santuario Mariano tom. 7. pag. 68.

S. Pedro de Alcantara. Junto a Santa Apollonia.

Senhora do Roſario da Reſtauraçaõ. Ao Grilo. Foy fundada eſta Ermida por D. Gaſtaõ Coutinho Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e do ſeu Conſelho, inſtituindo-a por cabeça de Morgado na quinta chamada do Grilo, cujos Capellães, que ſaõ quatro, provê o adminiſtrador, mas com approvaçaõ, e beneplacito do Geral dos Loyos, e de dous Conegos, que para iſto elege a Communidade, e ſem ſeu conſentimento naõ ſe póde remover algum dos ditos Capellães, como diz Santa Maria na Chronica intitulada *Ceo aberto na terra liv. 2. pag.* 493.

Senhora do Roſario. Em Villa Gallega.

136 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de mil trezentos e trinta fogos: preſentemente conſta de mil duzentos e dez; em cujo numero ſente a diminuiçaõ de cento e vinte. Experimenta mais a decadencia na qualidade de ſeus habitadores, que os mais opulentos deſertaraõ, por ficarem diſtantes os tribunaes; vindo occupar as caſas os Hereges pro-

protestantes, que já passaõ de quatorze fogos, por se acharem agora mais proximas as Alfandegas. Distribuem-se os moradores pelas seguintes

Ruas.

Santa Apollonia, Bica do C,apato, Caes, Calçada dos Barbadinhos, Calçada do Forte, do Grilo, Cruz, Cruz da pedra, e dos quatro caminhos, Galé, Graça, Grilo, Paraiso, Penha, Piedade, Xabregas.

Becos, e Travessas.

Arcipreste, Calçada de Santa Clara, e da Cruz, Campo de Santa Clara, Cascaes, Conde de Avintes, Era, Flores, Freiras, Lages, Meyo, Mouros, Paraiso, Postigo do Arcebispo, de S. Vicente, Raposo, Santos, Valle de Chellas, Valle escuro, Veronica, Vibre, Zagallo.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, Santo Estevaõ, Senhora dos Olivaes, S. Vicente.

XII.

Santo Estevaõ.

137 A Memoria mais fidedigna, que encontramos da antiguidade desta Paroquia, he do anno de 1295, no qual a 18 de Mayo passou El-Rey D. Diniz Provisaõ para ser collado nella em Prior o Mestre Joaõ, Fysico da Rainha D. Brites; e foy elle o ultimo que obteve esta Igreja, estando ainda no Padroado Real; porque a 8 de Julho do mesmo anno fez o dito Rey mercê delle ao Bispo de Lisboa D. Joaõ Martins de Soalhães, para continuar em seus successores, (1) e desta sorte se incorporou na Mitra, cujos Prelados saõ presentemente seus Donatarios.

138 O

[1] Cunha Catalog. dos Bisp. de Lisb. part. 2, cap. 77.

138 O Paroco tem predicamento de Prior, que he provido por concurso, e se estima a sua renda em quatrocentos mil reis; sendo que destes ha de dar a quarta parte a hum Coadjutor. Ha aqui oito Beneficios, que apresenta alternativamente a Sé Apostolica, e o Prelado Diecesano, e rende cada hum cincoenta mil reis. As Irmandades, que se achaõ aqui estabelecidas, saõ: a do Santissimo, que apresenta huma meya Capella: a da Via-Sacra, que apresenta tres Capellas, para o que tem propriedades vinculadas: a da Conceiçaõ, e Mãy dos Homens: a de Nossa Senhora da Atalaya, Imagem antiga, e milagrosa, e que tem huma Irmandade dos mareantes, e pescadores com seu Capellaõ.

139 Aos insolitos abalos do terremoto cahio nesta Igreja huma Imagem de pedra do Santo Patrono Protomartyr, que estava no frontispicio, e arruinou o Coro com a sua queda, mas já se acha reedificado: apeou-se parte da torre, que ameaçava ruina; e com o temor de outra mayor, passou a Paroquia para a Ermida de Nossa Senhora do Rosario no largo do sitio das Galés. Naõ consta que morresse na Igreja pessoa alguma nesse dia; porém pelo destrito da Freguezia, segundo o assento do livro dos obitos, naõ chegaraõ a quarenta: contém no seu territorio as seguintes

Ermidas.

Senhor Jesus da Boa nova. A's portas da Ribeira junto da Galé. He administrada por huma Irmandade Secular com o titulo da Via-Sacra. Tem para seu estabelecimento duzentos mil reis em huma propriedade mystica à dita Ermida, a qual com o terremoto naõ padeceo destroço.

Nossa Senhora dos Remedios. Junto ao Chafariz de dentro. Tem de rendimento oito mil cruzados, e he administrada pela Irmande do Espirito Santo, que

se

ſe compoem dos navegantes, e peſcadores de Alfama, com ſeu Juiz conſervador, que he o Corregedor do Crime da Corte. Tem tambem ſeu hoſpital para ſe curarem nelle os Irmãos pobres. (1) Ficou arruinada com o terremoto, porém acha-ſe inteiramente reedificada.

140 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de mil cento e vinte e nove fogos, e quatro mil trezentas e vinte cinco peſſoas de communhaõ: preſentemente numera oitocentos e ſetenta e oito fogos; e tres mil quatrocentas peſſoas de communhaõ. Diſtribuem-ſe pelas ſeguintes

Rúas.

Portas da Cruz, (2) Rua direita, dos Remedios, do Vigario.

Freguezias confinantes.

Santa Engracia, S. Miguel, Salvador, S. Vicente.

XIII.

S. Joaõ da Praça.

141 A Origem deſta Paroquia he antiga, porque já no anno de 1317 achamos, que o Biſpo de Lisboa D. Fr. Eſtevaõ II. collara nella em 28 de Setembro ao Prior, a quem ElRey D. Diniz havia feito mercê como Padroeiro da dita Igreja. (3) A meſma mercê fez depois ElRey D. Affonſo IV. a hum Capellaõ da Capella Real, como conſta do livro dos Padroados, que eſtá na Tor-re

[1] Santuar. Marian. tom. 1. p. 231. [2] Neſte ſitio fundou ElRey D Diniz no anno de 1290 a primeira Univerſidade que houve em Portugal, como diz o Chroniſta Brandaõ na Monarquia Luſitana part 5. liv. 16. cap. 82 accreſcentando, que póde eſte Reino venerar eſta Porta como ſolar das boas letras, e primeira habitaçaõ da ſciencia, e que parece naõ quer Deos tenha Portugal nenhuma boa dita, que naõ ſeja apadrinhada de ſua Cruz ſagrada. [3] Cunha Hiſtor. Ecclef. de Lisb. part. 2. c. 84. n. 7.

re do Tombo na casa da Coroa fol. 14. vers. col. 1. O Senhor Rey D. Pedro II. fez mercê deste Padroado a D. Pedro Joseph de Noronha, primeiro Marquez de Angeja.

142 Rendia esta Igreja ao Prior antes do terremoto quatrocentos mil reis, e cada hum dos quatro Beneficios, que ha aqui, renderá pouco mais, ou menos cem mil reis. Sobre a apresentaçaõ destes Beneficios litiga o Procurador da Coroa com os Beneficiados, sem embargo de que se mostraõ muitas apresentações feitas pelos Priores. Ha nesta Igreja as Irmandades, e Capellanías seguintes. A do Santissimo com huma Capella de oitenta mil reis: a das Alm s com dez Capellães de cincoenta mil reis: a de S. Joaõ Bautista: a de Nossa Senhora da Encarnaçaõ, a qual só consta de Cortadores, e apresenta dous Capellães com sessenta mil reis cada hum. Além destas estabeleceo aqui huma Capella a Santa Catharina hum Joseph Rodrigues de Figueiredo, que concorria com tudo que era preciso.

143 Com o geral fracasso do terremoto, e incendio, se arruinou, e queimou, ficando em deploravel estado; à vista do qual determinou a Mesa com o Paroco se collocasse o Santissimo em huma Ermida existente na travessa da Veronica, em quanto se cuidava em melhor accommodaçaõ; o que depois se fez, erigindo huma decente Ermida no Caes de Santarem, onde existe. Numera trezentos fogos distribuidos pelas seguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Santo Antonio na Ribeira, Arco do Chafariz, e do Conde de Coculim, e o de Jesus, Armazens, Atafonas, Baraõ, Caes de Santarem, largo da Botica, Marichal, Pasteleiro, Rua direita de S. Joaõ da Praça da parte esquerda, Temte lá, Varandas do Conde de Villa-Flor.

Becos.

Santo Antonio, Igreja, Joaõ Seco, Pardieiro, Silva.

Freguezias confinantes.

S. Jorge, Santa Maria, S. Pedro.

XIV.

S. Jorge.

144 COincide a antiguidade desta Freguezia com a de S. Bartholomeu. ElRey D. Diniz a annexou à cadeira do Mestre-Escola da Sé, que nunca a apresentou, e sempre andou em concursos, e renuncias até o presente. O Paroco tem predicamento de Prior, cuja renda era estimada em seiscentos mil reis. Ha na Igreja quatro Beneficios, que servidos chegavaõ a duzentos mil reis cada hum, e estes tem hum aprestimo na Chamusca, em que naõ entra o Prior, o qual rende a cada hum vinte moedas. Saõ estes Beneficios da apresentaçaõ do Prelado, e tambem de renuncia.

145 As Capellas, que havia na Igreja, eraõ a do Santissimo, instituida por Francisco de Lima, que a Mesa apresenta com sessenta mil reis de congrua para o Capellaõ: duas das Almas com cincoenta mil reis cada huma: mais huma do Menino Jesus, que era dos Cegos. Defronte desta Igreja houve antigamente hum Collegio, que o Doutor Diogo Affonso Manga-ancha mandou fundar no anno de 1447, para dez Collegiaes pobres. (1)

146 Ficou tambem destruida com o terremoto, e fogo, por cuja causa se transferio para a Ermida de Santa Barbara, para diante do Campo do Curral, e depois se tornou a estabelecer do modo possivel na mesma Freguezia. Constava de cincoenta e oito fogos, e das ruas seguintes presentemente desertas.

Ruas.

[1] Leitaõ Ferreira Noticias Chronologic. num. 764.

Ruas.

Parte da rua direita, que vay do largo da Igreja para o Limoeiro da banda direita, Parte do beco do Bogio, Parte do beco do Alecrim do meſmo lado da Igreja.

Freguezias confinantes.

S. Joaõ da Praça, Santa Maria, S. Martinho.

XV.

S. Joſeph.

147 O Cardeal Infante D. Henrique, ſendo Arcebiſpo de Lisboa deſmembrou do territorio da Freguezia de Santa Juſta, por ſer dilatado, a porçaõ que deu a eſta de S. Joſeph a 20 de Novembro de 1567, erigindo a Paroquial na Ermida da meſma invocaçaõ, que os Pedreiros, e Carpinteiros haviaõ fundado à ſua cuſta com licença do Arcebiſpo D. Fernando de 6 de Julho de 1545 fóra dos muros antigos de Lisboa, paſſando as portas de Santo Antaõ mil e quatrocentos paſſos andantes.

148 Ha pouco mais de cem annos, que a mayor parte deſta Freguezia eraõ matos cerrados com algumas hortas, olivaes, e quintas; hoje eſtá ſummamente povoado o ſeu deſtricto, que entre as Paroquias da Cidade he hum dos mais apraziveis, pois obſervado da Cotovia faz hum proſpecto agradavel todo o ſeu terreno.

149 Tem o Paroco predicamento de Vigario, poſto que o Cardeal Arcebiſpo no Alvará da fundaçaõ da Freguezia, que vimos, lhe dá ſómente o titulo de Cura. He Igreja da Mitra, e rende mais de ſeiſcentos mil reis. Tem hum Coadjutor, que a Irmandade de S. Joſeph apreſenta, e o Prelado approva, levando por iſſo a quarta parte de todos os beneſſes, e emolumentos da Igreja, como expreſſamente o declara o meſmo Alvará. Conſta mais de

hum Cura, a quem o Vigario dá trinta mil reis, e de hum Thesoureiro, que apresenta o Prelado, e costuma render perto de cem mil reis.

150 Na Igreja ha as Irmandades, e Capellas seguintes. A de S. Joseph erecta pelos Pedreiros, e Carpinteiros no anno de 1532, como consta da inscripçaõ, que está no frontispicio da mesma Igreja, que logo transcreveremos. Esta Irmandade tem a administraçaõ da Capella mór, e a da Senhora da Fé com sete Capellães, a quem daõ quarenta e oito mil reis a cada hum. Ha mais a Irmandade do Santissimo bastantemente opulenta, e foy erecta no anno de 1571, como consta do seu Compromisso, e administrava, e pagava a doze Capellães de Missa quotidiana, cujos instituidores saõ os seguintes.

151 O Conde da Castanheira Simaõ Correa da Silva instituio duas de setenta mil reis cada huma. D. Marianna da Maya huma de oitenta mil reis. Joseph de Moraes, e sua mulher Isabel Martins outra de sessenta mil reis. Francisco Ribeiro da Fonseca tres de setenta mil reis. Barbara de Carriaõ duas de cem mil reis. Tem mais tres Capellães, que dizem as Missas pelos Irmãos, e outras de legados, que deixaraõ Affonso Gonçalves, o Padre Belchior do Rego Belliago, Joaõ de Carriaõ, Francisco Pires, e outros. Dá tambem esta Irmandade do Santissimo hum dote de oitenta mil reis cada anno, que deixou o P. Manoel Pereira.

152 Ha mais huma Capella, que instituio Manoel Galvaõ de sessenta mil reis, e ha mais outras de sessenta e cinco mil reis instituidas pelo Sargento mór de batalha Antonio de Sá de Almeida. A Irmande das Almas tem doze Capellães com quarenta e quatro mil reis cada hum, cuja congrua sahe toda das esmolas, que se tiraõ quotidianamente dos fieis com a bacia.

153 Com o terremoto passado padeceo esta Igreja pequena ruina, ficando sómente o seu frontispi-

cio

cio algum tanto esquartejado, por cujo motivo a Irmandade do Santissimo mandou fazer no campo da horta por detraz do palacio de Marco Antonio huma barraca de madeira, para onde se mudou o Sacramento, e se faziaõ as funções Paroquiaes. Aqui esteve a Freguezia até 22 de Julho de 1757, em cujo dia se restituio por ordem de Sua Eminencia para a sua antiga Igreja, a qual os Pedreiros, e Carpinteiros reformaraõ, e melhoraraõ, quanto à architectura da frontaria, onde fizeraõ esculpir estes dous padrões. O primeiro, que fica da banda do Evangelho, diz:

In. a. o.

Por causa do lamentavel terremoto do primeiro de Novembro de 1755 se arruinou a frontaria desta Igreja. A Irmande do Senhor S. Joseph, como Padroeira da mesma, a mandou levantar no estado em que se acha no anno de 1757.

Ultra non commovebitur, lib. 1. Par. 17. 9.

Debaixo deste padraõ estaõ gravadas na mesma pedra com primor os instrumentos do officio de Pedreiro, nos quaes se lem estas letras: *Hic est Faber.* Marc. 6. 3. *Joseph faber lapidarius.* Calmet. As letras *In. a. o.* que estaõ no principio, querem dizer *In anathema oblivionis*: isto he, para memoria perpetua da gratidaõ: cuja epigrafe he tirada do cap. 16. de Judith. v. 23.

154 O segundo padraõ está da parte da Epistola, e diz:

M. S.

Na era de 1537 se principiou a Confraria do Senhor S. Joseph, que foy a primeira deste Reino: e na era de 1546 a 7 de Abril se tirou S. Joseph de Santa Justa para esta casa.

Possederunt filii Joseph. Josué. 16. 4.

De-

Debaixo desta inscripçaõ se vem insculpidas as ferramentas do officio de Carpinteiro muito bem abertas, e sobre a serra se lê *Joseph faber lignarius.* Vers. Hebraica.

155 Comprehende esta Paroquia dentro dos seus limites os Templos seguintes.

Convento.

Corpus Christi. De Religiosos Carmelitas Descalços, erecto no anno de 1756 no principio da travessa fronteira ao palacio de D. Diniz de Almeida.

Hospicios.

Brunos. He dos Religiosos da Cartuxa de Laveiras, e está na estrada do Salitre, na rua da Palmeira. Foy principiado em huma horta, que lhes deu o Bispo Capellaõ mór D. Jorge de Ataide no anno de 1609, para dote de duas cellas, que estabeleceo no dito Convento. Tem sua Capellinha, onde diz Missa o Procurador, quando vem à Cidade. A ruina que padeceo com o terremoto, se acha recuperada.

Carmelitas Calçados. Da Provincia do Maranhaõ. Está na rua direita de Santa Martha, e foy fundado no anno de 1745.

Dominicos. Na Igreja de Santa Joanna. Foy fundado em 25 de Novembro de 1699, em huma quinta de D. Alvaro de Castro, sita a diante de Santa Martha, e a deixou em testamento para se estabelecer hum Collegio de Missionarios da India. Pelo terremoto naõ padeceo ruina alguma; e assim como aqui assistiaõ poucos Religiosos, e as da Annunciada se considerassem na urgencia de abandonarem o seu Mosteiro, mudaraõ se para a cerca de Santa Joanna, accommodando-se em varias barracas, que mandaraõ erigir. Depois com animo de persistirem neste sitio, tem concorrido a grandeza de ElRey

com

com o diſpendio de duzentos mil cruzados, para lhes fazer hum Moſteiro ampliſſimo, que ainda naõ eſtá completo.

Mercenarios. Eſte Hoſpicio foy fundado na rua do Paſſadiço no anno de 1747, e nas terras do Deſembargador Antonio de Macedo, que as deu para o tal edificio, ſendo Procurador Geral o Padre Fr. André Pinto da Silva. A pequena ruina, que padeceo, ſe acha remediada.

Moſteiros.

Noſſa Senhora da Annunciada. De Religioſas Dominicas. Foy primeiramente habitado de Religioſos de Santa Antaõ no anno de 1400. Trocaraõ eſte Convento no anno de 1539 com o das Freiras da Annunciada, que ElRey D. Manoel havia fundado no anno de 1519 ao pé do Caſtello, junto à Mouraria; e aſſim as Religioſas trouxeraõ comſigo a invocaçaõ da Annunciada para o Convento dos Frades de Santo Antaõ, e os Frades levaraõ o nome do Santo para o Moſteiro, que ainda hoje conſerva o de Santo Antaõ o Velho. Com o terremoto ſe arruinou baſtantemente naõ ſó o Moſteiro, mas a Igreja, ficando neſta toda a ſua abobeda aberta pelo meyo até o arco da Capella mór, e perecendo neſte eſtrago dez Religioſas; entre as quaes merece eſpecial memoria a Madre Soror Caetana da Encarnaçaõ, filha do II. Marquez de Tavora, de vida exemplariſſima, e virtuoſa: naõ menor lembrança deixaraõ da ſua virtude as Madres Soror Joſefa Tereſa, Soror Anna Felicia, e Soror Luiza Victoria, filha dos Barões da Ilha grande, e de vida inculpavel. Preoccupadas as mais Religioſas do grande temor, que tambem a violencia do fogo já proximo as ameaçava, reſolveraõ ſahiſſe toda a Communidade para huma horta alli contigua chamada do Cardador, onde eſtiveraõ até Quarta feira ao jantar, em cujo dia

ſe

se passaraõ para o Convento de Santa Joanna, onde se conservaõ ainda em huma grande accommodaçaõ, que ElRey lhes mandou fazer generosamente.

156 Defronte deste Mosteiro existia o palacio dos Condes da Ericeira, hoje Marquezes do Louriçal, fundado por Fernando Alvares de Andrade do Conselho de ElRey D. Joaõ III. no anno de 1533. Depois se accrescentaraõ dous novos quartos, que tudo comprehendia cento e vinte casas, dez pateos, jardins, e hortas, e lograva mais de duzentas pinturas, muitas dellas de Ticiano, Corregio, Rubens; e sobre tudo huma excellente livraria, que continha dezoito mil volumes impressos: mil Collecções de papeis varios, a Historia do Imperador Carlos V., escrita pela sua propria maõ, hum livro de hervas, e plantas illuminadas com as suas naturaes cores, que foy de Mathias Corvino Rey de Hungria, Cartas de marear dos primeiros descobridores das nossas Conquistas, e muitos volumes manuscritos em diversas materias pelos Senhores da Casa de Ericeira. Tudo isto devorou o incendio no mesmo dia do grande terremoto, reduzindo a cinzas em breves minutos taõ preciosas, e irrecuperaveis alfayas.

Santa Martha. De Religiosas de S. Francisco. Teve principio depois do anno de 1569 em hum Recolhimento de donzellas orfans, que por agencia do Padre Antonio de Monserrate da Companhia de Jesus, ElRey D. Sebastiaõ estabeleceo para as filhas dos seus criados, que haviaõ morrido da grande peste succedida em Lisboa por aquelle tempo. Transformou-se em Mosteiro no anno de 1580, lançando-se a primeira pedra a 6 de Fevereiro, e no anno de 1583 se reduzio a clausura a instancias do Padre Pedro da Fonseca Jesuita, que lhe fez Estatutos especiaes em ordem à sua conservaçaõ. He sujeito ao Ordinario. Alguma cousa padeceo com o ter-

terremoto, que obrigou às Religiosas abarracaremse na sua cerca; porém reparada a ruina, se achaõ já restituidas às suas cellas. O grande palacio dos Condes de Redondo contiguo a este Mosteiro, para cuja Capella mór tem huma magestosa tribuna, onde tivemos a honra de celebrar a nossa primeira Missa em 7 de Novembro de 1733, ficou izento dos horrorosos abalos do terremoto; antes serviraõ algumas das suas officinas de commodo, e abrigo aos pobres doentes, e miseraveis, a que os Senhores desta Casa mandaraõ assistir caritativamente por acçaõ propria da sua innata piedade.

Ermidas.

Nossa Senhora do Bom Successo. Na Calçada do Lavre, que antigamente se chamava Calçada de Damiaõ de Aguiar. Foy edificada no anno de 1568 por Joaõ Rodrigues Torres. A Imagem da Senhora dizem, que apparecera sobre o bocal de hum poço, que está debaixo da mesma Capella. Permanece ainda aqui huma Irmandade da Via-Sacra, que instituio o Veneravel Fr. Antonio das Chagas. Naõ padeceo ruina alguma, e nella residio depois do terremoto a Collegiada da Misericordia.

Nossa Senhora da Gloria. Foy edificada esta Ermida por Fernaõ Paes, nobre Cidadaõ do Porto, no anno de 1570. Depois a possuiraõ os Condes da Castanheira, e hoje D. Luiz de Portugal. Nesta Igreja estiveraõ hospedadas humas Religiosas Flamengas, que no anno de 1582 vieraõ para este Reino desterradas, fugindo à heresia Lutherana, em tempo de ElRey Filippe II., e depois de quatro annos, se passaraõ para o sitio de Alcantara, onde se edificou o Mosteiro de Nossa Senhora da Quietaçaõ. Acha-se esta Ermida arruinada por causa do terremoto.

S. Luiz Rey de França. Consta que a Confraria de

S. Luiz da Naçaõ Franceza estivera na Ermida de Nossa Senhora da Oliveira no anno de 1558. Começou-se a fazer a nova Igreja de S. Luiz às portas de Santo Antaõ no anno de 1563, a qual se concluio, e juntamente hum Hospital para agazalhar, e curar os doentes pobres da sua Naçaõ, no anno de 1572, em cujo anno a 20 de Agosto lhes concedeo licença o Arcebispo D. Jorge de Almeida para se dizer nella Missa, a qual se verificou a 25 dia do Santo: e por ficarem izentos da Matriz, se contrataraõ com o Cura da Igreja de S. Joseph, que entaõ era Nuno Cabral Camello, em seiscentos reis cada anno. Tambem nos consta de documentos authenticos, que vimos, que a Imagem do Santo, e mais ornamentos estiveraõ na Ermida de Nossa Senhora da Victoria. Tem a dita Confraria, e o seu Capellaõ muitos privilegios concedidos pelo Papa Paulo IV. no anno de 1561. Fez a dita Irmandade no anno de 1580 hum concerto com Marcos Heitor, Cosinheiro mór na caldeiraria, por este lhe fazer mercê de humas casas suas, sitas defronte da dita Igreja, onde se fez o adro, com obrigaçaõ de lhe mandarem dizer cada semana huma Missa rezada pela sua alma, e de sua mulher, com outras mais clausulas. A ruina, que teve com o terremoto, se acha recuperada.

Nossa Senhora da Pureza. Na calçada de S. Roque. Foy fundada no anno de 1581 por Manoel de Castro Solicitador dos Orfãos, e sua mulher Filippa Lourenço, e a dotaraõ de cem mil reis para a Fabrica. Agora a administra o Conde de Castello melhor, que comprou o direito aos herdeiros em 18 de Mayo de 1711. Naõ padeceo ruina alguma, e nella existe a Paroquia de S. Nicoláo.

157 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil e cem fogos, e de cinco mil e seiscentas pessoas de communhaõ. Depois se tem augmentado, e povoado pelas terras da Cotovia, e algumas hor-

hortas mais de sessenta fogos, e se vaõ continuamente erigindo propriedades em grande numero com ruas, a que ainda se naõ sabe os nomes, sendo as antigas as seguintes.

Ruas.

Calçada da Gloria, e do Lavre, Calçadinha de Santo Antonio, ou de Rilhafolles, Caridade, Carriaõ, Cazal das Moças, Cisterna, ou Santa Barbara, Condes, Direita, Esperança, Fé, Horta dos Ulmeiros, Largo de S. Luiz, Macedo, ou Oliveirinha, Metade, Palmeira, Passadiço, Praga, Pretas, Rua Nova da Gloria, Salitre, Telhal.

Becos.

Mancebia, Siqueiro, Tem tem.

Travessas.

Açougue, Cotovia, Despacho, Freiras, Melro, Parreiras, Passagem, Sem sahida.

Freguezias confinantes.

Senhora da Encarnaçaõ, Santa Isabel, Santa Justa, Pena, S. Sebastiaõ da Pedreira.

XVI.

Santa Isabel.

158 CRescendo excessivamente a povoaçaõ nos suburbios da Cidade, e sitio de Campolide, determinou o Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida erigir huma nova Paroquia, separando parte dos moradores das Freguezias de Santos, e S. Sebastiaõ da Pedreira, e parte da de Santa Catharina, e S. Joseph, e elegendo para esta erecçaõ a Ermida de Santo Ambrosio, que existia pouco acima do Mosteiro de Trinas no sitio do Rato, nella disse Missa a 14 de Mayo de 1741, collocando no Sacrario o Santissimo Sacramento com grande solemnidade, ordenando que dalli por diante se invocasse a Freguezia com o titulo de Santa

Isabel Rainha de Portugal, e que os Freguezes do territorio assignado reconhecessem por seu Paroco ao Reverendo Felisberto Leitaõ de Carvalho, a quem constituio no caracter de primeiro Reitor della.

159 No anno seguinte de 1742 a 4 de Julho fez o mesmo Eminentissimo Cardeal Patriarca fundar huma nova Igreja para estabelecimento da Paroquia, cuja primeira pedra lançou nos fundamentos do edificio, com rito solemne, o Excellentissimo Principal Almeida seu sobrinho. Subio a obra de cantaria até a cimalha Real, mas descobrindo-se no desenho alguns excessos, em que naõ se reparou no principio, e tambem por falta de cabedaes, esteve suspensa alguns annos: até que desejoso o magnanimo Prelado de ver concluido hum Templo, que elle havia principiado com gosto, entregou generosamente em 27 de Outubro do anno de 1753 à Irmandade do Santissimo da dita Paroquia toda a sua preciosa copa de prata, com cuja importantissima esmola se foy continuando a obra da Igreja com fervor, emendando-se do primeiro risco o que foy possivel.

160 Rendia esta Freguezia ao seu Reitor mais de seiscentos mil reis, e depois do terremoto, quasi que rende outro tanto. Apresenta elle quatro Curas para o ajudarem no ministerio, e tem hum Thesoureiro, que apresenta o Prelado, e renderá mais de cento e cincoenta mil reis. Ha na Igreja dezaseis Capellas a saber: huma do Santissimo, outra de Nossa Senhora da Arrabida, e quatorze das Almas, de cincoenta mil reis cada huma. Ha mais huma Irmandade da Via-Sacra com o titulo do Senhor Jesus dos Afflictos.

161 Na lastimosa tragedia do terremoto foy esta Paroquia a mais bem livrada; porque nem a Igreja, que ainda naõ está acabada, nem a em que reside a Paroquia sentiraõ ruina alguma; nem consta, que

que em todo o deſtricto da Freguezia padeceſſe alguem. Só na rua da Cotovia deſde as caſas de D. Rodrigo até as obras do Conde de Tarouca, e bairro do Pombal houve alguma derrota nos edificios; porém tudo reparavel, e já habitado.

162 Exiſtem no deſtricto deſta Freguezia os ſeguintes Templos.

Conventos.

S. Bento da Saude. De Monges Benedictinos. Foy erecto no anno de 1598 pelo ſeu Geral Fr. Balthazar de Braga à expenſas da Religiaõ, como conſta dos diſticos latinos abertos em huma pedra, que ſe lem por cima da portaria, que dá entrada para os Clauſtros, que dizem:

Cui tantum ſacratur opus, cui nobile Templum
Hæc Bene bis dicto dedicat Ordo Niger.
Qui parat expenſas Monachum ditiſſima pulchrum
Pauperies propriis ſumptibus fecit opus. &c.

O vulgo cuida que fora fundado pelo Marquez de Caſtello-Rodrigo, o qual ſó tomou a Capella mór à ſua conta, e para ſeu jazigo; cujo contrato desfizeraõ os Religioſos com os herdeiros do Marquez, dando-lhe eſte Convento dez mil cruzados no anno de 1718, ſendo entaõ Abbade o Padre Fr. Bartholomeu de S. Jeronymo. He eſte edificio magnifico pela ſituaçaõ do terreno, e pela grandeza de todas as ſuas partes, que o compoem.

162 Do inſolito, e geral eſtrago do terremoto ficou todo eſte ſagrado edificio taõ preſervado ainda da menor ruina, que eſteve em termos de ſe congregar no ſeu Templo a nobiliſſima, e grande Communidade da Santa Igreja Patriarcal, para nelle exercer as funções Eccleſiaſticas; e aſſim ſe mandou logo inſinuar ao D. Abbade deſte Convento por carta do Secretario de Eſtado o Excellentiſſimo Sebaſtiaõ

tiaõ Joſeph de Carvalho e Mello, cuja copia he a ſeguinte.

163 *Tendo a incomparavel piedade de ElRey Noſſo Senhor preferido a todos os grandes cuidados da conjunctura preſente o de ſe reſtabelecerem logo, e ſem perda de tempo os exercicios de Coro, e da Santa Igreja Patriarcal, em que ſe devem perennemente dar a Deos os infinitos louvores, que devemos à ſua Divina miſericordia, por nos preſervar depois de huma taõ grande calamidade as Reaes Peſſoas de Suas Mageſtades com toda a Familia Real, e a hũma taõ grande parte das peſſoas, que conſtituem todos os eſtados deſte Reino. E naõ ſe achando nem na Corte, nem nos ſeus ſuburbios outra Igreja com eſtado de ſubſtituir com a brevidade, que he indiſpenſavel à Patriarcal, de que Deos foy ſervido privarnos, ſe naõ for o Templo deſſe Moſteiro, que a Divina clemencia preſervou dos eſtragos a que ſe reduziraõ tantos outros: para que de todo naõ ceſſem os ſeus ſantos louvores, me manda Sua Mageſtade participar a V. Paternidade, que neſta extremoſa urgencia, de acordo com o Eminentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Cardeal Patriarca, tem aſſentado, em que neſſa Igreja de S. Bento da Saude, e em algumas das caſas, e officinas miſticas a ella, que neceſſarias forem, ſe celebrem por ora, e em quanto o meſmo Senhor naõ der mais ampla providencia, que tem determinado, todos os Officios Divinos, que até o dia primeiro do corrente ſe celebravaõ na Santa Igreja Patriarcal: eſperando que o zelo do ſerviço de Deos, e de Sua Mageſtade, que tanto tem reſplandecido na Communidade a que V. Paternidade reſide, neſta occaſiaõ o fará cooperar para o dito effeito, de ſorte que os exercicios da Cathedral ſe façaõ compativeis com os do Coro, que a meſma Communidade frequenta com taõ exemplar obſervancia. Deos guarde a V. Paternidade. Paço de Belém a 17 de Novembro de 1755.*

164 Eſta determinaçaõ naõ teve effeito, porque a Patriarcal foy para a Ermida de S. Joaquim, em Alcantara, como temos dito; mas naõ deixou taõ vaſto edificio de dar commodo dentro do ſeu am-

ambito ao Archivo Real da Torre do Tombo, como já dissemos, e à Academia Militar, ou Aula da Fortificaçaõ, que se estabeleceo em huma casa situada no portico da Igreja, para onde tem sua principal serventia opposta à portaria conventual do sobredito Convento, cujo exercicio teve principio em Outubro de 1757.

Nossa Senhora da Estrella. Dos mesmos Monges Benedictinos, fundado no anno de 1572 pelos seus Reformadores. Serve de Collegio aos taes Religiosos. Padeceo fatal destroço com o terremoto; porém toda a sua grande ruina se acha quasi remediada.

Nossa Senhora da Assumpçaõ. Noviciado que foy dos Religiosos Jesuitas no sitio da Cotovia, fundado em 23 de Abril de 1603 por Fernaõ Telles da Silva, Governador da India, e sua mulher D. Maria de Noronha. Experimentou este Templo seu destroço, mas já se acha restabelecido, e nelle fundado nobremente o novo Collegio chamado dos Nobres.

Senhor Jesus da Boa Morte. Hospicio de Congregados, que fundou o Irmaõ Antonio dos Santos no anno de 1736, e de quem já fallamos no tom 2. part. 3. deste nosso Mappa cap. 3. §. XIX. Naõ padeceo ruina alguma com o terremoto.

Mosteiro.

Nossa Senhora dos Remedios. De Religiosas Trinitarias, no sitio do Rato. Havia Manoel Gomes de Elvas Fidalgo da Casa de Sua Magestade em seu testamento, que fez em Lisboa a 29 de Junho de 1620, instituido dous Morgados de seus bens, de que hoje he Administrador Luiz Joseph Correa de Lacerda, Tenente Coronel do Regimento de Olivença, mandando que à custa dos seus bens se fizesse com a mayor grandeza hum Mosteiro da Ordem, e invocaçaõ da Santissima Trindade, para o qual havia

via alcançado licença de ElRey, e que se fundasse em o sitio de Campolide, chamado hoje o Rato, e que nelle entrariaõ quarenta Religiosas sem dote, as quaes seriaõ apresentadas pelos successores, e Administradores dos referidos Morgados por elle instituidos; como tambem dous Capellães; para cujas despezas, e sustentaçaõ deixou fundo competente. Determinou mais que na Capella mór se faria jazigo para os ditos Administradores; e que o seu corpo fosse depositado na Igreja de Nossa Senhora do Carmo desta Corte, para que quando estivesse acabada a Igreja do Mosteiro fossem para ella trasladados os seus ossos. Depois que morreo o dito Manoel Gomes de Elvas, se deu principio à fundaçaõ do Mosteiro, e chegando-se a concluir, houve entre os testamenteiros algum descuido, até que o zelo, e actividade do Patriarca D. Thomaz de Almeida, fazendo que em o mez de Junho de 1721 tivesse principio a clausura do Mosteiro, nelle entraraõ Religiosas com apresentações do Administrador. E porque se reconheceo que as rendas applicadas ao dote do Mosteiro naõ poderiaõ subsistir para a prompta sustentaçaõ das quarentas Religiosas, como recommendava seu Instituidor, se reduzio ao numero de trinta; e mais seis Conversas para o ministerio particular do Mosteiro, em cujo numero se conserva presentemente sujeito à jurisdicçaõ do Ordinario Os ossos do Instituidor até agora naõ se trasladaraõ por falta de noticias, que ha do lugar onde positivamente foy sepultado seu corpo na Igreja do Carmo. A pequena ruina que padeceo este Mosteiro, e Igreja pelo terremoto, logo se remediou.

Hospicio.

Dos Missionarios do Varatojo. Na rua da Conceiçaõ à Cotovia, por mercê delRey Fidelissimo D. Joseph I. desde o anno de 1760.

Er-

Ermidas.

Santo Ambrosio. Presentemente serve de Paroquia. Naõ experimentou ruina alguma.

Santa Anna. Na ribeira de Alcantara.

Senhora da Conceiçaõ. Na Fonte Santa.

Senhora da Conceiçaõ. Na quinta chamada do Inferno.

S. Joaõ dos Bem-Casados. Edificou-a Antonio Simões, official de Dourador no anno de 1580.

Nossa Senhora Mãy dos Homens. Na quinta de Joseph Ribeiro Escrivaõ dos Armazens, fundada no anno de 1755.

S. Pedro. Fundada por hum Pedro Marques no anno de 1621.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta chamada do Tenente Coronel.

Nossa Senhora dos Prazeres. Na quinta dos Condes da Ilha, junto à ribeira de Alcantara, com quem o povo de Lisboa tem grande devoçaõ.

165 Depois do terremoto se fundaraõ as Ermidas, e Templos seguintes:

Santa Anna. Defronte da Igreja nova de Santa Isabel, fundada por D. Margarida.

Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceiçaõ. Na rua de S. Joaõ dos Bem-Cazados. Foy fundada no anno de 1756 por D. Nuno, filho do Duque de Cadaval.

Nossa Senhora da Piedade das Chagas. Aos Cardaes, de que já fallámos.

A Santa Igreja Patriarcal. No sitio das obras do Conde de Tarouca, de que tambem já fallámos.

S. Francisco de Borja. Residencia que foy dos Procuradores Jesuitas da America, e Asia. Hoje serve de Seminario da Patriarcal.

Senhor Jesus dos Afflictos. Na rua da Madre de Deos.

Santo Antonio. Na rua para baixo do Pombal, on-

de esteve a Paroquia da Encarnaçaõ. Fabricou-se de madeira pelo Mestre de obras Jorge Rodrigues de Carvalho, mas depois se extinguio.

Santo Antonio. Onde esteve a Misericordia na rua de S. Bento. He de Antonio Rodrigues Gil.

Menino Jesus. Em a rua chamada Campo de Ourique.

Nossa Senhora dos Milagres. Que fundou Manoel de Jesus na travessa dos ladrões.

Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo. No sitio das Aguas livres.

Convento de S. Francisco. Na quinta de D. Elena, hoje dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio ao Rato. Estes dous Conventos naõ foraõ de muita presistencia, porque se fizeraõ para accommodaçaõ interina dos Religiosos, que andavaõ sem abrigo por causa do terremoto, e incendio lhes destruir os seus Conventos, para os quaes se recolheraõ depois de se fazerem promptos.

166 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil quatrocentos e sessenta fógos, e de cinco mil seiscentas e vinte e seis pessoas de communhaõ. No anno de 1757 numerava dous mil quatrocentos e quinze fógos: e onze mil seiscentas e cincoenta e cinco pessoas de communhaõ. Todo este augmento accresceo a esta Freguezia, pelos muitos edificios, que no seu terreno baldio se tem edificado, e vay continuando, de fórma, que será a Paroquia mais populosa da Cidade, e como bem diz no seu *Clamor Justificado* o Reitor da Conceiçaõ, Braz Joseph Rebello Leite, della se podem separar ovelhas para outras duas Paroquias sufficientemente. As ruas que tem nome, saõ as seguintes.

Ruas.

Almas, Santa Anna, Santo Antonio, Arrabida, S. Bento, Boa Morte, Senhora do Cabo, Campolide, Campo de Ourique, Cardaes, Conceiçaõ, Cotovia, Estrella, Fabrica, Fontesanta, Hortanavia,

via, S. Joaõ dos Bemcaſados, Santa Iſabel, Largo do Rato, Madre de Deos, Senhora dos Milagres, Monte Olivete, Norte, Penha de França, Pombal, Prazeres, Santa Quiteria, Rato, Ribeira de Alcantara, Rua nova da Patriarcal, Salitre, Sol, Traveſſa dos cegos, Val de Pereiro.

Freguezias confinantes.

Ajuda, Bemfica, Santa Catharina, Encarnaçaõ, S. Joſeph, Mercês, Santos, S. Sebaſtiaõ da Pedreira.

XVII.

S. Juliaõ.

167 ENtre as Igrejas Paroquiaes de Lisboa goza eſta chamada em outro tempo S. Giaõ, de huma muito antiga, e honroſa origem; porque ſegundo a memoria de alguns eſcritores (1) já no anno de 1200 eſtava erecta em Paroquia, ſendo nella bautizado o Papa Joaõ XXI. ou XXII. a quem chamaraõ Pedro Juliaõ. Naõ conſegue menor honra, e gloria em terem ſido aqui purificados com a agua do Bautiſmo o Veneravel Padre Affonſo de Caſtro, que morreo Martyr nas Molucas, e o Veneravel Meſtre Joaõ Vicente, fundador da illuſtriſſima Congregaçaõ dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta. (2)

168 Reinando ElRey D. Sancho II. dizem que fora a antiga Igreja ſagrada pelo Biſpo D. Domingos Jardo no anno de 1241, e que ElRey D. Diniz fizera doaçaõ do Padroado della ao Cabido da Sé. Depois quando ElRey D. Manoel mandou edificar à borda do Tejo o mageſtoſo palacio, chamado Paços da Ribeira, como exiſtente dentro dos limites deſta Paroquia, a honrou com tanta eſpecialidade;

 que

[1] Agiolog. Luſit. tom. 3. p. 324. Monarq. Luſit. liv. 75. cap. 43 da impreſſaõ accreſcentada. [2] Idem Agiol. tom. 1. no 1. de Janeiro. Santa Maria no Ceo Aberto liv. 3. cap. 1.

que naõ ſó a mandou generoſamente reedificar, (1) mas ordenou, que quando foſſe preciſo aos enfermos do Paço receber os Sacramentos, ſe adminiſtraſſe tudo deſta Freguezia, naõ obſtante haver Sacrario na Capella Real de S. Thomé; e para ſalvar os privilegios do ſeu Capellaõ mór, e poder livremente exercer eſtas funções dentro de Palacio o Prior de S. Juliaõ, lhe fez mercê de o condecorar com o titulo de Capellaõ Regio. (2)

169 Continuaraõ os Auguſtiſſimos Reys Portuguezes em promover o culto deſta Igreja de tal fórma, que ElRey D. Sebaſtiaõ por ſeu Embaixador Lourenço Pires de Tavora, alcançou do Papa Pio IV. em 20 de Outubro de 1560 hum Breve, para que a Confraria do Santiſſimo deſta Freguezia ſe annexaſſe à que exiſtia em Roma na Igreja do Convento da Minerva, e lograſſe os meſmos privilegios, e indulgencias, que ſaõ muitas, e podeſſe communicallas a outras Confrarias de Portugal, e ſuas Conquiſtas, logrando por eſte reſpeito o titulo de Archi-Confraria.

170 Naõ ſatisfeita a devoçaõ deſte Soberano Monarca, para mayor culto do Santiſſimo Sacramento deſta Paroquia, lhe fez a mercê de vinte arrobas de cera de quatro em quatro annos; e eſta grandioſa eſmola, que ſe havia extincto com a introducçaõ dos Reys Filippes, renovou o feliciſſimo Rey D. Joaõ IV., querendo juntamente ſer admittido por Confrade com o Principe D. Theodoſio, que no anno de 1644, foy eleito Juiz da ſobredita Archi-Confraria, ficando deſde entaõ por eſtylo elegerſe para Juiz perpetuo della huma das Peſſoas Reaes, as quaes coſtumavaõ mandar pagar todos os annos a eſta Paroquia oito mil reis pelas conhecenças, a que eraõ obrigados como ſeus Paroquianos, as

[1] Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Mariz Dialog. 4. cap. 19. [2] Almeid. nas Notas ao Codex Titulor. S. L. E. tom. 1, num. 4. pag. 25.

as pessoas que viviaõ no Paço; cujo pagamento por supplica do Prior, e Beneficiados, mandou o Senhor Rey D. Pedro II. por Decreto de 18 de Julho de 1679, que se pagasse na folha da Ucharia, como de facto se pagava.

171 Constituida porém a Capella Real em Paroquia propria de toda a Regia familia, por Breve de Clemente XI. de 24 de Agosto de 1709, e erigindo-se nella huma nova Confraria do Santissimo Sacramento, mandou ElRey D. Joaõ V. por Decreto de 27 de Março de 1710, que as vinte arrobas de cera, que se costumavaõ dar à Irmandade do Santissimo da Freguezia de S. Juliaõ, ficassem applicadas para a Irmandade do Santissimo da sua Real Capella; retribuindo todavia a falta desta mercê com huma vantajosa esmola.

172 Consta esta Paroquia de hum Prior, que o Eminentissimo Patriarca apresenta, cujo rendimento de frutos certos, e incertos importava cada anno, pouco mais ou menos, em seiscentos mil reis. Tem seis Beneficiados de alternativa com o Pontifice, e Prelado, e com obrigaçaõ de Coro de manhã, e tarde; rende cada hum cento e cincoenta mil reis. Tem mais dous Curas, que apresenta o Prior, e dous Thesoureiros, hum da Igreja com rendimento pingue, e outro da Irmandade do Santissimo, que ella apresenta, e juntamente he seu Capellaõ.

173 A Archi-Confraria do Santissimo foy opulenta, e se prezava de ter o movel mais precioso, e de ricos ornamentos para o culto Divino. (1) Provia, e administrava vinte e tres Capellas de varios Instituidores, a saber: tres de oitenta mil reis, quatro

[1] Macedo nas Flores de Hespanha cap. 9. excel. 9. Veja-se a Relaçaõ da solemne Procissaõ do Corpo de Deos, que esta Irmandade fez a 2 de Setembro de 1582, e se imprimio novamente na Officina de Joseph Antonio da Silva no anno de 1731, e Jorge Cardoso no Agiol. Lusit. tom. 3. p. 324., que como filho desta Paroquia escreve muitas grandezas della.

tro de sessenta, oito de cincoenta, duas de quarenta e seis, duas de quarenta, huma de trinta. Mais duas Capellas de Missa quotidiana, que a mesma Irmandade instituio com cincoenta mil reis cada huma pelas almas dos seus Irmãos, e com Breve de Benedicto XIV. para que os Altares desta Igreja, onde as ditas Missas se dissessem, fossem privilegiados *pro interim.* Instituio nesta Igreja a Madre Soror Maria Teresa de S. Lourenço huma Capella, para depois de sua morte ser administrada por esta Irmandade, com a esmola de mil e duzentos reis cada Missa.

174 Havia huma Sacristia da Irmandade do Santissimo, por cima da qual estava a casa do Despacho, e outra em que se guardavaõ os ornamentos. Tambem tinha dous Carneiros, ou Jazigos, para deposito dos defuntos, hum antigo nos degráos da Capella mór, outro à porta da Igreja. No Altar mór estavaõ as Imagens de S. Juliaõ, e de Santa Basiliza, de cuja Irmandade he Juiz perpetuo o Marquez de Abrantes. Estavaõ mais outras duas Imagens de S. Pedro, e S. Paulo, que mandou fazer a Irmandade dos Clerigos, que aqui estabeleceraõ o Prior, e Beneficiados no anno de 1652.

175 Das Capellas, que estavaõ da parte do Evangelho, era a primeira a dos Alemães com o titulo de S. Bartholomeu, que tinha na Igreja a setima parte, por ser no principio Ermida de Santa Barbara, cuja Imagem conservavaõ no mesmo Altar, que era dos Bombardeiros, e por concederem establecerse nella Freguezia, ficaraõ conservando a dita setima parte com grandes privilegios. Tinha Sacristia por baixo da Capella, e sua porta, que era a travessa da Igreja. Apresentava cinco Capellães, o primeiro com obrigaçaõ de ser Confessor, e lhe rendia cem mil reis, e a cada hum dos quatro cincoenta mil reis.

176 A segunda Capella era de S. Sebastiaõ, que esta-

eſtava abaixo da porta traveſſa, e ainda entrava na dita ſetima parte, e com Irmandade, que era dos Sapateiros de vaca, de que ſempre o Juiz havia de ſer Alemaõ. A terceira Capella era do Senhor Jeſus Crucificado, Imagem veneravel, tinha Sacriſtia propria com Irmandade dos Mercadores, Sirgueiros, e Veſtimenteiros, e ſeu Capellaõ, a quem davaõ ſeſſenta mil reis.

177 Da parte da Epiſtola eſtava a Capella de Noſſa Senhora das Candeas, e por eſtar unida, e incorporada ao Cabido de S. Joaõ Lateranenſe em Roma, gozava dos ſeus privilegios. A ſua Irmandade era dos Alfayates de medida, com dous Capellães perpetuos de cincoenta mil reis. Seguia-ſe a Capella de Santa Catharina dos Alfayates da Calcetaria com ſeu Capellaõ: a de Santa Anna, dos Tanoeiros: a de Santo Eloy, dos Ourives do ouro, com ſeu Capellaõ de ſeſſenta mil reis, e pelas Miſſas de Natal lhe davaõ huma moeda de ouro: a de Santiago, que he dos Sombreireiros, com ſeu Capellaõ; e todas eſtas Capellas com privilegio Real, para que naõ poſſa nenhum dos officios, que lhes pertence, entrar na caſa dos Vinte quatro, ſem primeiro terem ſervido eſtas Irmandades. A das Almas apreſentava trinta e quatro Capellas, cujo rendimento, que era de cincoenta mil reis cada huma, ſahia todo das eſmolas, que ſe pedia com a bacia. A de Santo Antonio com ſeu Capellaõ de cincoenta mil reis.

178 Acontecendo em o primeiro de Novembro o tragico infortunio do terremoto, ſe arruinou a Igreja, e veyo toda ao chaõ, perecendo em ſuas ruinas algumas peſſoas, e entre ellas alguns Miniſtros Eccleſiaſticos da meſma Igreja, cauſando fim naõ menos laſtimoſo o incendio ſucceſſivo; porque reduzio a cinzas toda a opulencia deſte famoſo Templo, eſcapando unicamente do fogo, poſto que debaixo do entulho, a caſa do Deſpacho da Irmanda-

de

de de Nossa Senhora das Candeas, e a fabrica, e Capella da Confraria de Santo Antonio. Nesta urgencia, e desamparo tomou o Paroco a providente resoluçaõ de mandar erigir no terreiro do Paço huma barraca de madeira, onde permaneceo exercitando as funções Paroquiaes até 8 de Janeiro de 1758, em cujo dia se transferio para o antigo sitio da Igreja, dentro de cujo ambito se edificou outra de frontal muito decente, que consta de cinco Altares, para a qual concorreraõ, Prior, Beneficiados, e alguns devotos com suas esmolas amplissimas.

179 Dentro dos limites desta Freguezia se comprehende o seguinte

Convento.

Nossa Senhora da Boa Hora. De Religiosos Agostinhos Descalços. Está fundado no fundo da rua nova de Almada, e no sitio chamado em outro tempo as Fangas da farinha. Houvera aqui antigamente hum pateo de comedias contiguo ao palacio dos Senhores de Barbacena, e correndo o anno de 1633, vindo refugiarse a Lisboa os Religiosos Dominicos Irlandezes, perseguidos dos hereges de Inglaterra, Luiz de Castro do Rio lhes fez mercê daquelle terreno para nelle fundarem religiosa habitaçaõ, onde estiveraõ até o anno de 1658, no qual se passaraõ para o sitio do Corpo Santo, onde a Rainha D. Luiza de Gusmaõ lhes havia fundado Convento mais amplo. Devoluta a primeira habitaçaõ dos Dominicos Irlandezes, vieraõ occupalla os Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri em 16 de Julho de 1668, e aqui permaneceraõ até o anno de 1674, em cujo anno, vespera da Assumpçaõ da Senhora, com solemne procissaõ se mudaraõ para a Igreja do Espirito Santo chamado da Pedreira, que fica na mesma rua hum pouco mais acima. Até que finalmente os Religiosos Agostinhos Descalços vieraõ a

ser

ſer os ultimos habitadores deſta Caſa, da qual tomaraõ poſſe no meſmo anno de 1674 por mercê da Rainha D. Luiza, e conſentimento do Viſconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça, primeiro Padroeiro deſte Convento. (1) Com o terremoto, e incendio ficou totalmente deſtruido, e os ſeus Religioſos paſſaraõ para huma barraca de madeira, que a providencia do ſeu Vigario Geral fez erigir no ſitio de Belem. Preſentemente ſe achaõ alguns Religioſos occupando o antigo ſitio, e da portaria do carro fizeraõ Igreja onde rezaõ.

Ermida.

Noſſa Senhora da Oliveira. Eſtava no adro deſta Igreja Paroquial, e a mandaraõ fazer Pedro Eſteves, e ſua mulher Clara Giraldes naturaes de Guimarães. (2) Paſſou ao dominio dos Lavapeixes da ribeira, os quaes, como pobres, naõ podendo reedificar a Ermida, que ſe havia arruinado, renunciaraõ todo o dominio, e poſſe della no Prior, e Beneficiados de S. Juliaõ; e eſtes depois no anno de 1646 venderaõ o chaõ da Ermida aos Confeiteiros por ſetenta mil reis, para a reedificarem, como fizeraõ, e com o direito de poderem apreſentar Capellaõ, o qual preſidiria em todas as funçoes, que ſe fizeſſem na dita Ermida, ſem que a Igreja o encontraſſe em couſa alguma; para o que ſe obrigaraõ os Confeiteiros a darlhe como foro, ou cenſo cada anno ſeis mil reis; e das feſtas, que pertencem à Caſa, ſendo com Veſperas, mil e duzentos reis, e ſendo ſó Miſſa, ſeis toſtões, entrando o Capellaõ igualmente com o dito Prior, e Beneficiados em todas as offertas das feſtas, que pertencem à dita Ermida. A eſta

[1] Santuar. Marian. tom. 1. p. 226., e tom. 7. p. 131. [2] Corograf. Portug. tom. 1. p. 86. Santuar. Marian. tom. 1. p. 57., e tom. 7. p. 148.

destruio, e desfez o incendio totalmente, perecendo nella o seu Capellaõ mór.

180 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fógos, e de pessoas de communhaõ sete mil e dezaseis. Presentemente numera em varias partes da Cidade abarracadas mil setecentas, e dezanove pessoas. As ruas, de que se compunha esta Freguezia, posto que se achaõ todas confusas, e destruidas, e naõ para se ver, mas sim para se chorar, eraõ as seguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Arco dos Barretes, Arco dos Prégos, Baluarte, Bocanegra, Calçada de S. Francisco, (1) Calcetaria, Canal de Flandes, Confeitaria, (2) Corrilho, Crucifixo, Esteiras, Fangas da Farinha, Ferraria, Fórnos, Louceiras, Manilhas, Mercadores, Ourives, Painel do Anjo, Parreirinha do Espirito Santo, Parreirinha detraz da Igreja, Passadiço, Passarinhos, Porta travessa, Rua nova do Almada, Rua nova dos Ferros, (3) Salvagens, Tronco, Varandas do terreiro do Paço.

Be-

[1] Esta Calçada se começou a reedificar por novo, e nobre desenho em Março de 1754, fundando-se de pedraria lavrada, e elevando-se desde a boca da Calcetaria nivelada com a esquina da Capella mór da Patriarcal até o palacio, que foy do Conde da Ribeira aos Martyres. O grande terremoto arruinou, e destruio tudo antes de se concluir.
[2] Nesta rua existia hum famoso Nicho por modo de Oratorio, em que estava collocada a Imagem de Maria Santissima com o titulo da Oliveira, que floreceo em muitos milagres, mas o incendio consumio tudo de fórma, que se lhe naõ divisaõ os vestigios da situaçaõ, conservando-se todavia ainda a Imagem da Senhora em huma barraca no terreiro do Paço por pia actividade de alguns devotos.
[3] Por baixo da Ermida de Nossa Senhora da Oliveira, estava hum chafariz com grande tanque, a que chamavaõ dos Cavallos, por causa de dous, que alli havia de bronze, como diz Duarte Nunes Chron. de ElRey D. Fernando, pag. 205 Esta rua, que era taõ populosa, se vê deserta, e já confusa, e extincta com o novo Plano da Cidade.

Becos.

Alemo, Gaſpar das náos, Jardim, Joaõ de Deos, Lages, Loureiro, Vidro.

Traveſſas.

Da rua das Eſteiras, da rua dos Ourives, do Tronco.

181 Com as Reaes obras deſde o anno de 1714 ſe havia ſupprimido muita parte deſta Freguezia, extinguindoſe-lhe as ruas do arco do Ouro, Tanoaria, Largo da Patriarcal, Trabuqueta, Calçada antiga de S. Franciſco, Beco das Cruzes, Torrinha, e outras; porém o fatal incendio de 1755 a fez reduzir à ultima decadencia, vendo-ſe deſtituida de Templo, de caſas, de ruas, e de freguezes.

Freguezias confinantes.

Conceiçaõ, Magdalena, Martyres, S. Nicolao.

XVIII.

Santa Juſta, e Rufina.

182 HUma das tres Freguezias primitivas, que formou, e inſtituio neſta Cidade o Biſpo D. Gilberto, logo que o inclyto D. Affonſo Henriques a conquiſtou aos Mouros, foy a de Santa Juſta; (1) e ſegundo conſta das noſſas Hiſtorias (2) correndo o anno de 1173, a primeira Igreja, para onde foy conduzido o ſagrado corpo do invicto Martyr S. Vicente, aſſim que chegou do Promontorio Sacro do Algarve a eſte porto, foy para eſta de Santa Juſta, (3) para cuja lembrança permane-

Qq ii cia

[1] Cunha nos Biſp. de Lisb part. 2. cap. 2. [2] Monarquia Luſit. liv. 11. cap. 23. Galv. Chron. de ElRey D. Affonſ. Henriq. cap. 44. [3] He fama, que naquella occaſiaõ vieraõ deſembarcar com a ſagrada Reliquia a eſta Igreja, onde chegava o mar com braço navegavel; mas niſto parece naõ convir de boa vontade o noſſo Chroniſta Fr. Antonio Brandaõ no lugar acima allegado; onde diz, que no valle, que ficava entre o Caſtello, e a Igreja dos Martyres, houvera grandes eſcaramuças na tomada de Lisboa, o que naõ podia ſer, ſe o terreno eſtiveſſe cuberto de aguas.

cia na porta principal da Igreja hum Nicho de pedra da parte do Evangelho com a Imagem do Santo. (1)

183 Com desconfiança se deve trazer à memoria neste lugar a especial noticia, que nos offerece Fr. Apollinario da Conceiçaõ na *Demonstraçaõ Historica num.* 204., copiada de hum livro m. s. intitulado *Antiguidades de Lisboa*, composto por Antonio Coelho Gasco, o qual affirma, que naquelle tempo o Deaõ da Sé chamado Roberto, com beneplacito dos mais Conegos desannexaraõ de si huma Conesia para a darem a D. Moniz, que entaõ era o Prior desta Paroquia, em gratificaçaõ de lhes naõ querer embaraçar a transferencia do veneravel Corpo de S. Vicente para a Metropoli; e que estando os Priores de Santa Justa na posse deste decoroso predicamento mais de cento e oitenta annos, se levantara o Cabido com a Conesia, desmembrando-a da promessa, e direito antigo dos Priores, constituindo-a Doutoral; porém com tanta infelicidade, que os Conegos nella providos dalli por diante morriaõ sem duvida de algum desastre, o que se observou em muitos casos successivos até o anno de 1609, interpretando taõ infeliz derrota a ser castigo do Santo; como querendo se conservasse nesta Paroquia a memoria do seu primeiro deposito, com a distincta honra do seu Prior. Mas como esta noticia he fundada no solitario testemunho de hum só Author, e com algumas circunstancias, que debilitaõ o seu credito, por isso dizemos, que se deve ler com desconfiança.

184 Tem o Paroco desta Igreja predicamento de Prior, e naõ de Vigario, que em Juizo contencioso

---

[1] *Tandem adplicuisse* (falla Resende do corpo de S. Vicente) *Olisiponi, juxta fanum Divarum Justæ, & Rufinæ, quo loci porta Urbis etiam nunc est Sancti Vincentii adpellata. Eo enim usque mare tunc erat, quod paulatim postea propulsum amplianda Urbi locum reliquit.* Resende in epist, ad Kebedum pag. 164.

cioſo obteve por ſentença no anno de 1752 o Prior Alexandre Ferreira Freire contra os Beneficiados. He Igreja de concurſo, e do Padroado Eccleſiaſtico, poſto que antigamente foy do Padroado Real, que ElRey D. Diniz transferio no anno de 1305 aos Religioſos de S. Vicente de Fóra. (1.) Eſtima-ſe o ſeu rendimento em ſeiſcentos mil reis, e ha na Igreja oito Beneficios de duzentos mil reis cada hum; ſeis do quaes ſaõ do Padroado Eccleſiaſtico com alternativa com o Papa, dous do Padroado Real, por ſe lhe annexarem no anno de 1550 os frutos de huma Commenda, e ſe unirem para repartir pro rata entre os Beneficiados toda a maça da terça beneficial, ficando das duas, que reſtaõ, huma para a Coroa, e outra para a Mitra.

185 Das Irmandades aqui eſtabelecidas, he antiquiſſima, e exemplar a dos Clerigos chamados Ricos, naõ ſó pelos muitos bens eſpirituaes de que goza; mas pelos muitos fóros, e propriedades de que foy poſſuidora com o titulo da Santiſſima Trindade, à qual deu principio no anno de 1247 o Padre Pedro Domingues eſtabelecendo-a na Sé. Depois paſſou para a Paroquial de Santiago, e dahi para a da Magdalena donde veyo para Santa Juſta. Aſſim conſta do Prologo do ſeu Compromiſſo approvado pelo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro a 11 de Fevereiro de 1593. O Senhor Patriarca D. Thomaz de Almeida confirmou o Additamento de varios Capitulos em 14 de Setembro de 1731.

186 A Irmandade do Santiſſimo era muito rica, e copioſa. Della era Juiz perpetuo o Duque de Cadaval. Conſtava de outras Irmandades, como a das Almas, com quinze Capellães de cincoenta mil reis cada hum, de Santa Juſta, que he dos Oleiros, de S. Marçal dos Paſteleiros, de Santa Cicilia dos Muſicos, e outras Confrarias, que todas faziaõ ſuas feſtas com eſplendor.

187 Re-

---

[1] Monarquia Luſitan. liv. 18. cap. 21.

187 Resistio fortemente este Templo aos violentos abalos do terremoto, de fórma que nelle se cantou Missa conventual, e houve Sermaõ no mesmo dia de todos os Santos, e assim permaneceo estavel até à noite; mas vendo o Prior no dia seguinte, que o incendio já implacavel acommetia por quatro partes atrevidamente a Igreja, deu ordem primeiro que tudo a pôr em salvo o Santissimo Sacramento, e pegando nos dous vasos sagrados, que estavaõ no Sacrario, hum da sua Paroquia, e o outro da de S. Nicolao, que alli se havia recolhido já pela ruina do seu Templo, se encaminhou processionalmente para a visinha praça do Rocio.

188 Era espectaculo verdadeiramente lastimoso vêr o enleyo, a confusaõ, e a ancia com que homens, e mulheres vinhaõ por fugir do fogo, e das ruinas buscar atropeladamente o valhacouto daquella Praça; porém o que mais fazia mover a lagrimas, era verse huma piedosa comitiva de pessoas devotas atraz do Sacramento, as quaes naõ se lembrando de salvarem as proprias alfayas das suas casas, tomaraõ zelosamente a seu cargo, livrarem sobre seus hombros os ornamentos, e Imagens sacras desta Igreja, para que naõ experimentassem o desacato sacrilego de tamanho incendio.

189 Com prompta diligencia se erigio na dita Praça hum tabernaculo, ou barraca, aindaque humilde, decente, defronte da Igreja do Hospital, em que se collocaraõ as sagradas pyxides, e daqui se deu o Viatico a innumeravel copia de Catholicos feridos perigosamente nas ruinas, que desde o terreiro do Paço, e Ribeira, e mais partes eraõ conduzidos por caridade àquelle theatro tragico do Rocio. Aproveitaraõ-se do mesmo tabernaculo para recolherem nelle o Santissimo da Igreja do Hospital Real, e do Hospicio, ou Enfermaria dos Religiosos Arrabidos alli existente.

190 Dous mezes e meyo esteve a Freguezia em bar-

barraca na fobredita Praça, adminiftrando-fe nella os Sacramentos, e fazendo-fe todas as funçôes Paroquiaes; porém crefcendo a innundaçaõ das agoas do inverno, fe transferio o Sacramento para a Ermida de S. Camillo, fita no palacio, que foy do Marquez de Cafcaes ao Borratem, onde efteve até vefpera de Ramos do anno de 1757, em cujo dia fe mudou para a fua antiga Igreja, dentro da qual fe fez huma accommodaçaõ, que cuftou mais de cinco mil cruzados, onde exiftio algum tempo, até que fe mandou deitar a baixo por caufa do novo Plano da Cidade.

191 No ambito defta Paroquia fe comprehendem os Templos feguintes.

Convento.

S. Domingos. De Religiofos da Ordem dos Prégadores. Foy primeiramente fundado por ElRey D. Sancho II., o qual em Outubro de 1241, lançou a primeira pedra nos aliceffes. Depois no anno de 1249 lhe mandou fazer a Igreja ElRey D. Affonfo III, e o dormitorio ElRey D. Manoel. A mayor parte do Convento foy fabricado pela induftria dos Priores delle, que ajudados de peffoas particulares, e devotas, foraõ mudando, e melhorando conforme a neceffidade dos tempos, e cabedal, com que fe achavaõ. Affim vimos no anno de 1724, que por actividade do Provincial Fr. Antonio do Sacramento fe reduzio ao moderno todo o corpo da Igreja antiga, emmendando-fe a defigualdade das Capellas, pois as que ficavaõ em a nave da parte do Evangelho, eraõ fundas, e efcuras, e as da parte da Epiftola eftavaõ quafi todas à face da parede, e com defigualdade humas mais altas do que outras. Ultimamente no anno de 1748 fe fabricou a Capella mór de excellente pedraria lavrada pelo defenho, e rifco do infigne Joaõ Federico Ludovici, e conclui-

da

da pelo celebre Belino de Padua, cuja obra custou mais de cem mil cruzados, para a qual havia concorrido a generosa piedade de ElRey D. Joaõ V., com a esmola de vinte e dous mil cruzados, além de outros adjutorios precisos, que mandou fazer promptos dos seus Armazens Reaes.

192 Todo este sagrado edificio padeceo muito com o grande terremoto, pois ao primeiro impulso delle cahio o oculo do frontispicio da Igreja, que matou bastante numero de gente, que vinha fugindo para o adro. Cahio logo a tribuna da Capella da Senhora do Rosario, e a de S. Domingos, a torre do sino, fazendo precipitar tudo que achou por diante; grandes porções das paredes dos dormitorios, e Capella do Noviciado, e da grande casa da Livraria, e parte das paredes do dormitorio de cima, que olhava para o Rocio.

193 Neste deploravel estado poz o terremoto ao Convento; mas pegando no mesmo dia o fogo de huma véla, que estava na tribuna da Capella da Senhora da Defensaõ, em huma cortina, daqui se communicou o incendio à mesma tribuna, Igreja, e Convento, fazendo em cinzas tudo, que naõ estava debaixo de abobedas; escapando sómente do fogo o Noviciado, e o dormitorio junto a elle; sendo que este ficou taõ arruinado com o terremoto, que foy preciso fazer novos arcos na horta, e novas paredes, assim da parte do Hospital, como da parte do Norte.

194 Consumio o fogo na Igreja todas as sagradas Imagens; sendo entre ellas de perda sensivel a do Senhor Jesus Crucificado, muito antiga, e de grande veneraçaõ, a da Senhora do Rosario, e a formosissima das Virtudes; salvaraõ-se porém com grande trabalho os cofres, em que estava o Santissimo Sacramento na Capella mór, que ficou illeza, e na do Senhor dos Passos, e o Relicario, que com o Sacramento envolto em hum Corporal estava em

con-

continuo lausperene no lado da sobredita Imagem do Senhor Jesus.

195 Com a mesma fatalidade se abrazaraõ no Coro junto à Capella mór os excellentes quadros, com que se ornavaõ as paredes, e eraõ todos do punho do nosso insigne Bento Coelho: todos os livros, que serviaõ nesse dia no Coro, que eraõ de estampa em pergaminho com huma bem lavrada estante de páo santo, que tinha sido da Basilica de Santa Maria, sendo ainda Cathedral. Queimaraõ-se outros originaes de admiraveis pinturas, hum precioso ornamento de veludo bordado de ouro alto com as armas do Santo Officio, que servia para a festa de S. Pedro Martyr, toda a armaçaõ da Igreja, que era de damasco carmesim com galões de ouro, huma estante grande de prata, que servia no Coro nas festas mais solemnes, e havia custado dez mil cruzados, hum throno magestoso de prata, que tinha quatro mil marcos lavrada, e assentada em xaraõ, para nelle se expor em Quinta feira Santa o Santissimo Sacramento em hum grande cofre de prata, que tinha dado o Eminentissimo Cardeal da Cunha, todos os paramentos ricos da Irmandade dos Passos, que serviaõ na sua Procissaõ, todas as alampadas de prata da Igreja, que eraõ vinte, e entre estas duas da Capella do Senhor dos Passos, que tinhaõ custado perto de dez mil cruzados: tambem devorou o fogo a Ermida de Nossa Senhora da Escada com todas as suas veneraveis Imagens, a qual estava por cima da Igreja sobre a nave da parte do Evangelho.

196 Entre as perdas, e prejuizos, que padeceo este Convento, foy muito penoso para todos a da grande copia de livros, que o fogo consumio, sem deixar hum só nas suas duas famosas Bibliothecas. Existiaõ estas no fim do dormitorio de cima, e constava a mayor de huma formosa casa com seis janellas para o Nascente, e Poente, e tinha cento e dous palmos e meyo de comprido, quarenta e sete e meyo

de largo, e vinte e oito de altura. Para vencer, e occupar esta, corria por cima das primeiras estantes huma varanda, para onde se subia por huma escada occulta metida por entre a parede. Nas estantes debaixo, que eraõ quarenta e tres, se continhaõ tres mil oitocentos, e quarenta e cinco volumes; e nas de cima, que tinha quarenta e seis estantes, se numeravaõ cinco mil novecentos e quarenta e tres livros. Eraõ todos encadernados em pasta dourada, e de todas as faculdades distribuidos methodicamente, franqueando-se a sua liçaõ a todas as pessoas de fóra em qualquer hora do dia; para o que além do Bibliothecario mór, havia hum Leigo destinado a facultar este ministerio, com sua tença estabelecida pelo memoravel zelo do Religiosissimo Padre Frey Manoel Guilherme.

197 Na outra casa da livraria chamada pequena contigua a esta, se guardavaõ livros muito raros, e particulares manuscritos, e entre estes os originaes dos Commentarios sobre a sagrada Escritura do Padre Fr. Francisco Foreiro, e do Padre Fr. Francisco de Bovadilha: o original da Chronica do Padre Fr. Luiz de Cacegas, que escreveo a Historia da Provincia de Portugal: o original do Tratado do Purgatorio do Padre Fr. Manoel Homem: as Postillas do Doutor infeliz Antonio Homem: hum tomo de Sermões da propria letra do Veneravel Fr. Joaõ de Vasconcellos: os manuscritos do Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira, Cura que foy da Igreja do Loreto, e eraõ cento e quatro volumes entre grandes, e pequenos cheyos de muitas noticias adquiridas pelo seu incansavel estudo; e outros muitos mais, que faziaõ o computo de cinco mil e quinhentos volumes, os quaes unidos com os da casa grande formavaõ o numero de quinze mil cento e oitenta e oito corpos de livros.

198 Seguio a mesma infelicidade a famosa Botica deste Convento, ardendo com toda a sua fabrica.

A

A Sacriſtia porém, ſuppoſto padecer ſua ruina com o terremoto, que lhe rachou em varias partes a abobeda, com tudo o fogo lhe naõ entrou dentro, ſem embargo de lhe queimar a porta; porque intrepidamente a defendeo da voracidade das chammas o Irmaõ converſo Fr. Diogo do Roſario, que no eſtado ainda de ſecular ſervia neſte tempo na Sacriſtia, ſalvando-ſe por ſua intrepida actividade toda a prata, e ricos ornamentos, que eſtavaõ nella guardados: expondo-ſe elle a perder a vida entre as lavaredas, naõ ſó para ſalvar a Sacriſtia, mas para recolher o frontal rico bordado de ouro, que eſtava no Altar mór, em que já o fogo tinha pegado, e toda a prata da banqueta do meſmo Altar; executando tudo com zelo grande, ſem ter quem o ajudaſſe, porque todos ſe haviaõ retirado do Convento amedrontados.

199 Neſte eſtrago faleceraõ o Padre Preſentado Fr. Manoel dos Santos excellente Prégador, que eſtava para prégar naquelle dia, o Padre Fr. Joſeph de Caſtellobranco, filho dos Condes de Pombeiro, e o Padre Fr. Antonio Joſeph Ceſar organiſta, hum official da botica, e dous criados do Convento, ficando muitos outros Religioſos mal tratados, e feridos. Parte delles ſe foraõ logo refugiar para o Convento de Santa Joanna, outros para o de S. Domingos de Bemfica, e outros para o de Santarem. O Prior, que entaõ era Fr. Joaõ Franco, ficou com alguns Religioſos no Rocio guardando o cartorio, e ſepultando mortos no adro.

200 Quando o fogo deu lugar, ſe recolheraõ eſtes poucos para o Convento, e paſſados dous mezes começaraõ a tirar o entulho, demolir as paredes arruinadas, e no dormitorio, que cahe para o Rocio, fizeraõ algumas accommodações: e quando chegou o Triduo das quarenta Horas, em hum lanço do clauſtro fizeraõ Igreja, expozeraõ o Santiſſimo, e tiveraõ Sermões; da meſma ſorte celebraraõ

 os

os Officios da Semana Santa, e pela Pafcoa do Efpirito Santo, fervindo já de Igreja a cafa do Capitulo, nelle fe fez a fefta das Juftiças com affiftencia do Regedor.

201 Demolindo as paredes do dormitorio de cima, reformaraõ os dormitorios de baixo, e o que cahe para a parte do Hofpital o eftenderaõ pelo dormitorio, que era do Noviciado. Fizeraõ da parte da adega cafa de Botica com porta para o clauftro. Fizeraõ huma cafa de livraria, que já tem guarnecida com baftantes livros facultativos, e de Hiftoria. Serve-lhe de Igreja a cafa do Capitulo, e hum lanço do clauftro: a cafa de Profundis de Refeitorio, o antecoro de Aula de Theologia, e a cafa da portaria de Aula para os Collegiaes Clerigos do Collegio de Noffa Senhora da Efcada; e finalmente fe achaõ com accommodações para noventa Religiofos.

Hofpicios.

Santo Antonio. De Religiofos Capuchos da Provincia da Piedade, exiftente no Palacio do Duque do Cadaval, para a parte do Rocio, em que principiaraõ a refidir defde o anno de 1640. Arruinou-fe com o terremoto.

S. Camillo de Lelis. De Clerigos Regulares Miniftros de enfermos, erecto no anno de 1754 na Ermida de S. Mattheus, que ficou perdendo efte titulo com a introducçaõ dos ditos Religiofos, aos quaes fe uniraõ por Decreto Pontificio, e Regio os Congregados da Tomina, para affiftirem a agonizar os moribundos do Hofpital Real, occupando para efte effeito parte do palacio, que foy do Marquez de Cafcaes, cujas cafas mandou comprar o Fideliffimo Rey D. Jofeph I., para fe incorporarem à enfermaria, que efcapou do incendio fuccedido em 10 de Agofto de 1750, que abrazou o dito Hofpital. Efta Ermida de S. Mattheus foy titular do Morgado,

do, e grande casa de Monsanto. D. Luiz de Castro, Senhor della, alcançou do Papa Paulo III. huma Bulla passada em Roma a 29 de Abril de 1541, pela qual lhe concedeo faculdade para comprar a Christovaõ de Magalhães Escrivaõ da Camera de Lisboa, hum espaçoso predio, situado nas visinhanças do Poço do Borratem, foreiro em vidas à Paroquial de S. Nicolao, e unillo ao Morgado de sua casa, e fazer no dito predio accommodaçaõ para tres Capellães, e vinte Mercieiros, que se occupavaõ na Ermida sobredita de S. Mattheus. Hoje tudo vemos extincto. O terremoto arruinou alguma cousa a Ermida; porém está reparado, e melhorado todo o damno.

N. Senhora da Conceiçaõ. De Religiosos Arrabidos junto ao Hospital Real, fundado no anno de 1542.

Ermidas.

Nossa Senhora do Amparo. Existia debaixo dos Arcos do Rocio, onde havia huma enfermaria para pessoas incuraveis, que a Irmandade da Misericordia administrava. Consumio tudo o incendio. Depois por aviso do Conde de Oeiras de 19 de Junho de 1759 se cortou, e abrio por este meyo huma rua de quarenta palmos de largo até a rua dos Canos separando o Convento de S. Domingos do Hospital Real.

Nossa Senhora da Escada. Era Igreja antiga, e que conservava sua memoria desde o Bispo D. Gilberto. Estava contigua ao adro do Convento de S. Domingos, e com tribuna Regia para a sua Igreja. Tambem o terremoto, e incendio a arruinou, e consumio.

Nossa Senhora da Graça. Na chamada Hortinha do Hospital. Padeceo a mesma desgraça.

Hospital Real.

202 Este Hospital intitulado de todos os Santos, foy fundado por ElRey D. Joaõ II., que lançou a primeira pedra no edificio a 15 de Mayo de 1492. ElRey D. Manoel o acabou, e alcançou Breve de Alexandre VI. no anno de 1501, que começa: *Ferentes in desideriis cordis nostri, ut hospitalia, &c.*, para incorporar nelle todos os mais Hospitaes, que se achavaõ dispersos por differentes partes do Reino, mandando fabricar juntamente todas as casas, que faziaõ face para a praça do Rocio desde a rua da Bitesga, até o Convento de S. Domingos. O grandioso edificio da Igreja padeceo hum fatal incendio em 27 de Outubro de 1601, e em 10 de Agosto de 1750 lhe succedeo outro, que o reduzio totalmente a cinzas; ficando unicamente da Igreja a admiravel fachada do seu portico, taboleiro, e escadas, e das enfermarias a de S. Camillo. (1)

203 Fez-se mais sensivel esta desgraça, porque havia bem pouco tempo, que se tinha concluido inteiramente a reedificaçaõ do dito Hospital em Templo, enfermarias, e casas do Rocio com grande dispendio, para o qual concorrera naõ só a incomparavel piedade de ElRey D. Joaõ V., mas a grande somma de dinheiro, que se lhe applicou da testamentaria de hum Francisco Pinheiro, por Bulla de Benedicto XIV., e assim se reduzio todo o Hospital à enfermaria de S. Camillo, que para mayor commodo dos doentes se alargou para o palacio do Marquez de Cascaes.

204 Succedendo porém o espantoso incendio no dia

[1] Trataõ do Hospital Real Christovaõ Rodrigues de Oliveira no seu Summario pag. 60. da impressaõ moderna. Fr. Nicol de Oliv. nas Grandez. de Lisboa fol. 118. D. Francisco de Herrera na Vida do Ven. Obregon, pag 148. Costa na Corograf. Port. tom. 3. pag. 395. Ann. Histor. tom. 2. pag 86. Oliveira Freire Descripç. Corograf. de Portug. pag. 78.]

dia de todos os Santos, depois do memoravel terremoto, experimentou eſte Hoſpital a extrema deſtruiçaõ. Os enfermos, que eſcaparaõ, foraõ trazidos para baixo das cabanas do Rocio, onde eſtiveraõ quaſi tres ſemanas miſeravelmente expoſtos ao rigor do tempo. Depois ſe paſſaraõ para humas cocheiras do Conde de Caſtello melhor, fronteiras ao palacio do Conde de Povolide. Hoje achaõ-ſe reſtituidos ao meſmo Hoſpital, por ſe terem nelle feito muitas enfermarias, por ordem, e deſpeza Real.

205 No territorio deſta Freguezia exiſte o Tribunal do Santo Officio nos Paços chamados dos *Eſtàos*, que mandou fazer o Infante D. Pedro, filho de ElRey D. Joaõ I., quando governava eſte Reino, deſtinando-o para ſe apozentarem nelle os Embaixadores. (1) Sobre a palavra *Eſtàos* ha varias interpretações. O Padre Fonſeca (2) diz, que ſe chamou eſte palacio dos Eſtàos, por ſerem os ſeus aliceſes fundados ſobre eſtacas de pinho, a reſpeito de ſer o ſolo de arêa todo inundado de agua. O P. D. Rafael Bluteau (3) diz, que ſe deriva da palavra *ſtallum*, que na baixa latinidade queria dizer: *locus ubi quis ſtat*; ou do Francez *Eſtau*, que vale o meſmo, que corte de açougue, e poderia ſer que no Rocio houveſſe antigamente açougue no lugar, onde ſe fizeraõ os taes paços. Joſeph Soares da Silva (4) diz, que Eſtàos ſe deriva da palavra Franceza *Eſtau*, que ſignifica huma tenda pequena portatil, ou fixa, em que ſe moſtraõ os generos, que ſe vendem; porque no pateo deſte Palacio ſe vendiaõ como na Capella, varias mercadorias.

206 Nenhum deſtes Authores alcançou a genuina intelligencia da palavra *Eſtàos*, a qual parece, que ſó ſe entende pelo que ſe lê na Chronica de El-Rey

[1] Brand. Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 26. Nun. Chron. de ElRey D. Joaõ I. cap. 101. [2] Fonſec. Evora Glorioſ. n. 92. [3] Blut. no Supplem. verb. Eſtàos. [4] Silva Vida de ElRey D. Joaõ I. liv. 1, cap. 72. pag. 367.

Rey D. Affonſo V. cap. 8., compoſta por Duarte Nunes, onde diz: „ No tempo das Cortes entre
„ outras liberdades, que o Infante em nome de El-
„ Rey concedeo ao povo de Lisboa, foy que na-
„ quella Cidade naõ houveſſe apoſentadorias, e que
„ ſe fizeſſem os *Eſtàos* no Rocio, em que ElRey
„ podeſſe alojar a ſua Corte. . . Pelo qual benefi-
„ cio quizeraõ os Cidadãos ordenar huma eſtatua de
„ marmore ao Infante ſobre os meſmos Eſtàos, que
„ elle mandou edificar; e perguntando ao Infante,
„ com que fórma, e poſtura queria, que ſe fabri-
„ caſſe, elle com roſto triſtonho lho defendeo, &c.
Confirma-ſe iſto com hum Alvará paſſado em Almeirim a 13 de Outubro de 1449, que ſe achava no Cartorio da Sereniſſima Caſa de Bragança no maço 94. n. 1., que nos communicou o Excellentiſſimo Manoel da Maya, e dizia: „ Nós ElRey faze-
„ mos ſaber a bos Vereadores, Procurador, e ho-
„ mens bons da noſſa mui nobre, e mui leal Cida-
„ de de Lisboa, que nas Cortes, que em eſſa Ci-
„ dade fizemos, foi acordado ſegundo ſabees, que
„ nos bairros dos Senhores àcerca dos paaços que
„ em eſſa Cidade tiveſſem, foſſem feitos *Eſtàos*,
„ em que os ſeus podeſſem pouſar por ſeus dinhei-
„ ros, e por quanto o Conde de Ourem mei primo
„ hi tem ſeus paaços como ſabees, porem vos man-
„ damos, que logo mandees fazer os ditos Eſtàos
„ no dito ſeu bairro o mais acerca dos ſeus paaços,
„ que bem poderdes em tal guiſa, que os ſeus abaſ-
„ tadamente em elles poſſaõ pouzar, &c. Ficou
eſte palacio totalmente arruinado, e deſtruido com o terremoto, e o Tribunal mandou fazer no meyo do Rocio huma accommodaçaõ interina de madeira em quanto ſe reedificava o antigo, que já ſe acha expedito pelo que toca ſómente ao Tribunal.

207 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de mil novecentos e quarenta fogos, e de oito mil peſſoas de communhaõ: preſentemente numera duas mil

mil novecentas e setenta e seis pessoas, distribuidas pelas seguintes ruas; das quaes consumio totalmente o fogo as que vaõ aqui assinaladas com asteriscos.

Ruas.

Adro, Albardeiros, Alemos, Arcas *, Arco de Joaõ Correa, Arcos do Rocio, (1) Balthazar de Faria, Barroca, Bitesga *, Borratem, Calçada de Santa Anna, Carreiros, Corredor *, Crespa *, Cutellaria *, Nossa Senhora da Escada, Fontainhas, Hospital Real, e de S. Lazaro, (2) Inquisiçaõ, Lagar do Cebo *, Magalhães, Mendanha *, Mestre Gonçalo *, Mouraria, Nuno Alvares, Pocinho d'entre as hortas *, S. Pedro Martyr, Porta nova, Praça da palha *, Valverde *, Vinagres.

Becos.

Alemo, Bonete, Calçada de S. Christovaõ, D. Carlos, Comedia *, Crasta *, Cristaleiras *, Fari-

 nhas,

[1] Por baixo destes arcos, que eraõ vinte e cinco de pedraria com sua abobeda, cujo solo parte pertencia ao Senado, parte aos Religiosos Dominicos, e que occupavaõ o comprimento do Rocio desde a Bitesga até o adro de S. Domingos, existiaõ quasi duzentas logeas portateis por huma, e outra parte, onde se vendia panno de linho, chitas, colchas, meyas, fitas, rendas, e outros muitos generos de semelhante mercadoria, as quaes tendas recolhiaõ todas as noites para armazens certos homens de ganhar chamados mariolas, a quem pagava cada tendeiro por mez sete tostões, huns por outros, e vinha a importar na roda do anno quatrocentos e vinte mil reis. Hoje fizeraõ logeas em que se vendem varios generos. Estava a grande, e espaçosa praça do Rocio, que tem mais de quatrocentos passos de comprido, e duzentos de largo, cercada de nobres edificios, e do famoso Templo do Hospital Real com o ornato de hum vistoso chafariz: e pouco antes do fatal terremoto se tinha feito nella o primeiro combate de touros (ainda que mal presagiado pelo povo) a 22 de Julho de 1755, havendo já succedido na mesma praça, e no anno de 1647 outro semelhante festejo, como se prova da Relaçaõ, que imprimio Antonio Barbosa Bacelar. Hoje porém se vê reduzida a hum prospecto muito differente. [2] Esta rua, onde existe huma Ermida com hum Hospital, naõ está nos limites desta Paroquia, mas sim no territorio da Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro; porém ficou pertencendo à de Santa Justa pela renda, que o Senado lhe paga.

nhas, Ferro, Forno, Frades*, (1) Ligeiro, Mezes, Pato, Povoas, Regedor, Resende*, Tarouca.

Freguezias confinantes.

S. Christovaõ, S. Joseph, S. Lourenço, S. Nicolao, Senhora da Pena, Senhora do Soccorro.

XIX.

Nossa Senhora do Loreto.

208 NAõ tem esta Freguezia determinado territorio, pois sendo estabelecida para os individuos da naçaõ Italiana dispersos, e residentes por toda Lisboa, transcende o seu exercicio Paroquial por hum limite interminavel. Foy erecta a primeira Igreja em huma Ermida da invocaçaõ de Santo Antonio, que os Confrades Italianos ampliaraõ por concessaõ do Papa Leaõ X., e de ElRey D. Manoel pelos annos de 1517, annexando-se depois ao Cabido Lateranense por breve, que o dito Cabido lhe passou em 20 de Abril de 1518, confirmado pelo mesmo Pontifice Leaõ X., e por Clemente VII. em 1523, e ultimamente por Benedicto XIII. em 6 de Abril de 1726.

209 A primeira vez que se abrio esta Igreja na sua primeira edificaçaõ, foy em 8 de Janeiro de 1522, reinando já ElRey D. Joaõ III., que lhe concedeo o uso da muralha antiga da Cidade junto à qual está edificada fóra das portas, que se chamaõ de Santa Catharina. E no anno de 1573 recorreraõ os Italianos a ElRey D. Sebastiaõ, representando-lhe, que para a dita Igreja ficar perfeita, conforme a planta, era necessario derribarse huma torre, que servia de

[1] Neste beco existia hum Hospicio dos Religiosos de Belem, o qual devia ser antigo; pois Christovaõ Rodrigues de Oliveira no seu Summario, que imprimio no anno de 1551, faz memoria delle. O fogo totalmente o converteo em montes de pedras.

de fortaleza da Cidade, a cujo requerimento deferio ElRey como pediaõ debaixo de certas condições, a que os Italianos se obrigaraõ por escritura de 24 de Abril de 1577.

210 Vendo-se os Confrades Italianos com a Igreja feita, e annexa ao Cabido Lateranense, determinaraõ instituilla Paroquia nacional isenta. Queixou-se o Cabido Metropolitano de Lisboa ao Papa Paulo III., o qual commetendo a causa ao Tribunal da Rota, sentenciou este, que os taes Confrades naõ podiaõ instituir Paroquia no destricto da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres sem consentimento do Cabido de Lisboa, e que os privilegios Lateranenses naõ lhe podiaõ valer, senaõ em quanto a graças espirituaes. Passados porém cinco annos, movido a piedade o Cabido da Cathedral Lisbonense, permittio, que na dita Igreja de Nossa Senhora do Loreto se erigisse huma Paroquia, renunciando os Italianos todos os privilegios presentes, e futuros, que fossem contra a jurisdiçaõ Ordinaria, de cujo contrato se fez hum instrumento publico em 2 de Janeiro de 1551.

211 Succedeo queimarse esta Igreja Quarta feira da semana de Lazaro em 29 de Março de 1651 com a perda de mais de quatrocentos mil cruzados, podendo-se apenas salvar o cofre do Santissimo Sacramento, que se transferio para a Ermida de Nossa Senhora do Alecrim, e a 17 de Abril do dito anno em dia de Nossa Senhora dos Prazeres se começou a desentulhar a Igreja para a nova reedificaçaõ, cuja obra durou vinte e cinco annos, ficando hum Templo acabado com todo o asseyo, e magestade em fabrica, adorno, e pinturas.

212 Com este motivo alcançaraõ os ditos Italianos em Agosto de 1664 hum monitorio do Cardeal Colona Arcipreste da sacrosanta Basilica Lateranense, e Juiz ordinario privativo das suas causas, em que annularaõ a mencionada transacçaõ, ou com-

posiçaõ entre o Cabido Metropolitano de Lisboa, e elles Italianos, por ser feita sem consentimento do Cabido Lateranense, sobre cuja causa tinhaõ os Italianos obtido já huma sentença na Legacia em 23 de Novembro de 1662, em que se julgou extincto o sobredicto contrato com o incendio, e ruina da mesma Igreja, naõ passando à novamente reedificada a sujeiçaõ, e obrigaçaõ, que tinha a primeira ao Cabido de Lisboa, por força do contrato.

213 Mas naõ obstante isto, consta que depois da sua reedificaçaõ fora esta Igreja visitada pelo Cardeal Arcebispo D. Luiz de Sousa em 25 de Agosto de 1677, e ultimamente em 29 de Outubro de 1725 pelo Doutor Manoel Lopes Simões, Ministro entaõ da Curia Patriarcal, e depois Bispo de Portalegre, conforme a ordem do Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida.

214 He administrada esta Igreja por hum Provedor, Escrivaõ, Thesoureiro, e mais votantes Italianos, que se elegem annualmente na primeira Dominga de Setembro. Apresenta a Mesa hum Cura, que lhes administra os Sacramentos em qualquer Paroquia, em que habitem; e quando morrem, os vay buscar para a sepultura com Estola, Cruz, e tumba propria da Naçaõ, ao qual daõ sufficiente ordenado com casas junto da Igreja, para morar elle, e o Thesoureiro.

215 Ha nalla dezaseis Capellães com obrigaçaõ de Coro, e Missa quotidiana, dos quaes oito foraõ instituidos por Francisco André Carrega, negociante Genovez, que falleceo em 6 de Junho de 1676, e estabeleceo renda para subsistencia de quatro estudantes servirem na Sacristia: outros quatro Capellães instituio Nicolao Micon, tambem contratador Genovez, que falleceo em 22 de Abril de 1675. Foraõ estes dous Italianos os principaes motores da reedificaçaõ da Igreja, cujos retratos originaes se conservavaõ nas paredes da Sacristia, na qual os cor-

corpos dos ſobreditos eſtaõ ſepultados.

216 Ceſar Gherſi, que falleceo em 28 de Março de 1697, e ſeu irmaõ Joaõ Thomaz Gherſi, fallecido em o primeiro de Janeiro de 1700, ambos teſtamenteiros dos mencionados reedificadores, inſtituiraõ mais tres Capellães; e Mathias Thomaz Gherſi, que morreo em 7 de Março de 1705 inſtituio outro, que fazem os dezaſeis Capellães do Coro, os quaes por terem diverſidade nos ordenados, determinou a Meſa no anno de 1720, ſendo entaõ Provedor Thomaz Caetano Medici, e Theſoureiro Pedro Franco Olivieri, que cada Capellaõ do Coro tiveſſe de ordenado cem mil reis, e que a hum delles ſe lhe déſſe cento e vinte mil reis, com obrigaçaõ de enſinar Grammatica aos eſtudantes da Sacriſtia, que tambem augmentaraõ ao numero de ſete com ordenado mais avantajado.

217 Tem eſta Igreja mais oito Capellães de Miſſa quotidiana, e de varios inſtituidores; huma de oitenta mil reis, que inſtituio o Deſembargador Paulo Joſeph de Andrade; outra de ſeſſenta e quatro mil reis, inſtituida por Joaõ André Cambiaſo, negociante Genovez. As outras foraõ inſtituidas, tres por Antonio da Silva, que falleceo em 20 de Dezembro de 1679 com cincoenta mil reis a cada Capellaõ, e com varias eſmolas para pobres, e viuvas honeſtas; duas que inſtituio o Doutor Clemente Felix de cincoenta mil reis cada huma, e outra de Miſſa quotidiana por vivos, e defuntos. Paga mais a Meſa cem mil reis a hum Organiſta, e a hum Meſtre de Capella, e Muſicos para Domingos, e dias Santos differentes ordenados. Reſplandece tambem aqui huma Irmandade de Clerigos com grande aſſeyo, e grandeza em todas as ſuas funções.

218 Com o violento accidente do terremoto proximo paſſado, naõ foy eſta Igreja a que experimentou ruina conſideravel, ſem embargo de ſerem grandes os abalos, a que reſiſtio. Cairaõ ſómente al-

gu-

gumas pyramides, e pedras da ſua famoſa torre, e frontiſpicio ſem prejuizo de peſſoa alguma. Eſta grande fortaleza animou gente innumeravel a buſcarem o refugio deſte ſagrado aſylo, onde paſſaraõ o dia, e toda a noite do Sabbado primeiro de Novembro, até o Domingo ſeguinte em clamores a Deos.

219 No meyo de tanta conſternaçaõ, e ſuſtos, aſſiſtiraõ ſempre com eſtremada conſtancia, e valor o Paroco deſta Igreja Joaõ da Coſta Machado, e o ſeu Theſoureiro o Beneficiado Clemente da Fonſeca, os quaes depois de fazerem o officio, e obrigaçaõ de bons Miniſtros Eccleſiaſticos, confeſſando, e dando a Communhaõ a hum grande numero de peſſoas, vendo que no Domingo de tarde ſe vinha aproximando o fogo, tiveraõ o vigilante acordo de pôr em ſalvo os livros da Paroquia, e os vaſos ſagrados do Diviniſſimo Sacramento, que eſtavaõ nos Sacrarios deſta Igreja, dous que lhe pertenciaõ, dous do Convento de Noſſa Senhora da Boa-hora, hum da Freguezia do Santiſſimo Sacramento, e outro da Paroquial da Encarnaçaõ, que todos ſe tinhaõ acolhido à ſombra deſte Templo, pegando o Padre Cura em quatro, e o Padre Theſoureiro em dous, com ſobrepelizes, e Eſtolas ſahiraõ no Domingo quaſi noite, e os foraõ collocar na Igreja da Freguezia de Santa Iſabel, que fica mais de dous mil paſſos diſtante, obrando em tudo quanto correſpondia ao deſempenho do ſeu caracter, e fazendo deſte modo memoravel o ſeu eſpirito, vigilancia, e zelo.

220 Porém a felicidade, que concedeo a eſte Templo o impulſo do terremoto, lhe naõ outorgou o triſte infortunio do incendio; porque communicando-ſe na ſegunda feira 3 de Novembro pelos telhados do palacio, que foy do Secretario de Guerra Joaõ Pereira da Cunha Ferraz, e hoje era da meſma Igreja, e a ella contiguo, naõ ſó a abrazou,

mas

mas consumio toda a prata, que nella havia, todas as alampadas, e especialmente a grande, que estava no cruzeiro, que pezava onze arrobas, os muitos, e ricos ornamentos, os singulares quadros de bellas pinturas, que ornavaõ as Capellas, fazendo o mesmo incendio estalar com a força das suas chammas as primorosas estatuas dos sagrados Apostolos, os jaspes, e a pedraria das famosas columnas dos Altares, e de toda a Igreja.

221 Vio-se todavia, que a violencia do fogo respeitara o sagrado vulto da Senhora do Loreto, imagem de cedro, feita em Italia, a qual estando no Altar mór, cahio para detrás delle, e alli se preservou intacta, participando da mesma fortuna os veneraveis ossos do Martyr S. Justino, com outras Reliquias, que se guardavaõ em huma caixa de madeira dourada no concavo do mesmo Altar. Tambem a ambula dos Santos oleos escapou das chammas, queimando-se o armario, onde estava junto à pia bautismal.

222 O que fez mayor admiraçaõ foy, communicarse o incendio à grande casa do despacho da Irmandade dos Italianos, e devorar alli muita prata, e hum riquissimo ornamento inteiro de lhama branca recamado de ouro, e matizes, que poucos annos antes se havia mandado fabricar a Genova: consumir, e abrazar huma grande porta de angelim da casa do Cartorio, e thesouro da mesma Igreja, e naõ entrar na casa nem huma pequena faulha, salvandose prodigiosamente tudo quanto estava dentro della; porém calculando-se pelo grosso a perda, que o incendio causou a esta Igreja, se reputa em mais de quinhentos mil cruzados.

223 Como a Sacristia, e hum grande corredor chamado Via-Sacra ficaraõ sem damno algum, determinaraõ os Italianos se fizesse nella a Igreja, e assim no vaõ do Altar, que havia na mesma Sacristia, se abrio huma porta para a rua larga de S. Roque,

e na parede fronteira ſe fez o Altár mór, onde ſe collocou o Sacrario, e a Imagem da Senhora, e no concavo os oſſos de S. Juſtino Martyr, no Altar collateral da parte do Evangelho ſe collocou a Imagem do Santo Chriſto milagroſo, que ſe venerava em hum dos pulpitos, e o tinha livrado do incendio o Padre Pedro Franciſco Caneva, Capellaõ da meſma Igreja, levando-o para ſua caſa; no Altar da parte da Epiſtola ſe collocou a Imagem de Santo Antonio, que tambem livrou hum devoto, levando-a para a Ermida da quinta do Deſembargador Joſeph Simões Barboſa, no ſitio de Palma. A' entrada da Igreja da parte eſquerda no vaõ de huma porta ſe poz a pia de bautizar, e ſe fizeraõ grades de madeira pintada à roda dos Altares. O corredor, ou via-ſacra, que fica detrás do Altar mór, ſe dividio, e na parte, que correſponde immediata ao meſmo Altar ſe formou Coro, onde rezaõ os Padres Capellães.

224 Principiaraõ a celebrarſe os Officios Divinos neſta Igreja nova no dia 5 de Junho de 1756, e ſe continûa a rezar no Coro de manhã, e de tarde pelos Capellães, que ſendo antes dezaſeis, ſaõ agora quatorze, porque ſe ſuſpenderaõ duas Capellanias, por falta dos rendimentos hipothecados em propriedades, que ſe queimaraõ, e havendo tambem na dita Igreja, como diſſemos, oito Capellanias de Miſſa quotidiana ſem obrigaçaõ de Coro, pela meſma cauſa ſe ſuſpenderaõ tres, huma de cem mil reis, e as duas de cincoenta e tres cada huma. Neſte eſtado ſe acha eſta Igreja, em cuja reedificaçaõ ſe cuida com diligencia.

XX.

XX.

S. Lourenço.

225 A Memoria mais authentica da antiguidade desta Paroquia, he hum Padraõ de pedra com letras antigas, que se acha nesta Igreja, do qual consta, que o Bispo de Lisboa D. Mattheus na era de 1309, que corresponde aos annos de Christo 1271, erguera com suas mãos na dita Igreja hum Altar à honra da Virgem Santa Victoria a rogos de Vicente Martins Vigario de ElRey, e Alvaro de Lisboa, que o edificaraõ. O certo he que desde o seu principio até agora foy esta Igreja sem contradiçaõ alguma do Padroado dos Viscondes de Villa Nova da Cerveira, como administradores do morgado dos Nogueiras, e Capella de Santa Anna aqui instituida, como se póde ver em D. Rodrigo da Cunha. (1)

226 Rendia o Priorado quatrocentos mil reis, e cada Beneficiado dos quatro, que aqui ha, e apresenta o mesmo Padroeiro, rende cem mil reis. As Capellas, que ha nesta Igreja, saõ as seguintes: tres que apresentaõ os sobreditos Padroeiros, como administradores do morgado de Santa Anna, e tem de congrua quarenta mil reis cada hum. Apresentaõ mais outra, que se acha reduzida a cento e noventa e cinco Missas: apresentavaõ mais duas, que se achaõ reduzidas a huma só de duzentas e dezaseis Missas. Ha outra Capella de Santa Vitoria, que administrava D. Antonio da Silveira de lote de oitenta mil reis, que nunca se satisfez. Ha outra de Santa Catharina com obrigaçaõ de Coro, que administra huma D. Isabel Josefa, assistente em Tilheiras. Administraõ os Priores outra Capella de oitenta mil reis

[1] Cunha nos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 92.

com obrigaçaõ de Coro. A Irmandade do Santiſſimo provê, e adminiſtra quatro, e a Irmandade das Almas tres de cincoenta mil reis cada huma.

227 Padeceo eſta Igreja com o terremoto baſtantemente, porque ao ſeu abalo cahio o Coro, e quaſi metade do tecto da Igreja deſde a porta principal, deixando todavia illeza a Capella mór, e naõ perecendo neſta ruina peſſoa alguma. Serenado o violento fracaſſo, ſe mudou logo o Sacramento para a Igreja do Menino Deos, e dentro da cerca do Viſconde de Villa nova da Cerveira ſe erigio hum Altar, em que ſe celebraraõ os Officios Divinos por alguns dias, em quanto por ordem do dito Viſconde ſe reparou, e ornou com muita decencia huma das ſalas do ſeu palacio, para onde veyo em prociſſaõ o Sacramento, e em que ainda ſe celebraõ todas as funções pertencentes ao culto Divino.

228 Dentro do deſtricto deſta Paroquia eſtá

Moſteiro.

Noſſa Senhora do Roſario. De Religioſas Dominicas. Foy fundado no anno de 1519 por Luiz de Brito, e ſua ſegunda mulher D. Joanna de Ataide, ſegundo conſta de huma inſcripçaõ ſepulchral, que eſtá defronte da porta, e diz:

Aqui jaz o Senhor Luiz de Brito Nogueira, Senhor dos morgados de S. Lourenço de Lisboa, e Senhor dos morgados de Santo Eſtevaõ em a Cidade de Béja, o qual Senhor foy taõ bom cavalleiro em ſeu tempo, que o naõ houve melhor; e com elle jaz ſua mulher D. Joanna de Ataide de Souſa, a qual com ſeu conſentimento fez eſte Moſteiro, a que deixou toda ſua fazenda, porque naõ tinha filho, nem filha, e elle dito Senhor deixou ſua terça, porque tinha filhos de outra mulher, que herdavaõ ſeus morgados. Era 1523.

229 Pe-

229 Pela vehemencia do terremoto memoravel cahio todo o tecto da Igreja, e ficaraõ as paredes do Coro, da torre, e de alguns dormitorios com suas ruinas, as quaes facilmente se podem reparar, os muros do Convento da parte do Castello cahiraõ, mas já se achaõ levantados. As pessoas, que morreraõ neste estrago, foraõ huma Religiosa, huma secular, huma criada, e huma escrava. Com o repentino temor deste incidente, se viraõ obrigadas as Religiosas romper a clausura, e parte dellas foraõ como poderaõ para casa de seus pays, e parentes, outras se recolheraõ em huma barraca na quinta dos Religiosos Dominicos a Arroyos. Hoje se achaõ restituidas ao seu Mosteiro mais de trinta e nove Religiosas, além de seculares, e criadas.

230 Numerava esta Freguezia antes do terremoto cento e cincoenta fógos, e seiscentas e cincoenta pessoas de communhaõ. Presentemente consta de cento e quarenta e tres fógos, e quatrocentas e oitenta e duas pessoas, distribuidas pelas seguintes

Ruas, e Becos.

Rua direita de S. Lourenço, Rua nova das Farinhas, Beco das Atafonas, da Cruz, do Poço do Borratem, da Rosa.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, S. Christovaõ, Santa Justa.

XXI.

S. Mamede.

231 CONforme escreve D. Rodrigo da Cunha, (1) parece que se estabeleceo esta Paroquia em tempo do Bispo D. Fr. Estevaõ II., pois da vida deste Prelado consta, que achando-se em Avinhaõ em 16 de Mayo de 1312, commetera a

[1] Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. cap. 84.

Martim Mattheus, e a Pedro de Formaõ a instituiçaõ desta Igreja, que entaõ se fundava; porém de huma Escritura, que se achava no seu cartorio, a qual vio, e examinou Jorge Cardoso (1) se infere, que esta Freguezia já estava erecta no anno de 1220, em cujo anno instituio nesta Igreja Maria Pires, mulher de Pedro Martins de Bulhaõ irmaõ do nosso gloriosissimo patricio Santo Antonio, huma Missa cantada em sua vida todas as Sextas feiras à honra da Santa Cruz, por quatro soldos de esmola. Quasi da mesma antiguidade era o nobre sepulchro de pedra, em que por tradiçaõ constante jazia o pay do Bemaventurado Santo Antonio, a qual sepultura estava collocada debaixo de hum arco junto aos degráos do adro desta Igreja, segundo o antigo uso daquelles tempos; e ficou da parte de dentro da Sacristia, que aqui se fez no anno de 1665, conforme se lembra o mesmo Jorge Cardoso.

232 He esta Igreja do Padroado Real, cujo Priorado era de lotaçaõ de duzentos e cincoenta mil reis, e cada Benificio dos quatro, que ha aqui, e apresenta o Prior, he de trinta mil reis. Tem sete Capellanias; huma do Santissimo de setenta mil reis; duas das Almas de cincoenta mil reis; huma que instituio a Condessa de Valladares de quarenta e oito mil reis; outra do Correyo mór de cincoenta mil reis; e outra de Joaõ Ribeiro, instituida na Capella do Senhor Jesus, com a congrua de trinta mil reis.

233 Experimentou este Templo huma grande derrota, porque o incendio geral naõ só a reduzio a cinzas, mas todas as suas alfayas, e livros, que lhe pertenciaõ, em cujo fracasso morreriaõ quarenta pessoas pouco mais, ou menos; fazendo mais deploravel perda a extinçaõ quasi total de todas as propriedades dos seus limites Paroquiaes. Neste desampa-

[1] Cardos. no Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 675.

paro se foy acolher o Paroco à Igreja de S. Christovaõ, daqui passou para a de S. Patricio na calçada de S. Crispim, onde existe ainda exercendo a sua obrigaçaõ nas poucas ovelhas, que lhe restaraõ, esperando augmento no rebanho, segundo a nova divisaõ das Paroquias, que medita o vigilante, e piissimo Prelado.

234 Dentro do territorio desta Freguezia se comprehende o seguinte.

Collegio.

S. Patricio. Foy fundado por Antonio Fernandes Ximenes, que nelle instituio huma cadeira de Theologia Moral, deixando rendas sufficientes aos Religiosos Carmelitas Descalços para este ministerio; porém os Religiosos Jesuitas lhe compraraõ todo o direito, que a elle tinhaõ, e se meteraõ de posse no anno de 1605. Padeceo tambem com o terremoto, e incendio, e se acha reparado.

Ermida.

S. Crispim, e S. Crispiniano. Está junto das portas da Alfofa, e he administrada por huma grande Irmandade, que se compoem do officio de C,apateiro. Teve ruina, mas acha-se recuperada.

235 Constava esta Freguezia antes do terremoto de trezentos fógos, e mil trezentas e setenta pessoas de communhaõ. Presentemente se acha com doze fógos, e sessenta Freguezes pouco mais, ou menos; porque os mais que escaparaõ, foraõ assistir para outras Freguezias. As ruas eraõ as seguintes, todas pela mayor parte destruidas, e deshabitadas, naõ ficando dellas mais que os nomes, e as ruinas.

Ruas.

Adro da Igreja, Arco da Piedade, Arco da Rosa, Calçada de S. Crispim, Costa, Costa do Castel-

tello, Detraz da Igreja, Largo do Correyo, Largo do forno, Lista, Muro do Correyo, Passadiço, Pedras negras, Rua direita, Sete Cotovelos, Terreirinho de Ximenes.

Becos.

Esmeralda, Namorados.

Freguezias confinantes.

S. Christovaõ, Santa Maria, Santa Maria Magdalena, S. Nicolao.

XXII.

Santa Maria.

236 TEve para si Miguel Leitaõ de Andrade, (1) que esta Igreja fora mandada edificar pelo Imperador Constantino, ou por sua Mãy Santa Elena, persuadido da antiga construcçaõ do edificio fabricado interiormente com grande numero de columnas, e varandas à maneira do insigne Templo de Santa Sofia em Constantinopla erecto pelo mesmo Imperador. Outros creraõ, que tinha sido a Mesquita mayor dos Mouros, e que ElRey D. Affonso Henriques, quando ultimamente lhes ganhou Lisboa, a mandara purificar pelo Bispo D. Gilberto. (2)

237 Porém de escrituras authenticas se mostra, e de outros testemunhos authoritativos, (3) que aquel-

[1] Leitaõ nas Miscellaneas pag. 56. Convém no mesmo o A. da Corograf. Port. tom. 3. pag. 342. [2] Garibai tom. 4. lib. 34 cap. 12. Marinho Antiguid. de Lisb. liv. 4. cap. 26. De la Clede Histoir. de Portug. tom. 2 liv. 6. p. 102. Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 7. [3] Consta da memoria, que o Mestre Estevaõ, Chantre naquelle tempo de Lisboa, fez da Trasladaçaõ, e milagres de S. Vicente, a qual se vê transcripta no tom. 3. da Monarq. Lusit. no Appendice do fim, Escritura 25., onde fallando de ElRey D. Affonso I. diz: *Gaudet & insuper Ecclesiam, quam ipse ad honorem Dei, & memoriam B. Virginis Mariæ constituit, & dicavit, manuque propria, sumptuque fundatam adi-*

aquelle primeiro Monarca Portuguez fabricara este Templo desde os alicerses para cabeça, e residencia Metropolitica, dedicando-o ao culto de Maria Santissima, onde logo estabeleceo, e collocou por Bispo a D. Gilberto, e este nomeou Conegos, ordenando-lhes vivessem em commum; e em quanto se naõ fazia dormitorio junto à claustra da mesma Sé, lhes assignou ElRey trinta moradas de casas na rua, que ainda hoje chamavaõ dos Conegos. (1)

238 Tinhaõ já passado cento e noventa e sete annos, quando no anno de 1344 hum espantoso terremoto arruinou a Capella mór, e esteve em grande perigo o Templo todo. Acodio logo ElRey D. Affonso IV. ao seu remedio, mandando-a reedificar com magnificencia, e liberalidade, elegendo-a para seu deposito, e da Rainha D. Brites sua mulher, onde jazem em primorosos mausoléos ao lado do Evangelho levantados do pavimento. Jazem mais com elle a Infanta D. Brites, bisneta dos mesmos Reys, e filha primogenita de ElRey D. Joaõ I. (2)

239 A Capella mór, que ainda hoje se vê, posto que taõ desfigurada, naõ he a mesma que fez edificar ElRey D. Affonso IV., porque abrindo esta com hum grande terremoto succedido em 24 de Agosto de 1356, dia de S. Bartholomeu, e augmentando-lhe depois muito mais perigo, e ruina a vio-

---

ædificavit, & beneficiis amplioribus, &c. Esta mesma Relaçaõ verteo em Portuguez o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na 2. parte do Catalogo dos Bispos de Lisboa cap. 9. Confirma-se mais o sobredito com o livro velho chamado dos Obitos da mesma Sé, que allega Jorge Cardoso no tom. 3. do Agiologio Lusitano p. 674., e o A. do Santuar. Marian. tom. 7. pag. 27., de que tambem faz memoria Brandaõ na Monarquia Lusit. liv. 10. cap. 30. O mesmo segue Paes Viegas nos Principios de Portugal p. 181. [1] D. Nicol. Chron. dos Conegos Regr. liv. 5. c. 8. Severim de Faria nos Disc var. Discurs 4. p. 163. Adverte bem D. Rodrigo da Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. part. 2. cap. 2. n. 3., que neste modo de viver houvera variedade conforme os Prelados, e muitas vezes segundo o voto dos mesmos Conegos. [2] Cunha nos Bispos de Lisb. part. 2. cap. 88. Monarq. Lusit. part. 7. liv. 10. cap. 5.

violencia de hum rayo, que ſobre ella cahio, tornou outra vez a ſer reedificada por ElRey D. Joaõ I., o qual mandou entaõ collocar aqui os tumulos dos ditos Reys, que ſegundo dá a entender Ruy de Pina, ainda naõ eſtavaõ alli até eſte anno. (1) Tem elles na face, que ſe deixa ainda ver eſculpidos alguns martyrios do glorioſo S. Vicente, e por cima tinha huma figura da Fama com buzina na maõ, a qual trombeta fora deſpojo da batalha do Salado, conforme os verſos, que ſe liaõ em tarja dourada.

Hæc Tuba, quam Mauris Alphonſus nomine quartus
Abſtulit, ut fama primus in orbe foret.
Dum reſonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Alphonſum ad famam ſurgere, voce jubet.

240 Em correſpondencia deſtes tumulos eſtava da parte da Epiſtola o Altar do glorioſo Martyr S. Vicente noſſo Padroeiro, cujo precioſiſſimo corpo trasladado do Promontorio ſacro do Algarve ao porto de Lisboa, foy collocado neſta Igreja em 15 de Setembro de 1173. Com o tempo ſe deſvaneceo a noticia do lugar poſitivo, até que paſſados annos ſe deſcobrio caſualmente em 13 de Janeiro de 1614, ſendo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, por cuja cauſa ſe fizeraõ na Sé grandioſas feſtas, que duraraõ deſde 14 de Março até 16 de Setembro. (2)

241 Conſtituida neſte grande Templo a Cathedral de Lisboa pelo Biſpo D. Gilberto no anno de 1150 com a formalidade, e numero de Conegos, Prebendas, e tudo que pertencia ao Coro, foraõ ſempre os noſſos Soberanos Reys, Pontifices, e Prelados naõ ſó conſervando, mas exaltando o ſeu culto com privilegios, rendas, e dignidades, em cujo eſta-

[1] Apud Monarq. Luſit. part. 7. liv. 7 c. 9. e liv. 10. cap 22. n 3.
[2] Aſſim o diz D. Rodrigo da Cunha na Hiſtoria Eccleſiaſtica de Liſboa part. 2. cap. 14. n. 7.; porém devia outra vez occultarſe o cofre; porque paſſados ſetenta e oito annos, no de 1692 ſe deſcobriraõ, como vimos na Vida do Arcebiſpo D. Luiz de Souſa pag. 231.

eſtado ſe conſervou até o reinado feliciſſimo de El-Rey D. Joaõ V., em o qual tempo, achando-ſe eſta Cathedral em Sé vacante pela morte do ſeu ultimo Arcebiſpo D. Joaõ de Souſa, ſe dividio o Arcebiſpado em duas Diceceſes por virtude da Bulla Aurea de Clemente XI. de 7 de Novembro de 1716, ficando eſta Sé com o titulo de Arcebiſpado Oriental, conſtituindo-ſe o ſeu Cabido de oito Dignidades a ſaber Deaõ, Chantre, Arcediago de Lisboa, Theſoureiro mór, Arcediago de Santarem, Meſtre Eſcola, Arcediago da terceira cadeira, Arcipreſte, vinte Conegos, quatro meyos Conegos, doze Quartanarios, dez Bachareis, e varios Capellães.

242 Depois pela Bulla *Salvatoris noſtri* de Benedicto XIV., expedida aos 13 de Dezembro de 1740 ſe abolio o titulo de Sé, e ſe condecorou com o nome honorario de Santa Maria; extinguindo-ſe juntamente naõ ſó a dignidade Archiepiſcopal, que ſe unio ao novo Patriarcado, e Metropoli de Lisboa erecto na antiga Capella Real; mas ficaraõ ſupprimidas, e extinctas para ſempre todas as ſuas Dignidades, Canonicatos, meyas Prebendas, e Quartanarias, removendo ElRey por virtude do meſmo *Motu proprio* a cada hum dos Conegos, que actualmente exiſtiaõ, de ſeus Canonicatos, e Prebendas; compenſando-lhes porém todo o prejuizo, que lhes reſultava, em outras honras, e equivalentes do ſeu Real theſouro; como foraõ aos Dignidades, e Conegos o habito de Chriſto, e a cada hum dos meyos Conegos o de Santiago; e aos Quartanarios o de Aviz, com tenças proporcionadas à ſua grandeza; expedindo hum Decreto ao Conſelho da Fazenda em 12 de Novembro de 1742, para todos ſerem pagos por mezadas pelo Theſoureiro da caſa da Moeda, e na ſua falta pela Theſouraria da Alfandega do Tabaco. Os quaes Conegos em Sabbado 17 de Novembro de 1742, foy o ultimo dia, que rezaraõ em Coro, expirando entaõ o ſeu titulo, habito, e re-

ſidencia totalmente. Exporemos em breve mappa os ultimos Conegos, que exiſtiaõ na Sé velha, com o rendimento de ſeus Beneficios, e compenſaçaõ que ſe lhes deu por virtude do tal Decreto.

Dignidades.

	Eſtevaõ de Barros Pereira.
Renda	1:658U347
Compenſa	1:790U000
Accreſcimo	131U653
	Antonio Miguel Aires.
	1:310U263
	1:410U000
	99U737
	Joaõ Sinel de Cordes.
	1:164U864
	1:290U000
	125U136
	Antonio Joſeph Reiſon.
	695U350
	790U000
	194U650
	Joſeph Antunes da Coſta.
	1:310U130
	1:400U000
	89U870

Conegos.

	Antonio de Caſtro Alvelos.
	1:215U830
	1:290U000
	74U170
	Antonio Alvares Cotrim.
	1:233U810
	1:310U000
	76U190

Tho-

Renda | *Compensa* | *Accrescimo*

Thomé Estoff Ferreira.
1:175U663
1:260U000
84U337

Joaõ Chrysostomo da Silva.
1:168U200
1:250U000
81U800

Joaõ Guilherme Nobel.
1:183U650
1:270U000
86U350

Joaõ Pimenta e Antas.
1:202U755
1:280U000
77U245

Francisco Carneiro de Figueiroa.
1:233U945
1:310U000
76U055

Silvestre de Sousa Soares.
1:265U140
1:350U000
84U860

Manoel Gomes de Faria.
1:267U450
1:340U000
72U560

Filippe Neri Xavier.
1:159U758
1:240U000
80U242

Manoel de Aguiar.
1:205U818
1:280U000
74U182

Manoel Gomes Monteiro.

Renda	597U909
Compenſa	670U000
Accreſcimo	72U090

Manoel de Oliveira da Mata.

1:195U780
1:280U000
84U220

Rafael Monteiro da Silva.

1:155U770
1:230U000
74U230

Meyos Conegos.

Manoel de Souſa Rocha.

592U714
620U000
27U286

Clemente Botelho.

557U914
580U000
22U086

Miguel Joſeph.

575U901
600U000
24U099

Quartanarios.

Luiz de Azevedo.

280U472
290U000
9U528

Manoel de Paiva Reys.

280U472
290U000
9U528

An-

	Antonio Alvares.
Renda	280U472
Compenſa	290U000
Accreſcimo	9U528
	Joſeph Gonçalves Vilella.
	280U054
	290U000
	9U946
	Joſeph de Lima Ribeiro.
	280U054
	290U000
	9U946
	Martinho de Figueiredo.
	280U054
	290U000
	9U946
	Antonio Barreto.
	279U850
	290U000
	10U150
	André Machado.
	279U850
	290U000
	10U150
	Manoel de Moraes Cabral.
	279U850
	290U000
	10U150

243 Supprimidas as Dignidades, Canonicatos, e Quartanarias da Igreja de Santa Maria, e extincto o ſeu antigo Cabido, ſe erigio no meſmo Templo huma nova Baſilica por virtude das Bullas *Ea quæ providentiæ* de Benedicto XIV., paſſada em 14 de Julho de 1741, e da *Salvatoris noſtri* do meſmo Pontifice, ficando os Conegos novamente erectos, e os mais Miniſtros ſubordinados ao Patriarca, e o direito do Padroado competindo ao Rey. Teve prin-

principio esta Basilica Patriarcal de Santa Maria em 18 de Novembro de 1742, e consta dos seguintes Ministros.

Hum Presidente com habitos Prelaticios, cujo lugar naõ tem collaçaõ, e se intitula officio, o qual foy concedido por Benedicto XIV. em Bulla de *Motu proprio*, passada em Roma aos 17 de Agosto de 1754, e aceita em Lisboa por Monsenhor Bernardes em 8 de Outubro do dito anno, e por elle sentenciada em 12 do dito mez. Tem de rendimento annual o de huma Conesia, que o Papa Benedicto XIV. supprimio, e lhe applicou.

Vinte e sete Conegos, que tem de rendimento cada hum oitocentos mil reis.

Vinte Beneficiados, com quatrocentos mil reis.

Dezoito Clerigos Beneficiados, com duzentos mil reis.

Dez Padres Bachareis, com cem mil reis.

Seis Padres Capellães providos em seis Capellas, que instituío na mesma Igreja o Arcebispo D. Miguel de Castro, com obrigaçaõ de Coro, e canto de orgaõ, e de vinte e seis Missas sómente por mez cada Capellaõ. Tem cada hum delles cento e quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta reis.

Dous Padres Capellães providos em duas Capellas, que instituío o Conego Doutoral Joaõ de Azevedo com as mesmas obrigações. Tem cada hum cento cincoenta e oito mil setecentos e cincoenta reis.

Quatro Padres Capellães com cento e vinte tres mil reis, providos em quatro Capellas, que instituío Antonio Gonçalves Prégo com obrigaçaõ de Coro.

Seis Moços de Coro do numero, a que vulgarmente chamaõ Meninos do Coro, dos quaes o mais antigo tem trinta mil reis, e os outros vinte e seis mil reis cada hum.

Oito Moços, ou Meninos do Coro extranume-

ra-

rarios, cada hum com dezoito mil reis.

Dous Meſtres de Ceremonias, hum a que chamaõ o primeiro, tem vinte mil reis; o outro ſeis mil reis.

Seis Contraltos: dous com cento e vinte mil reis cada hum: dous com oitenta mil reis: hum com oitenta e dous mil reis, e outro com cincoenta mil reis.

Tres Tenores: dous com cento e vinte mil reis; e hum com cem mil reis.

Tres Contrabaixos com cem mil reis cada hum.

Dous Organiſtas: hum com oitenta mil reis, e dous moyos de trigo: outro com ſeſſenta mil reis, e hum moyo de trigo.

Hum Meſtre da Muſica com cem mil reis, e dous moyos de trigo.

Hum Meſtre da claſſe da Solfa com cincoenta mil reis.

Tres Curſores, ou Cuſtodios do Coro, que naõ tem ordenado eſtabelecido.

244 Conſta mais de huma Camera para o governo interior, e economico da dita Igreja, ſua fabrica, e Sacriſtia, em cuja adminiſtraçaõ ſe occupaõ.

Tres Camerarios, que he o Preſidente hum, e dous Conegos providos todos os annos pelo Prelado, a quem toca privativamente o governo todo, e tem cada hum oitenta mil reis.

Hum Secretario, que he hum Beneficiado provido todos os annos pelo meſmo Prelado, e tem ſeſſenta mil reis.

Hum Porteiro, que he hum dos Curſores com vinte mil reis.

Dous Letrados com ſetenta mil reis cada hum.

Hum Procurador, que cobra os fóros, com quatrocentos mil reis, cujo officio provê o Prelado.

Tres Procuradores para as cauſas, e mais dependencias, dos quaes hum tem ſeſſenta mil reis, e os dous trinta cada hum.

Hum

Hum Escrivaõ dos Emprazamentos com duzentos mil reis, cujo officio dá o Prelado.

Hum Védor da Sacristia, que he hum Conego, e tem livre do Coro o tempo, que precisar para o serviço da Igreja.

Hum Thesoureiro da Fazenda, que he hum Beneficiado com o tempo livre do Coro, que for preciso.

Hum Fabriqueiro, que he hum Cónego, com a mesma liberdade, e todos tres providos pelo Prelado.

Hum Thesoureiro, que mora dentro da mesma Igreja, e tem cento e vinte mil reis.

Hum Altareiro com cento e dez mil reis.

Dous Moços da limpeza da Igreja, que tem cada hum por dia hum tostaõ, quinze alqueires de trigo, e oito mil reis para vestiaria cada anno.

Hum Sineiro com cincoenta mil reis, e os sinaes livres.

Hum Armador com sessenta mil reis.

Hum Mestre de Latim com quarenta mil reis.

245 Considerada esta Igreja como Paroquia, sempre foy administrada por hum Cura, até que o Eminentissimo Prelado D. Thomaz de Almeida o collou com o titulo de Reitor. Rende quatrocentos mil reis. Consta mais de hum Cura com a congrua *ad libitum* do Reitor: de hum Prioste, que he hum dos Bachareis, o qual tem trinta e nove dias livres, e trinta mil reis de ordenado: de hum Escrivaõ do Priostado, que tambem he hum dos Bachareis, e tem nove dias livres, e hum capaõ: de hum Contador do Priorado, que tambem he hum dos Bachareis com os mesmos nove dias livres.

246 Existiaõ nesta Freguezia as Irmandades seguintes. A Irmandade do Santissimo Sacramento, que apresentava nove Capellas de varios instituidores, e de varias congruas. A Irmandade das Almas com sete Capellães de cincoenta mil reis cada hum.

A

A Irmandade da Senhora da Piedade, que he dos Calafates com ſeu Capellaõ ſó para os Sabbados, Domingos, e dias Santos com vinte mil reis de congrua. A Irmandade de Santo Aleixo com ſeu Capellaõ de Domingos, e dias Santos, com cento e cincoenta reis de eſmola por cada Miſſa. A Irmandade do Senhor Jeſus da Boa Sentença com duas Capellas de cincoenta mil reis cada huma. A Irmandade de Jeſus Maria Joſeph, que he dos Correyos com ſeu Capellaõ de Domingos, e dias Santos, que tem de eſmola por cada Miſſa cento e cincoenta reis.

247 Havia mais neſta Igreja a Confraria de Santa Anna, que lhe fazia Novena, e feſta no ſeu dia, e tratava do ornato da ſua Capella. Outra Confraria da meſma Santa em huma Capella no Cruzeiro da Igreja, que era dos officiaes da caſa da Moeda, os quaes lhe faziaõ feſta no ſeu dia. A Confraria de Foreiros de Santo Amaro. A Confraria de Foreiros da Senhora a Grande. A Confraria de Santo Antonio, que he dos Meninos do Coro, os quaes concorrem para o gaſto dos dias da ſua Trezena, e os Conegos para os gaſtos da feſta do dia, e da ſua Trasladaçaõ.

248 As Capellas aqui eſtabelecidas ſaõ as ſeguintes.

Huma de Miſſa quotidiana, que inſtituío o Arcebiſpo D. Affonſo Furtado de Mendoça, com obrigaçaõ de confeſſar, a qual adminiſtra a Camera, e provê o Prelado: tem de congrua ſetenta mil reis.

Duas de Miſſa quotidiana, inſtituidas pelo Quartanario Manoel da Silva, que adminiſtra a Camera, com quarenta mil reis cada huma.

Huma de Miſſa quotidiana, cuja adminiſtraçaõ eſtá incorporada na Fabrica, e provê o Prelado: rende cincoenta mil reis.

Huma de Miſſa quotidiana, que inſtituío o Arcebiſpo D. Jorge de Almeida, de quarenta e ſeis mil reis, que adminiſtra a Camera, e provê o Prelado.

Huma com obrigaçaõ de duzentas e cincoenta Miſſas, que inſtituío Maria Machada, e rende trinta mil reis, a qual tambem a Camera a adminiſtra.

Huma com obrigaçaõ de cento e ſeſſenta e ſeis Miſſas, inſtituída pelo Conego Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, que adminiſtra a Camera, e a dá o Prelado, rende vinte mil reis.

249 Além das ſobreditas Capellas, tem a Camera a adminiſtraçaõ de outras antiquiſſimas, as quaes por falta de renda ſe achaõ reduzidas por Breves Apoſtólicos ao numero de duas mil e oitenta e oito Miſſas, que todos os annos ſe mandaõ dizer. Ha mais eſtabelecidas neſta Igreja as Capellas ſeguintes.

Duas Capellas de S. Sebaſtiaõ pertencentes à Cadeira de Mafra ſupprimida, as quaes provê o Prelado, e rende cada huma cincoenta mil reis.

Huma de S. Bartholomeu, que rende cincoenta mil reis. Eſta Capella tinha quatro Mercieiros, com quatro mil e oitocentos reis cada hum.

Huma de S. Pedro, com obrigaçaõ de ſeſſenta e duas Miſſas, as quaes cumprem os Bachareis, a quem anda annexa pelo rendimento de hum moyo de trigo, vinte alqueires de cevada, e tres mil reis para a cera do Altar. Eſta Capella foy antigamente chamada do Santo Lenho, na qual eſtaõ enterrados Ruy Figueira, e ſeu pay Joaõ Gomes de la Higuera, e ſe deu depois ao Biſpo de Bona D. Pedro Fernandes, que lhe fez picar as cinco folhas de figueira, que tinhaõ as ditas ſepulturas.

Huma de S. Lourenço com obrigaçaõ de tres Miſſas sómente em cada ſemana, e rende quarenta e quatro mil reis.

Duas de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Miſſa quotidiana, que adminiſtra a caſa de Jeronymo Leite de Vaſconcellos Pereira Malheiro, e rende cada huma quarenta e dous mil reis. Pertence a eſtas Capellas huma merciaria, que renderá quinze mil reis.

Hu-

Huma de S. Manços de duzentas Miſſas, e as quartas feiras do anno; he adminiſtrada pelo meſmo.

Havia a Capella chamada a Miſſa de S. Vicente, que quotidianamente celebravaõ os Bachareis por alternativa no Altar, onde eſtava o ſeu corpo, com o privilegio de ſer a propria do Santo em qualquer dia, ou feſtividade do anno ſem excepçaõ alguma. Conſtava eſta Miſſa de algumas Orações, que naõ ha nas outras Miſſas: era de hum ſó Padre; porém cantada a canto chaõ pelos Meninos do Coro, tocando-ſe em todo o tempo do Canon huma roda de campainhas, que eſtava na clauſtra por detrás da Capella do Santo, e ſe obſervava indiſpenſavelmente. No ſeu Oitavario era a Miſſa de tres Padres, cantada a canto de orgaõ pelos meſmos Meninos do Coro; e tudo ſe fazia por uſo antiquiſſimo.

250 Ha mais dez Capellas, que inſtituío ElRey D. Affonſo IV. no anno de 1355, com obrigaçaõ de Miſſa quotidiana, e de dizerem os Capellães em o Coro o Officio Divino rezado ao meſmo tempo, que os Conegos o fazem cantado, o que elles executavaõ na Capella de S. Ildefonſo. O Capellaõ mór tem de renda cento e ſeis mil reis, e hum moyo de trigo; e cada Capellaõ cento, e ſeis mil reis, e Medico, Cirurgiaõ, e botica, quando eſtaõ doentes, e tudo adminiſtra a Meſa da Conſciencia.

251 Pertencem a eſtas Capellas vinte e quatro Mercierias, doze para homens, e doze para mulheres com obrigaçaõ de aſſiſtirem de manhã, e de tarde aos meſmos Officios Divinos. Tem cada hum de mezada mil e duzentos reis, e pelo Natal tres mil reis, e outro tanto pelo S. Joaõ: tem mais hum pote de azeite de tres em tres mezes, e quarenta e oito alqueires de trigo. As Mercieiras tem de mezada cada huma dez toſtões, e tres mil reis pelo Natal, e outro tanto pelo S. Joaõ, vinte canadas de azeite, e quarenta e oito alqueires de trigo. Para vivenda, e recolhimento deſtes Mercieiros mandou o meſmo

Rey D. Affonſo IV. edificar hum Hoſpicio com diviſaõ (1) junto do mar, o qual por tradições achamos que fora no ſitio, em que ſe edificaraõ as caſas dos Senhores de Bellas, até às que foraõ dos Marquezes de Gouvea, defronte do campo chamado das Cebolas na Ribeira. Achava-ſe eſte Hoſpital dos doze Mercieiros antes do terremoto em humas caſas defronte da porta do Senado da Camera nas coſtas da Igreja de Santo Antonio, as quaes caſas foraõ muito antecedentemente Recolhimento de donzellas orfãs pelos annos de 1594. (2) E as doze Mercieiras aſſiſtiaõ em humas caſas na rua dos Conegos defronte da porta traveſſa da Baſilica de Santa Maria da parte do Norte.

252 Naõ foy pequeno o damno, que occaſionou a eſte antiquiſſimo Templo o horrido incidente do grande terremoto; pois com o ſeu impulſo extraordinario cahio a cupula, e fabrica exterior do Zimborio ſobre a nave do meyo da Igreja, e rompendo-lhe a ſua fortiſſima abobeda, veyo deſcançar no plano da meſma nave. Ao meſmo tempo cahio a torre da parte do mar, em que eſtava o Relogio, a qual com alguns ſinos ſe fez em pedaços. Dentro da Igreja cahio a Imagem de Noſſa Senhora, que eſtava no Altar mór, e ſe lhe ſeparou a cabeça do corpo, a qual ſe foy achar depois nos ſuburbios deſta Corte em caſa de huma mulher. O meſmo eſtrago experimentou a Imagem do Crucifixo, que eſtava no Coro de cima, e o magnifico orgaõ no corpo da Igreja.

253 O incendio furioſamente ſucceſſivo ainda lhe cauſou mayores prejuizos; ſendo irreparavel o desfazer naõ ſó o cofre, em que eſtava recluſo o corpo do glorioſo Martyr S. Vicente, mas o meſmo Corpo, de que ſe acharaõ depois no ſeu Altar pe-

[1] Conſta da Proviſaõ do anno de 1429 no liv. dos Teſtamentos fol. 58. verſ. da Meſa da Conſciencia. [2] Oliveira Grandez. de Lisboa pag. 71.

pequenas Reliquias dispersas, e queimadas. Queimaraõ-se tambem todas as Imagens sagradas, retabolos, e ornamentos da mesma Igreja. Sómente as chammas, que acommeteraõ o Altar da Senhora chamada a Grande, refrearaõ a sua voracidade para com a veneranda Imagem, e todo o seu ornato corporal, e sitial do seu nicho. O fogo fez mais ruina em humas partes da Igreja, que em outras; e assim nella se vê estalado mais o tecto da nave da banda da terra, que da parte do mar; o mesmo se observa em outras Capellas interiores do claustro, experimentando total ruina, e irreparavel o seu antiquissimo cartorio, que todo se reduzio a cinzas, havendo bem pouco tempo, que o havia posto em huma expedita arrumaçaõ a diligencia do Engenheiro mór Manoel da Maya. Naõ chegou este flagello à Sacristia; e por isso escaparaõ os ornamentos, e alfayas desta Basilica alli guardadas.

254 Entre as ruinas pereceraõ algumas pessoas, especialmente no adro com o precipicio da torre: taes foraõ o Beneficiado Francisco de Sales de Freitas, e mais outro, que lhe ignoramos o nome, alguns Meninos do Coro, e o Custodio delle Antonio Francisco. O Conego Ludovici padeceo a infelicidade de lhe cairem algumas pedras da mesma torre, porém naõ morreo logo, mas dahi a poucas horas. Ao Beneficiado Lucas dos Santos lhe succedeo o mesmo. Dispersos, e afflictos os Ministros desta Igreja, naõ achavaõ lugar opportuno para exercerem os actos do Coro, e mais Officios Divinos. Nesta urgencia se foraõ recolher em huma Ermida ao Cardal da Graça, onde rezaraõ hum só dia; logo se passaraõ para huma proxima barraca, em que rezaraõ sete dias: mas por ser pobre, e indecente, lhe assinou o Eminentissimo Cardeal Patriarca a Igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, onde se armou quadratura em 21 de Dezembro de 1755, em cujo dia repetindo a terra hum grande tremor, embaraçou

com

com o susto naõ se executar a ordem do Prelado; o qual resolveo se estabelecessem na barraca da Freguezia de S. Joseph, o que fizeraõ desde 24 do dito mez de Dezembro até 16 de Julho de 1757, em cujo dia passaraõ para a Igreja do Menino Deos, e dalli se transferiraõ para a de S. Roque, onde presentemente residem.

255 Os Capellães das Capellas de ElRey D. Affonso IV., que existiaõ nesta Basilica, e tinhaõ hido por ordem do Eminentissimo Prelado em Fevereiro de 1756 para a Ermida de S. Vicente Ferrer, situada às Olarias, se achaõ presentemente restituidos a huma Capella junto da sua antiga, que escapou do estrago nesta mesma Basilica.

256 No destricto desta Paroquia existem os seguintes Templos.

Igrejas, e Ermidas.

Santo Antonio. Ordenou ElRey D. Joaõ II. no seu testamento, que se fizesse huma Igreja a Santo Antonio no mesmo lugar, e sitio, onde nasceo em Lisboa, para o que lhe deixou mil justos de ouro, que importava em seiscentos mil reis, dizendo, que queria fosse a fabrica igual no gosto, e na riqueza. Cumprio esta clausula primorosamente ElRey D. Manoel, e assim se deve a erecçaõ deste edificio à piedade destes dous Monarcas: ao que attendendo o engenho do Arquitecto, fabricou o rotulo, que servia de grinalda ao arco da porta principal com letras de pedra formadas de troncos de arvores, e varios bichos esculpidos, que vinhaõ a dizer: *Joannes II. Emmanuel I. Reges hoc opus construxerunt.* (1) Tudo se verifica de huns Padrões, ou Disticos latinos esculpidos em pedra na Capella mór da parte da

---

[1] Sousa Histor. Genealog. tom 3. p. 138. Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Cardoso no Agiol. Lusit tom. 3. p. 775.

da Epiſtola, e do Evangelho, e com mais clareza ſe comprova de hum letreiro, que eſtava em huma pedra dourada por baixo da tribuna da Camera, o qual tranſcreve Antonio Coelho Gaſco no livro m. ſ. das Antiguidades de Lisboa cap. 35., o qual he o ſeguinte:

O muito alto, e muito poderoſo Rey D. João o II. deſte nome, mandou em ſeu teſtamento paſſar eſta Capella do bemaventurado Santo Antonio da Sé, donde eſtava. E que neſte lugar, que foy a propria caſa, donde naſceo, à ſua honra ſe edificaſſe, por ſer tanta razaõ, que aonde a Noſſo Senhor aprouve, que taõ bemaventurado Santo naſceſſe, eſpirito de tanta ſantidade, e digno de tanta veneraçaõ, aſſi como natural deſta Cidade interceſſor della, e dos Reys deſte Reino foſſe venerado. E por ficar encommendado o cumprimento do teſtamento ao muito alto, e muito poderoſo Rey D. Manoel o primeiro deſte nome, a mandou fazer para louvor de Deos, e memoria das graças, que eſte Reino ſempre lhe deve, pola mercê que fez no deſejado naſcimento do muito alto, e muito excellente Principe D. Sebaſtiaõ a 20 de Janeiro de 1554, que he o dia em que ſe celebra a feſta do bemaventurado S. Sebaſtiaõ, ordenou que Franciſco Correa, que entaõ era Vereador, e ſervia de Provedor deſta Capella do bemaventurado Santo Antonio, antes de entrar à Miſſa do dia, o Sacerdote que a houver de dizer levantaſſe em canto ſolemne o Hymno Te Deum laudamus, *para que todos que ouvirem, venhaõ a ſaber a razaõ deſta nova extraordinaria ſolemnidade, e ſabida taõ obrigatoria cauſa, como foy para ſempre para eſtes Reinos a memoria de taõ grande beneficio, e por elle graças a Deos peçaõ por interceſſor o glorioſo Santo Antonio a vida, e ſaude do Principe Noſſo Senhor, com muitos, e muitos perpetuos annos de ElRey, e da Rainha Noſſos Senhores para ſeus ſerviſſos.*

Esta inscripçaõ me persuade ser apocrifo o que dizem se lê no Officio, e Historia da conquista de Tangere escrita por hum certo Alvaro, cujo apellido se ignora, no qual se affirma, que ElRey D. Affonso V. mandara collocar no Templo de Santo Antonio desta Cidade humas portas de bronze, que fizera conduzir de Tangere: donde se infere que já no tempo de ElRey D. Affonso V. estava feito o Templo do Santo; o que he contra o que dizem os nossos Historiadores, e consta do mencionado letreiro. Refere isto a Bibliotheca do Abbade Barbosa no tom. 4. pag. 10. accrescentando mais para confirmar o pouco credito que se deve dar a esta noticia, dizer: que o dito livro se conservava na livraria do Senhor Infante D. Pedro, o que tal naõ ha, nem antes, nem depois do terrremoto; porque assim o examiney com exacçaõ.

257 Estabeleceo-se nesta Igreja huma Collegiada; que consta de hum Capellaõ mór, que tem de ordenado trinta mil reis para casas; sessenta mil reis para huma mula; vinte mil e seiscentos reis para barrete, e sobrepeliz; e sessenta mil reis pela Capella dos Irmãos Cidadãos vivos, e defuntos; e por Superintendente do Coro trinta mil reis, que tudo faz a somma de trezentos e dez mil reis. He elle só obrigado a ir ao Coro nos dias Classicos; e em quanto Capellaõ mór, he provido pelo Senado; quanto ao mais he provido pela Mesa. Consta o Coro além do Superintendente, de dezanove Capellães Cantores, dos quaes seis tem cento e vinte mil reis, que instituio a piedade de ElRey D. Joaõ V.; tres tem noventa mil reis; e dez tem oitenta mil reis. O Presidente do Coro, que he hum dos taes Capellães, tem mais vinte mil reis, e o mesmo tem o Regente do mesmo Coro. O primeiro Prioste, e Escrivaõ do Coro tem cincoenta mil reis; e o segundo Prioste dous mil e quinhentos reis. Ha mais quatro Meninos da Capella numerarios, que tem cada hum

cin-

cincoenta e cinco mil reis ; e tres ſupranumerarios com vinte mil reis. Tem eſta caſa, e Igreja mais de vinte mil cruzados de renda, que a Méſa adminiſtra com muito zelo.

258 Com o repentino aſſalto do terremoto, e incendio ficou eſte grandioſo Templo arruinado, e mais que tudo conſumido, e desfigurado o formoſo embutido das ſuas pedras, de que o corpo todo, e tecto da Igreja era formado primoroſamente. Porém obſervou-ſe como prodigio, que a voracidade das chammas, abrazando os retabolos, e tudo que eſtava miſtico à tribuna do Santo, naõ offenderaõ a ſua veneranda Imagem, nem ouſaraõ entrar dentro, trocando o furor em reſpeito, ſegundo conjectura a piedade, e devoçaõ. Fez-ſe na Igreja hum ſufficiente commodo para o exercicio do Coro, e mais Officios Divinos, em quanto ſe cuida na reedificaçaõ fundamental.

Noſſa Senhora da Caridade. Foy edificada eſta Ermida pelos Irmãos da Caridade no anno de 1747, junto à Baſilica de Santa Maria da parte do mar. Padeceo baſtante ruina.

Noſſa Senhora da Conſolaçaõ. Ficava eſta Ermida, ou Capella por cima da porta da Cidade chamada a porta do Ferro, ou arco da Conſolaçaõ, e nella mandava a Irmandade da Miſericordia dizer huma Miſſa quando havia padecente, para que eſte adoraſſe ao Senhor no tempo, que por alli paſſava para o ſupplicio. Acha-ſe preſentemente deſtruida com o terremoto, e incendio: e depois ſe mandou demolir o arco, e ſe extinguio totalmente a ſua exiſtencia. Junto da eſcada, que ſubia para a tal Capella, eſtava hum marmore Romano a modo de hum marco pequeno com ſeu frizo, e huma inſcripçaõ, que dizia:

Æsculapio
Aug.
Sacrum
Cultor. Larum
Maliæ , et Malio-
li M. Cossituo
Macrinus donavit.

O qual vem a dizer: *Este Templo he consagrado a Esculapio Augusto, Marco Cossituo Macrino o deu graciosamente a Malia, e Maliole amadores dos Deuzes Lares.* Lembra-se deste marmore Antonio Coelho Gasco nas *Antiguidades de Lisboa cap.* 50.

Senhor Jesus dos Desamparados, e Nossa Senhora do Rosario. Principiou a fundarse de novo esta Ermidinha no anno de 1755 em a rua das Canastras, e no mesmo sitio, onde havia estado huma casa de Oraçaõ, que se havia abrazado com o fracasso de hum incendio; porém com o terremoto, e fogo do anno de 1755 se consumio de todo.

Nossa Senhora da Misericordia. Fundou este sumptuoso Templo ElRey D. Manoel, e se concluio governando ElRey D. Joaõ III. no anno de 1534. Estabeleceó-se aqui huma nobilissima Irmandade, que na opiniaõ ainda dos Estrangeiros he de summo respeito. (1) Instituio-a no claustro da antiga Cathedral o Veneravel Fr. Miguel de Contreras, Religioso Trinitario natural de Segovia, com approvaçaõ da Rainha Dona Leonor mulher de ElRey D. Joaõ II. no anno de 1498. Compondo-lhe o mesmo Veneravel Padre hum Compromisso fundado em tanto zelo do próximo, que parece foy inspirado por Deós. Foy-se extendendo a Irmandade por todo

[1] Gil Gonçalv. de Avila nas Grandez. de Madrid lib. 4. apud Maced. nas Flor. de España cap. 9. excel. 9. n. 2. Mervelù Memoires instructifs. pour un Voyageur tom. 2. p. 144. D. Franc. de Herrera na Vida do B. Obregon p. 151. Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 284. Santuar. Marian. tom. 1. p. 64.

do o Reino, até que concluida esta Igreja da Misericordia, se transferio para ella em 25 de Março de 1534 com huma procissaõ solemnissima: e para se conservar a memoria do Fundador, se fez hum assento no anno de 1575, em que a Mesa mandou se pintasse sempre nas bandeiras da Casa a copia, e retrato do sobredito Religioso no mesmo habito da sua Ordem com estas letras F. M. I., que querem dizer Fr. Miguel Instituidor.

259 Começou esta Irmandade por cem Irmãos cincoenta nobres, e cincoenta mecanicos: depois se alargou o indulto a seiscentos. Compoem-se de hum Provedor, que sempre he Cavalheiro, dos quaes expende hum Catalogo D. Antonio Caetano de Sousa no *tom. 4. do Agiolog. pag. 26.* desde D. Pedro de Moura, que foy o primeiro até D. Pedro de Almeida Marquez de Alorna: tem mais hum Escrivaõ, hum Recebedor das esmolas, dous Mordomos dos prezos, seis Visitadores, e outros mais Irmãos competentes para o seu governo; mas todos eleitos por votos em dia da visitaçaõ de Nossa Senhora a 2 de Julho.

260 He o instituto desta Irmandade acodir às necessidades do proximo, casar orfãs, curar enfermos, sustentar, e visitar viuvas pobres, passar cartas de guia, ou de recomendaçaõ para commodo dos peregrinos, enterrar os defuntos, defender as causas dos prezos, sustentallos, e livrallos dos carceres, acompanhar os justiçados até o patibulo, e finalmente concorrer para todo o exercicio, que for obra de caridade, e misericordia; dispendendo em todos estes actos grande somma de dinheiro, para que tambem concorre muito a piedade dos Catholicos, que a tem enriquecido com muitos legados, passando a renda desta santa Casa de cem mil cruzados cada anno.

261 Tem ella cinco actos publicos, em que devem assistir todos os Irmãos sem falta. I. No dia da

Visitaçaõ de Nossa Senhora à eleiçaõ annual, e à festa. II. Em dia de S. Lourenço para a eleiçaõ dos seis Visitadores. III. Em dia de todos os Santos de tarde para a trasladaçaõ dos ossos dos padecentes que morreraõ enforcados. IV. Em dia de S. Martinho Bispo para o Officio solemne dos Irmãos defuntos. V. Em a noite de Quinta feira santa para a procissaõ com que visitaõ as Igrejas. Antigamente se fazia esta procissaõ com muita solemnidade, e penitencia. Referiremos o que achámos acerca disto em huma fidedigna Relaçaõ daquelle tempo.

„ Partem da Igreja os Irmãos em anoitecendo, „ e vaõ pela rua nova ter a S. Francisco, e dalli „ passaõ à Trindade, e descem ao Carmo, e dalli „ vaõ a S. Domingos, e tornaõ pelo Rocio, e pe- „ la Praça da palha, rua das Arcas, Correaria até „ a Sé, e da Sé tornaõ à Misericordia, gastando „ nisto até a meya noite, e às vezes até a huma ho- „ ra. Os Irmãos seráõ sempre duzentos e cincoen- „ ta, até trezentos, e todos vaõ vestidos com suas „ vestimentas pretas, e postos em ordem de procis- „ saõ com suas velas nas mãos.

„ Diante delles vaõ oitocentos, novecentos, até „ mil homens, e mulheres disciplinando-se, os „ quaes todos vaõ vestidos de vestimentas pretas, e „ assim homens, como mulheres, se ferem com as „ disciplinas, que tiraõ muito sangue; e esta pro- „ cissaõ vay repartida em tres, ou quatro estancias, „ e entre huma, e outra hum retabulo, ou Chris- „ to posto na Cruz, e no meyo vaõ dez, ou doze „ Irmãos com suas varas regendo-os, e metendo-os „ em ordem.

„ Entre estes disciplinantes vaõ muitos homens „ com barras de ferro, e Cruzes de páo grandes, „ e pedras às costas: e para claridade da gente le- „ vaõ cincoenta faroes de fogo, em que se gastaõ „ dous mil novelos de fiado de tomentos engraxa- „ dos em borras de azeite, e cebo para darem bom

„ lu-

,, lume, os quaes faroes vaõ poſtos em haſteas mui-
,, to compridas, e altas; e levaõ trinta lanternas
,, muito grandes metidas tambem em haſteas com
,, velas dentro accezas; e os Irmãos que regem, tra-
,, zem nas mãos quantidade de velas para tanto que
,, faltar proverem de outras: levaõ mais trinta ho-
,, mens com bacias nas mãos cheas de vinho cozi-
,, do, e os diſciplinantes molhaõ, e lavaõ nelle as
,, diſciplinas, porque lhe apertaõ as carnes. Da meſ-
,, ma maneira vaõ dez, ou doze homens com cai-
,, xas de marmelada feita em fatias, as quaes man-
,, daõ muitas peſſoas fidalgas, e devotas, que daõ
,, aos penitentes; e levaõ outras de confeitado, e
,, de cidraõ para os que enfraquecerem ſoccorre-
,, rem-lhe com hum bocado: e vaõ outros tantos
,, homens com quartas de agua, e pucaros nas mãos
,, dando agua aos que tem della neceſſidade. E tan-
,, to que chegaõ à caſa da Miſericordia eſtaõ Fy-
,, ſicos que expremem as chagas dos penitentes, e
,, lhas lavaõ com vinho para iſſo confeicionado, e
,, os apertaõ, e veſtem, e ſe vaõ curados para ſuas
,, caſas.

Recolhimento.

262 Aos lados da Igreja ſe fundaraõ dous magni-
ficos Recolhimentos de donzellas orfãs, que ainda
que ſeparados, tinhaõ communicaçaõ hum com ou-
tro, e com tribunas para a Igreja. A Meſa da Mi-
ſericordia o adminiſtra, e provê cincoenta e oito
lugares para orfãs, dos quaes quarenta foraõ inſti-
tuidos por Manoel Rodrigues da Coſta, Fidalgo,
e Commendador da Ordem de Chriſto, que falle-
ceo em Junho de 1684, deixando para cada orfã cem
mil reis de dote. Os outros lugares ſaõ da Caſa. Ha-
via finalmente neſta Igreja por detrás do Altar mór
hum Coro, em que rezavaõ ſeſſenta Capellães as
Horas Canonicas.

263 Succedendo o grande terremoto do primei-

ro

ro de Novembro, cahio do cruzeiro da Igreja huma porçaõ da abobeda, e hum campanario, que ficava por cima da porta da banda do terreiro; de cujo precipicio, e ruina morreraõ algumas pessoas. Ficou o Padre Thesoureiro na Sacristia todo o Sabbado até quasi noite, e as orfãs até esse tempo se conservavaõ no Recolhimento; mas vendo que os tremores continuavaõ, se resolveraõ a sahir, e foraõ para a Horta da Bica do Sapato em companhia de hum homem do azul, que era o Porteiro, e do Padre Thesoureiro, que com grande enleyo, sem se lembrar de mais nada, deixando as portas da Igreja, e da Sacristia abertas, expoz à mayor ruina toda a sua fabrica, assim de ornamentos, que havia muitos, e excellentes, por se acharem de proximo reformados; como de prata, de que apenas por diligencia dos Officiaes da Justiça se livraraõ algumas alampadas; podendo livrarse tudo com muito socego de ladrões, e do incendio; porque este naõ entrou na Igreja da Misericordia, senaõ pelas nove horas da manhã no Domingo seguinte.

264 Abrazou-se finalmente o Recolhimento, e demolio-se com o incendio a Igreja, ficando todavia isenta a Capella do Santissimo, onde esteve ao desamparo cinco, ou seis dias, em que durou o fogo. Tambem ficou illeso o retabolo da Capella do Santo Christo dos padecentes, que já a este tempo haviaõ livrado a veneravel imagem, posto que até agora ainda se naõ restituio, nem a instancias de censuras, que para este fim, e de outras mais cousas se tem publicado. Ficou da mesma sorte reduzida a cinzas a casa do Despacho, Secretaria, e Cartorio, sem que ficasse cousa alguma. Abrazou se a sagrada Reliquia do braço de Santa Anna, que estava em hum Oratorio na casa da Mesa, ficando consumida dentro do mesmo Relicario de prata; cujas cinzas, e dous ossinhos, que mostravaõ ser de dedos, se conservaõ ainda no mesmo Relicario, que

se

ſe mandou guardar com toda a decencia.

265 Paſſados alguns dias ſe ordenou, que os Padres continuaſſem na Capella do Sacramento a exercer os actos do Coro, o que fizeraõ em turmas, e aſſim continuaraõ até o dia de S. Thomé do meſmo anno, em que por medo do tremor de terra, que entaõ houve, ſe paſſaraõ para a barraca da Freguezia de S. Joſeph, onde ſó hum dia rezaraõ; porque aproveitando-ſe o Eminentiſſimo Prelado da meſma barraca, mandou ir para ella a Communidade da Baſilica de Santa Maria, e os Padres Capellães da Miſericordia paſſaraõ para a Ermida de Noſſa Senhora do Bom ſucceſſo na calçada do Lavre, e aqui rezaraõ até Setembro do anno de 1756. Depois com racionavel motivo foraõ para a Ermida de S. Pedro de Val de Pereiro, onde eſtiveraõ alguns dias. Ultimamente ſe transferiraõ para a Ermida de S. Vicente Ferrer às Olarias, onde actualmente exiſtem.

266 As Orfãs porém naõ ſe achando bem accomodadas na Bica do Sapato, para cujo ſitio ſe haviaõ refugiado, paſſaraõ para Belem, e aqui experimentando mayor deſcommodo, ſe lhe alugou as caſas de Diogo Liberato na rua dos Anjos defronte da traveſſa do Deſterro, onde permaneceraõ até o S. Joaõ de 1756, em cujo dia ſe mudaraõ para humas caſas nobres do Deſembargador Filippe Ribeiro da Silva, contiguas à Ermida de S. Vicente Ferrer, das quaes paſſaraõ para a calçada de S. André, accommodando-ſe nas caſas que deſoccuparaõ os Engeitados, pela paſſagem que eſtes fizeraõ para o Collegio de Santo Antaõ, pelo Natal do anno de 1762: e aqui preſentemente ſe achaõ mais bem accommodadas.

267 Neſte meyo tempo fazia tambem a Meſa diligencia pela ſua accommodaçaõ; porque ſuppoſto naõ faltavaõ aviſos da Secretaria de Eſtado, para ſe darem à Miſericordia os materiaes, que foſſem

ſem

ſem preciſos, era tal a deſordem, e confuſaõ daquelles primeiros dias, que naõ ſe podia pôr couſa alguma em execuçaõ; até que ſe reſolveo em fazer os actos da Meſa em huma barraca de panno, e taboas velhas, que eſtava na rua de S. Bento, a qual era de Antonio Rodrigues Gil Meſtre Carpinteiro, e Irmaõ da Miſericordia; e reformando-ſe eſta pelo tempo adiante com mais largueza, alli aſſiſtio a Meſa até o S. Joaõ de 1756; porque huma accommodaçaõ, que intentou fazer na Cotovia, naõ teve effeito; depois ſe paſſou para as caſas de Diogo Liberato, donde tinhaõ ſahido as Recolhidas; e ultimamente ſe eſtabeleceo a Meſa nas caſas, que alugou junto da Ermida de S. Vicente Ferrer às Olarias.

S. Sebaſtiaõ. Exiſtio primeiramente eſta Ermida na rua da Padaria, onde foy fundada no anno de 1471, conforme affirma Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira no ſeu Summario; porém com a ultima reedificaçaõ, que ſe lhe fez, tinha a porta para a parte da Miſericordia, e era adminiſtrada pelo Tribunal da Saude. Com o terremoto, e incendio ſe demolio de ſorte, que naõ ſe conhece o ſitio onde exiſtia.

268 Numerava eſta Paroquia oitocentos e noventa e ſeis fógos, e quatro mil e duzentas e cincoenta e cinco peſſoas de communhaõ. Hoje eſtá reduzida a huma deploravel decadencia; vendo-ſe deſerta, e arruinada huma grande parte das ſuas ruas, que eraõ as ſeguintes.

Ruas.

Albuquerque, Almargem, Arco da Conſolaçaõ, e de S. Franciſco, Baraõ, Calçadinha da Graça, e de Quebracoſtas, Campo das Cebolas, Canaſtras, Conegos, Cruzes da Sé, Direita de Santo Antonio, Detrás de Santo Antonio, Joaõ Fogaça, S. Joaõ da Praça, S. Jorge, Largo do Aljube, e da Baſilica, e das Cruzes da Sé, e do Senhor de Bellas,

Meyo

Meyo da Ribeira, Mercearias dos homens, e das mulheres, Parreirinha, Paſſadiço da Ribeira, Pateo de Santo Antonio, e da Audiencia, Portas do Ferro, e do Mar.

Becos.

Abreu, Alecrim, Aljube, Amada, Armazens, Bogio, Grinalda, Jaſmim, Leaõ, Mel, Merceeiras, Perola, Seixo da pate de baixo, e da parte de cima.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, S. Joaõ da Praça, S. Jorge, S. Mamede, Santa Maria Magdalena.

XXIII.

Santa Maria Magdalena.

269 NAõ obſtante haver padecido eſta Igreja por varias vezes alguns contratempos, como foraõ os incendios ſuccedidos no anno de 1369, em tempo de ElRey D. Fernando, e de ElRey D. Manoel (1) os terriveis effeitos da peſte do anno de 1560, e o memoravel eſtrago do furacaõ de vento no anno de 1600, cujos ſucceſſos arruinaraõ, e conſumiraõ a mayor parte dos documentos do ſeu Cartorio; todavia conſervava-ſe ainda nelle hum livro antiquiſſimo, que vimos, pelo qual conſtava, que na era de 1202, que correſponde aos annos de Chriſto de 1164, falecera D. Fuas, Prior deſta Igreja, e lhe deixara as terras, e herdade do Murganhal com hum encargo de Anniverſario, o qual ainda ſe fazia a 13 de Setembro.

270 Continuaõ as memorias deſta Paroquia ainda pelos annos de 1237, pois ſegundo refere o Chroniſta mór Fr. Franciſco Brandaõ, (2) por eſſe tem-

[1] Duarte Nunes Chronic. dos Reys de Portug. pag. mihi 165.
[2] Monarq. Luſit. liv. 16. cap. 12.

po reinando D. Sancho II., consta de huma Escritura, que Joaõ Annes, e Ouroona Richardes pagavaõ às Religiosas de Chellas o foro de humas casas, que estavaõ sitas na Freguezia da Magdalena junto ao Paço dos navios de ElRey: *Quas habemus in Parochia Sanctæ Mariæ Magdalenæ circa Palatium navigiorum Regis.*

271 A' vista desta antiguidade tiveraõ alguns para si, que a causa de pertenderem os Irmãos do Santissimo desta Paroquia hombrear nos actos publicos processionaes com os da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres, era respeitando a igual primazia das suas origens, e erecções; o que naõ póde ser, porque a dos Martyres he sem controversia mais antiga. A razaõ fundamental desta igual concurrencia procede da tradiçaõ, que ha de serem os Irmãos do Santissimo da Magdalena os primeiros, que nesta Cidade introduziraõ as oppas, ou capas vermelhas, sem embargo, que naõ falta quem lhes refuta esta primeira invençaõ. (1)

272 Sempre foy esta Igreja do Padroado Real, como consta do Censual da Mitra feito pelo Arcebispo D. Fernando de Menezes no anno de 1547, que vimos; e de hum contrato celebrado no anno de 1352, sendo Bispo de Lisboa D. Theobaldo, em que com authoridade Regia, sendo Prior, ou Reitor o Mestre Joaõ Fogaça, se dividiraõ os frutos desta Igreja entre o Prior, e Beneficiados, que até aquelle tempo viviaõ juntos em humas casas mistiças à Igreja. Presentemente he do Padroado das Serenissimas Rainhas, e era reputado o seu rendimento até o dia do terremoto em seiscentos mil reis.

273 Ha nesta Igreja cinco Beneficios de cem mil reis cada hum, que apresenta, e colla o mesmo Prior. Havia mais de quarenta Capellães obrigados a dizer Missa nesta Igreja todos os dias. Constava ella

[1] Fr. Apollinar. na Demonstr. Histor. num. 151.

ella de onze Altares. O Altar mór era administrado pela Irmandade do Santissimo, a qual com toda a grandeza em as festas, que celebrava, dava bem a entender o seu zelo, e obsequio; apresentando, e administrando vinte e huma Capellas de differentes ordenados.

274 No Altar da parte do Evangelho, e mais proximo à Capella mór, que era de Santa Anna, se havia collocado no anno de 1715 a sagrada, e antiquissima Imagem do Senhor Jesus dos Perdões, na qual o zelo do Padre Pedro de Oliveira instituio huma nobre Congregaçaõ, e em todas as primeiras Sextas feiras dos mezes se expunha o Santissimo no lado da mesma Imagem com muitas indulgencias. Participava esta Irmandade de huma especial Sacristia ornada com hum bom numero de Reliquias; entre as quaes se distinguia a do Santo Lenho, e hum osso de Santa Catharina, que deu o Bispo de Tagaste D. Manoel da Silva Francez, seu primeiro Protector.

275 Seguia-se a Capella de Santa Luzia, que em algum tempo festejavaõ os Correeiros. No outro Altar immediato, que era de S. Christovaõ, estava collocada a bella Imagem do Menino Jesus com o titulo de Bom Pastor, e a de S. Tude; a cujos simulacros festejavaõ devotos particulares solemnissimamente. O Altar, que se seguia, era dos Santos Apostolos, Simaõ, e Judas, onde tambem se venerava huma Imagem da Senhora Santa Anna. O ultimo Altar proximo à porta era o de S. Clemente.

276 Da parte da Epistola era o primeiro o de Nossa Senhora das Candeas; o segundo o de S. Miguel, e Almas com vinte Capellães de cincoenta mil reis cada hum, extrahida toda esta renda das esmolas da bacia; o terceiro de S. Cosme, e S. Damiaõ, a quem festejavaõ os professores da Medicina. O quarto de S. Eloy, cujo culto corria por conta dos Ourives da prata. O quinto, e ultimo era

 de

de S. Sebaſtiaõ o mais antigo deſta Igreja, e a quem feſtejavaõ os Alfayates da rua do Principe.

277 Neſte florentiſſimo eſtado ſe achava taõ veneravel Paroquia, quando reſiſtindo vitorioſo o ſeu Templo ao incidente do terremoto, naõ pode todavia eſcapar ao incendio ſucceſſivo, que tudo reduzio nelle ao ultimo eſtrago, e deſtruiçaõ: livrandoſe unicamente o Santiſſimo Sacramento por diligencia do Paroco Joaõ Pinto da Cruz, que ſem algum ornato, mas como fugindo apreſſadamente de taõ violento inimigo, ſe foy refugiar abraçado com a ſagrada Pyxide em a Igreja de Santa Apollonia; donde veyo depois agregarſe à Freguezia de S. Juliaõ em huma pobre barraca no Terreiro do Paço, donde paſſou para a Freguezia de S. Martinho, em que ainda exiſte. Pereceraõ neſte horrivel fracaſſo cento e trinta e nove peſſoas.

278 Achavaõ-ſe erectas no territorio deſta Paroquia as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ. Era huma pequena Ermida, que eſtava no meyo da rua dos Ourives da prata, a qual elles fabricaraõ à ſua cuſta no anno de 1697, e a tinhaõ muito bem ornada. O fogo a conſumio de ſorte, que naõ permanece della, nem ſinal onde eſteve.

Noſſa Senhora de Belem. Era hum Hoſpital, ou Albergaria, chamada Hoſpital dos Palmeiros fundado no anno de 1330, ſegundo ſe colligia de hum letreiro, que eſtava por cima da porta. (1) Tambem o incendio totalmente o conſumio.

279 Conſtava eſta Freguezia antes do terremoto de oitocentos fógos, e tres mil ſetecentas peſſoas de com-

---

[1] Veja-ſe o Summario de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira, e a Corograf. Port. 3. p. 453. e o Santuar. Marian. tom. 7. p. 144.

communhaõ : hoje acha-se com quatro fógos, e quatrocentas e trinta e quatro pessoas dispersas por varias barracas; porque as ruas totalmente se extinguiraõ com a ruina dos edificios : eraõ ellas as seguintes.

Ruas.

Arco do Caranguejo, Arco de D. Teresa, Armazens, Caes da Pedra, (1) Calçada do Correyo, Calçada detrás da Igreja, Carneçarias, Celleiros, Confeitaria, Correaria, Escada de pedra, Fancaria, D. Gil e Annes, Hospital dos Palmeiros, Louceiras, D. Mafalda, Padaria, (2) Pedras negras, Pelourinho, (3) Porta de ferro, Porta do Terreiro,

[1] Este Caes, que ultimamente se havia ampliado, e reedificado com toda a fortaleza experimentou huma total submersaõ em o fatal dia do terremoto; tragando-o o mar com taõ exquisito furor, e nelle a muitas pessoas, que por muitos dias se lhe naõ pode conhecer fundo do seu abatimento. [2] Nesta rua, que era habitada de officiaes de Capateiro, houve no meyo della da parte direita, indo da Misericordia para Santa Maria, humas casas chamadas o Paço dos Tabelliães, onde como em Tribunal assistiaõ Notarios publicos, que faziaõ Escrituras, e outros instrumentos de compras, e vendas, &c. Da origem deste quasi Tribunal naõ se acha memoria; o que sabemos he, que pelo desconcerto dos tempos se foraõ em nossos dias insensivelmente exonerando desta obrigaçaõ alguns dos ditos Tabelliães, e os poucos, que ficaraõ residindo no dito Paço alcançaraõ de ElRey D. Joaõ V. a faculdade, que lhe supplicaraõ de servirem os Officios em suas casas; por cujo motivo ficando devoluto o tal domicilio, o pedio ao sobredito Monarca Felix Joseph de Carvalho Moço da Prata, e Escrivaõ da Ouvidoria da Alfandega, o qual lho concedeo por hum Aviso, que o Secretario de Estado Marco Antonio de Azevedo escreveo em 23 de Abril de 1749 ao Desembargador Francisco da Cunha Rego, Vereador mais antigo da Camera de Lisboa. [3] Neste sitio havia antigamente o costume de assistirem varios homens com suas mesas para escrever cartas, e petições às pessoas, que tinhaõ dellas necessidade. Lembra-se disto Damiaõ de Goes na Descripçaõ de Lisboa, que publicou na lingua Latina em o anno de 1554, onde diz: *E' regione hujus portorii forum quod veteris pali* (isto he, Pelourinho velho) *vocatur, apparet, in quo semper non pauci homines mensis assistentes reperies, quos notarios, vel librarios vocare possimus, nullis tamen Civitatis ministeriis obligatos. Hi omnes ex hoc vita genere sibi alimentum* *sus-*

ro, Portagem, Principe, Rua nova da parte dos Livreiros, Rua nova parte dos Mercadores, Rua da prata, Terreiro do Paço, (1) Travessa dos Armazens, Veropezo.

Becos.

Açougue, Cura, Espera rapaz, Martim alho.

Freguezias confinantes.

Nossa Senhora da Conceiçaõ, S. Juliaõ, S. Mamede, Santa Maria, S. Nicolao.

XXIV.

Santa Marinha.

280 DE huma inscripçaõ, que está sobre a porta principal desta Igreja da parte do Evangelho, consta ter sido sagrada aos 12 de Dezembro de 1222, (2) e este he o documento mais certo da sua antiguidade. Foy ella do Padroado Real, que ElRey D. Diniz deu a Pedro Salgado; hoje acha-

---

suppeditant, quod omnium accedentium, mentesque suas explicantium sensum assequantur, ordineque in eodem ipso loco subito schedis, scribant, petentibusque dato pro ratione materiæ pretio, tradant; in tantum ut literas, epistolasque amatorias, elogia, orationes, epitaphia, carmina, laudes, parentalia, petitiones, syngrapha, & cujuscumque generis alia; quæ ab eis postulareris, ad ea habeant dispositum scribendi stilum, quod nullibi in totius Europa urbibus fieri vidi. O mesmo affirma Christovaõ Rodrigues de Oliveira, como se lê no seu Summario impresso no anno de 1551. [1] Huma das mayores praças, que tinha Lisboa era este espaçoso terrapleno, em o qual a vista do Palacio Real, e outros illustres edificios da parte da terra com a variedade das muitas embarcações grandes, e pequenas no mar visinho, formavaõ huma bella perspectiva. Desfigurou tudo o terrivel incendio successivo ao terremoto, reduzindo a cinzas quanto encerrava taõ famoso Palacio; e sobre tudo com perda irreparavel a preciosissima, e vasta Bibliotheca Regia chea de innumeraveis corpos de livros rarissimos, e codices m. s. O Palacio se tem demolido para se projectar outro artefacto, e formar huma nobilissima praça de Commercio, com varias accommodações para os Tribunaes. [2] Corograf. Port. tom. 3. pag. 363.

acha-se na Ordem de Christo. O seu Prior he de collaçaõ ordinaria, e tem alternativa com Roma: reputa-se o seu rendimento em setecentos mil reis, por lhe andar annexa a Capella, que aqui instituio o sobredito Pedro Salgado. (1) Ha na Igreja cinco Beneficios com obrigaçaõ de Coro, que apresenta o Prelado, e rende cada hum oitenta mil reis.

281 As Capellas aqui estabelecidas saõ as seguintes: huma do mencionado Pedro Salgado de Missa quotidiana com quarenta mil reis; estabeleceo mais o mesmo instituidor tres Merceeiras com a congrua de doze alqueires de trigo a cada huma, quinhentos reis em dinheiro, e casas para morarem. No anno de 1621, instituio aqui outra Capella o Desembargador Carlos Brandaõ Pereira de Missa quotidiana com a congrua de dezasete mil e quinhentos reis cada anno, a qual se naõ satisfaz, e vay para os legados naõ cumpridos. Ha mais outra Capella de Missa quotidiana com huma livre cada semana, instituida pelo Fysico mór do Reino Manoel Pereira da Costa com a congrua de cincoenta mil reis. Foy muito pequeno o prejuizo, ou quasi nada, que esta Igreja experimentou no dia do grande terremoto. Constava antes delle de duzentos fógos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e Becos.

Adro da Igreja, Calçada da Graça, e de Santa Monica, Beco do Agulheiro, e das Cabras, largo da Igreja, e de Santa Monica, rua Direita, e da Oliveirinha, e do Tijolo, Terreirinho, Travessa de Santa Monica.

Freguezias confinantes.

Santo André, S. Thomé, S. Vicente.

XXV.

---

[1] Brandaõ na Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 19.

XXV.

S. Martinho.

282 A Fundaçaõ desta Paroquia he reputada entre as antigas da Cidade, porque já desde o anno de 1168, achamos em Escrituras memorias della. (1) Na mesma Igreja existe hum authentico documento da sua antiguidade, pois entre a Capella de S. Francisco, e o cunhal do arco do Coro está hum nicho, que foy feito para confessionario, no qual se lê em huma pedra a inscripçaõ seguinte:

XIII. K. Februarij. IHNVS Rami-
rus Hũ. Eccæ Priorus Prefectus
Obijt E. M. CC. XXI.

Quer dizer: *Decimo tertio Kalendas Februarij Hieronymus Ramirus hujus Ecclesiæ Priorus Præfectus obiit æra* 1221. De cujo monumento se collige, que no anno de Christo de 1183, a que corresponde a data da era de 1221, lograva esta Igreja a preeminencia de Priorado. Tambem consta, que no primeiro de Mayo de 1191, assistira o Prior desta Igreja ao Synodo, que na Cathedral fizera o Bispo D. Sueiro Annes. (2)

283 Com o tempo se arruinou o primeiro edificio, e querendo o Conde de Villa Nova D. Gregorio de Castello Branco correr com o dispendio da sua reedificaçaõ, lhe lançou solemnemente a primeira pedra nos fundamentos da nova Igreja a 11 de Novembro de 1634, sendo entaõ Prior della o Doutor Simaõ Torrezaõ Coelho Deputado do Santo

---

[1] Vide Cunha no Catalogo dos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 7. n. 4.
[2] D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 11. pag. 145.

to Officio, e Lente da Univerſidade. Da memoria deſta reedificaçaõ conſta, que a primeira pedra fundamental ſe collocara naquella parte, em que ſe levantou o cunhal da Igreja, ſobre que eſtá fabricado o arco do paſſadiço, que vay das caſas do Conde para a tribuna, e que a dita pedra eſtá coberta com outra, a qual tem gravada a ſeguinte inſcripçaõ.

✠
I H S.

Anno à Chriſto nato MDCXXXIV. ſedente ad Eccleſiæ Romanæ clavum Urbano VIII. P. M. Imperante Philippo Hiſpaniarum 4. & 3. hujus nominis Luſitaniæ Rege, Eccleſiam iſtam D. Martino Turonen. Epiſcopo, & pauperum patri dicatam, temporum injuriis, jam ac vetuſtate labentem, avita pietate, & regia magnificentia, propriis impenſis iterum à primis erexit fundamentis, & in elegantiorem faciem, quam quondam habuerat, reſtituere curavit D. D. Gregorius à Caſtelbranco, Comes Villæ Novæ, Sortelliæ, & Goeſiæ domus Dymnaſta, Regijque corporis Cuſtos maximus. XI. q. Novembr. die eidem Sanctiſſ. Præſuli ſacro, primum iſtum lapidem jecit.

284 Saõ as Sereniſſimas Rainhas Donatarias deſta Igreja, cujo Padroado ſe reputa render quatrocentos mil reis, pouco mais, ou menos, porque ſe extrahem da quarta parte dos dizimos de Barcarena, e Alverca. Pelo novo Regimento da Caſa da Supplicaçaõ ſe manda dar ao Paroco deſta Freguezia trinta mil reis em gratificaçaõ, e reconhecimento do trabalho, que tem com os prezos das cadeas do Limoeiro. Ha na Igreja quatro Beneficios, que apreſenta o Prior, os quaes ſaõ quatro Apreſtimos, ou Preſtimonios, que tem os Beneficiados ſeparados do monte grande; tres dos quaes rende cada hum oitenta mil reis, e o outro quarenta mil reis,

que os podem comer inteiramente em caſa, ſe naõ querem reſidir; porém reſidindo, tem além do groſſo do ſeu Beneficio noventa alqueires de trigo, e huma pipa de vinho cada hum, fóra o que rende o pé de Altar pro rata.

285 As Capellas, que ha neſta Igreja, ſaõ eſtas: huma de Miſſa quotidiana, e com a obrigaçaõ de ſe rezar hum Nocturno a 3 de Novembro pela alma de D. Lopo de Caſtellobranco, de que he administrador o Conde de Villa Nova, mas naõ ſe ſatisfaz, por ſer de tenue eſmola. Outra de quarenta mil reis, e de Miſſa quotidiana pela alma de D. Antonio de Caſtellobranco, a qual adminiſtra o Conde de Valladares, e ſe ſatisfaz. Outra de cem Miſſas de eſmola ordinaria ditas no Altar da Senhora da Piedade pela alma de Joaõ de Loredo. Ha outra deambulatoria, que ſe reduzio a ſeis mezes de Miſſas, inſtituida por Marianna Preta de Negreiros, que tem de congrua naõ mais que vinte e cinco mil reis, pagos como juro na Theſouraria do Tabaco.

286 Padeceo eſta Igreja ſuas ruinas com o eſpantoſo terremoto, abrindo-ſe, e cahindo aos ſeus impulſos algumas porções das abobedas, e paredes, e precipitando-ſe hum dos ſinos da ſua torre, que ſe fez em pedaços. Arruinaraõ-ſe tambem algumas caſas pertencentes à Meſa Prioral deſta Igreja, e outras mais da propria Freguezia, e com eſpecialidade as cadeas da Cidade, e da Corte, donde os prezos ſahiraõ francamente, e a Caſa da Relaçaõ experimentaraõ horrivel deſtroço. Neſta ruina falleceraõ à porta da Igreja ſete peſſoas, entre as quaes ficou incluſo Paulo Farinha Sargento mór Engenheiro, cuja capacidade, e intelligencia nas materias Mathematicas era digna de eſtimaçaõ; participando ſua mulher, e huma criada da meſma violenta morte, com que alli foraõ acommetidas.

287 Paſſado hum mez, em que a mayor perturbaçaõ dos animos ſe havia algum tanto ſerenado, foy

foy esta Freguezia situarse na Ermida de Santa Barbara às Fontainhas, onde esteve por espaço de nove mezes na companhia da de S. Jorge, em a qual Ermida ambos os Priores exercitaraõ por turnos os Officios Divinos, com huma alternada harmonia até Setembro de 1756, em cujo tempo, e dia do Santissimo Nome de Maria, se restituio a esta antiga Igreja de S. Martinho já reparada o seu Prior Rodrigo Joseph Dourado de Mariz Sarmento, celebrando nella em acçaõ de graças Pontificalmente o Excellentissimo Principal Portugal.

288 Constava esta Freguezia antes do terremoto de trinta fógos, e perto de trezentas pessoas de communhaõ. Os mesmos conserva ainda hoje, experimentando sómente a diminuiçaõ nas pessoas do Limoeiro, por ficar desfeita, e totalmente inhabitavel a cadea da Cidade. Esta cadea, ou carcere de malfeitores, chamada Limoeiro, e a Casa da Supplicaçaõ alli contigua foy obra sumptuosa, que mandou fazer ElRey D. Manoel, e segundo escreve o Chronista mór Fr. Francisco Brandaõ, aqui habitaraõ as Commendadeiras de Santos pelos annos de 1405, quando estes Paços eraõ do Infante D. Duarte, filho de ElRey D. Joaõ I. (1)

Ruas.

He muito pequena a extensaõ desta Paroquia, porque naõ passa do beco do Bogio, que he huma rua, ou travessa, que fica logo abaixo da Igreja indo para a de S. Jorge, e acaba no fim da cadea até a Chancellaria exclusivè. Tem mais nos seus limites o pateo chamado do Carrasco, que fica para a parte esquerda da Igreja.

Freguezias confinantes.

S. Jorge, Santiago.

---

[1] Goes Chron. de ElRey D. Manoel part. 4. cap. 85. Monarq. Lusit. liv. 17. cap. 57.

XXVI.

Nossa Senhora dos Martyres.

289 A Primeira fundaçaõ desta Igreja se deve aos Cavalleiros Estrangeiros, que ajudaraõ ao famoso Heroe D. Affonso Henriques na expugnaçaõ de Lisboa pelos annos de 1147. Havia o inclyto Rey mandado benzer este sitio pelo Arcebispo de Braga D. Joaõ Peculiar, que o acompanhou nesta guerra, para servir de cemeterio decente aos corpos dos que morriaõ na conquista desta Cidade, e logo aquelles Cavalleiros fizeraõ erigir nelle huma Ermida, onde collocaraõ a Imagem de Nossa Senhora, (1) que haviaõ trazido na armada: e porque se reputavaõ por Martyres os que acabavaõ a vida derramando seu sangue nesta empreza, se chamou delles a Senhora, e o Templo, ao qual depois de conquistada a Cidade ampliou mais o mesmo Rey.

290 Por esta indubitavel origem sem contradiçaõ alguma goza esta Igreja da primazia entre as mais Paroquias da Corte, corroborando naõ pouco esta preeminencia naõ só conservarse nella a primeira pia bautismal com a Inscripçaõ, posto que renovada no anno de 1602, de se ter alli bautizado o primeiro Christaõ desta Cidade, mas de estar de posse de tempo immemoravel de fazer com solemne procissaõ a festa do Santissimo Sacramento na vespera do Corpo de Deos, primeiro que nenhuma outra Freguezia da Cidade.

291 Foy esta Igreja sagrada, como consta da sua

---

[1] Por intervençaõ desta sagrada Imagem obrou Deos muitos milagres, o que dá a entender Camões no Soneto 50 da addiçaõ das Rimas apud Faria p. 351. Veja-se tambem o Santuar. Mariano tom. 1. e a Fr. Apollinar. da Conceiçaõ, que no livro intitulado *Demonstraçaõ Historica* tratou largamente desta Paroquia.

ſua Dedicaçaõ celebrada a 13 de Mayo, de que faz memoria o Martyrologio Luſitano, e por tres vezes tem ſido reformada a ſua architectura. A primeira no anno de 1598, em cuja obra, que durou quatro annos, ſe gaſtaraõ cinco mil cruzados extrahidos de huma finta, que ſe lançou por todos os ſeus freguezes. A ſegunda no anno de 1710, em que ſe deſpenderaõ mais de cincoenta mil cruzados. A terceira ſe concluio no anno de 1750 com o diſpendio de mais de cem mil cruzados, procedidos de eſmolas particulares, ficando deſta ultima vez reedificada na ultima perfeiçaõ, eſpecialmente na magnificencia interior do Templo, ſem duvida hum dos melhores da Corte.

292 O rendimento do Paroco he todo extrahido do chamado pé de altar, que importava quinhentos mil reis cada anno, dos quaes levava o dito Paroco metade, e a outra metade ſe repartia por tres Coadjutores. O Eminentiſſimo Patriarca apreſenta o Paroco com titulo de Cura, e eſte apreſenta o Theſoureiro, que terá de congrua cem mil reis. Naõ tem Beneficiados eſta Igreja, mas tem Coro onde rezaõ todos os dias as Horas Canonicas, que teve principio em Quarta feira mayor do anno de 1733. Conſta de nove Capellães cantores, que apreſenta, e adminiſtra a Irmandade do Santiſſimo com a congrua de cem mil reis huns, e cento e vinte outros.

293 Tem eſta Igreja varias Capellanias de differentes inſtituidores, que adminiſtra, e apreſenta a meſma Irmandade do Santiſſimo, a ſaber: ſete de ſeſſenta mil reis pelas almas de Duarte Teixeira, e de Joaõ Vanganipe, e do Conego Manoel da Silva Cardoſo: huma de cem mil reis pela alma de Guilherme Cabral Botelho: huma de oitenta mil reis por Manoel dos Santos: duas Capellas, e meyo annal de Miſſas de ſetenta mil reis por Gonçalo Dias de Aguiar. A Irmandade das Almas com doze Capel-

pelláes de cincoenta mil reis cada hum extrahidos do rendimento, e peditorio da bacia. Além destes Capellães apresenta, e administra a mesma Irmandade oito Capellas de varios instituidores, que saõ quatro de setenta mil reis, tres de sessenta, e huma de cincoenta. Na mesma Capella, ou Altar das Almas instituio Martim Gonçalves de Souto tres Capellas de cincoenta mil reis, que administra, e provê a Mesa da Misericordia, e no Altar de Nossa Senhora da Piedade instituio Manoel da Costa Calheiros tres Capellanias de oitenta mil reis, que administra a Irmandade do Santissimo.

294 Além destas Capellanias dispendia a Irmandade do Santissimo grosso cabedal em muitas obras pias. Em esmolas a freguezes necessitados tres mil cruzados cada anno. Dotava annualmente a doze donzellas com cem mil reis a cada huma; e dava mais seis dotes de cincoenta mil reis cada hum a moças donzellas, dous em dia de S. Joaõ Bautista, dous em dia de Santo André, hum em dia de Santa Barbara, e outro em dia da Senhora dos Martyres. Em fim he tal a caridade dos Irmãos do Santissimo desta primacial Paroquia, que sendo o seu rendimento nove contos e quinhentos mil reis pouco mais, ou menos, sempre a despeza excedia todos os annos ordinariamente à receita.

295 A mayor parte desta opulencia se destruio com o fatal terremoto, porque este a arruinou, e o incendio acabou de destruir naõ só a Igreja Paroquial, mas Templos, e propriedades, que havia em todo o ambito da sua Freguezia: sepultando-se entre as ruinas, e as chammas, o que naõ he possivel reduzirse a calculo. Apenas escaparaõ dez familias no pateo de dentro chamado dos coches em o palacio do paço do Duque. Aqui se faz deploravel a grande perda do Cartorio da Serenissima Casa de Bragança, que naõ havia muito tempo estava reduzido à mais distincta arrumaçaõ pela excellente idéa

do

do Meſtre de Campo General, e ſeu Guarda mór Manoel da Maya.

296 Paſſado o dia do terremoto foy eſta Paroquia refugiarſe em huma barraca, que por modo de Ermida com o titulo de Noſſa Senhora da Conceiçaõ ſe havia levantado na quinta das caſas, em que reſidem os Reverendos Doutores Ignacio Barboſa Machado, e ſeu irmaõ Diogo Barboſa em o ſitio de Relhafolles, e alli eſteve até veſpera de Natal, em cujo dia ſe transferio para a Ermida de Noſſa Senhora dos Martyres ſita ao Rego nas caſas dos herdeiros de Jacinto Dias Braga, onde ſe cantaraõ a primeira vez Matinas da feſtividade do Natal: aqui eſtiveraõ expoſtos à publica veneraçaõ, ainda que em pobre depoſito, os veneraveis oſſos, e Reliquias dos Santos Martyres, que padeceraõ por Chriſto na expugnaçaõ de Lisboa, e a quem as chammas unicamente perdoaraõ. Depois paſſou a Freguezia a eſtabelecerſe na Ermida de S. Pedro Gonçalves ao Corpo Santo em o meyo da Quareſma de 1756, onde preſentemente ſe acha.

297 Dentro dos ſeus limites ſe comprehende o

Convento.

S. Franciſco. Chamado da Cidade. Foy fundado pelo S. Fr. Zacharias, governando ElRey D. Affonſo II. no anno de 1217, e ampliado por outros Monarcas Portuguezes. Tem padecido varias ruinas por cauſa de incendios, como foraõ o de Junho de 1707, e o de 30 de Novembro de 1741, que reduzio a cinzas o Convento. Achava-ſe elle já recuperado deſde os alicerſes em tudo, que tocava da parte do Naſcente, e do Norte, e ſe hia continuando da parte do Poente: tendo-ſe gaſto na obra até o anno de 1755, em que ſuccedeo o terremoto, mais de ſeiſcentos mil cruzados, extrahidos naõ ſó da conſignaçaõ Regia, que eraõ cem mil cruzados em dez

dez annos, que lhes concedeo o Fideliſſimo Rey D. Joaõ V., e lhes continuou o Fideliſſimo Senhor D. Joſeph I.; mais de duzentos mil cruzados de eſmolas do Braſil; quarenta e tres, que deu a Santa Caſa de Jeruſalem; dezoito, que ſe tirou na Corte, e cinco do Biſpado do Porto.

298 Deſta ſorte ſe hia reſtabelecendo hum dos mayores edificios ſagrados, que tinha Lisboa, porque a Igreja era formoſiſſima. Conſtava de tres naves formadas com doze columnas de notavel altura. Era o ſeu Coro muito alegre, eſpaçoſo, e nobiliſſimo, e tinha o tecto de abobeda pintado de excellente architectura pelo famoſo Baccarelli. Ornavaõ a Igreja muitas Capellas, algumas de grande cuſto, e nellas ſe dava culto a muitas Imagens de Jeſus Chriſto, e de Maria Santiſſima; deſta eraõ mais de onze, tendo todas ſuas Irmandades, que tratavaõ dellas com exemplar devoçaõ; excedendo a todas a da Ordem Terceira, de que eraõ Irmãos todas as Peſſoas Reaes, e quaſi toda a Fidalguia da Corte, e innumeravel gente de todos os eſtados: dizem que em alguns annos chegou a numerar vinte mil Irmãos, e render ſeſſenta mil cruzados.

299 Achava-ſe neſta conformidade taõ grande Templo, e Convento, em que aſſiſtiaõ duzentos Religioſos, e elle com a duraçaõ de quinhentos e trinta e oito annos deſde a ſua primeira fundaçaõ, promettendo quaſi eterna permanencia, ſegundo a fortaleza, com que hia reedificado; porém o formidavel terremoto deſtruio, e abateo totalmente o Coro, Igreja, Capella mór, as varandas do clauſtro grande junto da Igreja, e os ſeus arcos, que ſe conſervavaõ na reedificaçaõ; e ſobrevindo logo o vehemente incendio converteo em cinzas a mayor parte do Convento, e Igreja com todos os viveres da Communidade, toda a ſua livraria, que conſtava de mais de nove mil volumes; todas as ſuas alfayas; as muitas, e precioſas da Veneravel Ordem Terceira;

ra; as da celebre, e antiga Irmandade da Madre de Deos, e sua excellente Capella; a de todas as mais Irmandades, e se presume, que derreteo a mayor parte da prata; pois até agora naõ tem apparecido mais que hum Calix, e hum Thuribulo. Sendo o mais sensivel deste fracasso a morte de quasi seiscentas pessoas, e doze Religiosos, que pereceraõ dentro da Igreja, e Convento, porque como a ruina foy subitanea naõ deu lugar a que a muita gente, que estava dentro podesse toda porse em salvo.

300 Da obra nova ainda ficou livre a quadra, em que está o Hospicio da Terra Santa para a parte do Sul, que consta de tres Dormitorios, e de espaçosas casas de officinas: aqui ficaraõ poucos Religiosos, porque os mais se passaraõ para o sitio de Campolide, onde fizeraõ logo huma pobre barraca de lona, para se abrigarem das inclemencias do tempo, e nella a primeira vez, que rezaraõ, foy em vespera da Conceiçaõ da Senhora no mesmo anno: porém como estavaõ alli padecendo muitos incommodos, se resolveraõ transferirse para o sitio do Rato, e na quinta de D. Elena, hoje dos Padres da Congregaçaõ de S. Filippe Neri, erigiraõ com o adjutorio de varias esmolas huma Ermida de madeira com tres Altares, e seu Coro, onde em vespera de Natal do dito anno deraõ principio aos Divinos Officios, e à erecçaõ de hum Conventinho com as accommodações possiveis, em que existiraõ até que se transferiraõ para o sitio antigo do seu Convento, que em Agosto do anno de 1757 se principiou a desentulhar.

Hospicio.

Dos Missionarios de Varatojo. Teve principio no anno de 1685 por mercê de ElRey D. Pedro II., e existia na Cordoaria nova. Ficou totalmente destruido com o terremoto, e fogo. ElRey D. Joseph I. lhe fez mercê para Hospicio de dous quartos das

casas que foraõ dos Padres da Companhia na rua da Conceiçaõ à Cotovia.

Recolhimento.

De Meninas pobres. Foy estabelecido no anno de 1746 por Ignez de Jesus Maria na rua do Ferregial; viviaõ de esmolas, e andavaõ vestidas no habito de Nossa Senhora do Carmo. Destruio-se com o terremoto, e incendio.

Ermida.

Nossa Senhora da Graça. Existia nos Paços da Serenissima Casa de Bragança. Foy reedificada no anno de 1712, e nella se faziaõ duas festas cada anno: a primeira em 4 de Outubro, e a segunda no dia oitavo da Conceiçaõ, cujo obsequio lhe tributavaõ os Academicos da Academia Real da Historia. Tambem o fogo lhe naõ perdoou, reduzindo-a a cinzas; devendo-se com razaõ lamentar entre as grandes perdas, que neste infortunio padeceo Lisboa, naõ só a ruina deste amplissimo palacio, mas o importante thesouro de alfayas preciosas, que os Monarcas Portuguezes alli conservavaõ.

301 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil e seiscentos fógos, e quasi sete mil pessoas: Depois no anno de 1756 se desobrigaraõ nella como freguezes duas mil e duzentas e oitenta e oito pessoas de communhaõ: e na Quaresma do anno de 1757 se desobrigaraõ mil e trezentas e cincoenta e cinco pessoas. Repartiaõ-se pelas seguintes

Ruas.

Ametade, Arco de D. Francisco, Barroca, Boaviagem, Cabides, Calçadinha, que vay para o Corpo Santo, Cheado, Commendadeira, Cordoaria Nova, e Velha, Corte Real, Cruzes de S. Francisco, Cubertos, Cura, Direita dos Martyres, Direi-

reita das portas de Santa Catharina, Ferregial, Figueira, Fontainhas, Fundiçaõ, Luiz de Castro, Manga, Oliveirinha, Oiteiro, Paço do Duque, Pelada, Parreirinha, Picadeiro das portas de Santa Catharina, Pocinho, Saco, Sobre o Muro, Terreiro de S. Francisco.

Becos.

Amendoeira, Cancello de cima, e de baixo, Cortezia, Forno da Rocha, Manga, Pelada, Pedro Rodrigues. Quasi todas estas ruas se vem desertas, e confundidas.

Freguezias confinantes.

Nossa Senhora da Encarnaçaõ, S. Juliaõ, S. Nicolao, S. Paulo, Sacramento.

XXVII.

Nossa Senhora das Mercês.

302 ESTando a Santa Igreja de Lisboa em Sé vacante pela morte de seu Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, concedeo o Reverendo Cabido licença no anno de 1652 ao Desembargador do Paço Paulo de Carvalho, para que se pudesse estabelecer em Igreja Paroquial huma Ermida sita na rua Formosa, e dedicada a Nossa Senhora das Mercês, junto da qual havia hum Recolhimento de mulheres devotas, que depois se extinguio; a qual Ermida elle reedificara com grandeza, annexando-a em cabeça de hum morgado, que instituira. (1) Permittio-lhe o mesmo Cabido privilegio de poder, como Padroeiro, apresentar Cura, Coadjutor, e Thesoureiro, cuja regalia herdaõ seus successores, de quem he hoje seu sobrinho o Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Oeiras Sebastiaõ Joseph de Carvalho e Mello, Secretario de Estado de El-

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 91.

Rey Fideliſſimo dos Negocios do Reino.

303 Tem o Paroco predicamento de Cura, e de renda mais de trezentos mil reis: ao Coadjutor renderá cento e vinte mil reis, e ao Theſoureiro ſetenta mil reis. Conſta de duas Irmandades; a do Santiſſimo Sacramento, que apreſenta oito Capellas de Miſſa quotidiana, duas de ſeſſenta mil reis, huma de cincoenta, e as outras de quarenta. A Irmandade das Almas tem hum Capellaõ de Miſſa quotidiana com a congrua de cincoenta mil reis. As outras Capellas aqui inſtituidas ſaõ eſtas: huma pela alma do primeiro Padroeiro de ſeſſenta mil reis: outra que inſtituio o Padre Caetano Lopes Prior, que foy da Igreja da Magdalena, com a congrua de ſeſſenta mil reis: outra que inſtituio D. Antonia Maria do Amaral de cincoenta mil reis, e Miſſa quotidiana, da qual he hoje ſeu adminiſtrador Caetano Joſeph da Silva Sena.

304 Neſta Paroquial Igreja com o memoravel terremoto ſe arruinou a tribuna da Capella mór, a frontaria da Igreja, a torre dos ſiños, quebrando-ſe todos os que nella eſtavaõ, e com o ſeu precipicio ficou deſtruido o Coro, e huma nobiliſſima caſa da tribuna, que alli tem o Padroeiro. Padeceraõ tambem conſideravel ruina mais de ſetenta propriedades de caſas dentro dos limites deſta Paroquia, das quaes a mayor parte ſe achaõ reſtabelecidas, em cuja deſtruiçaõ perderaõ a vida mais de noventa peſſoas. Obrigou eſte aperto ao Paroco transferir o Santiſſimo para a Ermida da Aſcenſaõ de Chriſto, ſita na Calçada do Combro, que ficou livre, e aqui eſteve em quanto a Igreja Paroquial ſe acabou de reedificar das ruinas, tornando a mudarſe para ella o Santiſſimo Sacramento com huma ſolemniſſima prociſſaõ a 22 de Mayo de 1757, onde permanece.

305 Os ſagrados edificios, que ſe achaõ erectos dentro do territorio deſta Freguezia, ſaõ os ſeguintes.

Con-

Convento.

Nossa Senhora da Divina Providencia. De Clerigos Regulares de S. Caetano. He Casa, que fundou o Padre D. Antonio Ardizone desde o anno de 1650 por concessaõ de ElRey D. Joaõ IV., e se foy augmentando mais com a piedade, e grandeza do Senhor Rey D. Pedro II., que concedendo-lhe faculdade para mayor edificio, se lhe deu principio em 7 de Abril de 1698, lançando-lhe a primeira pedra o Cardeal Arcebispo D. Luiz de Sousa, a qual Igreja se naõ acabou. Todo este sagrado edificio padeceo bastante ruina com o terremoto, por cujo motivo passou a mayor parte dos Religiosos para a sua quinta do Campo Grande, e outros para as casas dos seus parentes: porém a dispendio do Padre D. Luiz Caetano de Lima se reparou a Igreja, e o Convento de fórma, que os Religiosos se restituiraõ a elle pela Quaresma de 1757.

Collegio.

S. Pedro, e S. Paulo. Foy fundado no anno de 1632 por D. Pedro Coutinho Fidalgo de grande zelo pela Fé de Christo, pois o instituio para Seminario de Inglezes Catholicos Romanos, os quaes aprendem aqui Filosofia, e Theologia Dogmatica para confutar os Hereges nas Missões de Inglaterra, e outros Paizes hereticos. He seu Protector o Inquisidor Geral. A ruina que padeceo com o terremoto, se acha já recuperada.

Mosteiro.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. De Carmelitas Descalças. Fundou-o no sitio dos Cardaes D. Luiza de Tavora, Commendadeira do Mosteiro de Santos pelos annos de 1681. Teve grande ruina pelo terremo-

moto este Mosteiro, e assim as Religiosas mandaraõ erigir barracas na sua cerca, onde ainda se conservaõ, em quanto se repara o Mosteiro, e Igreja.

Hospicios.

Nossa Senhora dos Anjos. Está situado na travessa do Oratorio, e he de Missionarios de Brancanes desde o anno de 1717, porém fundado com melhor accommodaçaõ no anno de 1725. Pequeno prejuizo padeceo com o terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas da Provincia de Pernambuco.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. De Religiosos Franciscanos do Rio de Janeiro, situado na travessa da Estrella, e estabelecido no anno de 1703.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Existente na rua do Carvalho de Religiosos Franciscanos da Ilha da Madeira. Todos estes tres Hospicios se achaõ restituidos da pequena perda, que tiveraõ com o terremoto.

Ermidas.

Nossa Senhora da Ajuda, e Santos Fieis de Deos. Foy fundada no anno de 1551 por hum Affonso Braz, e depois addicta à Archiconfraria do Hospital de Santo Espirito em Roma. Desta Ermida escreve Fr. Agostinho de Santa Maria no Santuar. Mariano tom. 7. pag. 26.

Ascensaõ de Christo. Foy fundada no anno de 1500 por hum Antonio Simões de Pina. Ficou livre dos terriveis effeitos do terremoto.

Nossa Senhora do Carmo. Erecta na rua Formosa, de que he Padroeiro Manoel de Sampayo e Pina. Tambem o terremoto lhe naõ fez damno algum.

306 Constava esta Freguezia antes do terremoto de oitocentos e quarenta fógos: presentemente se acha com diminuiçaõ, e tem as seguintes

Ruas.

Ruas.

S. Boaventura, Caetanos, Calçada do Combro, Cardaes, Carvalho, Cruz de Páo, Horta do Cabra, e do Conde de Soure, Jesus, Moinho do vento, Rosa das Partilhas metade sómente, rua Formosa, Vinha.

Becos, e Travessas.

André Valente, Beco das Freiras, Conde de Soure, Fieis de Deos, Inglezes, Oratorio.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, Nossa Senhora da Encarnaçaõ, Santa Isabel.

XXVIII.

S. Miguel.

307 DA origem, e antiguidade desta Paroquia naõ achamos outro documento mais do que a memoria, que Christovaõ Rodrigues de Oliveira faz della no seu Summario impresso no anno de 1551, por onde se prova a sua anterior existencia. O Padre Antonio Carvalho no tom. 3. da Corografia diz, que se reedificara à fundamentis no anno de 1674, por estar ameaçando ruina o edificio antigo. He Igreja do Padroado Real, e o seu Paroco tem o predicamento de Prior com a lotaçaõ de trezentos mil reis. Ha nella quatro Beneficios com obrigaçaõ de Coro, os quaes apresenta o mesmo Prior, e rende cada hum setenta até oitenta mil reis. Consta das Irmandades seguintes: a do Santissimo Sacramento, que apresenta huma Capella de sessenta mil reis: a das Almas, que antes do terremoto apresentava treze Capellas de cincoenta mil reis cada huma: a do Senhor Jesus da Pobreza. Tem cinco Confrarias, a saber: a da Senhora Santa Anna; a da Senhora das Candeas, que algum tempo se intitulou dos Milagres pelos muitos, em que resplandecia: a de Santo Antonio: e a de S. Sebastiaõ.

308 Naõ

308 Naõ ficou eſta Igreja iſenta dos eſtragos, que lhe cauſou o grande, e repentino terremoto; porque arruinando-ſe o tecto, que ficava ſobre o Coro, o proſtrou, com tudo o que comprehendia: tambem o precipicio das ſuas duas torres naõ ſó fez eſtremecer as paredes do lado eſquerdo, mas quaſi as de toda a Igreja. Eſte eſtrago obrigou a que ſe eſtabeleceſſe a Paroquia em humas caſas fronteiras ao Campo da Lã, donde ſe reſtituio para a ſua Igreja depois de reparada quanto foy poſſivel.

309 Conſtava antes do terremoto de oitocentos, e ſetenta fógos; e de tres mil e ſetecentas peſſoas de communhaõ. Depois experimentou a diminuiçaõ de ametade, porque as melhores propriedades de caſas, que eſtavaõ no ambito deſta Freguezia, ficaraõ ſummamente arruinadas, e ſeus inquilinos, e donos paſſaraõ para outros territorios; e para eſtas ruinas pobremente reparadas vieraõ aſſiſtir gentes humildes, e pela mayor parte homens de ganhar com a utilidade, que tem dos novos armazens da Alfandega, onde lidaõ. As ruas, inda que algumas deſtruidas, ſaõ as ſeguintes.

Ruas.

Adiça, Banda da Praya, Caſtello Picaõ, Chafariz de Dentro, Figueira, Largo do Adro, Pateo do Almotacé, Pateo das Canas, Rigueira, rua Direita de cima, e de baixo.

Becos.

Alcaçarias, (1) Alegrete, Alfama, (2) Azinhal, Bi-

---

[1] Exiſtem aqui os banhos chamados das Alcaçarias de grande utilidade, naõ ſó para quem os aluga, mas para remediar varios achaques, de que falla Mirandella no Aquilegio Medicinal cap. 1. §. 27.

[2] O P. D. Rafael Bluteau no Vocab Portug. diz que eſte he o bairro mais antigo de Lisboa. O nome he Arabigo, que quer dizer banho de agua quente, conforme explica Joaõ de Barros nas antiguidades do Minho cap. 2. E porque em Alfama ha grande copia de aguas calidas, e já as havia em tempo dos Mouros, por iſſo chamaraõ a eſte ſitio *Alfama*, que correſponde às Thermas dos Gregos. Os curioſos podem ver a Duarte Nunes na Deſcripçaõ de Portugal cap. 12. pag. 34.

Bicha, Cardoſa, Cativo, Cego, Corvina, Santa Elena, Formoſa, Mel, Mexias, Mortos, Pocinho, Terreirinho do Meſtre Leal.

Freguezias confinantes.

Santo Eſtevaõ, S. Pedro, Salvador.

XXIX.

S. Nicolao.

310 A Egregia, e notavel Freguezia de S. Nicolao he huma das antigas de Lisboa, pois conſta naõ ſó por tradiçaõ, mas pela Hiſtoria Eccleſiaſtica deſta Diceceſe, que o Biſpo D. Mattheus a mandara de novo erigir no anno de 1280, poſto que neſte tempo ſe achava auſente em Italia. (1) E ſendo certo que ElRey D. Joaõ I. no anno de 1430 annexara a renda dos frutos deſta Igreja à Univerſidade de Lisboa, (2) bem ſe infere, que já antecedentemente eſtava eſtabelecida, e que era do Padroado Real.

311 Paſſados tempos foy preciſo reedificarſe, (3) e aſſim ſe transferio o ſeu Sacrario para a Ermida de Noſſa Senhora da Victoria, que eſtava dentro dos ſeus limites, onde permaneceo até 8 de Agoſto de 1627, em cujo dia ſe reſtituio ſolemnemente para a ſua Igreja reedificada, a qual ſe acabou de rebocar no anno de 1650, como conſta da Inſcripçaõ de huma pequena pedra, que eſtava collocada na parede da parte de fóra da meſma Igreja nas Coſ-

[1] Cunha nos Biſp. de Lisboa part. 2. cap. 54. [2] Leitaõ Ferreira Notic. Chronolog. da Univ. de Coimbr. num. 1231. [3] Nas ruinas da Igreja velha ſe acharaõ algumas antigas Inſcripções em pedras, como refere Luiz Marinho de Azevedo, e tranſcreve huma no cap. 8. do liv. 3. das Antig. de Lisboa: e dellas ſe moſtra haver neſte ſitio Templo erecto à Deuſa Tethis por voto dos marinheiros, e barqueiros Liſbonenſes no tempo da gentilidade, como bem ſe perſuade o mencionado Franciſco Leitaõ Ferreira.

tas da Capella de S. Bartholomeu, cujo letreiro dizia:

Aos 8 de Agosto de 1627 se passou o Santissimo Sacramento de Nossa Senhora da Victoria para esta Igreja de S. Nicolao, e se rebocou com o dinheiro, que o Procurador, e Thesoureiro do Reino alcançaraõ da finta passada desta Igreja 1650.

312 He hoje esta Igreja do Padroado das Serenissimas Rainhas, e nella tem havido alguns Priores muito estimaveis pelas suas virtudes, como foy o Reverendo Prior Joaõ Pissarro, que fallecendo a 6 de Mayo de 1660 com sinaes de predestinado, ainda vive a memoria das suas virtuosas acções em toda Lisboa. Rendia este Priorado antes do terremoto hum conto quatrocentos e quarenta mil reis, de que ao Prior naõ pertencia tudo, por tocar à Universidade de Coimbra huma terça parte, por lhe ser annexa. Apresenta o mesmo Prior dez Beneficios, que respectivè aos frutos renderá cada hum cincoenta mil reis certos. Consta o Coro, além dos Beneficiados, de seis Capellães cantores com differentes ordenados. A Irmandade do Santissimo apresentava vinte e seis Capellanias tambem de congruas diversas; e a das Almas apresentava quatorze Capellas de quarenta e oito mil reis cada huma.

313 Entre as mais Irmandades, que se achavaõ aqui estabelecidas, era veneravel por antiga a de Nossa Senhora das Mercês; porque trazendo sua origem de huma romagem, que certos devotos afferverados com o exemplo da festa instituida em Alanquer pela Rainha Santa Isabel, faziaõ todos os annos indo de Lisboa à Igreja da Merciana com hum cirio; no anno de 1431 naõ querendo admitillos os Mordomos da Merciana por causa da peste, que entaõ affligia Lisboa, os taes Confrades voltando descontentes, estabeleceraõ a mesma Confraria em S. Nicolao com o novo titulo de Nossa Senhora das Mer-

Mercês, e fazendo o seu Compromisso, naõ só lho approvou o Nuncio Jeronymo Riceno chamado Cabeça de ferro aos 27 de Janeiro de 1538, mas lhes deu faculdade para erigirem Capella com adro, e sino. Este compromisso foy depois confirmado por D. Jorge de Almeida em 28 de Agosto de 1565, o qual Compromisso nós vimos, e começava: *Considerando quaõ grandes, e maravilhosas saõ as obras de Nosso Redemptor, e Salvador, &c.* No anno de 1728 se agregou esta Irmandade à Archi-Confraria de Santo Adriaõ de Roma, para participar das muitas graças, e indulgencias, que os Summos Pontifices lhe tem concedido.

314 No infausto dia do grande terremoto experimentou esta Igreja huma total, e horrorosa destruiçaõ, e com o incendio subsequente a perda de todo o seu movel preciosissimo; e para que a lastima fosse mais sensivel, morreraõ nesta tragedia dentro dos limites desta Paroquia perto de quatro mil pessoas. Ficando desta sorte a Freguezia arruinada, deserta, e inhabitavel: passou o seu Paroco a estabelecerse na Ermida de Nossa Senhora da Pureza na calçada da Gloria, onde actualmente existe; havendo estado os primeiros dous mezes depois da fatalidade, unida com a Paroquia de Santa Justa em a barraca do Rocio.

315 Dentro do seu territorio se achavaõ erectos os seguintes

Conventos.

Corpus Christi. De Religiosos Carmelitas Descalços. Foy fundado no anno de 1648, lançando-lhe a primeira pedra fundamental em 28 de Setembro o Arcebispo eleito de Lisboa D. Manoel da Cunha. E este mesmo lugar, que a aleivosia do traidor Domingos Leite, dirigido pela obediencia Castelhana, havia escolhido para tirar nelle a vida a ElRey D. Joaõ IV., converteo a piedade da Serenissima

Rainha D. Luiza sua mulher em templo consagrado a Deos, a Maria Santissima, ao Anjo Custodio, a S. Jorge, à Rainha Santa Isabel, e ao bemaventurado Portuguez Santo Antonio em agradecimento de livrar milagrosamente a ElRey daquelle intentado parricidio. No anno de 1661, entregou a mesma Serenissima Rainha esta Igreja, e Convento aos Religiosos Carmelitas. O terremoto, e incendio memoravel poz todo este sagrado edificio na ultima miseria, transformando em cinzas, o que nelle havia; sendo a perda mais para sentir, a da Procuradoria geral, onde se conservavaõ os titulos, padrões, e escrituras originaes de todos os Conventos da Provincia, com outros muitos papeis de grande importancia de varias pessoas desta Corte, e Reino. Vendo-se neste aperto os Religiosos, determinaraõ ir para o Campo do Curral, onde armaraõ huma decente barraca, e sua Ermidinha, e aqui estiveraõ até a Quaresma do anno de 1757, em que foraõ habitar para hum novo Convento, e Igreja, que erigiraõ à fundamentis na Freguezia de S. Joseph, no principio da rua chamada do Passadiço.

316 *Espirito Santo.* Dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri. O Templo foy reedificaçaõ mandada fazer por ElRey D. Manoel pelos annos de 1514, pois o antigo, segundo consta de huma Escritura, que allega o Author da Corografia Portugueza no tom. 3. pag. 445, já estava erecto no anno de 1279. Para aqui se mudaraõ os Congregados vespera da Assumpçaõ da Senhora em 14 de Agosto de 1674; havendo permanecido na rua nova de Almada no sitio chamado as Fangas da Farinha, onde o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental seu Fundador havia instituido a Congregaçaõ em 16 de Julho de 1668.

317 Floreciaõ aqui estes sabios Congregados no pratico beneficio da educaçaõ literaria, em que se destinaraõ a ensinar publicamente a Grammatica,

Fi-

Filosofia, e Theologia, com grandes esperanças de promover estas faculdades, segundo o abreviado systema do seu novo Methodo: porém sobrevindo por Divina permissaõ o formidavel terremoto, e furioso incendio, Templo, e Convento se reduziraõ a cinzas com tudo quanto occupavaõ, e com a morte de quatro Padres Congregados, e outras pessoas, que morreraõ na Igreja, reputando-se entre as mais perdas, por notavel a de huma preciosissima Custodia de diamantes, e a grande collecçaõ de estimaveis Reliquias, que se veneravaõ no altar de Jesus Maria Joseph, e a da immensa copia de livros escritos em louvor da Mãy de Deos, que formavaõ huma singular, e distincta Bibliotheca Marianna. Os Padres depois do infortunio passaraõ para o seu Regio Convento das Necessidades, situado junto a Alcantara, onde exercitaõ o mesmo magisterio com grande applauso dos doutos.

Ermidas.

Ascensaõ de Christo. Estava no largo de Valverde, e era administrada por trinta pessoas circumvisinhas. Foy erecta no anno de 1655, segundo consta de hum letreiro, que ainda se lia por cima da porta travessa. Tinha seu Capellaõ com casas contiguas para morar, e quarenta mil reis de ordenado. Junto desta Ermida tivemos o nosso nascimento, em que vimos a primeira luz do mundo aos 2 de Fevereiro de 1701. Esta memoria, que muitos teráõ por escusada, nos desculpa o amor da patria, o qual sempre nos faz guardar no interior huma plena satisfaçaõ, e lembrança dos primeiros objectos, que conhecemos. Hoje porém nos serve de magoa a sua deploravel ruina.

Nossa Senhora da Palma. Ficava por detrás da Igreja de S. Nicolao. Da sua primeira fundaçaõ se lembra Christovaõ Rodrigues de Oliveira no seu *Summa-*

mario. Reedificóu-se no anno de 1717, mas pelo terremoto teve sua ruina, e depois total extinçaõ com o novo Plano da Cidade.

Nossa Senhora da Vitoria. Foy fundada no anno de 1556, como constava da inscripçaõ gravada em huma pedra sobre a porta da Igreja. Fabricou-se naõ só com o producto de certas propriedades, que lhe deixou Margarida Lourenço, mas com varias esmolas, que adquiriraõ os officiaes da Caldeiraria seus administradores, e com as rendas de hum Hospital chamado de Santa Anna situado às Fangas da Farinha, que incorporaraõ, e uniraõ à Ermida, com a mesma obrigaçaõ de curarem os enfermos. Tambem padeceo bastante ruina com o terremoto, e fogo, e depois totalmente se extinguio com o Plano da Cidade.

Hospital.

318 Na Calçadinha chamada do Carmo, que pertencia aos limites desta Freguezia, estava hum sumptuoso Hospital, em que se curavaõ com muita caridade, grandeza, e asseyo os Irmãos da veneravel Ordem Terceira do Carmo. Era neste genero huma das obras magnificas da Corte, em que os Irmãos gastaraõ mais de cem mil cruzados, para que muito concorreo o grande zelo do seu Padre Commissario Fr. Joseph de Jesus Maria, que lhe deu principio no anno de 1704. Acha-se presentemente irreparavel naõ só pelas ruinas, que lhe causou o terremoto, e incendio passado, mas com a erecçaõ da nova muralha, que ElRey mandou fazer para amparar a Igreja do Carmo.

319 Constava esta Freguezia antes da infausta tragedia, de dous mil trezentos e vinte e cinco fógos; e pessoas de communhaõ nove mil e oitocentas e quatorze. Acha-se agora com quinhentos e setenta e cinco fógos, e com mil e quinhentas e vinte pessoas de communhaõ, dispersos, e abbarraca-

dos

dos por varias Freguezias da Corte. As ruas de que constava, todas estaõ destruidas, confusas, e inhabitaveis; mas para que se naõ perca de todo a sua memoria, eraõ as seguintes:

Ruas.

Arcas, Arco de Jesus, Barreiro, Cabreiros, Cabriteiras, Calçada de Payo de Novaes, Calçado velho, Caracol do Carmo, Chancudo, Crasta, Crucifixo, Cutelaria, Douradores, Espingardeiros, Espirito Santo, Esteiras, Lagar do Cebo, Mestre Gonçalo, Mudas, Odreiros, Pedras negras, Pichellaria, Pinovai, Poço do Chaõ, Quebracostas, Salteiros, Servilharia, Sombreiraria, Forneiros, Valverde.

Becos.

Atafonas, Cardim, Carrança, Carretaõ, Desnarigada, Formosinha, Freira, Lamirante, Luzia, Manquinho, Mezes, Misurada, Moças, Namorados, Pocinho, Refrigerio, Regalada, Rolim, Sardim, Seiraõ, Silvestre.

Pateos.

Almas, Esnoga, Valentim Lobo.

Freguezias confinantes.

Senhora da Conceiçaõ, S. Juliaõ, Santa Justa, S. Mamede, Santa Maria Magdalena, Senhora dos Martyres, Santissimo Sacramento.

XXX.

Santa Igreja Patriarcal.

320 FOy constituida a Capella Real em Paroquia desde 24 de Agosto de 1709 por Breve do Papa Clemente XI., que começa *Piis Catholicorum Regum votis*: (1) e considerada esta Igreja

[1] Codex Titul. S. L. E. P. tom. 1. pag. 2. Monarq. Lusit. liv. 15. cap. 43.

ja com ſemelhante regalia, conſta de hum Cura, que o Eminentiſſimo Cardeal Patriarca apreſenta como Capellaõ mór, o qual tem de ordenado trezentos mil reis; e de hum Coadjutor provido pelo meſmo Prelado com a congrua de cento, e cincoenta mil reis.

321 Pertence ao dito Cura adminiſtrar os Sacramentos a todas as peſſoas, que ſervirem, e reſidirem no Palacio de ElRey, ou ſejaõ ſeus criados, ou familias, e criados dos meſmos criados, com tanto que todos tenhaõ ſua reſidencia no meſmo Palacio; e poſto que tambem lhe pertença o direito referido pelo que reſpeita às proprias peſſoas dos criados de ElRey diſperſos pela Corte, ſe naõ extende às familias deſtes, e ſeus criados, que ſó ſaõ Paroquianos da Freguezia, onde habitaõ, como tudo conſta de hum Acordaõ da Relaçaõ Eccleſiaſtica de 15 de Dezembro de 1757 explicando a ſobredita Bulla. Tambem ſaõ freguezes deſta Paroquia todos os Miniſtros, e peſſoas, que ſervem a Santa Igreja Patriarcal, e Capella Real: e antes do terremoto lhe pertenciaõ os habitadores nos Cubertos da Ribeira das Náos, que eraõ mais de quatrocentas peſſoas, por terem ſua reſidencia dentro dos muros do Paço.

322 A Irmandade do Santiſſimo Sacramento aqui eſtabelecida em Novembro de 1709 pelo Fideliſſimo Rey D. Joaõ V., o qual ſe conſtituio por Juiz perpetuo, e a todos os ſeus criados elegeo para Irmãos do Santiſſimo, provê duas Capellas, huma de cento e vinte mil reis, e outra de cem: provê mais tres Acolytos, o primeiro com oitenta mil reis, o ſegundo com ſetenta, e o terceiro com ſeſſenta.

323 Ha aqui outra Irmandade da Senhora das ſete Dores, erecta com authoridade de Innocencio XIII. aos 7 de Mayo de 1723 por ſupplicas da Auguſtiſſima Rainha D. Maria Anna de Auſtria, a qual conſta de muitas Indulgencias, e graças conce-

cedidas aos ſeus Confrades. (1) Teve origem eſta Irmandade na devoçaõ, e affecto, com que o Padre Bernardo Pinto dos Santos Capellaõ do Santiſſimo deſta Igreja, começou a venerar deſde o anno de 1716 a milagroſa Imagem de Maria Santiſſima pintada em hum ſingular quadro pelo inſigne Alberto Dureiro, em que ſe via morto o Author da Vida, e a piedoſa Senhora laſtimada. (2) Exiſtia eſte quadro em hum Altar dedicado à meſma Senhora com o titulo da Piedade, onde havia huma precioſa Cruz de cryſtal de roca da altura de dous palmos e meyo muito bem obrada, e metida em hum Sacrario com ſeus vidros. A todos os Fieis, que veneraſſem eſta Cruz, que foy feita em Roma, havia o Papa Benedicto XIII. concedido no anno de 1727 muitas Indulgencias. (3)

324 Exiſtia mais neſta Igreja hum copioſo, e eſtimavel Santuario de innumeraveis Reliquias de Santos diſtribuidas por todos os dias do anno. Era tambem obra Romana de eſpecial attençaõ a Pia Bautiſmal, naõ ſó pelo exquiſito, e diverſo genero de pedras, de que era fabricada, mas pelo bom goſto de todo o artefacto, com grades de bronze dourado de excellente lavor, que a cercavaõ, e hum eſtimadiſſimo quadro do Bautiſmo de Chriſto, feito em Roma pelo notavel Agoſtinho Maſſucci no anno de 1745. A eſtas, e outras innumeraveis precioſidades, que ornavaõ, e continha eſta Santa Igreja, conſumio o fatal incendio de fórma, que bem nos podemos lamentar com Iſaias. (*) Naõ ſe ſalvou della ſenaõ alguma prata derretida, da qual ſe tem fundido mais de trinta mil marcos. Hoje ſe acha eſtabelecida nas chamadas obras do Conde de

[1] Codex Titul. S. P. E. L. tom. 1. pag 384. [2] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 158. [3] Codex ibid. pag. 397. [*] *Domus ſanctificationis noſtræ, & gloria noſtræ, ubi laudaverunt te patres noſtri, facta eſt in combuſtionem ignis, & omnia deſiderabilia noſtra verſa ſunt in ruinas. Iſai. 64.*

Tarouca em o ſitio da Cotovia, como já temos dito.

XXXI.

S. Paulo.

325 SE houvermos de dar credito a huns verſos, que em fórma de inſcripçaõ collocados ſobre a porta deſta Igreja, e abertos em pedra, diziaõ aſſim:

Numen adeſt intus, Paulo maiora canamus,
Regia dum mirum munera pandit opus.
Æra ſalutis habet bis ſeptem ſæcula Phœbi,
Bis ſex annorum ſi tamen excipias.

havemos de affirmar, que fora erecta no anno de 1412. (1) Porém da Relaçaõ de Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira conſta, que no anno de 1551 naõ havia ainda tal Paroquia, nem Igreja, e que a memoria mais antiga, que ha della he deſde o anno de 1572, de que faz mençaõ Jorge Braunio no Mappa de Lisboa; e aſſim com certeza ſe naõ póde fixar epoca verdadeira da ſua primeira origem.

326 O Paroco tem predicamento de Vigario, e lhe rendia ſeiſcentos mil reis a Igreja, de quem he Donatario o Eminentiſſimo Patriarca. Ha aqui hum Coadjutor, que apreſenta o meſmo Prelado, e tem de congrua a quarta parte do rendimento da Igreja. A Irmandade do Santiſſimo apreſentava dez Capellas, das quaes a mayor era de ſeſſenta e cinco mil reis. A Irmandade das Almas provia dezaſeis de cincoenta mil reis cada huma. Havia mais a Irmandade de Noſſa Senhora da Piedade com quatro Capellães de cincoenta mil reis cada hum: a Irmandade de Noſſa Senhora da Boa-Viagem, que era dos Solda-

[1] Aſſim ſe perſuadio o Author do Santuar. Marian. tom. 1. pag. 493; mas o Author da Demonſtraçaõ Hiſtórica o reprova com razaõ em o num. 266.

dados da Junta com seu Capellaõ, a quem dava sessenta mil reis.

327 Arruinou-se com o grande terremoto a Igreja, onde morreraõ mais de sessenta pessoas, e entre ellas dous Sacerdotes da mesma Igreja. Succedendo immediatamente o fogo, este acabou de destruir o Templo, e tudo mais, que nelle se comprehendia. Escapou unicamente o Santissimo Sacramento, que foy levado para a Igreja de S. Joaõ Nepomuceno, onde esteve hum só dia: no Domingo seguinte à noite passou para a Igreja Paroquial de Santa Isabel, e dahi voltou outra vez para o Templo de S. Joaõ Nepomuceno; até que fazendo-se huma Igreja de madeira junto da antiga, se restituio a ella vespera do Corpo de Deos da mesma Paroquia em o anno de 1757.

328 Existem dentro dos limites desta Freguezia os seguintes Templos:

Collegio.

Nossa Senhora do Rosario. De Religiosos Dominicos Irlandezes. Foy fundado no anno de 1659 pela Serenissima Rainha D. Luiza de Gusmaõ. (1) Padeceo esta Igreja, e Convento grande ruina com o terremoto do primeiro de Novembro memoravel. Hum Religioso Irlandez, que se achava nesse tempo dando a communhaõ, animou fortemente aos Fieis; e desembaraçando-se intrepido d'entre as ruinas, prevendo mayor perigo, naõ largando das mãos a sagrada Pixide, com ella caminhou até a Igreja Paroquial de Santa Isabel, acompanhado de innumeravel povo, que a altas vozes hia implorando a Misericordia do todo Poderoso. Depois se restituio para huma decente Ermida, que se fez no seu an-

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 83. e 131. Corograf. Port. tom. 3. pag. 488.

antigo Convento, onde era portaria, em quanto se naõ cuida em mayor commodo.

Hospicio.

S. Joaõ Nepomuceno, e Santa Anna. De Religiosos Carmelitas Descalços de Alemanha. Foy fundado no anno de 1737 pela Serenissima Rainha D. Maria Anna de Austria, por industria do Padre Fernando Maria de Santo Antonio, Missionario Apostolico Alemaõ da mesma Ordem. Dotou-o, e enriqueceo-o a Serenissima Fundadora com sufficientes rendas, e alfayas no anno de 1752. Jaz aqui seu corpo. (1) Teve esta Igreja pequena ruina, de que está recuperada.

Ermida.

Nossa Senhora da Graça, e S. Pedro Gonçalves. He Ermida antiga. Os homens maritimos festejaõ com muita solemnidade a Imagem de S. Pedro Gonçalves, que aqui se venera, sahindo desta Ermida em dia de Nossa Senhora dos Prazeres com o Santo debaixo do Palio, e correndo as hortas, e ruas da Cidade com grande folia. Naõ padeceo ruina alguma esta Ermida com os abalos do terremoto.

329 Constava esta Paroquia de mil fógos, e quatro mil pessoas. Depois do terremoto experimentou alguma diminuiçaõ de habitadores; mas hoje se vay recuperando, posto que bastantes propriedades estejaõ nas mesmas ruinas. Numerava as seguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Bica grande, e dos olhos, Boavista, Casa da Moeda, (2) Casas novas, Calçada da Pa-

---

[1] P. Joseph Ritter in vita Mariæ Annæ Regin. Portug. pag. 385. e 247. [2] Para esta Casa da Moeda, que he onde se lavra o dinheiro, e se deposita todo o que vem das Conquistas, costuma ir sempre huma Companhia de Infantaria com seus Officiaes para sua guarda.

Paciencia, e de Salvador Correa, Cocheiras da praya, Defronte da Igreja, e da Moeda, Direita para a Cruz de Catequefarás, e para a rua de cima, e para o Corpo Santo, Detrás da Capella mór, Dentro do Forte, Fóra do Forte, Gaivotas, Largo do Corpo Santo, Pateo do Conde da Ilha, e do Elvas, Portas do Pó, Praya de S. Paulo, Remolares, rua de Cima.

Becos.

Apoſtolos, Aſſucar, Caes do Rocha, Carvalha, Carvaõ, Esfolabodes, Eſtopa, Franciſco André, Junta, Sampayo, Taboas, Tibau.

Freguezias confinantes.

Santa Catharina, Encarnaçaõ, Martyres, Santos.

XXXII.

S. Pedro.

330 NA Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa eſcrita pelo Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, achamos duas memorias quaſi repugnantes ſobre a origem deſta Igreja; porque na Vida do Biſpo D. Soeiro Anes cap. 18. diz, que no anno de 1191 dera eſte Prelado à fabrica da Sé a Igreja de S. Pedro de Alfama. E na vida do Biſpo D. Vaſco Martins cap. 90., affirma, que eſte Prelado eſtando em Santarem, commetera em 21 de Abril de 1344 a D. Diogo ſeu Vigario geral a inſtituiçaõ da Igre-

da: porém no dia do terremoto de 1755 ſuccedeo preoccupar tal medo aos Soldados da dita guarda, que a deſampararaõ, ficando ſó o Tenente, que era Bartholomeu de Souſa Mexia, com o Sargento, e tres Soldados, portando-ſe com tal valor, que trabalhou o poſſivel para que nem lhe chegaſſe o fogo, nem os ladroens que o acommeteraõ varias vezes com pretextos fingidos. Eſta acçaõ verdadeiramente honroſa lhe fez merecer o agrado de ElRey, que logo o nomeou Capitaõ da primeira Companhia que vagaſſe; e ſobre tudo merece que fique perpetuamente memoravel até no pequeno brado da noſſa penna.

Igreja de S. Pedro de Alfama. Donde parece se deve inferir, que esta Igreja, ou tivera duas instituições; ou que a segunda fora reformaçaõ da primeira; mas de qualquer sorte, sempre ella he antiquissima, e hoje do Padroado das Serenissimas Rainhas.

331 Consta de hum Prior, e dous Beneficiados, que apresenta, e colla o mesmo Prior: a este renderá a Igreja duzentos mil reis, e a cada hum dos Beneficiados, sessenta mil reis. A Irmandade do Santissimo apresentava onze Capellas de varios instituidores, e differentes congruas. A Irmandade da Santa Cruz, e Almas, provia tres de cincoenta mil reis; e a Irmandade do Senhor Jesus dos Afflictos huma de quarenta e quatro mil reis. As outras Irmandades, e Confrarias aqui erectas, como a da Senhora da Luz, do Soccorro, de Santa Anna, e Santo Antonio, festejavaõ os seus Patronos solemnemente em seus dias.

332 Experimentou com o soberbo terremoto esta Igreja a sua total ruina, ficando sómente em pé a parede da parte do Evangelho ao Norte, com a Capella da Irmandade da Santa Cruz, e Almas; em cujo estrago morreraõ mais de cem pessoas de ambos os sexos. A mesma destruiçaõ padeceraõ quasi todas as propriedades desta Paroquia; porque constando ella de cento e oito, só seis ficaraõ capazes de serem habitadas. A' vista deste fatal catastrofe se foraõ refugiar os habitantes nos campos, e suburbios da Cidade, fabricando abrigos, e barracas para se recolherem em varias situações.

333 Vendo-se o vigilante Paroco Joseph Xavier em taõ lamentavel desarranjo, recorreo ao compassivo Monarca o Senhor D. Joseph, o qual lhe mandou dar hum armazem ao Chafariz de ElRey para nelle erigir o sagrado Tabernaculo, e administrar os Sacramentos ao povo. Mandou logo o Paroco ornar a casa com toda a decencia, e fazendo conduzir para ella o mais precioso movel, que pode

fal-

ſalvar, e ſobre tudo os ſagrados Vaſos (depois que a todo o riſco, e ſobreſalto conſumio as Fórmas) alli ſe eſtabeleceo deſde veſpera de Natal de 1755. Porém ſendo preciſa a caſa, ou armazem para ſe continuar a planta da nova Alfandega, mandou El-Rey, que a Junta da Meſa do Bem Commum, e Commercio, fizeſſe a decente accommodaçaõ para a Paroquia. Eſta ſe fez exactamente na antiga Igreja, com toda a promptidaõ, grandeza, e ſegurança, para a qual ſe transferio o Sacramento com huma Prociſſaõ ſolemniſſima em 19 de Março dia do Senhor S. Joſeph do anno de 1757. Dentro do ſeu deſtricto exiſte a ſeguinte

Ermida.

Noſſa Senhora do Roſario. Eſtá ſituada no Campo da Lã com ſua Irmandade, que feſteja a Senhora em 15 de Agoſto com muita grandeza.

334 Numerava eſta Freguezia antes do terremoto, trezentos e cincoenta e dous fógos, e mil e quinhentas peſſoas de ambos os ſexos. Preſentemente ſe achaõ nas propriedades reedificadas cento e cincoenta fógos, e nelles ſetecentas peſſoas. As ſuas ruas eraõ as ſeguintes.

Ruas, e Becos.

Adiça rua em ſubida até a porta do Sol, Galé, Judearia, rua Direita de S. Pedro para o Chafariz, Beco de Alfama, e deſte até o Chafariz delRey, (1) Be-

---

[1] Corre com baſtante affluencia eſte Chafariz por ſeis bicas de bronze, e he a ſua agua moderadamente quente. Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa, intitulada *Oliſipo*, impreſſa no anno de 1552, diz, que naõ vira outra agua melhor, nem ainda igual. *Hic autem ſaporis, & ſplendoris, & lenitatis praſtantia omnium fontium, quos unquam me videre meminerim, aquam, aut aquat, aut ſuperat.* Pelas meſmas palavras diz o meſmo Jorge Braunio no tom. 1. *Civit. Orb. terrar.* Luiz Mendes de Vaſconcellos no tratado do Sitio de Lisboa p. 130., diz, que eſta agua tem a propriedade de fazer boas vozes, e bom caraõ. Duarte Nunes approva o meſmo no capit. 12. da Deſcripçaõ de Portugal. Veja-ſe o Aquilegio Medicinal cap. 2.

Beco do Fogaõ, do Guedes, das Lavandeiras, do Prior.

Freguezias confinantes.

S. Joaõ da Praça, S. Miguel.

XXXIII.

Nossa Senhora da Pena.

335 A Primeira instituiçaõ desta Freguezia foy estabelecida na Igreja do Mosteiro de Santa Anna de Religiosas Terceiras de S. Francisco, intitulando-se entaõ por esse motivo Paroquia de Santa Anna. Suppoem-se que seria erecta pelo Cardeal Arcebispo D. Henrique, desmembrando-a de Santa Justa, pois a memoria mais antiga da sua existencia he constar, que fora visitada pelo Arcebispo D. Jorge de Almeida no anno de 1570.

336 Depois por justas causas unindo-se alguns freguezes com os Irmãos do Santissimo, passaraõ a Freguezia para huma Igreja, que se andava fazendo, dedicada a Nossa Senhora da Pena, mudando para ella o Sacramento com solemne procissaõ em 25 de Março de 1705. (1) E caprichando em concluir o sagrado edificio, o aperfeiçoaraõ de fórma, que era hum dos Templos excellentes, e em que gastaraõ grosso cabedal.

337 O Paroco tem o predicamento de Cura, que naõ he collado, mas annualmente o apresenta o Eminentissimo Patriarca. O seu rendimento se extrahe do chamado pé de altar, que se reputava huns annos por outros em quatrocentos mil reis. Ao Thesoureiro, que tambem he da apresentaçaõ do Prelado, renderlhehia cento e cincoenta mil reis. A Irmandade do Santissimo apresentava treze Capellas de varios instituidores, e congruas differentes, a saber: duas

[1] Santuar. Marian. tom. 7. pag. 147.

duas de setenta e dous mil e quinhentos reis cada huma, que instituio Maria Luiza de Bulhaõ com o rendimento na Alfandega desta Cidade, e no Almoxarifado da casa das Carnes, mas com a obrigaçaõ de serem Confessores os Capellães. Sete de sessenta mil reis cada huma, que instituiraõ o Capitaõ mór Joaõ do Rego Barros, Pedro Jorge, Manoel Dias Vicente, e outros mais: huma de cincoenta mil reis, que a mesma Irmandade do Santissimo instituio pelos Irmãos vivos, e defuntos: duas de quarenta mil reis, que instituiraõ Catharina Pereira, e D. Anna de Menezes: e huma de trinta mil reis instituida por Antonio Antunes, que se acha reduzida a seis mezes. A Irmandade das Almas apresentava oito Capellas de quarenta e cinco mil reis cada huma, e Missa livre cada semana; e a Irmandade da Senhora da Pena tem seu Capellaõ, a quem dá cincoenta mil reis.

338 Ficou esta Igreja totalmente derrotada com o espantoso terremoto, porque aos seus primeiros impulsos cahiraõ logo os remates das torres do frontispicio, que sepultaraõ a algumas pessoas, que vinhaõ fugindo para o adro; e abatendo-se immediatamente o tecto pintado de admiravel arquitectura pelo nosso Portuguez Antonio Lobo, tirou a vida a muitas pessoas, que estavaõ na Igreja; experimentando outras muitas a mesma fatalidade nas ruinas de varias casas em os limites desta Paroquia.

339 Neste desamparo lamentavel se foy valer o Paroco, e abrigarse em huma Ermida, que fica à entrada da portaria do carro do Collegio de Santo Antaõ que foy dos Padres Jesuitas, para onde mudou o Sacramento, e alli esteve parte do mez de Novembro do fatal anno de 1755, exercendo os actos Paroquiaes, e depois se transferio para a Igreja do Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnaçaõ, e Carmo no sitio de Rilhafolles, e dahi para a Ermida de Alexandre Metello, da qual passou pa-

ra a Freguezia que se acha reedificada.

340 Ha no territorio desta Freguèzia as seguintes Casas Religiosas.

Conventos.

Santo Antonio dos Capuchos. De Religiosos Franciscanos da Provincia de Santo Antonio. Foy fundada a Igreja em 15 de Fevereiro de 1570, e se disse nella a primeira Missa no anno de 1579. (1) Floreceo aqui neste ultimo seculo Fr. Joaõ de S. Diogo, chamado vulgarmente Fr. Joaõ Peccador, varaõ de raras virtudes, singular penitencia; e continua oraçaõ, com espirito profetico; faleceo santamente em o anno de 1690. O seu corpo existe inteiro.

341 O prejuizo, que padeceo este Convento, e Templo com o terremoto, foy cair a abobeda do corpo da Igreja, que sepultou dez mulheres, e hum homem: arruinou-se tambem a Capella chamada do Bispo, a Capella do Santo Christo da Cerca, e a celebre capellinha do famoso Presepio tambem experimentou sua ruina. O susto, e receyo de mayor fracasso obrigou aos Religiosos levantar na Cerca para a parte do Norte huma barraca, e nella formaraõ huma decente Igreja, em que celebraraõ os Officios Divinos até 14 de Março de 1758, em cujo dia se mudaraõ para a sua antiga Igreja reedificada, e em muita parte melhorada a dispendio de varias esmolas, em que se distinguio a generosa liberalidade do Conde de Povolide seu Padroeiro na reedificaçaõ da Capella mór.

S. Vicente de Paulo. Dos Padres da Congregaçaõ da Missaõ, de quem já fallamos no tomo 2. part. 3. deste nosso Mappa cap. 3. §. 21. Experimentou pequena ruina com o terremoto.

Mos-

[1] Cardos. Agiol. Lusit. tom. 1. p. 187. Carvalho Corograf. Port. tom. 3. p. 411.

Mosteiros.

Santa Anna. De Religiosas Terceiras Franciscanas com obediencia á Provincia de Portugal. Foy fundado no anno de 1561 por ordem da Rainha D. Catharina, em huma antiga Ermida de Santa Anna, donde tomou o nome, sendo as suas fundadoras vinte e quatro Recolhidas chamadas as Penitentes da Paixaõ de Christo, que existiaõ no Castello. (1) Apresenta ElRey neste Mosteiro vinte lugares, como consta de hum Alvará de ElRey D. Sebastiaõ, que vimos, feito em 24 de Setembro de 1577, e a Rainha apresenta tambem dous lugares (2) instituidos pela Serenissima Rainha D. Catharina.

342 Cahio a Igreja com o terremoto, e do Mosteiro dous dormitorios, hum que ficava para à banda da portaria, e outro para a calçada do Lavre; cahiraõ mais tres varandas do Claustro, e varias casas, e officinas; ficando sepultadas nestas ruinas cinco Religiosas, cinco seculares, cinco criadas, e huma educanda; além de outras, que ficaraõ estropeadas. Persuadidas, e afflictas as Religiosas com este formidavel assombro, sahiraõ da clausura, e foraõ para a cerca do Collegio de Santo Antaõ, onde estiveraõ no Sabbado, e no Domingo, em cujo dia se mudaraõ para a quinta da Bemposta do Serenissimo Infante D. Pedro, que lhe mandou fazer barracas promptissimamente, e aqui estiveraõ até vespera de S. Joaõ de 1756, em que se recolheraõ para o seu Mosteiro reparado no summamente preciso, em cujos Coros rezaõ, e exercitaõ todas as suas funções Regulares.

Nossa Senhora da Encarnaçaõ. De Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Eee ii Foy

[1] Fr. Apolinar. no Claustro Franciscan. p. 135. Corograf. Portug. tom. 3. p. 416. Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 271. Christovaõ Rodrig. de Oliveira no Summario de Lisboa pag. 85. da impressaõ moderna.
[2] Soled. Histor. Serafica part. 4. p. 525.

Foy este Mosteiro mandado edificar pela Infanta D. Maria, filha de ElRey D. Manoel, e nelle entraraõ a 15 de Setembro de 1630 as primeiras Religiosas fundadoras, que eraõ D. Luiza de Noronha, e Maria da Purificaçaõ do Mosteiro da Esperança, e D. Antonia da Silva de Odivellas, por Breve de Paulo V., as quaes se transferiraõ desde a Ermida de S. Mattheus, e palacio da Casa de Cascaes, sito ao Borratem, onde haviaõ estado esperando por emprestimo, que se acabasse este Mosteiro desde Agosto de 1614. (1) A tençaõ da Infanta naõ foy edificar Mosteiro para Religiosas Commendadeiras da Ordem Militar de Aviz; o Papa Paulo V. he que fez a commutaçaõ a supplicas de ElRey D. Filippe II. (2) Estaõ estas Religiosas subordinadas ao Tribunal da Mesa da Consciencia. No anno de 1734 a 10 de Agosto, padeceo este Mosteiro hum terrivel incendio, que destruio huma grande parte do seu edificio. Passaraõ as Religiosas para o Mosteiro das Commendadeiras de Santos, onde estiveraõ hospedadas, até que se reedificou o seu Mosteiro sumptuosamente por ordem de ElRey D. Joaõ V., e se restituiraõ para elle.

343 Succedendo porém o infausto, e formidavel tremor de terra, fez este estremecer, e abalar todo o Mosteiro de sorte, que supposto o naõ precipitasse, lhe causou bastantes ruinas; e deixando-o incapaz de se habitar, foraõ as Religiosas, que todas saõ Senhoras nobilissimas, abrigarse cheas de sustos, na Cerca do Collegio de Santo Antaõ, onde cada huma à sua custa fez o seu abarracamento, e alli estiveraõ até 13 de Março de 1758, em cujo dia por ordem de ElRey Fidelissimo D. Joseph foraõ conduzidas em coches da Casa Real para o seu antigo Mosteiro, que o mesmo Senhor com incompara-

---

[1] Cardos no Agiol. Lusit. tom. 2. pag. 297. [2] Lima Geograf. Histor. 2. pag. 154.

ravel piedade lhe mandou concertar do melhor modo, que foy possivel, em quanto se cuida em reedificaçaõ mais ampliada.

Recolhimento.

Nossa Senhora da Encarnaçaõ, e Carmo. Està no sitio de Rilhafolles, e lhe deu principio huma devota mulher, chamada Isabel Francisca no anno de 1704, dirigida pelo Padre Alvaro Cienfuegos Jesuita, que depois foy Cardeal, e tinha vindo a Lisboa por Confessor de Carlos III. Foraõ-se aggregando outras devotas, e taõ affectas ao Recolhimento, que em vespera de Natal de 1738 começaraõ a rezar em Coro o Officio de Nossa Senhora; e em 24 de Março de 1740 obtiveraõ licença do Eminentissimo Cardeal Patriarca para se vestirem com o habito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de que actualmente usaõ. De fórma se foraõ applicando à perfeiçaõ Religiosa, que pela Pascoa de 1742 deraõ principio a rezar coralmente as Horas Canonicas, e com tanta regularidade o executaõ, que parece o seu Coro, e canto de huma Communidade mais observante da perfeiçaõ no culto Divino. Resplandece este naõ menos no asseyo da sua Igreja, que benzendo-se em 6 de Dezembro de 1746, e collocando-se nella a 4 de Fevereiro de 1748 o diviníssimo Sacramento com grande festividade, em cujo dia fez Pontifical o Arcebispo de Lacedemonia D. Joseph Dantas Barbosa, se celebraõ nella todas as suas festas com singular decóro, e grandeza. Persuadido o Papa Benedicto XIV. da grande edificaçaõ, com que estas Recolhidas vivem, lhes fez a graça em Janeiro de 1758 de poderem trazer veo preto, como se fossem Religiosas professas; as quaes pelas virtudes preclaras, em que solidamente cultivaõ o espirito, servem de vivos exemplares da perfeiçaõ Religiosa. O pequeno damno, que lhes causou o terremoto, se acha restaurado.

Er-

Ermidas.

Senhor Jesus da Salvaçaõ. He huma Ermidinha na Calçada de Santa Anna junto ao muro das Religiosas Commendadeiras, a qual he administrada por huma Confraria da Via-Sacra.

S. Lazaro. Nesta Ermida está hum Hospital, que pertence à Freguezia de Santa Justa.

Nossa Senhora da Salvaçaõ. Fica junto ao Cemiterio, onde se enterraõ os pobres doentes, que fallecem no Hospital Real.

Via-Sacra. Está contigua ao palacio do Desembargador Alexandre Metello de Sousa no Campo do Curral. Nenhuma destas quatro Ermidas sentio os effeitos do terremoto. Depois deste se edificaraõ algumas Ermidas de frontal em o mesmo campo, e saõ as seguintes.

Senhora da Caridade. Que erigiraõ os Irmãos do mesmo titulo, por se haver destruido a que tinhaõ feito junto à Basilica de Santa Maria.

O Senhor da Paz.

A Senhora do Rosario.

344 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil e trezentos e trinta e seis fógos, e de cinco mil e sessenta e seis pessoas de communhaõ. Depois do terremoto com as pessoas que se abarracaraõ no campo chegou ao numero de mil quatrocentos e trinta e dous fogos. As ruas saõ as seguintes.

Ruas.

Santa Anna, Santo Antonio, Campo do Curral, Carreira dos Cavallos, Casas dos Bernardos, Casas da Misericordia, Cemiterio, Cruz, Encarnaçaõ, S. Lazaro, Martim Vaz, Moinho do Vento, Mosteiro de Santa Anna, Muro dos Apostolos, Portaria do carro do Collegio, Recolhimento, Rilhafolles.

Freguezias confinantes.

Anjos, S. Joseph, Santa Justa, S. Sebastiaõ da Pedreira, Soccorro.

XXXIV.

XXXIV.

Santissimo Sacramento.

345 TEve esta Freguezia o seu principio na Igreja do Convento da Santissima Trindade, estabelecendo a o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida pelos annos de 1584 na primeira Capella da maõ direita a quem entrava na Igreja, e desmembrando-a da Freguezia de S. Nicolao, e Martyres. (1) Depois no anno de 1664, desavindo-se com os Religiosos os Irmãos do Santissimo, se passaraõ para a Igreja das Convertidas, onde estiveraõ pouco tempo, e os Bautismos se faziaõ na Paroquial dos Martyres com licença do Cabido. (2)

346 Havia-se dado principio a huma nova Igreja com o titulo do Santissimo Sacramento para servir de Paroquia no sitio fronteiro ao Palacio do Marquez de Arronches, lançando-se a primeira pedra no edificio a 26 de Novembro de 1667, e estando feita grande parte, se demolio por embargos do mesmo Marquez, até que o Conde de Valladares offerecendo liberalmente terreno proprio defronte de seu palacio para fundamento da Igreja, se começou esta a fabricarse no anno de 1671, e concluindo-se no de 1685, para ella se transferio o Santissimo Sacramento solemnemente em a Dominga da Quinquagesima desde a Igreja do Carmo. (3)

347 O Paroco, que tinha o predicamento de Cura, hoje tem o de Reitor, a que o elevou o Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida,

---

[1] Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 83. de cuja authoridade se prova, que esta Freguezia naõ foy separada de S. Juliaõ, como affirma Leitaõ Ferreira nas Noticias Chronologicas num. 1233. [2] Fr. Apolinar. na Demonstraçaõ Histor. num. 267. [3] Corografia Portug. tom. 3. p. 458.

da como Donatario desta Igreja, a qual rendia quatrocentos mil reis; e ao Thesoureiro, que apresentaõ alternativamente o Paroco, e a Irmandade do Santissimo, lhe rendia cento e vinte mil reis. Apresentava a sobredita Irmandade nove Capellas, quatro de esmola de sessenta mil reis com obrigaçaõ de confessar, e acompanhar o Santissimo, huma de cem mil reis com obrigaçaõ de Coro, para quando se estabelecesse; outra de oitenta mil reis com a mesma obrigaçaõ; e duas deambulatorias. Esta mesma Irmandade se achava muito opulenta, e possuhia riquissimos ornamentos, e muitas peças, e cofres de prata, e estimadissimas Reliquias. (1) A Irmandade de S. Miguel, e Almas apresentava quatro Capellães, hum com cincoenta mil reis, os outros com quarenta mil reis, e Missa livre.

348 Em o tremendo dia do terremoto, e memoravel incendio padeceo esta Igreja huma total derrota; porque o Templo se arruinou, sepultando setenta e cinco pessoas; e todo o movel da Igreja se reduzio a cinzas; reputando-se a sua perda em mais de duzentos mil cruzados, pois só escapou a sagrada Pyxide com o Santissimo Sacramento. Com o susto deste lastimoso successo passou logo o Paroco o Sacramento para a Ermida de Nossa Senhora da Conceiçaõ dos Cathecumenos, refugiada, e erecta no Telheiro de aguas livres, onde esteve tres mezes: depois se mudou para o Mosteiro das Religiosas Trinas ao Rato, onde permaneceo até se transferir para a nova accomodaçaõ, que se fez mistica à mesma Igreja.

349 Den-

---

[1] Entre estas Reliquias, conforme a noticia, que nos mandou o Rev. Reitor desta Paroquia Manoel Luiz Ribeiro, existia o Calix, em que Christo Senhor Nosso consagrou seu preciosissimo sangue, e fora dadiva do Bispo do Porto D. Fr. Joseph de Evora, quando veyo de Roma no anno de 1741; porém sempre nos causou muita duvida, pois na *Vida de Christo* pag. 420. deixámos provado, que esta Reliquia se conserva na Cathedral de Valença.

349 Dentro do ambito desta Paroquia existem os seguintes

Conventos.

Nossa Senhora do Carmo. De Religiosos Carmelitas Calçados. Foy este edificio verdadeiramente magnifico fundado no anno de 1389 pelo virtuoso Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e começaraõ os Religiosos, que vieraõ da Villa de Moura, a exercer aqui os actos de Communidade no anno de 1397. Desta sagrada fabrica faz huma exacta Descripçaõ o seu grande Chronista Fr. Joseph Pereira de Santa Anna. (1) Mas sendo esta obra taõ estimavel pela sua grandeza, fortaleza, e arquitectura, muito mais o era pelas muitas, e importantes alfayas, que serviaõ ao adorno, e veneraçaõ. Tudo se perdeo fatalmente com o soberbo terremoto, e immediato incendio em o primeiro de Novembro infausto; acabando a vida em taõ lamentavel tragedia quatorze Religiosos, que he perda para mais sentirse.

350 Nesta desordem, e confusaõ procurou a mayor parte da Communidade o refugio no sitio da Cotovia dentro das obras do Conde de Tarouca; porém espalhando-se huma voz vaga, que o incendio hia chegando ao Castello, e que pegando facilmente no armazem da polvora, acabaria de desbaratar, e arrazar horrendamente a Cidade; compellidos deste pavor, buscaraõ mayor distancia, indo para o Campo Grande com a veneranda Imagem da Senhora do Carmo, que foy a que se pode salvar, e o Santissimo Sacramento, onde armando tendas de campanha, alli estiveraõ abarracados até vespera de Natal do mesmo anno, em cujo dia passaraõ para o terreno contiguo ao arco das Aguas Livres acima do Rato, onde haviaõ mandado fabricar hu-

[1] Pereira Chron. do Carmo tom. 1. part. 4. c. 1. Veja-se tambem Jorge Cardoso no Agiol. tom. 3. p. 213.

ma Ermida com accommodaçaõ decente para os mesmos Religiosos. Mas como naõ parecesse justo ao zeloso Provincial desamparar o antigo sitio do sagrado Convento, nem a companhia do venerando corpo do virtuoso Condestavel, dispoz à custa de grande dispendio, e trabalho, que entre a portaria regular do Convento, e a do carro se erigisse nova Igreja, e proporcionados commodos, para onde com a brevidade opportuna se estabeleceraõ.

Santissima Trindade. De Religiosos Trinitarios. A primeira fundaçaõ deste Convento foy, segundo escreve D. Rodrigo da Cunha, (1) no anno de 1294, dando-lhe a Cidade liberalmente aos primeiros fundadores, que vieraõ de Santarem, o sitio em que se incluia huma Ermida de Santa Catharina, que lhes servia de Igreja, em quanto se edificava o novo Convento. Cresceo este à custa das esmolas dos fieis, e particularmente da Rainha Santa Isabel, a qual mandou lavrar nelle huma especial Capella com o titulo da Conceiçaõ da Senhora, que foy a primeira neste Reino dedicada a taõ soberano Mysterio, de que era devotissima. (2) Depois no anno de 1560 se melhorou o edificio com grandeza, e magestade; pois só no Templo se numeravaõ duzentos e trinta e hum palmos de comprido; e cento e vinte e dous de largo, cento e quarenta e oito de altura, com grande numero de amplissimas Capellas. Escapou felizmente a Igreja do fatal incendio, que em 22 de Setembro de 1708 devorou a mayor parte deste Convento. (3)

351 Achava-se elle quasi na ultima perfeiçaõ reputado entre os magnificos da Corte, quando aos violentos impulsos do sempre memoravel tremor de terra cedendo a grandeza do edificio, em breves minutos se vio prostrado, e reduzido a huma monta-

[1] Cunha Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 83. [2] Monarq. Lusit. liv. 19. c. 23. Corograf. Port. tom. 3. p. 460. [3] Anno Historic. tom. 3. pag. 87.

tanha de confuſa penedîa; acabando de transformar tudo em cinzas o implacavel incendio, que immediatamente lhe ſuccedeo. Conſumiraõ-ſe neſta lamentavel deſgraça mais de cem Imagens de vulto, que ornavaõ os dezoito Altares da Igreja. Eraõ a mayor parte dellas eſpecialiſſimas, e devotas: a do Santo Chriſto crucificado com o titulo de milagroſo; o Santo Chriſto do Coro; o Senhor morto; o Senhor dos Paſſos; a Senhora da Conceiçaõ; a Senhora da Salvaçaõ, e outras muitas, eſcapando unicamente o Senhor Reſgatado, poſto que debaixo das ruinas.

352 Naõ ficou ſendo menos deploravel a perda de innumeraveis Reliquias, que occupavaõ, e enchiaõ quatro Altares; entre as quaes eraõ precioſas as de dous corpos inteiros de S. Liberato, e S. Bono: hum Santo Lenho de meyo palmo de alto, e hum dedo polegar de largo: hum eſpinho da Coroa do Senhor, e o Sudario ſanto tocado no verdadeiro, que ſe venera em Turim. Fez creſcer o augmento da perda a deſtruiçaõ da eſpaçoſa Sacriſtia com as ſuas eſtimadiſſimas, e cuſtoſas alfayas; onze cuſtodias, tres cofres, hum de valor de cinco mil cruzados; cento e dous caſtiçaes de pé alto; vinte e huma coroas; vinte e dous reſplandores, em que entrava hum de ouro cravado de diamantes; trinta e duas alampadas, das quaes duas da Capella mór cuſtaraõ ſeis contos de reis; dezanove cruzes, entre as quaes havia duas, que tinhaõ cuſtado ſeis mil cruzados; ſeis ciriaes de exceſſiva grandeza, e valor; e outras muitas peças de prata, que naõ referimos, por ſer mais memoravel a perda dos dous famoſiſſimos orgãos da Igreja, e do Coro magnifico, os quaes haviaõ cuſtado perto de cincoenta mil cruzados.

353 Entre eſtas perdas ſerá tambem muito ſenſivel, e quaſi irrecuperavel a grande collecçaõ de livros, que comprehendia a famoſa, e eſtimavel

Bibliotheca defte Convento, que pela fua raridade eftava avaliada em duzentos mil cruzados: e por evitar palavras, todo o Convento com a fua elevada torre fe reduzio a terra, e a cinzas, naõ ficando em rigor nem ainda paredes, porque alguma, que em pé fe fuftenta, ferá precifo demolirfe.

354 Ficaraõ fepultados debaixo das ruinas quinze Religiofos, de que faremos memoria: o Padre Prégador geral Fr. Luiz de Salazar, de noventa annos de idade, e perfeito Religiofo, eftava dizendo Miffa no Altar de Santa Anna. O Prégador geral Fr. Joaõ de S. Felix, de fetenta e feis annos, excellente Prégador, e ornado com as prendas de infigne compofitor de Mufica, e deftro no orgaõ, e rebecaõ. O Padre Prefentado Fr. Jofeph de Gouvea, duas vezes Miniftro do Livramento, e de cincoenta e oito annos de idade, Religiofo muito cheyo de zelo, e de temor de Deos, eftava dizendo Miffa na Capella do Refgate. O Padre Meftre Fr. Manoel de Santo Thomaz, de cincoenta annos de idade, e de grande ornamento da Religiaõ, muito exemplar, muito abftinente, fingular Theologo, e Letrado, prompto em todas as materias, em que o confultavaõ, incanfavel no Confeffionario, e em exercer os actos da Communidade. O Padre Fr. Antonio de Almeida, actual Procurador geral da Provincia, Religiofo de cincoenta e hum annos, e que tinha fervido varios empregos na Religiaõ, eftava confeffando. O Padre Fr. Thomaz de S. Jofeph, de cincoenta e cinco annos, bom Theologo, Prégador, e de vida exemplar, pereceo indo da Sacriftia para a Igreja. O Padre Fr. Vicente Ferreira, de cincoenta e cinco annos, que tinha fido Prelado em Lagos, e Setubal, eftava confeffando. O Padre Fr. Jofeph da Expectaçaõ de exemplar procedimento, e bom Prégador. O Padre Fr. Manoel Ferreira, de trinta e dous annos, muito exemplar, e applicado à liçaõ dos livros: tinha acabado de celebrar Miffa,

e

e recolhendo-se à sua cella para recordar hum Sermaõ, que havia de prégar no dia seguinte, cahio a torre sobre elle, e se achou depois meyo queimado em hum lanço das varandas. O Padre Fr. Domingos de Santa Anna, Cantor mór do Convento, de trinta e dous annos, excellente Musico, e destrissimo em tocar rebecaõ, e sobre tudo de vida muito ajustada, pereceo estando dizendo Missa na Capella da Conceiçaõ. O Padre Fr. Joseph Cabral, de trinta e hum annos, Prégador com boa aceitaçaõ, cahio do Coro, e veyo morrer na Igreja. O Padre Fr. Felix de Sousa, estudante Theologo de vinte e quatro annos, mas muito pacifico, e de grandes esperanças, estava dando a communhaõ, quando succedendo o repentino incidente do terremoto, fechando o vaso das sagradas Particulas, as quiz salvar fugindo para a Sacristia, onde pereceo, e junto a ella se desenterrou depois de muitos mezes com o sagrado Vaso unido a seu peito. O Padre Fr. Bernardo de S. Luiz, estudante Theologo. O Padre Fr. Joaquim de Santa Anna, Organista, e Musico de excellente voz. Fr. Giraldo da Luz, Religioso leigo de cincoenta annos, e sineiro muito zeloso, e exacto na sua obrigaçaõ, cahio com a torre, que o sepultou.

355 Os mais Religiosos, que escaparaõ, sem se vencerem do temor, que lhes representava o excesso desta tragedia, naõ desampararaõ todavia o Convento, antes vendo que no pateo da porta do carro lhes ficara hum palheiro velho ainda cuberto, alli seis, ou sete pobremente se accommodaraõ, e os outros foraõ para o seu Convento de Nossa Senhora do Livramento, junto a Alcantara. Cuidaraõ logo em fazer no dito pateo huma Igreja, abrindo-lhe porta para a rua, e a tem ornado com seis Capellas, e com varias Imagens; collocando em hum dos Altares o Senhor Resgatado, que salvaraõ illeso d'entre as ruinas. Em hum celeiro, que alli estava no mes-

mesmo pateo menos arruinado, fizeraõ seus cubiculos, onde habitaraõ mais de vinte Religiosos, para melhor celebrarem os Divinos Officios.

356 Numerava esta Freguezia antes do terremoto seiscentos e quarenta e dous fógos; e tres mil e quatrocentas pessoas. Depois do terremoto, como se queimou quasi toda a Freguezia, numera presentemente situadas em barracas dispersas, mil e cem pessoas; e he esta huma das Paroquias, que ficou bem destruida: as suas ruas, que hoje se vem quasi solitarias, e confusas, eraõ as seguintes.

Ruas.

Adro da Igreja, Arco de D. Manoel, Calçadinha do Carmo, Chiado, Condeça, Gallegos, Oliveira, Portaria do carro do Carmo, e da Trindade, Postigo de S. Roque.

Becos, e Travessas.

André Soares, Arcebispo, Cruz, Estevaõ Galhardo, Forno, largo do Carmo, Lavandeira, Loreto, Marqueza, Pasteleiro, Ricardo, Salema, Secretario de Guerra.

Freguezias confinantes.

Encarnaçaõ, Martyres, S. Nicolao.

XXXV.

Salvador.

357 COm a prodigiosa invençaõ da Santa Imagem de hum Crucifixo, que neste sitio se descobrio logo nos principios de Lisboa conquistada, se erigio huma Ermida com o titulo de Santo Salvador da Matta, à qual concorria muita gente pelos grandes prodigios, que Deos obrava por intervençaõ desta veneranda Imagem. A devoçaõ continua do povo, e o concurso dos fieis moveraõ ao Prelado Diecesano, a que erigisse na Ermida huma Paroquia: quem elle fosse, e em que anno se esta-

eſtabelecco, naõ ſe ſabe com certeza: ſó achamos, que o Biſpo do Porto D. Joaõ Eſteves de Azambuja, que depois foy o ſegundo Arcebiſpo de Lisboa, conſtituira eſta Igreja em Priorado com Beneficiados, annexando-lhe a Igreja de Bemfica, de quem recebiaõ as duas partes dos dizimos, e a Sé a terceira parte, ficando todavia a apreſentaçaõ deſte Priorado incorporada no Padroado da Coroa.

358 Depois no anno de 1391 obteve o meſmo Prelado de ElRey D. Joaõ I. a mercê do Padroado deſta Igreja para ſi, e ſeus deſcendentes; e no meſmo anno alcançou de Bonifacio IX. hum Breve, que começa: *Ad ea, quæ Divini cultus augmentum*, (1) para fundar na dita Igreja hum Moſteiro de Religioſas Dominicas, e poderlhe annexar as rendas, e direito, que ao Prior, e Beneficiados da ſobredita Paroquia pertenciaõ; de tal fórma, que vagando os ditos Beneficios a Prioreza, e Freiras do Moſteiro podeſſem tomar poſſe das rendas, e convertellas em ſeus uſos: e para adminiſtrar os Sacramentos aos Freguezes, elle ſe obrigou a conſtituir hum Vigario, deputando-lhe ordenado competente para ſua ſuſtentaçaõ. E ſem embargo, que depois de começada a obra houveraõ duvidas com o Dieceſano de Lisboa, que dizia ſer em prejuizo das rendas Epiſcopaes; fez-ſe compoſiçaõ, pela qual o Biſpo do Porto, Prioreza, e Freiras largaraõ ao Prelado de Lisboa a terceira parte dos dizimos da Igreja do Salvador em 29 de Julho de 1393.

359 Tem o Paroco deſta Freguezia titulo de Vigario, que apreſentaõ os Condes dos Arcos, como deſcendentes de Joaõ Eſteves Alcaide mór de Lisboa, chamado o Privado, e irmaõ do ſobredito Arcebiſpo D. Joaõ Eſteves de Azambuja, poſto que os Condes uſaõ hoje do appellido de Noronha.

Ren-

[1] Refere Soror Maria do Bautiſta no livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro, pag. 22.

Rende a Vigairaria duzentos e cincoenta mil reis. Ha mais dous Capellães apresentados pelo dito Conde, os quaes entraõ nas offertas com o Vigario, e com as Freiras, que levaõ metade. As Irmandades aqui estabelecidas, saõ a do Santissimo Sacramento, que por voto das Religiosas, e naõ por solemnidade de Corpo de Deos, faz todos os annos huma pomposa procissaõ com o Santissimo na primeira Dominga depois da Ascensaõ do Senhor. (1) A da Senhora dos Remedios Imagem muito milagrosa. (2) A da Senhora do Rosario, e a da Senhora da Assumpçaõ.

360 Ha nesta Paroquia o seguinte

Mosteiro.

S. Salvador. De Religiosas Dominicanas. Foy fundado pelo Arcebispo de Lisboa D. Joaõ Esteves de Azambuja no anno de 1391, cujo corpo jaz no Coro de cima com seu epitafio, que transcreve D. Rodrigo da Cunha. (3) Para effeito desta instituiçaõ reduzio por Breve de Bonifacio IX., que acima allegamos, as rendas da Paroquia aqui existente a huma Vigairaria, e com os frutos remanecentes estabeleceo renda fixa para as Religiosas, fazendo que ellas professassem a Regra de S. Domingos, sendo antecedentemente humas mulheres, que faziaõ vida penitente, e solitaria, a quem chamavaõ naquelles tempos *Emparedadas*, e viviaõ neste sitio em hum pobre Recolhimento. A Rainha D. Leonor, mulher de ElRey D. Joaõ II. lhe acabou o edificio no anno de 1478.

361 O

[1] Fr. Apollinario na Demonstraçaõ Historica num. 161. [2] Santuario Mariano tom. 1. p. 45. [3] Cunha nos Bispos do Porto part. 2. na addiçaõ ao cap. 23. diz, que este Arcebispo fallecera, segundo consta do seu epitafio, a 23 de Janeiro de 1413, dous annos menos do que dissemos a pag. 125. guiados pela authoridade do mesmo D. Rodrigo da Cunha.

361 O corpo da Igreja deste Mosteiro, onde está estabelecida a Paroquia inteiramente se arruinou com o terremoto de fórma, que será impossivel repararse, sem a levantarem por toda a parte desde os alicerses. Retirou-se o Santissimo para a Igreja do Menino Deos, onde esteve dous mezes, e se recolheo para a casa, que era da grade das Religiosas, onde interinamente está ainda, tolerando sómente com a necessidade do tempo a menor decencia do lugar. Das Religiosas morreraõ doze professas, huma Noviça leiga, duas seculares, e huma criada. As mais que ficaraõ, sahiraõ da clausura, e humas foraõ para o Cardal da Graça, e se aposentaraõ na quinta do Alcaide Fidalgo, outras estiveraõ no Campo Grande em casa do Desembargador Francisco Lopes de Carvalho. Passados alguns mezes, se foraõ recolhendo para o Mosteiro, onde se achaõ já mais de oitenta exercendo os actos da Communidade.

362 Constava esta Freguezia de duzentos e sessenta e seis fógos, e mil e cincoenta pessoas de communhaõ. Hoje terá menos setenta fógos distribuidos pelas seguintes

Ruas, e Becos.

Beco do Gracez, que ficou destruido, Calçadinha das Escolas geraes, Castello Picaõ, Largo da Igreja, tambem destruido, Loureiro, Rigueira, Travessa das Cruzes.

Freguezias confinantes.

Santo Estevaõ, S. Miguel, Santiago, S. Thomé, S. Vicente.

XXXVI.

Santiago.

363 O Documento mais verdadeiro, que se conserva no Cartorio desta Igreja, por onde se possa inferir a sua antiguidade, he huma com-

posiçaõ, que o Prior, e Beneficiados fizeraõ entre si no anno de 1337. No de 1371 ha memoria da sua existencia, porque tambem se conserva a de seu Prior Joaõ de Soure Vigario geral do Bispo Agapito Colona, de que se lembra a Historia Ecclesiastica de Lisboa. (1) Continuaõ as memorias até o anno de 1551, em que Christovaõ Rodrigues de Oliveira faz della mençaõ no seu Summario; e desde o anno de 1555 he o tempo donde começaõ a correr os assentos no livro mais antigo dos bautizados, que tem esta Igreja, na qual todavia se conserva a tradiçaõ de ser erecta pelo primeiro Bispo de Lisboa D. Gilberto. (2) No seu adro existia collocada huma pedra antiquissima em que se lia:

Asclepo Clicini
Decimi.

Da qual se lembra Cardoso no *Agiologio tom.* 2. *pag.* 31. E era memoria que os moradores de Lisboa dedicaraõ ao Presidente Asclepo pelos annos 300 de Christo.

364 Participa o Paroco do honorifico titulo de Prior, e como Igreja do Padroado Real he apresentada por ElRey. Rende-lhe duzentos e cincoenta mil reis, e cada hum dos tres Beneficios, que aqui ha, e apresenta o Prior, renderá oitenta mil reis, servindo-o. As Capellas, que ha nesta Igreja saõ cinco, a saber: huma que instituio o Conego Magistral Nuno da Cunha Deça com oitenta mil reis de congrua, e com obrigaçaõ de rezar o Capellaõ no Coro com os Beneficiados, os quaes com o Prior, saõ os que a apresentaõ: outra que deixou o Prior desta Igreja André Franco com a congrua de cincoenta mil reis, de que saõ administradores os filhos de Joseph de Sousa Carneiro: outra que ins-

[1] Cunha Histor. Ecclef. de Lisboa part. 2. cap. 103. n. 2. [2] Corograf. Portug. tom. 3. p. 350.

instituio Pedro Nunes da Costa Gentil com a esmola de cincoenta mil reis: outra de sessenta mil reis, que apresentaõ os Cirieiros da Irmandade aqui erecta de Nossa Senhora a Franca: (1) outra de cento e cincoenta reis cada Missa, que instituio Balthasar Pinto, mas he só meyo annal, e saõ seus administradores os herdeiros de Dionysio de Oliveira, Escrivaõ que foy da Chancellaria da Corte.

365 A pequena ruina que padeceo se acha reparada. Tem dentro do seu destricto as seguintes

Ermidas.

S. Braz. Vulgarmente chamada Santa Luzia, he Igreja isenta, por ser Commenda da Religiaõ Militar de Malta. O pequeno damno, que experimentou com o terremoto, se acha recuperado.

S. Filippe, e Santiago. Antigamente lhe chamavaõ Hospital dos Castelhanos. Administra-a Rodrigo Antonio de Figueiredo, que depois de a possuir, lhe ficou chamando a Ermida do Amparo, por causa de huma Imagem da Senhora com este titulo. Tem hum Altar, que pertence à Irmandade da Senhora Mãy dos Homens de Xabregas, por sahir desta Ermida o Terço, e a Irmandade, quando vay acompanhar os Irmãos, que fallecem. Tem mais outro Altar do Senhor Jesus com o titulo de Reformador de Lisboa, que os Senhores desta Casa querem pôr em cabeça de morgado.

366 Constava esta Freguezia de cento e vinte fógos, distribuidos pelas seguintes

Ruas.

Rua que vay do Limoeiro para as Portas do Sol, Rua que vay da Igreja de S. Braz para o Chaõ da Feira, Rua da Lagem, de huma parte sómente, porque da outra pertence à Freguezia de S. Bartho-

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 336.

lomeu, Rua do Funil: Paſſadiço, que vay para os Loyos, ſómente de huma parte, Rua larga, que vay da Igreja para os Loyos.

Freguezias confinantes.

S. Bartholomeu, Santa Cruz, S. Martinho, S. Thomé.

XXXVII.

Santos.

367 SErve eſta Igreja do mayor padraõ da antiguidade, que tem o Chriſtianiſmo em Liſboa; porque neſte ſitio grangearaõ a coroa do Martyrio os glorioſiſſimos tres irmãos Veriſſimo, Maxima, e Julia na perſeguiçaõ do Imperador Diocleciano pelos annos de Chriſto 303. (1) Aqui lhe deraõ os Chriſtãos ſepultura, e lhe ergueraõ certo genero de Altar, ou Ermida; e os Santos como Protectores nacionaes deſta Cidade a defenderaõ milagroſamente de hum cerco apertado, que lhe poſeraõ depois os barbaros Alanos. (2)

368 Occupada Lisboa pelos Mouros, huma das Igrejas, que elles deixaraõ intacta aos Chriſtãos para celebrarem os ſeus Officios, foy eſta, em que eſtavaõ ſepultados os veneraveis corpos dos Martyres invictos, a quem pela fama dos prodigios, que Deos obrava por ſua interceſſaõ, lhes tinhaõ reſpeito os proprios Saracenos; e quando ElRey D. Affonſo Henriques houve de lhes conquiſtar ultimamente Lisboa, ſe viraõ eſtes Santos viſivelmente auxiliar o exercito Chriſtaõ contra os Arabes; por cujo motivo aquelle inclyto Heroe, tanto que ſe vio victorioſo, melhorou a antiga Ermida, fazendo erigir no meſmo lugar hum Templo mais am-

---

[1] Aſſim o diz Baronio nas Notas ao Martyrologio Romano em o primeiro de Outubro. [2] Monarq. Luſit. liv. 5. cap. 23.

amplo, dedicando-o ao nome trino dos Santos gloriosos Martyres. (1)

369 Passado pouco tempo, depois que a Ordem da Cavallaria de Santiago começou a florecer, e augmentarse em Portugal, tratou ElRey D. Sancho I. de lhe fundar hum Convento, onde houvesse Religiosos da mesma Ordem, para administrarem os Sacramentos aos Cavalleiros, que andavaõ na guerra, e servisse de sepultura aos que morressem no Reino, e assim o fez edificar junto desta Ermida no anno de 1192 sendo entaõ Mestre da Ordem D. Sancho Fernandes, e Prior do Convento D. Christovaõ. (2)

370 Aqui viveraõ os Religiosos até o tempo de ElRey D. Affonso III. no qual ganhando-se aos Mouros a Villa de Alcacer do Sal, passaraõ para ella os Sacerdotes deste Convento de Lisboa, (3) e com esta mudança elle se converteo em Mosteiro de Religiosas da mesma Ordem, occupando-o as mulheres, e filhas dos Commendadores, (4) e alli perseveraraõ por muitos tempos, onde houveraõ Senhoras nobilissimas, e religiosissimas, até que no anno de 1490 se passaraõ para o novo Mosteiro de Santos, que lhes mandou edificar ElRey D. Joaõ II. transferindo-se juntamente com as Religiosas os corpos dos veneraveis Martyres com huma solemnissima Procissaõ.

371 Ficando esta Igreja desoccupada, a elegeo o Cardeal Henrique, sendo Arcebispo de Lisboa no

---

[1] Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 1. cap. 18 num. 7. [2] Fr. Jeron. Roman. Histor. da Caval. de Santiago m. s. cap. 4. [3] Fr. Jeronymo Roman. a ima allegado, diz que a primeira mudança, que esta Ordem fizera de Lisboa, fora para Mertola, e depois para Alcacer; porém o Chronista mór Fr. Antonio Brandaõ no livro 11. cap. 25. da Monarquia Lusitana o emenda, a quem seguimos. [4] Fr. Francisco Brandaõ na Monarq. liv. 17. c. 57. affirma, que as Commendadeiras, e Freiras desta Ordem estiveraõ primeiro na Villa da Arruda; donde vieraõ para este Mosteiro de Santos o Velho.

no anno de 1566 para Paroquia, (1) desmembrando-a da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres. (2) As casas, e mais aposentos ficaraõ vagos para as Commendadeiras por morte de ElRey D. Sebastiaõ; e parecendo a estas Senhoras mais util ao Mosteiro de Santos o Novo, venderem o dito sitio, se contrataraõ com D. Luiz de Lancastre Commendador mór da Ordem de Aviz, e lho venderaõ por dez mil cruzados; mas porque a dita venda foy feita sem consentimento do Graõ Mestre da Ordem, lha annullou D. Manoel de Seabra Bispo Deaõ da Capella Real, indo no anno de 1593 visitar o Mosteiro de Santos o Novo por ordem de ElRey Filippe II.

372 Consta a Paroquia de hum Vigario do Padroado da Mitra, ao qual rende hum conto de reis: naõ tem Beneficio algum; ha porém doze Capellas com obrigaçaõ de Missa quotidiana, e de rezarem no Coro o Officio Divino, a cada hum dos quaes rende hoje oitenta mil reis pela diminuiçaõ do juro, porque antigamente rendia cem mil reis: administra, e provê estas Capellas a Irmandade do Santissimo em concurso. He tambem administradora a mesma Irmandade de mais cinco Capellas, das quaes tres saõ de sessenta mil reis, e duas de cincoenta com obrigaçaõ de Missa quotidiana.

373 A Irmandade de Nossa Senhora da Piedade administra, e provê tres Capellas, das quaes huma he de sessenta mil reis de Missa quotidiana, e com obrigaçaõ de se dizer às onze horas nos Domingos, e dias Santos de guarda: as outras duas saõ de cincoenta e cinco mil reis com obrigaçaõ de acompanharem todas as sextas feiras do anno a Via-Sacra. A Irmandade das Almas administra, e provê seis Capellas de cincoenta mil reis cada huma com obrigaçaõ de Missa quotidiana, sendo huma dita de madru-

[1] Consta de hum assento, que se acha no principio do primeiro livro dos Bautizados desta Paroquia. [2] Fr. Apolinar, na Demonstraçaõ Histor. num. 265.

drugada. Ha mais huma Capella de cincoenta mil reis, que adminiſtra, e provê a Irmandade dos Santos Martyres.

374 Naõ foy muito o prejuizo, que o horroroſo terremoto cauſou a eſta Igreja, porque ſómente ſentio alguma ruina no Coro facilmente reparavel; porém naõ obſtante, foy tal o ſuſto naquelles primeiros dias, que por cautella de mayor eſtrago, mandou o providente Paroco ſe mudaſſe o Santiſſimo para huma Ermida, ou barraca das caſas de D. Rodrigo de Noronha, contigua ao Convento dos Padres Mariannos. Depois ſe recolheo para a ſua propria Igreja, onde exercita os actos Paroquiaes. Dentro do territorio deſta Freguezia exiſtem os ſeguintes

Conventos.

S. Franciſco de Paula. De Religioſos Minimos. Foy fundado com o titulo de Hoſpicio no anno de 1719 à cuſta de eſmolas, que tirou Fr. Aſcenſo Vaquero, Religioſo leigo da meſma Ordem, e da Provincia de Andaluzia, peſſoa que conhecemos de eſtremada ſinceridade, e virtude. No anno de 1753 por Decreto de ElRey Fideliſſimo ſe começou nova fabrica com titulo de Convento, e ſe acha muito adiantada com os auxilios da Sereniſſima Rainha D. Maria Anna Victoria ſua protectora. Foy hum dos edificios mais bem livrados das violencias do terremoto.

S. Joaõ de Deos. De Religioſos Hoſpitalarios. Fundou-o no anno de 1629 D. Antonio Maſcarenhas Deaõ da Capella Real, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Commiſſario da Bulla da Cruzada. Eſtes Religioſos adminiſtraõ aqui hum Hoſpital, que o meſmo Fundador eſtabeleceo para Clerigos pobres. Tambem o terremoto eſpantoſo naõ fez impreſſaõ, que prejudicaſſe a eſte Convento.

Noſ-

Noſſa Senhora do Livramento. De Religioſos da Santiſſima Trindade, no ſitio de Alcantara. A primeira fundaçaõ deſte Convento he do anno de 1679. A ſegunda, que agora exiſte, ſe deve ao zelo, e diſpendio de Fr. Jeronymo de Jeſus Religioſo da meſma Ordem, que fez concluir a fabrica no anno de 1698. (1) Com o terremoto experimentou naõ muita ruina, mas ſem embargo diſſo, ſe mandou logo apontoar; e como a Rainha noſſa Senhora he devotiſſima da ſagrada Imagem, que alli ſe venera de Maria Santiſſima com o titulo do Livramento, ordenou ſe fizeſſe promptamente na Cerca huma Igreja de madeira, onde ſe celebraraõ os Officios Divinos, e os Religioſos eſtiveraõ abarracados em apoſentos, e cubiculos tambem de madeira, em quanto ſe naõ poz expedito o Convento.

Noſſa Senhora das Neceſſidades. Dos Congregados do Oratorio de S. Filippe Neri. Foy edificado na eminencia, que domina a ribeira de Alcantara, junto de huma Ermida da Senhora, feita com as eſmolas dos Fieis, como publíca o letreiro, que eſtá na porta da meſma Ermida, cuja inſcripçaõ foy eſtipulada entre a Irmandade dos homens do mar, que as procurou, e Anna de Gouvea de Vaſconcellos ſobrinha do famoſo Franciſco Valaſco, que o permittio, por ſer ſenhoria do dito ſitio no anno de 1613. Sendo ultimamente ſenhor deſta Ermida, e de huma quinta a ella contigua Balthaſar Pereira do Lago, ElRey D. Joaõ V. lha comprou no anno de 1743, mandando reedificalla de novo, e fundar eſte ſumptuoſiſſimo edificio para habitaçaõ dos Padres Congregados, os quaes tomaraõ poſſe delle nas primeiras veſperas da Aſcenſaõ de Chriſto em 6 de Mayo de 1750.

375 Compoem-ſe eſte Regio artefacto de excellentes cellas, vaſtos dormitorios, e primoroſas offi-

[1] Corograf. Portug. tom. 3. pag. 531.

officinas; de huma deliciosa, e dilatada cerca, onde os jardins ornados com immensa copia de flores, e grande numero de estatuas, e bustos, bellas fontes de pedraria, compridos passeyos, e bem ordenadas ruas povoadas de arvores diversas, formaõ primorosamente o sitio mais agradavel, que se vê em Lisboa, sendo antes agreste por natureza. Muito conduz para ennobrecer a magestade desta obra o Palacio Real, que a hum dos seus lados mandou tambem traçar, e erigir o mesmo Soberano com tribunas para a Igreja, e onde hoje habita o Serenissimo Infante D. Manoel. Grandemente illustra tambem esta Regia Casa o admiravel Collegio estabelecido pelo mesmo Rey Fidelissimo, para se ensinarem nelle naõ só as primeiras letras, mas todas as mais artes, e sciencias, as quaes os doutos Congregados vincularaõ de tal sorte com a virtude, que tem idoneos Mestres para cultivar os seus alumnos em grande credito do seu novo Methodo. Lograõ mais hum rico movel de numerosos, e selectos livros, e huma bem trabalhada collecçaõ de Maquinas, e instrumentos para todas as experiencias de seu Curso Fysico, a cujas lições recorrem em dias determinados naõ só a Nobreza, e literatos da Corte, mas as Pessoas Reaes, que muitas vezes tem assistido às operações Fysicas, e Mathematicas deste Collegio.

376 Ficou a Igreja izenta, e livre dos perigosos impulsos do grande terremoto; o Convento porém escapou da ultima ruina, a que está exposta a sua elevada construcçaõ por causa da prevista vigilancia do insigne Caetano Thomaz, que na fundaçaõ mandou segurar com linhas de ferro todo o edificio, e agora para o seu reparo arbitrou o dito Arquitecto quarenta mil cruzados. Os Congregados todavia se abarracaraõ na cerca, onde tambem o Serenissimo Senhor Infante D. Manoel mandou fazer para si huma decente accommodaçaõ de madeira.

Nossa Senhora da Porciuncula. De Religiosos Capuchos Francezes da Provincia da Bertanha, chamados vulgarmente Barbadinhos. Estabeleceraõ-se no anno de 1648 em humas casas, de que lhes fez doaçaõ D. Maria de Guadalupe Duqueza de Aveiro. Naõ experimentou fracasso, nem ruina com o fatal terremoto.

Nossa Senhora dos Remedios. De Religiosos Carmelitas Descalços. Foy fundado no anno de 1606, e para elle se passaraõ os Religiosos com huma devota Procissaõ em 3 de Mayo de 1611 desde humas casas, em que habitavaõ defronte da Igreja de S. Crispim. Faz desta Igreja, e Convento huma exacta descripçaõ o Author da Corografia Portugueza tom. 3. pag. 522. A ruina que esta Igreja, e Convento padeceo com o terremoto, se acha recuperada.

Mosteiros.

Santo Alberto. De Religiosas Carmelitas Descalças. Fundou-o no anno de 1584 o Cardeal Alberto. Com o terremoto ficou taõ arruinado, que todas as Religiosas estiveraõ bastante tempo abarracadas na quinta do Provedor dos Armazens a S. Sebastiaõ da Pedreira. Depois se retiraraõ para o Palacio do Conde da Ribeira à Junqueira, e dahi foraõ para o seu Mosteiro, onde estiveraõ abarracadas na cerca, em quanto se naõ concertou.

Santa Brigida. De Religiosas vulgarmente chamadas Inglezinhas; porque as primeiras Fundadoras, que foraõ quinze, vieraõ expulsas de Inglaterra, fugindo à herezia de Henrique VIII., e chegando a Lisboa no anno de 1594, se estabeleceraõ no bairro do Mocambo, e com esmolas fizeraõ sua Igreja, que a 17 de Agosto de 1651 se queimou, e se passaraõ para o Mosteiro da Esperança, onde estiveraõ hospedadas sete mezes, até que se recolheraõ em humas casas na mesma visinhança, em quan-

to

to ſe naõ fez o novo Moſteiro, e Igreja, para cujo diſpendio concorreo Ruy Correa Lucas, e ſua mulher D. Milicia da Silveira. (1) O prejuizo, que lhe occaſionou o terremoto, ſe vay reparando.

Santo Crucifixo. De Religioſas Capuchas chamadas Francezas da primeira Regra de Santa Clara. Vieraõ as fundadoras de Pariz em companhia da Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya ſua Padroeira, a qual lhes erigio o Moſteiro defronte de S. Bento, que o povoaraõ deſde o anno de 1667. Foy primeiramente da obediencia dos Nuncios deſte Reino, depois por Bulla de Clemente XII., ficou ſujeito ao Ordinario em 23 de Abril de 1739. (2) Os abalos do grande terremoto naõ lhe cauſaraõ ruina conſideravel: as Religioſas porém ſe abarracaraõ na ſua cerca, em quanto ſe naõ repararaõ os prejuizos.

Noſſa Senhora da Eſperança. De Religioſas Franciſcanas, que fundou D. Iſabel de Mendanha, Fidalga illuſtre, no anno de 1530, e entraraõ a povoallo no anno de 1536. (3) Padeceo a Igreja com o forte terremoto baſtante ruina em as abobedas, que foy preciſo apeallas por evitar mayor eſtrago; o meſmo experimentaraõ algumas porções do Moſteiro. Aſſuſtadas as Religioſas com taõ urgente motivo, ſe foraõ abarracar para a ſua cerca, onde exiſtiraõ algum tempo em companhia das Religioſas de Santa Clara, que ſe vieraõ aqui recolher, em quanto ſe naõ acabava hum ſumptuoſo Moſteiro, que o compaſſivo, e Fideliſſimo Senhor Rey D. Joſeph I. tem mandado edificar contiguo a eſte da Eſperança, para nelle ſe clauſurarem as duas Communidades de Santa Clara, e Calvario, que ficaraõ totalmente deſaccommodadas.

Noſſa Senhora da Nazareth. De Religioſas Reco-

[1] Corograf. Portug. tom. 3. p. 516. Ann. Hiſtor. tom. 2. p. 537. [2] Fr. Apollinar. no Clauſtro Franciſcano pag. 161. Corograf. Port. tom. 3. p. 515. [3] Cardoſo no Agiolog. tom. 1. pag. 18.

letas de S. Bernardo. Principiou em hum Recolhimento de mulheres penitentes, o qual se converteo em Mosteiro no anno de 1654 por diligencia do Padre Fr. Vivaldo de Vasconcellos Monge Bernardo. Teve este Mosteiro inteira destruiçaõ com o grande terremoto; por cuja causa toda a Communidade se retirou para o da Esperança, em cuja cerca estiveraõ abarracadas as Religiosas até 25 de Mayo de 1756, em que se foraõ clausurar na quinta chamada dos Louros, situada no Campo pequeno, a qual ElRey lhes comprou por vinte mil cruzados.

Sacramento. De Religiosas Dominicas. Foy fundado pelo Conde de Vimioso D. Luiz de Portugal, e sua mulher D. Joanna de Castro no anno de 1612. Estaõ as Religiosas sujeitas ao Geral da Ordem. O damno que lhe causou o terremoto, está quasi repado.

Nossa Senhora da Soledade. De Religiosas Trinas Recoletas. Foy fundado pelo illustre Flamengo Cornelio Wandali, sobrinho do primeiro Bispo de Gandavo D. Cornelio Jansenio em o anno de 1657. Começou-se a povoar em o de 1661, vindo as Fundadoras do Mosteiro do Calvario. Naõ foy consideravel a ruina, que este Mosteiro experimentou em o dia do terremoto fatal: todavia as Religiosas com o susto foraõ para a Portella, e estiveraõ abarracadas na quinta chamada do Meyo Milhaõ, donde se restituiraõ para o seu Mosteiro em 8 de Janeiro de 1757.

Ermidas.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Sita na rua do Acipreste nas casas de Joseph Machado Pinto, Contratador que foy do Tabaco: parece ser a mesma, a que o Author da Corografia Portugueza dá o titulo da Senhora da Caridade.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Sita nos quarteis de Alcantara, a qual ornaõ, e festejaõ os Soldados da dita Praça de armas.

Nossa Senhora do Monserrate. Na rua larga de S. Bento nas casas de D. Antonio de Meneses.

Senhor Jesus da Via-Sacra. Contigua à Igreja do Mosteiro da Esperança. Foy erecta pelos Irmãos da Via-Sacra, pouco antes do terremoto. Depois se começou a dizer nella Missa, e hoje he da invocaçaõ do *Espirito Santo*, onde os naturaes das Ilhas fazem todos os annos grande festa. As Ermidas, que se erigiraõ nesta Freguezia depois do terremoto, saõ as seguintes.

Senhor Jesus dos Navegantes. Na rua, que de novo se fez chamada do Quelhas para diante do Convento da Estrella: principiou de madeira, hoje se acha fabricada de cantaria lavrada.

Senhora da Lapa. Cuja Imagem, que he perfeita, mandou fazer o Padre Angelo de Siqueira, Clerigo Secular, e Missionario Apostolico. Junto desta Ermida está hum Recolhimento chamado das Orfãs desamparadas, erecto pela exemplar piedade de Monsenhor Brandaõ, Prelado da Santa Igreja Patriarcal, que chegou nelle a recolher, e sustentar caritativamente mais de sessenta meninas, que andavaõ dispersas, e expostas aos desarranjos, e perigos, que occasionara o formidavel terremoto. Porém eleito em Bispo do Funchal, e transferindo-se para o governo do seu rebanho em o anno de 1757, ficou Monsenhor Sampayo substituindo a conservaçaõ das ditas Orfãs, que presentemente saõ só treze.

377 Constava esta Freguezia antes do terremoto de mil e oitocentos fógos, e pessoas de communhaõ oito mil cento e cincoenta. Presentemente se tem augmentado muito com a construcçaõ de novos edificios, e propriedades, que formaõ largas, e espaçosas ruas, das quaes a mayor parte ainda naõ tem nome, sendo das antigas os seguintes.

Ruas.

Arcipreste, S. Alberto, Amoreira, Santa Anna, Barbadinhos, Bellavista, da Mesquistella, S. Bento,

to, S. Bento das Trinas, Bernardas, Boavista, Caetano Palha, Calçada de S. Bento, Campo das Trinas, Casas novas das Necessidades, Cura, Esperança, Ferreiros, Fresca, Gaivotas, Guarda mór, Janellas Verdes, Inglesinhas, S. Joaõ de Deos, Madres, Mandragoa, Marianos, Mercatudo, Olival, Palha, Pampulha, Pé de Ferro, Pescadores, Poço dos Negros, Poyaes de S. Bento, Sacramento, Silva, Torre da Polvora.

Travessas.

Atafona, Castello Picaõ, Conde de Obidos, Doutor, Inglezinhas, Isabeis, Oliveira, Pastelleiro, Praya. (1)

Freguezias confinantes.

Nossa Senhora da Ajuda, Santa Catharina, Santa Isabel, S. Paulo.

XXXVIII.

---

[1] He muito para reparar o milagre continuo, que testifica a gloriosa memoria do martyrio dos Santos Verissimo, Maxima, e Julia, achando-se por todas as prayas contiguas a esta Igreja humas pedrinhas roliças salpicadas de sangue, e com huma Cruz nellas impressa, das quaes conservamos algumas, e saõ tidas em grande estimaçaõ pelos devotos. Lembra se dellas hum Hymno antigo, que refere Fr. Agostinho de Santa Maria na Historia Tripartita, onde se lê em huma Estrofe, fallando dos Santos Martyres.

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera
Exculpsit fluidus sanguis imaginem
Non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
Testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no Romanceiro dos Reys de Portugal part. 1. Rom. 26.

Ay en ti pedras redondas,
de las quales Plinio escrive
cerca de Santos el viejo,
que una Cruz a todas ciñe.
Que metidas en la massa,
si es que brevidad se pide,
sazonan al punto el pan,
y dellas suelen servirse.

XXXVIII.

S. Sebaſtiaõ da Pedreira.

378 REinando ElRey D. Joaõ IV., e eſtando a Santa Igreja de Lisboa em Sé vacante, ſe eſtabeleceo eſta Paroquia pelos annos pouco mais ou menos de 1652, edificando-ſe a Igreja à cuſta dos Freguezes, e junto de huma antiga Ermida com a meſma invocaçaõ, que era dos Carpinteiros da rua das Arcas, onde coſtumava aſſiſtir deſde que veyo da India o Patriarca de Alexandria D. Joaõ Bermudes, o qual fallecendo no anno de 1570, e mandando-ſe alli ſepultar, foraõ depois ſeus oſſos transferidos por ordem de D. Filippa de Tavora ſua ſobrinha, para o cruzeiro da Capella mór da nova Igreja, onde preſentemente jazem em ſepultura raza com as ſuas armas eſculpidas ſobre a campa, e com a humilde inſcripçaõ: *Sepultura do Patriarca Da Lexandria Dom Joaõ Bermudes.* (1)

379 Tem o Paroco predicamento de Vigario, que apreſenta o Eminentiſſimo Patriarca, e lhe rende trezentos e cincoenta mil reis. Exiſtem neſta Igreja quatro Irmandades: a do Santiſſimo, que apreſenta tres Capellas huma de ſetenta e tres mil reis, e as duas de ſeſſenta cada huma. Poſſue huma caſa de deſpacho das mais nobres, e aſſeadas, que tem a Corte, com hum precioſo movel de todos os paramentos precioſos para o culto Divino: a das Almas, que adminiſtra, e provê oito Capellas ſeis de ſeſſenta mil reis cada huma, e duas de cincoenta: a de S. Sebaſtiaõ, que apreſenta, e provê huma Capella de cincoenta mil reis: e a do Senhor Jeſus

[1] Deſte Patriarca eſcreve o P. Joſeph Caſſani tom. 7. pag. 318. na Continuaçaõ dos Varões illuſtres de Nieremberg. Cardoſ. Agiolog. tom. 2. p. 362. Ann. Hiſtor. tom. 1. p. 534., e Brandaõ na Monarq. Luſit. liv. 18. cap. 15.

ſus da Via-Sacra com ſeu depoſito, e Oratorio ſeparado pouco mais abaixo da Igreja. Ficou intacta eſta Igreja Paroquial dos horriveis impulſos do terremoto.

380 Dentro dos limites deſta Paroquio eſtá incluſo o ſeguinte

Convento.

Santa Rita. De Religioſos Agoſtinhos Deſcalços. Exiſte na eſtrada de Andaluz, e tomaraõ delle poſſe os Religioſos em 2 de Abril de 1749. Foy muito pequeno o damno, que lhe cauſou o terremoto.

Ermidas.

Santa Anna. Em Sete Rios na quinta de D. Antonio Ignacio da Silveira.

Santo Antonio. Na Cruz da Pedra.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel Alvares Louſa, onde chamaõ o Pinhal.

Santo Antonio. Na quinta que foy do Duque de Aveiro.

Noſſa Senhora do Cabo. Na rua Direita, e nas caſas de Fernando Antonio Prégo.

Noſſa Senhora do Carmo. Ao Rego na quinta dos herdeiros de Antonio Furtado de Mendoça.

Noſſa Senhora do Carmo. Na quinta de Antonio das Neves Collaço às Picoas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta de Rodrigo Ximenes.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta dos Louros. Eſta quinta comprou ElRey Fideliſſimo D. Joſeph I. por vinte mil cruzados para nella ſe clauſurarem as Religioſas Bernardas em 25 de Mayo de 1756.

S. Joaõ Bautiſta. Em Palhavã na quinta, e palacio, que foy do Conde de Sarzedas, e onde habitaraõ os Senhores D. Antonio, e D. Gaſpar Arcebiſ-

bispo de Braga, e D. Joseph que foy Inquisidor Geral, filhos declarados de ElRey D. Joaõ V. Supposto naõ padecer esta Ermida, nem o palacio ruina consideravel, os Senhores se abarracaraõ no seu jardim com a mayor parte da sua familia, mandando tambem apontoar o edificio para mayor segurança delle.

S. Joaõ Bautista. Na quinta das Larangeiras.

Nossa Senhora dos Martyres. Na rua da Piedade ao Rego, e na quinta dos herdeiros de Jacinto Dias Braga.

Nossa Senhora da Piedade. Em Campolide na quinta, que possuem os Padres Congregados do Oratorio. Todas estas Ermidas padeceraõ pouca ruina.

381 Constava esta Freguezia antes do terremoto de duas mil e cem pessoas de communhaõ: presentemente se lhe tem augmentado o numero, e se distribuem pelas seguintes

Ruas.

Convalecença, S. Francisco Xavier, Palhavã, Pidade, Rua nova nas Picoas, Rua direita, do Rebello, Sete Rios, Travessa, que vay para a Carreira dos Cavallos.

Freguezias confinantes.

Senhora dos Anjos, Bemfica, Santa Isabel, S. Joseph, Pena, Santos Reys do Campo Grande.

XXXIX.

Nossa Senhora do Soccorro.

382 HE esta Paroquia filial da de Santa Justa, donde se desmembrou em tempo do Arcebispo D. Miguel de Castro, collocando-se na Igreja de S. Sebastiaõ da Mouraria, que era dos Artilheiros, pelos annos de 1596, e se começou a intitular Freguezia de S. Sebastiaõ da Mouraria. Foyse augmentando o numero dos Freguezes, e pare-

cendo pequena a Ermida, determinaraõ fabricar outro mayor Templo, para cujo edificio concorreo com o mayor gasto Agostinho Franco de Mesquita, e sua mulher D. Anna da Cunha, que como Padroeiros da Capella mór jazem alli sepultados. Com tanto fervor se diligenciou a obra da nova Igreja, que em 29 de Setembro de 1646 foy nella collocado o Santissimo Sacramento, vindo em procissaõ da sobredita Ermida, donde tambem se transferio a Imagem da Senhora do Soccorro, que deu titulo ao novo Templo, e Paroquia. (1)

383 Logo nos seus principios tiveraõ os Parocos predicamento de Curas, depois se intitularaõ Vigarios, que hoje conservaõ, sendo da collaçaõ Ordinaria, cujo rendimento extrahido dos direitos Paroquiaes chega a seiscentos mil reis. Administra, e apresenta a Irmandade do Santissimo seis Capellas de Missa quotidiana, tres das quaes rendem sessenta mil reis cada huma, e as outras tres saõ de cincoenta. A Irmandade das Almas com a invocaçaõ de Santo André apresenta dezaseis Capellães de Missa quotidiana com cincoenta mil reis de congrua.

384 Ha mais nesta Igreja duas Capellas instituidas pelos Padroeiros, que apresenta a Mesa da Misericordia desta Cidade com a congrua de trinta e cinco mil reis, e casas para morar o Capellaõ junto à Capella mór da Igreja, onde tambem estaõ casas para habitarem tres Mercieiras com obrigaçaõ de ouvirem as ditas Missas, e se lhes dá em dinheiro a cada huma quatorze mil e quatrocentos reis, e se lhes assiste com Medico, e botica nas doenças. O Paroco tem casas com os ditos Capellães com obrigaçaõ de tomar conta da residencia das Mercieiras.

385 No

[1] Corograf. Portug. tom. 3. pag. 408. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 370.

385 No dia memoravel do grande terremoto se arruinou, e ficou por terra a Capella mór, e o cruzeiro da Igreja, como tambem as Capellas do Santo Christo, Nossa Senhora do Soccorro a velha, e a de Santo Antonio, e o mais que permaneceo em pé, ficou summamente estremecido, e arruinado. Naõ morreraõ neste estrago mais que quatro pessoas, que foraõ o Padre Joseph Formaõ Capellaõ das Almas, e tres mulheres. Cuidou-se logo em transportar o Sacramento para a Ermida de Nossa Senhora da Conceiçaõ, que está na segunda portaria do Collegio que foy de Santo Antaõ, de donde passou para a mesma antiga Igreja.

386 No seu destricto se achaõ situados os seguintes

Collegios.

Santo Antaõ. Foy este Collegio de Jesuitas fundado no anno de 1579 com adjutorio do Cardeal D. Henrique, em cujo magnifico edificio se lançou a primeira pedra a onze de Mayo. Concluido elle, vieraõ os Padres habitallo, vendendo aos Religiosos Gracianos a antiga residencia, ou primeiro Collegio, que possuhiaõ no bairro da Mouraria. Compunha-se esta grandiosa fabrica de hum magestoso Templo de pedraria, para cujo dispendio concorreo a grande liberalidade da Condessa de Linhares D. Filippa de Sá, a qual escolheo para seu jazigo a Capella mór, primorosamente obrada. Nesta Igreja se disse a primeira Missa no anno de 1652 em dia de Santo Ignacio, a quem se dedicou, com toda a solemnidade. (1) O Collegio se compunha de varios Cathedraticos Jesuitas, que ensinavaõ publicamente as Artes, e Faculdades, distribuidos por diversas Classes, e Aulas, onde a instrucçaõ dos estudantes se fazia gratuita.

Iii ii 387 Via-

[1] Cardoso no Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 425.

387 Via-se este Convento, e Collegio sumptuosissimamente renovado, e augmentado em primorosa Sacristia, excellentes torres, espaçosos dormitorios, e em todas as mais partes, que ornaõ hum magnifico artefacto; tudo por actividade do Padre Joaõ Bautista Carbone, Jesuita Napolitano, a quem ElRey D. Joaõ V. muito estimava, o qual sendo Reitor do dito Collegio falleceo aqui a 5 de Abril de 1750; quando succedendo o terrivel Metheoro do espantoso terremoto, se precipitou o zimborio da Igreja, ficando esta em muitas partes arruinadissima, e huma das suas torres: o mesmo estrago experimentou o Convento, principalmente o dormitorio, que cahia para a parte das Classes; perecendo nesta fatalidade tres Religiosos, que eraõ o Padre Marcello Leitaõ, e dous Cathedraticos, além de outras vinte pessoas seculares. Foraõ logo os Padres refugiarse na sua cerca, na qual se abrigou tambem innumeravel povo; e fazendo varios abarracamentos para seu commodo, e huma Igreja de madeira, alli se conservaraõ, em quanto naõ foraõ expulsos de todo.

Santo Antaõ o Velho. Chamado vulgarmente o Collegìnho. De Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, situado na raiz do Castello, no bairo da Mouraria. Foy a primeira habitaçaõ, que os Padres Jesuitas tiveraõ neste Reino, e onde assistio S. Francisco Xavier, antes que fosse allumiar o Oriente com as luzes do Evangelho. Dizem alguns, que fora morada dos Templarios; outros affirmaõ, (1) que fora mesquita dos Mouros, e que a Rainha D. Leonor mulher de ElRey D. Joaõ II. a mandara purificar, e erigir nelle o Mosteiro de Religiosas Dominicas, que depois passaraõ para o sitio da Annunciada, por troca, que fizeraõ com os Padres de San-

[1] Cardoso no Agiolog. Lusit, tom. 1. p. 105. e tom. 2. p 424. Santuar. Marian. tom. 1. p. 118.

Santo Antaõ Abbade, e estes com os Jesuitas, os quaes ultimamente o venderaõ aos Religiosos Gracianos aos 28 de Abril de 1594, que até hoje o possuem, e habitaõ como Collegio, onde ha estudos de Theologia, em que lem quatro Mestres, que regem as quatro cadeiras, e daqui sahem muitos operarios para as Missões, que a Religiaõ manda para o Estado da India. Padeceo este Collegio grande estrago no dia do terremoto, pois todo elle ficou arruinado, e a sua Igreja cahio toda por terra, excepto a Capella mór, e ficando debaixo do entulho sete mulheres, todas escaparaõ, posto que mal tratadas, e feridas. Os Religiosos se abarracaraõ na sua cerca, onde fizeraõ huma Capellinha para os Officios Divinos, em quanto se naõ reedificava o Collegio, e a Igreja.

Jesus. Este Collegio he dos Meninos Orfãos, situado na rua da Mouraria. Teve sua primeira fundaçaõ pela Rainha D. Brites, mulher de ElRey D. Affonso III., e Māy de ElRey D. Diniz, o qual Collegio dotou depois a Rainha D. Catharina, mulher de ElRey D. Joaõ III. (1) Pelo Regimento, com que se governa este Collegio feito em 20 de Agosto de 1615, consta ser instituido no anno de 1549 a instancias do Padre Pedro Domenec, natural de Catalunha, Conego de Barcelona, e Capellaõ do dito Rey, por Breve, que passou o Nuncio deste Reino D. Joaõ Arcebispo Sepontino, no qual Breve se involvia naõ só o titulo da invocaçaõ, que era o da Senhora de Monserrate, mas se nomeava huma tal Confraria do Menino Jesus, donde talvez nasceria o chamarse o Collegio de Jesus. A instituiçaõ só dá faculdade para aceitarem naõ mais que trinta Orfãos desamparados, preferindo sempre os naturaes de Lisboa, e seu Arcebispado. (2) Ultimamente se ha-

[1] Monarq. Lusit. liv. 18. cap. 9. [2] Faria Asia Portug. tom. 2. p. 288 Cardos. Agiolog. tom. 3. p. 874. Oliveira Grandez. de Lisb. pag. 68.

havia reedificado todo efte Collegio defde os alicerfes por ordem, e difpendio do Fideliffimo Rey, e Senhor D. Jofeph, e concluido no anno de 1754, como conita da infcripçaõ de hum padraõ grav.da em pedra, que eftá no pateo, ou portaria Com o terremoto padeceo fua ruina, cahindo huma porçaõ de parede para a parte, que confina com a rua de Joaõ de Oiteiro: eftalaraõ, e abriraõ varias abobedas, e paredes, mas tudo facilmente reparavel. Ninguem pereceo nas ruinas, nem no Collegio, porque fe foraõ logo abarracar na cerca. Prefentemente affiftem aqui poucos Collegiaes por falta de rendas fufficientes. Tem hum Provedor, ou Confervador, que hoje anda em hum dos Deputados da Mefa da Confciencia: tem mais hum Reitor Clerigo, hum Vice-Reitor, e hum Meftre de Latim.

Ermida.

Noffa Senhora da Saude. Foy efta Ermida erecta, e dedicada pelos Artilheiros a S. Sebaftiaõ: e collocando-fe nella a Imagem de Noffa Senhora da Saude em 20 de Abril de 1662, em cujo dia fahio com folemne prociffaõ da Igreja dos Meninos Orfãos, onde havia eftado noventa e tres annos, defde entaõ fe começou a intitular a Ermida de Noffa Senhora da Saude. (1) Arruinou-fe com o terremoto; porém já fe acha reparada, e fe diz nella Miffa. Fronteiro da Igreja dos Meninos Orfãos eftá hum nicho, onde fe venera huma Imagem do noffo gloriofo Patricio Santo Antonio, com quem os Lisbonenfes tem grande devoçaõ.

388 Conftava efta Freguezia antes do terremoto de mil e feifcentos fógos, hoje fó fe acha com oitocentos e quarenta diftribuidos pelas feguintes

Ruas.

---

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 264.

Ruas.

Amoreira, Calçada do Collegio, Canos, Capellaõ, Carreirinha, Cavalleiros, Collegio, Collegiinho, Detrás de S. Domingos, Entre as hortas, Joaõ de Oiteiro, Largo da Igreja, S. Lazaro, Livreiros, Mouraria, Parreiras, Paço do Bemformoſo, Rua nova da Palma, Sima, Suja, Tendas, S. Vicente.

Becos.

Amoreira, Barbaleda, Cozinheiro, Craſto, Jaſmim, Mello, Tres Engenhos.

Freguezias confinantes.

Anjos, Santa Juſta, Pena.

XL.

S. Thomé.

389 SUppoſto naõ poder averiguarſe a verdadeira origem deſta Igreja he ſem duvida, que ella goza de huma grande antiguidade. Do primeiro livro dos Privilegios, e Mercês de Reys, e Principes fol. 25., que ſe conſervava no cartorio de Santa Maria, conſtava que ElRey D. Dinis com a Rainha Santa Iſabel fizera doaçaõ ao Moſteiro de Alcobaça do Padroado da Igreja de S. Thomé pelos annos de 1320. Conſta mais, que no anno de 1414 mandara a Univerſidade entaõ exiſtente em Lisboa, tomar poſſe deſta Igreja, que tinha vagado por morte de ſeu Prior Gomes Joaõ. (1) Dos tempos mais chegados a nós temos memorias da ſua exiſtencia no anno de 1551, ſegundo o Summario, que entaõ imprimio Chriſtovaõ Rodrigues de Oliveira. E na Sacriſtia deſta Igreja exiſte huma ſepultura de Affonſo Gomes de Abreu, e ſua mulher Maria Antunes, que falleceo aos 11 de Janeiro de 1591.

390 He

[1] Leitaõ Ferreira Notic. Chronolog. n. 587. pag. 256.

390 He eſte Priorado de concurſo, e da apreſentação Ordinaria, da lotação de trezentos mil reis liquidos, depois de tirada a terça em todos os frutos, excepto offertas, Capellas, e Laudemios, que paga à Univerſidade de Coimbra. Tem cinco Beneficios, que apreſenta o Prelado, e rende cada hum oitenta mil reis. Inſtituio aqui o Padre Henrique Fernandes Homem huma Capella de cento e cincoenta mil reis, que adminiſtra, e provê em concurſo a Ordem Terceira da Graça. A Irmandade das Almas provê tres Capellas de cincoenta mil reis cada huma. Ha mais a Irmandade do Senhor Jeſus do Penedo com ſeu Capellaõ.

391 Fez o terremoto eſtremecer, e cauſar alguma ruina neſta Igreja, mas naõ derrubou ſenaõ algum eſtuque, e pintura da abobeda da Capella mór, e azulejos do Còro, tendo a felicidade de naõ morrer peſſoa alguma dentro da Igreja, poſto que perecèraõ no meſmo dia trinta e nove paroquianos em outras partes diverſas. A Imagem do Senhor Jeſus do Penedo, que era de barro mas muito antiga, e feita na India, caindo do Altar, e Capella em que eſtava, ſe fez em pedaços; mas os Irmãos da ſua Irmandade mandaraõ fazer outra da meſma grandeza, que ſe collocou ſolemnemente no meſmo Altar em 3 de Mayo de 1757. Os actos Paroquiaes ſe fizeraõ ao principio na meſma Igreja, da qual ſe mudou o Santiſſimo para a do Menino Deos onde eſteve até dia de S. Bartholomeu do anno de 1762, em que ſe transferio para a ſua propria Igreja.

392 Dentro dos limites deſta Freguezia exiſte o ſeguinte

Hoſpicio.

Menino Deos. He eſte hum Recolhimento de Mantelatas da Ordem Terceira de S. Franciſco de Xabregas, onde tambem ha Hoſpital para enfermos da meſma Ordem. Teve principio a ſua fundação no

an-

anno de 1710; porém a 4 de Julho de 1711 lhe lançou a primeira pedra no edificio a Mageſtade de El-Rey D. Joaõ V. concorrendo com grande eſmola para continuaçaõ da obra. A Ordem Terceira ſe obrigou por huma eſcritura a pagar todos os annos ſetenta mil reis ao Prior, e Beneficiados deſta Paroquia pela falta da regalia das feſtas, que a meſma Ordem executa com os Religioſos neſte Hoſpicio, e por poderem ſepultar na ſua Igreja os Terceiros. Ficou eſta Igreja livre do perigo, e para elle foraõ os Conegos, e mais Baſilica de Santa Maria reſidir; ſendo a primeira vez, que exerceraõ os actos Eccleſiaſticos dia do Anjo Cuſtodio do anno de 1757, havendo antecedentemente eſtado na barraca da Freguezia de S. Joſeph. As enfermarias porém deſte Hoſpicio, e a caſa do deſpacho da Ordem Terceira ficaraõ muito arruinadas.

393 Conſtava eſta Paroquia antes do terremoto de duzentos e ſetenta e cinco fogos; hoje numera duzentos e cincoenta exiſtentes em caſas; e em barracas quarenta e tres: peſſoas de communhaõ neſte preſente anno, ſaõ novecentas e oitenta e nove, diſtribuidas pelas ſeguintes

Ruas.

Adro da Igreja, Calçada do Menino Deos, Calçadinha detrás da Igreja, Calçadinha de S. Thomé, Cego, Eſcolas Geraes, Hoſpital do Menino Deos, Portas do Sol, Portaria do Salvador, Rigueira.

Becos.

Era, Funil, Maldonado, Norte, Oliveirinha.

Freguezias confinantes.

Santo André, Santa Cruz do Caſtello, Santa Marinha, Salvador, Santiago, S. Vicente.

XLI.

S. Vicente.

394 EStabeleceo se esta Paroquia dentro do insigne, e sumptuoso Templo de S. Vicente de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que apresentaõ o Cura, sobre a qual jurisdiçaõ houve grandes demandas com a Mitra, que vieraõ finalmente a resolverse no anno de 1541, em que julgou o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos ser a Paroquia do Convento de S. Vicente isenta da jurisdiçaõ Ordinaria, que o Papa Paulo III. confirmou aos 12 de Junho no anno oitavo de seu Pontificado. (1)

395 Rende esta Igreja ao Cura duzentos e cincoenta mil reis certos, e a Irmandade do Santissimo apresenta quatro Capellas de quarenta e cinco mil reis cada huma, e Missa livre. A das Almas provê duas da mesma congrua. Ha mais as Irmandades de Nossa Senhora das Necessidades, e a de Nossa Senhora do Pilar, que naõ tem Capellães. Comprehende o seguinte

Convento.

S. Vicente. De Conegos Regulares de Santo Agostinho. Foy fundado primeiramente pelo Veneravel Heroe D. Affonso Henriques para jazigo dos Cavalleiros Alemães, que morriaõ na expugnaçaõ de Lisboa, lançando-lhe elle mesmo a primeira pedra fundamental aos 21 de Novembro de 1147. (2) Entre aquelles illustres Cavalleiros, que entaõ morreraõ, resplandeceo em prodigios hum chamado Henri-

---

[1] Cunha nos Bisp. de Lisb. part. 2. cap. 4. num. 7. Sousa Histor. Genealog. tom. 12. liv. 13. p. 130. [2] D. Nicol. de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regr. part. 2. cap. 3. num. 3.

rique, natural de Colonia, de cuja ſepultura rebentou, e ſe produzio huma palmeira, que com o ſeu contacto dava ſaude aos enfermos. (1) Depois foy eſta Igreja, e Convento reedificado magnificamente por ElRey Filippe II., cuja primeira pedra lhe lançou o Cardeal Alberto em 25 de Agoſto de 1582, eſtando preſente o dito Rey, o qual mandara demolir huma Igreja, que ElRey D. Sebaſtiaõ havia começado a fundar à borda do Tejo na ponta do Terreiro do Paço junto à Alfandega, collocando nos ſeus aliceſſes a primeira pedra em Março de 1571, e havendo-ſe trabalhado nella alguns annos, com o parecer de muitas peſſoas prudentes, que obſervaraõ incongruencias naquelle ſitio para o culto Divino, ElRey Filippe a mandou desfazer, e applicar a meſma conſignaçaõ, e materiaes para a Igreja de S. Vicente de Fóra, onde pelos frizos da cimalha real ha flechas aſpadas, que bem moſtraõ ſer pedras do Templo demolido, pois que ElRey D. Sebaſtiaõ o fundava com o intuito de o dedicar ao invicto Martyr S. Sebaſtiaõ, para ſer cabeça de huma nova Ordem Militar, intitulada da Flecha, que meditava inſtituir. (2) Paſſados vinte e tres annos, que ſe gaſtaraõ neſta ultima fabrica, ſe collocou na ſua Igreja o Santiſſimo Sacramento em 18 de Mayo de 1605. (3) He todo eſte edificio magnifico, e de primoroſa arquitectura; cujo tecto da ſua nobiliſſima Portaria foy pintado pelo famoſo Bacarelli com a delineaçaõ, e regras de admiravel perſpectiva.

396 Aos violentos impulſos do terremoto eſtremeceo todo eſte grande edificio, e ſe proſtrou logo cahindo no meyo da Igreja o ſeu formoſo, e admiravel zimborio, e muitas pyramides, que por ornato o cercavaõ: a meſma ruina padeceo o Conven-

[1] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 1. cap. 33 n. 8. Marinho de Azev. Antig. de Lisboa liv. 4. cap. 28. [2] Faria nas Rim. de Cam. Oitav. 3. p. 119. Santuar. Marian. tom. 1. p. 217. [3] Cunha nos Biſpos de Lisboa part. 2. cap. 4. n. 7.

to, em o dormitorio de cima da parte do Nascente com outras muitas porções da sua fabrica, mas sem o infortunio de perecer nelle mais que huma, ou duas pessoas; porém na Freguezia morreraõ mais de cincoenta e sete, e se arruinaraõ muitas propriedades de casas em todo o seu ambito, em que entrou o palacio do Conde de Val de Reys, o de D. Josefa Helena, o de D. Diogo de Napoles, o em que morava Pedro Jansen, o de Ruy Vaz de Siqueira, o de Joseph Galvaõ de Lacerda, e outros mais; de que alguns já se repararaõ; outros jazem nas mesmas ruinas. Transferiraõ-se logo os Religiosos para a sua cerca, onde se abarracaraõ; naõ deixando com tudo de exercitar exemplarmente a virtude da caridade para com o povo afflicto, e desamparado, que se foraõ valer do seu abrigo, e piedade. Tem-se feito alguns reparos no Convento mais precisos.

Mosteiro.

Santa Monica. De Religiosas de Santo Agostinho. Foy fundado no anno de 1586, por D. Maria de Abranches, Senhora illustre, filha de Alvaro de Abranches Capitaõ mór de Azamor; a qual no primeiro de Janeiro do sobredito anno lhe lançou a primeira pedra fundamental com suas proprias mãos; e começou a povoarse de Religiosas desde onze de Outubro do mesmo anno. (1) Arruinou-se, e destruio-se neste Mosteiro com o extraordinario terremoto a porçaõ mais moderna do seu edificio, fundindo-se perto de cento e sessenta commodos, que estavaõ perfeitamente acabados: nestes estragos pereceraõ sete Religiosas; entre as quaes se faziaõ distinctas na pratica das virtudes Soror Magdalena de Christo, Soror Perpetua das Brotas, e Soror Maria Leocadia: morreraõ tambem duas seculares, duas

---

[1] Anno Historic. tom. 1. pag. 16.

duas criadas, e huma negra, e na Igreja ſe proſtrou, e deſtruio totalmente a Capella mór com a morte de algumas peſſoas.

397 Eſte ſucceſſo taõ eſpantoſo motivou a toda a Communidade, que conſtava de cento e noventa e duas Religioſas, além de muitas ſeculares, educandas, e criadas, que por todas faziaõ o numero de trezentas peſſoas, a irem refugiarſe para a cerca; e ſahindo pelas oito horas da noite com grande trabalho, alli paſſaraõ até o Domingo pela manhã cheyas de ſuſtos, e afflições: daqui ſe mudaraõ para a quinta contigua chamada do Abelha, e fazendo erigir promptamente hum Altar, nelle ſe celebrou Miſſa para cumprirem com o preceito, e rezaraõ o Officio Divino. Paſſaraõ neſte ſitio todo aquelle dia, e noite calamitoſamente ſem abrigo algum, até que a meſma neceſſidade lhes fez lembrar o refugio da quinta da Mitra, que o Eminentiſſimo Patriarca poſſue em Marvilla. Com eſta determinaçaõ ſe pozeraõ ao caminho proceſſionalmente, e nelle gaſtaraõ deſde as oito horas da manhã do dia terceiro de Novembro até às cinco horas da tarde do meſmo dia, em que chegaraõ muito quebrantadas de forças mas naõ de animo. Accommodaraõ-ſe em algumas caſas do Palacio, que lhes mandou franquear Sua Eminencia, onde exiſtiraõ exercitando recta, e exemplarmente as ſuas obrigações Religioſas, em quanto ſe naõ reſtituiraõ para o ſeu antigo domicilio.

Hoſpicio.

Noſſo Senhor Jeſus Chriſto. De Religioſos Thomariſtas da Ordem de Chriſto. Arruinou-ſe com o terremoto.

398 Conſtava eſta Freguezia de quinhentos e quarenta e quatro fógos; hoje ſe acha com diminuiçaõ de cincoenta pouco mais ou menos, diſtribuidos pelas ſeguintes

Ruas.

Ruas.

Adro de Santo Estevaõ, Adro da Graça, Alfurja, Arco de S. Vicente, Atafonas, Cruz de Santa Elena, Cruz do Mão, Escolas Geraes, (1) Loureiro, Marco Salgado, Monsinhos, Oiteiro da Amendoeira, e da Fundiçaõ, Pateo da Atafona, Tijolo, Tilheiro de S. Vicente, S. Vicente, Vigario.

Becos, e Travessas.

Amador, Beguinas, Clerigos, Corretor, Mó, Travessa das Bruxas, e de Santa Marinha, e de Santa Monica.

Freguezias confinantes.

Santa Engracia, Santo Estevaõ, Santa Marinha, Salvador, S. Thomé.

CAPITULO III.

Igrejas Paroquiaes no Termo de Lisboa.

1 O Que chamamos Termo de Lisboa terá quando muito o espaço de nove legoas de comprido, se contarmos de Oeiras até Santiago dos Velhos; e de largo pouco mais de tres legoas. Luiz Mendes de Vasconcelos lhe configurou mayor ex-

---

[1] Nesta rua, que sobe para o Convento de S. Vicente de Fóra, se conservaõ humas casas com o nome de *Escolas geraes*, onde estiveraõ os Estudos publicos na segunda mudança, que ElRey D. Manoel no anno de 1503 mandou dispor em fórma de Universidade, para alli se ensinarem as Sciencias. Depois passaraõ estas casas a varios possuidores; e antes do terremoto as possuhia o Capitaõ mór do Sardoal Francisco Xavier de Mendoça, e habitava nellas Monsenhor Amaral. Com o terremoto se arruinaraõ grandemente. Os curiosos podem ler a Fr. Francisco Brandaõ na 5. parte da Monarquia Lusitana liv. 16. cap. 82, e ao Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira nas Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra num. 930.

extenſaõ em todo o ſeu ambito, porque diz que terá dez legoas de comprido, contando de Torres até Caſcaes, e cinco de largo. (1) O certo he que todo eſte circuito he hum terreno muito povoado, alegre, e fertil, por onde antigamente os Sereniſſimos Reys de Portugal tinhaõ ſuas caſas de recreaçaõ, e regalo, convidados da bondade do ſitio, que por todas as partes merece ſer buſcado, e habitado. (2) Hoje bem póde livremente chamarſe huma Cidade continuada, cujos habitadores, e colonos ſaõ muito aptos para a lida do campo, e naõ menos as mulheres, as quaes ſaõ aſſiſtidas de hum animo taõ varonil, que metem em grande admiraçaõ aos eſtrangeiros. (3) Compoem-ſe de trinta e tres Freguezias repartidas pelos Lugares ſeguintes. (4)

I.

Ameixoeira.

2 AFfaſta-ſe eſte Lugar de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte. Eſtá em hum ſitio elevado que o faz ſer alegre, e lograr hum ar ſalutifero. He terra de ElRey, e conſta de ſetenta viſinhos ſubordinados nas cauſas Civeis, e Crimes ao Corregedor do bairro de S. Paulo de Liſboa. A Paroquia he dedicada a Noſſa Senhora com o titulo da Incarnaçaõ, cuja Imagem he antiquiſſima,

---

[1] Vaſconcel. no Sitio de Lisb. p. 165. [2] Monarq. Luſit. liv. 17. cap. 23. E Damiaõ de Goes na Deſcripçaõ de Lisboa que compoz em Latim, diſſe: *Quo excurſu crebra villarum ſuburbanarum ædificia, mira elegantia, & amœnitate conſtructa, licet cernere.* [3] *Cùm paſſim in Luſitania videantur mulieres adeo generoſæ, ac robuſtæ; cujuſmodi ventitant Oliſiponem ex pagis, & viculis circumvicinis, quæ gentes exteras non minus Chriſtiano pudore, quàm maſculo robore in ſtuporem ſui adducunt.* Diſſe o P. Bento Fernandes tom. 2. in Geneſ. cap. 24. ſect. 3. n. 10. [4] O P. Santa Maria no Ceo aberto pag. 493. diz que o Termo de Lisboa comprehende cincoenta e nove Paroquias: devia figurarlhe mayor extenſaõ.

ma, e por ella obra Deos muitos milagres. Foy achada entre hum funchal, donde em outro tempo foy invocada com efte titulo, que confervou até o anno de 1541. (1) O edificio da Igreja he antes do anno de 1500; porque no de 1664 fe começou a reedificar à cufta de ElRey, e tambem de efmolas particulares.

3 Era efta Igreja annexa à Freguezia do Lumiar; porém no anno de 1536 fe defmembrou della, para fe eftabelecer nova, e diftincta Paroquia, obtendo para iffo Breve do Nuncio Apoftolico, que ou era Marcos Vigerio, ou Pompeyo Zambucari, cuja ifençaõ foy depois confirmada por varias Bullas Pontificias, que fe guardaõ no Cartorio da Igreja. O Paroco até o anno de 1726 teve o titulo de Cura, hoje he collado no de Reitor, que aprefenta a Mefa da Confraria da Senhora, e lhe renderá cem mil reis. Ha na Igreja tres Irmandades, a do Santiffimo com muitas indulgencias, a da Senhora do Rofario incorporada na do Santiffimo, e a das Almas.

4 Foy efte fitio habitado pelos Romanos, como confta da infcripçaõ aqui achada no anno de 1720. (2) Depois os Mouros fizeraõ grandes tulhas, ou covas para recolherem os feus frutos, das quaes pelo tempo adiante fe serviraõ tambem os Templarios, a que fe feguiraõ os Cavalleiros da Ordem de Chrifto.

5 No deftricto defta Freguezia ha as feguintes

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta de Manoel de Foyos de Soufa, que edificou feu pay o Doutor Luiz de Foyos de Soufa Vereador da Camera de Lisboa no anno de 1684.

S

---

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 423. [2] Cardofo no Diccionar. Geograf. tom. 1. p. 443.

S. Bento. Na quinta do Doutor Antonio Falcaõ de Serpa Sotomayor, e edificada no anno de 1631 por Bento Rodrigues Taveira.

S. Gonçalo de Amarante. Na quinta de Luiz Francisco Pimentel Cosmografo mór do Reino, o qual a tem reformado, e augmentado com grande asseyo.

6 Havia mais a Ermida de *Jesus Maria Joseph* nas casas do morgado, que instituio o Conego da Sé de Evora Joseph Pinto de Amaral; e outra de *Santo André*; mas ambas se achaõ profanadas, e destruidas. O que ainda permanece, he junto da Paroquia huma albergaria, ou hospital para agazalhar peregrinos, administrado pelos Confrades de Nossa Senhora.

II.

S. Antaõ do Tojal.

7 CHamaõ vulgarmente a este Lugar *Santo Antonio do Tojal*, que dista de Lisboa tres leguas para o Norte, junto à estrada que conduz para Vialonga. Está elle situado em planicie cercada de montes, e o terreno pela mayor parte cuberto de olivaes, que o fazem algum tanto melancolico. A Igreja Paroquial dedicada a Santo Antaõ he da Mitra, e antiquissima, pois nella se conserva ainda hum Antifonario com Missa propria do Santo, de tempo immemoravel: e já o Bispo de Lisboa D. Domingos Jardo no seu testamento, que fez em 19 de Dezembro de 1291, faz memoria da sua quinta de Pero Viegas, que, como diz D. Rodrigo da Cunha, (1) he a de Santo Antonio do Tojal; sitio de que os Prelados de Lisboa sempre fizeraõ muito caso.

8 O Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos devia fundar mayor Igreja augmentando a obra com Palacio, e Jardim; e mandando lavrar na torre da Igre-

[1] Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 69. n. 7.

Igreja em huma das faces, que hoje olha para o chafariz, o anno em que fizera a obra, que foy no de 1554. (1) Ultimamente o Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida a mandou reedificar toda, reduzindo-a a hum magestoso Templo com hum nobilissimo frontispicio, ao qual ornaõ algumas estatuas de Santos feitas na Italia de fino jaspe, fazendo collocar na torre harmoniosos sinos; e na praça, e estrada chafarizes de excellente agua, que em beneficio publico fez conduzir de longe por aqueducto custoso de muitos arcos.

9 O Paroco tendo antecedentemente o titulo de Vigario, o Senhor D. Thomaz primeiro Patriarca de Lisboa o collou no de Prior em o anno de 1734, a quem rende quatrocentos mil reis; e o primeiro, que obteve este caracter, foy o Reverendo Doutor Feliz Dantas Barbosa, irmaõ do Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia, que presentemente reside na sobredita Igreja com exemplar zelo do Culto Divino.

10 Ha na Igreja huma Collegiada, que o mesmo Eminentissimo Patriarca estabeleceo no anno de 1730, e consta de dous Beneficiados com cem mil reis cada hum, e de quatorze Capellães Cantores de escolhidas, e excellentes vozes, dos quaes oito tem cento e vinte mil reis, casas pagas, e as Missas livres: quatro tem cento e vinte mil reis, e as Missas cativas; e destes quatro ha dous, que pelas suas vozes serem melhores tem mais cada anno trinta e oito mil e quatrocentos reis cada hum.

11 Consta mais de quatorze Capellanias, das quaes nove saõ Capellães os mesmos Cantores, e rendem cento e vinte mil reis; huma de oitenta mil reis annexa ao Cantor mais antigo, que chamaõ Primicerio, mas naõ tem obrigaçaõ de Coro. Ha outra Capella instituida em Nossa Senhora do Rosario que

[1] Dissemos na Vida deste Prelado cap. 2. §. 11. n. 46. deste Tomo.

que rende cincoenta mil reis, e administra o Guarda Reposta Antonio da Cunha. A Irmandade das Almas provê, e administra duas, huma de cincoenta mil reis, e outra de vinte mil reis para Domingos, e dias Santos. A Irmandade dos Passos provê outra com obrigaçaõ de dizer o Capellaõ Missa todas as Sextas feiras do anno, a quem dá seis mil trezentos e sessenta reis. Tem mais esta Igreja quatro Confrarias, Santo Antaõ, Santo Antonio, S. Joaõ Bautista, Nossa Senhora do Rosario; e quatro Irmandades, a do Santissimo, a do Senhor dos Passos, a das Almas, e a da Ordem Terceira instituida na Ermida do Espirito Santo. Dentro dos seus limites se incluem as seguintes

Ermidas.

12 *Nossa Senhora da Apresentaçaõ.* Na grandiosa quinta do Desembargador Gonçalo Joseph da Silveira Preto em Pinteos.

Nossa Senhora do Carmo. Na quinta das Carrafoiças.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta dos Padres Loyos em Pero Viegas.

Espirito Santo. No sitio mais desafogado que tem este Lugar.

S. Joaõ Bautista. Na quinta do Valle, ou do Lago.

S. Roque. Junto à ponte do rio chamado das Gallinhas, de cuja Ermida, e Santo já fallamos no tomo 2. parte 3. deste Mappa cap. 7. §. 3. n. 28.

13 Além destas Casas pias ha o nobilissimo Palacio junto da Igreja Paroquial, que o mesmo primeiro Eminentissimo Patriarca D. Thomaz reduzio a melhor policia, accrescentando-o, e augmentando-o com generosa liberalidade, e enriquecendo-o de excellentes adornos proprios de hum Principe. Com este mesmo animo dispoz se formasse hum delicioso, e dilatado Jardim junto ao Palacio que o domina,

repartindo o plano em formosissimos quadros ennobrecidos com bellas estatuas de pórfido. Alli se vem entre o matizado das plantas os buxos, e as murtas sempre verdes fingir varias figuras, que a arte com prolixa, mas admiravel cultura as obriga representar. Vem-se muitas fórmas de fontes, de flores, e de arvores exquisitas, mas estereis, que só por fruto daõ sombra aos que passeaõ por suas dilatadas ruas. Servem de remate ao principal quadro do jardim, em fórma cylindrica, dous viveiros de pombos domesticos, que na variedade de suas cores, e copiosos gyros que fazem pelo ar, e pelo campo, augmentaõ a recreaçaõ aos olhos. He fabrica certamente vistosa, à qual concorrem muitas pessoas de differentes partes só para lograrem a formosura de hum theatro magnifico, e de taõ aprasivel amenidade onde o veraõ, e o inverno

Naõ lhe impede gozar de Abril eterno.

14 Numera este Lugar perto de mil pessoas repartidas pelos sitios, e aldeas de Santo Antonio das lebres, Manjoeira, Murteira, Pinteos, &c. subordinados à Correiçaõ do Ministro do bairro da Ribeira desta Cidade.

III.

Appellaçaõ.

15 Dista de Lisboa duas legoas para o Norte, e meya do rio de Sacavem que lhe serve de grande conveniencia. O sitio he baixo, cercado de montes, porém ameno, e sadio. A Igreja Paroquial he dedicada a Nossa Senhora da Incarnaçaõ, que hoje está novamente reedificada ao moderno, e foy fundada por Bartholomeu de Oliveira Botelho, Commendador da Ordem de Christo, no anno de 1594 onde jaz, e sua mulher. No anno seguinte foy ere-

cta em Paroquia pelo Arcebispo D. Miguel de Castro, sendo antecedentemente os seus moradores sujeitos no espiritual à Freguezia de Unhos, donde se desmembrarão.

16 Tem o Paroco titulo de Cura, que apresenta *ad nutum* Jorge de Mesquita da Silva Mascarenhas descendente do fundador, e rende cincoenta mil reis. Ha na Igreja quatro Capellanias: huma que instituio Miguel da Paz com quarenta mil reis: outra que instituio o Dezembargador Francisco da Fonseca Sisnel com sessenta mil reis, que apresenta o Senado da Camera de Lisboa: outra que instituio o fundador, e apresenta o Padroeiro: outra das Almas com cincoenta mil reis, cuja Irmandade tem muitos privilegios concedidos pelo Papa Innocencio XII. Consta o Lugar de cincoenta moradores sujeitos ao Corregedor da repartição do bairro alto. Tem no seu limite as seguintes

Ermidas.

Santo Amaro. Na quinta de Antonio de Abreu do Rego, irmaõ de Monsenhor Soares.

Santo Antonio. Na quinta que possue D. Ursula, irmã de Joseph Pinheiro de Azevedo Thesoureiro das despezas do Conselho da Fazenda.

IV.

Arranhol.

17 ESTá situado este Lugar em hum monte distante da Cidade cinco legoas para o Norte. A Igreja Paroquial está fóra do povoado, e he da invocação de S. Lourenço, cujo Paroco tem só o titulo de Cura, a quem o Prior de S. Christovaõ de Lisboa apresenta annualmente com a congrua de hum moyo de trigo, trinta alqueires de cevada,

hu-

huma pipa de vinho, e quatro mil e quinhentos reis em dinheiro. Consta este Lugar de trinta fogos sujeitos ao Corregedor da Mouraria, e ha no seu destricto as seguintes

Ermidas.

Nossa Senhora da Ajuda. Está fóra do povoado, e tem seu Ermitaõ, que apresenta o mesmo Prior de S. Christovaõ.

Nossa Senhora da Incarnaçaõ. Está na aldea chamada Algobellas, que se compoem de dezasete visinhos.

V.

Barcarena, ou Barquerena.

18 PElas raizes de varios montes, cujos cimos guarnecem bastantes moinhos de vento, está situada a povoaçaõ deste Lugar affastada de Lisboa duas legoas para o Noroeste. He a sua Paroquia titular de S. Pedro, cujo Paroco, que tem o predicamento de Cura, he apresentado pelo Prior de S. Martinho de Lisboa annualmente, e renderá o Curato duzentos mil reis. Ha nesta Igreja tres Irmandades, a do Santissimo, a de Nossa Senhora do Rosario, e a das Almas.

19 Consta a Freguezia de duzentos e sessenta visinhos, repartidos pelos casaes de Caruncho, Leaõ, Lecea, Queluz, Ribeira, Serra de cabanas, Telaide, Torcena, Valejas. A mayor parte destes Lugares fertiliza abundantemente a ribeira chamada de Barcarena, que neste sitio dá exercicio à Fabrica Real da polvora reedificada no anno de 1729 por Antonio Cremer. Estaõ todos estes moradores sujeitos ao Corregedor de S. Paulo para a decisaõ das suas causas. Ha no seu destricto as seguintes

Er-

Ermidas.

Noſſa Senhora do Amparo. No Lugar do Leaõ, ou Layaõ.

Santo Antonio. Na quinta de Franciſco Leitaõ de Faria no Lugar de Troſena.

Santa Barbara. Na quinta que foy de Domingos Pires Bandeira no Lugar de Telaide.

S. Bento. No Lugar de Valejas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta de Antonio Luiz Sinel de Cordes.

Senhor Jeſus Rey dos Reys. Na quinta de Joſeph de Brito de Miranda.

S. Miguel. No Lugar da Serra de Cabanas.

S. Sebaſtiaõ. No Lugar de Barcarena.

Noſſa Senhora do Soccorro.

Confina eſta Freguezia com a de S. Romaõ de Carnexide, com a de Noſſa Senhora do Amparo de Bemfica, com a de Noſſa Senhora da Miſericordia de Bellas, com a de S. Domingos de Ranna, com a da Rio de Mouro, com a da Purificaçaõ de Oeiras.

VI.

Bemfica.

20 NA eſtrada, que conduz para a Villa de Cintra, fica eſte Lugar apartado de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte, e por eſtar em ſitio aprazivel, e ameno, grangeou o nome que lhe deraõ. A ſua Igreja Paroquial tem por orago a Noſſa Senhora do Amparo, que apreſentaõ as Religioſas do Moſteiro do Salvador, as quaes recebem os dizimos, e ao Cura renderá trezentos mil reis. Hoje ſe acha a Igreja nobremente reedificada com eſmolas naõ ſó do povo, mas da pia generoſidade de ElRey, para a qual tem concorrido.

21 Conſta a Freguezia de trezentos e cincoenta vi-

visinhos repartidos por estes Lugares: Adeaõ debaixo, e de cima, Alfarrobeira, Alfornel, Alfragide, Barcal, Bomnome, Brandoa, Buraca, Burrel, Calhao, Calhariz, Caranque, Casal das Cruzes, e do Mercador, e da Serra, Castellos de cima, e debaixo, Correa, Cruz da pedra, Cruzes, Estrada da Luz, Falgueira, Feteira, Granja, Junqueira, Lage, Louro, Maya, Mira, Monsanto, Montijo, Montinel, Noidel, Oiteiro, Paian, Pinheiro, Penedo, Porcalhota, Preza, Reboleira, Salgado, Salrego, Saraiva, Serra, Tojal, Val de Teresa, Venda nova, Vinteira.

22 Dentro dos seus limites existem os seguintes

Conventos.

S. Domingos. De Religiosos Dominicos. Foy fundado por ElRey D. Joaõ I. em huma Casa de recreaçaõ, que tinha neste lugar, intervindo para se erigir este Convento o grande Jurisconsulto Joaõ das Regras, que jaz aqui sepultado. Tomaraõ os Religiosos posse do Convento em 22 de Mayo de 1399. A Igreja, que hoje se vê, foy reedificada no anno de 1630 pelo memoravel Padre Fr. Joaõ de Vasconcellos, sendo alli Prior.

Santo Antonio. De Religiosos Capuchos no sitio da Cruz da pedra, a que chamaõ a Convalescença, que com este titulo começou no anno de 1640, e passou a Guardiania no de 1720, e ultimamente foy reedificado no de 1746.

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta de Mauricio da Costa.

Santo Antonio. Na Porcalhota, e na quinta que foy de Lourenço Luiz Galvaõ Estribeiro menor de ElRey.

Santo Antonio. Nas casas que foraõ de Fernaõ Joseph da Gama.

San-

Santo Antonio. Na quinta da Costa em Payan.

Nossa Senhora da Assumpçaõ. Na quinta que foy do Desembargador Antonio de Basto Pereira no Lugar de Noidel.

Nossa Senhora da Assumpçaõ. Na quinta que foy de Joaõ Pedro Ludovici.

Nossa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Secretario de Estado, que foy, Diogo de Mendoça Corte Real.

Espirito Santo. Em Bemfica.

Familia Sacra. Na quinta que foy de D. Affonso Manoel de Menezes.

S. Francisco. Na quinta do Oiteiro.

Jesus Maria Joseph. Na quinta do Caminha em Calhariz.

Nossa Senhora da Piedade. Na quinta de Antonio Xavier Leitaõ Escrivaõ dos Moedeiros.

Nossa Senhora da Saude. Em Calhariz.

Nossa Senhora . . . . . Na quinta de Joseph de Oliveira em Montijo.

Nossa Senhora . . . . . No Pinheiro.

Nossa Senhora . . . . . No Lugar da Brandoa.

No destricto desta Freguezia está a grande, e famosa quinta do Marquez de Fronteira, cuja Poetica descripçaõ se póde ver nas Horas successivas de Aleixo Collotes de Jantillet. Confina esta Freguezia com a de S. Sebastiaõ da Pedreira, com a de Nossa Senhora da Ajuda, com a de S. Romaõ de Carnaxide, com a de S. Lourenço de Carnide, com a do Nome de Jesus de Odivellas, com a de Bellas, com a de Barcarena.

VII.

Bucellas.

23 NA distancia de quatro legoas para o Norte está fundado este Lugar em sitio baixo, e cercado de montes; porém aprazivel, onde

ſe produzem as melhores cerejas, e onde exiſte huma grande fabrica de ſerrar pedras. A Paroquia he dedicada a Noſſa Senhora da Purificaçaõ, e he Templo que indica mageſtade, porque além de ſer eſpaçoſo, e elevado, eſtriba-ſe em oito columnas, e tem huma bem lançada eſcada por onde ſe ſobe para o Coro. A Capella mór foy ſagrada pelo ſeu Prior D. Jorge de Ataide, ſendo entaõ Biſpo de Viſeu, em 23 de Janeiro de 1569, como conſta da inſcripçaõ que ſe lê no Altar mór. O Priorado he pingue, e renderá quatro mil cruzados, e cada hum dos quatro Beneficios, que tem a Igreja, oitenta mil reis, e tudo da apreſentaçaõ da Sereniſſima Caſa do Infantado.

24 Ha no adro deſta Igreja hum famoſo marmore Romano de dez palmos de alto, com huma carapuça quadrada com ſua moldura ao redor, e lhe chamaõ a Memoria: tem eſta inſcripçaõ:

D. M.
L. P. J. L. F. Tuſ-
ſia : Edo : Ann.
XXVIII.

Quer dizer: *Eſte tumulo he conſagrado aos Deoſes das almas. Aqui jaz Lucio Publio filho muito amado de Julio Lucio, e de Tuſſia Edomicilia, que morreo de vinte e oito annos.* (1)

25 Conſta eſta Paroquia de tres Irmandades, a do Santiſſimo, a de Noſſa Senhora do Roſario, e a das Almas. Em toda a Freguezia haverá quatrocentos viſinhos, diſtribuidos por varios Caſaes, e Lugares ſujeitos ao Corregedor do bairro do Rocio; e no ſeu deſtricto ſe incluem as ſeguintes

Ermidas.

Santa Anna. Em Villanova.

Noſ-

---

[1] Ref. Antonio Coelho Gaſco nas Antiguidades de Lisboa cap. 49.

Noſſa Senhora da Boa morte. Na quinta do Capitaõ Nicolao Cardoſo.

Noſſa Senhora da Incarnaçaõ. Na quinta do Excellentiſſimo Duque de Lafões no ſitio da Romeira.

Eſpirito Santo. No adro da meſma Igreja Paroquial, junto da qual ha huma albergaria para peregrinos.

Santa Maria Magdalena.

Noſſa Senhora da Paciencia.

Noſſa Senhora da Paz.

Noſſa Senhora Piedade.

S. Sebaſtiaõ.

VIII.

Camarate.

26 FIca eſte Lugar diſtante de Lisboa duas pequenas legoas para o Norte em ſitio deſigual compoſto de montes, e valles, mas povoado de muitas quintas, e vinhas, onde ha excellentes frutas. Tem a Paroquia o titulo de Santiago, e o ſeu Paroco o de Cura, que apreſentaõ os Freguezes deſde o anno de 1511, em que ſe deſanexaraõ da ſujeiçaõ Paroquial de Sacavem, e lhe rende noventa mil reis. Ha na Igreja tres Irmandades, a do Santiſſimo, a de Noſſa Senhora do Roſario, e a das Almas. Compoem-ſe a povoaçaõ de cento e noventa viſinhos ſubordinados ao Corregedor do bairro do Caſtello. Dentro dos ſeus limites eſtá edificado o ſeguinte

Convento.

27 *Noſſa Senhora do Soccorro.* De Religioſos Carmelitas calçados. Foy primeiramente huma Ermida, que edificara o Santo Condeſtavel na quinta de que lhe fez mercê ElRey D. Joaõ I. da qual tomando poſſe os Religioſos, ſe eſtabeleceo nella huma

Vigairaria da Ordem no anno de 1602; e no Capitulo que se celebrou no Convento da Vidigueira a 26 de Abril de 1608, se fez Priorado este Convento, e foy o seu primeiro Prior Fr. Sebastiaõ da Silva, Religioso de grande exemplo, e virtude. (1)

Ermidas.

S. Joseph. Na quinta de Antonio Salter de Mendoça em Val de Freiras.

S. Pedro Apostolo. Na entrada do Lugar.

IX.

Campo grande.

28 NA distancia de tres quartos de legoa affastado de Lisboa para o Norte se vê este grande, e espaçoso terreno, em sitio alto, lavado dos ventos, e por isso salutifero, cercado de quintas, hortas, e palacios, que em toda a sua circunferencia terá hum quarto de legoa, por cuja longitude alcançou o nome de Campo grande, tendo antigamente o de Alvalade, que se fez famoso pela reconciliaçaõ, e ajuste de paz que a Rainha Santa Isabel no anno de 1323 fez celebrar neste sitio entre seu marido ElRey D. Diniz, e seu filho o Infante D. Affonso, que ambos estavaõ dispostos combaterse em rigorosa batalha. (2) Ainda se acha disto memoria em hum Cruzeiro de pedra à entrada do Campo.

29 A Igreja Paroquial he dedicada aos Santos Reys Magos, cujo Paroco apresentaõ os Freguezes, e tem de congrua vinte e oito mil reis além do que lhe rende o pé de altar. Consta de tres Irmanda-

[1] Carvalho na Corograf. Port tom. 3. pag. 618. Santuar. Marian. tom. 7. pag. 187. Sá nas Memor. Historic. tom. 1 pag. 482. num. 705.
[2] Monarq. Lus. liv. 19. cap. 36. e na part. 7. liv. 4. cap. 13.

dades, a do Santiſſimo, a da Senhora do Roſario, e a das Almas. Numera novecentos fogos ſubordinados ao Corregedor do bairro Alto para a deciſaõ das ſuas cauſas. Dentro do ſeu deſtricto ſe achaõ erectas as ſeguintes

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta do Doutor Leal.
Santo Antonio.
S. Caetano. Dos Padres Theatinos no meſmo Campo.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ.
Jeſus Maria Joſeph.
S. Joaõ Bautiſta.
Noſſa Senhora das Mercês.
Noſſa Senhora dos Milagres. Na quinta do Ceboleiro.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta da Condeſſa de Meſquitella.
Noſſa Senhora da Nazareth. Em Palma.
Os Santos Reys. Na quinta do Ferro.

X.

Carnaxide.

30 EM ſituaçaõ fragoſa, e na diſtancia de duas legoas de Lisboa para o Poente eſtá eſte Lugar, cuja Igreja Matriz he dedicada a S. Romaõ, na qual apreſenta Cura o Prior de Santa Cruz do Caſtello deſta Cidade, o qual tem de congrua hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, e o que rende o pé de altar. Tem duas Irmandades, a do Santiſſimo, e a das Almas, e conſta de trezentos viſinhos ſubordinados ao Corregedor de S. Paulo, e diſtribuidos pelos Lugares de Algez, Alfragide, Barronhos, Jamor, Ninha a Paſtora, Ninha a velha,

lha, Outorella, Quejas, Romeiras. No ſeu deſtricto ſe achaõ erectos os ſeguintes

Conventos.

31 *Noſſa Senhora da Boa Viagem.* De Religioſos Arrabidos. Fica legoa e meya affaſtado de Lisboa para a parte da foz do Tejo, e fundado à borda delle deſde o anno de 1618.

Santa Catharina de Ribamar. Dos ditos Religioſos Arrabidos, e pouco diſtante do da Senhora da Boa Viagem; porém fundado ſobre a elevaçaõ de hum monte ſobranceiro ao meſmo rio, deſde o anno de 1551. No de 1634 ſe ampliou o edificio com titulo de Guardiania. O Cardeal Arcebiſpo D. Luiz de Souſa reedificou a Igreja primoroſamente, de que hoje he Padroeira a Caſa do Duque de Lafões, como herdeira da Caſa de Arronches.

S. Joſeph de Ribamar. De Religioſos tambem Arrabidos. Foy fundado defronte da Torre velha no anno de 1559 por D. Franciſco de Guſmaõ, e ſua mulher D. Joanna, e goza hoje o ſeu Padroado o Excellentiſſimo Marquez de Valença. Exiſte neſte Convento o eſtimavel quadro do Senhor S. Joſeph com a tradiçaõ de ſer vera effigie, e retrato do Santo, como diſſemos na ſua Vida.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta do Rodiſio.

Noſſa Senhora do Cabo. Na Aldea de Algés. A Imagem da Senhora he milagroſa, e concorre a viſitalla muita gente em romaria.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Outorella.

Noſſa Senhora da Graça. Na quinta dos Religioſos da Graça.

S. Joaõ Bautiſta. No Lugar de Ninha a Paſtora.

S.

S. Joaquim. No Lugar de Quejas.

Nossa Senhora do Rosario. No Lugar de Ninha a Velha.

Nossa Senhora do Rosario, e S. Gonçalo. Na quinta do Conego Manoel Gomes Monteiro.

Nossa Senhora da Salvaçaõ. No Convento de Santa Catharina.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta dos Grillos. Confina esta Freguezia com a da Igreja da Ajuda, com a de Barcarena, com a de Oeiras, e com a de Bemfica.

XI.

Carnide.

32 ESTá situada esta povoaçaõ em huma Campina, que participa de bons ares, affastada de Lisboa huma legoa para a parte do Noroeste. He a sua Igreja Paroquial dedicada a S. Lourenço, e o Paroco he Vigario collado, que apresentaõ os Religiosos de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, ao qual rende oitenta mil reis. Tem tres Irmandades, a do Santissimo, a da Senhora do Rosario, e a das Almas. Numera duzentos e vinte visinhos sujeitos ao Corregedor de S. Paulo, e se incluem no seu destricto os seguintes

Conventos.

33 *S. Joaõ da Cruz.* De Carmelitas Descalços. Foy fundado pela Senhora D. Maria filha illegitima de ElRey D. Joaõ IV. no anno de 1681.

Nossa Senhora da Luz. De Religiosos da Ordem Militar de Christo. Fundou-se este Convento em huma antiga Ermida, que no anno de 1463 haviaõ erecto à Senhora da Luz os visinhos deste Lugar, e o devoto Pedro Martins tambem daqui natural, para memoria do milagre, e beneficio que a Senhora

ra lhe fez de o livrar do cativeiro de Mouros, onde eſtava prezo, trazendo-o prodigioſamente a Portugal com as meſmas cadeas, que muito tempo eſtiveraõ collocadas na Ermida velha. ElRey D. Joaõ III. no anno de 1545 deu eſta Ermida aos Religioſos da Ordem de Chriſto para fundarem o Convento, cuja Capella mór mandou fazer no anno de 1575 a Senhora Infanta D. Maria filha de ElRey D. Manoel, com ſumptuoſa, e mageſtoſa arquitectura, e alli eſtá ſepultada. (1)

Moſteiros.

34 *Noſſa Senhora da Conceiçaõ.* De Religioſas Recoletas de Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Foy fundado por Nuno Barreto Fuzeiro, e ſua mulher D. Maria Pimenta no anno de 1694, e as Religioſas entraraõ em dia de Noſſa Senhora dos Prazeres de 1699.

Santa Tereſa. De Religioſas Carmelitas Deſcalças. Foy fundado no anno de 1642 pela Senhora Michaella Margarida filha do Imperador Rodolfo II. em hum terreno que foy do Correyo mór Antonio Gomes da Mata. (2) A Senhora D. Maria filha de ElRey D. Joaõ IV. naõ ſó ſe educou neſte Moſteiro deſde o anno de 1649, mas o reedificou, e mandou ſepultarſe nelle no Coro debaixo.

Hoſpital.

Fundou eſte Hoſpital a Sereniſſima Infanta D. Maria, filha de ElRey D. Manoel, com huma liberalidade Regia naõ ſó no material do edificio, que he excellente, e regular, concluido no anno de

[1] Fr. Roque do Soveral na Hiſtor. da Senhora da Luz. P. Telles na Chronic. da Comp. p. 2. l. 5. c. 51. Faria na Europ. Port. t. 3. p. 3. Cardoſ. no Agiol. Luſit. tom. 2. p. 175. Carvalho na Corograf. tom. 3. p. 643. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 98. [2] Lima Geograf. Hiſtor. tom. 2. p. 166.

de 1618, mas no formal, e fundo, com que o dotou para a sua subsistencia. He administrado pelos Religiosos de Nossa Senhora da Luz, e sujeito ao Tribunal da Mesa da Consciencia. (1)

Ermidas.

Nossa Senhora da Assumpçaõ. Na quinta de Joseph Falcaõ de Gamboa.

Espirito Santo.

S. Sebastiaõ.

XII.

Charneca.

35 POuco mais de huma legoa para o Norte se affasta de Lisboa este Lugar, cuja Paroquia he dedicada a S. Bartholomeu, e em cuja vespera, e dia se costuma fazer na sua praça huma feira franca. O Cura he apresentado annualmente pelo Prior do Lumiar. He este Lugar de cento e trinta visinhos sujeitos à Correiçaõ de Alfama, e comprehende as seguintes

Ermidas.

Santa Anna. Na quinta de Balthazar da Silva.

Santo Antonio.

Santa Luzia.

Nossa Senhora dos Remedios. Na quinta nova.

Nossa Senhora da Saude. Na quinta da Granja, que possue Domingos de Oliveira Braga, Thesoureiro que foy do Senhor Infante D. Antonio. He Ermida novamente reedificada com primor, e se disse nella a primeira Missa em dia do Santissimo Nome de Maria do anno de 1749.

S. Sebastiaõ.

[1] Santuar. Marian. t. 1. p. 103. Oliveir. Grandez. de Lisboa p. 84.

XIII.

Santo Eſtevaõ das Galés.

36 FIca eſte Lugar ao Poente de Lisboa na diſtancia de quatro legoas, em ſitio elevado, e lhe deu nome o Santo a quem he dedicada a Igreja Matriz, a qual ſe deſmembrou da de Santa Maria de Loures. Apreſentaõ os freguezes ao Cura, a quem rende cento e ſeſſenta mil reis com o pé de altar. Conſta de cem viſinhos ſubordinados ao Corregedor da Rua nova.

XIV.

Fanhões.

37 EXiſte eſte Lugar affaſtado de Lisboa tres legoas para o Norte, e a ſua Paroquia he dedicada a S. Saturnino advogado dos meninos quebrados. Deſmembrou-ſe da Freguezia de Santo Antaõ do Tojal; mas ſempre lhe ficou de alguma ſorte ſubordinada; pois em dia da Prociſſaõ do Corpo de Deos da Freguezia de Santo Antaõ he obrigado a ir o Procurador da Irmandade do Santiſſimo de Fanhões aſſiſtir com a ſua Cruz na Igreja de Santo Antaõ, como tambem no dia do Santo: nem na Paroquia de S. Saturnino ſe podem cantar Miſſas, ou fazer quaeſquer feſtividades, ſem ſe dar parte ao Prior de Santo Antaõ do Tojal. O Cura de Fanhões he apreſentado pelos Freguezes, e lhe rende perto de duzentos mil reis. Tem a Igreja dous Capellães das Almas com cincoenta mil reis cada hum. Conſta de cento e quarenta fogos ſubordinados ao Juiz do Crime da Ribeira, e no ſeu limite ſe acha erecta a

Ermida.

S. Juliaõ. Na Cabeça de Montachique.

XV.

Frielas.

38 JUnto ao rio, que corre de Sacavem, distante de Lisboa duas legoas para o Norte, está fundada esta povoaçaõ nas margens de huns montes, porém com alegre vista. Houve antigamente aqui huns grandiosos Paços, que ElRey D. Diniz no anno de 1313 honrou, erigindo nelles huma Capella de Santa Catharina com seu Capellaõ de Missa quotidiana, e com obrigaçaõ de rezar nella as Horas Canonicas todos os dias. Depois deu estes Paços ElRey D. Fernando aos Religiosos de S. Jeronymo no anno de 1378. Hoje se achaõ desfeitos, e arruinados. (1)

39 A Igreja Parroquial he dedicada a S. Juliaõ, e Santa Basiliza, e he Igreja antiga, pois já no anno de 1191 o Bispo de Lisboa D. Soeiro Anes, na divisaõ que fez das Igrejas do Bispo, e Cabido, entre as que reservou para si, foy huma a de Frielas, que antecedentemente pertencia à Fabrica da Sé. (2) O Paroco tem o titulo de Prior, que apresenta a Abbadessa do Real Mosteiro de Odivellas, ao qual rende trezentos mil reis. Numeraõ-se na povoaçaõ trezentos visinhos, a mayor parte delles pescadores, sujeitos ao Juiz do Crime do bairro da Sé. Está no seu destricto a

Ermida.

40 *Nossa Senhora do Monte.* Edificada no cimo de hum monte de admiravel vista, e na quinta da Ramada, Reguengo de Sacavem, a que deu principio Lopo de Abreu no anno de 1579, e passados

[1] Brand. na Monarq. Lus. liv. 18. cap. 46. [2] Cunha nos Bisp. de Lisboa part. 2. c. 18. n. 6.

vinte annos a reedificou; porém no anno de 1686 a augmentou muito mais Miguel de Sousa Ferreira, e a acabou de aperfeiçoar seu filho Manoel de Sousa Soares no anno de 1699; o que tudo consta de huma inscripçaõ, que está por baixo do pulpito. O Author do Santuario Mariano Fr. Agostinho de Santa Maria applaude summamente esta Ermida, e diz que no asseyo, e adorno he das mais attendiveis, que ha no termo de Lisboa. (1) Tambem o Jurisconsulto Manoel Alvares Pegas falla honorificamente desta quinta. (2)

XVI.

Granja de Alpriate.

41 DIsta esta povoaçaõ de Lisboa para o Nordeste tres legoas, e jaz em hum ameno valle. A sua Paroquial Igreja he dedicada a S. Sebastiaõ, Commenda da Ordem de Christo, de quem he Commendador o Conde de Valladares. Foy annexa a Santa Iria da Azoya, que pela distancia, e discommodo, que dava aos moradores da Granja, estabeleceraõ Freguezia separada na dita Igreja de S. Sebastiaõ, a qual, segundo as memorias de alguns, dizem que fora sagrada, e por antiga se foy arruinando, desorte, que se lhe mandou tirar o Sacrario, e só alguns dias celebravaõ nella Missa. Deve-se o seu restabelecimento ao Reverendo Padre Francisco de Sousa da Costa, o qual entrando alli por Capellaõ começou com tanta efficacia, e zelo, a cuidar da reforma, e culto da Igreja, que com esmolas a reduzio ao esplendor com que hoje se vê, obtendo do Eminentissimo Cardeal Patriarca D. Thomaz de Almeida faculdade para nova erecçaõ de Sacra-

---

[1] Santuar. Marian. tom. 1. p. 372. [2] Pegas Resoluc. Forens. part. 2. cap. 9. n. 265.

crario, e alcançando do povo a congrua de quarenta mil reis para sua subsistencia, e casas onde reside, que com huma Capella, que tambem serve, terá de renda cem mil reis. Com este dispendio, e beneficio ficou o povo na posse de apresentar o Capellaõ, bem contra vontade do Commendador. Consta de cento e trinta visinhos subordinados ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha aqui huma nobre quinta do Monteiro mór, e no seu destricto existem as seguintes

Ermidas.

A Degollaçaõ de S. Joaõ Bautista. Na quinta chamada do Herdeiro.

Nossa Senhora da Nazareth. Na quinta chamada do Carlos.

XVII.

S. Joaõ da Talha.

42 DUas legoas e meya para o Norte, se affasta de Lisboa esta povoaçaõ, cuja Igreja Paroquial, que deu o nome à terra, he Vigairaria que apresenta a Universidade de Coimbra desde o anno de 1388, em que o Prior de Sacavem dimitio de si este Lugar a quem pertencia, por lhe ficar livre a sua Igreja. Consta de trezentos visinhos sujeitos à Correiçaõ do Limoeiro. No seu destricto ha a seguinte

Ermida.

Santa Catharina. No Lugar do Budel, onde se vem ainda as ruinas de huma antiga torre.

XVIII.

Santa Iria.

43 QUaſi na meſma diſtancia de duas legoas e meya de Lisboa eſtá ſituada eſta povoaçaõ, cuja Igreja Matriz he hum Curato, que apreſenta o Prior de Santo André deſta Cidade, donde teve origem o Priorado, ficando elle por eſſa cauſa conſervando o titulo de Reitor de Santa Iria. Tem o Cura de congrua hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, e com os mais beneſes lhe renderá tudo duzentos mil reis. Conſta de duzentos viſinhos ſujeitos ao Corregedor do bairro do Limoeiro. Exiſte nos ſeus limites o

Convento.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. De Religioſos Arrabidos, que foy primeiro habitado pelos Padres Jeronymos, e deſpovoando-o, tomaraõ delle poſſe os Religioſos da Provincia da Arrabida no anno de 1584, e entre os ſeus Conventos he hum dos perfeitiſſimos.

Ermida.

Santa Maria Magdalena. Exiſte no Lugar da Povoa chamada de D. Martinho, onde os moradores contribuem para a congrua de hum Capellaõ, que lhes diz Miſſa nos dias de preceito, quando naõ podem ir ouvilla à Matriz de Santa Iria.

XIX.

S. Juliaõ do Tojal.

44 COm pouca diſtancia de Santo Antaõ do Tojal para o Norte fica eſte pequeno Lugar, cujo Paroco tem o titulo de Cura apreſentado an-

annualmente pelo Prior dos Conegos Regrantes de S. Vicente de Fóra, ao qual daõ hum moyo de trigo, huma pipa de vinho, ſeis cantaros de azeite, e dez mil reis em dinheiro, além do que lhe rende o pé de altar. Conſta de cem viſinhos ſujeitos ao Juiz do Crime da Ribeira. Ha no ſeu deſtricto as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora da Apreſentaçaõ. Na quinta da Ponte, huma das mais pingues do ſitio, que poſſue Joſeph Felix Rebello Eſcrivaõ no Conſelho da Fazenda.

Noſſa Senhora do Carmo. No Lugar do Zambujal.

Eſpirito Santo. Defronte da Matriz.

S. Sebaſtiaõ. Fica eſta Ermida na eſtrada que vay para Vialonga, e pouco mais para cima de hum poço publico chamado de Santa Clara. Os moradores do Tojal tem grande fé com a imagem do Santo, que ſe venera neſta Ermida.

Noſſa Senhora do Soccorro. Na quinta chamada antigamente do Arraes, que hoje poſſuem os Religioſos Vicentes. He das mais dilatadas, frutiferas, e rendoſas, que ha no Termo de Lisboa, onde os Padres tem gaſto muitos mil cruzados com grandeza verdadeiramente Regia, naõ ſó na cultura do dilatado terreno de que conſta, caſas, e officinas; mas na conducta do rio Trancaõ, que a fertiliza perennemente a pezar de outras quintas circumviſinhas, que tambem ſe utiliſavaõ das ſuas aguas.

XX.

Loures.

45 AO Norte de Lisboa na diſtancia de duas legoas eſtá ſituada eſta povoaçaõ em lugar alto, e alegre. A Matriz he dedicada a Noſſa

Senhora da Aſſumpçaõ, e he Freguezia antiga, pois della ha memoria antes do anno de 1250, em tempo do Biſpo de Lisboa D. Ayres Vaſques. (1) O Paroco tem titulo de Vigario, e numera novecentos viſinhos diſtribuidos pelos Lugares de Alvogas, Barro, Calvos, Caneſſas, Covaõ, Codiceira, Granja, Marnotas, Mealhada, Montemór, Murteira, Palhaes, Pinheiro, Ponte de Frielas, Ponte de Louſa, Tojalinho, Val de Nogueira, ſubordinados ao Corregedor da Rua nova. Incluem-ſe nos ſeus limites o ſeguinte

Convento.

Eſpirito Santo. De Religioſos Arrabidos, ſituado na ladeira de hum oiteiro alegre, proximo ao Lugar da Mealhada, e duas legoas diſtante de Lisboa. Teve ſeu principio no anno de 1575, em que o fundou Luiz de Caſtro dos Rios. (2)

Ermidas.

Santa Anna. No Lugar de Alvogas.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta da Promealha.

Noſſa Senhora dos Enfermos. No Lugar de Caneſſas, e na quinta chamada dos Fetaes, onde concorre muita gente em romaria, por ſer a Imagem da Senhora milagroſa. Della eſcreve o Author do Santuario Mariano em o tom. 7. pag. 193.

S. Joaquim, e Santa Anna.

Santa Luzia. Na ponte de Louſa.

Noſſa Senhora dos Prazeres. Em Palhaes, na quinta que hoje poſſue o Conde de Caſtello Melhor.

Noſſa Senhora do Roſario. No ſitio da Paradella, na quinta que foy de Antonio Wamplate.

Noſ-

---

[1] Cunha Hiſtor. Eccleſ. de Lisboa pag. 164. [2] Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 272.

Nossa Senhora da Rotunda. No Lugar que chamaõ a dos Calvos, na quinta do Conde de Valladares.

Nossa Senhora da Saude. Na dilatada eminencia de hum monte no Lugar de Montemór, à qual concorre muita gente de romagem no primeiro Domingo de Setembro.

S. Sebastiaõ.

XXI.

Lousa.

46 ESte Lugar, que fica duas legoas e meya para o Norte de Lisboa, tem a sua Paroquia dedicada ao Apostolo S. Pedro. Os Freguezes apresentaõ o Paroco, que tem titulo de Cura, a que daõ cento e vinte mil reis. Compoem-se de duzentos visinhos sujeitos ao Corregedor da Rua nova, e tem nos seus limites as seguintes

Ermidas.

O Espirito Santo.

S. Juliaõ.

XXII.

Lumiar.

47 O Sitio em que està fundada a Igreja Paroquial desta povoaçaõ, dedicada ao glorioso Precursor S. Joaõ Bautista, e S. Mattheus, dista de Lisboa pouco mais de huma legoa para o Norte, em hum terreno plano, alegre, e de bons ares. Neste Lugar teve ElRey D. Affonso III. huma casa de campo, à qual chamavaõ o Paço; e depois pela possuir Affonso Sanches, filho bastardo de ElRey D. Diniz, chamaraõ o Paço de Affonso Sanches.

48 Em huma terra da sobredita quinta fundou

de novo o Bispo de Lisboa D. Mattheus, estando em Unhos, esta Igreja, e a erigio em Paroquia a 2 de Abril de 1276, cujo Padroado doou D. Teresa, Senhora de Albuquerque, viuva já entaõ do dito D. Affonso Sanches, ao Mosteiro de Odivellas em 21 de Agosto de 1334, (1) por cuja doaçaõ apresenta a Abbadessa o Priorado, que rende quinhentos mil reis, e dous Beneficios que alli ha. Consta a Paroquia de quatrocentos visinhos, e do seguinte

Convento.

Nossa Senhora da Porta do Ceo. De Religiosos Franciscanos da Provincia de Portugal no sitio de Telheiras, fundado por hum Principe da Asia chamado D. Joaõ, Senhor de Candia, o qual passando a este Reino, e instruido na Fé por estes Religiosos, lhes edificou o Convento no anno de 1633, onde depois de fallecer em Lisboa no anno de 1642, se começou a estabelecer a Communidade. Jaz o Fundador em elevada sepultura de marmore, que elle fez erigir ao lado da Capella mór. (2)

Ermidas.

Espirito Santo.
S. Sebastiaõ.

XXIII.

Milharado.

49 QUatro legoas ao Norte dista este Lugar de Lisboa. He a sua Igreja Paroquial dedicada ao Arcanjo S. Miguel, e tem por Paroco hum Cura, que annualmente apresentaõ o Prior,

[1] Brand. na Monarq. Lusit. liv. 17. c. 23. [2] Soledade no tom. 5. da Histor. Serafic. num. 892.

Prior, e Beneficiados da Freguezia de S. Nicolao de Lisboa. Consta de trezentos visinhos distribuidos pelos Lugares da Bituaria, Canas, Charneca, Castelpicaõ, Cartexaria, Cachoeira, Ceiceira grande, e pequena, Jurumelo, Pousada, Povoa da Gallega, Prizinheira, Rolia, Sobreira. Inclue-se no seu destricto a seguinte

Ermida.

Nossa Senhora da Victoria. No Lugar da Cartexaria. Foy fundada no anno de 1550 por Joaõ Lopes lavrador, e sua mulher Filippa Gonçalves.

XXIV.

Odivellas.

50 O Valle de Odivellas está quasi duas legoas de Lisboa para o Norte. A Paroquia he dedicada ao Menino Jesus, e os freguezes apresentaõ o Paroco annualmente com o predicamento de Cura. Consta de trezentos visinhos repartidos pelos Lugares da Barrosa, Bica, Moreira, Pombaes, Porto, Frigache, &c. subordinados à Correiçaõ do bairro Alto. Comprehende o seu limite o seguinte

Mosteiro.

51 *S. Diniz.* De Religiosas Bernardas. Está situado em huma planicie, que cercaõ tres montes visinhos, junto a hum dos quaes, que fica para o Occidente, corre hum pequeno rio, o qual entrando na cerca do Mosteiro, e regando o seu jardim de Val de flores, sahe a fertilizar algumas quintas daquelles contornos, e a incorporarse com outro pequeno riacho, que corre ao pé do monte da Senhora da Luz, e ambos se vaõ recolher no esteiro do mar junto a Frielas.

 52 Foy

52 Foy edificado este Mosteiro por ElRey D. Diniz, que lhe lançou a primeira pedra com grande solemnidade em 27 de Fevereiro de 1295, e se veyo a concluir com todas as suas officinas no anno de 1305. Por muitos titulos, e circunstancias he digno de attençaõ este Mosteiro pela grandeza do Templo; pelo asseyo, e adorno das suas Capellas; pela magestade, e apparato do culto Divino; pela opulencia, com que o dotou o Rey seu fundador; pelo grande numero de Religiosas, e suas admiraveis vozes, que tanto encarece, e applaudia no seu tempo Luiz Mendes de Vasconcellos; (1) e finalmente por outros muitos argumentos, com que poucas Igrejas, e Communidades se lhe podem igualar.

53 Honra muito esta Casa o Regio monumento de ElRey D. Diniz, o qual jaz na Igreja junto da porta da Sacristia em sepultura de pedra elevada de bom lavor, e cercada de grades de ferro com o retrato do seu corpo em cima esculpido em marmore; e em huma das bazes, sobre que assenta a sepultura, se vê a effigie de hum usso, debaixo do qual está a figura de hum homem cravando-lhe hum punhal, que tudo allude ao caso milagroso, que se conta na vida do sobredito Rey. (2)

Ermida.

Senhor Jesus Roubado. Principiou esta Ermida em hum Cruzeiro de pedra, que o devoto Antonio dos Santos erigio no anno de 1744 em o mesmo sitio, em que foy achada a sagrada Pyxide, roubada do Sacrario da Freguezia de Odivellas no anno de 1671. Depois continuaraõ os devotos a concorrer de fórma, que he hoje hum dos Santuarios muito frequentado dos Fieis: e se entre os Confrades houvera melhor eco-

[1] Vasconcel. Sitio de Lisboa pag. 210. [2] Brandaõ na Monarq. Lusit. liv. 17. c. 21. Cunha na Hist. Eccles. de Lisboa part. 2. cap. 82.

economia, poderaõ ter feito hum formoſo Templo, mais amplo, e com melhor formalidade.

XXV.

Oeiras.

54 SUppoſto que o Lugar de Oeiras foſſe eregido em Villa a 7 de Junho de 1759 por mercê do Fideliſſimo Rey D. Joſeph I. da qual o meſmo Senhor creou Conde de juro, e herdade a Sebaſtiaõ Joſeph de Carvalho ſeu Secretario de Eſtado, como da ponte para cá pertence ao Termo de Lisboa, me pareceo conveniente fallar deſte ſitio.

55 Eſtá elle affaſtado da Cidade tres legoas ao Poente, e o faz muito fertil, e appeticivel hum rio que lhe paſſa pelo meyo, fazendo trabalhar muitas azenhas. A ſua Igreja Paroquial, que ha pouco ſe reedificou por actividade de Antonio Rebello Theſoureiro geral da Bulla da Cruzada, tem o titulo da Senhora da Purificaçaõ, e o Paroco o nome de Cura, apreſentado pelo Prior, e Beneficiados de S. Lourenço de Lisboa. Compoem-ſe de quatrocentos viſinhos diſtribuidos pelos Lugares de Arieiro, Barril, Cacilhas, Caſal da Medroſa, Ceirogato, Eſpargal, Eſpargueira, Feitoria de S. Giaõ, Lage, Laveiras, Murgalhal, Paço de Arcos, Porto Salvo, Terrugem, Villa de Buſſicos, Villa Fria. No ſeu deſtricto exiſte o ſeguinte

Convento.

Vallis Miſericordiæ. De Religioſos Monges Cartuxos de S. Bruno, de quem já fallamos no tom. 2. part. 3. deſte Mappa cap. 3. §. 7. num. 4. A ſua Igreja achey que fora fundada no anno de 1614, ſegundo conſta da Inſcripçaõ ſeguinte:

Anno

Anno Dnï 1614 die 8 Decembr.
Ego Hier. Iſat, & Tingit. Eps.
Ad honorem B. Mariæ Virginis
Primum hunc lapidẽ benedixi
In alma Carthuſiæ Vallis Miſericordiæ
Sedente S. P. Paulo 5. Pont. Max.
Et Philippo 2. Portug. & Hiſp. Rege.

56 Dentro dos ſeus limites exiſtem as ſeguintes

Ermidas.

Noſſa Senhora dos Anjos. Na quinta do Forneiro.
Santo Antonio. Em Laveiras.
Santo Antonio. Na quinta da Boiça.
S. Bartholomeu. Na quinta do Barril.
Noſſa Senhora do Bom Succeſſo. Na quinta da Ponte.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No Lugar de Cachias.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na Feitoria.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Reguengo.
Noſſa Senhora do Egypto.
Senhor Jeſus dos Navegantes. Em Paço de Arcos.
S. Joaõ Bautiſta. No Forte das Mayas.
S. Joaõ Bautiſta. Na quinta do Jardim.
S. Joaõ Nepomuceno. Na quinta da Medroſa.
S. Joſeph. Na quinta da Coſta.
S. Lourenço. Na Cabeça ſeca.
Madre de Deos. Em Villa Fria.
Noſſa Senhora da Penha de França. Na quinta dos Valles.
S. Pedro. Em Cacilhas.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta do Couto.
Noſſa Senhora da Piedade. Na quinta do Quintaõ.
Noſſa Senhora do Porto Salvo. No Lugar de Caſpolima.

Na Fortaleza de S. Juliaõ ha huma Igreja Paroquial com o titulo de Santa Barbara. O Paroco tem

tem predicamento de Cura, que aprefenta o Provedor dos Armazens, e confta de cem vifinhos, além das Companhias do prefidio, e Artilheiros.

XXVI.

Olivaes.

57 PRolonga fe de Lisboa efte fitio o efpaço de legoa e meya para o Nordefte, e nelle ha huma Paroquia, cuja Igreja he dedicada a Noffa Senhora com o titulo dos Olivaes, por apparecer milagrofamente a fua Imagem no tronco de huma oliveira nefte mefmo fitio. A Freguezia he antiquiffima, pois confta que o feu Prior offerecera a Igreja para habitaçaõ dos primeiros Congregados dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelifta no anno de 1420. Depois no anno de 1483 o Cardeal Arcebifpo D. Jorge da Cofta a unio à Capella de Noffa Senhora da Affumpçaõ do Convento de Santo Eloy, cujo Reitor percebe os dizimos defta Freguezia, e aprefenta hum Vigario com a congrua de cem mil reis. Confta a Paroquia de novecentos vifinhos fubordinados ao Corregedor de Alfama, e tem no feu deftricto os feguintes

Conventos.

S. Bento. De Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelifta, a que o vulgo chama S. Bento dos Loyos. Eftá fundado efte Convento nas margens do Tejo meya legoa para o Oriente de Lisboa. Havia D. Eftevaõ de Aguiar D. Abbade de Alcobaça edificado alli huma Ermida ao grande Patriarca S. Bento (e foy a primeira cafa que o Santo teve em Lisboa) com o defignio de formar alli hum Collegio, ou Hofpicio para a fua Ordem; porém fobrevieraõ-lhe embaraços, que lhe impediraõ os feus projectos. Gover-

na-

nava entaõ o Reino ElRey D. Affonso V. com a Sereniſſima Senhora D. Iſabel ſua mulher, a qual ſendo ſummamente affecta ao ſagrado Evangeliſta, tratou de lhe edificar hum Convento, cuja idéa lhe embaraçou a morte.

58 Fazendo porém teſtamento, mandou ſe edificaſſe o Convento, para o que deixou oito mil coroas de ouro, e que depois de acabado ſe entregaſſe aos Bons homens de Villar, e que foſſe cabeça da Congregaçaõ. Deu logo ElRey cumprimento a eſta vontade da Rainha; e mandando pedir a Ermida ao D. Abbade a entregou aos Padres, que tomaraõ poſſe della no anno de 1455, e logo ſe começou a fundar a nova Caſa, e juntamente a ſer cabeça da Congregaçaõ, a qual no anno de 1461 por Breve de Pio II. ſe começou a denominar dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta, cujo Convento principiou a governar o Padre Joaõ Rodrigues.

59 Com os tempos ſe foy conſumindo a primeira fabrica, até que o Veneravel Padre Antonio da Conceiçaõ lhe deu principio no anno de 1600 com ſete toſtões, que lhe haviaõ dado de eſmola. A Capella mór correo por conta de D. Joanna de Noronha, filha dos Condes de Linhares. (1)

Noſſa Senhora da Conceiçaõ do Monte Olivete. De Religioſos Agoſtinhos Deſcalços. He fundaçaõ da Rainha D. Luiza mulher de ElRey D. Joaõ IV., e lhe lançou a primeira pedra no edificio ElRey D. Affonſo VI. em 15 de Mayo de 1666, (2) aſſiſtindo a eſte ſolemne acto toda a Corte, e Communidade de Noſſa Senhora da Graça. Em 23 de Outubro de 1683 padeceo a Igreja, e Convento hum incendio, que em duas horas conſumio grande parte da ſua primeira fabrica.

S.

---

[1] S. Maria no Ceo aberto liv. 1. cap. 6. e liv. 2. cap. 25. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 275. Carv. na Corograf. tom. 3. p. 593. [2] Santuar. Marian. tom. 1. p. 477.

S. Cornelio. De Religiosos Arrabidos. Foy fundado para Convalecença no anno de 1674 pelo Sargento mór Joaõ Borges de Moraes, em huma Ermida de Nossa Senhora da Estrella; depois passou a Convento no anno de 1718. Naõ sabemos o fundamento que houve para os devotos, que concorrem a esta Igreja, offerecerem ao Santo certos corninhos, ou de cera, ou de prata; acçaõ, que como já dissemos em outra parte, e bem reparou o douto Feijó, (1) involve hum culto irrisorio, que a prudencia politica muitas vezes costuma tolerar ao povo material, e rude.

Mosteiros.

60 *Santo Agostinho.* De Religiosas Agostinhas Descalças. Foy fundado no sitio do Grillo pela Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, mulher de El-Rey D. Joaõ IV., e lhe deu principio em 2 de Abril de 1663, sendo a primeira Fundadora a Veneravel Madre Sor Maria da Presentaçaõ, que veyo com outras cinco Religiosas do Mosteiro de Santa Monica de Lisboa. (2)

Nossa Senhora da Conceiçaõ. De Religiosas de Santa Brigida. Está fundado no sitio de Marvilla pelo Arcediago de Lisboa Fernando Cabral em 18 de Março de 1660. Neste sitio renovou o primeiro Patriarca de Lisboa D. Thomaz de Almeida o antigo Palacio, e quinta da Mitra, enriquecendo-o de nobilissimo ornato, e com especialidade duas grandes salas, em que mandou collocar os verdadeiros retratos de todos os Excellentissimos Arcebispos de Lisboa em quadros renovados pelo excellente pincel do insigne Francisco Vieira, por ordem do Senhor Rey D. Joaõ V. Direy a disposiçaõ com que alli

[1] Feijó no Theatro Critico tom. 7. disc. 8. n. 25. [2] Santuar. Marian. tom. 7 pag. 10.

eſtaõ collocados, que naõ he chronologica, e inſinuarey os caprichos pitoreſcos do meſmo Artifice com que os illuſtrou.

O primeiro retrato da primeira ſala naõ tem nome. Fatal deſcuido!

O ſegundo retrato he de *D. Antonio de Mendoça*, filho do primeiro Conde de Val de Reys, e decimo oitavo Arcebiſpo. Como elle vinculou toda a ſua fazenda na Caſa de Val de Reys, fingio-lhe Vieira no meſmo quadro hum painel pendurado, que repreſenta Eneas com o pay às coſtas, e hum mote na moldura, que diz: *Pius in Parentem.*

O terceiro he do Cardeal *D. Luiz de Souſa*, decimo nono Arcebiſpo. Tem huma inſcripçaõ dos ſeus titulos honorificos em hum dobrado, e fingido papel encoſtado a hum grande copo de criſtal com as ſuas armas expreſſadas à imitaçaõ dos vidros de Alemanha, e he o que o retrato tem do pincel de Vieira. Moſtra o tal copo eſtar cheyo de agua.

O quarto he de *D. Rodrigo da Cunha*, decimo ſetimo Arcebiſpo. Eſte retrato he antigo, foy retocado por Vieira, que lhe accreſcentou huma livraria, cujos titulos dos livros ſaõ os que o meſmo Arcebiſpo compoz. Tem eſtes diſticos, que dizem:

Invida naturæ potuit tibi tollere vitam
Mors, vitam Famæ tollere non poterit.
Vivit adhuc, ſpiratque ſimul tua Præſul imago.
Vivit in his libris, ſpirat in hac tabula.

O quinto he de *D. Jorge da Coſta*, chamado o Cardeal Alpedrinha, e oitavo Arcebiſpo. Eſtá encoſtado a hum bofete, em que tem hum livro aberto, onde ſe vê a eſtampa do paralytico com a cama às coſtas, a quem Chriſto diſſe: *Tolle grabatum tuum*; e allude à fugida occulta, que o Cardeal Arcebiſpo fez para Roma, por contradições que teve com o Principe D. Joaõ, que ſuccedeo no Reinado a ElRey D. Affonſo V. Em cima do bofete ſe

vê

vê hum globo, onde se divisa huma roda de navalhas, em lembrança do que devia à Infanta D. Catharina, empreza de que sempre usou. As suas armas proprias estaõ em hum supposto retrato do mesmo Cardeal Arcebispo, expressadas na moldura no canto do painel.

O sexto he *D. Joaõ Manoel*, decimo sexto Arcebispo, e Vice-Rey de Portugal.

O setimo he *D. Affonso Furtado de Mendoça*, decimo quinto Arcebispo.

O oitavo he *D. Miguel de Castro*, decimo quarto. Deste Arcebispo naõ se achou em todo Portugal outro retrato mais que hum feito depois delle morto, com os olhos fechados, e deitado: e dizendo ElRey a Vieira, que era preciso resuscitallo, elle o expressou com a maõ esquerda no peito, e com a direita apontando para hum relogio, que mostrava em duas aberturas adequadas o numero do dia, e o nome do mez em que fallecera, e no termo inferior do dito relogio o anno: e para significar que o tal relogio alli cessara, fez-lhe o apontador cahido no bufete; e para dar satisfaçaõ à ordem do Rey, figurou-lhe no fundo hum medalhaõ pendurado com a resurreiçaõ de Lazaro, e hum letreiro na moldura, que diz: *Veni foras.*

O nono he *D. Jorge de Almeida*, decimo terceiro Arcebispo.

O decimo he o Cardeal Rey *D. Henrique*, duodecimo Arcebispo. Está elle figurado em hum jardim solitario em acto pensativo, com hum maço de papeis nas mãos, e estas encruzadas. Ao lado direito huma estatua de bronze, que representa a Lusitania, com a sua lança cahida, e a figura disposta de modo, que está sem cabeça, porque justamente fica cortada com a moldura para dissimular o conceito. Junto do pedestal da dita figura está huma planta de cardo seco com dous caracoes pegados. Da parte esquerda está hum bufete de pedra avermelha-

da, e ſobre eſte hum livro grande fechado, que tem no lombo eſcrito hum letreiro, que diz: *Reino de Portugal.* Sobre o dito livro eſtá huma coroa de louro, e ſobre ella huma Coroa Real, e hum coelho, ſymbolo de Heſpanha, que deſde hum canto puxa pela laurea, e tomba a dita Coroa Regia.

O undecimo he *D. Fernando de Vaſconcellos e Menezes*, undecimo Arcebiſpo. Tem na fingida parede do ſeu quarto pendurado hum *Agnus Dei* de Paulo III., que foy o Pontifice, que o creou Arcebiſpo.

O duodecimo he o Cardeal Infante *D. Affonſo*, decimo Arcebiſpo. Eſtá expreſſado de modo, que moſtra por meyo de jeroglificos, eſtimar, e favorecer mais fervoroſamente a Theologia, que a Filoſofia.

O decimo terceiro he *D. Martinho Vaz da Coſta*, irmaõ do Alpedrinha, nono Arcebiſpo. Moſtra elle eſtar lendo humas Concluſões, em que ſe vê na Dedicatoria o ſeu nome; e em huma urna Indiana, as ſuas armas. Eſta he a ſerie confuſa dos Arcebiſpos de Lisboa, que naquellas duas ſalas ſe vem collocados, podendo eſtar por melhor ordem, e completos com os mais retratos que faltaõ.

O meſmo Eminentiſſimo Prelado mandando fazer à borda da praya huma calçada mageſtoſa, ſervio com eſta grande obra de utilidade ao bem commum, a que o ſeu nobre eſpirito muito attendia.

61 *S. Felis*, *e Santo Adriaõ.* De Religioſas Conegas Regrantes de Santo Agoſtinho. Eſtá fundado eſte Moſteiro no fim de hum Valle, que chamaõ de Chellas, muito freſco, e aprazivel por cauſa das muitas hortas, e quintas, que o cercaõ, affaſtando-ſe de Lisboa meya legoa pelo Tejo acima quaſi do Meyo dia para o Norte. He fundaçaõ antiquiſſima, e dizem alguns, (1) que no tempo da Gen-

[1] Luiz Marinho Antiguid. de Lisboa liv. 2. cap. 1.

Gentilidade habitaraõ nelle Virgens Vestaes, o que he muito duvidoso.

62 Depois no principio da Christandade se edificou Templo, dedicando-o aos gloriosos Martyres S. Felis, e Santo Adriaõ, que em diversos tempos, e por varios casos vieraõ aportar a este sitio, onde entaõ chegava o mar pelo valle de Xabregas. Permaneceo este Templo no imperio, e sujeiçaõ dos Arabes, mas naõ consta se na mayor furia, e perseguiçaõ delles conseguio a mesma liberdade. O que se tem por mais certo he, que as Reliquias dos Santos se esconderaõ pelos Christãos, e que recuperada Lisboa ultimamente pelo invicto Rey D. Affonso Henriques, se descobriraõ, e a Igreja se renovou.

63 Logo nos principios desta restauraçaõ fez ElRey D. Sancho I. no mez de Agosto de 1192 mercê desta Igreja a certos Religiosos, cuja ordem se ignora. Depois no reinado de ElRey D. Affonso III. no anno de 1271, consta que já havia Religiosas, mas que ordem professassem, he ponto controverso; porque o Chronista Fr. Luiz de Sousa pertende fossem Dominicas; e o Chronista mór Fr. Antonio Brandaõ he de parecer, que sempre foraõ Conegas Regrantes. (1) Ultimamente foy esta Igreja aperfeiçoada no anno de 1690, e he o seu Mosteiro subordinado ao Prelado Diecesano.

Ermidas.

Santo Antonio. Na quinta da Concha.
Santo Antonio. No Braço de prata.
S. Bento. Na quinta dos Padres Loyos.
Bom Pastor. Na rua nova.
Nossa Senhora do Carmo. No Condado.

Nos-

[1] Sousa Chron. de S. Doming. liv. 1. cap. 13. e 14. Brand. na Monarq. Lusit liv. 10. cap. 35. Veja-se a D. Rodrig. da Cunha no Catal. dos Bispos de Lisboa part. 2. cap. 38. n. 6.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Bizato.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Na quinta do Marquez de Marialva.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. Em Cabo ruivo.

Noſſa Senhora da Conceiçaõ. No ſitio do Candieiro.

Jeſus Maria Joſeph. Na quinta dos Mozinhos.

Jeſus Maria Joſeph. Em Marvilla.

S. Joaõ Bautiſta. Na Panaſqueira.

Madre de Deos. Em Alfundaõ.

Madre de Deos. No Cabeço.

Noſſa Senhora das Mercês. Na Bella viſta.

Noſſa Senhora da Piedade. Dos Padres Trinos.

Noſſa Senhora da Purificaçaõ. Na quinta da Flamenga.

XXVII.

Povoa.

64 ESte Lugar, que diſta de Lisboa pouco mais de legoa e meya, conſta de huma Freguezia, cuja Igreja he dedicada a Santo Adriaõ, a qual ſe deſannexou da Paroquia de Loures pelo deſcommodo que experimentavaõ os Freguezes moradores neſte Lugar, eſpecialmente no tempo de inverno; e aſſim eſtabelecendo congrua ao Paroco, ſaõ elles os que o apreſentaõ com titulo de Cura, e com huma Capella, que tem annexa, lhe renderá o Curato duzentos mil reis. Tem ſetenta fogos, e perto de quatrocentas peſſoas. No ſeu deſtricto exiſte a

Ermida.

Noſſa Senhora do Bom Succeſſo.

XXVIII.

S. Quintino.

65 DIstante de Lisboa cinco legoas para o Norte se vê este Lugar em sitio alto. A sua Igreja Matriz he dedicada a Nossa Senhora da Piedade, cujo Paroco tem o titulo de Vigario. Ha no seu destricto duas

Ermidas.

Espirito Santo.
Nossa Senhora da Fé.

XXIX.

Sacavem.

66 NAs margens de hum vistoso rio, que desemboca no Tejo duas legoas distante do Oriente de Lisboa, está edificada esta povoaçaõ em lugar fertil naõ só pelo terreno, mas pelo bom commodo do porto. A sua Paroquia he antiga, pois desde o anno de 1191 temos della memoria, (1) e he dedicada a Nossa Senhora da Purificaçaõ, sendo o seu Padroado da Real Casa de Bragança, que apresenta o Prior, e este a seis Beneficiados. Consta de novecentos visinhos sujeitos à Correiçaõ de Alfama. Incluem-se no seu destricto os seguintes Templos.

Mosteiro.

Nossa Senhora dos Martyres. De Religiosas Capuchas da primeira Regra de Santa Clara. Foy fundado no anno de 1577 por Miguel de Moura Secretario

[1] Cunha na Histor. Eccles. de Lisboa part. 2. c. 18. n. 6.

rio de Eſtado, e Eſcrivaõ da Puridade de ElRey D. Sebaſtiaõ, e ſua mulher Brites da Coſta, no ſitio onde eſtava huma antiga Ermida com o meſmo titulo da Senhora dos Martyres, a qual havia erigido ElRey D. Affonſo Henriques para memoria de huma milagroſa batalha, que alli alcançara dos Mouros. (1)

Ermidas.

Eſpirito Santo.

S. Joſeph. Na quinta Conde de Alvor.

Noſſa Senhora Madre de Deos. Na quinta da Francelha, que poſſue Eſtevaõ da Coſta Solano, Theſoreiro que foy da Alfandega deſta Cidade.

Noſſa Senhora da Saude.

S. Sebaſtiaõ. Na quinta do Viſconde.

Noſſa Senhora da Victoria.

68 No braço de mar, que por aqui entra, exiſte hoje huma barca chamada da carreira, que por invençaõ engenhoſa de Bento de Moura facilita muito a paſſagem de huma para outra parte. Antigamente havia huma ponte de que ſe lembra Franciſco Dolanda, como refiro no Roteiro Terreſtre; a qual depois que cahio, nunca mais ſe levantou por incuria dos Portuguezes, ſegundo bem deplora o Author do Santuario Mariano. (2)

XXX.

Santiago dos Velhos.

69 NEſte pequeno Lugar, que fica huma legoa para diante de Bucellas, ha huma Freguezia, que conſta de noventa fogos, com hum Cu-

[1] Brand. na Monarq. Luſit. liv. 10. cap. 27. Far. tom. 3. da Europ. pag 14. Marinho de Azev. nas Antig. de Liſb. liv. 4. cap. 24. Cardoſ. no Agiolog. tom. 1. p. 451. e tom. 2. p 309. Leitaõ nas Miſcellan. dialog. 2. pag. 39. Santuar. Marian. tom. 1. p. 128. Barboſa Bibliot. tom. 3. p. 478.
[2] Santuar. Mar. t. 1. p. 129. Veja-ſe tambem a Monarq. Luſ. l. 10. c. 27.

Cura que o povo apreſenta. A invocaçaõ da Matriz deu nome ao Lugar.

XXXI.

Sapataria.

70 JAz em hum ſitio baixo, e na diſtancia de quatro legoas e meya para o Norte. A ſua Matriz he conſagrada a Noſſa Senhora da Purificaçaõ, e o ſeu Cura he apreſentado pelo Prior de S. Juliaõ da Cidade, e lhe rende oitenta mil reis. Conſta de quatrocentos viſinhos repartidos pelos Lugares ſeguintes: Bica, Bouço, Caſalcochim, Gallegos, Gudeis, Limões, Malforno, Moita, Moitellas, Molhados, Sarreira, Silveira. Contem nos ſeus limites eſtas

Ermidas.

Noſſa Senhora do Deſterro.
Eſpirito Santo.
S. Giraldo.
Noſſa Senhora da Guia.
S. Martinho.
Noſſa Senhora da Salvaçaõ.
S. Sebaſtiaõ.

XXXII.

Via-Longa.

71 EStabeleceo-ſe eſta povoaçaõ, a que muitos intitulaõ Villa-Longa, em ſitio alto, e alegre affaſtado de Lisboa tres legoas ao Norte. A ſua Paroquia dedicada a Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ he annexa à Paroquial de Santo André da Cidade, e o Cura de Via-Longa paga à de Santo André oito mil reis por conta das offertas; porque no an-

no de 1390 os moradores de Via-Longa fizeraõ à ſua cuſta huma Ermida, e pediraõ licença ao Prelado, que entaõ era D. Joaõ Annes, para terem Capellaõ, que lhes adminiſtraſſe os Sacramentos ſem prejuizo dos direitos Paroquiaes de Santo André.

72 Depois no anno de 1440 tornaraõ a ſupplicar os moradores ao Prelado Diecesano lhes concedeſſe poderem ter Cura ſeparado com a condiçaõ de ſe repartirem as offertas entre o Prior de Santo André de Lisboa, e o Cura de Via-Longa, o qual ſeria apreſentado pelo dito Prior, e os Beneficiados. Sobre iſto houveraõ varias demandas, e o que preſentemente ſe obſerva he dar o Cura de Via-Longa oito mil reis ao Prior de Santo André, e o povo daquelle Lugar apreſentar o Cura, a quem rende o Curato trezentos mil reis. Conſta a Freguezia de ſeiſcentos viſinhos, e comprehende nos ſeus limites os Templos ſeguintes.

Convento.

Noſſa Senhora do Amparo. De Religioſos Capuchos. Intitula-ſe eſte Convento a Caſa nova da Capucha, e eſtá fundado em huma baixa do Lugar da Verdelha, cuja erecçaõ ſe deve a Pedro de Alcaçova Carneiro primeiro Conde da Idanha a nova, e Vedor da Fazenda de ElRey D. Joaõ III. do qual Convento tomaraõ poſſe os Religioſos no anno de 1553. (1)

Moſteiro.

73 *Noſſa Senhora dos Poderes.* De Religioſas obſervantes Clariſtas. Foy a ſua fundadora D. Brites de Caſtello-Branco, filha de Heitor Mendes Valente, Alcaide mór de Terena, a qual obteve Breve de

[1] Carvalho na Corograf. Port. tom. 3. p. 596. Clauſtr. Franciſc. pag. 47. Santuar. Marian. tom. 1. p. 455.

de Pio IV. no anno de 1561 para esta fundaçaõ, e o mesmo Pontifice declarou na Bulla, que fosse o Mosteiro dedicado a Nossa Senhora dos Poderes; naõ obstante pedir a Instituidora o titulo para a Senhora da Incarnaçaõ. Até o anno de 1574 estiveraõ as Religiosas subordinadas ao Prelado Diecesano; porém no seguinte deraõ obediencia à Provincia de Portugal, e no mesmo anno se transformaraõ de Terceiras em Religiosas de Santa Clara, cuja Regra observaõ. (1)

Ermidas.

Nossa Senhora da Graça. Na quinta, e Palacio do Conde de Val de Reys. He huma das Ermidas nobres, e das mais asseadas que temos visto.

Nossa Senhora das Mercés. Na quinta do Duque de Cadaval no sitio da Alfarrobeira. Aqui succedeo aquella deploravel batalha de 20 de Mayo de 1449, em que morreo o Infante D. Pedro filho de ElRey D. Joaõ I.

XXXIII.

Unhos.

74 ESTá fundado este Lugar junto do rio de Sacavem na distancia de duas legoas de Lisboa para o Norte. A sua Igreja, naõ obstante dizer o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, (2) que fora erecta no anno pouco mais, ou menos de 1277 pelo Bispo D. Mattheus, consta de huma carta original de ElRey D. Affonso III., que existe no Cartorio desta Igreja, que jâ no anno de 1257 estava estabelecida.

75 He ella do Padroado da Serenissima Casa de Bragança, e rende ao Paroco quatrocentos mil reis

[1] Cardos. no Agiol. Lus. tom. 1. p. 201. e tom. 2. p. 223. Soledade tom. 5. Hist. Seraf. liv. 1. cap. 19. Santuar. Marian. tom. 1. pag. 438.
[2] Cunha Catalog. dos Bisp. de Lisboa pag. 179.

com o Beneficio que lhe he annexo. Permaneceo com o titulo de Vigairaria até os principios do Seculo decimo sexto, em que sendo provido pelo Senhor D. Jayme I. do nome, e IV. Duque de Bragança o Padre D. Gonçalo Fernandes Conego Regular de Santo Agostinho, teve a denominaçaõ de Prior, com a qual foraõ collados todos os seus successores; os quaes apresentaõ dous Beneficios de oitenta mil reis cada hum. Compoem-se este Lugar de duzentos visinhos subordinados à Correiçaõ de Alfama. Dentro dos seus limites ha as seguintes

Ermidas.

Nossa Senhora da Esperança. Na quinta da Malvazia. Foy fundada por D. Brites de Velasco, e se celebrou nella a primeira Missa no anno de 1599.

Nossa Senhora da Nazareth. No Lugar do Catejal. He Imagem milagrosa, com quem os moradores de Lisboa tem muita devoçaõ. (1)

Nossa Senhora do Populo. Na quinta da Bouça contigua ao Lugar de Unhos.

S. Sebastiaõ. Situada no arrebalde deste Lugar. Foy fundada pelos annos de 1531.

Nas Antiguidades de Lisboa, que escreveo Antonio Coelho Gasco, se lembra elle no *cap.* 50. de ver na Igreja de Unhos huma pedra de sepultura Romana, cujo cippo dizia assim:

Julius : Ita-
licus : Augus-
Tal : H.S.E.

Isto he: *Aqui está enterrado Julio Italico Sacerdote de Augusto.*

---

[1] Santuar. Marian. tom. 1. pag. 473.

SUM-

SUMMARIO
DOS CAPITULOS, E MATERIAS, que contém este Tomo.

D.

Arcebiſpos.

XV.

Patriarcas.

Paroquias.

Conventos, Hoſpicios, e Collegios.

S.

Moſteiros, e Recolhimentos.

Eſ-

Igrejas, Collegiadas, Seminarios, Ermidas, e Hoſpitaes.

—dos

Paroquias.

VI.

Conventos, e Moſteiros do Termo.

Noſ-

RO-

ROTEIRO TERRESTRE DE PORTUGAL,

EM QUE SE ENSINAÕ POR JORNADAS, E SUMMARIOS naõ só os caminhos, e as distancias, que ha de Lisboa para as principaes terras das Provincias deste Reino, mas as derrotas por travessia de humas a outras povoações delle.

INTRODUÇAÕ.

1 ESTE Roteiro, que pelo assumpto havia de servir de complemento aó nosso Mappa de Portugal, apparece agora com antecipaçaõ depois da quinta Parte delle a instancias da curiosidade. Eu já havia reflectido ser summamente importante o conhecimento das estradas com as distancias, que entre si guardaõ os lugares, por onde se discorre, naõ só para o bom commodo dos viajores, segurança das expedi-

ções militares, [1] e facil conducta dos generos concernentes ao commercio reciproco, mas sobre tudo para o soccorro, que contribue à verdadeira posiçaõ, e noticia local das terras, que he a baze da Geografia, e huma das principaes luzes da Historia. [2]

2 Confesso porém, que desde que emprendi esta Obra, me preoccupou bastantemente o cuidado o poder satisfazella nesta parte pela falta, que tinhamos desta instrucçaõ; e sendo-me quasi impossivel poder indagar isto pessoalmente, como era preciso, de algum modo o consegui, valendo-me da intervençaõ de meus amigos Antonio Daniel, Tenente do Correio mór deste Reino, e de Manoel Gomes Rebello, Official antigo do mesmo expediente, os quaes mandando pedir a todos os Correios assistentes das Provincias os Itinerarios, que dos seus destritos havia até Lisboa, os mais delles, informando se de pessoas práticas, remeteraõ relações provavelmente bem averiguadas, de que formey o presente Roteiro com a melhor formalidade, e exacçaõ, que foy possivel; sem embargo de que em algumas partes vay diminuto, naõ só por falta de noticias, e algumas indigestas, mas por ser esta huma empreza verdadeiramente desigual ao meu talento, e mais propria de pulso superior.

3 A verdade he, que parte deste projecto naõ só foy já intentado, mas posto em execuçaõ por ElRey Filippe IV. desde o anno de 1638, quando governava este Reino; porque desejando saber as distancias, que havia de humas a outras terras delle, passou hum Decreto, para que os Corregedores das Comarcas fizessem tirar com individuaçaõ o calculo destas medidas pelas terras da sua alçada, encarregando a diligencia ao Duque de Villa Hermosa. As listas, ou relações originaes, que se remetteraõ a Madrid, me communicou já ha tempos o erudito Fr. Francisco de Santa Maria, Religioso Au-

[1] *Primùm itineraria omnium regionum, in quibus bellum geritur. plenissimè debere habere per scripta, ita ut locorum intervalla non solùm passuum numero, sed etiam viarum qualitates perdiscat.* Vegecio lib. 3 *de Re militari* cap. 6 [2] *Est autem itinerum notitia non tantùm mercatoribus necessaria, qui per varias regiones peregrinantur, sed exactiori locorum descriptioni plurimùm inservit, & totius Geographia fundamentum est.* Simlerus *in præfat. Itiner. Antonini.* E mais para diante: *Affert etiam Itinerum cognitio multum lucis Historiarum lectioni.* Veja-se Monf. D' Audiffret no Pref. da Geogr. tom. 1. e ao P. Segura na 1.*p. do Norte Critico disc.* 2. § 5.

Augustiniano, que a morte nos usurpou taõ depressa, as quaes em dous volumes de folha existem presentemente na insigne livraria do Convento de N. Senhora da Graça desta Corte, e dellas me aproveitey quanto a alguns Summarios sómente: porém estaõ defeituosas, e incompletas; porque embaraçando-se com outras averiguações, deixaõ em muitas de corresponder as repostas aos interrogatorios.

4 Tambem o laborioso, e diligente Padre Antonio Carvalho da Costa [1] prometteo hum Roteiro breve de Lisboa para as principaes povoações do Reino; mas sem duvida ficou só na promessa, pois naõ me consta que alguem o visse; de sórte, que esta minha idéa, officiosa em beneficio publico do Reino, sem mais interesse, que seu o proprio lustre, bem póde merecer o titulo de primeiro Itinerario, que até agora se tem visto disposto para o nosso particular Paiz.

5 Nelle, depois de dar huma breve noticia das Vias Militares, que no tempo dos Romanos discorriaõ pelas nossas terras, e de algumas pontes, que atravessavaõ pelos nossos rios [memoria, que achey naõ ser impropria do assumpto presente] entro a delinear o Itinerario moderno, constituindo a Cidade, e Corte de Lisboa, centro de todos os Roteiros, que distribuo para as principaes povoações das Provincias, e destas faço produzir, e derivar outras Vias por travessia, que servem como ramos, que vaõ pegar nos lugares circumvizinhos mais notaveis. E porque naõ foy possivel demarcar por jornadas, e mansões todos os intervallos, que ha de huns a outros sitios, reduzi alguns a compendios, ou summarios; fazendo porém muito pelos orientar, ou ajustar à melhor arrumaçaõ, com que humas terras se correm com outras, regulando-me para isso pelo Mappa de Joaõ Bautista Homannu. Naõ sey todavia se acertey em todos os rumos.

6 O ponto central, que elegi para delles lançar os Roteiros para as mais partes, pareceo-me ser adequado, e util para a clareza. Lisboa, como Corte do Reino Portuguez, he o coraçaõ da sua Monarquia, naõ tanto pela vantajem do felicissimo sitio, em que está, quanto pela grande capacidade, e conveniencia do commercio, que tem; onde à maneira

[1] Na Corograf. Portug. t. 3. no princip. do liv. 2.

do coraçaõ nos corpos viventes, que he o principal fundamento, que vivifica todos os ſeus membros, aſſim Lisboa com huma facil, e continua diſtribuiçaõ communica, e reparte a ſubſtancia vital dos cabedaes a todas as partes mais remotas das ſuas Comarcas; ou já pelas veas dos portos, e trajectos dos rios, ou pelas vias das eſtradas, por meyo das quaes recebe tambem com reciproca affluencia a fertilidade, e regalo dos frutos, que todas as terras deſte Continente lhe eſtaõ tributando, como a Princeza.

7 Em nenhum tempo melhor que no pacifico, e fauſto reinado delRey D. Joaõ V. ſe verificou toda eſta felicidade, pois a effeitos de ſeu heroico eſpirito ſempre pio, auguſto, e providente, vimos as ruas, e as praças de Lisboa mais largas, e as eſtradas, que nos conduzem a ella, mais eſpaçoſas. Obſervou Tibullo, [1] que os moradores dos ſuburbios de Roma cantavaõ louvores a Marco Meſſalla, porque havia mandado reedificar os caminhos Tuſculano, e Albano, pelos quaes voltavaõ ſeguros para as ſuas terras, ainda que foſſem de noite, ſem perplexidade alguma:

-------- Hìc glarea dura
Sternitur; hìc apta jungitur arte ſilex.
Te canit agricola, è magna cùm venerit urbe
Serus, inoffenſum retuleritque pedem.

8 Porém a incomparavel providencia de Sua Mageſtade, eximindo de todos eſtes deſcommodos a ſeus vaſſallos, perpetuou os ſeus louvores; porque mandou ampliar os caminhos, e deſimpedir as eſtradas, fez facilitar a communicaçaõ deſſa fertilidade, e multiplicou juntamente as occaſiões, de que podeſſem todos com ſuavidade vir lograr a miudo os mimos da Corte, e gozar da mageſtoſa preſença de hum Monarca verdadeiro Tito, igualmente benefico, ſoberano, e affavel. He o que por eſte motivo cantou hum noſſo Poeta grande imitador dos antigos. [2]

9 Ago-

---

[1] Tibul. l. 1. eleg. 7. ad fin. [2] D. Luiz de Lima part. 2. epigr. 60.

Hìc auguſta patent, ſpatioſaque ſtrata viarum,
Teque jubente, cita jungitur arte ſilex.
Urbs tua ſic populis ſedet undique pervia Princeps,
Quique & inoffenſum fertque, refertque pedem,
Obice jam dempto properat, geſtitque viator;
Sicque datur citiùs Principis ore frui.

9 Agora hum dos pontos principaes, que neste assumpto se faz preciso advertir, he sobre o calculo das leguas. Neste Reino naõ ha medida certa itineraria, e por isso encontramos pelas Provincias tanta irregularidade neste particular; pois vemos que as leguas da Estremadura pela mayor parte saõ pequenas, as do Alentejo mayores, e as de Trás os Montes, e Algarve demasiadamente compridas: donde disse bem o Padre Argote, [1] que entre as leguas Portuguezas apenas se achaõ duas, que convenhaõ no comprimento; e tudo nasce, porque vulgarmente se medem as leguas por estimativa.

10 No systema do Engenheiro mór [2] deve computarse a legua por huma hora de caminho a passo cheyo, e ordinario, dando a cada legua trez mil passos geometricos, e a cada passo geometrico cinco pés geometricos, que fazem quasi sete palmos de craveira. Naõ quizera metter agora ao Leitor em prolixas averiguações deste ponto, que póde ver em outros Authores mais de espaço; [3] só he bem que saiba terse observado ordinariamente, que hum Postilhaõ, ou Correio, indo a pé, caminha em vinte e quatro horas de veraõ quatorze leguas, e de inverno treze; e indo pela posta, anda nas vinte e quatro horas trinta leguas.

11 Da medida do pé horario, que se determina mediante as vibrações de hum pendulo, quando se praticasse universalmente, diz Pedro Du-Val, [4] que resultariaõ certas as distancias itinerarias em toda a parte; e já hoje alguns Geografos peritos usaõ deste engenhoso instrumento para regularem sem fallencia as leguas, e intervallos progressivos. [5] Porém em quanto se naõ observa geralmente, ou naõ se tomaõ outras precauções para esta medida, me foy preciso accommodar na affinaçaõ das leguas com a vulgar estimativa do Paiz, praticada entre os caminhantes, que mais cursaõ as estradas; e por isso advirto, que entre nós naõ merecem muito credito os Itinerarios de Cherubim Stella, Joaõ Maria Vidari, e D.

---

[1] Argote nas Antig. da Chancel. de Braga p. 202. [2] Manoel de Azev. Fort. no Modo de fazer as Cartas Geograf. pag. 4. [3] Cluverio na Geograf. Fort. no Engenh. Portug. t. 2. l. 1. c. 6. Fr. Bern. de Brit. na Monarch. Portug. p. 2. l. 5. c. 11. Barreir. na Corograf. fol. 61. [4] Du-Val Trat. do Uso do Globo, e do Mappa. [5] D. Jorge Juan nas Observ. Astronomic. feit. por ordem delRey Filippe V. l. 8. c. 1. ha pouco impress.

e D. Pedro Ponton; naõ ſó porque erraõ os nomes das noſſas terras nas poucas viagens, que por eſte Reino deſcrevem, mas tambem, porque naõ acertaõ na medida actual, que ha entre terra, e terra.

12 Neſta, e nas mais noticias, que pertencem ao noſſo Reino, ſaõ ordinariamente miſeraveis os Authores Eſtrangeiros; [1] porque ou ſeja por malicia, ou ignorancia, humas vezes eſcrevem o que naõ ſe deve dizer, outras dizem o que naõ he; e deſte defeito fiquey ſummamente eſtimulado, quando li no Tomo xv. do *Eſtado preſente da Europa* o que ſeu Author eſcreve modernamente de Portugal. Elle diz o que nunca houve: miſtura o antigo com o moderno ſem o ſeparar: erra os nomes das peſſoas conſpicuas, e pouco acerta com a época dos tempos: de huma particularidade tira conclusões univerſaes para informar ao mundo dos noſſos coſtumes; em fim omitto muitas patranhas, que o Author refere, porque naõ he eſte o lugar para criticas. E aſſim tornando à falta das medidas itinerarias, parece-me que ſe evitaria eſte inconveniente, ſe ſe abraçaſſe o arbitrio de mandar collocar nas entradas, e ſahidas das povoações do Reino, e de eſpaço a eſpaço por todos os caminhos mais frequentados cruzeiros de pedra, em os lados de cujas bazes eſtiveſſem numeradas as diſtancias das leguas, ou dos paſſos, que ha de hum a outro lugar, calculados todos por huma medida certa.

13 Imitariamos niſto louvavelmente aos Romanos, que aſſim o uſaraõ para guia dos paſſageiros por todas as terras do ſeu Imperio em columnas altas, e groſſas; e já ElRey D. Joaõ V. com advertida providencia fez dar principio a eſte bem commum, mandando pôr no caminho Real de Mafra padrões com letras gravadas em lingua vulgar, que declaraõ a ſeparaçaõ das eſtradas, e a diſtancia, que ha dalli até às mais proximas povoações.

14 Parece-me que tenho dado aos Leitores a razaõ, que baſta para penetrarem naõ ſó os fundamentos da minha idéa, e o caracter da Obra, mas poder merecerlhes tambem a deſculpa dos defeitos della; para que talvez concorreraõ muitos ac-

[1] *Quòd ſiqui exteri res Luſitanas attigerunt, pauci ii ſanè ſunt admodùm, idque adeò dubia plerumque fide fecerunt, ut ſæpe tota errent viâ.* Metel. in Præfat. ad libr. Oſorii de *R. b. Emman.*

accidentes inevitaveis, os quaes poderá emendar o tempo com a diligencia, que applicar outro qualquer zeloſo do bem publico em o deſempenho deſte projecto.

15 Paſſemos agora a dar huma noticia previa, e ſummaria das Vias Militares, e Pontes, que havia neſte Reino em tempo dos Romanos. He de ſaber, que a mayor obra publica, mais magnifica, e mais util, que os Romanos fabricaraõ por todas as terras do ſeu dominio, foy a das Vias Militares, ou Calçadas, e Eſtradas Reaes. Diſcorriaõ ellas deſde os ultimos fins do Occidente, que era a Luſitania, até além de Babylonia Oriental, e de Norte a Sul deſde a Eſcocia até Africa. Com eſta continuada progreſſaõ, e ſerie de caminho hiaõ parar todos como em centro no meyo da praça de Roma junto ao Coliſſeo, onde eſtava huma baliza, ou meta, que ſe chamava *Umbilicus Urbis.*

16 Nas Taboas Geograficas de Peutinger, que vem no fim do Tratado doutiſſimo, que deſte aſſumpto compoz Nicoláo Bergier, [1] ſe obſerva, que as taes Eſtradas eſtavaõ lançadas pelas terras do Imperio Romano da meſma fórma, que vemos deſcriptos os rumos, ou linhas nas Cartas de marear, pelos diverſos ramos, que enlaçavaõ, e faziaõ pegar huns caminhos com outros caminhos, até pararem nas povoações, a que ſe dirigiaõ. A eſte fim rompiaõ por entre penhaſcos, e rochedos, circulavaõ montanhas, e valles, atraveſſavaõ ribeiras, e rios por cima de mageſtoſas pontes, procurando ſempre neſta obra verdadeiramente Regia a fortaleza della, e a commodidade dos paſſageiros, que em qualquer tempo, e a qualquer hora, ou foſſem a pé, ou a cavallo, nunca achavaõ embaraço algum.

17 Eraõ as Eſtradas pela mayor parte eſpaçoſas, cujo pavimento compunhaõ pelo meyo pedras pretas, a que chamavaõ *Silice*, e guarneciaõ as ourellas outra caſta de pedrinhas mais miudas, como caſcalho, a que chamavaõ *Glarea*, todas perfeitamente unidas humas às outras; de cuja conſtrucçaõ, arquitectura, e aſſeyo tinhaõ cuidado diverſos Magiſtrados, e Perſonagens, a quem os Imperadores davaõ eſte officio, e ſuperintendencia com o honroſo titulo de *Triumviri*

[1] Apud Bergier tom. 2. *Hiſtoire des grands Chemins de l'Empire* in fine.

ri viarum curandarum, cujo cargo ainda hoje exiſte em Roma, reſtituido à ſua antiga mageſtade por Martinho V. e augmentado por outros Summos Pontifices. (1)

18 Pelas margens deſtas Eſtradas ſe viaõ collocados de quarto a quarto de legua naõ ſó certos poyaes de pedra, para delles ſe montarem a cavallo os paſſageiros, mas columnas altas, e groſſas, em que eſtava gravado em Latim o numero das milhas, que tinhaõ andado, e as que lhe faltavaõ andar dalli para diante. De todas eſtas medidas, e diſtancias bem calculadas mandaraõ os Imperadores compor hum Itinerario, de que ſe extrahio o Codice, que hoje exiſte, chamado de Antonino, (2) do qual injuſtamente faz pouco caſo o Padre Larramendi, como ſe póde ver no *Diario de los Literatos de Eſpaña* tom. 2. pag. 16.

19 Deſte Itinerario, principiado por Julio Ceſar, continuado por Octaviano, publicado por hum dos Imperadores Antoninos, e aperfeiçoado por Theodoſio o Mayor, ſe aproveitavaõ naõ ſó os poſtilhões para ſaber onde haviaõ de pernoitar, e mudar de cavallo, mas ſervia muito para a jornada dos Pretores, Preſidentes, e Legados, que com os ſeus Miniſtros paſſavaõ de Roma a viſitar as ſuas Provincias, e Conventos Juridicos, e ſobre tudo para a marcha das Tropas, a cujos Cabos ſe dava ſempre hum deſtes Itinerarios, ou Roteiros para por elle ſe governarem nas marchas, e ſaber por onde haviaõ de ir, e onde haviaõ de aquartelarſe. (3)

20 Da magnificencia deſtas obras Romanas participou o noſſo Reino em muitas partes delle, de que apenas hoje ſe vem as ſuas ruinas. Quanto às pontes, a que permanece com menos leſaõ, he a do Tamega, rio, que paſſa por dentro da Villa de Chaves, e conſta de dezáſeis arcos, que occupaõ o comprimento de noventa e dous paſſos geometricos, tendo de

---

(1) Jacob Cohellio in *Notitia Cardinalatûs* c. 15. Congregat. 16. pag. 96 (2) Plutarc. in vita C. Gracchi Muratori tom. 8. Scriptor. Italic. pag 474 (3) S. Ambroſio ſuper Pſ. 118. *Miles, qui ingreditur iter, viandi ordinem non ipſe diſpenit ſibi.... ſed Itinerarium ab Imperatore accipit, & cuſtodit illud, praſcripto incedit ordine, rectâque viâ conficit iter, ut inveniat commeatuum parata ſibi ſubſidia, &c.* O meſmo dizem Zurita, e André Schott. no Prefacio do Itinerar. de Antonino: *Ducibus verò, militibusque, ac Proconſulibus, & Pratoribus in Provincias proficiſcentibus compoſitum apparet Itinerarium, ne aberrarent à via, &c.* Vegecio *De Re militar* l. 3. c. 6.

de alto trinta e dous palmos craveiros, e de largo vinte e seis, incluindo a grossura do parapeito. (1) E he cousa para reparar, que semelhante edificio se conserve ainda taõ fixo ha tantos annos.

21 Havia tambem a ponte, que os Romanos edificaraõ sobre o rio de Sacavem, cujos vestigios ainda permaneciaõ no anno de 1570, pois delles se lembra o curioso Francisco Dolanda no cap. 7. do seu singular Tratado da *Fabrica, que fallece à Cidade de Lisboa*; cujo livro, porque nunca se imprimio, he visto de bem poucos. E supposto que o Reverendo Doutor Ignacio Barbosa Machado o allega no seu eruditissimo Tratado Historico-Juridico do *Aqueducto de Lisboa*, he só pela informaçaõ, que nós lhe communicámos, e elle pode adquirir da primeira Parte do nosso *Mappa de Portugal*. No lugar citado diz pois o tal Author, fallando com ElRey D. Sebastiaõ: *A primeira das pontes foy sobre o rio de Saravem, como se vem claros, e manifestos o começo, e o fim, e esta deve V. Alteza mandar reedificar, porque he proveitosa muito, e tambem para passar por ella a Corte, sem o rodeio de ir ao Tojal.*

22 Outra ponte fizeraõ os Romanos sobre o rio Tejo em Santarem, de que o mencionado Francisco Dolanda diz, que ainda se conserva alguma memoria nas junqueiras, onde chamaõ a *Terruja*, palavra derivada do Francez [quando estes occuparaõ Santarem no tempo de Carlos Magno] de *Torre roxa*, porque era o pégaõ da ponte de tijolo vermelho, como testifica o mesmo Author. Assim de Abrantes, onde diz que estavaõ os pégões, e montes de pedra, havia outra ponte magnifica; para reedificar as quaes traz o allegado Francisco Dolanda dous desenhos muito bons.

23 Porém deixando a noticia de outras pontes, e tornando às Vias Militares, que os Romanos fabricaraõ em nossas terras, dellas farey aqui resumida lembrança, segundo as expoem o Itinerario de Antonino, aproveitando-me do que àcerca deste assumpto escreveraõ o Mestre André de Resende nas *Antiguidades da Lusitania*, e o exacto Argote nas *Memorias do Arcebispado de Braga*, e os Commentadores de Antonino, accrescentando tambem alguns reparos meus.

(1) *Monarch. Lusitan.* apud Argote nas *Memor. de Braga* t. 1. l. 2. c. 3. n. 462.

§. I.

Da primeira Via Militar, que de Lisboa ſabia para Merida.

Equa bona Coina 12U paſſos, ou 3 leguas.
Cetobriga Setubal 12U paſſos.
Ciciliana. Mais depreſſa me atrevera a dizer, que eſta povoação era, onde hoje eſtá *Agualva*, duas leguas de Setubal, que fazem os 8U paſſos, que lhe dá Antonino, do que *Alcaçovas*, como querem alguns, pois eſtá muito mais afaſtada. Reſende de *Equa-bona* paſſa logo a *Ciciliana.*
Malceca Marateca 16U paſſos.
Vaſconcellos nos *Eſcolios a Reſende* emenda a diſtancia deſtes 16U paſſcs em 8U ſómente.
Salacia Alcacer do Sal 12U paſſos.
Ebora Evora 44U paſſos.
Eſtas quarenta e quatro milhas, que o Itinerario de Antonino conta de Alcacere a Evora, fazem onze leguas; mas como bem adverte Gaſpar Barreiros na *Corografia pag.63.v.* comprehendem-ſe nas nove grandes, que hoje contaõ os caminhantes de hum a outro ſitio mencionado.

24 De Evora paſſava ao Guadiana, e ſe mettia em Caſtella até Merida; mas he de advertir, que o Itinerario de Antonino, conforme o Codice Blandiniano, aſſigna a eſte caminho 161U paſſos. O exemplar de Zurita, chamado Napolitano, lhe dá 177U Reſende augmenta-o a 203U paſſos, e Vaſconcellos a 212U.

§. II.

Da ſegunda Via Militar para Merida.

Aritio-Pretorio Benavente, ou Salvaterra 38U paſſos.
Abelterio Alter do Chaõ 28U paſſos.
Admira-me achar em todos os Codices do Itinerario de Antonino as vinte e oito milhas de diſtancia, que ſaõ ſete leguas entre Benavente, ou Salvaterra, e Alter do Chaõ; ſendo que hoje contamos dezoito leguas de hum lugar a outro.
Matuſaro Ponte de Sor 24U paſſos.

Vaſ-

Vasconcellos nos *Escolios de Resende* l. 3. pag. 249. primeiro poem esta estancia de *Matusaro*, e depois a de *Alter*; e parece que assim deve ser, segundo vemos em quasi todos os Mappas, a situaçaõ destas terras, regulando direitamente a Via Militar; porém no Mappa antigo de Abrahaõ Ortelio está primeiro *Abelterium*, e depois *Matusarum*.

Ad Septem Aras Assumar 48U passos.

Conforme a arrumaçaõ do Mappa de Ortelio, bem se regula o progresso, que descreve o Itinerario de Antonino; porque de *Matusarum* ao sitio chamado *Ad Septem Aras* contarse-hiaõ as oito milhas; mas se *Matusaro* he a Ponte de Sor, e *Ad Septem Aras* a Villa de *Assumar*, devemos dizer, que ou a conta dos 8U passos, que lhe dá o Itinerario, está errada, porque devem ser mais, ou que a mudança feita por Vasconcellos está racionavel.

Budua . . . . 12U passos.

Daqui passava a Plagiaria, e se mettia em Merida.

§. III.

Da terceira Via Militar para Merida.

Jerabrica	Alenquer	30U passos.
Scalabin	Santarem	32U passos.
Tubucci	Abrantes	32U passos.
Fraxinum	Alpalhaõ	32U passos.
Medobriga	Aramenha	30U passos.
Ad Septem Aras	Assumar	14U passos.

Daqui passava a Plagiaria, e dahi se mettia em Merida.

§. IV.

Da Via Militar, que sahia de Lisboa para Braga.

Jerabrica	Alenquer	30U passos.
Scalabin	Santarem	32U passos.
Cellium	Ceice	32U passos.
Conimbrica	Condeixa a Velha	34U passos.
Eminio	Agueda	40U passos.
Talabrica	Aveiro	10U passos.
Langobrica	Feira	18U passos.

Calem	Porto	13U paſſos.
Bracara	Braga	35U paſſos.

Eſta Eſtrada, como bem adverte o Padre Argote tom. 2. l. 3. cap. 9. das *Memorias de Braga*, era quaſi a meſma, que ainda hoje ſe pratica; poſto que em algumas partes ſe difference da Romana.

§. V.

Da primeira Via Militar, que de Braga ſahia para Aſtorga.

Salacia	Salamonde	20U paſſos.
Preſidio	Codeçoſo do Arco	26U paſſos.
Caladuno	Ciada	26U paſſos.
Ad Aquas	Chaves	18U paſſos.
Pinetum	Val de Telhas	20U paſſos.
Roboretum.	Daqui para diante ſahe fóra de Portugal.	

25 A mayor parte deſta Eſtrada diſcorria por cima de montanhas, mas por planicies commodas, e para fugir de más paſſagens, fazia alguns rodeyos, donde procede naõ concordar o Itinerario de Antonino nas diſtancias, que aſſina a eſta Via Militar com a Eſtrada actual, que hoje ſe pratica; porque de Braga a Chaves contamos quinze leguas, e o Itinerario da Eſtrada Romana conta vinte e duas e meya. Os curioſos, ſe quizerem, podem ver a deſcripçaõ deſta Eſtrada Real no tom. 2. das *Memorias de Braga* do Padre Argote, que com eſpecial miudeza a deſcreve deſde pag. 571. até 594.

§. VI.

Da ſegunda Via Militar para Aſtorga.

Aquis Celenis	Faõ	165 eſtadios.
Vico Spacorum	Foz do rio Ancora	195 eſtadios.
Duo Pontes	Rio de Vigo	150 eſtadios.

Eſta Eſtrada parte della era terreſtre, e parte maritima, porque ſahindo de Braga, ſe encaminhava para o rio Cavado, e alli ſe embarcavaõ os paſſageiros, e caminhavaõ até *Aquas Celenas*, e por iſſo eſtas diſtancias maritimas ſe deſcreviaõ por eſtadios.

§. VII.

Da Terceira Via Militar para Astorga.

Salaniana junto de Viana 21U passos.
Aquis Originis jà cahia fóra dos limites de Portugal.

Esta Via Militar Romana, a que hoje chamaõ a Geira, era huma das mais soberbas Estradas, que os Romanos fabricaraõ. Trata della com individuaçaõ o Padre Argote tom. 2. alleg. l. 3. cap. 10. e 11.

§. VIII.

Da quarta Via Militar para Astorga.

Limia Ponte de Lima 19U passos.
Tude Tuy 24U passos.

§. IX.

Da Via Militar, que corria de Xerez para Béja.

Balsa	Tavira	24U passos.
Ossonoba	Estombar	16U passos.
Aranni	. . . . .	60U passos.
Rarapia	. . . .	32U passos.
Ebora	Evora	44U passos.
Serpa	Serpa	13U passos.
Fines	Paimogo	20U passos.
Aruci	Moura	22U passos.
Pace Julia	Béja	30U passos.

A ordem, com que as terras desta Via estaõ lançadas no Itinerario de Antonino, está perturbada, como bem advertem os seus Expositores, talvez por vicio dos copistas.

26 De todas estas Estradas Reaes, ou grandes caminhos, que os Imperadores Romanos mandaraõ fazer em Portugal, naõ existem mais, que humas pequenas memorias em alguns padrões, porque o tempo tudo arruina, e consome, (1) e cada vez mais, pois já hoje naõ ha memoria da Via Militar, que

(1) Resend. de *Antiquit Lusit.* lib. 3.

que ſahia de Lisboa para Sacavem, e daqui diſcorria até Roma, como Franciſco Dolanda obſervou no anno de 1570, e o eſcreve no curioſo Tratado, que referi acima Cap. 7. por eſtas formaes palavras.

27 *E naõ pudera eu crer eſta couſa, ſe quando parti de Lisboa, indo a Roma, logo em Sacavem naõ achara a Via Romana, e a Ponte quebrada no rio, e nas charnecas de Montargil, alli onde chamaõ as Meſtas, as calçadas de Silice, e em Caſtella nos barcos d' Alconete, e na antigualha de Capara, e depois em Aragaõ, Lerida, e Catalunha, e depois em França na Cidade de Nimes, onde eſtá o famoſiſſimo Anfiteatro, e memorias dos antigos, e depois em o Fóro de Julio em Provença, em Antibo, e nos Alpes, e por toda a Liguria, e Toſcana, ſempre achando a meſma calçada, que achey, ſahindo de Lisboa, até entrar em Roma.* Porém deixadas eſtas deploraveis ruinas, paſſemos ao noſſo principal aſſumpto.

DIVISAÕ I.

Roteiro de Lisboa para as principaes povoações da Provincia da Eſtremadura.

ESta Provincia, que, ſe attendermos à etymologia rigoroſa do ſeu nome, impropriamente conſerva, e explica o que tem; porque a ſua extrema naõ he o rio Douro, mas o Mondego, e o Tejo, comprehende-ſe dentro dos limites de quarenta leguas em todo o ſeu comprimento, e nas vinte da ſua mayor largura. He a parte do Reino, que fica mais ſobranceira, e debruçada para a coſta do mar Oceano, que a provê de muito, e ſaboroſo peixe; em tudo o mais he fertil, rica, habitada, cultivada, e capaz das marchas de exercitos; e ainda que tenha algumas terras aſperas, ſaõ pouco fragoſas. Divide-ſe preſentemente em nove Comarcas, que vem a ſer: *Lisboa, Torres Vedras, Alenquer, Leiria, Thomar, Ourem, Santarem, Setubal, e Abrantes.* Para as ſuas principaes povoações daremos os roteiros por jornadas, e as diſtancias por ſummarios, na fórma ſeguinte.

CA-

CAPITULO I.

Summario das diſtancias, que ha de Lisboa aos lugares, e povoações do ſeu Termo.

De Lisboa a

Lugar	Distancia
Adeaõ de cima	1 leg. e 1 q.
. . . . de baixo	1 e 1 q.
Ado Baço	4 e meya.
Alcantara	meya.
Alfarrobeira	1.
Alfornel	1.
Alfragide	1 e meya.
Algobellas	4 e meya.
Alpriate	3.
Alvogas	2.
N. S. da Ajuda.	1.
Santo Amaro	3 quart.
Ameixoeira	1 e 1 q.
S. Antonio do Tojal.	3.
B. Antonio	1.
Appellaçaõ	2.
Arieiro	2.
Arranhol	5.
Arroyos	1 quarto.
Barçal	1.
Barcarena	2.
Barril	2 e meya.
Barro	2.
Barroſa	1 e meya.
Barronhos	2.
Belém	1.
Bemfica	1.
Bempoſta	4 e 1 q.
Bica	1 e meya.
Bituaria	4.
Boa viagem	2. leguas.
Bom ſucceſſo	1 e 1 q.
Bucellas	4.
Bucicos	3 e meya.
Buraças	1 e 1 q.
Burrel	1 e 1 q.
Cabeça de Montach.	3.
Calhariz	1.
A dos Calvos	3.
Calhao	3. quart.
Camarate	2.
Campo grande	1.
. . . . . . pequeno	meya.
Campolide	meya.
Caneſſas	2 e meya.
A dos Caons	2.
Caranque	
Carnide	1 e 1 q.
Carnexide	2.
Cartexaria	4.
Carvalhal	4 e meya.
Caruncho	2.
Caſtellos	1.
Caſtejal	2 e 1 q.
Caxoeira	4.
Cazainhos	3.
Cazal cochim	4 e meya.
Cazellas	meya.
Caxias	1 e meya.
Ceiceira grande	4.

Cei-

De Lisboa a

Ceiceira pequena	4 leguas.	Lecea	2 leguas.
Ceirogato	2 e meya.	Laveiras	2 e 1 q.
Charneca	1 e 1 q.	A dos Limões	4 e meya.
Charnec. do Milhar.	4.	Loures	2.
Chellas	meya.	Loural	4 e meya.
Codiceira	2 e meya.	Louro	1.
A dos Comundos	4 e meya.	Louriceira	4 e meya.
Convalecença	3 quart.	Louza	2 e meya.
S. Cornelio	1.	Lumiar	1 e meya.
Eſpargueira	3.	N. Senhora da Luz	1.
Eſpragal	3 e 1 q.	Maya	1 e 1 q.
S. Eſtevaõ das Galés	4.	Malforno	4 e meya.
Falagueira	1.	Marnotas	2 e meya.
Fanagueira	1.	Marvilla	3 quart.
Fanhões	3.	Mato	4 e meya.
Feteira	1 e 1 q.	Mealhada	1 e 3 q.
Freixeiras		Meleſſas	2 e meya.
Freixial	4 e 1 q.	Milharado	4.
Frielas	2 e meya.	Mira	1.
A dos Gallegos	4 e meya.	A dos Molhados	4 e meya.
A dos Gudeis	4 e meya.	Moita	4 e meya.
Granja de Alpriate	3.	Moitellas	4 e meya.
Grillo	3 quart.	Monſanto	meya.
S. Joaõ dos Montes		Montinel	1 e 1 q.
S. Joaõ da Talha	2 e meya.	Morzinheira	4 e meya.
S. Joſeph de Ribam.	1 e meya.	Murgalhal	2 e 1 q.
Jamor	2.	Murtal	
Santa Iria	2 e meya.	Murteira	2.
S. Juliaõ do Tojal.	2 e meya.	Ninha a paſtora	2.
Junqueira	3 quart.	Ninha a velha	2.
Jurumello	4.	Noidel	1.
Laranjeiras	meya.	Odivellas	1 e meya.
Lage	2 e 1 q.	Oeiras.	3.
Leaõ	2.	Olivaes	1 e meya.

Oli-

De Lisboa a

Oliveiras	meya.	Ribeira de cima	2.
Outorella	2.	A da Rolia	4.
Outeiro	1.	Ribas	3.
Outeiro das Doudas	4 e meya.	Rego	meya.
Paço d'arcos	2 e meya.	S. Romaõ	
Palhavã	meya.	Romeiras	2.
Panaſqueira	1.	Sete rios	meya.
Pedrouços	1 e 1 q.	Sacavem	2.
Penedo	1.	Santiago dos velhos	5.
Pero negro	4 e meya.	Sapataria	4 e meya.
Pimenteira	meya.	Sarreira	4 e meya.
Pinheiro	2.	Silveira	4 e meya.
Pinteos	2 e 3 q.	Terrugem	2 e meya.
Poço do Biſpo	3 quart.	Tilheiras	1.
Pombaes	1 e meya.	Tojal	3.
Porcalhota	1 e meya.	Tojalinho	2.
Portella	1.	Torcena	2.
Povoa de S. Adriaõ	1 e meya.	Torneiro	2 e 1 q.
. . . da Gallega	4.	Torre da Bizoeira	3.
. . . de S. Martinho	3.	Trigache	1 e meya.
Pouzada.	4.	Valejos	2.
Porto ſalvo	1 e meya.	Via longa	3.
Preza	1.	Verdelha	3.
Prizinheira	4.	Villa verde	4 e meya.
Quéluz	2.	Vinteira	1 e meya.
S. Quintino	5.	Villa de Rey	4 e 1 q.
Reboleira	1 e meya.	Unhos	2 e meya.
Reys	3 quart.	Xabregas	meya.
Ribeira de baixo	2.	Xamboeira	4 e 1 q.

Outros muitos ſitios de varios nomes tem o Termo da Cidade de Lisboa, que pelos occuparem poucos moradores, naõ ſe faz aqui mençaõ delles.

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Torres Vedras, *em que se contaõ sete leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Lumiar	1	A' Enxara dos Cavalleiros	1
Do Lumiar a Loures.	1	A' Cadreceira	1
A' Cabeça de Montachique	1	A Torres Vedras	1
A' Povoa	1		

§. I.

Roteiros traversos de Torres Vedras para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Villa das Caldas, *em que se contaõ seis leguas ao Norte.*

De Torres ao Ramalhal	1	A' Roliça	1
Do Ramalhal a S. Giaõ	1	A' Villa de Obidos	1
A N. S. da Misericordia	1	A's Caldas	1

§. II.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Mafra, *em que se contaõ trez leguas ao Sudueste.*

De Torres a Azueira	1	A Mafra	1
Da Azueira ao Gradil	1		

§. III.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Alenquer, *em que se contaõ quatro leguas ao Leste.*

De Torres à Serra de S. Giaõ	1	A' Espiçandeira	1
A' Ald. Galeg. da Mercian.	1	A Alenquer	1

§. IV.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa de Peniche, *em que se contaõ quatro leguas ao Noroeste.*

De Torr. às pont. de Vill. Fac.	1	Cruz da Lagoa	1
Lourinhã	1	Peniche	1

§. V.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa da Ericeira, *em que se contaõ tres leguas ao Oeste.*

De Torres à Ponte do Rol	1	A' Ericeira	1
A' Labogeira	1		

§. VI.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa do Cadaval, *em que se contaõ quatro leguas ao Nordeste.*

De Torres ao Ramalhal	1	Venda de Fernaõ da Cunha	1
Cabeça do Bombarral	1	Cadaval	1

§. VII.

Roteiro de Torres Vedras para a Villa da Alhandra, *em que se contaõ cinco leguas ao Sueste.*

De Torres à Ribaldeira	1	Arruda	1
Aos Châos de estira corda	1	Alhandra	2

O mesmo he para Alverca; e dos Châos de estira corda se divide o caminho para Villa Franca, Povos, e Castanheira, e dalli para qualquer destas Villas fazem duas leguas.

§. VIII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Mafra, *em que se contaõ seis leguas ao Noroeste.*

De Lisboa à Loures	2	A' Abrunheira	1
A' Cabeça de Montachique	1	A Mafra	1
Ao Pinheiro da Seiceira	1		

No tempo de Veraõ se vay tambem por Odivellas.

§. IX.

Summario das diſtancias, que ha de Torres Vedras às terras da ſua Correiçaõ.

De Torres Vedras a

Alhandra	4 para Sueſt.	Enxar. dos Cavall.	2 para Sueſt.
Alverca	4 para Sueſt.	Ericeira	3 para Sud.
Arruda	3 para Leſt.	Lourinhã	3 para Nort.
Bellas	6 para Sud.	Mafra	3 para Sud.
Cadaval	4 para Nord.	Povos	4 para Sueſt.
Caſcaes	8 para Sud.	Sobr. demont. agr.	2 para Sueſt.
Caſtanheira	5 para Leſt.	Villa Franca	5 para Sueſt.
Chileiros	3 para Sud.	Villa Verde	3 para Nord.
Colares	7 para Sud.		

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Alenquer, *em que ſe contaõ oito leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Camp. grand.	1	De Bucellas a Alenquer	3
Do Camp. grand. a Bucellas	4		

Por outro caminho.

De Lisboa a Sacavem	2	De Alverca à Caſtanheira	4
De Sacavem a Alverca	2	Da Caſtanheira a Alenquer	2

§. I.

Summario das diſtancias que ha da Villa de Alenquer às terras principaes da ſua correiçaõ.

De Alenquer a

Aldea Galeg. da Merc.	2 Nort.	Obidos	5 Nort.
Caldas	6 Nort.	Selir do Porto	7 Nort.
Chamuſca	7 Leſt.	Ulme	7 Nord.
Cintra	9 Sud.		

§. II.

§. II.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Alenquer naõ ſó aos lugares do ſeu termo mas à Villa de Torres Vedras.

De Alenquer a		T. Vedr.
Santa Anna	meya.	3 e m
Abrigada	1.	3 e m.
Antas	1 e q.	3 e m.
Aparel	1 e m.	3 e m
Atoug.dasCabr.	1 e m.	4 e m
Azedia	1.	3.
Bairo	1.	4 e m.
Bufuaria	1.	3.
Caban. do Cham.	1.	3 e m.
----- de Torreſ.	1 e m.	3 e m
Cachoeiras	2.	4.
Cadafaes	1.	4.
Canados	meya.	3 e m.
Carneiros	1.	3.
Carnota	1.	
Carregado	1.	5.
Camarnal	meya.	4 e m.
Carvalhal	meya.	3 e m
Caſaes	1.	4 e m
Corſoaria	1.	
Eſpiçandeira	1 e m.	3 e m.
Eſtrabeiro	1.	3 e m.
Folhandal	meya.	3 e m.
Gataria	1.	3.
Gavinheira	1.	3.
Guizandaria	1.	5.
Labrugeira	1 e m.	2 e m.
Mata do Pereir.	1 e m.	2 e m
Mato	1.	3.
Meca	1.	4.

De Alenquer a		T. Vedr.
Memvezinho	1 e m.	3.
Moinh.do vent.	1.	3.
Moita	1.	4.
Monſaravia	1 e m.	3.
Monte de leg.	1 e m.	5.
Montougil	1.	3 e m.
Olhavo	1 e q.	3.
Ota de cima	1.	5.
--- de baixo	1.	5.
Palaios	1 e m.	2 e m.
Palhacana	1 e m.	
Pancos	1 q.	3 e 3 q.
Paul	1.	
Penados	1 e m.	3.
Pedra do ouro	meya.	4.
Pen.firm. da vẽt.	2.	2 e m.
--- da mata	1.	3 e m.
Pereiro	1 e m.	2 e m.
Pipa	1.	3.
Porcariça	1 e q.	3.
Porto	1 q.	3 e 3 q.
Prateiro	1.	3.
A dos Quentes	2.	
Santa Quiteria	1.	
Refugidos	meya.	4.
Ribafria	1 e m.	2 e m.
Serra	1.	4.
Silv. da Mach.	1.	3 e m.
---- do Pinto	1.	3.
Sopo	1.	3.

To-

De Alenquer a		T. Vedr	De Alenquer a		T. Vedr.
Tojal	1 e m.	3.	Ventoſa	2.	
Torre derrub.	meya.	4.	Villa Nova da Rainha	1.	5.
Val de Figueir.	meya.	3 e m.			
Valverde	1 e m.	3.			

§. III.

Roteiro de Lisboa para a Villa das Caldas, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Lisboa a Loures	2	Torres	2
A' Cabeça de Montachiq.	1	S. Giaõ	2
Povoa	1	Azambujeira	2
Enxára dos Cavalleiros	1	Obidos	1
Mata da Guerra	1	Caldas	1

Pelas eſtradas de Runa fazem ſó treze leguas, que he, paſſada a Mata da Guerra, tomar a eſtrada da maõ direita, ir a Runa, e ſahir à Bugalheira, e aſſim ſe evita huma legua.

Por outro caminho, indo pelas Villas.

De Lisboa a Sacavem	2	Moinho novo	1
De Sacavem a Alverca	2	Ota	1
Alhandra	1	Cercal	2
Villa Franca	1	Sancheira	2
Povos	1	Caldas	1
Caſtanheira	1		

Eſta jornada tambem ſe faz pelo Tejo acima até Villa Nova da Rainha, em que ſe contaõ nove leguas, e dahi ſe ſegue a meſma viagem.

§. IV.

Roteiros traverſos das Caldas para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade de Leiria, *em que ſe contaõ nove leguas ao Nordeſte.*

Das Caldas a Selir do Mato	1	Aljubarrota	1
A Charnais	1	Cruz da legua	1
Valbom	1	Batalha	1
Alcobaça	1	Leiria	2

§. V.

§. V.

Roteiro das Caldas para Santarem, *em q̃ se contaõ sete leguas ao Leste.*

Das Caldas à Fanadia	1	Malhaqueijo	1
A' Mata d' Albergaria	1	Pero Filho	1
Rio Mayor	1	Santarem	1
Escusa	1		

§. VI.

Roteiro das Caldas para Peniche, *em q̃ se contaõ quatro leguas ao Oeste.*

Das Caldas a Obidos	1	A' Atouguia	1
Ao Furadouro	1	A Peniche	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Leiria, *em que se contaõ vinte e tres leguas ao Norte.*

De Lisboa a Sacavem	2	Aos Candieiros	1
De Sacavem até Ota	8	Ao Moliano	2
De Ota a Tagarro	2	A' Venda dos Carvalhos	2
A' Venda da Agua	1	A S. Jorge	1
A' Venda da palhoça	1	A Leiria	2
A' Venda da Costa	1		

Esta jornada ordinariamente se reputa por vinte e duas leguas, e assim se paga, por serem pequenas as leguas das Villas. Note-se que nesta estrada desde a Venda da Costa até à Venda dos Carvalhos he má a passagem, por ser pelo pé da serra; naõ fallando no Moinho Novo, e no Carregado, que em tempo de Inverno he trabalhoso.

§. I.

Roteiro de Leiria para Coimbra, *em q̃ se contaõ doze leguas ao Norte.*

De Leir. à Véd. dos Machad.	1	A' Villa da Redinha	2
Daqui à Venda do Gallego	1	A Porto Qualheiro	1
A' Venda da Boiça	1	Ao Cartaxo	1
A' Venda Nova	1	A Condeixa	1
A' Villa do Pombal	1	A Coimbra	2

Tem

Tem alguns Ribeiros arrebatados no tempo de Inverno

§. II.

Summario das diſtancias, que ha de Leiria para as terras da ſua Correiçaõ, e algumas mais circumvizinhas.

De Leiria a

Alcobaça	5	Sud.	Maiorga	4	Sud.
Alfeizeraõ	7	Sud.	Obidos	10	Sud.
Aljubarrota	4	Sud.	Ourem	4	Leſt.
Alpedriz	3	Sud.	Pederneira	5	Sud.
Alvorninha	8	Sud.	Peniche	11	Sud.
Atouguia	12	Oeſt.	Pombal	5	Nord.
Batalha	2	Sud.	Porto de mós	3	Sud.
Santa Catharina	3	Sud.	Povoa de Mont.	2 e meya.	
Cellas	6	Sud.	Redinha	7	Nort.
Coz	3	Sud.	Selir do mato	8	Sud.
Ega	9	Nort.	Soure	6	Nort.
Evora de Alcob.	5	Sud.	Turquel	6	Sud.
S. Martinho	7	Sud.			

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Thomar, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Santarem	14	Ponte de Pedra	1
A' Cruz da entrad.	1	Val de Tancos	1
Dahi a Alviella	1	Guerreira	1
Depois à Azinhaga	1	A Thomar	1
A' Golegã	1		

Pelo caminho de Pernes, em que ſe contaõ as meſmas vinte e duas leguas, mas he peyor eſtrada.

De

De Lisboa a Santarem	14	Ao Pé de caõ	1
A Pernes	3	A Payalvo	1
A' Zibreira	1	A Thomar	1
A Torres Novas	1		

§. I.

Roteiros traversos de Thomar para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para Abrantes, *em que se contaõ quatro leguas ao Sueste.*

De Thomar a S. Pedro	1	A' Amoreira	1
Dahi a Martinchel	1	A Abrantes	1

A mesma jornada por Punhete, em que se contaõ cinco leguas com passagem no Zezere.

De Thomar à Guerreira	1	Ao Campo da A moreira	1
Ao Monte do Seixo	1	A Abrantes	1
A Punhete	1		

§. II.

Roteiro de Thomar para Leiria, *em que se contaõ sete leguas ao Noroeste.*

De Thomar a Val dos Ovos	1	Ao Homem morto	1
A Alcochete	1	A Sete rios	1
A' Aldea da Cruz	1	A Leiria	2

A mesma jornada por Gondomarias, em que se contaõ as mesmas sete leguas, he peyor estrada.

De Thomar a Val dos Ovos	1	Gondomarias	1
Alcochete	1	Sete rios	1
Pinheiro	1	Leiria	2

§. III.

Roteiro de Thomar a Coimbra, *indo por Alvayazere, por onde costuma ir o correyo, em que se contaõ treze leguas ao Norte.*

De Thomar à Venda Nova	1	Alvayazere	1
A Ceras	1	Venda das Papas	1
Ao Pereiro	1	Venda do Negro	1

Anciaõ	1	Alcabideque	1
Junqueira	1	Venda do Cego	1
Rabaçal	1	A Coimbra	1
Fonte cuberta	1		

A meſma jornada pela Perucha, em que ſe contaõ as meſmas treze leguas; mas he eſtrada melhor para o tempo de veraõ, que de inverno.

De Thomar a Val dos Ovos	1	Ao Arneiro	1
A Chaõ de maçans	1	A' Pulga	1
A Rio de couros	1	A Anciaõ	1
A Perucha	1		

Daqui para diante corre a meſma eſtrada, como no Roteiro acima.

A meſma jornada, indo pelo Cabaſſo, em que ſe contaõ as meſmas treze leguas, e he peyor caminho, a ſaber:

De Thomar à Venda Nova	1	A's Vendas dos Moinhos	1
Ao Pereiro	2	Ao Paſtor	1
Ao Cabaſſo	1	A Pudentes	1
A' Venda do Barqueiro	1	A Chaõ de Lamas	1
A' Tojeira	1	A Coimbra	1
A' Venda das Figueiras	1		

§. IV.

Roteiro de Thomar para Caſtello-Branco, *por Villa de Rey, em que ſe contaõ quinze leguas ao Nordeſte.*

De Thomar às vend. dos Reis	2	A' Sobreira	1
Daqui à Barca	1	A Monte gordo	2
A' Villa de Rey	1	A Sarzedas	1
A Cardigos	2	A' Caſtello-Branco	3
A' Cortiçada	2		

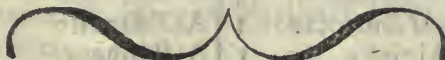
Pora todas eſtas terras vay correyo.

§. V.

Roteiro de Thomar para Ourem, *em q̃ se contaõ tres leguas ao Noroeste.*

De Thomar ao Val dos Ovos	1	A Ourem	1.
A Chaõ de Maçans	1		

§. VI.

Summario das distancias, que ha de Thomar às Villas da sua Correiçaõ.

De Thomar a

Abiul	5	Nor.	Maçans de camin.	5	Nort.
Aguas Bellas	2	Lest.	Maçaõ	7	Suest.
Aguda	5.		Pampilhosa	12	Nord.
Alváres	10	Lest.	Paio de Pelle	3	Sul.
Alvaro	12	Lest.	Pedrógaõ grande	8	Nort.
Amendoa	4	Lest.	Pias	3	Nort.
Arégа	5	Nort.	Ponte do Sor	10	Suest.
Assinceira	1 e m.	Lest.	Punhete	3	Suest.
Atalaya	3	Sul.	Pussos	4	Nort.
Chaõ de couce	6.		Sardoal	5	Suest.
Dornes	3 e m.	Nort.	Sovereira formosa	7	Nord.
Ferreira	2 e m.	Suest.	Tancos	3	Sul.
Figueiró dos Vin.	6	Nort.	Villa de Rey	4	Suest.

§. VII.

Roteiro de Lisboa para Figueiró dos Vinhos, *em que se contaõ vinte e oito leguas ao Nordeste.*

De Lisboa a Santarem	14.	A Thomar	1.
De Santar. ao Borrado.	1 e m.	Ao Pintado	1.
A' Ponte d'Alviella	meya.	A Seras e Frexo	1.
A' Ponte d' Almonda	1.	Ao Pereiro	1.
A' Golegã	1.	Ao Rego da murta	meya.
A' Atalaya	1.	A Cabaços	meya.
A' Assinceira	1 e m.	A' Arega	1.
A' Garreira	meya.	A Figueiró	1.

Eſta jornada tambem ſe faz embarcando-ſe em Lisboa, e caminhando até Tancos, em que ſe contaõ dezanove leguas, e dahi pela Aſſinceira ſe ſegue a meſma derrota.

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Abrantes, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa até Santarem	14	A' Cardiga	1
De Santarem às Barrocas	1	A Tancos	1
A' Ponte d' Alviella	1	A Punhete	1
A' Ponte d' Almonda	1	A Abrantes	2
A' Golegã	1		

Entre Tancos, e Punhete paſſa o rio Zezere, que tem barca ſempre de veraõ, e de inverno.

§. I.

Roteiros traverſos de Abrantes para algumas terras circumvizinhas, e primeiramente para Caſtello-Branco, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Abrantes ao Penaſcoſo	3	Ao Perdigaõ	3
Do Penaſcoſo ao Maçaõ	1	Aos Amarellos	3
A's Vendas Novas	2	A Caſtello-Branco	2

§. II.

Roteiro de Abrantes para a Cidade de Evora, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Sul.*

De Abrantes ao Azedo	2	A Cabeçaõ	2
Do Azedo à Ponte do Sor	3	A Pavia	1
A' Galvea	2	A Arrayolos	3
A Santa Margarida	2	A Evora	3

Por outra eſtrada.

De Abrantes ao Azedo	2	A' Caſa branca	2
A' Ponte do Sor	3	Ao Vimieiro	2
A' Galvea	2	A Santa Juſta	2
A Avís	2	A Evora	3

§. III.

§. III.

Roteiro de Abrantes para a Villa de Eſtremoz, *em que ſe contaõ quinze leguas ao Sueſte.*

De Abrantes ao Azedo	2	Ao Ervedal	2
Dahi à Ponte de Sor	3	Ao Cano	2
A Benavilla	3	A Eſtremoz	3

Na Ponte do Sor ha huma ribeira, que de inverno admitte paſſagem em barca para qualquer parte; as outras ribeiras tem pontes.

§. IV.

Roteiro de Abrantes para a Cidade de Portalegre, *em que ſe contaõ doze leguas ao Leſte.*

De Abrantes à Caſa branca	3	A Gafete	1
Dahi ao Gaviaõ	1	A Alagoa	2
A Toloſa	3	A Portalegre	2

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Santarem, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Sacavem	2	A' Caſtanheira	1
De Sacavem à Povoa	1	A Villa-Nova	1
A Alverca	1	A' Azambuja	1
A Alhandra	1	Ao Cartaxo	2
A Villa Franca	1	A Santarem	2
A Povos	1		

§. I.

Roteiro de Santarem para Coimbra, em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Norte.

De Santarem a Tremes	3	Ao Pombal	4
De Tremes a Abrahaõ	2	A' Redinha	2
A Porto de Mós	3	A Porto Coelheiro	1
A Leiria	3	A' Condexa	2
De Leiria aos Machados	1	A Coimbra	2

Por

Por outro caminho, em que ſe contaõ vinte e huma leguas, a ſaber:

De Santarem à Golegã	4	A's Cacharias	1
A Paialvo	3	Ao Pombal	4
A Chaõ de maçãs	2		

Daqui para diante ſe ſegue a meſma derrota.

§. II.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Santarem às Villas da ſua Correiçaõ.

De Santarem a

Alcanede	4 para Nor.	Erra	7 para Sud.
Alcoentre	4 para Poent.	Golegã	4 para Nord.
Almerim	1 para Sueſt.	Lamaroſa	6 para Sueſt.
Aveiras de cima	4 para Sud.	Monte argil	7 a Lesſueſt.
. . . . de baixo	3 e m. a Sud.	Mugem	2 para Sul.
Azambuja	4 para Sul.	Salvaterr. de Mag.	4 para Sul.
Azambujeira	2 para Poent.	Torres Novas	5 para Nord.

§. III.

Summario das diſtancias, que ha da Villa de Santarem a alguns lugares do ſeu Termo.

De Santarem a

Adovagar	3.	Alcoentrinho	3.
Agua Peneira	2.	Alforzomel	2.
Albergaria	2.	Almoſter	2.
Alcaidaria	2.	Alpiarça	1.
Alcanhoins	1.	Aramenha	1.
Alcobacinha	1 e m.	Arrifana	3.

Ar-

De Santarem a

Arrezario	2.	D. Belida	2.
Arneiro dos Borralh.	1 e meya.	D. Constança.	3.
Arruda	3.	Eireira	3.
Atalaya	2.	D. Fernando.	1 e meya.
Azinhaga	3.	Fontainhas	meya.
Azinheira	3 e meya.	Fonte da Pedra	2.
Azoia debaixo	1.	Grainho	1.
. . . . de cima	3.	Gucherre	2.
Alfouvres	2.	S. Joaõ da Ribeira	3.
Bairro falcaõ	2.	Joaninho	2.
Bompalreu	2 e meya.	Lamarosa	3.
Cabanas	1 e meya.	Lobo morto	4.
Calla	3.	Louriceira	2.
Caparota	2.	Lourosa	3.
Carrapateira.	2.	Maçussa	3.
Carrigueira	4.	Malhaqueijo	2.
Carvalho	2.	Marmelheira.	3.
Cartaxo	2.	Monchaõ	2.
Casal de Santa Maria	2.	Monsarias	1 e meya.
. . . . do Paul	1 e meya.	Nabaes	2.
Casaes	1 e meya.	Oiteiro da Vargea	1.
. . . . de S. Braz	3.	Pero filho	1.
. . . . dos Cardiaes	1 e meya.	Pé da Serra	5.
. . . . de Porto máo	1.	Pimenteira	1.
Caxalinhos	2.	Pombal	2 e meya.
Chouto	4.	Pontével	3.
Corredoira	2.	Porto de Mugem	2.
Correas	3.	Pousas	3.
Casevel	3.	Povoa dos Gallegos	1 e meya.
Chamusca	3.	. . . . Nova	1 e meya.
Comeira	3.	. . . . de trez	3.
Curutello	1.	. . . . do Baixinho	1 e meya.
Detràs da Serra	5.	Ribeira de S. Joaõ	3.

. . . de

De Santarem a

. . . . de Mugem 3.
. . . . de Pernes 3.
Rio Mayor. 4.
Romeira. 1 e meya.
Senterra 3.
Soudos 1 e meya.
Souriſſo 3.
Tanquinhos 6.
Torre do Biſpo 2.
Tojoſa 2.
Topineira 3.
Tremes 3.
Vallada 3.
Valle 1.
Val de Figueira 1 e meya.
Val de Donzellas 1.
Val de Cavallos 2.
Val de Pinta 3.
Vaqueiros 4.
Ventozella 3.
Verdelho 2.
Villa gateira 1.
Vil. Nova d'Almoſt. 3.
Vitureira 2.
Virtudes 3 e meya.
Ulme 3.

§. IV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Torres-Novas, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa a Sacavem 2
De Sacavem à Povoa 1
Da Povoa à Alverca 1

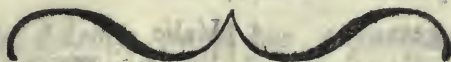
E daqui pela meſma eſtrada, que aſſinámos até Santarem, e de Santarem à Torres-Novas, que fazem cinco leguas.

Por outro caminho, em que ſe contaõ vinte leguas.

De Lisboa a Loures 2
De Loures ao Trocifal 4
A' Torres Vedras 1
Ao Ramalhal 2
A Martim Joannes 1
A' quinta de D. Duraõ 1
A' Venda da Pia 1
A Rio maior 1
A Alcanede 3
A Torres Novas 4

De... §. V.

§. V.

Summario das distancias que ha da Villa de Torres Novas para algumas terras circumvizinhas.

De Torres-Novas a

Abrantes	5	Sueste.	Punhete	3	Sueste.
Aceisseira	2	Lest.	Ourem	3	Nort.
Atalaya	1	Nord.	Santarem	5	Sudueſt.
Golegã	1	Sul.	Tancos	2	Sueste.
Leiria	7	Nort.	Thomar	3	Nordest.
Porto de Mós	4	Noroest.	Ulme	4	Sul.

CAPITULO VIII.

Roteiro de Lisboa para Setubal, *em que se contaõ seis leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	Dahi a Palmella	1
Dahi aos Olhos da agua	1	A Setubal	1

Por outro caminho.

De Lisb. a Alhos Vedr. por mar	2 e m.	Dahi aos Olhos da agua	1 e m.
		Dahi a Setubal	2

Por outro caminho.

De Lisb. ao Barreir. por mar	2	A Palmella	1
Dahi a S. Anton. da Charneca	1	A Setubal	1
A' Barra cheia	1		

Por outro caminho.

De Lisb. a Coina por mar	3	Dahi a Setubal	1 e m.
Dahi a Azeitaõ	1 e m.		

Por outro caminho.

De Lisboa ao Seixal por mar	2	De Coina a Setubal	3
Dahi a Coina	1		

Por outro caminho.

De Lisboa a Caſſilhas por mar	1	Dahi a Coina	1 e m.
Dahi ao rio do Judeo	1 e m.	Dahi a Setubal	3

§. I.

Roteiro traverſo de Setubal para Monte-Mór o Novo, *em que ſe contaõ onze leguas ao Naſcente.*

De Setub. a Aguas de Moura	3	A's Silveiras	2
Dahi à Landeira	1	A Monte-Mór	2
A Cabrella	3		

Por outro caminho.

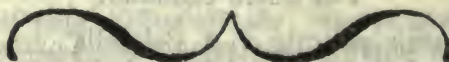
De Setubal ao Eſpilra	4 e m.	Dahi às Silveiras	2
Dahi às Vendas Novas	2 e m.	A Monte-Mór	2

§. II.

Roteiro de Setubal para Alcacer do Sal, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Sueſte.*

De Setub. a Aguas de Moura	3	A Albergue	1
A Palma	2	A Alcacer	1

§. III.

Summario das diſtancias, que ha de Setubal às Villas da ſua Correiçaõ.

De Setubal a

Alcacer do Sal	7	Sul.	C,amora Correa	8	Nordeſt.
Alcochete	4	Nort.	Canha	7	Leſte.
Aldea Gallega	4	Nort.	Cezimbra	4	Oeſt.
Alhos Vedros	3	Nort.	Coina	3	Noroeſt.
Almada	6	Noroeſt.	Grandola	12.	
Azeitaõ	1 e m.	Nort.	Lavradio	4	Noroeſt.
Barreiro	4	Noroeſt.	Moita	3	Nort.
Cabrella	7.		Palmella	1	Nordeſt.

DI-

DIVISAÕ II.

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia do Alentejo.

CHama-se esta Provincia *Alemtejo*, ou *Transtagana*, por ficar da outra parte do rio Tejo a respeito da Cidade de Lisboa. Divide-se dos Reinos de Castella, especialmente da sua Estremadura, pela parte do Nascente, e por este lado tem de comprimento quarenta leguas, contando desde Mertola a Montalvaõ. Pela banda do Sul confina com a Provincia, e Reino do Algarve, de quem o separa a Serra de Monchique, logrando por esta raia só vinte leguas pouco mais, ou menos de largura. Ao Poente lhe fica o mar Oceano servindo de margem, e pelo Norte o aparta o Tejo da Beira, e Estremadura Portugueza.

He a mais plana entre as outras Provincias do Reino, de menos montes, e poucos rios, mas de grandes charnecas; abundante de paõ, caça, e vinho, e por isso com grande commodidade para sustentar exercito moderado, tendo servido por varias vezes o seu terreno de theatro da guerra, de que procede conservar lugares, e praças de armas muito bem fortificadas. Tambem he a Provincia, por onde se póde caminhar por postas, e a que tem melhores estalajens, e mais bem providas para commodo dos passageiros. Consta de oito Comarcas, para as quaes daremos Roteiros utilissimos.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Evora, *em que se contaõ vinte leguas ao Sueste.*

De Lisb. a Ald. Gallega	3
Dahi aos Pégões	5
A' Vendas Novas	3
A's Silveiras	2
A Monte-Mór o Novo	2
A Patalim	2 e m.
A Evora	2 e m.

§. I.

Roteiros traversos de Evora para outras povoações circumvizinhas, e primeiramente para a Moita, *em que se contaõ dezoito leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
Dahi às Silveiras	2	A' Moita	6
A' Cabrella	2		

§. II.

Roteiro de Evora para Alhos Vedros, *em que se contaõ dezoito leguas e meya ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	5
Dahi às Silveiras	2	A Alhos Vedros	6 e m.

§. III.

Roteiro de Evora para o Lavradio, *em que se contaõ doze leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
A's Silveiras	2	Ao Lavradio	7
A's Vendas Novas	2		

§. IV.

Roteiro de Evora para o Barreiro, *em que se contaõ dezanove leguas e meya ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
A's Silveiras	2	Ao Barreiro	7 e m.
A's Vendas Novas	2		

§. V.

Roteiro de Evora para Cassilhas, *em que se contaõ vinte e huma leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Aguas de Moura	3
Dahi às Silveiras	2	A Palmella	3
A's Vendas Novas	2	A Cassilhas	6

§. VI.

Roteiro de Evora para Almada, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Poente.*

De Evora a Montemor 5.

E dahi ſegue a meſma eſtrada até Palmella, que fazem quinze leguas; e de Palmella até Almada, que fazem ſete, e por todas as vinte e duas.

§. VII.

Roteiro de Evora para Setubal, *em que ſe contaõ dezaſeis leguas ao Poente.*

De Evora a Monte-Mór	5	Dahi a Setubal	9
Dahi às Silveiras	2		

§. VIII.

Roteiro de Evora para Alcacer do Sal, *em que ſe contaõ nove leguas ao Poente.*

De Evora à Torre da Géſteir.	2	A Rio Mourinho	2 e m.
A Santiago do Eſcoiral	2	A Alcacer do Sal	2 e m.

§. IX.

Roteiro de Evora para Garvaõ, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Sul.*

De Evora a Aguiar	4	Aos Longueiros	2
Dahi a Viana	1	A Aljuſtrel	2
A Villa-Nova	1	A' Defeza	3
A Ferreira d'Aves	3	A Garvaõ	2

Neſta jornada entre os Longueiros, e Aljuſtrel ſe tem de paſſar a ribeira chamada do Roxo.

§. X.

Roteiro de Evora para Mertola, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Sul.*

De Evora a Aguiar	4	A Béja	3
A Agua de Peixes	2	Ao Valcovo	8
A Villa Ruiva	1	A Mertola	1
A' Cuba	1		

Neſ-

Nesta derrota se passaõ algumas ribeiras, e rios, o Garavia, o Tegres, e o Cobres.

§. XI.

Roteiro de Evora para Serpa, *em que se contaõ doze leguas ao Sul.*

DeEvor.àTorr.dos Coelheir.	3	A' Vidigueira	2
A Benalverge	2	A Serpa	5

Passaõ-se nesta jornada as ribeiras Morteira, e de Peixes.

§. XII.

Roteiro de Evora para Moura, *em que se contaõ onze leguas ao Sueste.*

DeEvor.aS.Mig.doMachede	1	A Alqueva	1
A Monte de trigo	3	Ao rio Guadiana	2
A Amieira	2	A Moura	2

§. XIII.

Roteiro de Evora para Mouraõ, *em que se contaõ nove leguas ao Nascente.*

De Evora à Vendinha	5	Dahi a Mouraõ	3
Dahi ao Reguengo	1		

Passa-se por aqui o rio Guadiana, que divide as duas Villas Monsarás, e Mouraõ fronteiras, e huma legua distantes.

§. XIV.

Roteiro de Evora para Elvas, *em que se contaõ doze leguas ao Nordeste.*

De Evora a Evora monte	4	A Elvas	6
A Estremoz	2		

§. XV.

Roteiro de Evora para Olivença, *em que se contaõ doze leguas ao Nascente.*

De Evora ao Alandroal	7	A Olivença	2
A Jurumenha	3		

§. XVI.

Roteiro de Evora para Campo-Maior, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Eſtremoz 6 - A Campo-Mayor. 8

§. XVII.

Roteiro de Evora para Portalegre, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Nordeſte.*

De Evora a Souzel	7	A Portalegre	5
A Fronteira	2		

§. XVIII.

Roteiro de Evora para a Ponte do Sor, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Evora ao Vimieiro	5	A' Ponte do Sor	5
A Avís	4		

§. XIX.

Roteiro de Evora para Tancos, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Norte.*

De Evora a Arrayolos	3	A Montargil	3
A Pavia	3	A Tancos	9
A Cabeçaõ	1		

§. XX.

Roteiro de Evora para Santarem, *em que ſe contaõ doze leguas ao Noroeſte.*

De Evora a Monte-Mòr	5	A Coruche	4
A Lavre	3		

§. XXI.

Roteiro de Evora para Banavente, *em que ſe contaõ dezaſete leguas ao Noroeſte.*

De Evora a Monte-Mór	5	A's Vendas Novas	2
A's Silveiras	2	A Benavente	8

§. XXII.

§. XXII.

Roteiro de Evora para Coruche, *em que se contaõ doze leguas ao Noroeste.*

De Evora a Monte-Mór	5	A Coruche	4
A Lavre	3		

§. XXIII.

Roteiro de Evora para Marvaõ, *em que se contaõ dezaseis leguas ao Nordeste.*

De Evora a Souzel	7	A Portalegre	5
A' Fronteira	2	A Marvaõ	2

§. XXIV.

Summario das distancias, que ha de Evora às Villas da sua Correiçaõ.

De Evora a

Aguias	7	Noroest.	Monte-Mór	5	Noroest.
Alcaçovas	5	Suduest.	Montouto	5	Nascent.
Canal	6	Lesnord.	Pavia	6	Noroest.
Estremoz	6	Nordest.	Viana	5	Sul.
Lavre	8	Poente.	Vimieiro	5	Nordest.

§. XXV.

Summario das distancias, que ha de Evora a outras povoações.

De Evora a

Alvito	6	Sul.	Béja	9	Sul.
Alter do Chaõ	11	Nort.	Benavilla	8	Nort.
Alter Pedroso	11	Nort.	Borba	8	Nord.
Azeitaõ	16	em. Poét.	Cabeço de vide	11	Nord.

Erra

De Evora a

Erra	12	Noroest.	Redondo	5	Nordest.
Ervedal	7	Nort.	Torraõ	7	Suduest.
Fronteira	9	Nordest.	Veiros	8	Nordest.
Monçarás	9	Nascent.	Villa de Frades	7	Sul.
Mora	7	Nort.	Villa Viçosa	8	Nordest.
Portel	6	Suest.			

§. XXVI.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Estremoz, *em que se contaõ vinte e huma leguas ao Nascente.*

De Lisboa aos Pégões	5	A Arrayolos	3
A' Vendas Novas	3	A' Venda do Duque	3
A Montemór	4	A Estremoz	3

§. XXVII.

Roteiro de Estremoz para Portalegre, *em que se contaõ oito leguas ao Norte.*

De Estremoz a Veiros	2	A Portalegre	4
A Monforte	2		

§. XXVIII.

Roteiro de Estremoz para a Villa de Moura, *em que se contaõ treze leguas ao Sul.*

De Estremoz ao Alandroal	3	A Mouraõ	1
A Terena	1	A Moura	5
A Monçarás	3		

§. XXIX.

Roteirõ de Lisboa a Montemór o Novo, *em que se contaõ quinze leguas.*

De Lisboa a Aldea Galega	3	A's Silveiras	2
Aos Pegões	5	A Montemór	2
A's Vendas Novas	3		

§. XXX.

Roteiro de Montemór a Elvas, *em que ſe contaõ quinze leguas.*

De Montemór a Arrayolos	3	A Eſtremoz	3
A' Venda do Duque	3	A Elvas	6

§. XXXI.

Roteiro de Montemór a Béja, *em que ſe contaõ doze leguas.*

De Montem. a Sant. do Eſcoir.	2	A Alvito	1
A Vianna	4	A Béja	5

§. XXXII.

Roteiro de Montemór a Evora, *em que ſe contaõ cinco leguas.*

DeMontemór a Patalim 2 e m. - A Evora 2 e m.

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para Béja, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Sueſte.*

De Lisboa à Moita	3	A Rio Mourinho	2
Dahi à Palhota	2	Ao Torraõ	3
A Aguas de Moura	3	A Alfundaõ	4
A Porto Carvalho	2	A Béja	3

Por outro caminho, que ſeguem os Almocreves.

De Lisboa à Moita	3	A' Palhota	2
A' Palhota	2	A' Quint. de D. Rodrig.	1 e m.
A Aguas de Moura	3	A Odivellas	3
A Palma	2	A Alfundaõ	1 e m.
A Alberge	1	A Béja	3
A Porto de Lama	2		

Por outro caminho, que ſeguem os Eſtafetas.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A's Vendas Novas	3
Dahi às Rilvas	2	A's Silveiras	2
Aos Pégões	3	A Montemór	2

A S. Braz	4	A Alvito	1
A Viana	2	A Béja.	5

Por outro caminho, que seguem as carruagens.

De Lisb. a Aldea Gallega	3	A Agua de Peixes	meya.
Dahi até às Silveiras	10	A Villa Ruiva	1
A Santiago do Escoiral	3	A' Cuba	1 e m.
A S. Braz	3	A Béja	3
A Viana	2		

§. I.

Summario das distancias, que ha da Cidade de Béja às Villas da sua Correiçaõ.

De Béja a

Agua de Peixes	4	Nort.	Oriola	5	Nort.
Albergaria	4	Nort.	Portel		
Alvito			Serpa	4	Sueft.
Beringel	1	Nort.	Torraõ	7	Nort.
Fáro	3	Nort.	Vidigueira	4	Nord.
Ferreira	3	Poent.	Villa de Frades	4 m.	Nord.
Ficalho	8	Nasc.	Villa Alva	4 m.	Nort.
Moura	7	Nasc.	Villa Rũiva	5	Nort.
Odemira	14	Poent.	Villa-Nov.de Alv.	6	Nort.

§. II.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Odmira *, em que se contaõ vinte e sete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	A Melides por charneca	6
Da Moita a Setubal	3	A Santiago de Cacem	3
A' Comporta por mar	3		

Este transito, que he de charneca, e arêas, tem tambem duas ribeiras pequenas, que passar.

De Santiago ao Cercal	4	Do Cercal a Odemira	5

Eſtas cinco leguas do Cercal a Odemira he caminho de de ſerra, porém ſoffrivel; e ha hum ribeiro, em que entra a maré, que de inverno tem ſuas enchentes. Toda eſta derrota he a ordinaria.

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	A Aguas de Moura	2
A Marateca	5		

Aqui ſe paſſa huma ribeira grande.

De Aguas de Moura à Palma 2

Neſte caminho, ſuppoſto ſer de charneca, ha tambem outra grande ribeira.

De Palma a Alcacer 2

Ha aqui outra ribeira.

De Alcacer à Grandola 4

Eſtas quatro leguas todas ſaõ de charneca.

De Grandola a Odemira 11

Entre o eſpaço deſtas onze leguas ha cinco ribeiras, que paſſar; huma tem ponte, as mais ſaõ caudaloſas de inverno, e naõ tem ponte.

§. III.

Roteiro de Lisboa a Meſſejana, *em que ſe contaõ vinte e huma leguas.*

De Lisboa à Moita	3	A Val de juizo, ou Arcaõ	1
A Palhota	2	A Niza	3
A Aguas de Moura	3	Bairros	1
A Palma	2	Alvallade	2
A Alberges	1	Meſſejana	2
A Alcacer do Sal.	1		

Em todas eſtas terras ha ſoffriveis eſtalagens.

Por outro caminho.

De Lisboa pela meſma eſtrada até Alberges	11	A Val de Reys	meya.
		A Porto de Lama	meya.

Quin-

Quinta de D. Rodrigo	2	Figueira dos Cavalleiros.	2
Agua do Paço	1	A Messejana	4

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	Grandola	6
A Palmella	2	Alvalade	5
Setubal	1	Messejana	2
Comporta por mar	3		

O Correyo vay a Messejana, que dista seis leguas grandes com duas ribeiras, de que huma chamada a Douroana, he caudalosa de inverno: Por Garvaõ se evita por ter duas pontes, porém he mais distante. De Messejana passa o Correyo a Béja, em que ha huma ribeira grande, e caudalósa, outra mais pequena, e saõ seis leguas; de sórte que dista Odemira de Béja doze leguas, ficando-lhe o Campo de Ourique, e sua Comarca de permeyo.

As Villas do Campo de Ourique, com quem ha mais communicaçaõ, saõ estas:

Garvaõ q̃ dista de Odemira	4	De Almodovar à de Collos	4
De Garvaõ a Ourique	2	A Sines	9
De Ourique a Almodovar	3		

Com o Reino do Algarve ha tambem communicaçaõ, por ser Odemira a ultima da Provincia do Alentejo. Della dista Lagos onze leguas sem embaraço dos rios, por haver barcos certos, e promptos.

§. IV.

Roteiro de Lisboa para Alvito, *em que se contaõ dezoito leguas ao Sueste.*

De Lisboa à Moita	3	A's Alcaçovas	5
Dahi a Aguas de Moura	5	A Villa-Nova	2
A Porto Carvalho	2	A Alvito	1

Por outro caminho, que he indo por Montemór, por onde vai o Estafeta, e saõ vinte e duas leguas.

De Lisb. a Ald. Gallega	3	A Montemór	2
Aos Pégões	5	A Viana	6
A's Silveiras	5	A Alvito	1

Por

Por outro caminho se contaõ vinte leguas, indo por Palma.

De Lisboa à Moita	3	A Alcacer	2
A Aguas de Moura	5	Ao Torraõ	5
A Palma	2	A Alvito	3

§. V.

Summario das distancias, que ha de Alvito às terras principaes circumvizinhas.

De Alvito a

Aguiar	2	Nort.	Portel	4	Nascent.
Alcacer	8	Noroest.	Torraõ	3	Poent.
Beringel	3	Sul.	Viana	1	Nort.
Cuba	3	Sul.	Villalva	1	Suest.
Evora	6	Nordest.	Vidigueira	3	Suest.
Ferreira	3	Suduest.			

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para Villa-Viçosa, *em que se contaõ vinte e seis leguas e meya ao Nascente.*

De Lisboa atè Montemór	15	A Estremoz	3
Dahi a Arrayolos	3	A Villa-Viçosa	2 e m.
A' Venda do Duque	3		

Por outro caminho.

De Lisboa a Montemór	15	A' Venda do Redondo	4
A Evora	5	A Villa-Viçosa	4

§. I.

Roteiros traversos de Villa-Viçosa para algumas terras circumvizinhas, e principalmente para Portalegre, *em que se contaõ oito leguas ao Norte.*

De Villa-Viçosa a Monforte 4 - A Portalegre 4

§. II.

§. II.

Roteiro de Villa-Viçoſa para Olivença, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

De Villa-Viçoſa ao Forte	1 e m.	A Olivença	2
A Jurumenha	1 e m.		

§. III.

Roteiro de Villa-Viçoſa a Mouraõ, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Sul.*

De Villa-Viçoſa ao Alandroal	1	A Monçarás	3
Dahi a Terena	1	A Mouraõ	1

§. IV.

Summario das diſtancias, que ha de Villa-Viçoſa às terras de ſua Correiçaõ.

De Villa-Viçoſa a

Alter do Chaõ	7	Noroeſt.	Monforte	4	Nort.
Arrayolos	8	Poent.	Portel	9	Sudueſt.
Borba	m.	Poent.	Souſel	4	Noroeſt.
Chancellaria	10	Noroeſt.	Villa-Boim	3	Nordeſt.
Evora-Monte	4	Poent.	Villa-Fernand.	3 e m.	Nort.
Monçarás	5	Sul.			

§. V.

Roteiro de Lisboa para Arrayolos, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Naſcente.*

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A's Silveiras	2
Aos Pégões	5	A Montemór	2
A's Vendas Novas	3	A Arrayolos	3

Por outro caminho.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Lavre	4
A Rilva	1	A Arrayolos	5
A Canha	4		

Por

Por outro caminho.

De Lisboa a Eſcaroupim	12	A N. Senhora das Brotas	5
A N. Senhora da Gloria	2	A Arrayolos	3
A Coruche	2		

§. VI.

Roteiro traverſo de Arrayolos para Tancos, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Arrayolos a Pavia	3	A Montargil	3
A Cabeçaõ	1	A Tancos	7

§. VII.

Roteiro de Arrayolos para Elvas, *em que ſe contaõ doze leguas ao Nordeſte.*

De Arrayolos a Eſtremoz 6 - A Elvas 6

§. VIII.

Summario das diſtancias, que ha de Arrayolos a outras terras circumvizinhas.

De Arrayolos a

Aguias	3	Nort.	Montemór	3	Poent.
Avís	6	Nort.	Pavia	3	Nort.
Coruche	8	Noroeſt.	Vimieiro	2	Nordeſt.
Evora-Monte	4	Naſcent.			

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Elvas, *em que ſe contaõ trinta leguas ao Naſcente.*

De Lisboa até Montemór o Novo	15	A Eſtremoz	3
Dahi a Arrayolos	3	A Alcaraviça	2
A' Venda do Duque	3	A Elvas	4

§. I.

§. I.

Summario das distancias, que ha de Elvas às Villas da sua Correição.

De Elvas a

Barbacena	2	Noroest.	Olivença	4	Sul.
Campo-Mayor	3	Nort.	Ouguella	4	Nort.
Mouraõ	8	Sul.	Terena	5	Suduest.

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Portalegre, *em que se contaõ trinta leguas ao Nascente.*

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Souzel	3
Dahi até Arrayolos	15	A Fronteira	2
De Arrayolos ao Vimieiro	2	A Portalegre	5

Por segundo caminho, em que se contaõ trinta e duas leguas.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Monforte	4
Dahi a Arrayolos	15	A Portalegre	4
Dahi a Estremoz	6		

Por terceiro caminho.

De Lisboa a Escaroupim	11	Ao Crato	2
A' Ponte do Sor	12	A Portalegte	4
A' Chancellaria	3		

Por quarto caminho mais obliquo.

De Lisboa até Santarem	14	A' Casa branca	3
De Santarem à Gollegã	5	Ao G viaõ	1
A Tancos	2	A Gitete	4
A Punhete	1	A Portalegre	4
A Abrantes	2		

§. I.

Roteiro de Portalegre a Elvas, *em que ſe contaõ oito leguas ao Sueſte.*

De Portalegre a Aſſumar	3	A Elvas	3
A' Aldea de Santa Olaya	2		

§. II.

Roteiro de Portalegre a Campo-Maior, *em que ſe contaõ oito leguas ao Sueſte.*

De Portalegre a Arronches	4	A Campo-Mayor	4

§. III.

Summario das diſtancias, que ha de Portalegre às Villas da ſua Correiçaõ.

De Portalegre a

Alegrete	2	Sul.	Marvaõ	2	Nordeſt.
Alpalhaõ	4	Noroeſt.	Meadas	5	Naſcent.
Arronches	4	Sul.	Montalvaõ	6	Noroeſt.
Aſſumar	3	Sul.	Niza	6	Noroeſt.
Arez	6	Poent.	Povoa	4	Nort.
Caſtello de Vide	2	Nordeſt.	Villa Flor	6	Noroeſt.

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para o Crato, *em que ſe contaõ vinte e oito leguas ao Naſcente.*

De Lisboa a Eſcaroupim 11.

Dahi ſegue-ſe a meſma derrota pela eſtrada, que fica apontada no terceiro caminho de Portalegre.

§. I.

Summario das distancias, que ha da Villa do Crato às Villas da sua Correiçaõ.

Do Crato a

Alvaro	15		Gaviaõ	5	Noroest.
Amieira	4	Nort.	Olleiros	14	Nort.
Belver	5	Nornor.	Pedrogaõ pequen.	10	Nort.
Cardigos	9	Nort.	Proença a Nova	9	Nort.
Carvoeiro	7	Nort.	Tolosa	3	Nort.
Certã	12	Nort.	Villa-Nova de Cardig.		*ut sup.*
Cortiçada. *Vid.* Proença a Nov.			Villa-Nova de Saõ Joaõ de Gáfete.		*ut suprà.*
Envendos	6	Nort.			
Gáfete	2	Nort.			

Da Villa de Alvaro só pertence ao Priorado do Crato a jurisdiçaõ Ecclesiastica.

Da Villa de Cardigos só lhe pertence a jurisdiçaõ secular.

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Ourique, *em que se contaõ vinte e cinco leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	A Grandola	6
A Palmella	2	A Alvalade	5
A Setubal	1	A Ourique	5
A' Comporta	3		

§. I.

Roteiro de Lisboa para Messejana, *em que se contaõ vinte e huma leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	A Palma	2
Dahi à Palhota	2	A Alberges	1
A Aguas de Moura	3	A Alcacer do Sal	1

A Val de Guizio	1	A Alvalade	1
A Nisa	3	A Messejana	2
Aos Bairros	2		

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3	A' Quinta de D. Rodrigo	2
Dahi até Alberges	8	A Agua do Passo	1
De Alberges a Val de Rey	m.	A' Figueira dos Cavalleiros.	2
A Porto de Lama	m.	A Messejana	4

§. II.

Summario das distancias , que ha de Ourique às Villas da sua Correiçaõ.

De Ourique a

Aljustrel	4	Nort.	Messejana	4	Nort.
Almodovar	3	Sul.	Padrões	4	Nasc.
Alvalade	4	Nort.	Panoyas	3	Nort.
Castro-Verde	2	Nord.	Santiago de Cacem	8	Nor.
Collos	4	Poent.	Sines	9	Poent.
Entradas	4	Nord.	Villa Nova de Mil fontes	8	Poent.
Garvaõ	2	Poent.			
Mertola	8	Nasc.			

DIVISAÕ III.

Roteiro de Lisboa para as principaes terras da Provincia da Beira.

JA' disse na 1. *Parte do Mappa de Portugal* , que esta Provincia se chama *Beira*, por ser antigamente habitada dos povos *Berones* , segundo affirma Fr. Bernardo de Brito. Fica no coraçaõ do Reino ; e das partes, em que elle se divide,

de, he ella a mayor porçaõ, grandemente montuoſa, e com alguns rios arrebatados. Daõ-lhe os Geografos trinta e ſeis leguas de comprido, e outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. Para commodidade dos paſſageiros he o terreno fertil, e em partes ameno; poſto que em algumas eſtalajens naõ ſe experimente taõ bom tratamento, como em outras Provincias.

Os Francezes, e Italianos, coſtumados à delicia dos ſeus paizes, e abundancia das oſtarias, ſaõ os mais queixoſos, quando chegaõ a tranſitar, ou girar por eſtas partes; e aſſim recommendaõ nas inſtrucções, que fazem para os viajores, levem comſigo aquella proviſaõ, que for poſſivel, por naõ experimentarem a penuria das eſtalajens da Beira. Em algumas aſſim he, em outras naõ, porque em toda a parte ha hum bocado de máo caminho, e he neceſſario attender ao eſtylo dos paizes, e à frequencia dos paſſageiros.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Coimbra, *em que ſe contaõ trinta e quatro leguas ao Norte.*

De Lisboa a Sacavem	2	Lamaroſa	1
De Sacavem à Povoa	1	Payalvo	1
A Alverca	1	S. Lourenço	1
A Alhandra	1	Chaõ de Maçans	1
A Villa-Franca	1	Rio de Couros	1
A Povos	1	Perucha	1
A' Caſtanheira	1	Arneiro	1
A Villa-Nova	1	Gaita	1
Azambuja	1	Anciaõ	1
Cartaxo	2	Junqueira	1
Santarem	2	Rabaçal	1
Lagar	1	Fonte Cuberta	1
Ponte d'Alviella	1	Alcabedeque	1
Almonda	1	Venda do Cego	1
Gollegã	1	Coimbra	1
Eſpraganal	1		

Por outro caminho, que ſe aparta na Caſtanheira, e he melhor para tempo de inverno, e neſta jornada contaõ-ſe vinte e ſeis leguas da Caſtanheira por diante, a ſaber:

De

De Lisboa à Caſtanheira	8	A' Batalha	2
Da Caſtanh. ao Moinh. Novo	1	A Leiria	2
A Ota	2	Ao Pombal	2
A Tagarro	2	A' Redinha	2
A' Venda da Coſta	3	A Porto Coelheiro	2
Ao Laranjo	2	A Condeixa	2
Aos Carvalhos	2	A Coimbra	2

§. I.

Roteiros traverſos de Coimbra para algumas terras principaes circumvizinhas, e primeiramente para Aveiro, *em que ſe contaõ nove leguas ao Noroeſte.*

De Coimbra aos Fornos	1	A Mamaroſa	1
Dahi aos Marcos	1	A Palhaça	1
A Murtede	1	Ao Salgueiro	1
A' Venda Nova	1	A Aveiro	1
A Samel	1		

§. II.

Roteiro de Coimbra para o Porto, *em que ſe contaõ dezoito leguas ao Norte.*

De Coimbra aos Fornos	1	A Albergaria Velha	1
Dahi ao Carquejo	1	Ao Pinheiro	1
A' Mealhada	1	A Oliveira de Azemeis	1
A Pedreira	1	A Santo Antonio	1
A Avelans	1	A Souto redondo	1
A Aguada	1	A Grijó	1
Ao Sardaõ	1	Aos Carvalhos	1
Ao Vouga	1	Ao Porto	2
A Albergaria Nova	1		

§. III.

Roteiro de Coimbra para Viſeu, *em que ſe contaõ treze leguas ao Nordeſte.*

De Coimbra a Eiras	1	Ao Galhano	1
A Botaõ	1	A S. Antonio do Cantaro	1

A

A Freirigo	1
Ao Barril	1
Ao Criz	1
Ao Caſal de Maria	1
A S. Joaninho	1
A Tondella	1
A' Sabugoſa	1
A Fail	1
A Viſeu	1

§. IV.

Roteiro de Coimbra para a Guarda, *em que ſe contaõ vinte e duas leguas ao Naſcente.*

De Coimbra às Torres	1
Aos Carvalhos	1
A Algacia	1
A Santo André	1
A' Ponte da Murcella	1
Aos Poços	1
A' Moita	1
A' Venda do Valle	1
A' Venda do Porco	1
A Galizes	1
A' Chamuſca	1
A Torrozelo	1
A' Maceira	1
A Pinhancos	1
A Vinhó	1
A Sampayo	1
A' Villa Cortez	1
A Cortiçó	1
A Celorico	1
A' Lagioſa	1
A' Faya	1
A' Guarda	1

§. V.

Roteiro de Coimbra para o porto de Figueira, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Poente.*

De Coimbra a Faveiro	1
A' Pereira	1
A S. Baraõ	1
A Montemór	1
A Mayorca	1
Ao Minhoto	1
A' Figueira	1

Para Buarcos saõ oito leguas, ſeguindo a meſma derrota.

§. VI.

Roteiro de Coimbra para a Lapa, *em que ſe contaõ dezanove leguas ao Nordeſte.*

De Coimbra a Eiras	1
Ao Botaõ	1
Ao Galhano	1
A Mortagua	3
A Brida	1
A S. Joaninho	2

A Tondella	1	A' Pedroſa	1
A' Sabugoſa	1	A's Fontainhas	1
A Fail	1	Ao Oiteiro de Ferreira	1 em.
A Viſeu	1	A' Lapa	1
A Cavernais	1 em.		

§. VII.

Summario das diſtancias, que ha da Lapa a algumas terras principaes circumvizinhas.

Da Lapa a

Armamar	5	Peſqueira	7
Cernancelhe	1	Pinhel	8
Cerolico	5	Ranhados	4
Freixo de Nemaõ	6	Torre de Moncorvo	10
Guarda	9	Trancoſo	4
Lamego	6	Trevões	5
Leomil	2	Villa-Nova de Foſcóa	8
Penella da Beira	4	Villa-Real	9

§. VIII.

Summario das diſtancias, que ha de Coimbra às Villas de ſua Correiçaõ.

De Coimbra a

Alvayazere	8	Sul.	Celeviſa	6	Naſcent.
Ançã	2	Sul.	Cernaxe dos alhos	2	Sul.
Anciaõ	6	Sul.	Coja	8	Naſcent.
Arganil	7	Naſcent.	S. Comba Daõ	6	Nordeſt.
Avó	9	Naſcent.	Eſgueira	8 em.	Nor.
Bobadella	12	Naſcent.	Fajaõ	9	Naſcent.
Botaõ	2	Nordeſt.	Goes	5	Naſcent.
Buarcos	8	Poent.	Mira	7	Noroeſt.
Cantanhede	4	Noroeſt.	Mirand. do Corvo	4	Sueſt.
Carvalho	4	Sul.	Pena-Cova	3	Nort.

Pe-

De Coimbra a

Pereira	2	Poent.	Redondos	6	Sul.
Podentes	3	Nasc.	Tentugal	2	Poent.
Pombalinho	4	Sul.	Vacariça	3	Nort.
Pombeiro	5	Nasc.	Villa-Nova d'Anços	4	Poent.
Pov. de S. Christin.	2m	Nort.	Villa-Nov. de Monç.	4	Nort.
Rabaçal	3	Nort.			

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para as Villas de Esgueira, *e* Aveiro, *em que se contaõ quarenta e duas leguas ao Norte, indo passar a barca no campo de Coimbra.*

De Lisboa à Castanheira	8	Aos Crespos	3
Ao Carregado	1	A' Almagreira	2
Ao Moinho novo	1	A's Casas velhas	1
A Ota	1	A Villa-Nov. d'Anços	1
A Tagarro	2	A Fermozelhe	1
A' Venda d'Agua	2	A Pereira	1
A' Palhota	1	A Tentugal	1
A' Venda da Costa	1	A Villa-Nova	1
Aos Candieiros	1	A Cantanhede	1
Ao Boliano	2	A' Camarneira	1
Aos Carvalhos	1	A' Mamarosa	1
A S. Jorge	1	A' Palhaça	1
A' Cortiça	1	Ao Salgueiro	1
A Leiria	1	A Esgueira	meya.
Aos Machados	1	A Aveiro	meya.

Por outro caminho já fica assinado no §. 1. do Cap. 1. desta Divisaõ III.

§. I.

Roteiro traverso de Aveiro para o Porto, *em que se contaõ dez leguas ao Norte.*

De Aveiro a Ovar por barco	5	Ao Corvo	1
De Ovar a Cortegaça	1	Ao Chamorro	1
A Paramos	1	Ao Porto	1

Por outro caminho, para quem naõ quer ir embarcado.

De Aveiro a Angeja	1	A Cortegaça	1
A Salreu	1	A Paramos	1
A Santiaes	1	Ao Corvo	1
A Vanca	1	Ao Chamorro	1
A' Ponte Nova	1	Ao Porto	1

Advirta-se, que ainda que naõ se vá ao Porto pelo rio, sempre em Angeja se passa a barca em tempo de inverno.

§. II.

Roteiro de Aveiro para Viseu, *em que se contaõ onze leguas ao Nascente.*

De Aveiro a Eixo	1	A Monte tezo	1
A' Palhaça	1	A' Portella	1
A' Arrancada	1	A S. Miguel de Oiteiro	1
A' dos Ferreiros	1	A' Cruz alta	1
A Cabeça de caõ	1	A Viseu	1
A' Urgueira	1		

§. III.

Roteiro de Aveiro para Vousella, *em que se contaõ nove leguas ao Nascente.*

De Aveiro à Palhaça	2	A's Bemfeitas	1
A' Arrancada	1	A Ponte-fóra	1
A' dos Ferreiros	1	A Santiaguinho	1
A's Talhadas	1	A Vousella	1

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Viseu, *em que se contaõ quarenta e sete leguas ao Nordeste.*

Este Itinerario já fica explicado acima na derrota de Coimbra, e dahi para Viseu, e assim he superfluo repetillo.

§. I.

Roteiro traverso de Viseu para Lamego, *em que se contaõ nove leguas ao Norte.*

De Viseu ao Campo	1	A' Senhora da Ouvida	1
A' Ponte do Almargem	1	A Bigorne	1
A Rio de Mel	1	A' Cruz da Cam.	1
A Mamouros	1	A Lamego	1
Ao Crasto	1		

§. II.

Roteiro de Viseu para a Guarda, *em que se contaõ dez leguas ao Nascente.*

De Viseu a Fagilde	1	A Cerolico	1
A Quintellã	1	A' Lagiosa	1
A's Chans	1	Ao Porto de Carne	1
A Fornos	1	A Cabadoide	1
A Figueiró	1	A' Guarda	1

§. III.

Summario das distancias, que ha de Viseu às Villas, e Concelhos, da sua Correiçaõ.

De Viseu a

Alva	3	Nasc.	Coja	8	Sul.
Azere	5	Sul.	Currellos	4	Sul.
Azurara	2	Suest.	Enfias	6	Nasc.
Banho	3	Noroe.	Ferreira d' Aves	4	Nasc.
Barreiro	1	Sul.	Folhadal	3 e m.	Sul.
Bésteiros	3	Sul.	Gafanhaõ	4	Nort.
Bobadella	7	Sul.	Guardaõ	4	Poent.
Canas de Sabugosa	2	Sul.	Gulfar	4	Nasc.
Canas de Senhorim	3	Sul.	Lafões	3	Noroe.
Candosa	5	Sul.	Lagares	5	

De Viſeu a

Moens	3	Nort.
Mortagoa	7	Sul.
Mourás	3 e m.	Sul.
Nogueira	7	
Oliv. do Conde	5	Sul.
Oliv. de Frades	4	Noroe.
Oliv. do Hoſpital	6	Sul.
Ovoa	6	Sul.
Penalva d'Alva	8	Sueſt.
Penalva do Caſtell.	3	Sueſt.
Perſellada	6	
Pinheir. de Azere	6	Sul.
Povolide	2 m.	Nort.
Ranhados	1 q.	Naſc
Reriz	5	Nort.
Sabugoſa	2	Poent.
S. Joaõ de Arêas	5	
S. Joaõ do Monte	5	Poent.
Sandomil	7	Sul.
Santa Comba Daõ	5	Poent.
S. Pedro do Sul	3	Noroe.
Satam	3	Naſc.
Senhorim	2	
Silvares	5	Sul.
Sinde	5	Sul.
Taboa	6	Sul.
Tavares	3 m.	Naſc.
Trapa	4	Noroe.
Treixedo	4	Sueſt.
Vide de Foz de Pióda õ		
Villa-Cov. de Sub.	8	Sueſt.
Villa do Sul	4	Nort.

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Lamego , *em que ſe contaõ cincoenta e cinco leguas ao Nordeſte.*

Eſta derrota ſe faz indo de Lisboa até Santarem, onde ſe contaõ quatorze leguas. De Santarem para Coimbra , que fazem vinte leguas. E de Coimbra para Lamego , em que ſe completaõ vinte e huma leguas, da maneira ſeguinte

De Lisboa até Coimbra	34
De Coimbra aos Fornos	1
A' Mealhada	2
Avelans	1
Sardaõ	2
Aguada	1
A' dos Ferreiros	1
A's Talhadas	1
Ponte fóra	2
Santiaguinho	1
Vouſella	1
S. Pedro do Sul	1
Cobertinha	1
A Alva	1
Caſtro Dairo	1
Collo de pito	1
Bigorne	1
Povoa	1
Lamego	1

§. I.

§. I.

Roteiro traverso de Lamego para a Moimenta da Beira, *em que se contaõ quatro leguas ao Nascente.*

De Lamego a Ferreirim	1	Ao Sarzedo	1
Dahi à Granja Nova	1	A' Moimenta	1

§. II.

Roteiro de Lamego para a Lapa, *em que se contaõ seis leguas*

De Lamego a Mós	1	A' Lamosa	2
A Mondim	1	A' Lapa	1
A Alvite	1		

§. III.

Roteiro de Lamego para Villa-Real, *em que se contaõ quatro leguas ao Nordeste.*

De Lamego ao Pezo da Reg.	1	A' Comieira	1
Dahi a Santa Martha	1	A Villa-Real	1

§. IV.

Roteiro de Lamego para o Porto, *em que se contaõ quatorze leguas ao Poente.*

De Lamego a Santiaguinho	1	Fonte Sagrada	1
Dahi a Mezamfrio	1	Baltar	1
Teixeira	1	Ponte Ferreira	1
Carrasqueira	1	Vallongo	1
Giesta	1	Venda-Nova	1
Canavezes	1	Porto	1
Arrifana	2		

§. V.

Roteiro de Lamego para Braga, *em que se contaõ quatorze leguas ao Noroeste.*

De Lamego a Santiaguinho	1	A Teixeira	1
Dahi a Mezamfrio	1	Ao Carneiro	1

A'

A' Ovelha	1	Venda da Serra	1
Amarante	1	Guimarães	1
Lixa	1	Estalagem do Rio	1
Deveza da Escorva	1	Aos quatro irmãos	1
Pombeiro	1	A Braga	1

§. VI.

Summario das distancias, que ha de Lamego às Villas, e Concelhos da sua Correição.

De Lamego a

Alvarenga	7	Sudueste.	Moiment.daBeir.	4	Nascente.
Arcos	4 e m.	Nasc.	Mondim	2	Nascente.
Arégos	4	Poente.	Mossaõ	5	Poente.
Armamar	2 e m.	Nasc.	Nagosa	4 e m.	Nasc.
Arouca	8	Poente.	Paiva	8	
Barcos	5	Nascent.	Parada do Bispo	2	Nordeste.
Barqueiros	2 m.	Noroe.	Parada de Ester	5	
Britiande	1	Sueste.	Passó	2	Nascente.
Cabril	6	Poente.	Pendilhe	4	Sul.
Caria	5	Nascent.	Pera e Peva	4	Nascente.
Castello	3 e m.	Nasc.	Pezo da Regoa	2	Norte.
Castrodairo	4	Suduest.	Pinheiros		
Chavães	4 e m.	Nasc.	Resende	3	Poente.
S. Christ. da Nog.	5 m.	Poent.	Ribellas	1 e m.	Sul.
S. Cosmado	3	Nascente.	Sande	m.	Nordest.
Ermida	5	Poente.	Sanfins	6	Poente.
Ferreiros	5	Poente.	Sinfães	5	Poente.
Fontéllo	2	Nordeste.	Sever	2	Nascente.
Fragoas	4	Nascente.	Taboaço	5	Nascente.
Goujoim	3	Nascente.	Tarouca	2	Sueste.
Granja do Fedo	4	Nascente.	Teixeira	3	Poente.
Lalim	2	Sueste.	Tendães	5	Poente.
Lazarim	2 e m.	Nasc.	Valdigem	1	Nordeste.
Leómil	3	Nascente.	Varzea da Serra	3	Sul.
Longa			Ucanha	1 e m.	Nasc.
Lumiares	2	Nascente.	Villa Cova	4	Sul.
S. Mart. de Mour.	2	Poente.	Villa Seca	3	Nascente.

§. VII.

§. VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa da Moimenta da Beira, *em que se contaõ cincoenta e quatro leguas ao Nordeste.*

Esta derrota se divide em quatro jornadas. Primeira de Lisboa até Santarem, que fazem quatorze leguas. Segunda de Santarem a Coimbra, em que contaõ vinte leguas. Terceira de Coimbra a Viseu, em que ha treze leguas. Estas tres jornadas já estaõ assinadas; resta só declarar o caminho, que vay de Viseu para a Moimenta da Beira, em que se numeraõ sete leguas, da maneira seguinte.

De Lisboa a Viseu	47	Lamas	1
De Viseu a Cavernaes	1	Segões	1
Dahi à Pedrosa	1	Granja de Paiva	1
Fontainhas	1	Moimenta	1

Por outro caminho, indo por Thomar.

De Lisboa a Thomar	21	Foz d'Arouce	2
Dahi ao Pintado	1	S. Miguel	1
Ceras	1	Cortiça	1
Pereiro	1	Sampayo	1
Cabaços	1	Pinheiro d'Azere	1
Vendas de Maria	1	Santa Comba	1
Vendas dos Moinhos	1	Fonte do Salgueiro	1
Espinhal	1	Viseu	4
Corvo	2	Moimenta	7

§. VIII.

Roteiros traversos da Moimenta da Beira para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para Villa Real, *em que se contaõ oito leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Contim	1	Folgosa	1
A Goujim	1	Galafulla, passando o Douro	1
Villa Seca	1	Villa-Real	3

§. IX.

§. IX.

Roteiro da Moimenta da Beira para S. Joaõ da Pesqueira, *em que se contaõ seis leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Guedieiros	1	Dahi à Villa de Trovões	1
Dahi a Paredes da Beira	1	A S. Joaõ da Pesquèira	3

§. X.

Roteiro da Moimenta para Braga, *em que se contaõ dezasete leguas ao Noroeste.*

Da Moimenta a Teixeira	7	Venda da Serra	1
Dahi ao Carneiro	1	Guimarães	1
Amarante	2	A' Barca	1
Lixa	1	Aos quatro irmãos	1
Deveza da Escorva	1	A Braga	1

§. XI.

Roteiro da Moimenta para o Porto, *em que se contaõ vinte leguas ao Noroeste.*

Da Moimenta ao Sarzedo	1	Canavezes	1
Do Sarzedo à Granja Nova	1	Aos quatro irmãos	1
A Ferreirim	1	Ao Castro	1
Lamego	1 q.	Arrifana de Sousa	1
Santiaguinho	1	Paredes	1
Mezam-frio	1	Baltar	1
Teixeira	1	Ponte Ferreira	1
Carrasqueira	1	Val-longo	1
Fonte do Mel	1	Venda-Nova	1
Venda da Giesta	1	Porto	1

§. XII.

Roteiro da Moimenta à Torre do Moncorvo, *em que se contaõ nove leguas ao Norte.*

Da Moimenta a Fonte Arcada	1	A Penedono	1
Dahi a Chuzendo	1	Villa de Ranhados	1

Se-

Sedavim	1	Barca do Pocinho	1
Sevadelhe	1	A' Torre do Moncorvo, passando o rio Douro	1
Freixo de Nemaõ	1		

§. XIII.

Roteiro da Moimenta para a Praça de Almeida, *em que se contaõ doze leguas ao Nascente.*

De Moimenta à Villa da Rua	1	Santa Eufemia	1
Villa da Ponte	1	Valbom	1
Sarzeda	1	Pinhel	1
Torrinha	1	Pereiro	1
Moreirinhas	1	Valverdinho	1
Cótimos	1	Almeida	1

§. XIV.

Roteiro da Moimenta para a Villa de Trancoso, *em que se contaõ seis leguas ao Poente.*

Da Moimenta à Villa da Rua	1	Bem vende	1
Ao Garajal	1	Rio de Mel	1
Ponte do Abbade	1	Trancoso	1

§. XV.

Summario das distancias, que ha da Moimenta da Beira para algumas povoações mais principaes.

Da Moimenta a

Ao Convento de Caria	m.	Ao Convento de Tabosa	m.
Ao Convento de Salzeda	2	A' Lapa	2
Ao Convento de S. Joaõ de Tarouca	2	A Sernancelhe	2
		A Leomil	m.

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Pinhel, *em que se contaõ cincoenta e cinco leguas e meya ao Nordeste.*

De Lisboa a Santarem	14	De Thomar à Venda Nova	1
De Santarem a Thomar	8	Ceras	1

Pereiros	1	Chamufca	1
Cabaços	1	C,aragoça	1
Barqueiro	1	Torrezello	meya.
Vendas de Maria	meya.	Maceira	1
Venda dos Moinhos	1 e m.	Pinhanços	1
Efpinhal	1	Vinhó	1
Corvo	2	Sampaio	meya.
Foz d'Arouce	2	A Villa Cortez	1
S. Miguel de Poyares	1	A Carrapichana	meya.
Ponte da Murcella	1	A Cortiçó	1
Cortiça	1	Celorico	1
Moita	1	Baraçal	1
Venda do Valle	1	Souro Pires	3
Venda do Porco	1	A Pinhel	1
Galizes	1		

Por outro caminho, indo por Coimbra, fe contaõ cincoenta e fete leguas, e por Leiria fazem cincoenta e nove e meya; mas efta eftrada ferve para quando os campos vaõ cheyos de agua em tempo de inverno.

§. I.

Roteiro de Pinhel para a Guarda, *em que fe contaõ cinco leguas ao Sul.*

De Pinhel a Aldea Nova	1	Dahi a Rapoulla	1
Dahi às Freixédas	1	Dahi à Guarda	1
Dahi ao Carvalhal	1		

§. II.

Roteiro de Pinhel para Trancofo, *em que fe contaõ quatro leguas ao Poente.*

De Pinhel a Valbom	1	Ao Amial	1
A' Povoa	1	A Trancofo	1

§. III.

Roteiro de Pinhel para a Praça de Almeida, *em que fe contaõ tres leguas ao Nafcente.*

De Pinhel ao Pereiro	1	De Valverde a Almeida	1
Do Pereiro a Valverde	1		

§. IV.

Roteiro de Pinhel pvra Castello-Rodrigo, *em que se contaõ tres leguas ao Nordeste.*

De Pinhel a Villar-Torpim	2	Dahi a Castello-Rodrigo	1

§. V.

Roteiro de Pinhel para Celorico, *em que se contaõ cinco leguas a Sudueste.*

De Pinhel a Souro Pires	1	A Celorico	1
Ao Baraçal	3		

§. VI.

Summario das distancias, que ha de Pinhel às Villas da sua Correiçaõ.

De Pinhel a

Aguiar da Beira	7	Noroe.	Horta	6	Noroe.
Alfayates	8	Sueft.	S. Joaõ da Pesqueir.	10	Norte.
Algodres	4	Norte.	Lamegal	2	Poent.
Almeida	3	Nasc.	Langroiva	3	Norte.
Almendra	5	Norte.	Marialva	4	Norte.
Carapito	5	Noroe.	Matança	7	
Castanheira	11	Noroe.	Meda	6	Noroe.
Casteiçaõ	5		Moreira	4	Poent.
Castello-Bom	6	Sueft.	Muxagata	5	Norte.
Castello-Mendo	4	Sueft.	Nemaõ	6	Nord.
Castello-Rodrigo	3	Nord.	Paradella	10	
Cedavim	6	Noroe.	Paredes	9	Noroe.
Ervedosa	10	Noroe.	Pena-Verde	6	Noroe.
Escalhaõ	4	Nord.	Penedono	7	Noroe.
Figueiró da Granja	8		Penella	7	
Fonte Arcada	8	Noroe.	Ponte		
Fornos			Povoa	7	
Guilheiro	7	Noroe.	Ranhados	6	

De Pinhel a

Reigada	2	Nasc.	Trovões	8	Noroe.
Sinco Villas	2	Nasc.	Valença do Douro	11	Noroe.
Sernancelhe	8	Noroe.	Val de Coelha	4	Nasc.
Sindim	10	Noroe.	Val-longo	8	
Soutello	10		Varzeas	9	Noroe.
Souto	6 e meya.		Veloso		
Tavora	11	Noroe.	Villa-Nov. de Fosc.	6	Nort.
Touça	6	Noroe.	Villar Mayor	6	Sul.
Trancoso	4	Poente.			

§. VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Trancoso, *em que se contaõ cincoenta e quatro leguas ao Nordeste.*

De Lisboa a Thomar	22	Venda do Porco	1
A Ceras	2	Galizes	1
Aos Pereiros	1	Chamusca	2
Cabassos	1	C,aragoça	1
Venda de Maria	1	Maceira	1
Venda das Figueiras	1	Pinhanços	1
Espinhal	1	Vinhó	1
Corvo	2	Cortiçó, passando por Villa-Cortez, e Sampayo	2
Foz d'Arouce	2	Carrapichana	1
S. Miguel de Poyares	1	Celorico	2
Ponte da Morcella	1	Frontilhuro	1
Sobreira	1	Fiães	1
Poços	1	Trancoso	1
Moita	1		
Venda do Valle	1		

Por outro caminho, que segue o Correyo, indo por Viseu.

De Viseu a Povolide	1 e m.	Penaverde	1
A Roriz	1	Casaes do Monte	1
Esmolfe	1	Venda do Cego	1
Sezures	1	Trancoso	1
Forninhos	1		

§ VIII.

§. VIII.

Roteiro de Trancoso para Lamego , *em que se contaõ dez leguas ao Noroeste.*

DeTrancos.a Bem-vend.	1	Alvite	1 e m.
Dahi à ponte do Abbade	1	Mondim	1
A' Lapa	1 e m.	Villa meã	1
Lamosa	meya.	Britiande	1
Ariz	meya.	Lamego	1

§. IX.

Roteiro de Trancoso para Almeida, *em que se contaõ sete leguas ao Nascente.*

De Trancos. à Povoa delRey	2	Pereiro	1
Dahi a Val bom	1	Valverde	1
Pinhel	1	Almeida	1

§. X.

Roteiro de Trancoso para a Torre do Moncorvo , *em que se contaõ dez leguas ao Nordeste.*

De Trancoso à Moreira	1	Freixo de Nemaõ	1
Dahi ao Carvalhal	1 e m.	Santo Amaro	1
Ao Convento dos Villar.	1 e m.	A' Barca do Douro	1
A' Meda	1 e m.	A' Torre do Moncorvo	1
Fonte Longa	1 e m.		

Por outro caminho.

De Trancoso a Valcovo	1	Marvaõ	1
Rabaçal	1	Barca do Douro	1 e m.
Venda da Barriga	2	Torre do Moncorvo	1

§. XI.

Roteiro de Trancoso à Guarda , *em que se contaõ cinco leguas ao Sueste.*

De Trancoso aos Carnicaes, ou à Fonte de Cal	1	Ponte do Ladraõ	1
Baraçal	1	Cabadoide	1
		Guarda	1

CAPITULO VI.

Roteiro de Lisboa para a Cidade da Guarda, *em que se contaõ cincoenta e tres leguas ao Nordeste.*

De Lisboa a Thomar	22	Venda do Porco	1
De Thomar a Seras	2	Venda Nova	1
Pereiro	1	Chamusca	1
Cabaços	1	Torrozello	1
Venda de Maria	1	Maceira	1
Venda dos Moinhos	2	Pinhanços	1
Espinhal	1	Vinhó	1
Venda do Corvo	2	Carrapichana	2
Foz d'Arouce	2	Cortiçó	1
S. Miguel	1	Celorico	1
Ponte da Morcella	1	Lagiosa	1
Cortiça	1	Cabadoide	1
Moita	1	Guarda	1
Venda do Valle	1		

Por outro caminho, indo pela estrada de Abrantes, em que se contaõ cincoenta e huma leguas.

De Lisboa a Abrantes	23	Soalheira	2
Dahi a S. Domingos	3	Atalaya	1
A' Palhota	2	Quartaõ	1
Cardigos	1	Capinha	2
Cortiçada	1	Peraboa	1
Sobreira formosa	1	Caria	1
Monte gordo	1	Belmonte	1
Sarzedas	1	Vendas da Vella	2
Juncal	2	Guarda	2
Tinalhas	1		

§. I.

Roteiros traversos da Cidade da Guarda para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade do Porto, *em que se contaõ vinte e seis leguas ao Noroeste.*

D. Guarda à Ponte do Ladr.	2	Maceira	2
Dahi à Quinta dos Vermelh.	1	Antas	1

Souto

Souto de Vide	1	Geſtoſo	1
Caſtendo	1	Marujal	1
Bacim	1	Africana	1
Cavernais	1	Cabeçais	1
Luſtoſa	2	S. Vicente	1
S. Pedro do Sul	2	Terreiro	1
Trapa	1	Carvalhos	1
Ponte dos Ovos	1	Porto	2
Manhouce	1		

Os rios principaes, que ſe atraveſsaõ neſta jornada, ſaõ: o Mondego, o Vouga, e o Paiva.

§. II.

Roteiro da Guarda para Lamego, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Noroeſte.*

Da Guarda a Cabadoide	1	Aguiar da Beira	1
A' Ponte do Ladraõ	1	Quintella	1
Forno telheiro	1	Alvito	2
Aldea Nova	1	Mondim	1
Cariz	1	Britiande	1
Eirado	1	Lamego	1

§. III.

Roteiro da Guarda para a Praça de Almeida, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Nordeſte.*

Da Guarda a Joaõ Bragal	1	Freixo	1
Urgeira	1	Aldea-Nova	1
Pinzio	1	Almeida	1

§. IV.

Roteiro da Guarda para a Torre do Moncorvo, *em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

Da Guarda ao Recamondo	1	Venda da Barriga	1
Avelans da Ribeira	1	Marvaõ	1
Alverca	1	Villa-Nova de Foſcoa	1
Cerejo	1	Ao Douro	1
Cótimos	1	A' Torre do Moncorvo	1
Corilcada	2		

§. V.

§. V.

Roteiro da Guarda para Caſtello-Branco, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Sul.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Quartaõ	2
Belmonte	2	Atalaia	1
Caria	1	Lardoſa	1
Peraboa	1	Alcains	1
Capinha	1	Caſtello-Branco	1

§. VI.

Roteiro da Guarda para a Covilhã, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Sudueſte.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Teixoſo	1
A Belmonte	2	A' Covilhã	1

§. VII.

Roteiro da Guarda para a Villa do Fundaõ, *em que ſe contaõ nove leguas ao Sudueſte.*

Da Guarda às Vend. da Vella	2	Ferro	1
Belmonte	2	Fundaõ	4
Caria	1		

§. VIII.

Roteiro da Guarda para a Villa do Sabugal, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Panoyas	1	Val Mouriſco	1
Adaõ	1	Sabugal	1
Pega	1		

§. IX.

Roteiro da Guarda para a Villa de Manteigas, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Poente.*

Da Guarda à Curujeira	1	Val de Moreira	1
Famelicaõ	1	Sameiro	1
Valhelhas	1	Manteigas	1

§. X.

§. X.

Roteiro da Guarda para a Praça, e Villa de Penamacor, *em que ſe contaõ nove leguas ao Sul.*

Da Guarda a Panoyas	1	Val de lobo	1
A Santa Anna	1	Meimoa	1
A Pouſa-foles	1	Santo André	1
Aguas Bellas	1	Penamacor	1
Urgeira	1		

§. XI.

Roteiro da Guarda para a Praça, e Villa de Alfaiates, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Villa Mendo	2	Nave	1
Marmeleiro	1	Alfaiates	1
Rapoula de Coa	1		

§. XII.

Roteiro da Guarda para a Villa de Villar-Mayor, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Naſcente.*

Da Guarda a Villa Fernando	2	Ponte de Siqueiros	1
Ao Monte Margarida	1	Villar-Mayor.	1

§. XIII.

Roteiro da Guarda para a Villa de Linhares, *e dahi até à Villa da* Cea, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Poente.*

Da Guarda a Miſarella	1	Villa de Gouvea	1
Prados	1	Villa de Santa Marinha	1
Linhares	1	Villa de Cea	1
Villa de Mello	1		

§. XIV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Cea, *em que ſe contaõ quarenta e quatro leguas ao Nordeſte.*

Eſta derrota faz-ſe partindo de Lisboa para Thomar, até onde ſe contaõ vinte e duas leguas. De Thomar ſegue as meſ-

mas eſtradas do caminho, que vay para Pinhel; mas chega ſómente a Torrozello, e dahi à Villa de Cea, que he huma legua. Eſta derrota he mais breve, e direita por eſta eſtrada, que pela de Coimbra, em que ſe contaõ quarenta e ſeis leguas, ou pela de Leiria, em que ha quarenta e ſete leguas.

§. XV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Gouvea, *em que ſe contaõ quarenta e oito leguas ao Nordeſte, indo pela eſtrada de carruagens.*

De Lisboa à Caſtanheira	8	Cernache	1
Dahi a Ota	2	Cruz dos Moroiſſos	1
Eſpinhaço de Caõ	1	Coimbra	1
Rio Mayor	1	Mealhada	3
Truquel	1	Mortagua	2
Alcobaça	2	Ponte do Criz	1
Aljubarrota	1	S. Comba Daõ	1
S. Jorge	1	Cancella	1
Batalha	1	Guarita	1
Leiria	2	Carregal	1
Venda dos Machados	1	Oliveira do Conde	1
Venda do Gallego	1	Ervedal	2
Pombal	1	Seixo	1
Venda do Diabo	1	Lagarinhos	2
Redinha	1	Gouvea	1
Condexa	3		

Por outro caminho, que ordinariamente ſeguem os Almocreves, e peſſoas que vaõ a cavallo.

De Lisboa a Santarem	14	Seras	1
A Val de Figueira	1	Pereiro	1
Ponte de Alviella	1	Cabaços	1
Ponte de Almonda	1	Vendas de Maria	1
Golegã	1	Venda dos Moinhos	1
Atalaya	1	Venda do Paſtor	1
Cenceira	1	Villa-Flor, ou Barrocas do Corvo	1
Guerreira	1		
Thomar	1	Corvo	1
Pintado	1	Foz d'Arouce	1

Ven-

Venda-Nova	2	Chamusca	1
Ponte da Murcella	1	Torrozello	1
Sobreira	1	Maceira	1
Poços	1	Santa Comba	1
Valle	1	Lagarinhos	1
Venda do Porco	1	Gouvea	1
Galizes	1		

§. XVI.

Roteiro traverso de Gouvea para a Cidade de Viseu, *em que se contaõ seis leguas aõ Norte.*

De Gouvea às Contensas	2	Tagilde	1
Mesquitella	1	Viseu	1
Mangualde	1		

§. XVII.

Roteiro de Gouvea para a Praça de Almeida, *em que se contaõ doze leguas ao Nordeste.*

De Gouvea a Villa Cortez	1	Soilo Pires	1
Carrapichana	1	Pinhel	1
Cortiçó	1	Pereiro	1
Celorico	1	Carvalhal	1
Maçal	1	Valverdinho	1
Baraçal	1	Almeida	1

§. XVIII.

Summario das distancias, que ha da Guarda às Villas da sua Correiçaõ.

Da Guarda a

Açores	2	Norte.	Cea	6	Poente.
Alvoco da Serra	9	Sudueſt.	Celorico	3	Noroeſt.
Baraçal	3	Noroeſt.	Codeceiro	2	Suſudue.
Cabra	5	Noroeſt.	Covilhã	7	Suſudue.
Castro-Verde	6	Poente.	Folgozinho	4	Poente.

K ii For-

Da Guarda a

Forno Telheiro	3	Noroeſt.	Midões	9	Poente.
Gouvea	5	Poente.	Moſteiro	8	Noroeſt.
Jarmello	3	Sul.	Oliveirinha	11	Noroeſt.
Lagos da Beira	10	Poente.	Seixo		
Linhares	3	Noroeſt.	S. Romaõ	7	Poente.
Loriga	8	Sudueſt.	Torrozello	9	Sul.
Louroſa	10	Poente.	Vallazim	8	Poente.
Manteigas	6	Poente.	Valhelhas	3	Suſudue.
Santa Marinha	5	Poente.	Villla Cova a Coelheira	9	Suſudue.
Mello	5	Poente.			
Meſquitella	4	Poente.			

CAPITULO VII.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Caſtello-Branco, *em que ſe contaõ trinta e ſete leguas ao Nordeſte.*

De Lisboa até Abrantes	23	Perdigaõ	3
De Abrantes a Maçaõ	4	Cernadas	2
Venda Nova	2	Caſtello-Branco	3

§. I.

Roteiro de Caſtello-Branco à Covilhã, *em que ſe contaõ onxe leguas ao Norte.*

De Caſtello Branco a Alcains	3	Fundaõ	1
Alpedrinha	3	Covilhã	3
Compoſta	1		

§. II.

Summario das diſtancias, que ha de Caſtello-Branco às Villas da ſua Correiçaõ.

De Caſtello-Branco a

Alpedrinha	5	Norte.	Belmonte	11	Nordeſt.
Atalaya	4	Nordeſt.	Bempoſta	6	Naſcent.

Caſ-

De Caſtello-Branco a

Lugar	Leguas	Rumo
Caſtello-Novo	5	Norte.
Idanha a Velha	7	Naſcent.
Idanha a Nova	5	Naſcent.
Monſanto	7	Naſcent.
Penagarcia	9	Naſcent.
Penamacor	8	Nordeſt.
Proença a Velha	6	Nordeſt.
Roſmaninhal	6	Sueſte.
Sabugal	11	Nordeſt.
Salvat. do Eſtremo	8	Naſcent.
Sarzedas	3	Poente.
Segura	7	Naſcent.
Sortelha	10	Naſcent.
Touro	12	Naſcent.
S. Vicente	5	Norte.
Villa-Velha de Rodaõ	5	Sul.
Zibreira	10	Naſcent.

DIVISAÕS IV.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia do Minho.

A Porçaõ do Reino mais povoada, e mais fertil he a do Minho, que, ſegundo os melhores Geografos, tem dezoito leguas de comprido, e doze de largo na mayor extenſaõ de Naſcente a Poente. O rio Minho ſepara eſta Provincia de Galiza pela banda do Norte, pela do Sul confina ella com a Beira, ao Naſcente a divide a ſerra do Maraõ da Provincia de Trás os Montes, e da parte do Poente lhe ſerve de moldura o Oceano. He cortada de ſete rios caudaloſos, dos quaes ſeis vaõ deſembocar ao mar, o Douro, Leça, Ave, Neiva, Lima, e Minho, além de infinitos outros rios, que entraõ nos capitaes, que para commodo dos paſſageiros eſtaõ ſujeitos a mais de duzentas pontes de cantaria lavrada, e outras de pedra toſca, e madeira.

As eſtradas por todo, ou quaſi todo o ambito deſta Provincia, tem todas as circunſtancias, que fazem agradavel o caminho aos viajores, e lhes facilita, e ſuaviza quaeſquer difficuldades, ou aſpereza, que poſſaõ encontrar. Conſta de ſeis Comarcas, para as quaes daremos os Roteiros ſeguintes.

CA-

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Guimarães, *em que ſe contaõ ſeſſenta leguas ao Norte.*

Eſtá derrota he quaſi a meſma, que havemos aſſinar no caminho de Braga, e por iſſo deixemos de o fazer aqui.

§. I.

Summario das diſtancias, que ha de Guimarães aos Coutos, Villas, e Concelhos da ſua Correiçaõ.

De Guimarães a

Abbadim	5	Nord.	Monte longo	2	Nort.
Aguiar da Penha	10	Naſc.	Moreira de Rei		
Amarante	5	Naſc.	Ovelha	6	
Athei	6	Naſc.	Parada de Bouro		
Cabeceiras de Baſto	5	Naſc.	Pedraido		
Canavezes	5		Pombeiro	1	
Cepães			Pouſadella		
Cerolico de Baſto	5	Naſc.	Refoyos de Baſto		
S.Cruz de Riba Tam.	4		Ribeira de Pena	8	
Felgueiras	2	Naſc.	Ribeira de Soás	4	
Fonte Arcada			Roças	5	Nort.
Geſtaço	5		Ruivaes	6	
Gouvea de Riba Tam.	5		Serva	7	
Hermello	7		Taboado		
Jalles	12		Thuias	6	
S. Joaõ de Rei	3		Tibães	3	Nort.
Lagioſa			Travanca		
Lanhoſo	3	Nort.	Vieira	3	Nord.
Louſada	3	Nord.	Villa-Boa de Roda	4	Nord.
Mancellos			Villa-Cahiz	5	
Meinedo			Vimieiro	4	Noro.
Mondim	6		Unhaõ	2	Sul.
Monte alegre	12				

CA-

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Braga, *em que se contaõ sessenta leguas ao Norte.*

De Lisboa ao Porto	52	Villa-Nova de Famelicaõ	1
Do Porto à ponte de Leça	1	Santiago da Cruz	1
Ao Castelejo	1	A Tabosa	1
A Carriça	1	A Braga	1
Barca da trofa	1		

§. I.

Roteiro traverso de Braga a Chaves, *em que se contaõ quinze leguas ao Nordeste.*

De Braga ao Carvalho Déste	1	Venda Nova	1
Ao Pinheiro	1	Venda da Serra	1
Pardieiros	1	Alturas	1
Penedo	1	Carvalhelhos	1
Salamonde	1	Boticas	1
Ruivaes	1	Casas Novas	1
Campos	1	Chaves	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para Viana, *em que se contaõ sessenta e duas leguas ao Norte.*

Reparte-se esta derrota em quatro viagens. A Primeira, partindo de Lisboa, se vay até Santarem, onde fazem quatorze leguas. Dahi para Coimbra, em que se contaõ vinte leguas. De Coimbra ao Porto dezoito, e do Porto até Vianna dez, da maneira seguinte.

De Lisb. até à Cidad. do Port.	52	Rates	1
De Port. ao Senhor do Padraõ	1	A' terra Negra	1
A' Moreira	1	Barca de Lago	1
A' Magdalena	1	Redemoinhos	1
Casal de Pedro	1	Viana	2

§. I.

Roteiro traverſo da diſtancia, que ha de Viana até Melgaço, *em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

De Viana a Caminha	3	Monçaõ	2
De Caminha a Villa-Nova	2	Melgaço	3
A Valença	2		

§. II.

Roteiro de Viana para Braga, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

De Viana à Senhor. das Neves	1	A' Senhora do Bom deſpacho	1
A's Boticas	1	A' ponte de Prado	1
Ponte de Anhel	1	A Braga	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Barcellos, *em que ſe contaõ ſeſſenta leguas ao Norte.*

De Lisb. até à Cidad. do Port.	52	A Lameira	1
Do Porto ao Padraõ	1	Aos nove Irmãos	m.
Ao Convento da Moreira	1		

O Eſpaço deſta legua he perigoſo de inverno pelos grandes atoleiros, que ha.

A' Magdalena	m.	Ponte de Arcos	m.
Ao Caſal de Pedro	1	Ponte da mulher morta	m.

Neſte tranſito, que he junto da Villa de Rates, ha huma ribeira, que paſſar.

Cacabaya	1 e m.	Barcéllos	meya.

De Cacabaya a Barcéllos ha outro ribeiro, que de inverno he de má paſſagem.

§. I.

§. I.

Summario das distancias, que ha de Barcéllos às terras principaes circumvizinhas.

De Barcéllos a

Braga	3	Porto	7
Efpofende	2	Rates	2
Faõ	2	Vianna	4
Fraláes	2	Villa do Conde	3
Guimarães	4	Villa-Nova de Famelicaõ	3
Ponte de Lima	5		

CAPITULO V.

Roteiro de Lisboa para a Cidade do Porto*, em que se contaõ cincoenta e duas leguas ao Norte.*

De Lisboa até Coimbra	34	Albergaria Nova	1
De Coimbra aos Fornos	1	Pinheiro da Bempofta	1
Carquejo	1	Oliveira de Azemeis	1
Mealhada	1	S. Joaõ da Madeira	1
Pedreira	1	Souto Redondo	1
Avelans	1	Grejo	1
Aguada	1	Carvalhos	1
Sardaõ	1	Rechouffa	1
Ponte da Vouga	1	Porto	1
Albergaria Velha	1		

§. I.

Summario das distancias, que ha da Cidade do Porto às Villas, e Concelhos circumvizinhos.

Do Porto a

Aguiar de Soufa	3	Avintes	2
Arrifana de Soufa	6	Azurara	4

Do Porto a

Bayaõ	9	Pena fiel	6
Bem Viver	6	Refoyos	4
Gaya	3	Porto Carreiro	6
Gondomar	meya.	Povoa de Varzim	4
S. Joaõ da Foz	meya.	Soalhães	8
Maya	4	Tibães	8
Melres	4	Villa do Conde	4
Matozinhos	1	Vimieiro	8

§. II.

Roteiro do Porto a Ponte de Lima *pela eſtrada de Barcéllos, em que ſe contaõ doze leguas ao Norte.*

Do Porto ao Padraõ da legua	1	Barcéllos	1
Dahi à Moreira	1	Senhora da Portella	1
Magdalena	1	Senhora Apparecida	1
Caſal de Pedro	1	Portella de Santo Eſtevaõ	2
Carvalho	2	Ponte de Lima	1

Pela eſtrada de Braga ha treze leguas.

Do Porto à Ponte de Leça	1	Braga	1
Caſtellejo	1	Prado	1
Carriça	1	Moure	1
Trofa	1	Aguães	1
Villa-Nova de Famelicaõ	1	Ponte Nova	1
Santiago da Cruz	1	Ponte de Lima	1
Teboſa	1		

DIVISAÕ V.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações da Provincia de Tràs os Montes.

COmo seja preciso para haver de entrar nesta Provincia subir os montes do Maraõ, e as serranias do Gerez, dahi veyo chamarse esta Regiaõ a Provincia de Tràs os Montes, que assim se considera respectivamente à do Minho. O seu ambito occupa mais de cento e trinta leguas, conforme o calculo de Joaõ Salgado de Araujo, e quasi que todo elle he de fórma quadrada; por isso advirto, que em todos os Mappas deste Reino, illuminados por Estrangeiros, se accrescenta erradamente a esta Provincia toda a Comarca de Pinhel, que pertence à Beira.

He aspero o seu terreno, e por essa causa as suas leguas saõ reputadas por mayores, ainda que as distancias sejaõ de menos passos. Reparte-se em quatro Comarcas, cujos Roteiros saõ os que se seguem.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Villa da Torre do Moncorvo, *em que se contaõ sessenta e tres leguas ao Nordeste, que se reputaõ por sessenta e sete.*

De Lisboa a Santarem	14	De Santarem a Thomar	8

De Thomar segue o mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para Trancoso até Celorico, que fazem trinta; e dahi se aparta caminhando para S. Martinho, que saõ 3

De S. Martinho ao Rabaçal	2	De Marvaõ ao Pocinho	2
Do Rabaçal a Marvaõ	3	Dahi à Torre do Moncorvo	1

Nesta derrota se passaõ algumas vinte ribeiras, que quasi todas tem ponte, o Douro particularmente, e em todas as mansões ha estalagens.

§. I.

Roteiros traversos da Villa de Moncorvo para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para a Cidade de Bragança, *em que se contaõ quatorze leguas ao Norte.*

Do Moncorvo à Portella	1	Grijó	1
Junqueira	1	Val de Prados	1
Santa Comba	2	Quintella	1
Trindade	1	Fernande	1
Bornes	1	Sortes	1
Val bem feito	1	Bragança	1

Por este caminho ha boas estalagens, e onze ribeiras, que se passaõ sem perigo, huma das quaes se chama a *Villariça*, que he indo da Junqueira para Santa Comba.

§. II.

Roteiro de Moncorvo para Freixo de Espadacinta, *em que se contaõ cinco leguas ao Nascente.*

Da Torre a Mós	2	De Mós a Freixo	3

§. III.

Roteiro de Moncorvo para a Cidade de Miranda, *em que se contaõ treze leguas ao Nordeste.*

Da Torre a Carviçaes	2	A Sindim	3
Ao Mogadouro	4	A Miranda	2
A Villadella	2		

§. IV.

Roteiro de Moncorvo para Chaves, *em que se contaõ quatorze leguas ao Norte.*

Da Torre à Portella	1	Rio Torto	1
A Villa-Flor	2	Val Passos	1
Meirelles	1	Ervões	1
Frechas	2	S. Lourenço	2
Mirandella	1	Chaves	1
Eixes	1		

§. V.

Roteiro de Moncorvo para Villa-Real, *em que se contaõ quatorze leguas ao Noroeste.*

Da Torre a Villa-Flor	3	Parafita	2
Abreiro	2	Justes	1
Monte febres	2 e m.	Villa-Real	2
Murça	1 e m.		

§. VI.

Summario das distancias, que ha da Villa da Torre de Moncorvo ás terras da sua Correiçaõ.

Da Torre de Moncorvo a

Abreiro	5	Norn.	Monforte de rio liv.	12	Norn.
Agua Revez	9	Poent.	Mós	2 m.	Poent.
Alfandega da Fé	4	Nort.	Murça de Panoya	8	Poent.
Anciães	4	Poent.	Nuzellos	9	Nort.
Castro Vicente	5	Nort.	Pinhovello	8	Nord.
Chacim	7	Nort.	Sampayo	3	Nort.
Cortiços	7	Norn.	Sezulfe	8	Nort.
Frechas	5	Nort.	Torre de D. Chama	9	Noro.
Frexiel	4	Noro.	Valdasnes	6	Nort.
Freix. de Espadacint.	5	Sueft.	Villas-Boas	4	Nort.
Lamas de Orelhaõ	6	Noro.	Villa-Flor	3	Norn.
Linhares	5	Poent.	Villarinho da Castan.	3	Poent.
Mirandella	6	Nort.			

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Miranda, *em que se contaõ setenta e seis leguas ao Nordeste, que se reputaõ por oitenta.*

Faz-se esta derrota pelo mesmo caminho, que assinámos de Lisboa para a Torre do Moncorvo, e dahi para Miranda, como já fica dito.

§. I.

§. I.

Summario das distancias, que ha da Cidade de Miranda às Villas da sua Correiçaõ.

De Miranda a

Algozo	4	Oesſud.	Rebordainhos	8	Norte.
Azinhoſo	7	Sul.	Sanſeriz		
Bempoſta	5	Sul.	Val de Paſſó	13	Norte.
Frieira	6	Norte.	VillarſecodaLõba	17	Norte.
Mogadouro	7	Sudue.	Vimioſo	3	Oesnor.
Penas de Royas	7		Vinhaes	13	Nornor.

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Bragança, *em que ſe contaõ ſetenta e cinco leguas ao Nordeſte.*

He eſta viagem pela meſma derrota, que fica aſſinada para a Torre de Moncorvo, e dahi para Bragança; porém indo por outras terras, ſe evita huma legua, da maneira ſeguinte.

Do Moncorvo à Portella	1	Fernande	2
A Santa Comba	2	Quintella de Lampaças	1
Burga	1	Bidoido	2
Bornes	1	Rebordãos	1
Val bem feito	1	Bragança	1

§. I.

Roteiro de Bragança para Chaves, *em que ſe contaõ doze leguas ao Poente, pela eſtrada dos Correyos.*

De Bragança a Grandais	1	Villa-Verde	1
Caſtrellos	1	Vinhaes	1

Até aqui ſe tem de paſſar os rios Baceiro, e Tuella.

So-

Sobreiró	1	Val d'Armeiro	1
Val Passos, ou a Curopos	1	Villartam	1

Aqui se passa o rio Rabaçal.

Lebuçaõ	1	Fayões	1
Monforte	1	Chaves	1

Estas doze leguas he no tempo de veraõ, que de inverno he preciso rodear tres leguas, por passarem as aguas dos rios acima na ponte de Val de Telhas.

§. II.

Roteiro de Bragança para Miranda, *em que se contaõ nove leguas ao Sul.*

De Bragança à Villa de Outeiro	3	Dahi a Vimioso	3
		Dahi a Miranda	3

Por outro caminho.

De Bragança a Rio frio	2	S. Joanico	2
Paradinha	1	Malhadas	2
Quinta de Val de pena	1	Miranda	1

CAPITULO IV.

Roteiro de Lisboa para Villa Real, *em que se contaõ cincoenta e nove leguas ao Norte.*

Faz-se esta jornada pela derrota de Lamego, até onde se contaõ 55

De Lameg. ao Pezo da Regoa	1	A' Comieira	1
Santa Martha	1	A Villa-Real	1

Por outro caminho, indo pela estrada do Porto.

De Lisboa ao Porto	52	Amarante	2
Do Porto à Venda Nova	1	Ovelha	1
A Val longo	1	Campeam	2
Baltar	2	Arabães	1
Arrifana	2	Villa-Real	1
Villa meã	2		

§. I.

§. I.

Roteiro traverſo de Villa-Real para a Torre de Moncorvo , *em que ſe contaõ onze leguas ao Sueſte.*

De Villa-Real a Alvites	1	Abreiro	1
Juſtes	1	Villas-Boas	1
Paraſita	1	Villa-Flor	1
Cadaval	1	Carraſcal	1
Murça	1	Moncorvo	2

§. II.

Roteiro de Villa-Real para Chaves , *em que ſe contaõ nove leguas ao Norte.*

De Villa-Real a Eſcariz	1	Sobroſo	2
Amezio	1	Villa-Verde de Oura	1
Villa Pouca	2	Chaves	2

§. III.

Roteiro de Villa-Real para Mirandella , *em que ſe contaõ dez leguas ao Naſcente.*

De Villa-Real a Alvites	1	Palheiros	1
Juſtes	1	Franco	1
Paraſita	1	Lamas	1
Cadaval	1	Mirandella	2
Murça	1		

§. IV.

Roteiro de Villa-Real para Amarante , Guimarães , *e* Braga , *que todas lhe ficaõ ao Noroeſte.*

De Villa-Real a Arabães	1	A Caramos	1
A Campeam	1	Pombeiro	1
Ovelha	2	Guimarães	1
Amarante	1	De Guimar. aos quat. Irmãos	2
De Amarante a Lixa	1	A Braga	1

DI-

DIVISAÕ VI.

Roteiros de Lisboa para as principaes povoações do Reino, e Provincia do Algarve.

SEm embargo de ſer montuoſa eſta Provincia, he todavia fertil. Tem dezaſeis leguas de fronteira com Andaluzia apartada pelo Guadiana, que ſe naõ vadêa. Attendendo à aſpereza da mayor parte das ſuas eſtradas, ſe reputaõ as leguas por cincoenta em qualquer viagem deſta Provincia, ou ſeja pouca, ou muita a diſtancia, que ſe caminha.

Os productos deſte Reino, que conſiſtem em excellentes vinhos, uvas, e figos paſſados, amendoas, e em muitos generos de peixes goſtoſos, ſervem grandemente ao commercio, e contrato naõ ſó das nações do Norte, que os conduzem daqui âs ſuas terras, mas aos proprios nacionaes, que por tranſporte vem com elles fertilizar as mais Provincias do Reino, obrigando-os eſte intereſſe a tranſitar com mais frequencia pelas terras deſta Regiaõ.

CAPITULO I.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Faro, *em que ſe contaõ trinta e nove leguas ao Sueſte, as quaes ſe reputaõ, e coſtumaõ pagarſe por cincoenta.*

De Lisboa à Moita	3	Caſtro	3
Aguas de Moura	5	Sembrana	3 e m.
Alberges	3	Amexial	3 e m.
Quinta de D. Rodrigo	4	S. Bras	5
Figueira dos Cavalleiros	3	Faro	2
Aljuſtrel	4		

Pou outro caminho.

De Lisboa a Aldea Gallega	3	A Viana	6
A Montemór o Novo	12	Alvito	1

Béja	5	Almodovar	3
Entradas	5	Loulé	9
Crasto	2	Faro	2

§. I.

Summario das distancias, que ha de Faro às terras do seu Termo.

De Faro a

Alagoa	7	Estombar	6
Alcantarilha	5	Estoi	2
Alferce	6	Monchique	11
Algos	4	Nexe	2
Alportel	2	Olhaõ	1
Alvor	7	Pera	5
Ameixoeira grande	8	Pixaõ	2
Ameixoeirinha	7	Quelfez	2
Santa Barbara	2	S. Joaõ da Venda	1
S. Bras	2	Silves	7
S. Bartholomeu	6		

CAPITULO II.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Lagos, *em que se contaõ trinta e sete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita por mar	3	Villa-Vova de mil fontes	7
Setubal	3	Odeseixas	6
Comporta	3	Aljesur	2
Melides	6	Bensafrim	4
Santo André	2	Lagos	1

Quem naõ quer ir à Comporta, onde o barco he incerto, póde logo da Moita tomar o caminho seguinte.

Da Moita à Palhota	2	Alcacer do Sal	4
A Aguas de Moura	3	Melides	6

Daqui continúa a estrada para diante, como fica dito acima.

§. I.

§. I.

Roteiros traverſos de Lagos para as principaes terras circumvizinhas, e primeiramente para Faro, *em que ſe contaõ onze leguas ao Naſcente.*

De Lagos a Alvor	1	A' Eſtalajem da Nora	2
Dahi a Villanova de Portimaõ	1	A' Quinta de Quarteira	1
Ao Lugar da Alagoa	1	A S. Lourenço do Almancil	2
Ao Lugar de Porxes	1	A Faro	1
Ao Lugar de Pera	1		

§. II.

Roteiro de Lagos para Silves, *em que ſe contaõ quatro leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Villa-Nova de Portimaõ	2	Dahi a Silves pelo rio, ou por terra	2

§. III.

Roteiro de Lagos para Sagres, *em que ſe contaõ ſete leguas ao Sudueſte.*

De Lagos até à Vill. do Biſpo 5 - Dahi a Sagres 2

§. IV.

Roteiro de Lagos para Albufeira, *em que ſe contaõ ſeis leguas ao Naſcente.*

De Lagos ao lugar de Pera 5 - Dahi a Albufeira 1

§. V.

Roteiro de Lagos para Loulé, *em que ſe contaõ dez leguas ao Naſcente.*

De Lagos à Quinta da Quart. 8 - Dahi a Loulé 2

§. VI.

Roteiro de Lagos para Tavira, *em que ſe contaõ quinze leguas ao Naſc.*

De Lagos até Loulé 10 - Dahi a Tavira 5

Por Faro ſaõ dezaſeis leguas.

§. VII.

§. VII.

Roteiro de Lagos para Caſtro-Marim, *em que ſe contaõ vinte leguas ao Naſcente.*

De Lagos a Tavira 16 - Dahi a Caſtro-Marim 4
Indo por Loulé ſaõ dezanove.

§. VIII.

Roteiro de Lagos para Alcoutim, *em que ſe contaõ vinte e ſeis leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Caſtro-Marim 20	Dahi a Alcoutim pelo Guadiana, ou pela ſerra 6

§. IX.

Roteiro de Lagos para a Villa do Biſpo, *em que ſe contaõ cinco leguas ao Sul.*

De Lagos ao lugar de Budes 2	Ao lugar da Rapozeira 1
Dahi ao lugar da Figueira 1	A' Villa do Biſpo 1

§. X.

Roteiro de Lagos para a Cidade de Béja, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lagos ao lugar de Odeſeix. 7	A' Meſſejana 2
A' Villa de Odemira 4	A Aljuſtrel 1
A' Aldea de Santa Luzia 4	A Béja 5

Por outro caminho mais breve, indo pela ſerra.

De Lagos ao lugar de Monchique 5	A Gravaõ 1
A' Eſtalajem da Palhota 4	Panoyas 1
A' Igreja de Santa Clara m.	Meſſejana 1
A S. Martinh. das Amoreir. m.	Aljuſtrel 1
	Béja 5

§. XI.

§. XI.

Roteiro de Lagos para a Villa de Ourique, *em que ſe contaõ quatorze leguas ao Norte.*

De Lagos a S. Martinho das Amoreiras	12	Dahi a Ourique	2

§. XII.

Roteiro de Lagos para Evora, *em que ſe contaõ vinte e nove leguas ao Nordeſte.*

De Lagos atè Meſſejana	15	Aguiar	2
Dahi à Villa de Ferreira	4	Evora	4
Alvito	4		

§. XIII.

Roteiro de Lagos para a Vidigueira, *e* Villa de Frades, *em que ſe contaõ vinte e tres leguas ao Nordeſte.*

De Lagos a Aljuſtrel	16	Cuba	2
A' Aldea do Ervedel	2	Vidigueira, ou Villa de Frades	1
Beringel	2		

§. XIV.

Roteiro de Lisboa para Albofeira, *em que ſe contaõ trinta e ſeis leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	Val de Santiago	3
Aguas de Moura	5	S. Martinho	2
Palma	2	Santa Clara	3
Alcacere do Sal	3	S. Marcos	3
Val de Guizios	1	S. Bartholomeu	2
Bairos	4	Albufeira	3
Alvalade	2		

Neſta jornada ſe paſſaõ ſeis ribeiras.

Por Lagos ha 35 leguas e meya, a ſaber:

De Lisboa a Setubal	6	A Aljeſur	1
A' Comporta	m.	A Lagos	5
A Melides	5	A Alvor	1
A Villa-Nov. de mil font.	6	A Villa-Nov. de Portim.	1
Odeſeixes	6	A' Albufeira	4

Por eſta jornada naõ ha ribeiras que paſſar.

Pelo Serro do Malhaõ ha 38 leguas, a ſaber:

De Lisboa à Moita	3	A Craſto	3
A Aguas de Moira	5	A Almodovar	3
A Palma	2	Ao Serro do Malhaõ	5
A' Figueira	8	A' Albufeira	5
A Aljuſter	4		

Tem eſta jornada nove ribeiras que paſſar.

As terras principaes, e circumvizinhas a eſta Villa, contando de Albufeira até Caſtro Marim, ſaõ eſtas:

De Albufeira a Loulé	3	A Tavira	5
De Loulé a Faro	2	A Caſtro Marim	3

E contando de Albufeira até Lagos.

De Albufeira a Villa-Nova	4	A Lagos	1
A Alvor	1	A' Villa do Biſpo	5

§. XV.

Roteiro de Lisboa para a Villa de Loulé, *em que ſe contaõ trinta e ſete leguas ao Sul.*

De Lisboa à Moita	3	Quinta de D. Rodrigo	1
Dahi à Palhota	2	Figueira dos Cavalleiros	3
Aguas de Moura	3	Aljuſtrel	4
Palma	2	Caſtro	3
Alberges	1	Almodovar	3
Val de Reis	m.	Corte Figueira	3
Porto de Lama	m.	Loulé	6
Porto delRey	2		

Por

Por outro caminho mais breve.

De Lisboa à Moita	3
Setubal	3
Santiago de Cacem	10
Panoyas	5
Ourique	3
Corte Figueira	6
Loulé	6

§. XVI.

Roteiro de Lisboa para Villa-Nova de Portimaõ, *em que se contaõ trinta e oito leguas ao Sul.*

De Lisboa a Setubal	6
De Setubal à Comporta	3
Melides	6
Santo André	2
Villa-Nova de mil fontes	7
Odeseixas	6
Allezur	2
Villa-Nova de Portimaõ	6

Por outro caminho.

De Lisboa à Moita	3
Aguas de Moira	5
Alcacere do Sal	5
Bairos	8
Val de Santiago	7
Palhota	6
Monchique	4
Villa-Nova de Portimaõ	4

CAPITULO III.

Roteiro de Lisboa para a Cidade de Tavira, *em que se contaõ quarenta e huma leguas ao Sul, e se reputaõ por cincoenta.*

De Lisboa à Moita	3
A' Palhota	2
Aguas de Moira	3
Palma	2
Alberges	1
Porto da Lama	1
Porto DelRey	2
Quinta de D. Rodrigo	1
Figueira	2
Aljustrel	4
Entradas	2
S. Marcos	2
S. Joaõ	2
S. Sebastiaõ	1
A' dos Caros	2
A' dos Vargens	1
Aos Giões	1
Zambujal	2
Tavira	7

Por outro caminho, indo pela estrada de cima.

De Lisboa à Moita	3
Da Moita segue a mesma estrada até Aljustr. em q̃ ha	19
De Aljustrel a Crasto	3
Ao Ameixial	7
A S. Braz	5
A Tavira	4

§. I.

§. I.

Summario das distancias, que ha de Tavira às terras da sua Correiçaõ.

De Faro a

Lugar	Leguas	Rumo
Alcoutim	9	Nordest.
Alte	8	Noroest.
Ameixial	9	
Arenilha	4	
Azinhal	5	Nordest.
Azor	7	
Benafins	7	
Boliqueime	8	Poent.
Cacella	2	Nascent.
Cachoupo	5	Noroest.
Santa Catharina	2	Nort.
Castro-Marim	4	Nordest.
Conceiçaõ	1	
Do deleite	6	Nort.
Fuzeta	2	
Giões	9	Nort.
Loulé	6	Poent.
Luz	1	
Martim longo	9	Nort.
Moncarapacho	2	Sul.
Pereiros	7	Nort.
Sellir	8	Poent.
Vaqueiro	6	

§. II.

Varios Roteiros por travessia na viagem do Algarve.

Roteiro	Leguas
De Lisboa a Lagos	50
De Lagos a Villa-Nova de Portimaõ	3
Daqui a Silves	2
A' Alagoa	3
A' Albofeira	3
A Faro	2
A Tavira	5
A Castro Marim	5

§. III.

Outra travessia.

Roteiro	Leguas
De Lisboa a Sagres	50
De Sagres a Lagos	7
De Lagos a Villa-Nova	3
Daqui à Alagoa	2
Da Alagoa a Albufeira	3
Da Albufeira a Silves	3
De Silves a Loulé	6
De Loulé a Faro	2
De Faro a Tavira	5
De Tavira a Castro Marim	5
Daqui a Alcoutim	6
Daqui a Mertola	5
De Mertola para Lisboa	34

§. IV.

§. IV.

Outra traveſſia.

De Sagres a Lagos	7	Daqui a Loulé	3
De Lagos a Villa-Nova	3	Daqui a Faro	2
Daqui a Silves	2	Daqui a Tavira	5
De Silves à Alagoa	3	De Tavira a Lisboa	40
Daqui à Albufeira	3		

DISTANCIAS

De Lisboa às principaes terras de Portugal.

De Lisboa a

Abrantes	23	Angeja	
Aguas Bellas	20	Arrayolos	18
Alcacer do Sal	14	Arega	
Alcobaça	18	Arruda	6
Alcochete	3	Aſſumar	
Alcoentre	11	Atalaya	19
Aldea Gallega	3	Atouguia	10
. . . da Merciana	9	Aveiro	43
Alegrete	38	Avintes	
Alenquer	7	Aviz	25
Alfayates		Azambuja	10
Alhandra	5	Azeitaõ	7
Alhos Vedros	3	Barbacena	
Aljubarrota	18	Barcéllos	59
Almada	1	Barreiro	2
Almeida	60	Batalha	20
Almeirim	15	Béja	24
Alter do Chaõ	30	Bellas	1 m.
Alverca	4	Benavente	9
Alvor		Boarcos	39
Alvorninha	13	Borba	26
Amarante	62	Braga	60

De Lisboa a

Bragança	77
Bucellas	4
Cadaval	12
Caldas	14
C,amora	7
Campo Mayor	33
Carnota	9
Caſcaes	5
Caſtanheira	7
Caſtello-Branco	40
Caſtello de Vide	32
Caſtello-Melhor	
Caſtro Daire	
Caſtro Marim	50
Cea	
Celorico	
Certã	
Cezimbra	6
Chacim	
Chamuſca	18
Chaves	68
Chileiros	
Cintra	5
Coimbra	34
Coina	3
Collares	6
Coruche	14
Covilhã	15
Coz	19
Crato	28
Ega	
Elvas	30
Enxara dos Cavalleiros	5
Ericeira	7
Eſcaroupim	11
Eſgueira	35
Eſtremoz	24
Evora	20
Fáro	50
Feira	48
Figueiró dos Vinhos	28
Freixo de Eſpadacinta	
Galveas	
Gaviam	28
Golegã	18
Gouvea	51
Guimarães	60
Guarda	54
Jerumenha	29
Lafoens	
Lagos	37
Lamego	55
Lavradio	2
Leiria	22
Loulé	50
Lourinhã	10
Mafra	6
Maçaõ	
Mayorga	
Mertola	34
Meſſejana	21
Miranda	79
Moita	4
Moncorvo	67
Monſanto	
Montemór o Novo	15
. . . . . o Velho	36
Moira	30
Mouraõ	
Mugem	12

Na-

De Lisboa a

Nazareth	20	Serpa	30
Niza	16	Setubal	6
Obidos	14	Silveiras	13
Oeyras	3	Silves	50
Olivença	34	Sines	20
Ourem	25	Sobral	6
Ourique	25	Soure	30
Otta	11	Tagarro	12
Palmella	5	Tancos	20
Pampilhoſa		Tarouca	
Pederneira	18	Tavira	50
Pegões	8	Tentugal	35
Pedrogaõ Pequeno	32	Thomar	22
Penamacor	50	Tibaens	
Peniche	12	Torraõ	18
Perucha	25	Torres Novas	19
Pernes	18	Torres Vedras	7
Pias		Trancoſo	55
Pinhel	55	Vallada	12
Pombal	28	Valladares	76
Portalegre	32	Valença do Minho	70
Porto	52	. . . . . da Beira	
Porto de Mós	19	Varatojo	7
Povos	7	Viana do Alentejo	21
Punhete	21	. . . do Minho	62
Rabaçal	30	Vendas Novas	11
Rates		Vidigueira	25
Redinha	28	Villa do Conde	57
Redondo		Vialonga	3
Salvaterra de Magos	10	Villa-Flor	
Sampayo		Villa-Franca	6
Sandomil		Villa-Nova de Cerveira	76
Santarem	14	Villa-Real	71
Santiago de Cacem	22	Villa-Verde	9
Sardoal	24	Villa-Viçoſa	26 m.

De Lisboa a

Villar Mayor		Ulme	16
Vimiciro	21	Unhaõ	
Viſeu	47	Unhos	2

F I M.

Hic labor extremus, longarum hæc meta viarum.
Hinc me digreſſum veſtris Deus appulit oris.
[Æneid. l. 3.]